



# ECONOMIA MARÍTIMA DA LUSITÂNIA ROMANA: EXPORTAÇÃO E CIRCULAÇÃO DE BENS ALIMENTARES

VOLUME II  
ANEXOS

---

*Sónia Alexandra Rupio Bombico*

Tese apresentada à Universidade de Évora  
para obtenção do Grau de Doutor em História  
Especialidade: Arqueologia

ORIENTADORES: *Professor Doutor Filipe Themudo Barata (Universidade de Évora)*  
*Professor Doutor Carlos J. G. S. Fabião (Universidade de Lisboa)*

ÉVORA, ABRIL DE 2017



## **ANEXO I – Imagens e Tabelas**

**Tabela 1** – Inventário de sítios arqueológicos subaquáticos na costa portuguesa de época romana.

DESIGNAÇÃO	CONCELHO/FREGUESIA	TIPO DE SÍTIO	DESCRIÇÃO	CNS
<b>Mar de Cascais - Ânfora</b>		Achado(s) Isolado(s)	Fragmento inferior de ânfora Lusitana 2. Achado por rede de pesca de arrasto.	24285
<b>Praia dos Fuzileiros (Setúbal)</b>		Achado(s) Isolado(s)	80 pesos romanos em terracota. Achados entre 1986 e 88. Aparecem na maré outros vestígios.	23838
<b>Tejo 1</b>		Achado(s) Isolado(s)	Ânfora (Haltern 70) avistada na feira de antiguidades de Belém, em Fevereiro de 2007. Desconhecida a proveniência, mas provavelmente do estuário do Tejo. Desconhece-se o particular depositário.	28485
<b>Abrantes 2 - Âncoras; tijolos</b>	Abrantes	Achado(s) Isolado(s)	Achado fortuito de várias âncoras (cerca de 6 peças). Uma foi recuperada. Peso: 800 - 900 Kg; comprimento: cerca de 2 metros. Conjunto de tijoleiras antigas, presumivelmente de época romana.	23567
<b>Praia da Galé 6</b>	Albufeira	Achado(s) Isolado(s)	Cepo de âncora (chumbo) de grandes dimensões (cerca de 2m). Achado fortuito por mergulhadores desportivos da firma Easydivers (18 de Maio de 2009).	31234
<b>Abul - Rio Sado</b>	Alcácer do Sal	Achado(s) Isolado(s)	Ânforas: formas L 12 e L 4. Associáveis ao trânsito portuário fluvial no sítio de Abul.	24195
<b>Enchurrasqueira - Rio Sado</b>	Alcácer do Sal	Achado(s) Isolado(s)	Materiais anfóricos: formas L 3 e L 2. Recuperadas na pesca de arrasto de vara, em frente aos fornos. Relacionável com o trânsito portuário ligado ao escoamento dos produtos dos fornos	24197
<b>Hortinha - Rio Sado</b>	Alcácer do Sal	Achado(s) Isolado(s)	Ânfora do tipo Lusitana 2 (fabrico do Sado) - fragmento inferior. Falta parte do colo, asas e boca.	24133
<b>Rio Sado 1 - Alcácer do Sal</b>	Alcácer do Sal	Achado(s) Isolado(s)	Achados subaquáticos: 8 peças de cerâmica (Agosto, 1983), incluindo 1 fragmento superior de ânfora Mañá C2. Doação F. Reiner.	23878
<b>Rio Sado 2 - Alcácer do Sal</b>	Alcácer do Sal	Achado(s) Isolado(s)	Ânforas: formas Beltrán I, IV, V; Lusitana 1 e 2; Mañá A4; Mañá C2	24194
<b>Rio Sado 3 - Alcácer do Sal</b>	Alcácer do Sal	Achado(s) Isolado(s)	Fragmentos de ânforas (Lusit. 2). Ânforas inteiras (L 2 e L 1).	24196
<b>Comporta 1</b>	Alcácer do Sal/Comporta	Achado(s) Isolado(s)	Avistamento e recuperações ilegais de ânforas em grande quantidade. Informação de Gustavo Carvalho, recolhida junto de recolector de amêijoas.	25843

DESIGNAÇÃO	CONCELHO/FREGUESIA	TIPO DE SÍTIO	DESCRIÇÃO	CNS
<b>Comporta 2</b>	Alcácer do Sal/Comporta	Achado(s) Isolado(s)	Ânforas - presumível naufrágio. Na costa oceânica da Comporta, descoberta em mergulho amador, a pedido de um pescador que tinha enredado as redes num peguinho, há alguns anos.	26061
<b>Comporta 3</b>	Alcácer do Sal/Comporta	Achado(s) Isolado(s)	Ânforas - presumível naufrágio, na margem esquerda do Sado, perto da Comporta. Mergulho amador - particulares em busca de ânforas para venda.	26073
<b>Alcochete - Ânfora</b>	Alcochete	Achado(s) Isolado(s)	Ânfora de tipo Beltrán I. Vendida por achador a Francisco Reiner.	24048
<b>Arrifana 2</b>	Aljezur	Achado(s) Isolado(s)	-Ânfora - Lusitana 4 (Almagro 51 C). Arrasto da embarcação "Marola" PM-463-C. À guarda do Museu de Portimão. Nota: o CNS 22234 corresponde a um bico fundeiro, eventualmente relacionável com este caso.	28523
<b>Almeirim 2 - Rio Tejo</b>	Almeirim	Achado(s) Isolado(s)	6 fragmentos de ânfora; faiança; 13 fragmentos de azulejo; 19 fragmentos de cerâmica portuguesa; 1 fragmento de bilha portuguesa; 19 fragmentos de ânforas	26661
<b>Mouchão do Rei - Almeirim</b>	Almeirim	Achado(s) Isolado(s)	Possível entreposto fluvial em posição insular e correspondente ao curso fluvial localmente denominado por "Tejo Velho".	24315
<b>Valada (Cartaxo)</b>	Cartaxo/Valada	Achado(s) Isolado(s)	Espólio proveniente de dragados: ânforas - africanas; Dressell, Dressel 7-13, Lusitana 2, Beltrán V, Dressel 30 ou Gaulesa 4; terra sigillata importada; porcelana chinesa; faiança e cerâmica portuguesas século XVII; bilhas, pratos; cachimbo (frag); pesos rede;	23929
<b>Cascais - Cepo de chumbo</b>	Cascais/Cascais	Achado(s) Isolado(s)	Cepo de âncora em chumbo (cepo nº20).	23844
<b>Farol da Guia - Cepo 1</b>	Cascais/Cascais	Achado(s) Isolado(s)	Elemento de âncora romana - cepo	22729
<b>Farol da Guia - Cepo 2</b>	Cascais/Cascais	Achado(s) Isolado(s)	Elemento de âncora romana - cepo	22730
<b>Guia - Cepo</b>	Cascais/Cascais	Achado(s) Isolado(s)	Cepo de âncora de 1,33 m (cepo nº19), em chumbo.	23843
<b>Praia da Duquesa A - Cepo de chumbo</b>	Cascais/Cascais	Achado(s) Isolado(s)	Achado fortuito de um cepo de âncora em chumbo.	23663
<b>Santa Marta 2 (Cascais)</b>	Cascais/Cascais	Achado(s) Isolado(s)	Fragmento superior de Dressel 1. Removido por redes de pesca.	30484

DESIGNAÇÃO	CONCELHO/FREGUESIA	TIPO DE SÍTIO	DESCRIÇÃO	CNS
<b>Silvalde - Armadilha de pesca</b>	Espinho/Silvalde	Armadilha de pesca	Armadilha de pesca (madeira) instalada na actual praia, na zona intertidal, a descoberto durante as marés de grande amplitude.	22733
<b>Praia do Ribeiro de Peralta</b>	Esposende/Marinhas	Vestígios Diversos	Na praia onde desagua o ribeiro do Peralta foram detectados diversos fragmentos de cerâmica romana, mas não exclusivos, já que coexistiam com materiais mais recentes. Foram também detectados pesos de rede e salinas - "gamelas"- em xisto. CNANS 8910.  Bibliografia: Almeida, Carlos Alberto Brochado de (1987) - Carta Arqueológica do Concelho de Esposende, Esposende. 11-12, p. 93-110.	23560
<b>Rio de Moinhos</b>	Esposende	Naufrágio	Presumível naufrágio romano do período augustano, proveniente da Bética. Espólio: Ânforas Haltern 70 (maioritárias), ânforas Dressel 7-11 e tipo <i>Urceus, dolia</i> béticos, cerâmica comum da Bética, cerâmica comum itálica e cerâmica de paredes finas itálica. No local foram também identificados fragmento de madeira, por ora impossíveis de associar com certeza ao naufrágio.  Bibliografia: Morais, Granja e Morillo Cerdán (coord.) 2013 – O Irado Mar Atlântico: O naufrágio Bético Augustano de Esposende (Norte de Portugal)	
<b>Praia do Belino</b>	Esposende	Provável naufrágio	Sítio idêntico e contemporâneo ao de Rio de Moinhos, identificado no inverno de 2014. (Notas de imprensa)	
<b>Armona - ânforas</b>	Faro	Achado(s) Isolado(s)	Achado fortuito de ânforas	23512
<b>Barrinha ou Barreta (Faro)</b>	Faro	Achado(s) Isolado(s)	Cepo de âncora, de chumbo (cepo nº 69) e uma ânfora, eventualmente ligado a um peguilho correspondente a pesqueiro antigo. Presumível naufrágio.	23849
<b>Faro - Ânfora</b>	Faro	Achado(s) Isolado(s)	Ânfora do tipo Haltern 70 (vinária da Bética). Recuperada por rede de arrasto em 1920, e conservada no Museu Arqueológico do Carmo.	24321
<b>Pedra da Greta - Faro</b>	Faro	Achado(s) Isolado(s)	Cepo de âncora (chumbo). 65cm; 18Kg.	27166
<b>Quatro Águas</b>	Faro	Achado(s) Isolado(s)	2 fragmentos superiores de ânfora. O local do achado corresponde a zona de fundeadouro actual, cuja utilização se presume de grande antiguidade.	26420
<b>Mar da Figueira da Foz - Ânfora</b>	Figueira da Foz	Achado(s) Isolado(s)	Fragmento de ânfora. Recolhido por uma traineira durante a faina de pesca de arrasto.	24288

DESIGNAÇÃO	CONCELHO/FREGUESIA	TIPO DE SÍTIO	DESCRIÇÃO	CNS
<b>Pedrógão</b>	Figueira da Foz	Achado(s) Isolado(s)	Ânforas achadas por navio pesqueiro da Figueira da Foz. Informação de Jorge Traveira. Segundo o informador, o mestre do pesqueiro conserva em sua casa uma extensa colecção de achados submarinos.	27061
<b>Presumível Naufrágio Romano Figueira da Foz</b>	Figueira da Foz	Naufrágio	Presumível naufrágio romano (informação oral)	22394
<b>Fundão de Tróia - Fundeadouro</b>	Grândola	Fundeadouro	Espólio diverso, maioritariamente constituído por materiais anfóricos - doação de F. Reiner (1973). Grande parte do espólio recuperado desde a década de 1960 pelo CPAS: ânforas, sigillata de importação, 1 vaso campaniense, pregos, agulhas de rede, pesos de rede, moedas, pequenos artefactos de bronze; fragmentos de vidro. Espólio conservado no Museu Arqueológico do Carmo (L 2, ânfora piscícola). De época moderna: cachimbo (CNANS 8904)  Bibliografia: FONSECA, Cristóvão Pimentel (2004) - <i>A terra sigillata do fundeadouro de Tróia</i> . Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. 7:1. pp. 421-449.	22660
<b>Tróia - Porto Lusitano-Romano</b>	Grândola	Porto	Porto com presumível cais submerso. Relacionável com o Fundão de Tróia, fundeadouro profundo e sítio detentor de muito espólio submerso relacionado com a permanência de embarcações fundeadas	23287
<b>Melides - Foz</b>	Grândola/Melides	Achado(s) Isolado(s)	<i>Dolium</i> submerso e semi-enterrado, em pequena profundidade, na foz da Ribeira de Melides. Associável a actividades de carácter portuário em que a Lagoa de Melides, anteriormente ao assoreamento, teria proporcionado um abrigo náutico apreciável.	22796
<b>Cabo Carvoeiro</b>	Lagoa/Carvoeiro	Achado(s) Isolado(s)	Ao largo do Cabo Carvoeiro a cerca de 30 m de profundidade um navio de tipo indeterminado de onde foram retiradas duas ânforas cuja tipologia se desconhece.	10867
<b>Carvoeiro</b>	Lagoa/Carvoeiro	Achado(s) Isolado(s)	Cepo de âncora encontrado a 23 m de profundidade, perto do emissário submarino.	10860
<b>Carvoeiro - Cepo de chumbo 1 (Portisub)</b>	Lagoa/Carvoeiro	Achado(s) Isolado(s)	Cepo de âncora de 90 cm (Achado por mergulhadores da Portisub)	23993
<b>Carvoeiro - Cepo de chumbo 2</b>	Lagoa/Carvoeiro	Achado(s) Isolado(s)	Cepo de âncora em chumbo	24096
<b>Carvoeiro - Ânforas</b>	Lagoa/Carvoeiro	Achado(s) Isolado(s)	Núcleo de ânforas vinárias itálicas (Dressel 1) avistadas por mergulhadores amadores, alemães, já falecidos. Informação transmitida a Alberto Machado.	22571

DESIGNAÇÃO	CONCELHO/FREGUESIA	TIPO DE SÍTIO	DESCRIÇÃO	CNS
<b>Praia Grande (Ferragudo)</b>	Lagoa/Ferragudo	Achado(s) Isolado(s)	Achado fortuito de moedas romanas na praia.	32181
<b>Praia dos Caneiros 2 - Lagoa</b>	Lagoa/Ferragudo	Achado(s) Isolado(s)	Cepo de âncora em chumbo com 144,5 Kg.	24082
<b>Praia dos Caneiros 3</b>	Lagoa/Ferragudo	Achado(s) Isolado(s)	Achado fortuito de um cepo de chumbo e de uma peça metálica não identificada. O achado ocorreu durante uma missão de recolha de lixo subaquático organizada pelo clube Portisub.	29928
<b>Baía de Lagos - Ânfora</b>	Lagos	Achado(s) Isolado(s)	Ânfora oleária (Dressel 10)	24126
<b>Meia Praia 2</b>	Lagos	Fundeadoiro	Achados diversos em pesca de rede, sugestivos de fundeadouro com utilização diacrónica. Fragmentos de 5 ânforas, 1 sonda náutica, cerâmicas várias, fragmento de porcelana chinesa. Ânfora oleária (Dressel 20) - Carlos Fabião. Fragmento superior de ânfora (em 2007) e fragmento de bojo de ânfora (em Fevereiro de 2009).	22662
<b>Pedra do Calvário 1 (Lagos)</b>	Lagos	Achado(s) Isolado(s)	Fragmentos de bordo e de pança de ânforas; uma âncora	22225
<b>Ponta da Piedade 1</b>	Lagos/Lagos (Santa Maria)	Achado(s) Isolado(s)	Ruínas romanas, base de coluna, moedas em meio subaquático. A mãe do Sr. Maurício, faroleiro, em 1985 tinha mais informações sobre achados deste tipo.	22777
<b>Praia da Luz 2 - Cepo de chumbo</b>	Lagos/Luz	Achado(s) Isolado(s)	Recuperação ilegal de 1 cepo de chumbo.	24000
<b>Praia de Quarteira</b>	Loulé/Quarteira	Achado(s) Isolado(s)	Moedas romanas. Segundo os pescadores todos os anos são arremessadas para terra moedas em ouro. Falam também de barco afundado a 100m da praia.	27925
<b>Quarteira Submersa</b>	Loulé/Quarteira	Muro	Estruturas (muros) com inclusão de cerâmicas (ânforas?). O conjunto encontra-se submerso por processos geomorfológicos associáveis a alterações da linha costeira. Funções indeterminadas, mas associáveis a actividades marítimas. Ver também Processo CNANS 1998/051.  Bibliografia: SIMPLÍCIO, Cândida, TEIXEIRA, Sebastião Braz e BARROS, Pedro Faustino da Costa (2000) - <i>Arqueologia e Geodinâmica do Litoral - o Caso de Quarteira (Algarve - Portugal)</i> . SIMPLÍCIO, Cândida e BARROS, Pedro Faustino da Costa (1999) - <i>Quarteira Submersa: Resultados da Campanha de 1998</i> .	22203

DESIGNAÇÃO	CONCELHO/FREGUESIA	TIPO DE SÍTIO	DESCRIÇÃO	CNS
<b>Ericeira - Ânforas</b>	Mafra/Ericeira	Achado(s) Isolado(s)	Ânforas. Informação oral sobre presumível "barco romano com ânforas", avistado em mergulho amador.	22562
<b>Leixões 3</b>	Matosinhos/Leça da Palmeira	Achado(s) Isolado(s)	Cerâmicas de época romana recolhidas por rede de arrasto.	28708
<b>Vila Nova de Milfontes - Cepo de chumbo</b>	Odemira/Vila Nova de Milfontes	Achado(s) Isolado(s)	Cepo de âncora em chumbo (cepo nº 63).	23846
<b>Vila Nova de Milfontes - Cetárias</b>	Odemira/Vila Nova de Milfontes	Cetária	Referência a cetárias e outros vestígios da época romana, descobertos no séc. XIX por Abel da Silva Ribeiro, mas hoje de difícil localização.	23805
<b>Barra do Tejo - Ânfora</b>	Oeiras	Achado(s) Isolado(s)	Fragmento superior de ânfora de tipo Beltrán I, de fabrico lusitano. Achado fortuito por pescadores de Santo Amaro de Oeiras.	24278
<b>Caxias - ânforas</b>	Oeiras/Paço de Arcos	Achado(s) Isolado(s)	Achado fortuito durante pesca de arrasto: 1 ânfora Haltern 70 inteira e não rolada e de fragmentos anfóricos. Sugerem sítio de naufrágio.	23120
<b>Culatra 2</b>	Olhão	Achado(s) Isolado(s)	Achado fortuito na praia: fragmento superior de ânfora Africana 2 (colo e asa).	24266
<b>Fortaleza de São Lourenço - Ânforas</b>	Olhão	Achado(s) Isolado(s)	2 fragmentos superiores de ânforas: colo e boca com arranque de asa.	22771
<b>Livramento - Ria Formosa</b>	Olhão	Achado(s) Isolado(s)	Materiais cerâmicos dragados: fragmentos de ânforas e outros.	24292
<b>Fuseta - Cepos de âncora</b>	Olhão/Fuseta	Achado(s) Isolado(s)	Achados de vários cepos romanos de chumbo.	24051
<b>Fuseta - Ânforas</b>	Olhão/Fuseta	Achado(s) Isolado(s)	2 ânforas (forma não especificada) achadas por rede de arrasto. Este achado, bem como o do nº CNANS 1458 (forma Dressel 20) sugerem um só sítio de naufrágio.	22570
<b>Quinta da Aboboreira - Fuseta</b>	Olhão/Fuseta	Achado(s) Isolado(s)	Ânforas ; tegulae; moedas	27929
<b>Berlengas A</b>	Peniche	Achado(s) Isolado(s)	Uma ânfora Haltern 70. Museu do Mar de Vila Bues, Espanha.	24128
<b>Berlengas C</b>	Peniche	Achado(s) Isolado(s)	Ânfora Haltern 70 (Museu da Lourinhã). Achador desconhecido	28552

DESIGNAÇÃO	CONCELHO/FREGUESIA	TIPO DE SÍTIO	DESCRIÇÃO	CNS
<b>Farilhões E</b>	Peniche	Achado(s) Isolado(s)	Ânfora (Dressel 9) e fragmentos de madeiras recuperados por rede de arrasto.	25795
<b>Atouguia da Baleia - porto</b>	Peniche/Atouguia da Baleia	Porto	Referências bibliográficas e registos na tradição oral de funções portuárias em Atouguia da Baleia. Tradição oral sobre presumíveis estruturas para atracar embarcações.  Bibliografia:	31201
<b>Papoa 1 - Peniche</b>	Peniche/Peniche (Ajuda)	Achado(s) Isolado(s)	Cepo de âncora (nº 77 do CNANS). Avistado em 20-04-1994. Não voltou a ser avistado.	24079
<b>Ilha Berlenga - Fundeadouro</b>	Peniche/Peniche (Conceição)	Fundeadouro	Sítio de fundeadouro caracterizado por uma utilização de grande diacronia, incluindo alguns sub-sítios coesos de naufrágio, em profundidade da ordem dos -29 m. Ver também o Processo CNANS 1983/008 - definição da zona arqueológica submarina da Ilha Berlenga; Processo CNANS 1998/123. Em Outubro 2008: recuperação ilegal: 1 moeda romana; 1 moeda séc. XVIII (?).  Bibliografia: ALVES, F.; REINER, F.; ALMEIDA, M.; VERISSÍMO, L. (1988-89) – “Os Cepos de Âncora em chumbo descobertos em águas portuguesas – contribuição para uma reflexão sobre a navegação ao longo da costa atlântica da Península Ibérica na Antiguidade”, <i>O Arqueólogo Português</i> , Lisboa, série IV, 6/7, 109-185. DIOGO, A. M. D. (1999) - “Ânforas provenientes de achados marítimos na costa portuguesa”, <i>Revista Portuguesa de Arqueologia</i> , Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, II:1, 235-248.	22732

DESIGNAÇÃO	CONCELHO/FREGUESIA	TIPO DE SÍTIO	DESCRIÇÃO	CNS
<b>Cortiçais</b>	Peniche/Peniche (São Pedro)	Naufrágio	<p>Arqueosítio de naufrágio de época romana (mudança de era), caracterizado por grande dispersão e fragmentação da carga: importações - ânforas da Bética (formas Haltern 70 datáveis do período Claudiano) e alguns fragmentos de terra sigillata itálica.</p> <p>Bibliografia:</p> <p>BLOT, J-Y (2005) – <i>Naufrágio de período romano na costa meridional da antiga ilha de Peniche. Missão CNANS nos Cortiçais, Maio de 2005</i>. Nota preliminar.</p> <p>BLOT, J-Y; DIOGO, A. M. D.; ALMEIDA, M.; RUSSO, J. (2005) – “O Sítio dos Cortiçais: naufrágio de período romano na costa Sul de Peniche”, <i>Al-Madan</i>, II série, 13, 5.</p> <p>BLOT, J-Y; DIOGO, A. M. D.; JORGE, L. S.; VENÂNCIO, R.; RUSSO, J.; ANTUNES, C.; COSTA, R. (2005) - <i>Sítio dos Cortiçais, costa Sul de Peniche. Missões realizadas em 2004</i>, Lisboa: Trabalhos do Centro Nacional de Arqueologia Náutica e Subaquática (CNANS), nº 26, IPA.</p> <p>BLOT, J-Y, et al. (2006) – “O Sítio Submarino dos Cortiçais (costa meridional da antiga Ilha de Peniche)”, <i>Actas das Primeiras Jornadas do Património de Peniche</i>, Câmara Municipal de Peniche.</p> <p>BOMBICO, S. (2007) – “Naufrágio Romano nos Cortiçais: Mar de Peniche guarda segredos de há dois mil anos”, <i>Rua Larga: Revista da Reitoria da Universidade de Coimbra</i>, Coimbra: Universidade de Coimbra, n.º17, 17-18.</p> <p>PIÇARRA, H. (2007) <i>Os materiais anfóricos do sítio submarino de Época Romana dos Cortiçais (Peniche): estudo de um conjunto de fragmentos da forma Haltern 70</i>, Tese de Licenciatura em Arqueologia e História, Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras. Não publicado</p> <p>BLOT, J-Y et al. 2006 - O Sítio Submarino dos Cortiçais, <i>Actas das I Jornadas de Arqueologia e Património de Região de Peniche – Apresentação de projectos e trabalhos em curso - Peniche</i>, 3 e 4 de Junho de 2005, Rui Venâncio (Ed.), Edição da Câmara Municipal de Peniche, Setembro de 2006, Peniche, 157 a 226.</p> <p>BLOT, Jean-Yves e BOMBICO, Sónia (2014) – “A glimpse into the Early Imperial Roman Atlantic trade. Historical and marine context of a ceramic assemblage in a shipwreck at Cortiçais (Peniche, Portugal)” in <i>Skyllis 13</i>, 43-52.</p>	21903
<b>Cais da Marina - Rio Arade</b>	Portimão	Achado(s) Isolado(s)	Espólio dragado junto à segunda bóia do canal de navegação do Rio Arade: fragmentos de cerâmicas e de embarcações	24289
<b>Foz do Rio Arade</b>	Portimão	Achado(s)	Cepo de âncora, de chumbo, com 2 m (cepo nº 65).	23848

DESIGNAÇÃO	CONCELHO/FREGUESIA	TIPO DE SÍTIO	DESCRIÇÃO	CNS
		Isolado(s)		
<b>Portimão - Achados</b>	Portimão	Achado(s) Isolado(s)	Recuperação ilegal de um cepo de âncora de pedra com 3 orifícios; 1 cepo de âncora em chumbo; fragmentos de ânfora e de bronze. Proveniências diversas.	26897
<b>Praia dos Três Castelos</b>	Portimão	Outros	Depósito secundário de dragados do estuário do Rio Arade (espólio proveniente de contexto portuário milenar).	22080
<b>Velha das Castanhas</b>	Portimão	Fundeadoiro	Fundeadoiro com utilização náutica fluvial de grande diacronia. Sítio caracterizado pela grande acumulação de vestígios arqueológicos.	22781
<b>Praia dos Careanos (Portimão) - Sonda Náutica</b>	Portimão/Alvor	Achado(s) Isolado(s)	Sonda náutica de época romana, encontrada em depósito secundário (?) Achado em 02-01-1997.	23948
<b>Ria de Alvor - Dragados</b>	Portimão/Alvor	Porto	Espólio dragado em contexto portuário com diacronia no que que concerne a actividade portuária: 28 moedas (chumbo), 1 denário? (prata); cerâmicas; 1 sonda náutica (chumbo); Jarra Ática de figuras negras (13 cm) CNANS n° 6132. Ver também Processos CNANS 1999/105 e 1987/004.	22669
<b>Portimão 5 - Rio Arade</b>	Portimão/Portimão	Vestígios Diversos	Achado de diferentes objectos arqueológicos e de restos de embarcações. Cfr. CNS 18622;18620;24226;24227;24228;22728;24229;24230;24231;24234 Bibliografia:	18829
<b>Foz do Douro - Cepo de âncora</b>	Porto	Achado(s) Isolado(s)	Cepo de âncora (1,34 m). Achador: Joaquim Santos (M. M. Porto). Achado em 1994 - 1995?	24081
<b>Porto de Sabugueiro</b>	Salvaterra de Magos/Muge	Achado(s) Isolado(s)	Fragmentos de cerâmica comum e dois fragmentos de bicos fundeiros de ânfora lusitana do tipo Dressel 14 e 2 fragmentos de <i>tegulae</i> .	28606
<b>Salvaterra de Magos 1</b>	Salvaterra de Magos/Muge	Achado(s) Isolado(s)	Conjunto de achados de época romana provenientes da intervenção nos areeiros do Tejo. Doação Francisco Reiner.	23927
<b>Salvaterra de Magos 2</b>	Salvaterra de Magos/Muge	Achado(s) Isolado(s)	3 Fragmentos de ânfora (Dressel 1A; Haltern 70; Dressel 7/11). Achados nos dragados da década de 1980 (extracção de areias). Estudados no Museu da Lourinhã por A. M. Dias Diogo. Bibliografia: DIOGO, A. M. D. - <i>Informação sobre as Ânforas Romanas no Museu da Lourinhã, provenientes das Dragagens do Rio Tejo</i>	23933
<b>Cabo Espichel - Fundeadouro</b>	Sesimbra	Fundeadoiro	Conjunto de várias dezenas de cepos de âncora (chumbo) interpretável como vestígios de uma	22734

DESIGNAÇÃO	CONCELHO/FREGUESIA	TIPO DE SÍTIO	DESCRIÇÃO	CNS
			vasta área utilizada como ancoradouro / fundeadouro na zona oceânica do Mar de Ancão, naturalmente protegida pela arriba alta do Cabo Espichel. N.ºs de carta arqueológica do CNANS associáveis: 1056 a 1070; 1075; 1076; 1078; 1095; 1426; 1427; 3964; 6964; 7529	
<b>Comenda - Lusitana 2</b>	Sesimbra	Achado(s) Isolado(s)	Achado fortuito de fragmento superior de ânfora, forma Lusitana 2. Achado por pescador local, num fundão de -25 metros.	23178
<b>Espichel 1 - Ânforas</b>	Sesimbra	Achado(s) Isolado(s)	Achado fortuito de materiais anfóricos: uma ânfora e um bico fundeiro.	23003
<b>Espichel 5</b>	Sesimbra	Achado(s) Isolado(s)	Cepo de âncora (chumbo). Comp 94 cm; larg 14,5 cm. Achador: Luís Trindade Santos (CPAS). Roubado das instalações do CPAS. Foi objecto de decisão de devolução ao IPPAR, facto que não se chegou a verificar (ver proc.º referido).	28541
<b>Lagoa de Albufeira (Sesimbra)</b>	Sesimbra	Achado(s) Isolado(s)	Cepo de âncora em chumbo (cepo n.º 21)	23845
<b>Portinho da Arrábida - Pesos de rede</b>	Sesimbra	Achado(s) Isolado(s)	Conjunto de pesos de rede romanos. Achados em 04-Nov-1995.	24063
<b>Portinho da Arrábida - Ânforas</b>	Sesimbra	Achado(s) Isolado(s)	Avistamento de ânforas em meio subaquático.	28604
<b>Sesimbra - Cepo 1</b>	Sesimbra	Achado(s) Isolado(s)	Cepo de âncora (chumbo)  Bibliografia: <i>Diário de Notícias</i> , 1969.	22925
<b>Sesimbra - Cepo 2</b>	Sesimbra	Achado(s) Isolado(s)	Achado fortuito de cepo de âncora, em chumbo, de 81 cm e 33,5 kg	23995
<b>Sesimbra - Cepo 3</b>	Sesimbra	Achado(s) Isolado(s)	Cepo de âncora em chumbo. Retirado ilegalmente, foi apreendido.	24083
<b>Sesimbra - Âncora romana</b>	Sesimbra	Achado(s) Isolado(s)	Notícia sobre recuperação laboriosa de âncora dita romana: cepo de âncora?, em 5 de Outubro de 1969. Peso: 200 quilos. Auxílio de um pescador de Sesimbra chamado João Calisto.  Bibliografia: <i>Diário de Notícias</i> , 1969.	22924
<b>Arcanzil 1 (Sesimbra) - Cepo Arqueonáutica</b>	Sesimbra/Sesimbra (Santiago)	Achado(s) Isolado(s)	Cepo de âncora (chumbo) - 95,9cm; 35kg. Arqueonáutica. Achadores: C. Simplício, F. Esperto, R. Pereira, 1994	24016

DESIGNAÇÃO	CONCELHO/FREGUESIA	TIPO DE SÍTIO	DESCRIÇÃO	CNS
<b>Sesimbra - Estatueta</b>	Sesimbra/Sesimbra (Santiago)	Achado(s) Isolado(s)	Achado fortuito e recuperação de uma estatueta romana (bronze) representando um homem sentado. Altura 13cm, peso 600gr.	23972
<b>Armação de Pêra 2 - Cepo de âncora</b>	Silves/Armação de Pêra	Achado(s) Isolado(s)	Cepo de chumbo, com alma de madeira (comp.109,5 cm; peso 93 kg). Eventualmente associável ao cepo 5248, achado pelo Atlantic Scuba Diving? Em depósito secundário, visto ter sido utilizado como poita ou como lastro de redes de pesca, segundo informação de arrais a F. Alves, em 1993.	23944
<b>Armação de Pêra 3</b>	Silves/Armação de Pêra	Achado(s) Isolado(s)	Achado fortuito de um cepo de âncora (chumbo).	32188
<b>Praia da Galé 1</b>	Silves/Armação de Pêra	Achado(s) Isolado(s)	Cepo de âncora romana. Relacionável com outro achado idêntico (CNANS 4586) e eventualmente com achado de ânforas nas imediações (CNANS 5788). Presumível naufrágio de época romana.	22635
<b>Praia da Galé 2</b>	Silves/Armação de Pêra	Achado(s) Isolado(s)	Cepo de âncora de época romana, relacionável com a peça idêntica CNS 22635. A eventual relação é sugestiva de sítio de naufrágio.	22636
<b>Praia da Galé 3</b>	Silves/Armação de Pêra	Achado(s) Isolado(s)	Recuperação ilegal de ânforas. Eventualmente relacionável com os 2 cepos de âncora - Praia da Galé 1 e 2.	22637
<b>Cabo Sardão 7</b>	Sines	Naufrágio	Ânforas (formas Dressel 7-11, Lusitana 13, Dressel 18) recuperadas por rede de arrasto. Oferecidas pelos pescadores a Manuel Bentes, colecionador.	24041
<b>Sines - Ânforas</b>	Sines	Achado(s) Isolado(s)	Uma ânfora (Haltern 70) e um fragmento superior de ânfora (Haltern 70). Achados por redes de arrasto.	21906
<b>São Torpes 2</b>	Sines	Naufrágio	Presumível sítio de naufrágio sugerido pela ocorrência, com proximidade, de elementos de 2 âncoras (cepos de chumbo) de tradição mediterrânica, de época romana.	22634
<b>Mar do Cabo da Roca 1 - Ânfora</b>	Sintra	Achado(s) Isolado(s)	Ânfora Haltern 70, recuperação por rede de uma embarcação de pesca do arrasto de vara.	24286
<b>Tavira 1 - Ânforas</b>	Tavira	Achado(s) Isolado(s)	Achados sucessivos de ânforas por redes de arrasto, em profundidade: Dressel 7-11; Haltern 70; Pompeia VII; Beltrán II e IIb. Sugerem sítio de naufrágio.  Bibliografia: ARRUDA, Ana Margarida, TRAVASSOS, Jorge e FRADE, Isolinda (1987) - <i>Duas ânforas romanas de Cacela (Vila Real de Stº António)</i> . Coimbra. 26, p. 125-132.	22726

DESIGNAÇÃO	CONCELHO/FREGUESIA	TIPO DE SÍTIO	DESCRIÇÃO	CNS
			DIAS DIOGO, A. M.; CARDOSO, João Pedro (2000) – “Ânforas béticas provenientes de um achado marítimo ao largo de Tavira, Algarve.” <i>Revista Portuguesa de Arqueologia</i> , volume 3.número 2.	
<b>Tavira 2 - Ânfora</b>	Tavira	Achado(s) Isolado(s)	Ânfora - forma Beltrán II B recuperada em redes de arrasto, em grande profundidade.  Bibliografia: DIAS DIOGO, A. M. e MARTINS, Adolfo Silveira (2001) – “Ânfora proveniente de um achado marítimo na costa algarvia, ao largo de Tavira” <i>O Arqueólogo Português</i> , série IV, 19, pp. 57-64.	22395
<b>Tavira 3 - Ânforas</b>	Tavira	Achado(s) Isolado(s)	Informação oral sobre avistamento de ânforas ao largo de Tavira.	31471
<b>Quinta da Torre de Ares</b>	Tavira/Luz	Achado(s) Isolado(s)	Espólio subaquático: sigillata sud-gálica; paredes finas; fragmentos de ânforas. Relacionável com os vestígios terrestres (CNS 60).	27948
<b>Viana do Castelo - Cepo 1</b>	Viana do Castelo/Areosa	Achado(s) Isolado(s)	Achado fortuito de fragmento de cepo de chumbo (elemento de âncora romana)	22781
<b>Martinhal 1 - Cepo de chumbo</b>	Vila do Bispo/Sagres	Achado(s) Isolado(s)	Cepo de âncora de chumbo (cepo nº64).	23847
<b>Martinhal 2 - Cepo de chumbo</b>	Vila do Bispo/Sagres	Achado(s) Isolado(s)	Achado fortuito de cepo de chumbo: c. 50 cm	24313
<b>Martinhal 3 - Cepo de chumbo</b>	Vila do Bispo/Sagres	Achado(s) Isolado(s)	Achado fortuito de cepo de chumbo ( c. 1 m de comprimento)	24314
<b>Vila do Conde 8</b>	Vila do Conde/Labruge	Achado(s) Isolado(s)	Achado fortuito de cepo de âncora (chumbo), em Setembro de 2009.	32187
<b>Mouchão da Póvoa - ânforas</b>	Vila Franca de Xira	Achado(s) Isolado(s)	Presumível sítio de naufrágio(s). Conjunto de 3 ânforas recuperadas por redes de arrasto em momentos distintos mas no mesmo local, junto ao Mouchão da Póvoa, sendo que o fabrico de duas destas formas se encontra atestado bem próximo, na olaria do Porto dos Cacos. Segundo os achadores foram recolhidos fragmentos de madeiras, que foram "devolvidas ao rio", o que não permite confirmar a possibilidade de se tratar de vestígios de carga de uma embarcação afundada. No mesmo local têm ocorrido achados múltiplos de outras épocas. Prospecções no	22627

DESIGNAÇÃO	CONCELHO/FREGUESIA	TIPO DE SÍTIO	DESCRIÇÃO	CNS
			local, também no Processo CNANS 98/161. Bibliografia: DIOGO, António Manuel Dias e ALVES, Francisco José Soares (1993) - <i>Ânforas provenientes do meio fluvial nas imediações de Vila Franca de Xira e Alcácer do Sal</i> . Lisboa. 4ª série: 6-7, p. 227-240. CAMACHO, Clara, CALAIS, Cristina e NUNES, Graça (1996) – “A presença romana no concelho de Vila Franca de Xira: investigar, divulgar, animar.” Lisboa/Seixal: Câmara Municipal do Seixal e Publicações Dom Quixote, p. 179-191.	
<b>Alhandra 2</b>	Vila Franca de Xira/Alhandra	Achado(s) Isolado(s)	Achado fortuito de 1 Lusitana 2. Achada frente à lezíria, na zona do Marquês. Segundo J. P.Cardoso pode ser um naufrágio. F. Alves considera que é um peguilho - não há vestígios de madeira.	23460
<b>Mouchão do Lombo do Tejo 2</b>	Vila Franca de Xira/Alhandra	Naufrágio	Ânfora (Haltern 70), associada a mais ânforas e madeiras - presumível naufrágio. Informação oral precisa sobre o microtopónimo referido.O achador referiu o achado de mais ânforas deste tipo na mesma zona que voltou a deitar ao rio, e ainda que, ao mergulhar para soltar as redes, chegou a retirar madeiras que depois devolveu ao rio.	26627
<b>Ânforas - Cacela Velha</b>	Vila Real de Santo António/Vila Nova de Cacela	Achado(s) Isolado(s)	Achados de ânforas (Haltern 70 e Beltrán II) em pesca de arrasto. Presumível sítio de naufrágio profundo.	22622

Total – 121 registos na Base de Dados Endovélico da DGPC aos quais foi acrescentado o presumível naufrágio de Rio de Moinhos

Locais de Achado	Nº registos	Fonte	Notas
Total no Território Nacional	89		
<b>Viana do Castelo (Rio Lima) Cepo 1/Areosa</b>	<b>1</b>	DANS/IGESPAR	
<b>Vila do Conde (Labruge) Vila do Conde 8</b>	<b>1</b>	DANS/IGESPAR	Identificado em 2009 e recuperado a 12 de Agosto de 2010.
<b>Porto (Foz do Douro)</b>	<b>1</b>	DANS/IGESPAR	Identificado em 1994-95 (?)
<b>Berlenga</b>	<b>18</b>	ALVES <i>et alli</i> , 1988-89	- 5 exemplares depositados no Museu de Peniche - 2 exemplares permaneciam <i>in situ</i> - 1 exemplar no Museu L. M. da Guia - os restantes 10 exemplares no M.N.A.
<b>Peniche (Papoa)</b>	<b>1</b>	DANS/IGESPAR	Avistado. Corresponde ao número de inventário 77 da DANS
<b>Cascais</b>	<b>5</b>		
Guia	1	ALVES <i>et alli</i> , 1988-89	Nº19, depositado no M.N.A
Cascais ?	1	ALVES <i>et alli</i> , 1988-89	Colecção particular
Farol da Guia – Cepo 1	1	DANS/IGESPAR	
Farol da Guia – Cepo 2	1	DANS/IGESPAR	
Praia da Duquesa A	1	DANS/IGESPAR	
<b>A N do Cabo Espichel (Entre o Estuário do Sado e do Tejo)</b>	<b>2</b>	ALVES <i>et alli</i> , 1988-89	- 1 exemplar <i>in situ</i> - 1 exemplar de uma colecção privada.
<b>Cabo Espichel/Sesimbra</b>	<b>43</b>		
Espichel	38	ALVES <i>et alli</i> , 1988-89	- 5 exemplares <i>in situ</i> - 4 exemplares de colecções particulares - 10 exemplares do Museu da Marinha - 4 exemplares desaparecidos/perdidos - 1 exemplar no Palácio da Independência (Lisboa) - 2 exemplares no Museu do Mar de Cascais - 3 exemplares no M.N.A - 8 exemplares do C.P.A.S - 1 exemplo do Museu de Sesimbra
Sesimbra – Cepo 1	1	DANS/IGESPAR	
Sesimbra – Cepo 2		DANS/IGESPAR	
Sesimbra – Cepo 3		DANS/IGESPAR	Apreendido na sequência de recolha ilegal.
Sesimbra (Arcanzil 1) – Cepo Arqueonáutica	1	DANS/IGESPAR	1994 - Achadores: Cândida Simplício, F. Esperto, R. Pereira.
Espiche 5	1	DANS/IGESPAR	
<b>S. Torpes</b>	<b>2</b>	ALVES <i>et alli</i> , 1988-89	Depósito do Museu de

			Sines
<b>Vila Nova de Milfontes</b>	<b>1</b>	ALVES <i>et alli</i> , 1988-89	Depósito do Museu de Setúbal
<b>Algarve</b>	<b>19</b>		
Martinhal	1	ALVES <i>et alli</i> , 1988-89	Depósito do Museu de Setúbal
Vila do Bispo/ Martinhal 2 e 3	2	DANS/IGESPAR	
Portimão	1	ALVES <i>et alli</i> , 1988-89	in situ
Portimão	1	DANS/IGESPAR	Recuperação ilegal.
3 Irmãos/Alvor	1	ALVES <i>et alli</i> , 1988-89	Depósito do M.N.A
Silves/ Armação de Pêra 2 e 3	2	DANS/IGESPAR	
Silves/Praia da Galé	2	ALVES <i>et alli</i> , 1988-89	Depósito do Museu da Marinha
Carvoeiro/Lagoa	3	DANS/IGESPAR	Registos DANS: Carvoeiro, Carvoeiro 1 e Carvoeiro 2. Os dois últimos recuperados pela Portisub.
Praia da Luz 2/Lagoa	1	DANS/IGESPAR	
Praia dos Carneiros 1 e 2 /Ferragudo	2	DANS/IGESPAR	O exemplar da P. Carneiros 3 foi recuperado pela Portisub.
Albufeira	1	DANS/IGESPAR	Identificado em 2009
Pedra da Greta - Faro	1	DANS/IGESPAR	
Zimbral	1	ALVES <i>et alli</i> , 1988-89	Depósito do Museu Ramalho Ortigão, Faro.

Tabela 2 – Cepos de âncora em chumbo registados nas águas portuguesas.

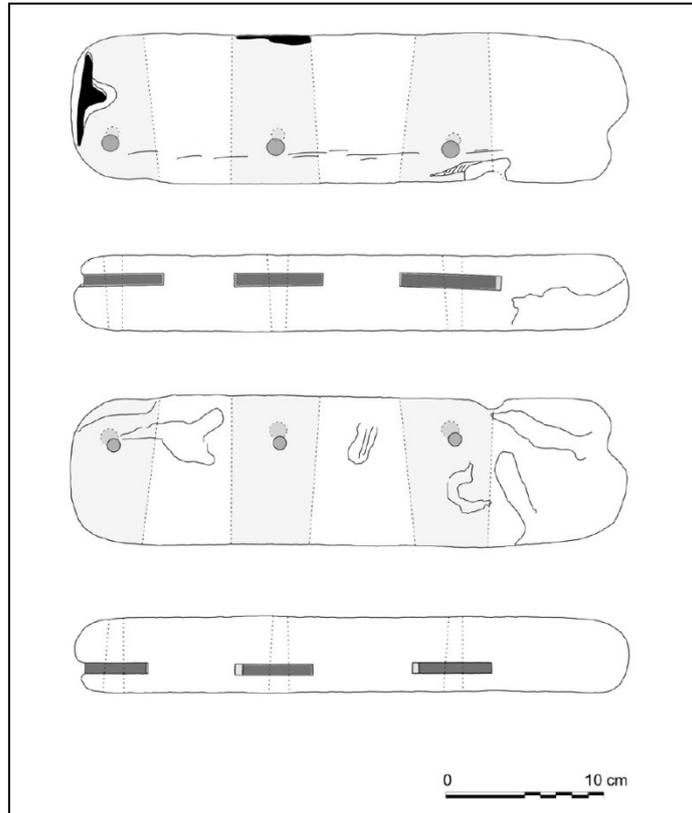


Fig. 1 - Desenhos de pormenor do fragmento de táboa do Arade. (Alves, 2005, fig.5, 453)



Fig.2 - Vistas do fragmento de táboa do Arade. (Alves, 2005, fig.6, 7 e 9, 454 e 455)

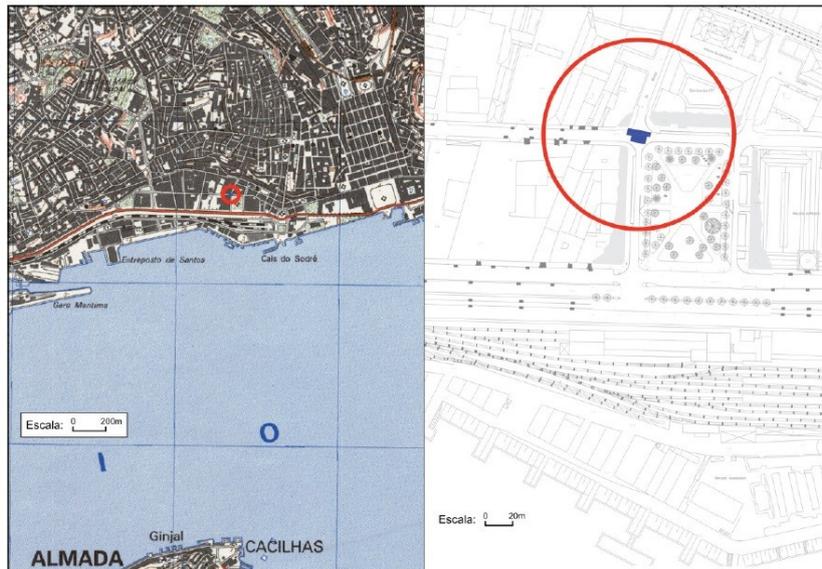


Fig.3 - Localização do fundeadouro romano da Praça Dom Luís, em Lisboa. (Fonseca, Bettencourt e Quilhó, 2013, fig.1, 1188)

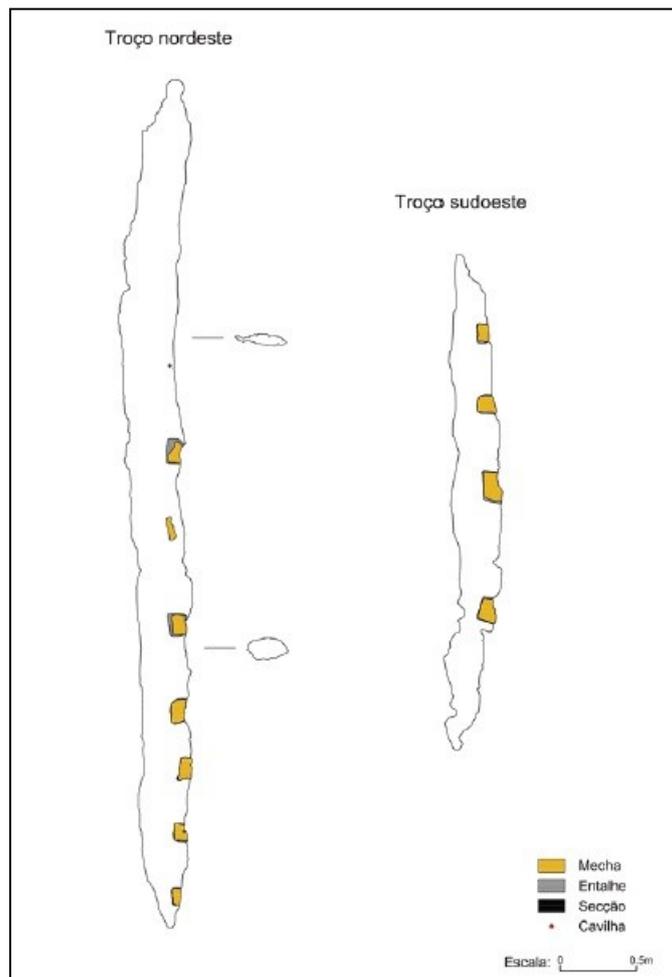


Fig.4 - Desenho dos dois troços da peça de madeira e respectivo sistema de fixação. (Fonseca, Bettencourt e Quilhó, 2013, fig.4, 1190)

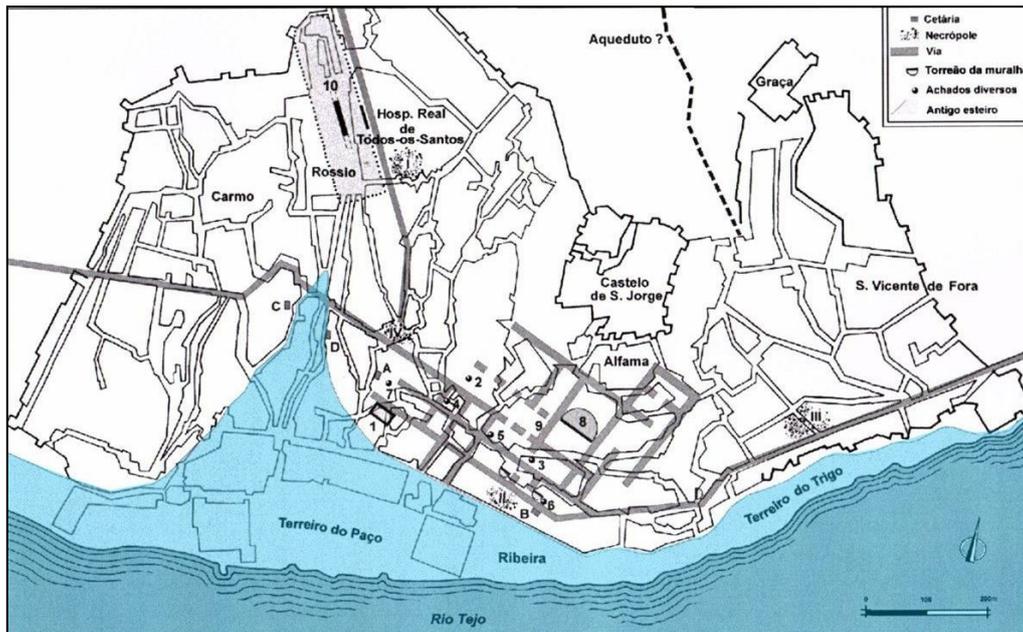


Fig.5 - Traçado urbano da cidade de Olisipo (Mantas, 2003, 24, fig.4)

1 – Criptopórtico; 2-Termas dos Cássios; 3-Sé; 4-Madalena; 5-Porta de ferro; 6-Miliário; 7-Rua dos Correiros; 8-Teatro; 9-Provável Cardo Maximus; 10-Circo; I-Praça da Figueira; II-Ribeira.



Fig.6 – Antiga cidade romana de *Ossonoba* e antiga linha de água, sobreposta ao actual traçado urbano da cidade de Faro. (Fraga da Silva, 2006)

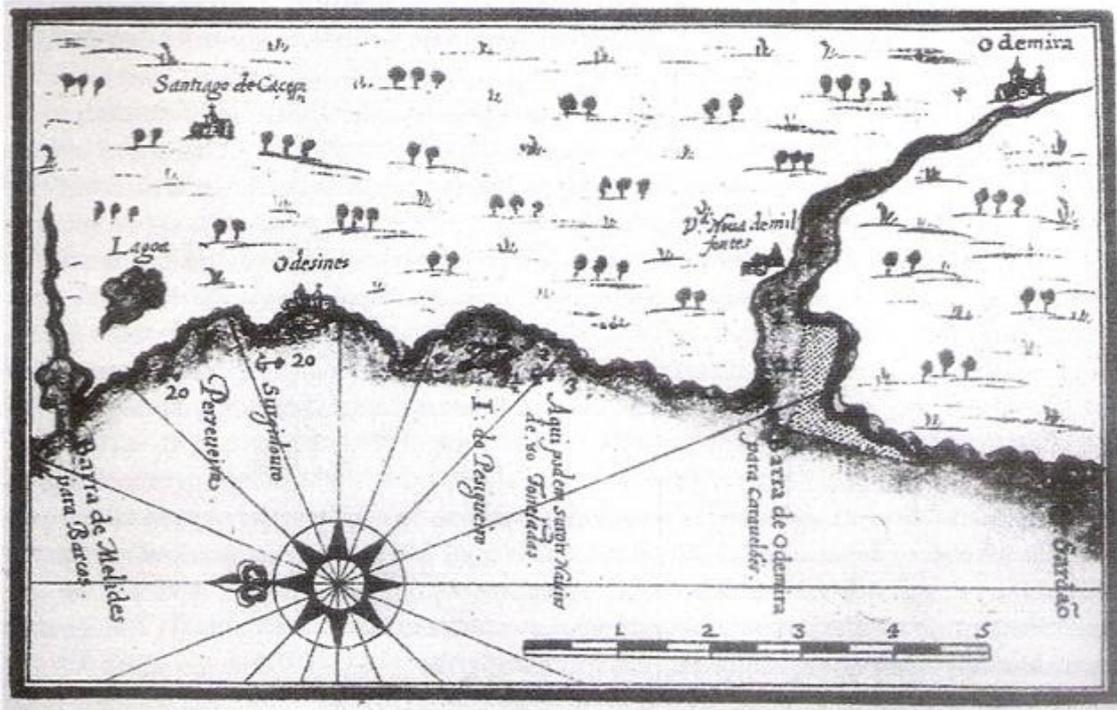


Fig.7 - Mapa de 1648 da autoria de João Teixeira – *Descrição dos Portos Marítimos do Reino de Portugal. Décima primeira carta.* (Cortesão e Mota, 1987, IV, Est. 510 D)



Fig.8 - Pedro Teixeira (c. 1634) *Description de España y de las costas e puertos de sus reynos, folio 67.* (El Atlas del Rey Planeta, NEREA, 2002)



Fig.9 - Pedro Teixeira (c. 1634) *Description de España y de las costas e puertos de sus reynos*, folio 69. (El Atlas del Rey Planeta, NEREA, 2002)



Fig.10 - Pedro Teixeira (c. 1634) *Description de España y de las costas e puertos de sus reynos*, folio 70. (El Atlas del Rey Planeta, NEREA, 2002)



Fig.11 –Ruínas das unidades de produção de preparados de peixe na península de Tróia.



Fig.12 – Oficinas da área arqueológica de Tróia. (Vaz Pinto, Magalhães e Brum, 2011, fig.7)

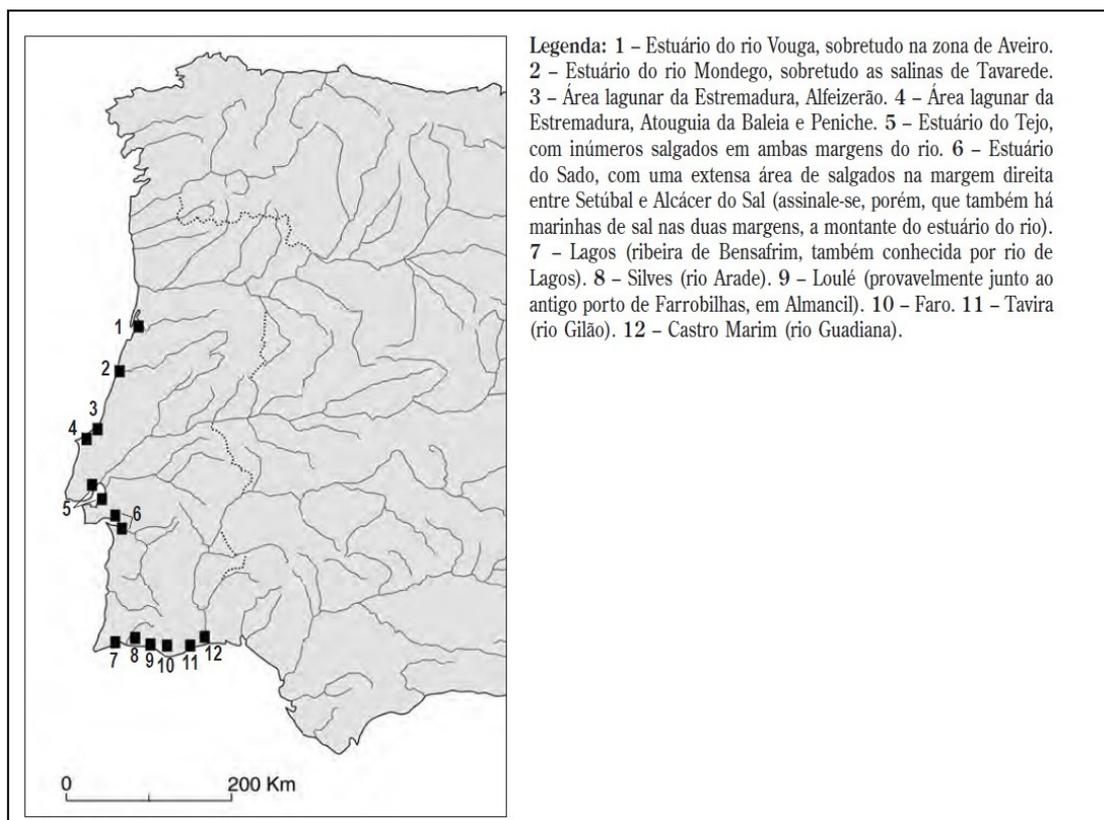


Fig.13 – Mapa com as principais áreas de salinas da costa portuguesa, segundo Virgínia Rau, 1951. (Fabião, 2009, fig.4)

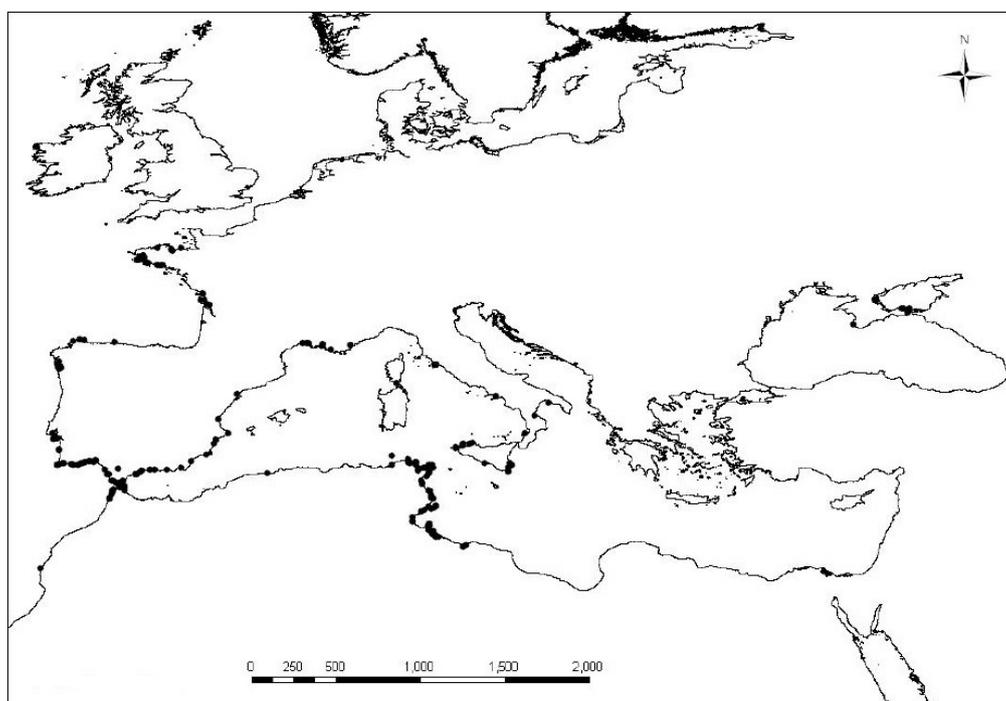


Fig.14 - Mapa de distribuição dos sítios de produção de preparados de peixe no mundo romano. (Wilson, 2006, fig.5)

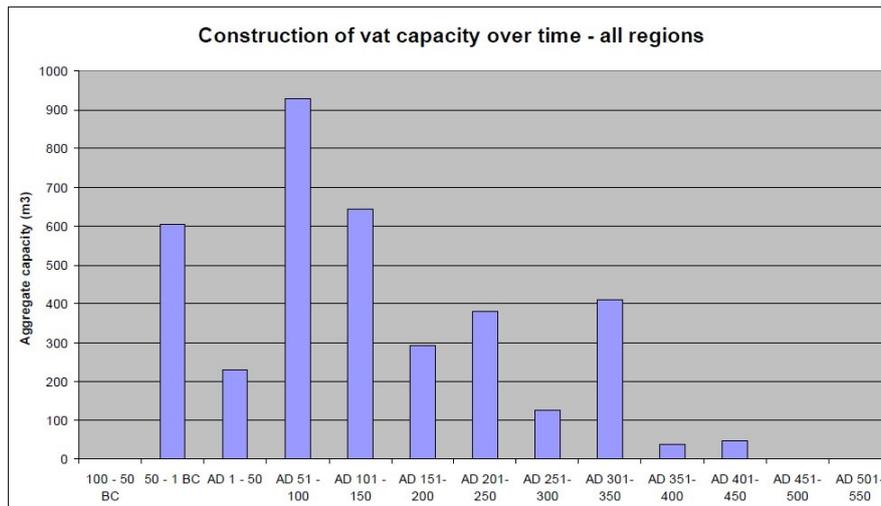


Fig.15 – Evolução da construção de tanques de salga ao longo do tempo – todas as regiões. (Wilson, 2006, fig.10)

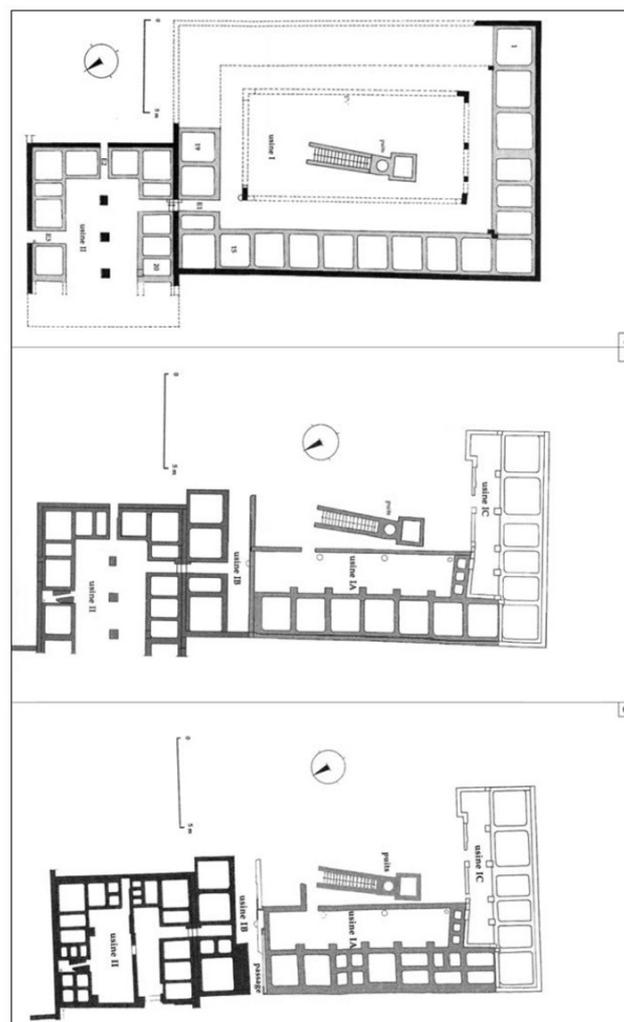


Fig.16 - Evolução cronológica da arquitectura da Oficina I. A- Época Alto Imperial; B - Medio Imperial e C - Tardo Romana. (Etienne e Mayet, 2002). É visível a subdivisão dos tanques na fase C.



Fig.17 – Pormenor de mosaico romano, representando pesca com rede. Thuburbo Majus (Séc.IV) – Museu do Bardo, Tunísia.



Fig.18 – Pormenor de mosaico romano, representando pesca com linha. Museu do Bardo, Tunísia.

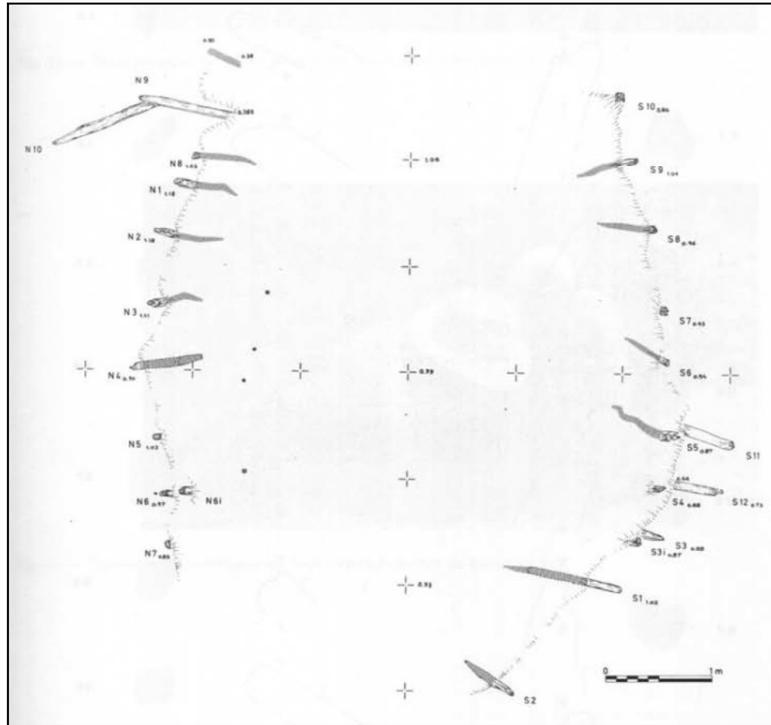


Fig.19 - Planta de estrutura da armadilha de pesca de Silvade (Espinho) (Alves *et al.*, 1988-89, fig.11)

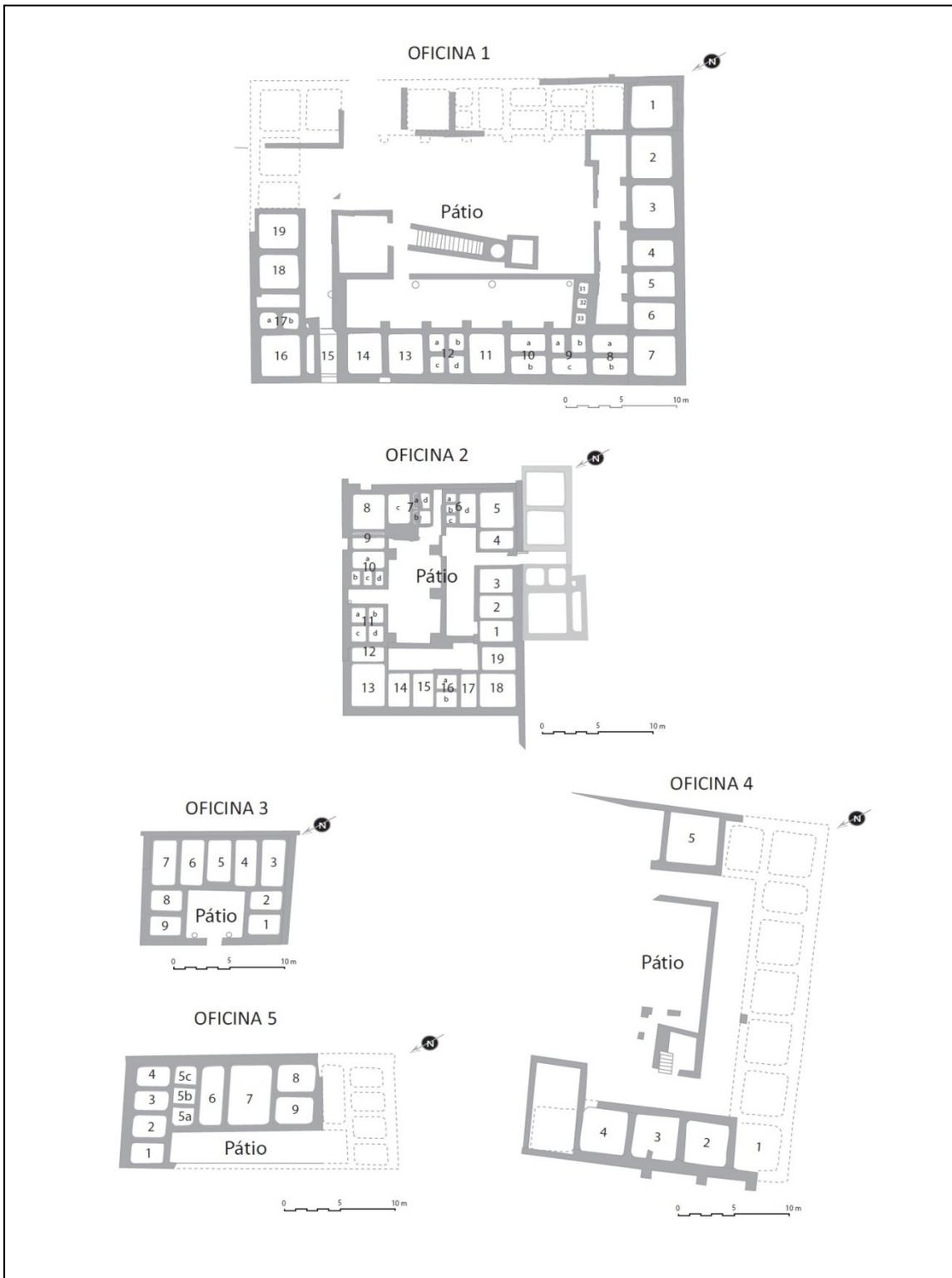


Fig.20 – Oficinas de Tróia. (Vaz Pinto, Magalhães e Brum, 2011, fig.11)

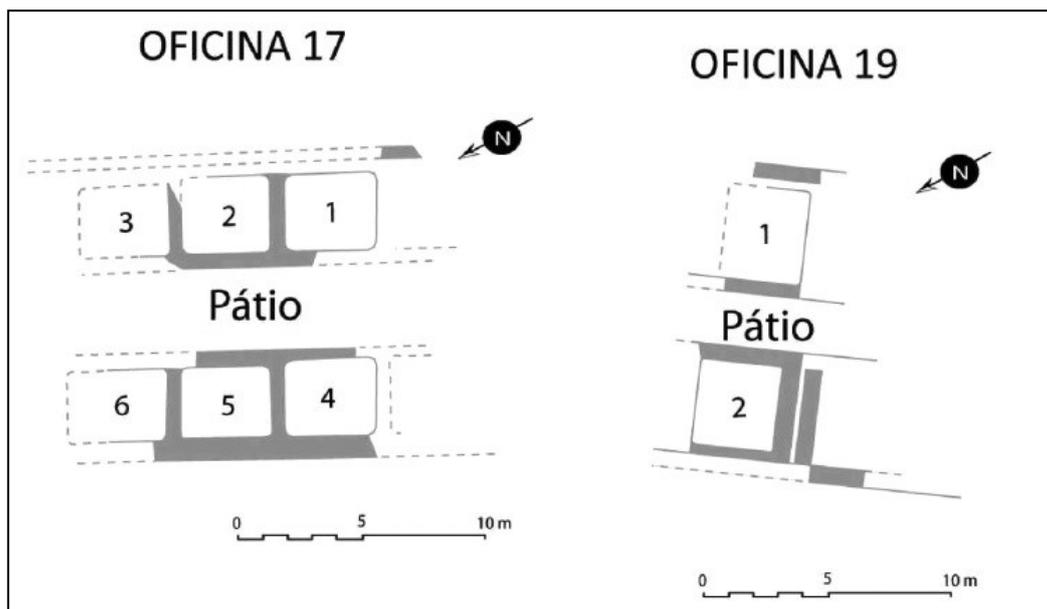


Fig.21 – Oficina de Tróia. (Vaz Pinto, Magalhães e Brum, 2011, fig.11)

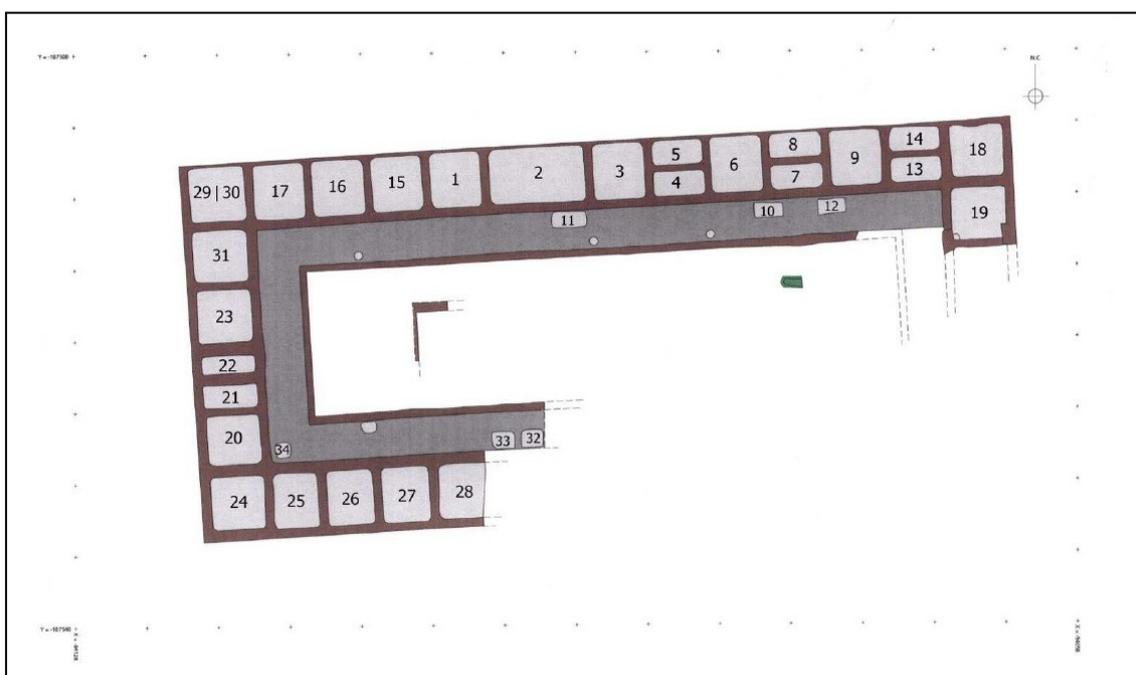


Fig.22 - Fábrica de preparados de peixe da Casa do Governador da Torre de Belém (Lisboa). (Filipe e Fabião, 2006/2007)

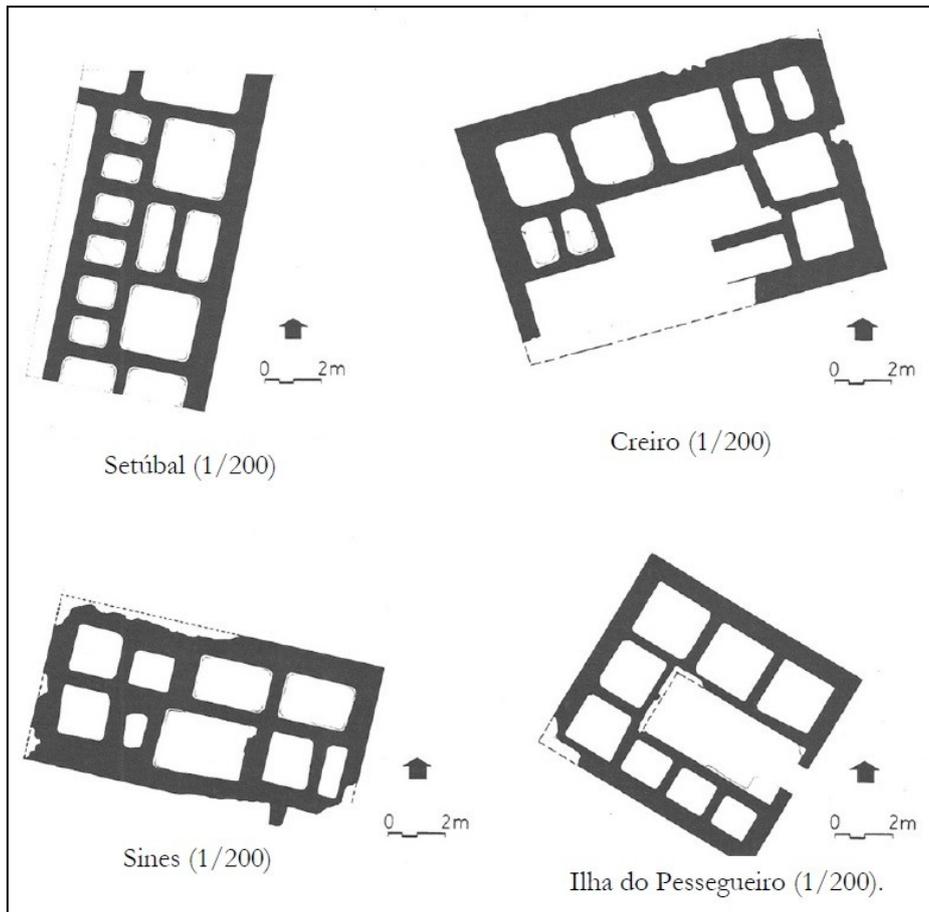


Fig.23 – Fábricas de preparados de peixe da Lusitânia. (Ettiène, Makaroun e Mayet, 1994)

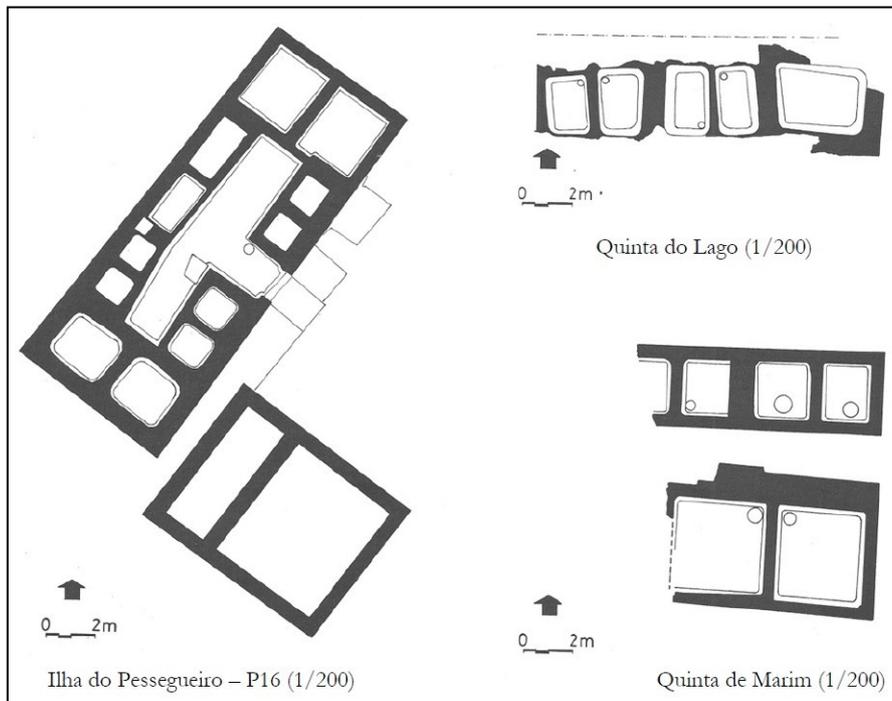


Fig.24 – Fábricas de preparados de peixe da Lusitânia. (Ettiène, Makaroun e Mayet, 1994)

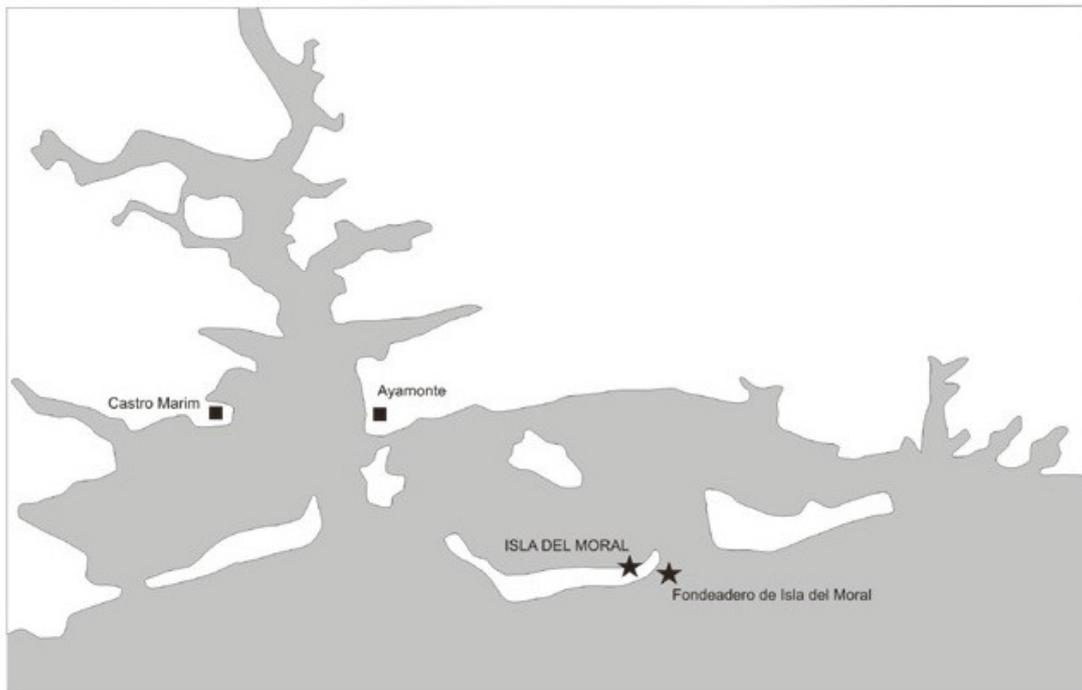


Fig.25 – Localização do fundeadouro da Isla del Moral (Pérez Macías, González Batanero e Rodríguez Martín, 2013, Fig.1)

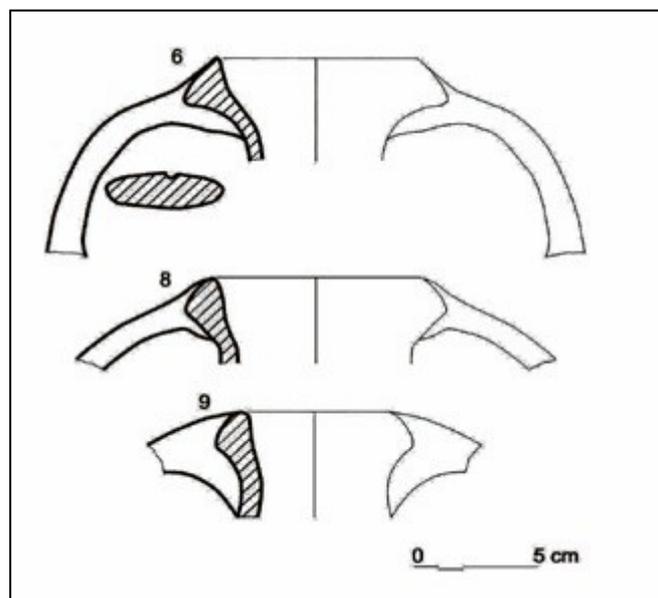


Fig.26 – Almagro 51c lusitaas recuperadas em 2011, no fundeadouro da Isla del Moral (Pérez Macías, González Batanero e Rodríguez Martín, 2013, Fig.4)

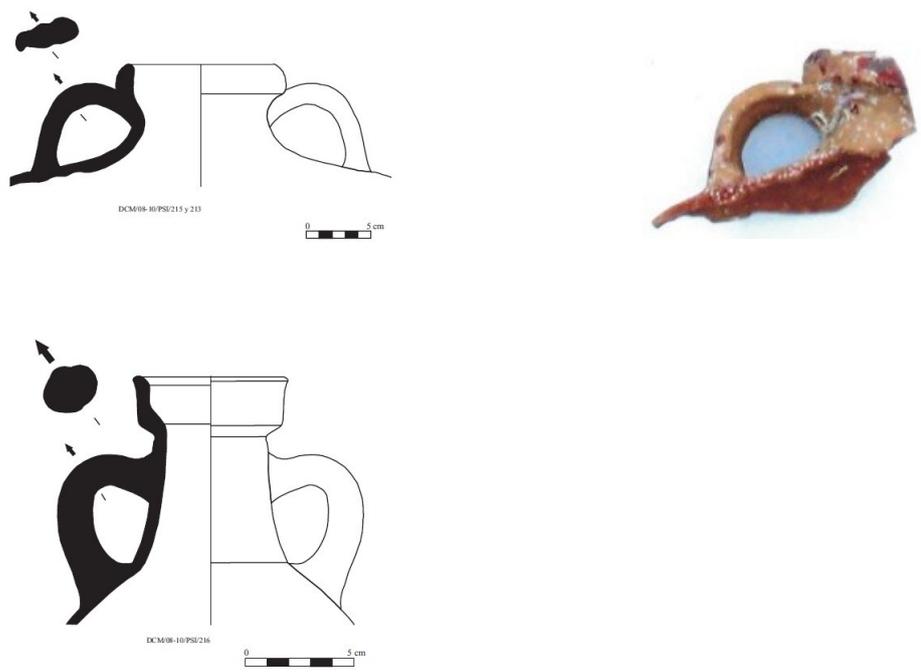


Fig.27 – Anforas do tipo Almagro 51c ou Lusitana 3 (?) e Almagro 51 a-b das intervenções 2008-2010 na Punta del Moral (Ayamonte, Huelva) (Cabado Encinas e García Teyssandier, 2014, fig.3 e Cabado Encinas e García Teyssandier, 2010, fig.7 e poster dos mesmos autores de 2012)

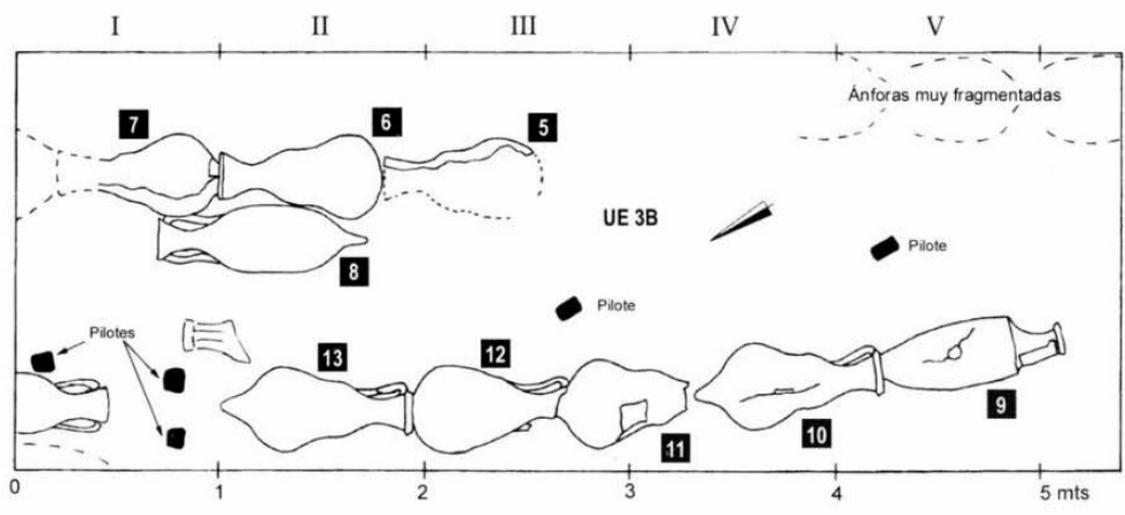


Fig.29 – Estrutura com alinhamento de ânforas de Los Cargaderos (Bernal Casasola *et alli*, 2005, 187, fig.3B)

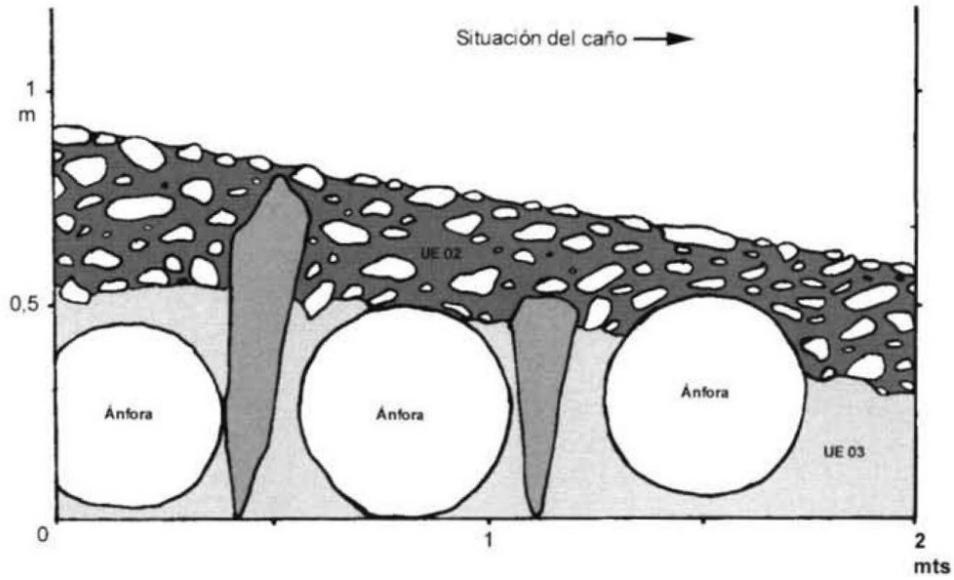


Fig.30 – Perfil da estrutura com alinhamento de ânforas e estacas de Los Cargaderos (Bernal Casasola *et alli*, 2005, 188, fig.4)

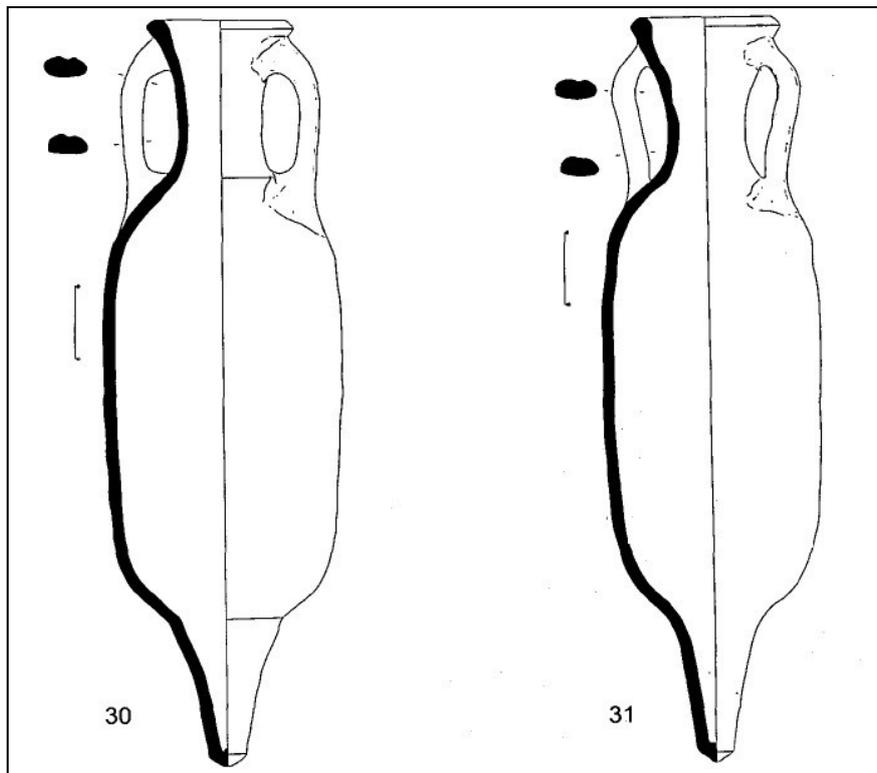


Fig.31 – Anforas Lusitanas Dressel 14 de Los Cargaderos (in Bernal Casasola *et alli*, 2005, 211, fig.11 30 e 31)



Fig.32 – Dressel 14 lusitanas expostas no Museo Histórico Municipal de San Fernando.

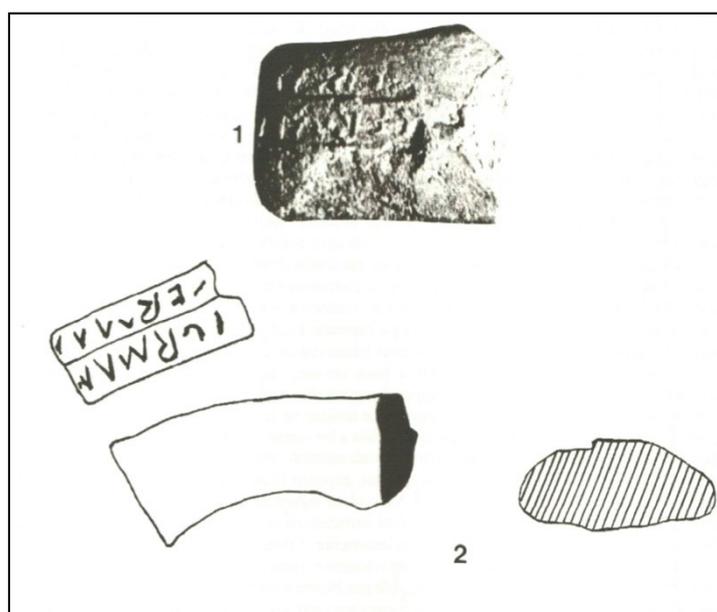


Fig.33 – Lusitana 3 com a marca GERMANVS/GERMANVS documentada em *Carteia* (Bernal Casasola 1997, 362, fig.129)

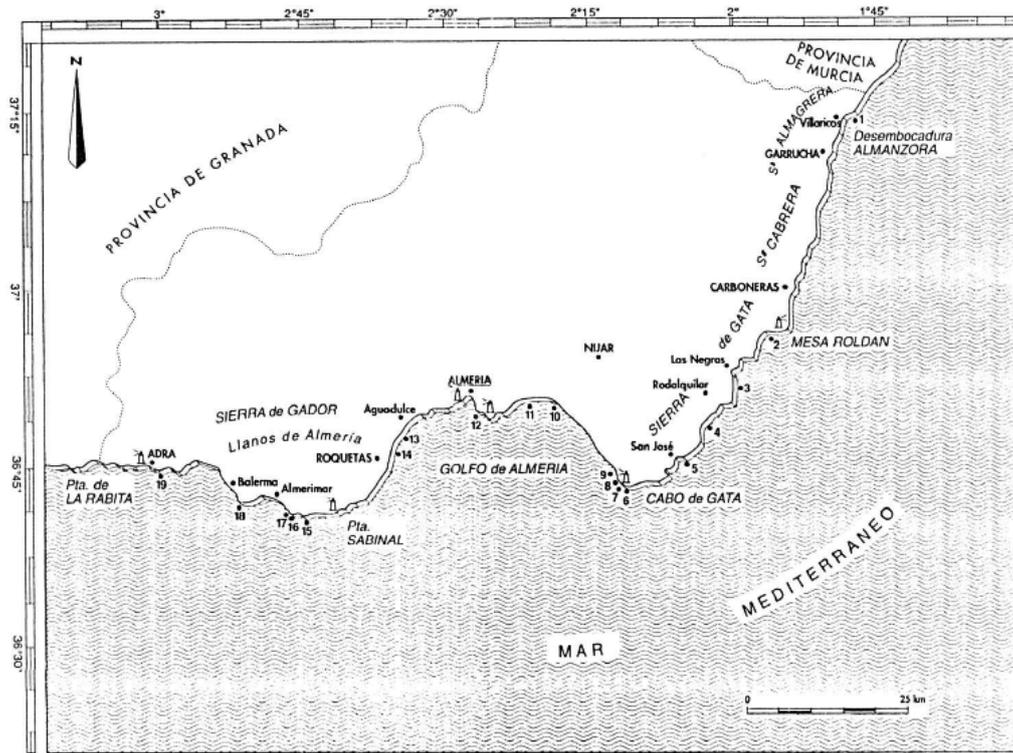
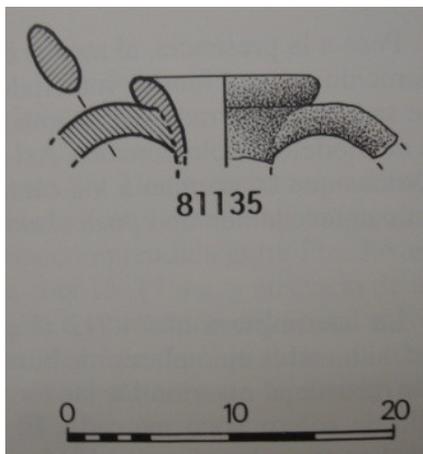
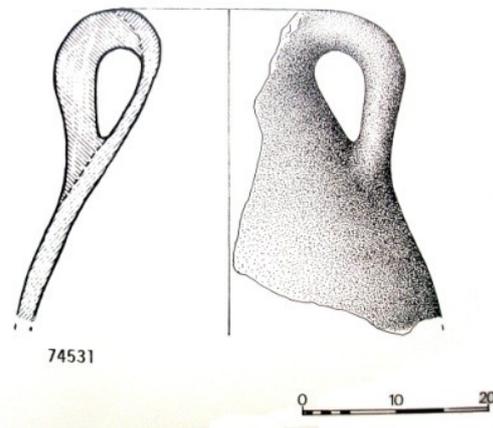


Fig. 34 - Mapa de sítios subaquáticos da Costa de Almeria (Blánquez *et alii*, 1998, 65, fig.1) 17 – Gandolfo



1



2

Fig.35 - 1 – San Pedro (Níjar – Almería): Almagro 51c; 2 – Bajos de Roquetas – Almagro 50 (Blánquez *et alii*, 1998)

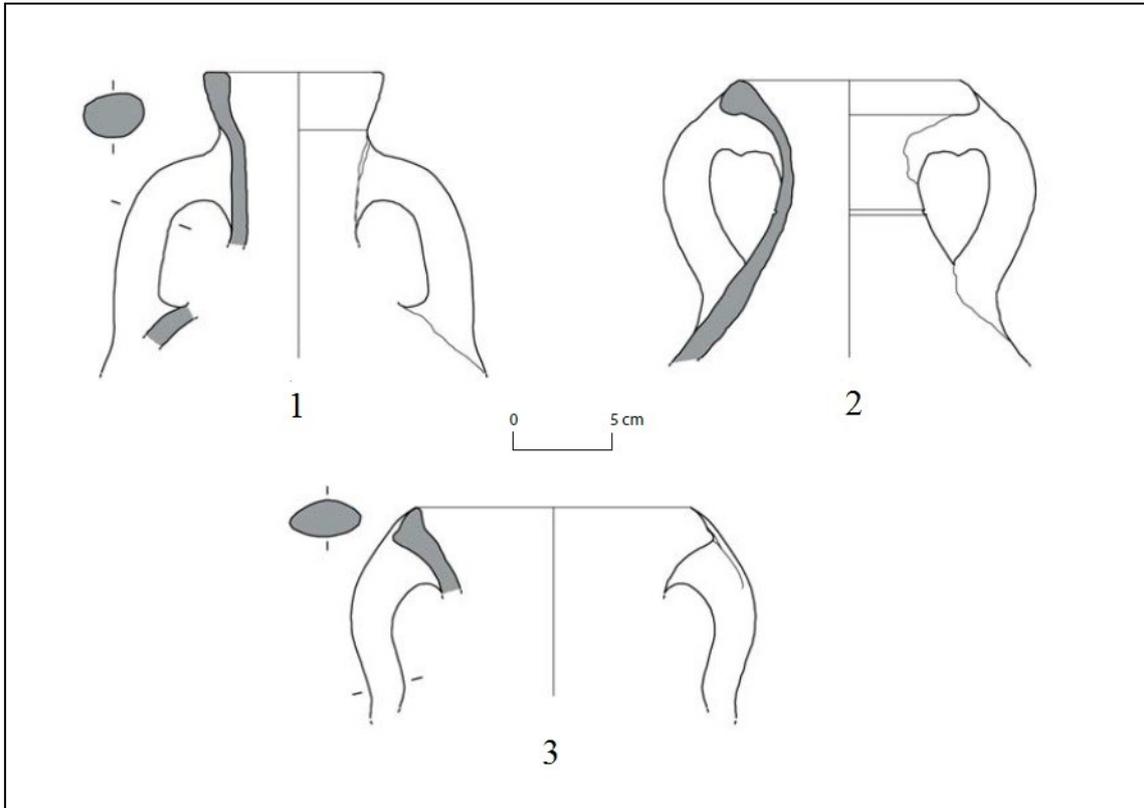


Fig.36 – Anforas Lusitanas do Mercado de La Encarnación - Vertedero de Cenizas. 1- Keay XIX C; 2- Keay XXIII/Almagro 51c e 3 – Beltrán 72 ou Sado 3. (Amores Carredani, García Vargas e González Acuña, 2007, fig.5)

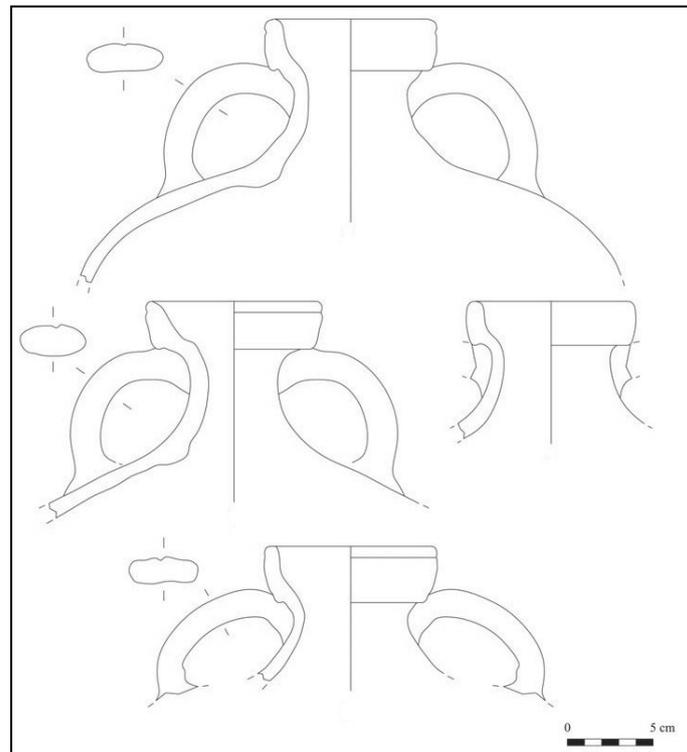


Fig.37 – Anforas Lusitanas 3 do Patio de Banderas – Sevilha. (García Vargas, 2015, fig. 3)



Fig.38 – Lusitanas 3 – Plaza de la Encarnación (*Hispalis*) – Fotos de Enrique García Vargas



Fig.39- Dressel 14 de Escolletes. Desenho e foto: Cerezo Andreo, 2011, 61

Contexto Arqueológico	Tipologia	Cronologia	Depósito	Bibliografía	TF	C (compl)	B	A	F	NMI	Fig.	NI
Puerto de Cartagena	Almagro 50	Séc. III a meados do V d.C.	MNAS		1		1			1	42.2	175 (SHis)
Puerto Pesquero de Santa Lucía	Dressel 14	Segundo quartel do séc. I a meados do III d.C.	MNAS		1	1				1	-	483
Isla de Escombreras	Dressel 14	Segundo quartel do séc. I a meados do III d.C.	MNAS	Pinedo Reys e Alonso Campoy 2004:132.	1					1	40.3	1007
Escombreras 4 (shipwreck)	Dressel 14	Segundo quartel do séc. I a meados do III d.C.	MNAS	Pinedo Reys e Alonso Campoy 2004: 131-133 and 148, fig.159.	1					1	-	ESC-I/17.17/2/10354
Puerto de Mazarrón	Dressel 14	Segundo quartel do séc. I a meados do III d.C.	MNAS		2		2			2	41.3 41.4	2574/1 2633
	Almagro 51c	Séc. III a meados do V d.C.	MNAS	Pérez Bonet 1988.	12		12			12	43.2 43.3 43.4 43.5 43.6 43.7	2616 3208/15 2576 2431 3599/25 2647/43

										43.8	2658/1
										44.1	4080
										44.2	4069
										44.3	2384
										44.4	3208/51
										44.5	3102/3
	Lusitana 3	Séc. II a meados do III d.C.	MNAS		2		2		2	44.8	5948
										44.7	17357/1
	Almagro 50	Séc. III a meados do V d.C.	MNAS		3		2	1	3	42.3	2538
										42.1	2430 (SHis)
										42.4	2645/448 (SHis)
	Almagro 51 a-b	Finais do séc. IV a finais do V d.C.	MNAS		3		3		3	45.2	2401 (SHis)
											3102/58
										45.3	10569/1
Aguilas (Murcia)	Almagro 51 a-b or Key XIXc	Finais do séc. IV a finais do V d.C.	MNAS		1	1			1	45.1	480 (SHis)
Proveniência subaquática	Dressel 14	Segundo quartel do séc. I a meados	MNAS		1		1		1	-	17730/2

desconhecida		do III d.C.										
Proveniência subaquática desconhecida	Dressel 14	Segundo quartel do séc. I a meados do III d.C.	MAMC		3	1	1		1	3	41.2	2318
										40.2	2325	
										40.1	2345B	
Proveniência subaquática desconhecida	Almagro 51c	Séc. III a meados do V d.C.	MNAS		1	Sem o bico fundeiro original			1	43.1	50273	
Proveniência subaquática desconhecida	Almagro 51 a-b	Finais do séc. IV a finais do V d.C.	MNAS		1	1			1	_	17728/2 (SHis)	
<i>Villa de Portmán</i>	Almagro 51c	193-220 d.C.	MAM	Quevedo Sánchez 2013	1		1		1	_	06557, fig.305.4	
	Lusitana 3	193-220 d.C.	MAM	Quevedo Sánchez 2013	1		1	1	1	_	-	
Calle Duque nº25-27 (Cartagena)	Almagro 51c/Lusitana 3	190-200/220 d.C.	MAMC	Quevedo Sánchez 2013	1		1	1	1	_	CD. 1002.56.47	
Sierra Minera de Cartagena	Almagro 51 a-b	Finais do séc. IV a finais do V d.C.	MAMC		1	1			1	45.4	3774 (SHis)	
Total										37		

TF – Total de Fragmentos; C (Compl) – ânforas completas/inteiras; B – Bordos; A – Asas; F- Fundos; NMI – Número Mínimo de Indivíduos; NI – Número de Inventário

Tabela 3 – Ânforas lusitanas registadas na área de *Cartagho Nova*.

Dressel 14



10 cm



Fig.40 - Dressel 14: 1 - 2345B e 2 - 2325 (MAMC - Fotos de Sónia Bombico); 3 - 1007 Ilha de Escombreras (Foto: MNAS).

## Dressel 14



Fig.41 - Dressel 14: 1 – Dressel 14 Bética (Museo de la Ciencia y el Agua de Murcia); 2 – 2318 (MAMC); 3 – 2574.1 (MNAS) e 4. – 2633 (MNAS –desenho de M. A. Pérez Bonet).  
Os restantes desenhos são da autoria de Alejandro Quevedo.

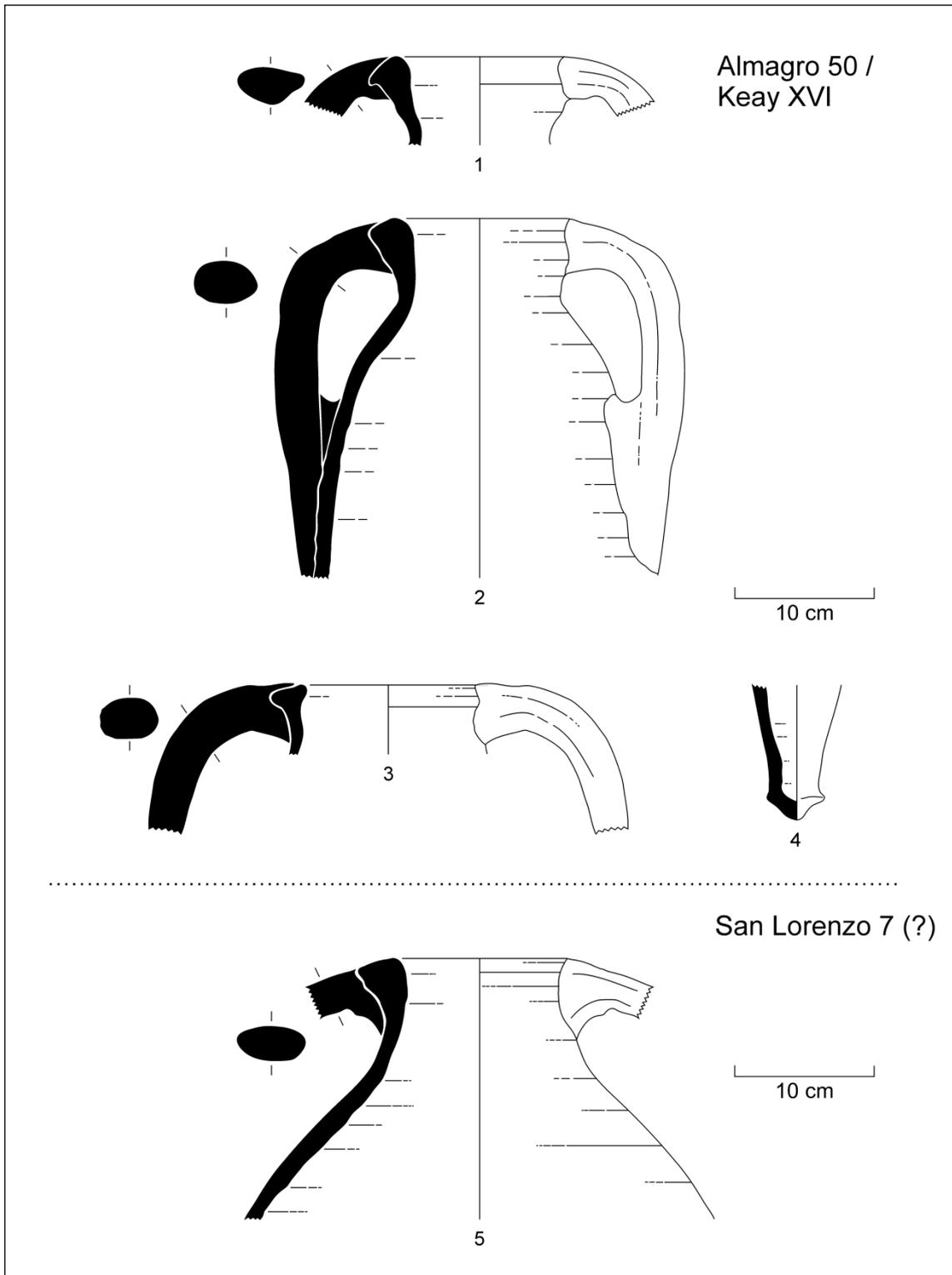


Fig.42 - Almagro 50 (MNAS): 1, 3 e 4 - Puerto de Mazarrón; 2 - Porto de Cartagena; 5 - Ânfora de tipo indeterminado, análoga ao tipo Almagro 50 ou San Lorenzo 7, proveniente da *villa* de Portmán.  
Desenhos de Alejandro Quevedo.

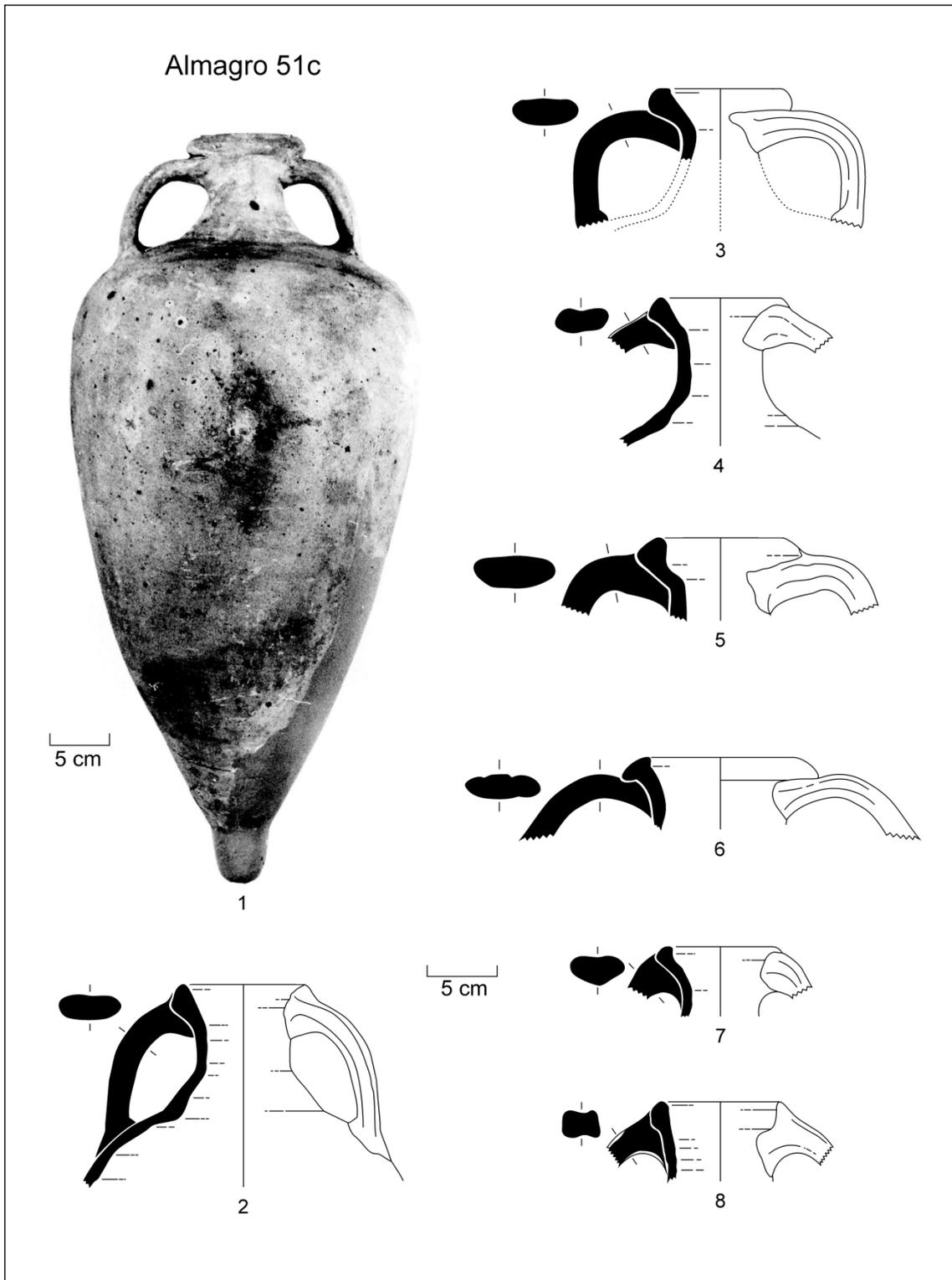


Fig.43 - Almagro 51c (MNAS – Foto: Sónia Bombico): 1 – Proveniência subaquática indeterminada; 2 -8 - Puerto de Mazarrón. (2, 5 e 6 desenhos de M. A. Pérez Bonet) Os restantes desenhos são da autoria de Alejandro Quevedo.

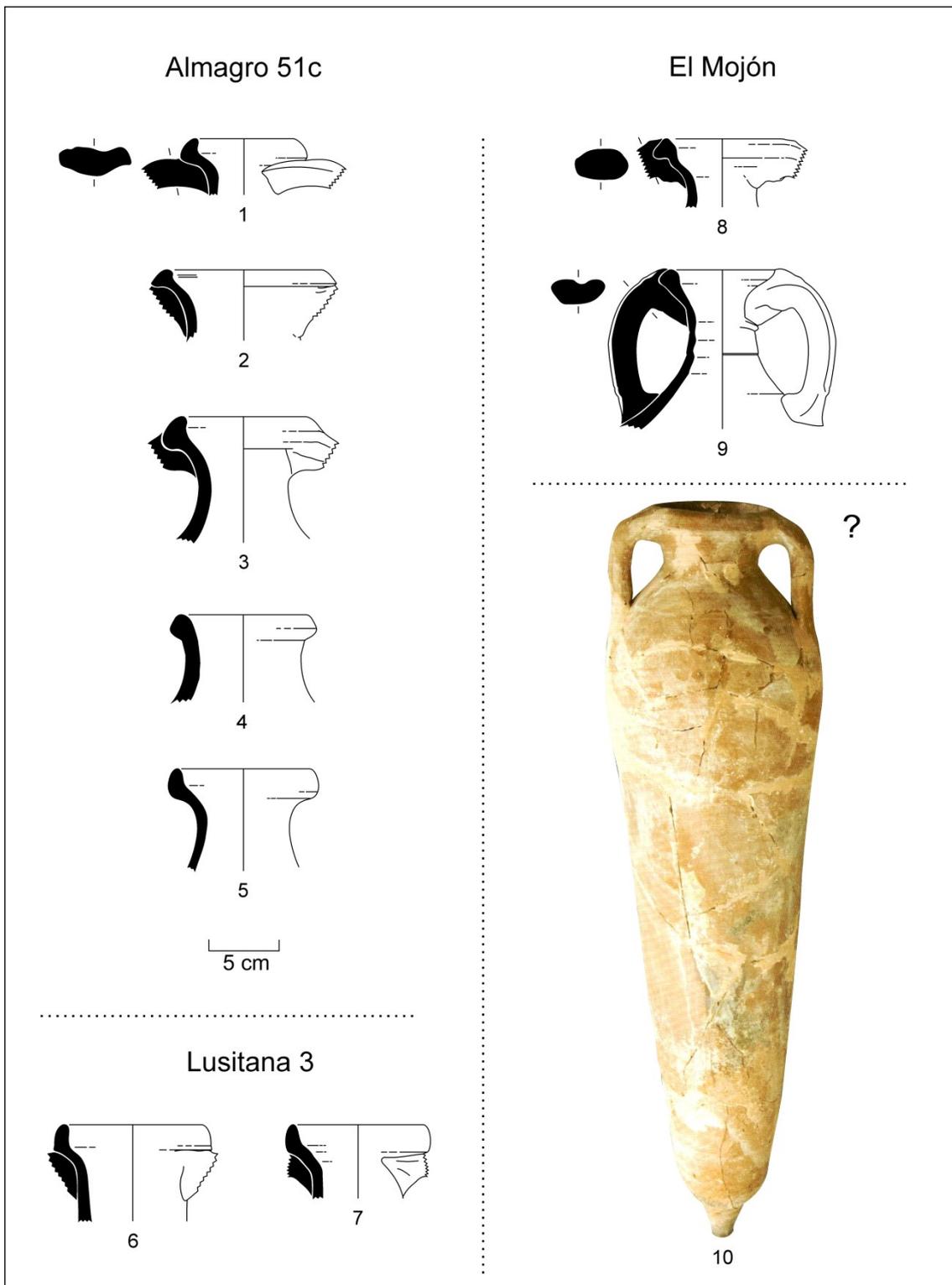


Fig.44 - Almagro 51c (MNAS): 1-5 – Puerto de Mazarrón (3 e 5 desenhos de M. A. Pérez Bonet); Lusitana 3: 6 e 7 – Puerto de Mazarrón; produções locais de El Mojón: 8 e 9 (desenhos de M. A. Pérez Bonet); e 10 – ânfora de provável produção local (Factoría Romana de Salazones of Puerto de Mazarrón) Os restantes desenhos são da autoria de Alejandro Quevedo.

Almagro 51a-b

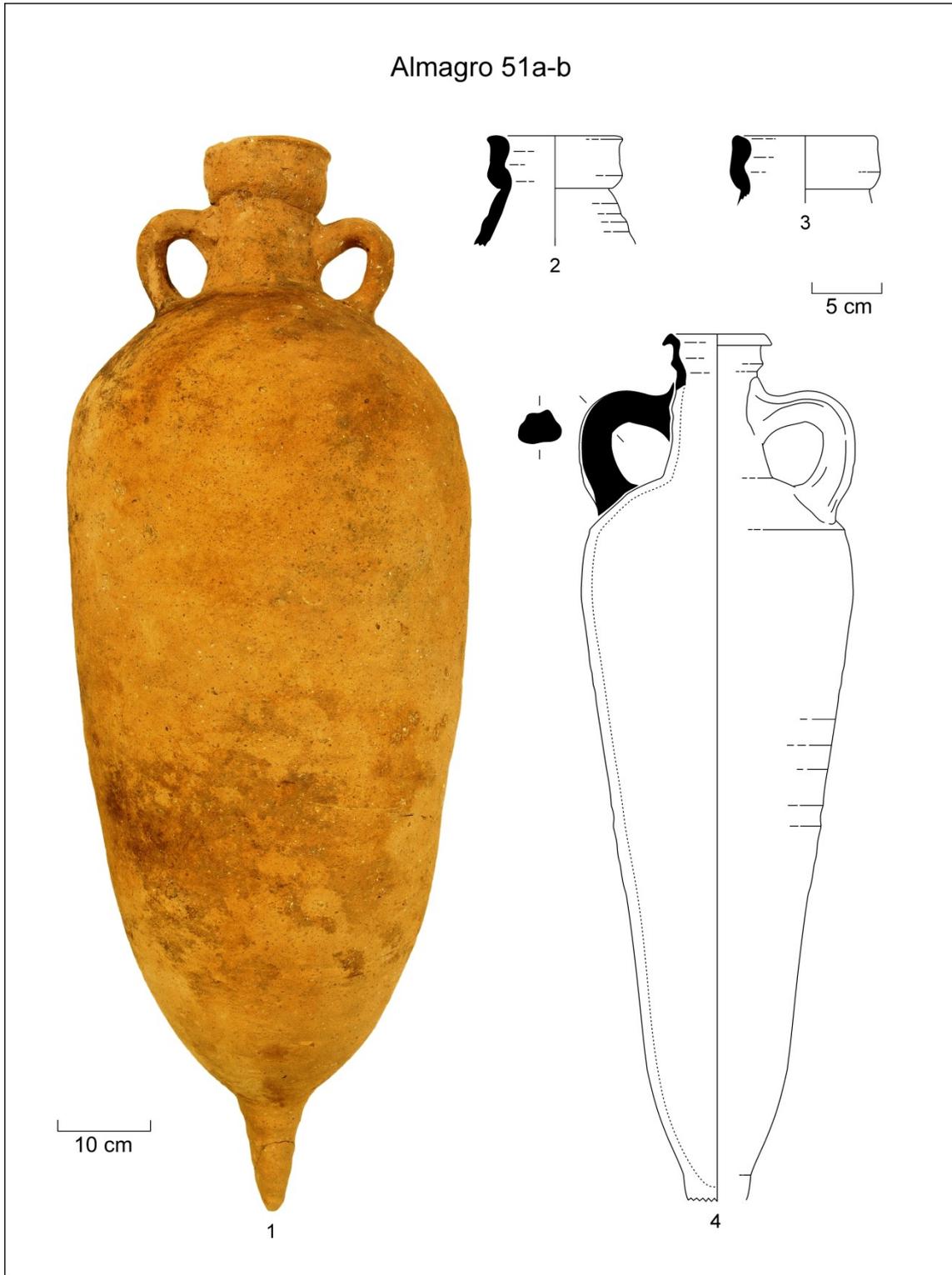


Fig.45 - Almagro 51a-b: 1 – Águilas (Foto: MNAS); 2 e 3 – Puerto de Mazarrón (MNAS); 9.4. Sierra Minera de Cartagena (MAMC)  
Desenhos de Alejandro Quevedo.

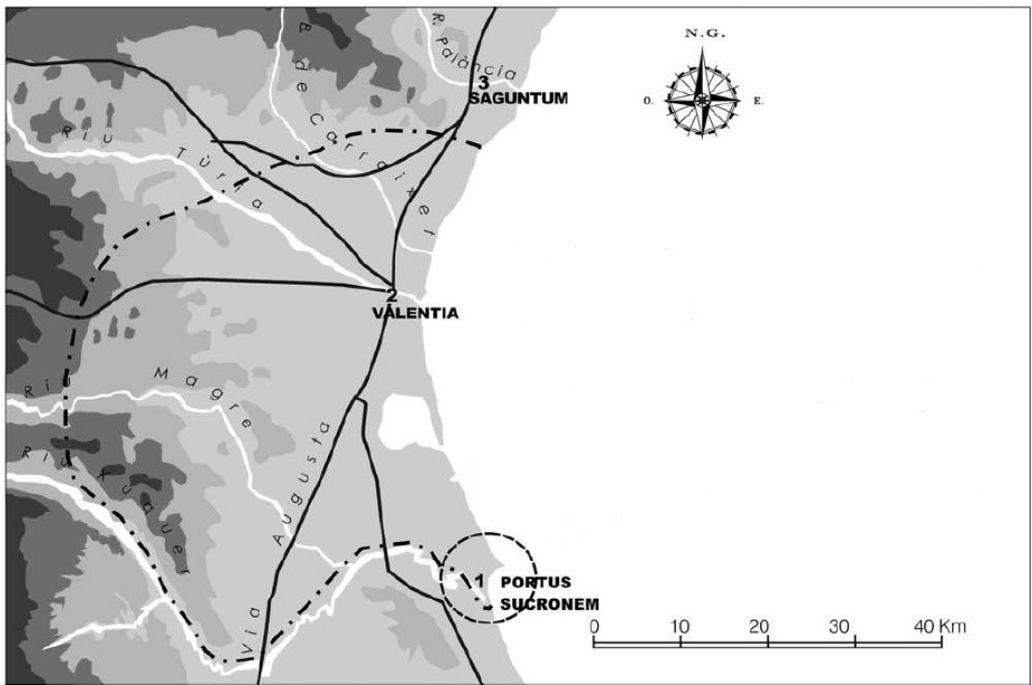


Fig. 46 – Mapa da costa de Valencia. (Hurtado et ali, 2008,96, Fig.1)

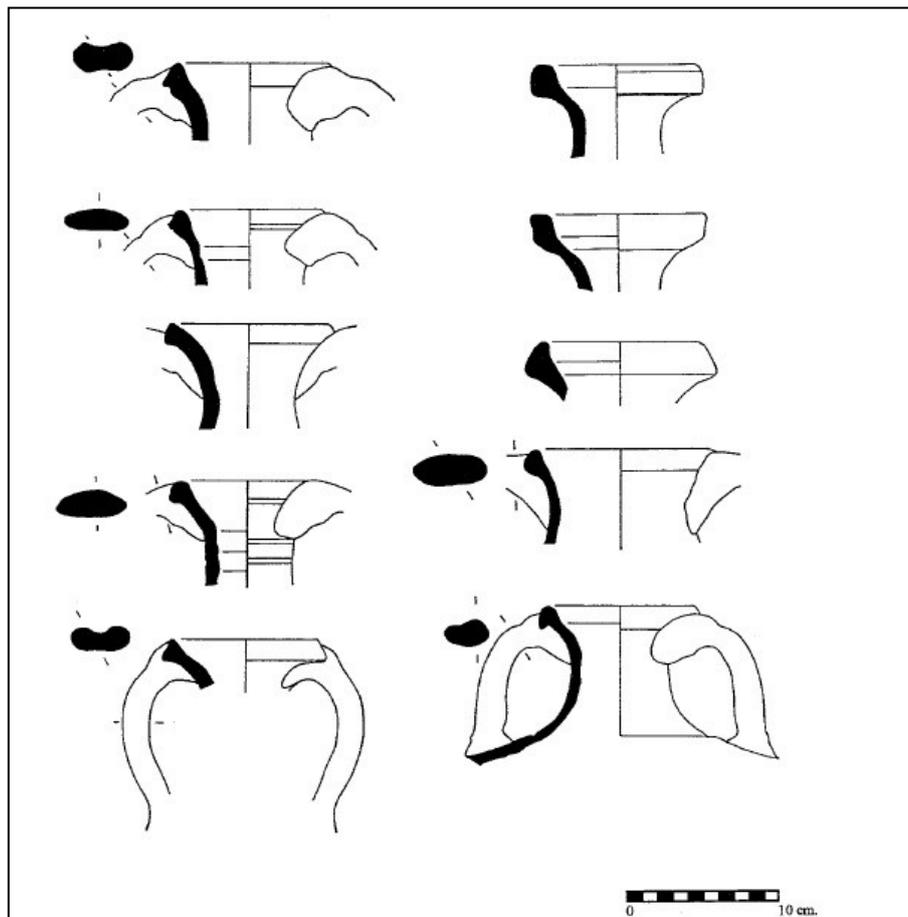


Fig.47 – Almagro 51c sul-hispánicas de Portus Ilicitanus (Márquez Villora, 1999, 514, fig.13)

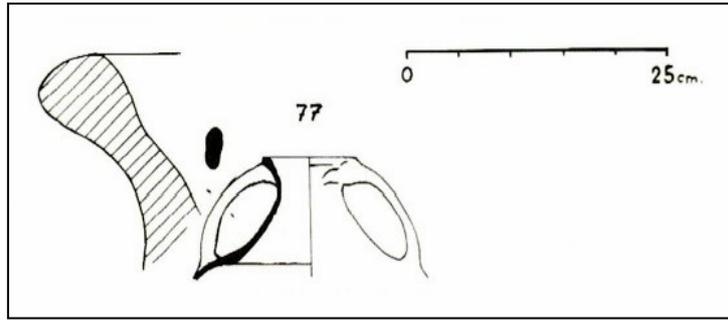


Fig.48 – Almagro 51C proveniente de Saler (Cruz). (Férrnandez Izquierdo, Castelló Mollar e Graullera Sanz, 1998, 302, Fig.5-77)

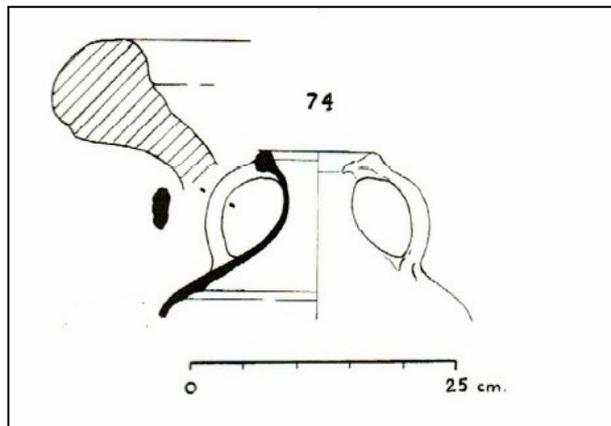


Fig.49 – Almagro 51C proveniente de Cabo de Cullera (Peña del Moro). (Férrnandez Izquierdo, Castelló Mollar e Graullera Sanz, 1998, 308, Fig.8-72)

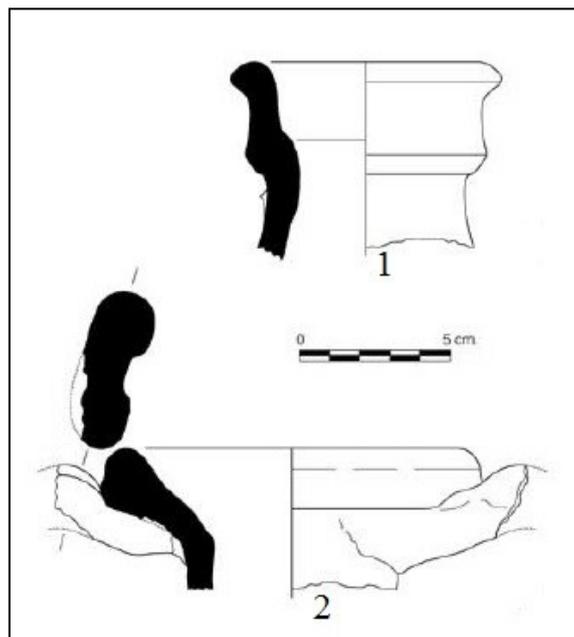


Fig.50 – Anforas Lusitanas de Cullera (*Portus Sucronensis*): 1 – Keay XIX e 2-Keay XXIII. (Hurtado *et al*, 2008, 108, fig.14.4 e 14.6)

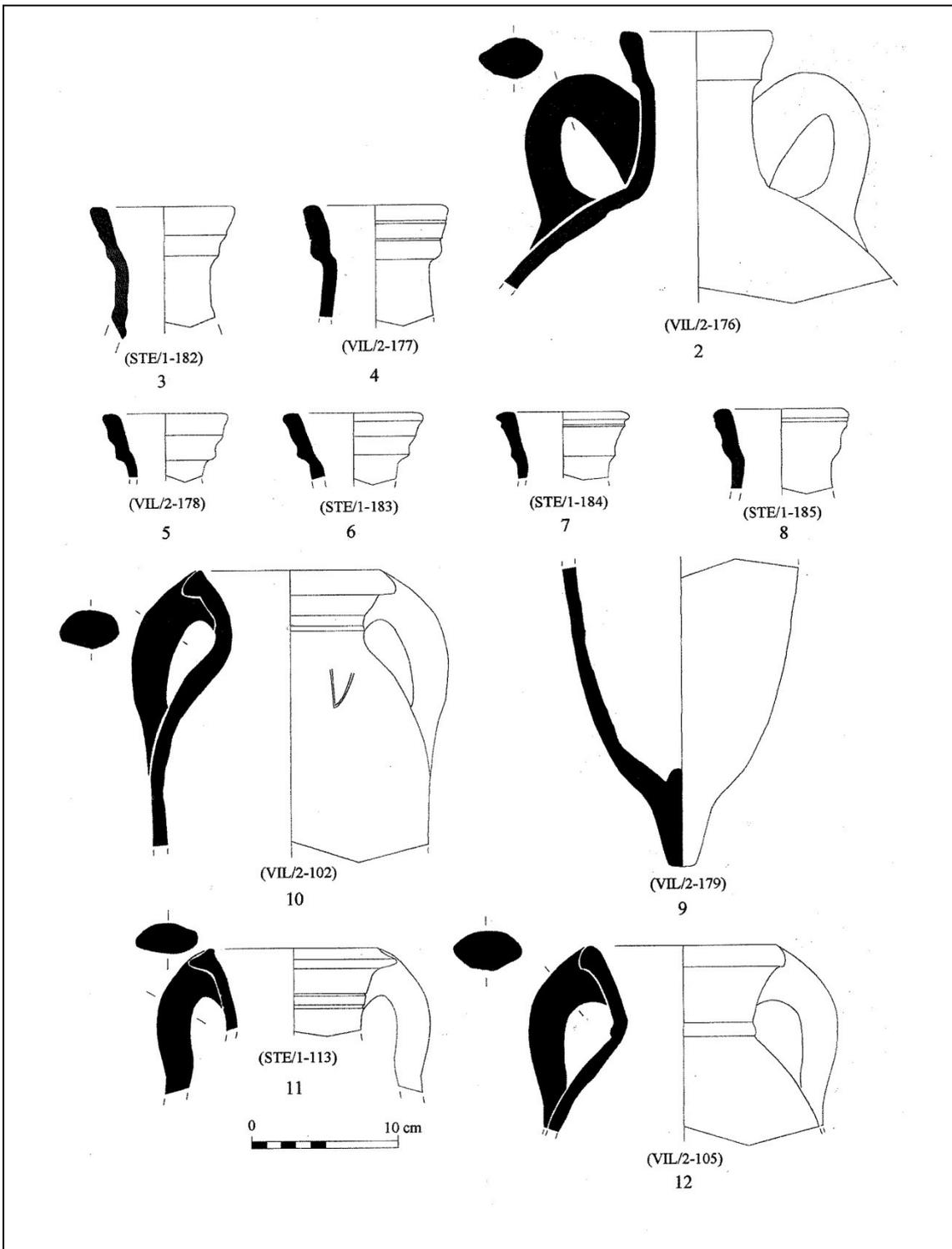


Fig.51 – Ânforas de Tarraco: Keay 21 (2-9); Keay 16A-B (10-12) (Remolà Vallverdù, 2000b, fig.6)

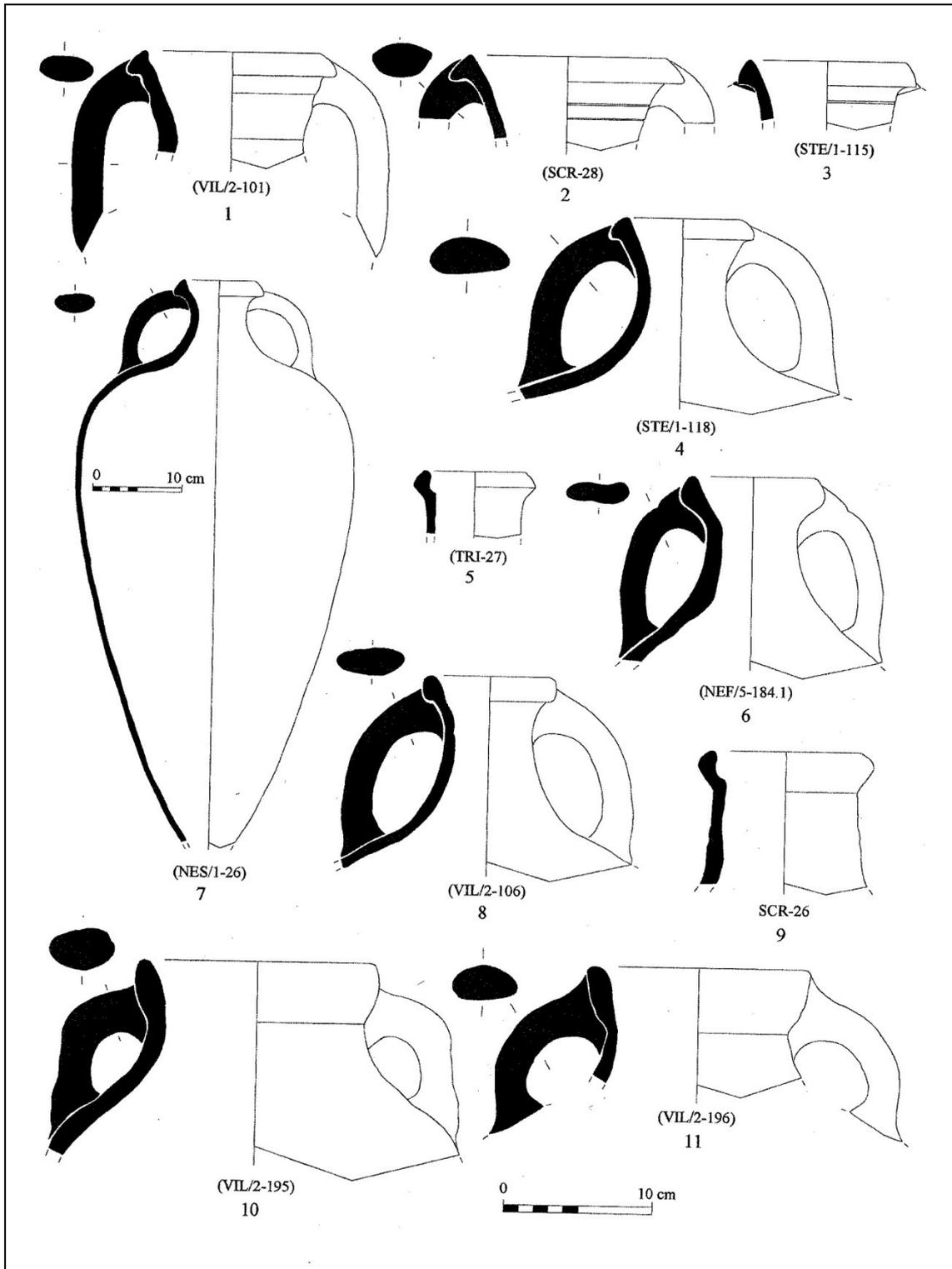


Fig.52 – Ânforas de Tarraco: Keay 16A-B (1-3), Keay 23 (4-9) e Keay 78 (10 e 11) (Remolà Vallverdù, 2000b, fig.7)

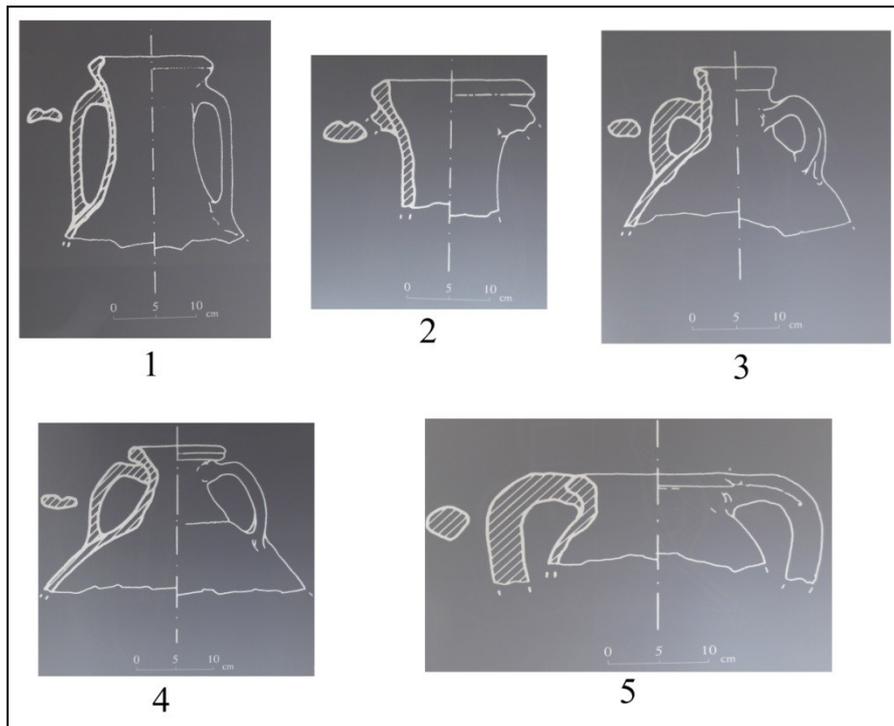


Fig.53 – Ânforas provenientes de achados subaquáticos do litoral tarraconense: 1 e 2 - Dressel 14 provenientes de fundeadouro na zona de Carbuncles – Tarragona; 3- Almagro 51 a-b, 4 – Almagro 51c lusitana e 5 – Almagro 50, provenientes da Praia de Torredembarra. (Pérez Martín, 2007, peças 166, 167, 301, 302 e 303)

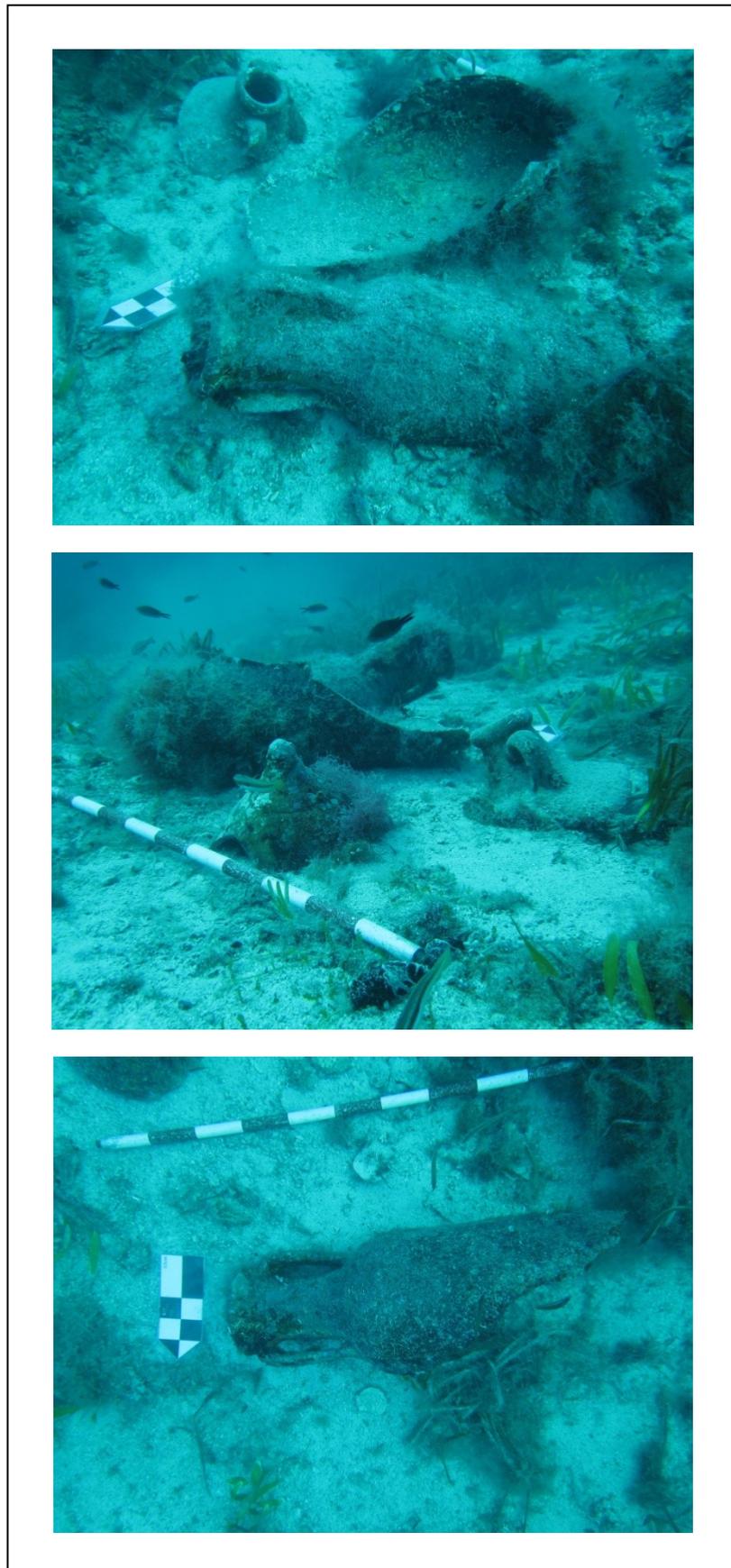


Fig.54 – Achados isolados, nas proximidades dos naufrágios de Cabrera I e III: bordo com asas de Africana II, possível Dressel 14, fragmento de corpo de anfora e bico fundeiro de tipologia indeterminada. (Fotos SIAS, campanha de 2013)

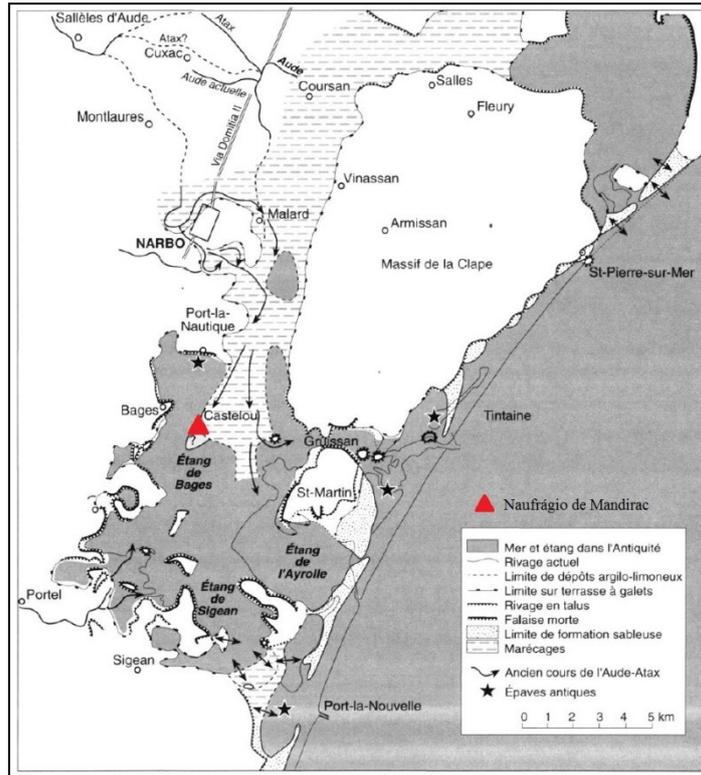


Fig.55- Área do porto de Narbona no séc. I d.c. (Falguéra *et ali*, 2000, fig.1)



Fig.56 - Naufrágio de Mandirac, canal de acesso ao porto de Narbonne (Foto: CNRS)



Fig.57 - Naufrágio de Mandirac com carga a bordo, no canal de acesso ao porto de Narbonne (Foto: CNRS)

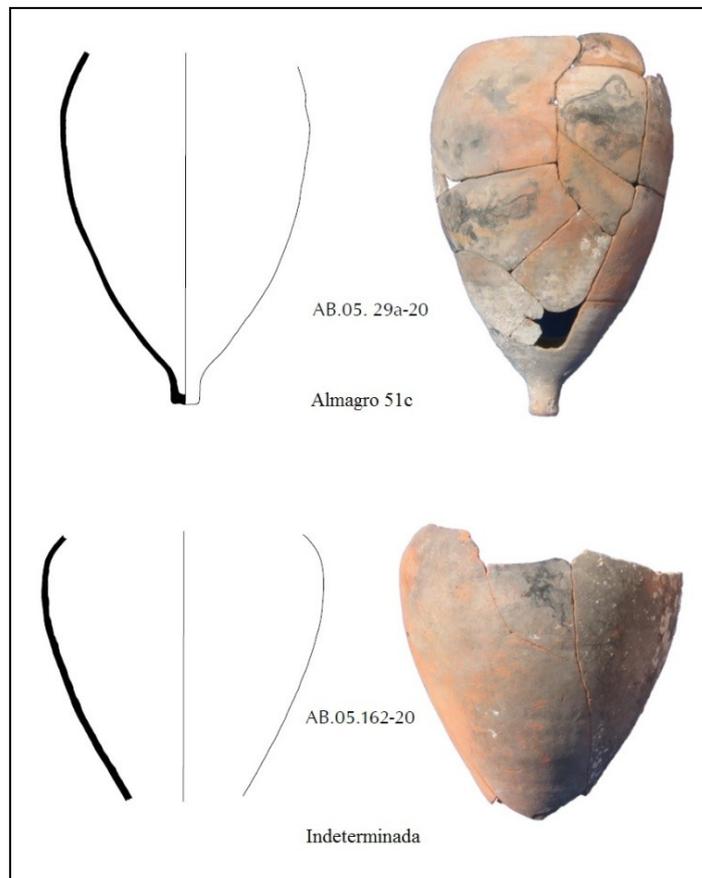


Fig.58 – Anforas lusitanas provenientes da área da sondagem 20 na Anse Béar. (Castellvi e Salvat, 2007)



Fig.59 – Fundo de Almagro 51c do fundeadouro de Aresquiers - Musée de Frontignam (Robert, 1995 – Relatório – Dossier DRASSM)

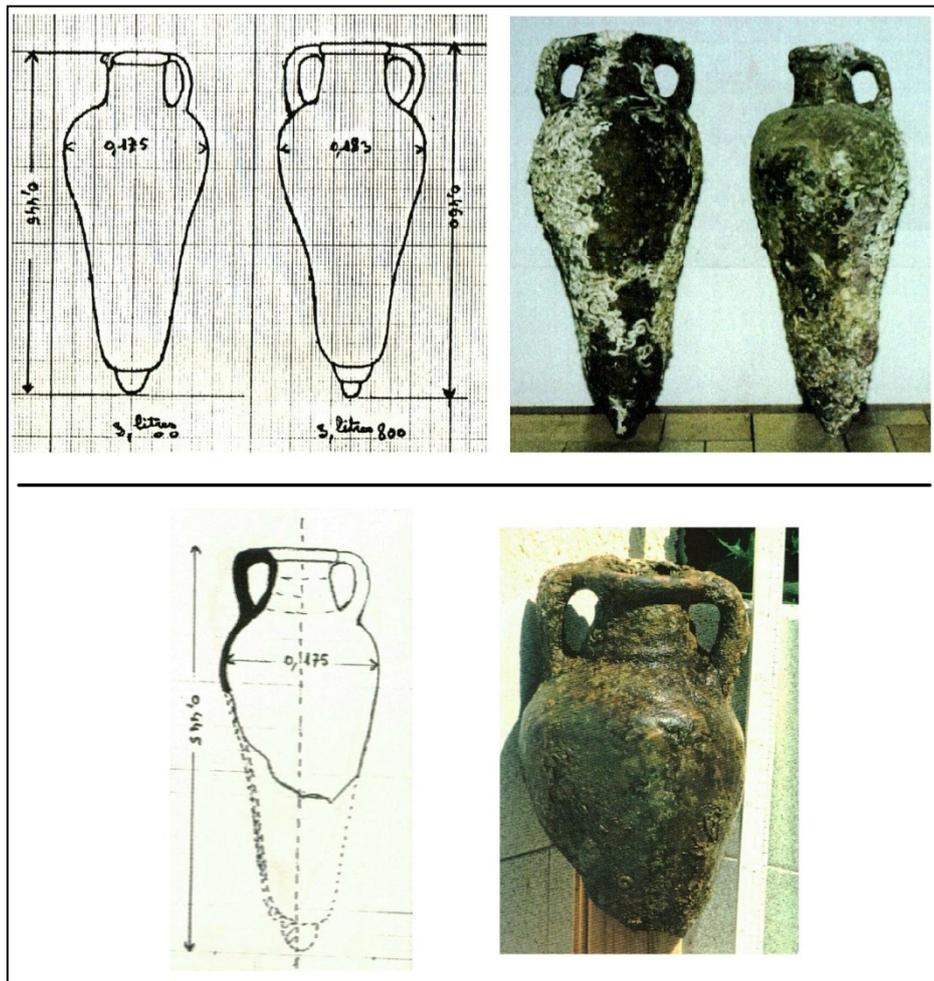


Fig.60 – Anforas de tipologia indeterminadas, classificadas como “imitações de Almagro 51c”, provenientes do fundeadouro de Aresquiers - Musée de Frontignam (Robert, 1994 e 1995 – Relatório – Dossier DRASSM)

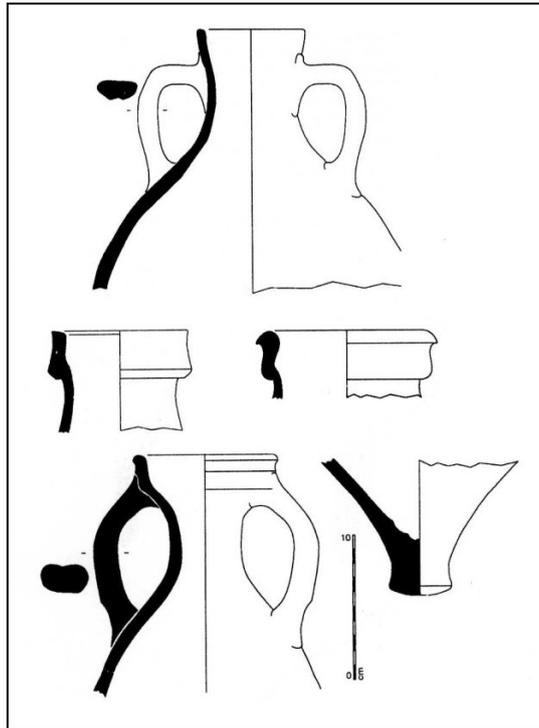


Fig.61 – Ânforas de Narbona, atribuíveis a produções dos tipos Almagro 51 a-b e 51c hispânicas. (Alessandri, Pieri, Sanchez,1998, fig.5 – 2 a 4 e 8 e 9)

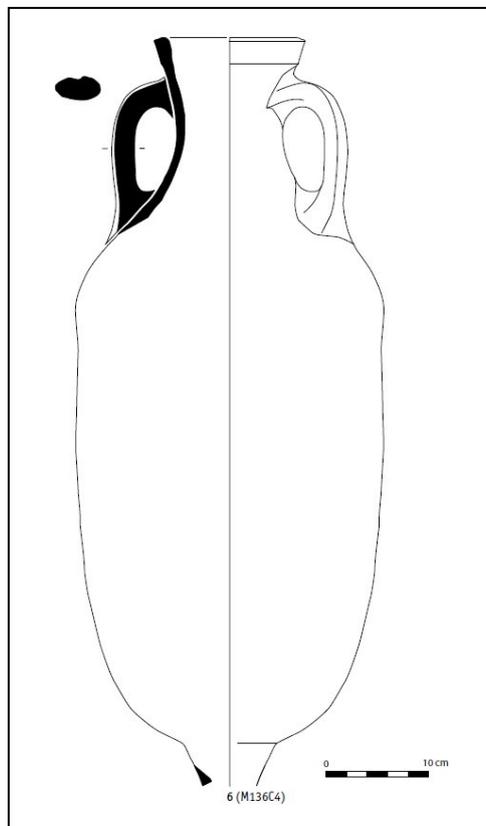


Fig.62 – Ânfora Haltern 70/Lusitana 12 (Lusitana Antiga) recuperada da Place Ampère (UE 136) em Lyon. (Bertrand *et al.*, 2014, fig.6 da planche 33)

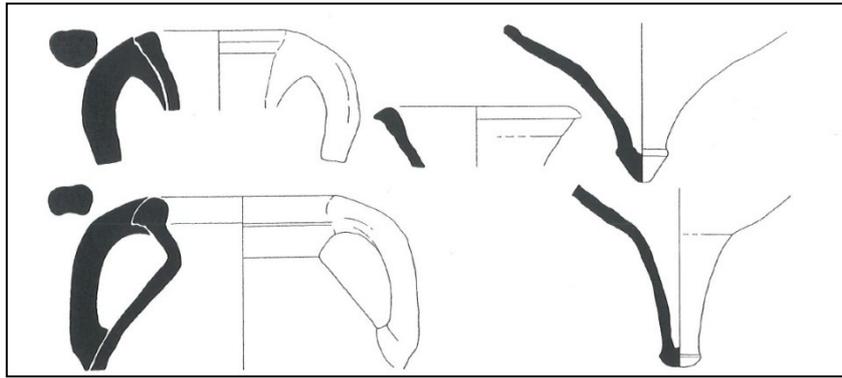


Fig.63 – Ânforas Almagro 50 recuperadas na Place des Celestins (Lyon) Escala ¼. (Bonnet *et ali*, 2003, fig.25)

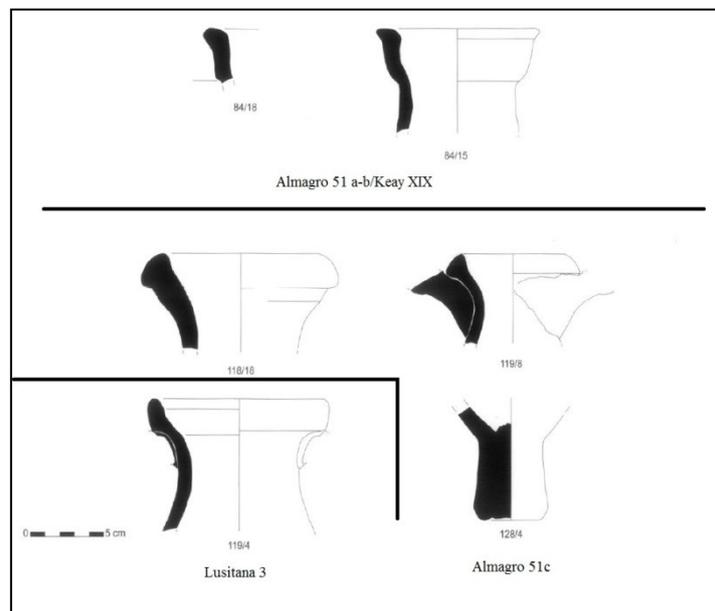


Fig.64 – Ânforas de tipo lusitano da área de escavação do Hôtel de Gadagne (Bairro Saint Jean - Lyon). (Batigne-Vallet e Lemaître, 2008, fig.48)

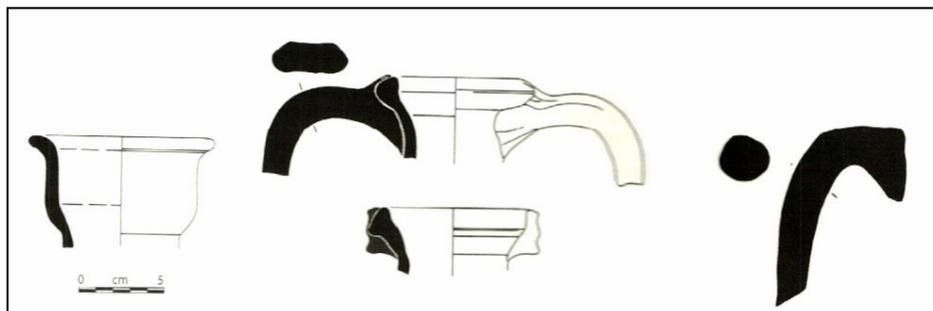


Fig.65 – Ânforas do *Forum* de Arles. À esquerda – Almagro 51 a-b; ao centro – Almagro 51c e à direita – Almagro 50. (Piton, 2011, fig.16)

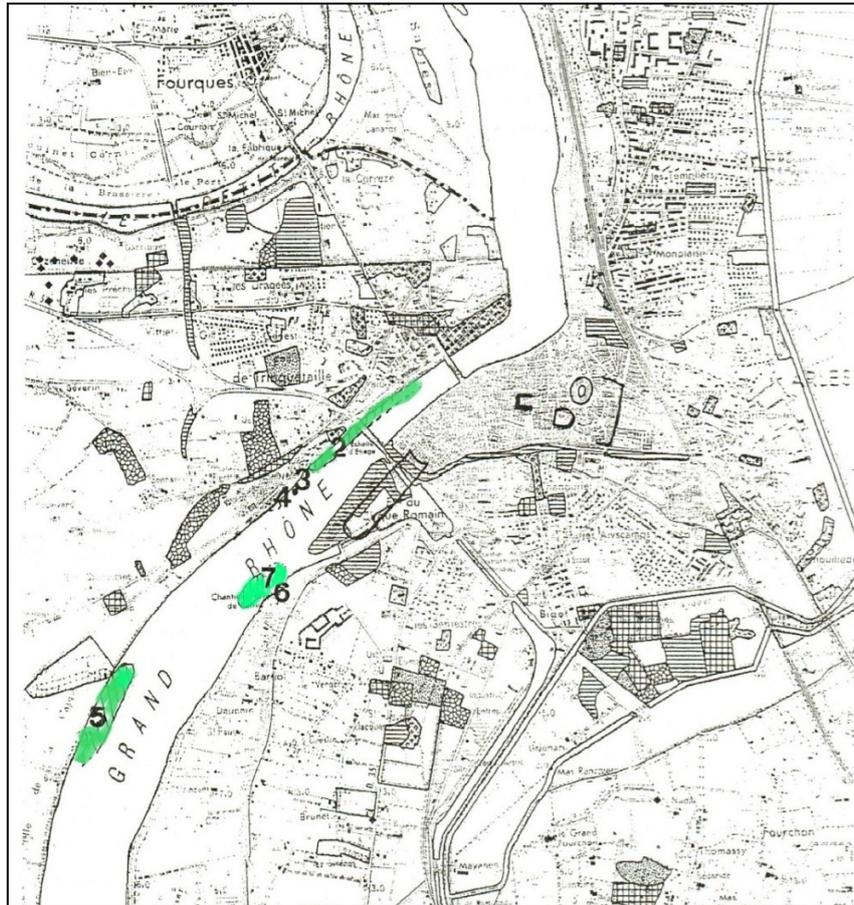


Fig.66 – Áreas de depósitos de fundeadouro, em Arles, nas margens do Rhône. 2 – Gisement A; 5 – Gisement B e 6 e 7 – gisements situés au niveau de la cale de halage. (Long, 1998, fig.1)

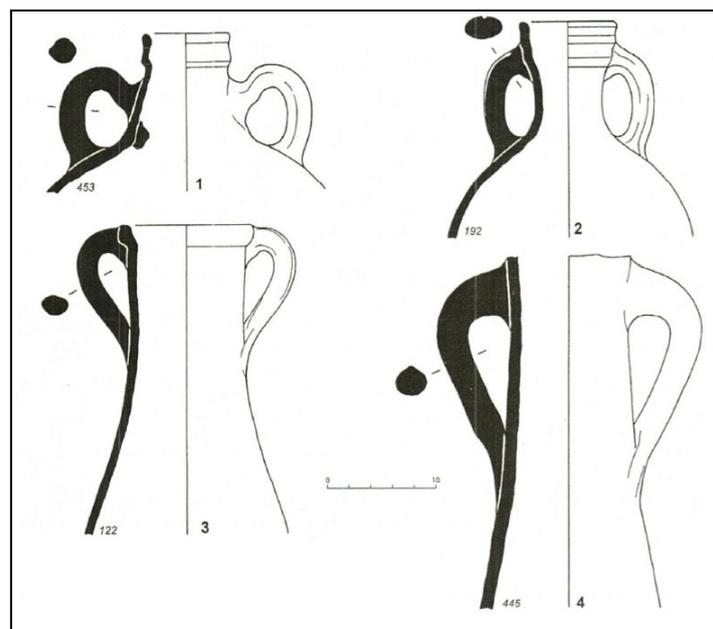


Fig.67 – Ânforas de tipo lusitano, recuperadas nos sítios localizados em Arles, nas margens do Rhône. 1 e 2 – Almagro 51 a-b; 3 e 4 – Beltrán 72 *similis* (?) (Long, 1998, fig.6 – Desenhos de G. Frommherz)



Fig.68 – Dressel 14 parva de Arles-Rhône 3 com *titulus pistus* LIQ. (Quillon 2011, 108).

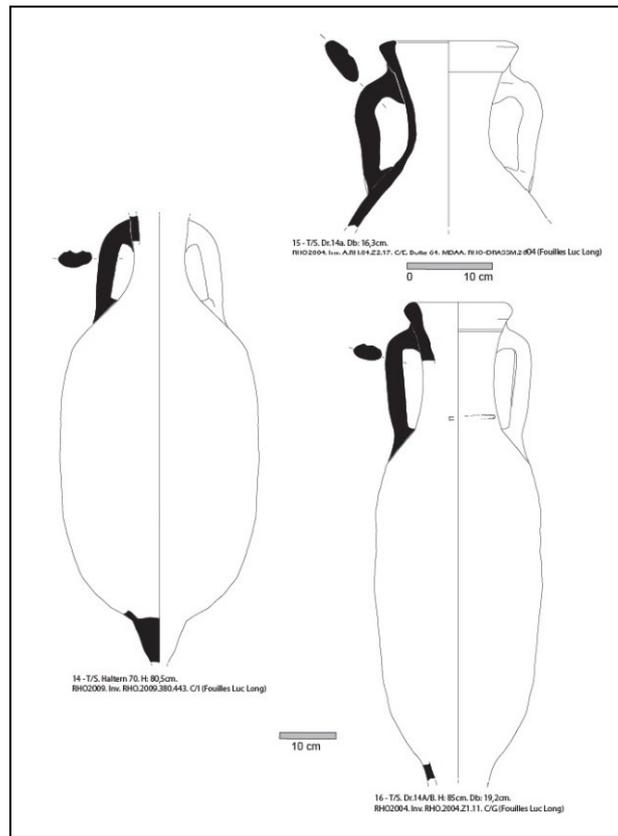


Fig.69- Ânforas lusitanas provenientes dos contextos subaquáticos do Rhône. (Quaresma e Djaoui, no prelo)

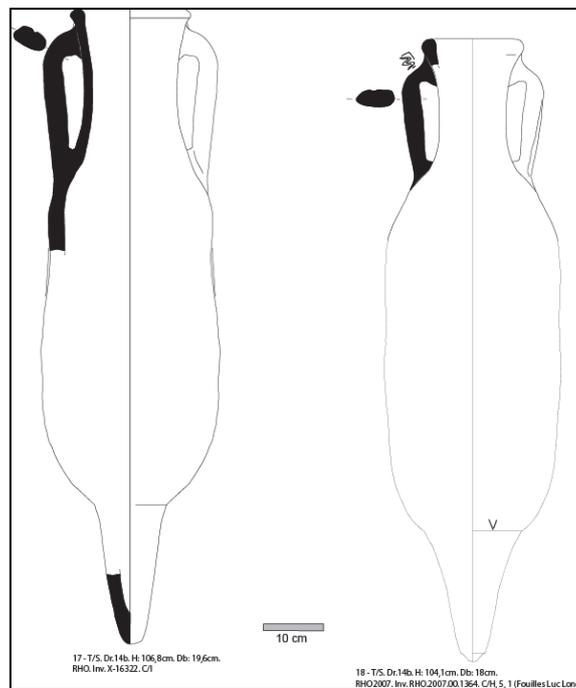


Fig.70- Ânforas lusitanas provenientes dos contextos subaquáticos do Rhône. (Quaresma e Djaoui, no prelo)

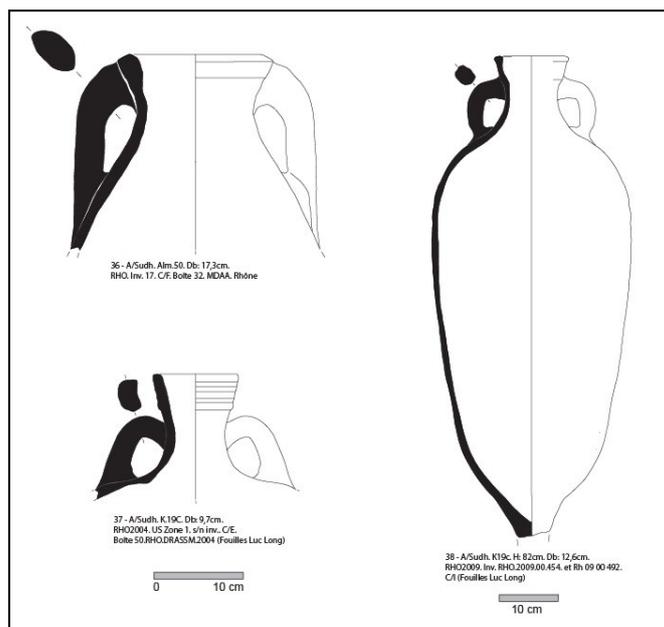


Fig.71 – Ânforas lusitanas provenientes das campanhas subaquáticas no Rhône. (Quaresma e Djaoui, no prelo)

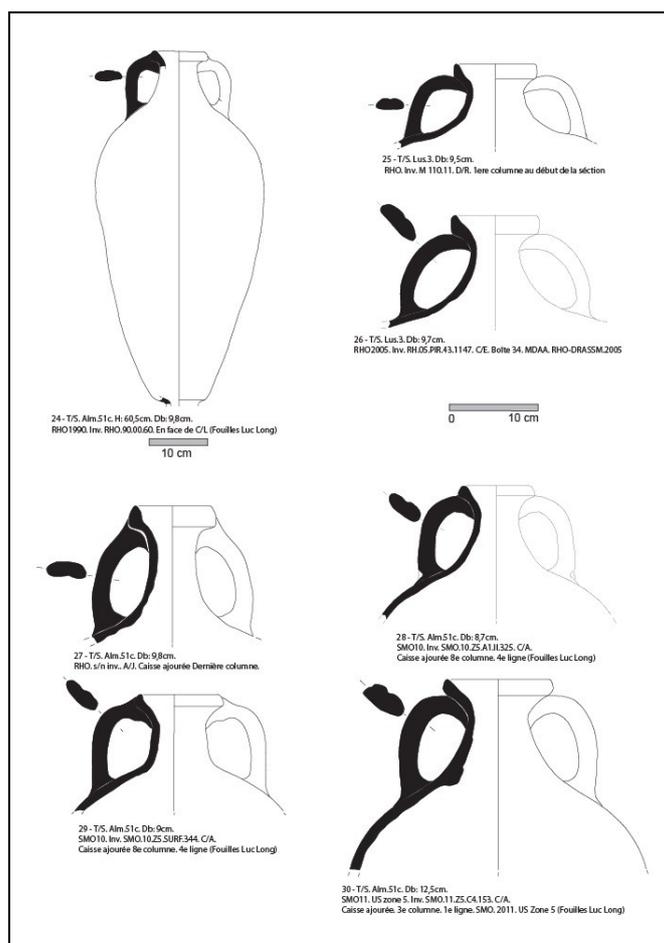


Fig.72 - Ânforas lusitanas provenientes dos contextos subaquáticos do Rhône. (Quaresma e Djaoui, no prelo)

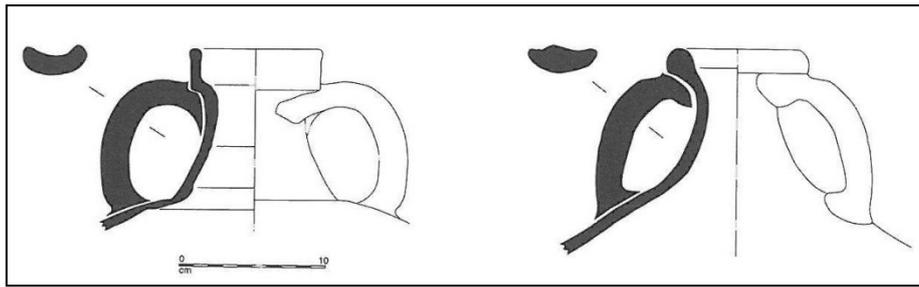


Fig.73– Ânforas provenientes do depósito subaquático proximo ao sitio Arles-Rhône 7. Direita – Lusitana 3 (?) e à esquerda – Almagro 51c. (Long e Duperron, 2011, fig. 13)

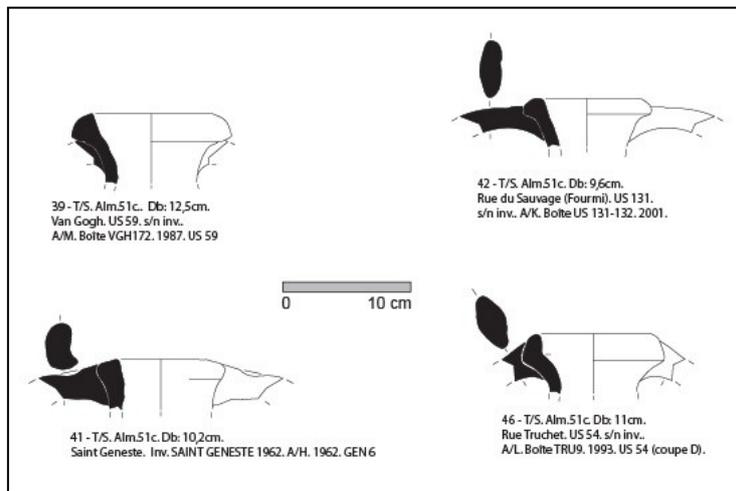


Fig.74 – Anforas lusitanas de contextos urbanos de Arles. (Quaresma e Djaoui, no prelo)

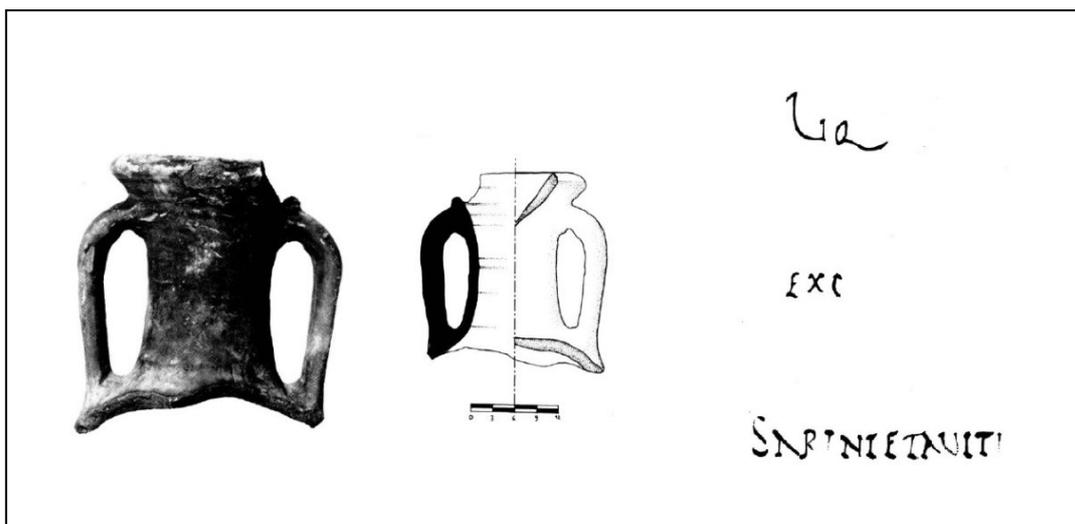


Fig.75- *Titulus pisctus* sobre Dressel 14 proveniente do fundeadouro de Saint-Gervais: LIQ(uamen)/EXC(ellens)/SABINI ET AVITI (Liou e Marichal, 1978, fig.16 - n°32)

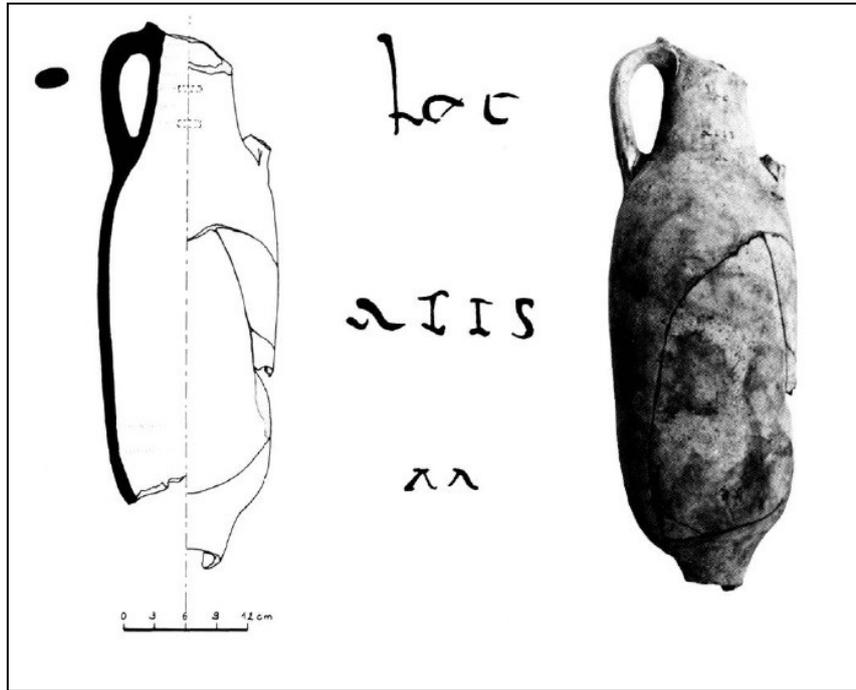


Fig.76 – Provável ânfora Dressel 14 de pequenas dimensões com *Titulus pisctus* LOC/APIS/AA, proveniente do fundeadouro de Saint-Gervais. (Liou e Marichal, 1978, fig.28 - nº72)

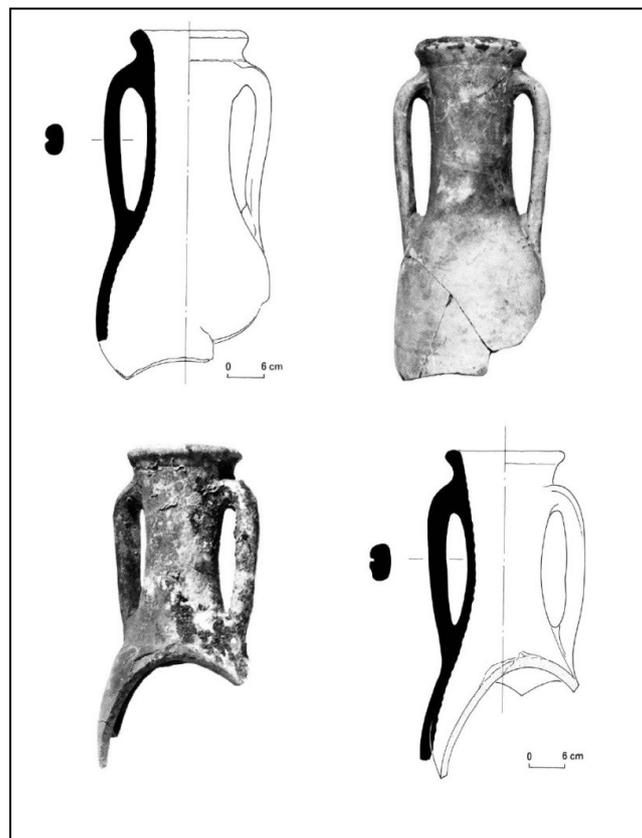


Fig.77 – Ânforas de tipo Dressel 14 provenientes de Fos 1. (Lequément, 1987, 170, fig.2)



Fig.78 – Parte superior de Almagro 51c lusitana da área de fundeadoiro de Saint-Gervais (lote de materiais 5221 - DRASSM) (Foto: Sónia Bombico).



Fig.79 - Ânfora do tipo Almagro 5 de fabrico lusitano proveniente da área de Pommègues conservada no Dépôt archéologique régional d'Aix les Milles. (Fotos: Sónia Bombico)

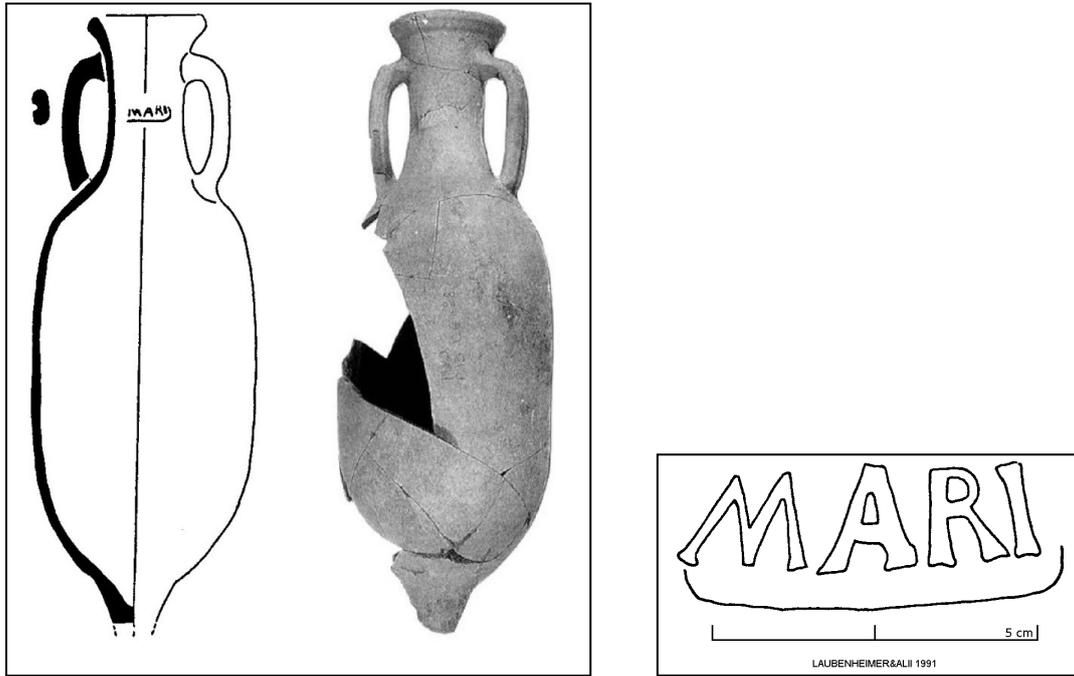


Fig.80 – Dressel 14 recuperada em Fréjus, com selo MARI. (Laubenheimer *et ali*, 1991,fig.17)



Fig.81 – Dressel 14 lusitana de proveniência desconhecida, conservada no Dépôt archéologique régional d'Aix les Milles. (Fotos: DRASSM)



Fig.82 –Almagro 51c lusitanas de proveniência indeterminada, conservadas no Dépôt archéologique régional d'Aix les Milles – Peças nº 4619 e 3682 (Foto: DRASSM)

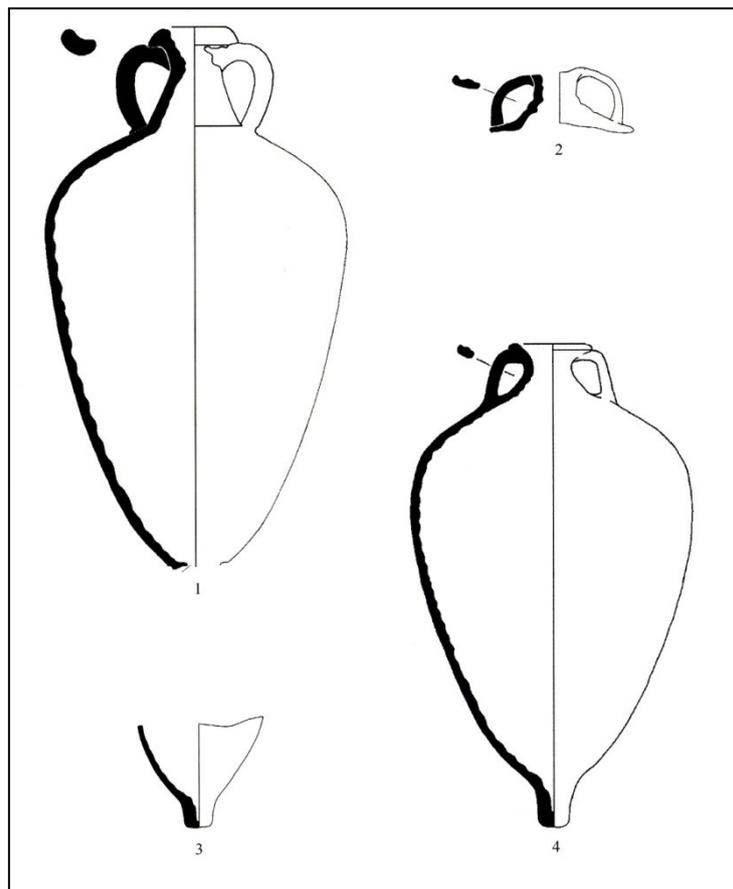


Fig.83 – Ânforas Almagro 51c dos fundeadouros de Calvi e Île Rousse: 1-Almagro 51c sul-hispânica de Calvi; 2,3 e 4 – Almagro 51c lusitanas de Île Rousse. Escala ¼. (In Allegrini-Simonetti, 2001, 33 e 73 P.VIII a/b/c/d)



Fig.84 – Ânforas Almagro 51c dos fundeadouros de Calvi e Île Rousse (depósito do DRASMM –Bástia – Córsega): Esquerda-Almagro 51c sul-hispânica de Calvi; Direita - Almagro 51c lusitana de Île Rousse. Fotos: Sónia Bombico



Fig. 85 – Parte superior de Dressel 14 lusitana, proveniente de Cavallo (Estreito de Bonifácio) – Depósito de Sartène (Córsega) Foto: Sónia Bombico

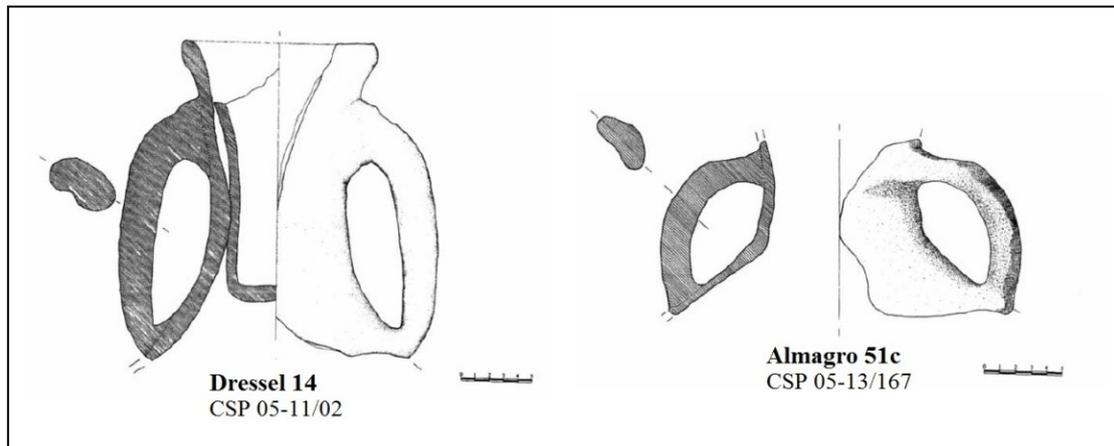


Fig.86 – Dressel 14 e Almagro 51c recuperadas na área subaquática de *Korakodes portus*. (Spanu, 2006b, fig.5)

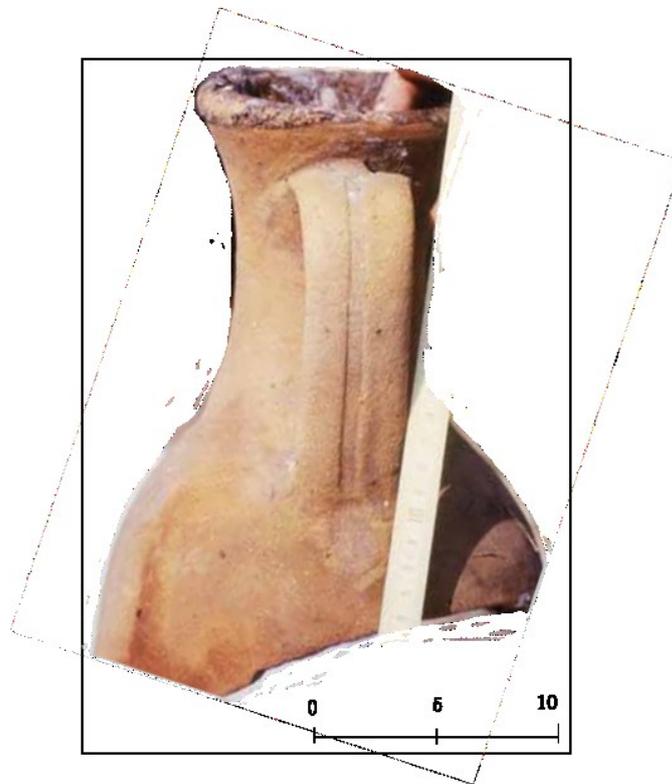


Fig.87 – Anfora Dressel 14 recuperada em Nora. (Cassien, 2014, 207)

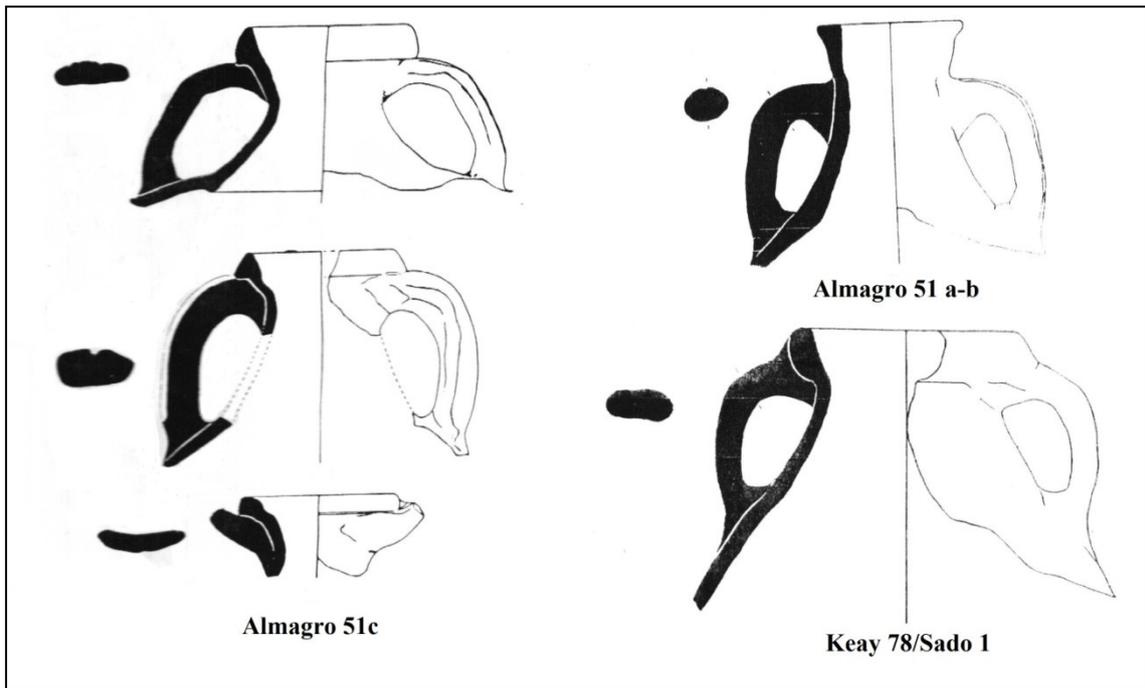


Fig.88 – Ânforas de tipo lusitano presentes nos contextos arqueológicos dos *horrea* de *Turris Libisonis* (Villedieu, 1984 - Figuras 220-222, 296 e 230).

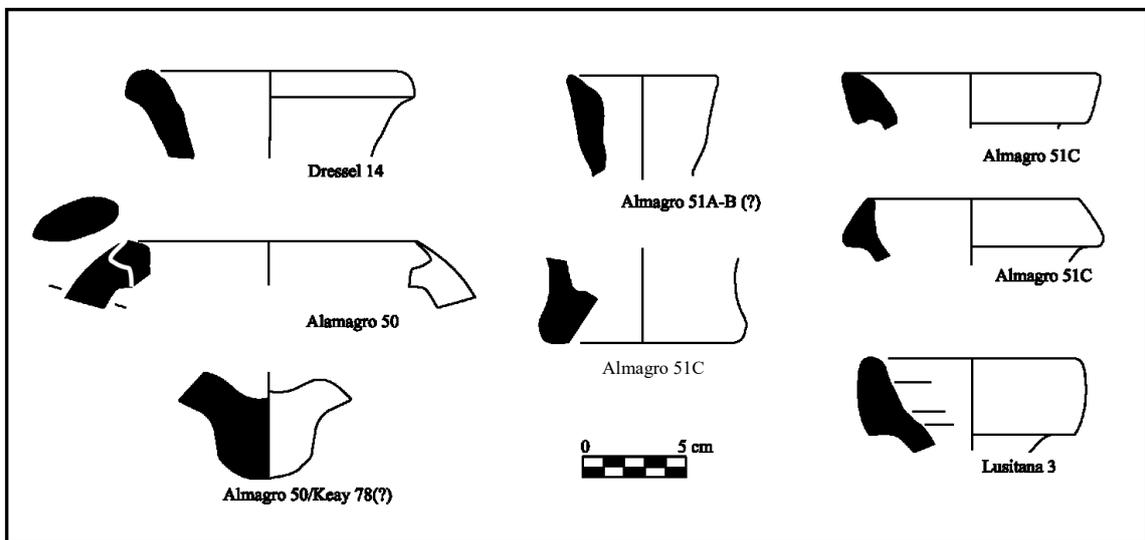


Fig.89 – Ânforas lusitanas provenientes da prospecção das áreas arqueológicas nas imediações da cidade de Nora (desenhos de Cristina Nervi – Nervi, no prelo)

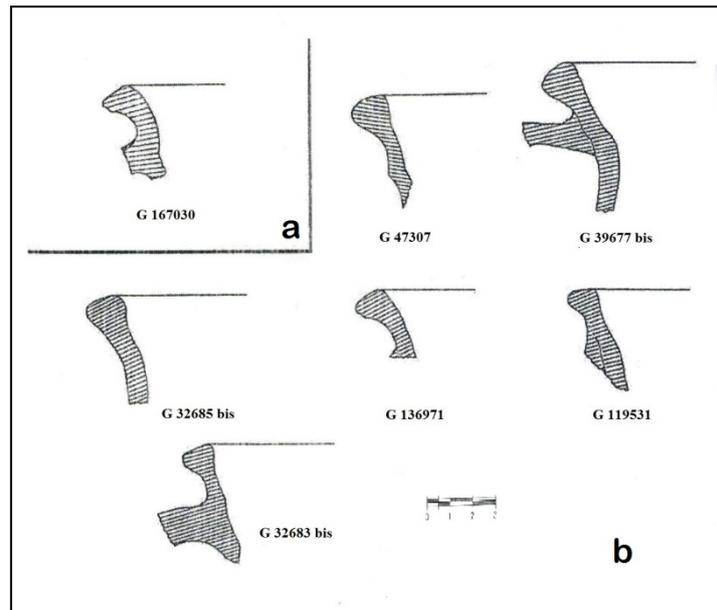


Fig.90 - Ventimiglia (Imperia). Dressel 14 dos níveis Auguteos da escavação da *Officina del Gas* excavations. O exemplar a apresenta um fabrico identico às produções béticas Dressel 7/11. (Dell'Amico 1992, 124-125, fig. 30-31)

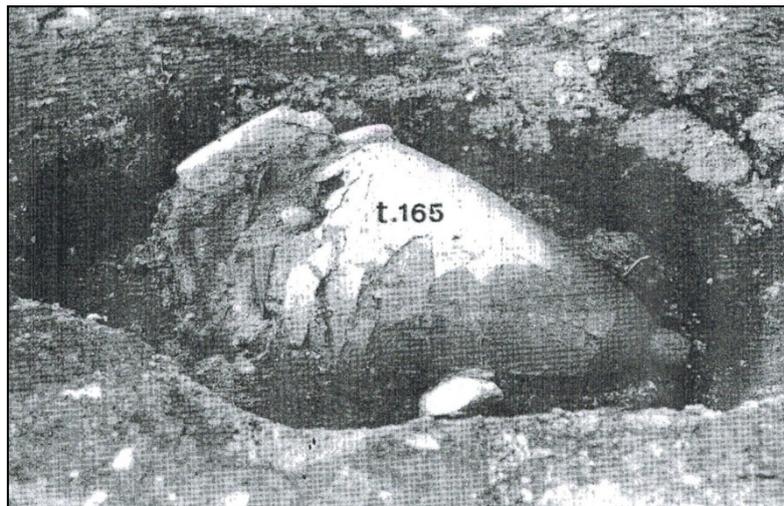


Fig.91 - Ventimiglia (Imperia). Corpo de anfora Almagro 51c da tumba 165 da necrópole da Antiguidade Tardia. (Pallarès 1988, 318, fig.18)

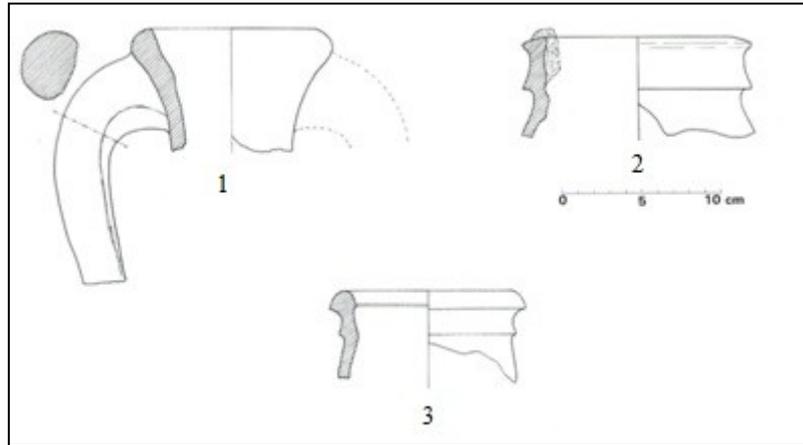


Fig.92 - Albenga (Savona), San Calocero. Anforas lusitanas (?) do *cryptoporticus* ; 1: Almagro 50 (?); 2 e 3: Almagro 51 AB/ Keay XIX. (Dell'Amico 2010, 121, figure II,1-5)

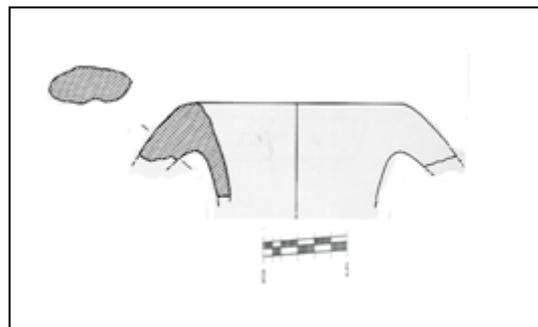


Fig.93 - Pietra Ligure (Savona), Corti. Anfora Almagro 50 bética, das fases datadas do século V-VII d.C. (Grasso 1999, 158, tav. 29.6)

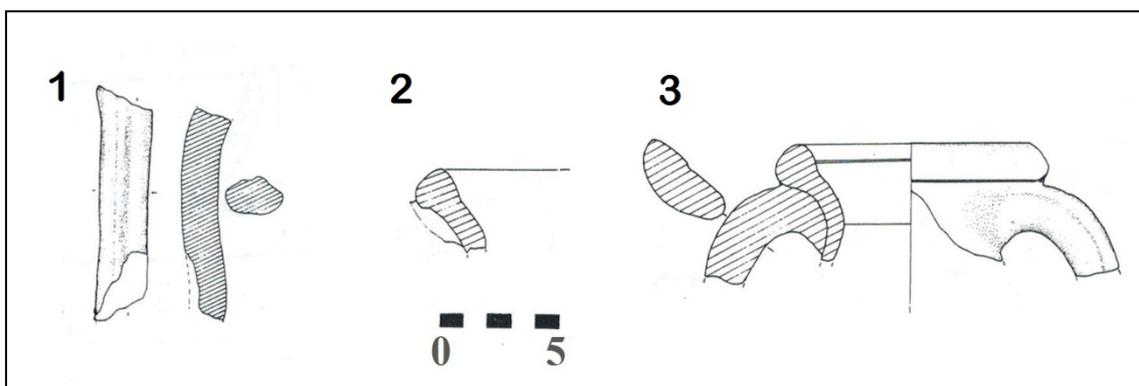


Fig.94 - Genova - San Lorenzo (Genova). Escavações da 'Domus' localizada por baixo da Catedral. Anforas ibéricas. 1: Dressel 14 ou similar; 2: Provável Almagro 51C; 3: Almagro 51C. (Gambaro 1987, 233, tav. IX,115, tav. II,26; 219; 235 tav. X,117)

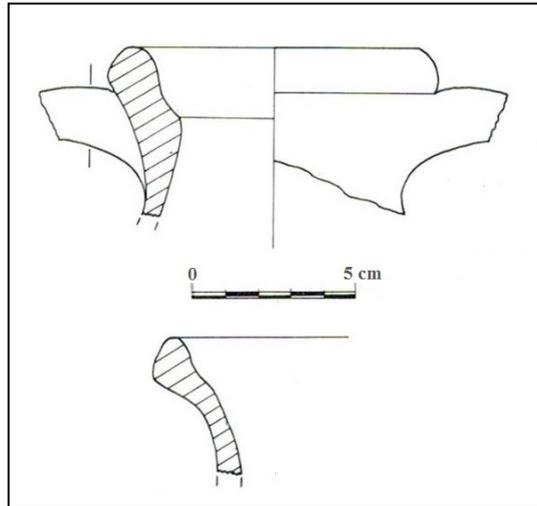


Fig.95 - Genova – San Silvestro (Genova). Anforas Almagro 51c provenientes do *Oppidum*. (Bellatalla 1993, 73, fig. 32, AB 5 e AD 6)

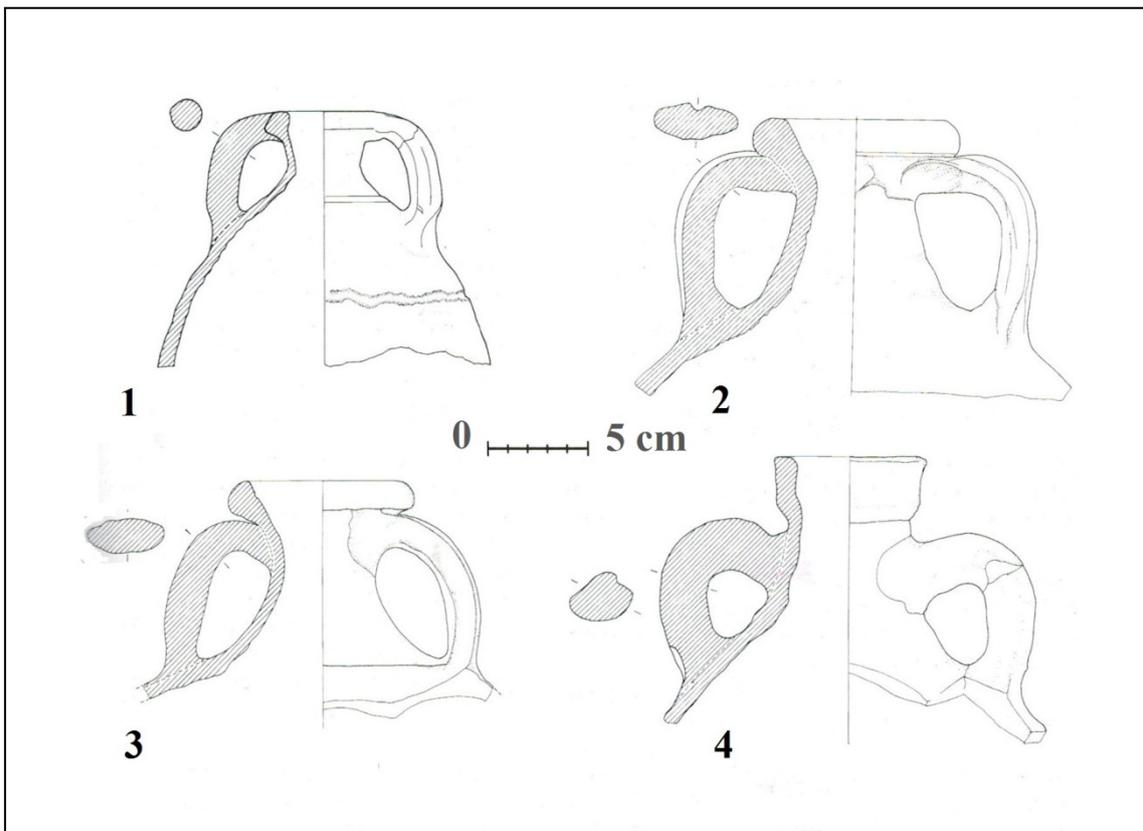


Fig.96 - Genova - Piazza Dante (Genova) – Necrópole Tardia. Anforas hispánicas: Late Empire 1: Almagro 50; 2-3: Almagro 51C; 4: Almagro 51a-b. (Bruno 1996, 324, fig. 10.9, 10.10, 10.11, 10.12)

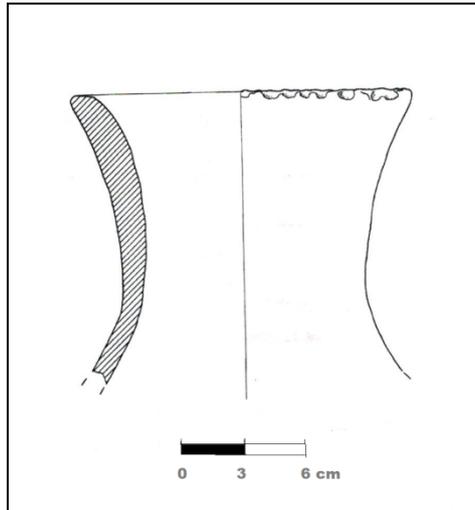


Fig.97 - Varignano (La Spezia). Escavação de Casale Turra. Dressel 14. (Gervasini, Landi, 2002, 138, fig. 58,3)

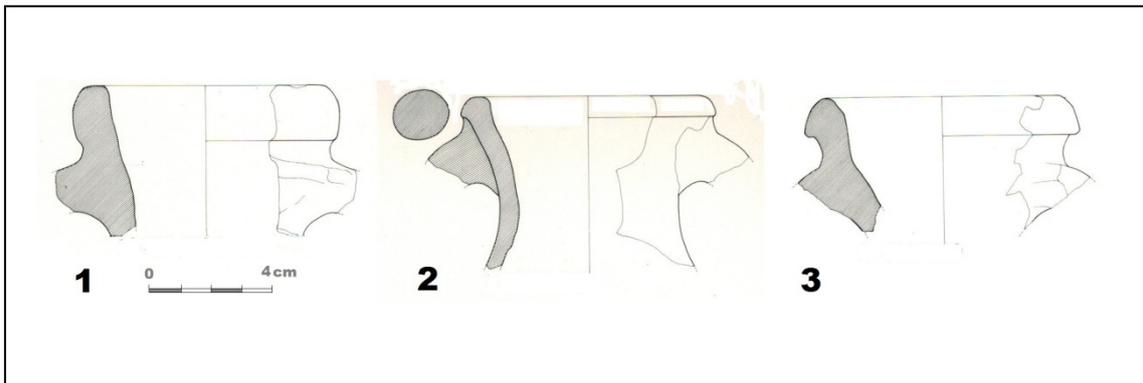


Fig.98 - Luni (La Spezia), *Cardo maximus*, área do forum. Anforas Dressel 14. (Lusuardi Siena 1973, tav. 77,10: CM 1906; tav. 77,7: CM 2040/9; tav. 77,15: CM 2620).

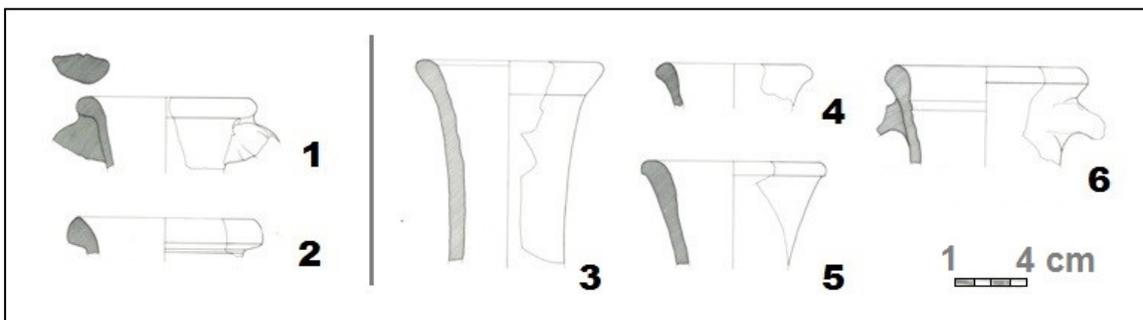


Fig.99 - Luni (La Spezia). *Cardo maximus*, área do forum. 1 e 2: Anforas Dressel 14 e similares; 3 a 6: Formas afins à Dressel 14. (Lusuardi Siena 1977, tav. 146,1-6: CM 5361; CM 7402/5; CM 3041; CM 5147/3; CM 3825/11; CM 11296).

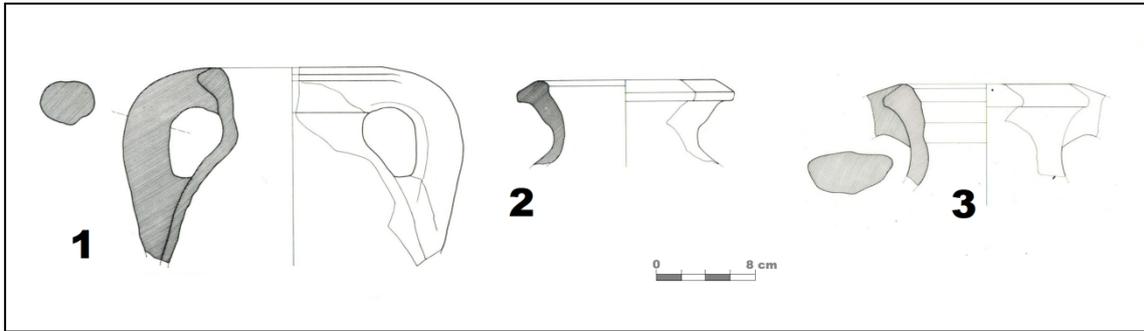


Fig.100 - Luni (La Spezia). *Cardo maximus*, área do forum. Almagro 50. (Lusuardi Siena 1977, tav. 150,1-2: CM 11272; CM 4551; Lusuardi Siena 1973, tav. 77,9: CM 1635/24).



Fig.101 - Luni (La Spezia). *Cardo maximus*, área do forum. Almagro 50 com selo. (Lusuardi Siena 1973, tav. 111,10 CM 707).

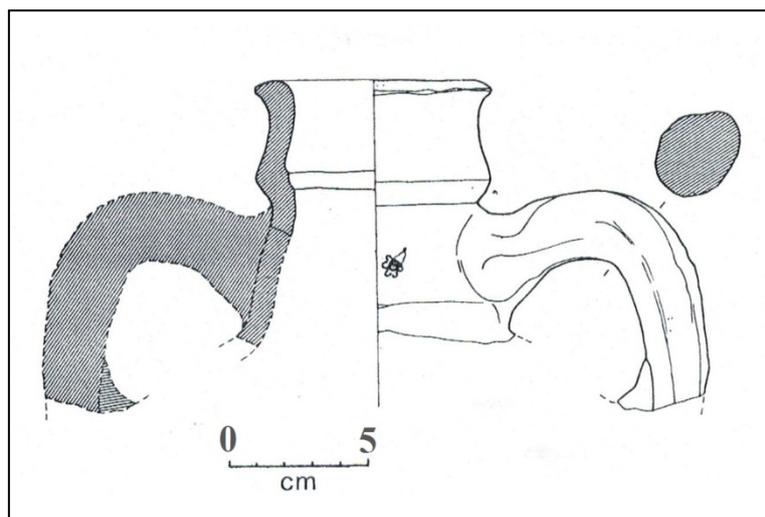


Fig.102 - Luni (La Spezia). Cathedral. Almagro 51B / Keay XIXB. (Lusuardi Siena 1987, figure 7 pag. 296).

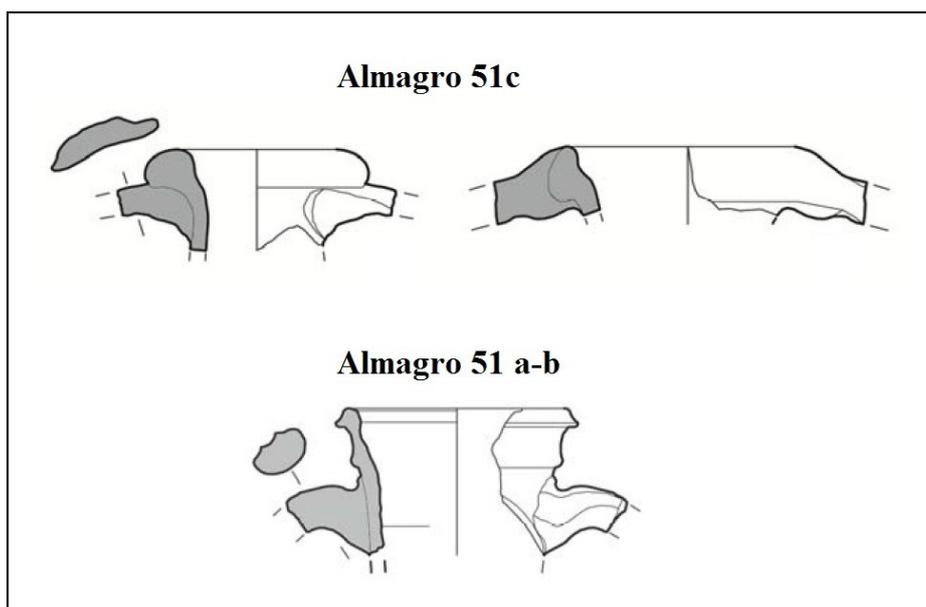


Fig.103 - Ânforas Almagro 51c e 51a-b recuperadas da Piazza del Duomo (Pisa). (Costantini, 2014, fig.1,16-17 e fig.2,1)

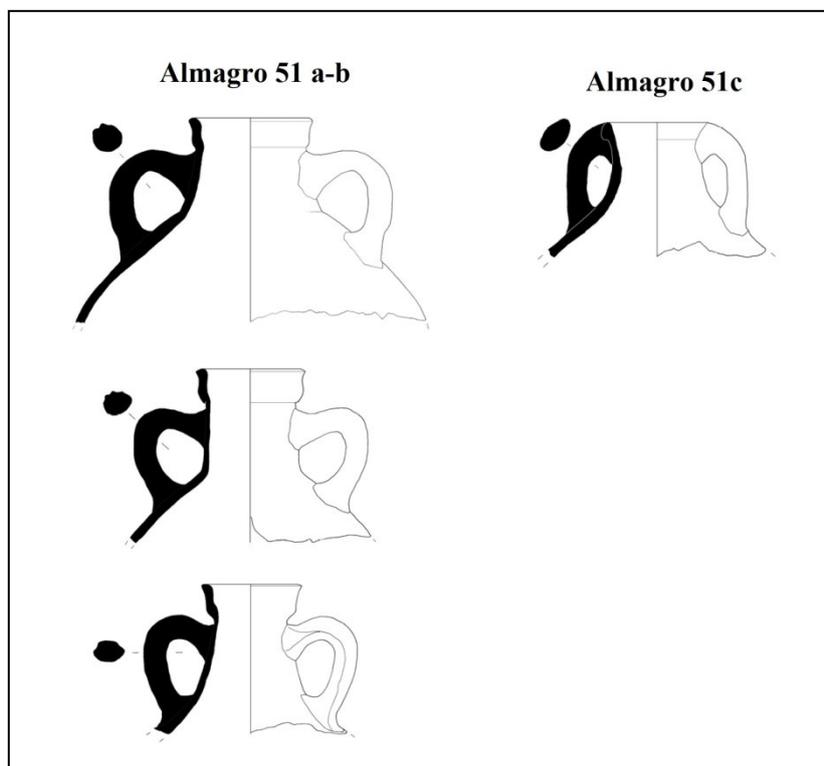


Fig.104 Ânforas Almagro 51 a-b e 51c recuperadas na área de necrópole de Via Marche (Pisa) (Costantini, 2010, fig.3.3-3.6)

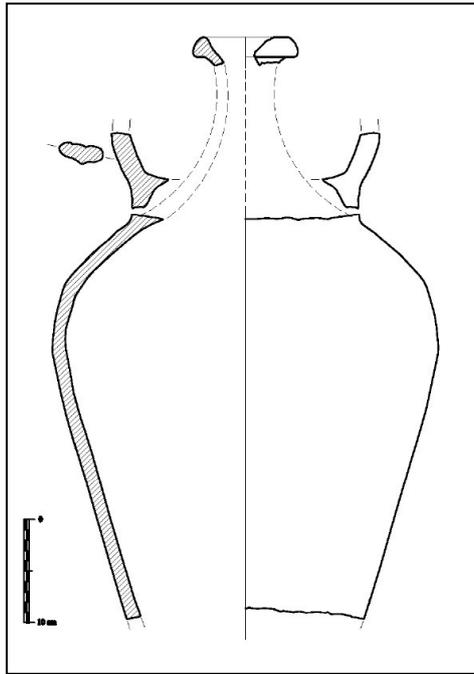


Fig.105- ânfora Almagro 51c recuperada na *villa* de Aiano-Torraccia di Chiusi (San Gimignano, Siena)  
(Cavaliere *et al.*, 2014, Tab.II, fig.13)



Fig.106 - Possível ânfora Almagro 51 a-b, recuperada de Grottini (Santa Severa). 65cm de altura.  
(Gianfrotta, 1982, 21, fig.26)

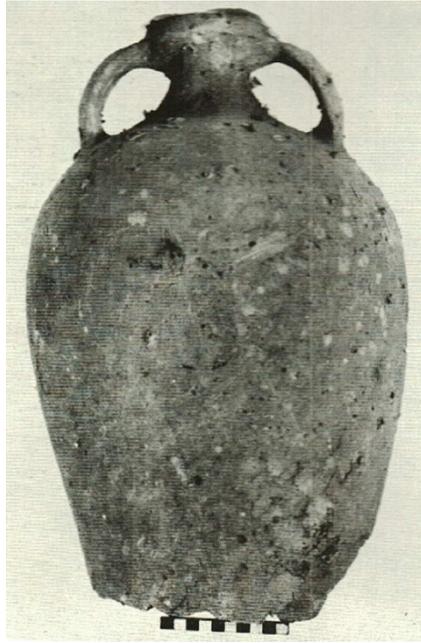


Fig.107 - Ânfora Almagro 51c, recuperada em Civitavecchia (Gianfrotta, 1982, fig.45)



Fig.108 – Ânfora Dressel 14 *horreum* do Nuovo Mercato Testaccio – “muros de ânforas”. (Foto: Sónia Bombico)

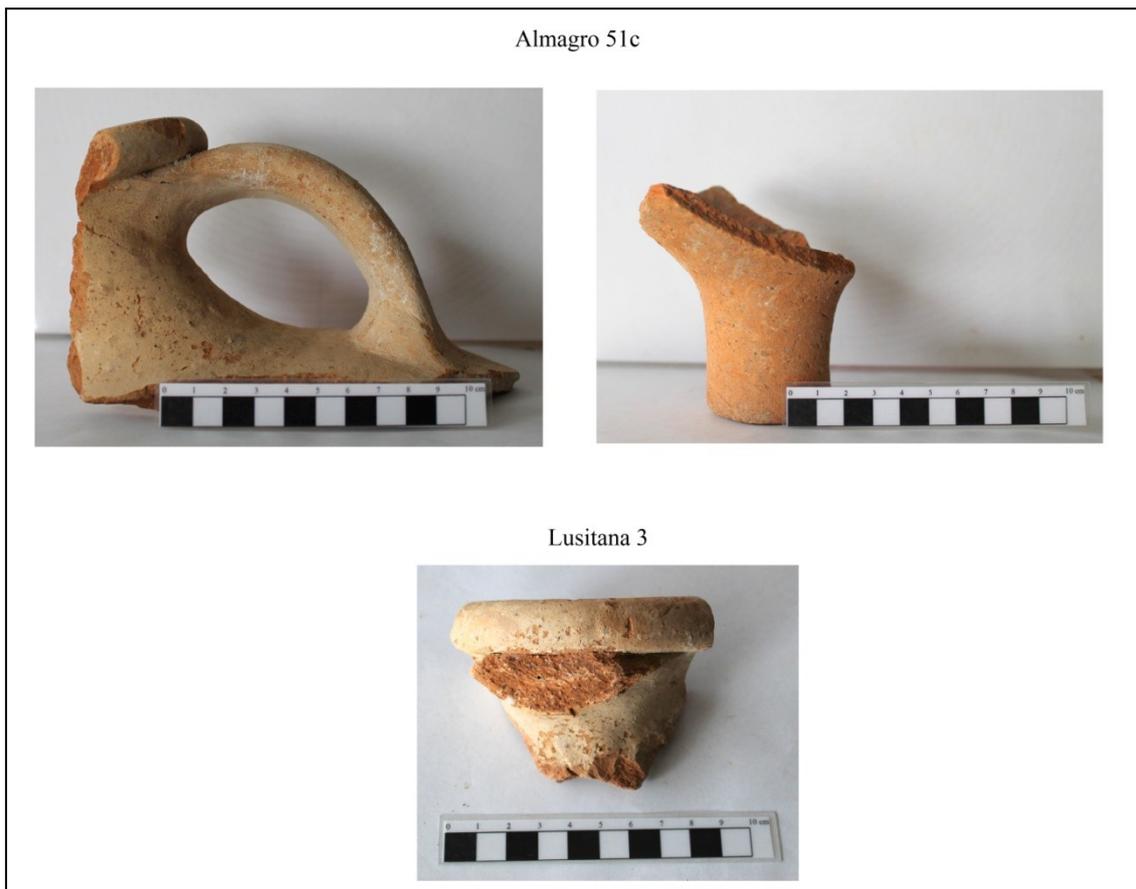


Fig.109 – Ânfora Dressel 14 *horreum* do Nuovo Mercato Testaccio. (Fotos: Sónia Bombico)

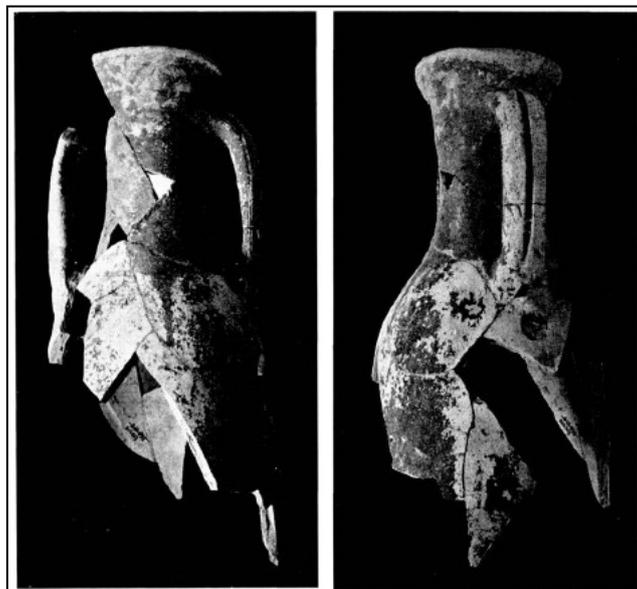


Fig.110 – Dressel 14 de Ostia – Terme del Nuotatore, Ambiente XXVIII, Estrato IV3 (Época Flávia).  
Escala 1:5 (Panella, 1972, 74, fig.3.8)

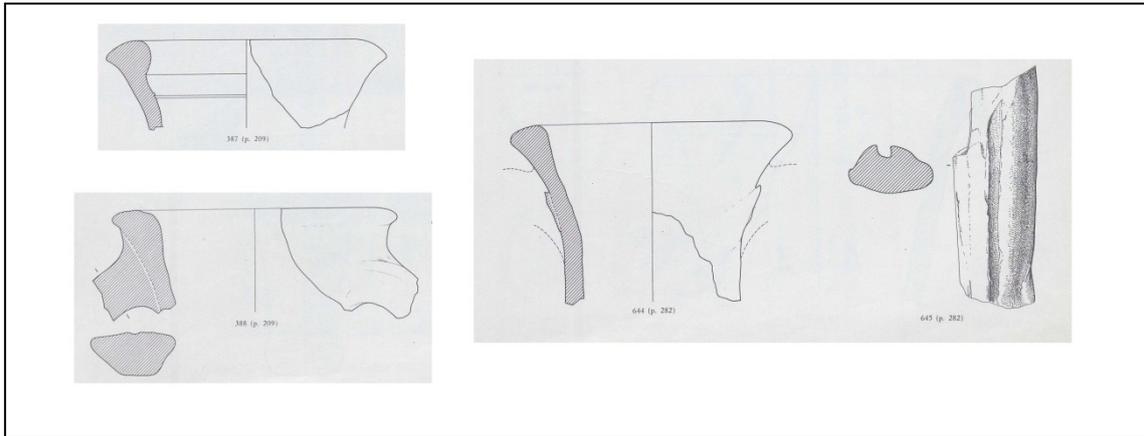


Fig.111 – Dressel 14 (provavelmente de origem lusitana) de Ostia. (Carandini e Panella, 1973, Fig.644 e 645 – Tavola LXX; Fig.387 e 388 – Tavola XLVIII).

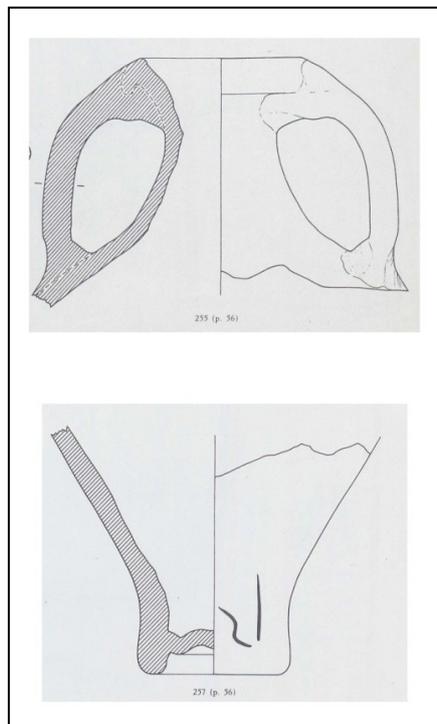


Fig.112 – Ânforas Almagro 51c (de provável produção lusitana) de Ostia. (Carandini e Panella, 1977, Fig.255 - Tavola XXXIV e Fig.257 – Tavola XXXV).

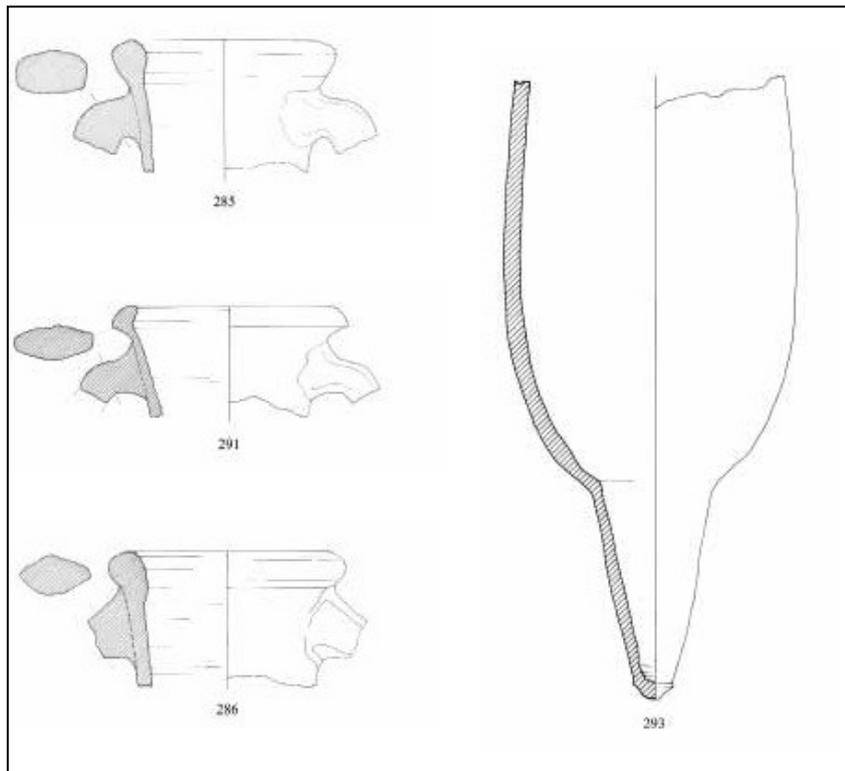


Fig.113 – Dressel 14 (Rizzo, 2014. Peça 285 – Tavola 36, Peça 286 e 291 – Tavola 37, Peça 293 – Tavola 38).

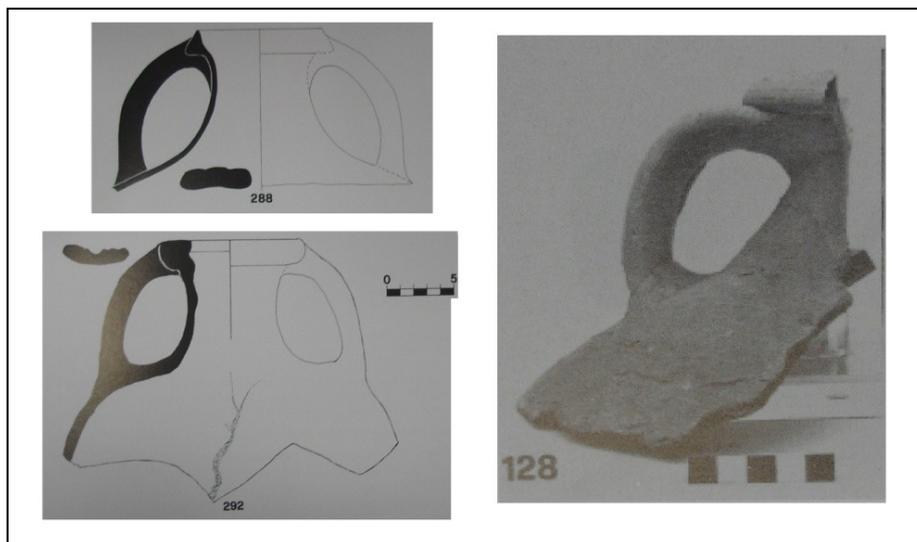


Fig.114 - Exemplos de Almagro 51c de San Stefano Rotondo – Roma. (Caronna, 2009)

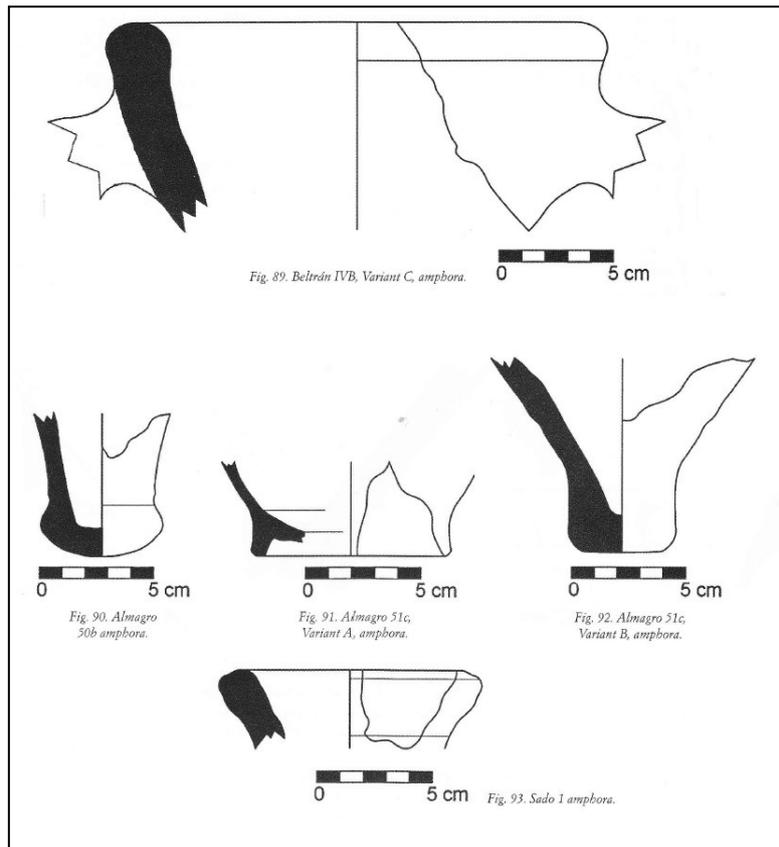


Fig.115 - Exemplares de ânforas lusitanas de San Stefano Rotondo – Roma. (Martín *et al.*, 2008)

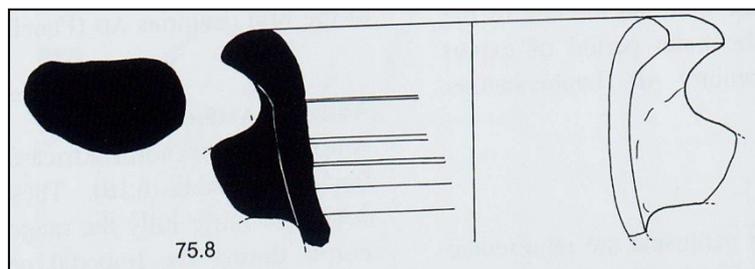


Fig. 116 – Dressel 14 lusitana proveniente da prospecção em *Portus* (Mele, 2005, 226, fig.6.75 75.8)

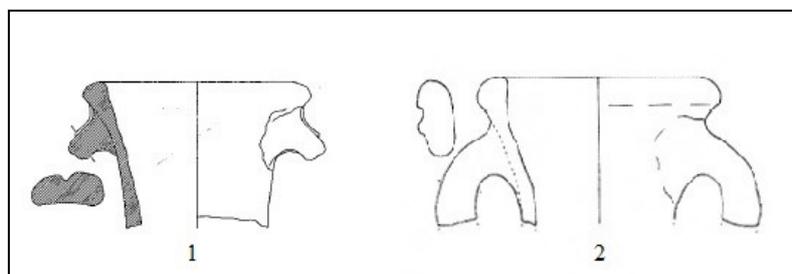


Fig.117 - Dressel 14 de contextos urbanos de Roma. 1: Via Barberini n°189 (Rizzo, 2003, 191, tavola XXXVII), 2: Via Sacchi (Ferrandes, 2008, 279, fig.9).

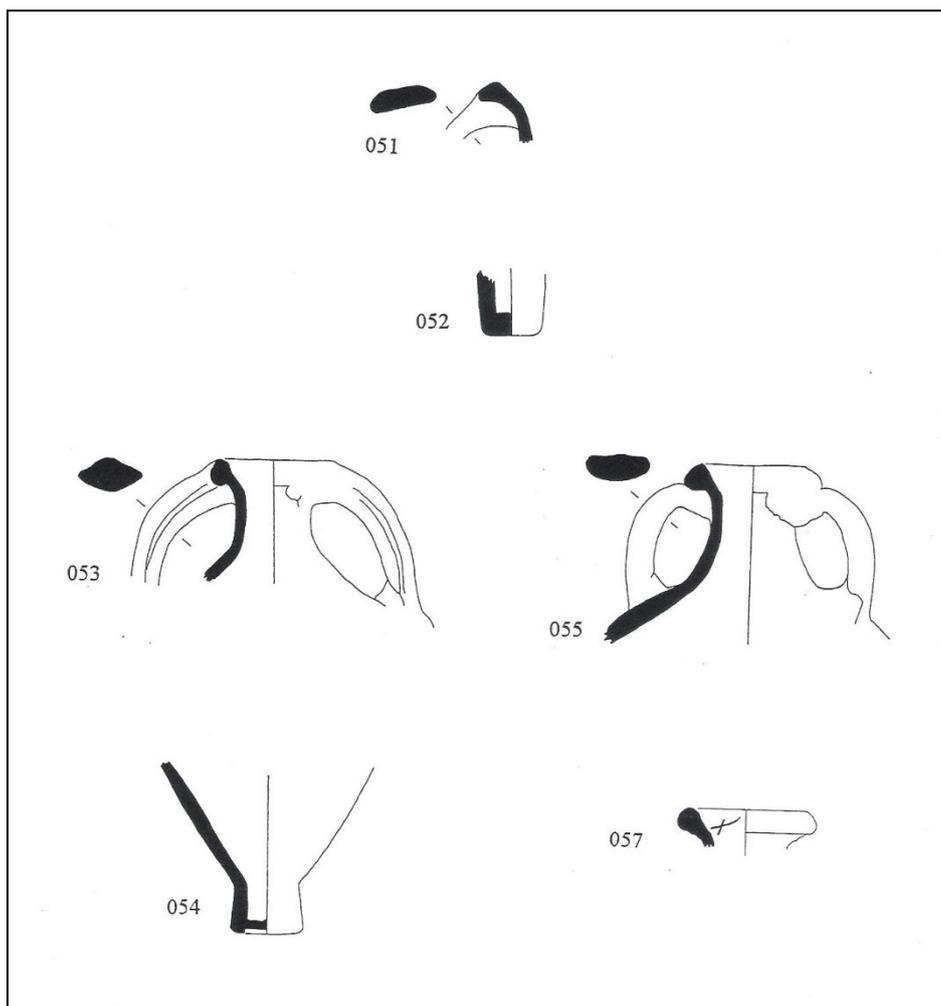


Fig. 118 – Ânforas Almagro 51c do Palatino (Roma). Peña, 1999, 94, fig.20)

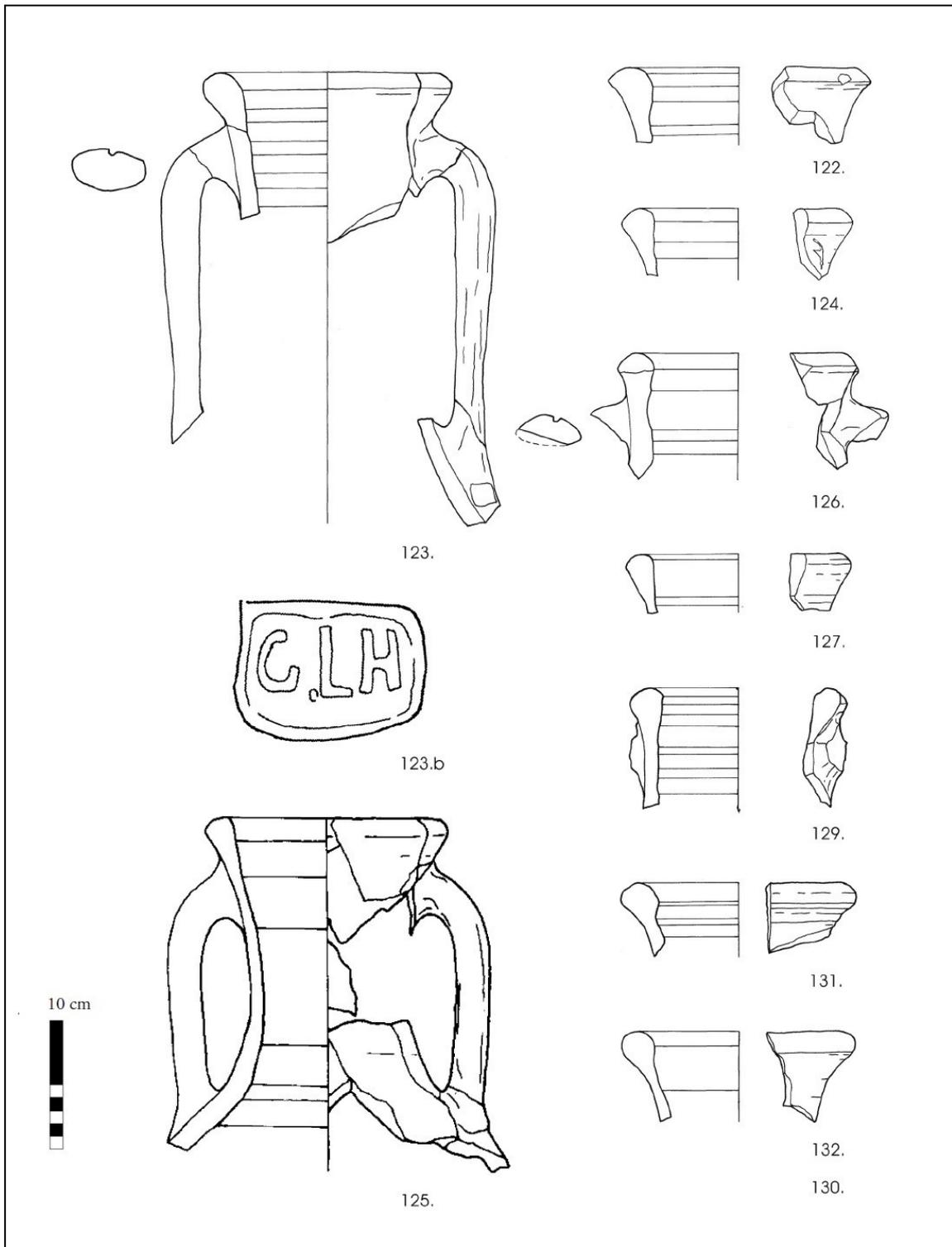


Fig.119 – Dressel 14 lusitanas provenientes da *villa* de San Potito. (Hárshegyi, 2007, fig.10)

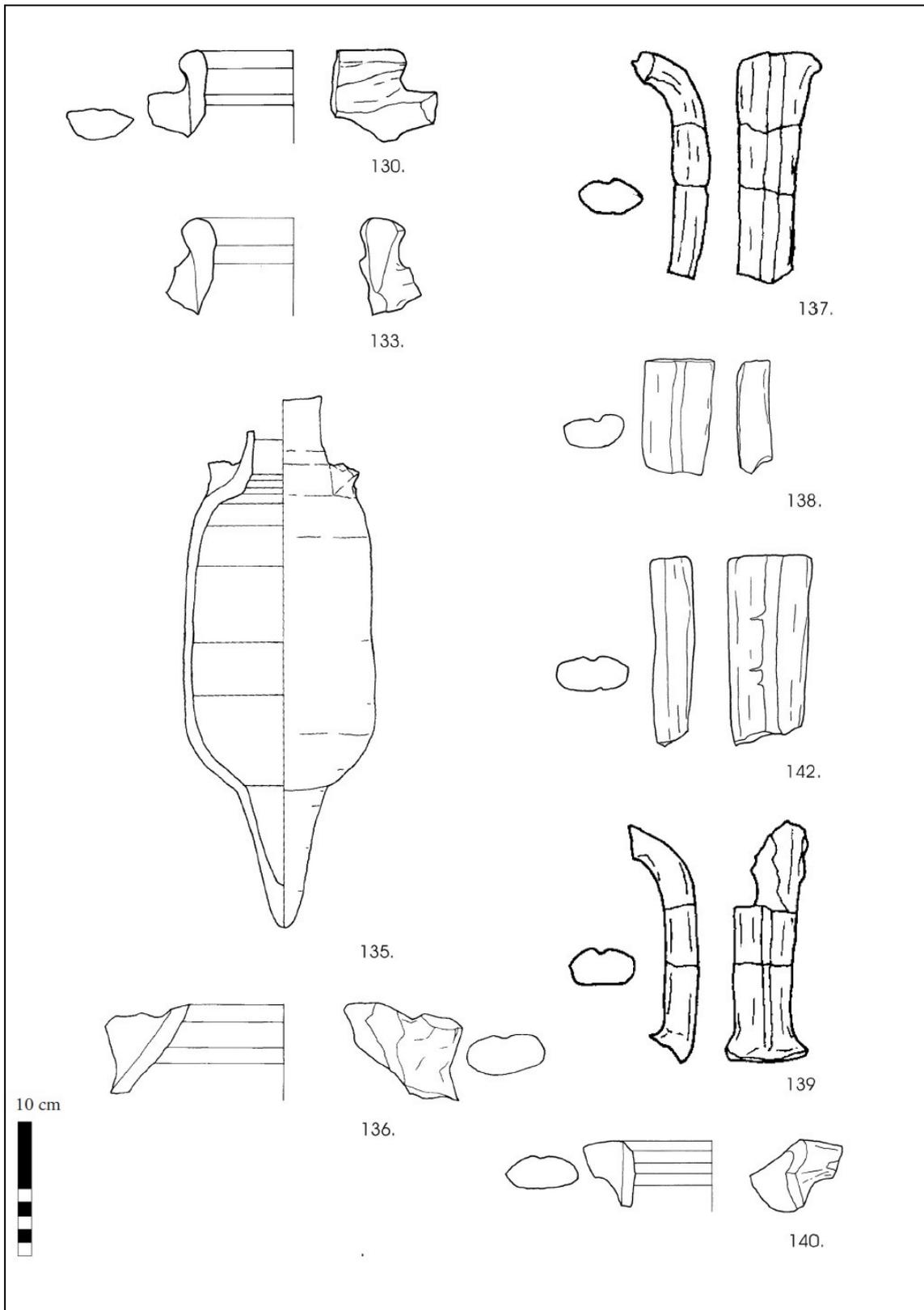


Fig.120 – Dressel 14 lusitanas provenientes da *villa* de San Potito. (Hárshegyi, 2007, fig.11)

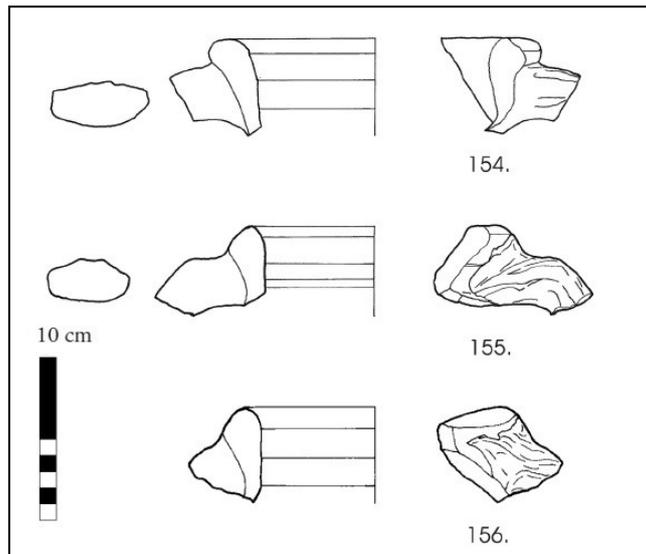


Fig.121 – Almagro 50 provenientes da *villa* de San Potito. (Hárshegyi, 2007, fig.13).

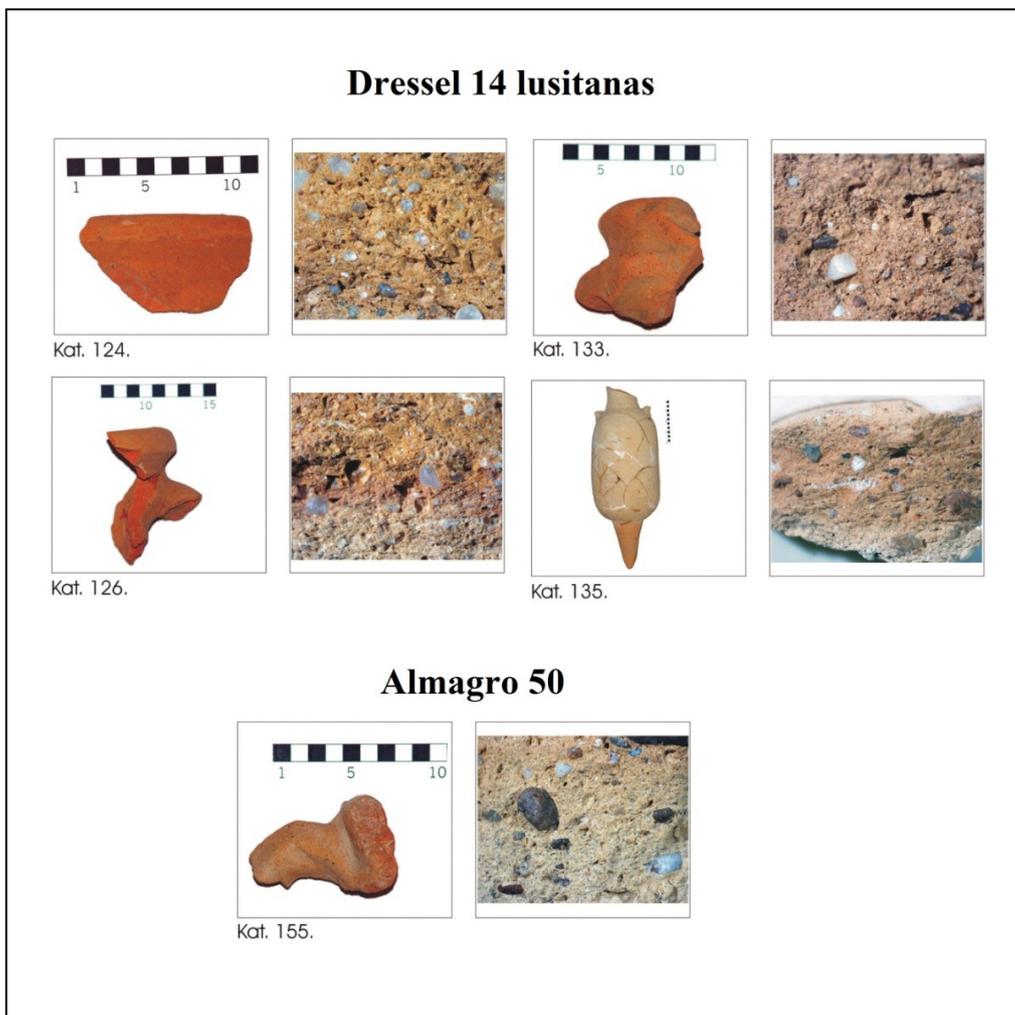


Fig.122 – Amostras macroscópicas das ânforas de produção lusitana da *villa* de San Potito. (Hárshegyi, 2007)

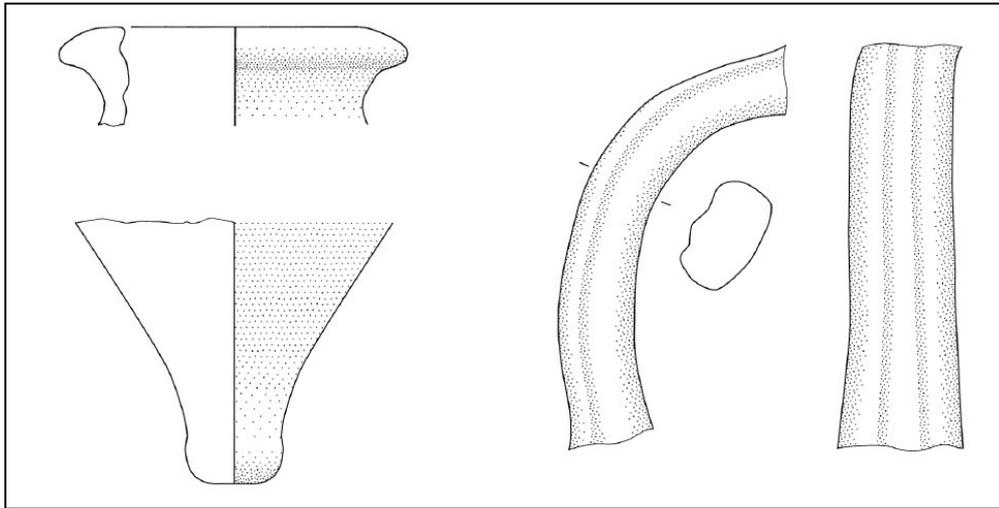


Fig.123- Fragmentos de provável Almagro 51c da Coleção Liboni (Museu de Nettuno) (De Haas, Attema e Pape, 2007/2008, fig. 51)

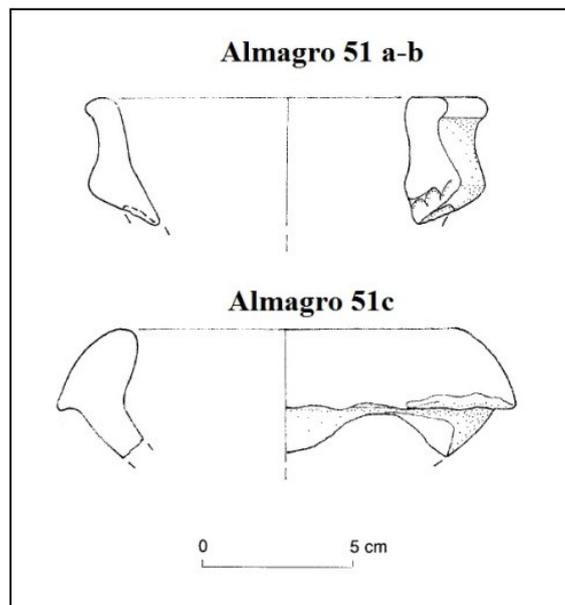


Fig.124 – Ânforas de tipo lusitano recuperadas em Corte Vanina (Concordia sulla Secchia – Modena) (Corti e Tarpini, 2001, fig.4.31 e 4.32)

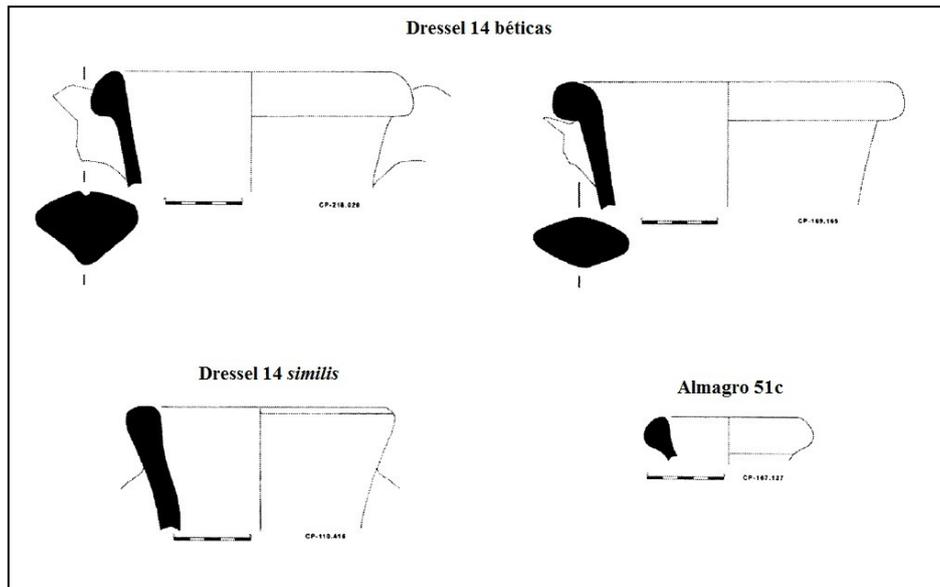


Fig.125- Ânforas da *villa* de Plínio-o-Jovem “in Tuscia” (Molina Vidal, 2009, Tav. VIII e IX)

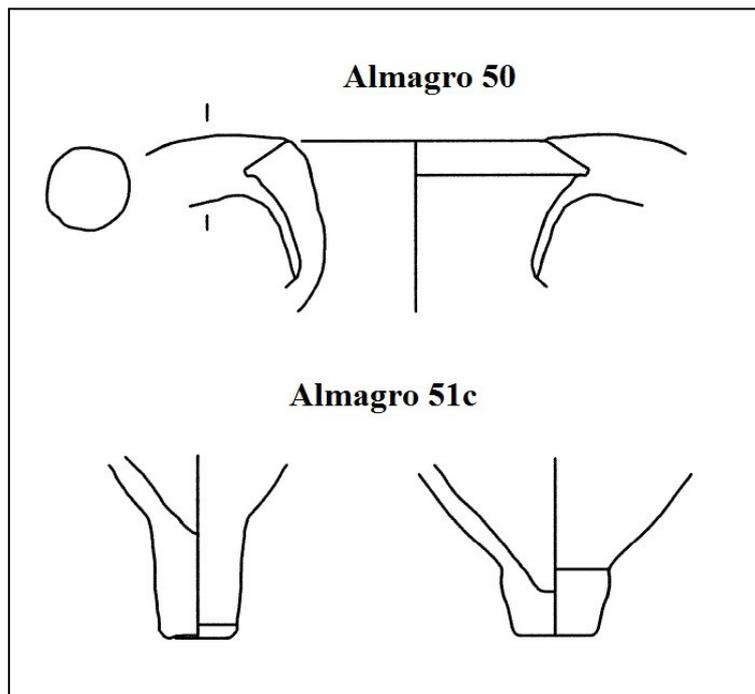


Fig. 126 - Ânforas de “tipo lusitano” dos estratos do séc. IV da Piazza Municipio (Nápoles) (Carsana e Del Vecchio, 2010, fig. 4.12, 4.13-14)

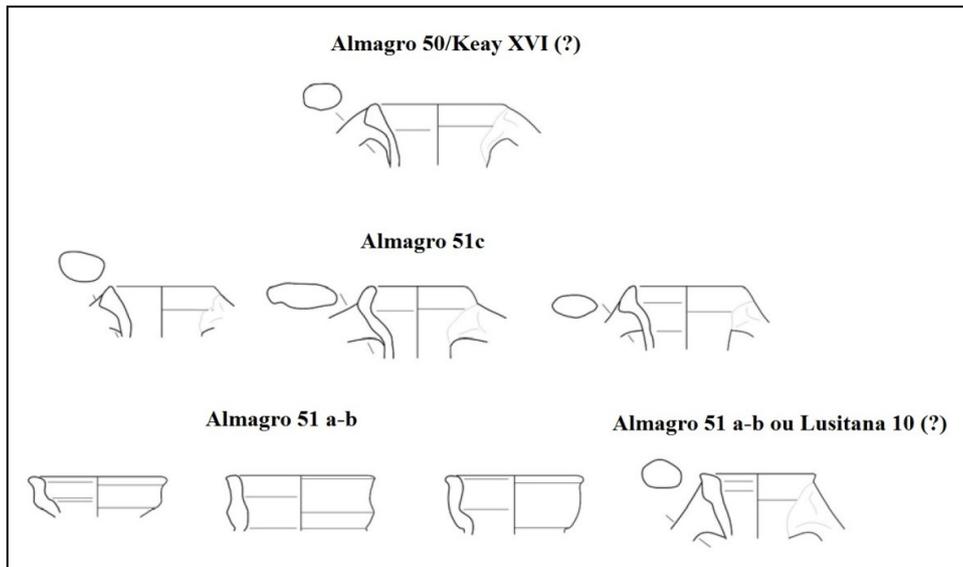


Fig.127- Ânforas de “tipo lusitano” do Teatro de Neapolis. (Cavallo *et al.*, 2010, fig.57)

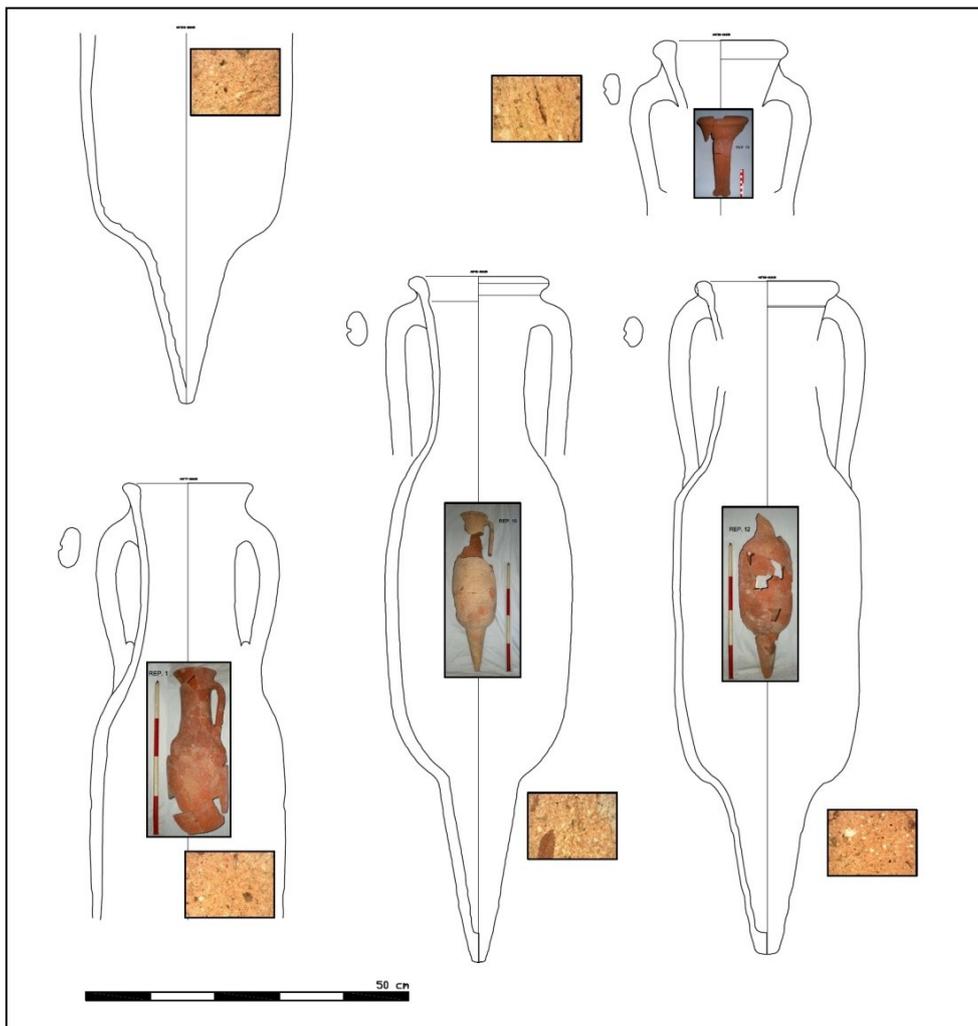


Fig.128 – Ânforas Dressel 14 de Cuma (Fotos e desenhos de Pasquale Valle)

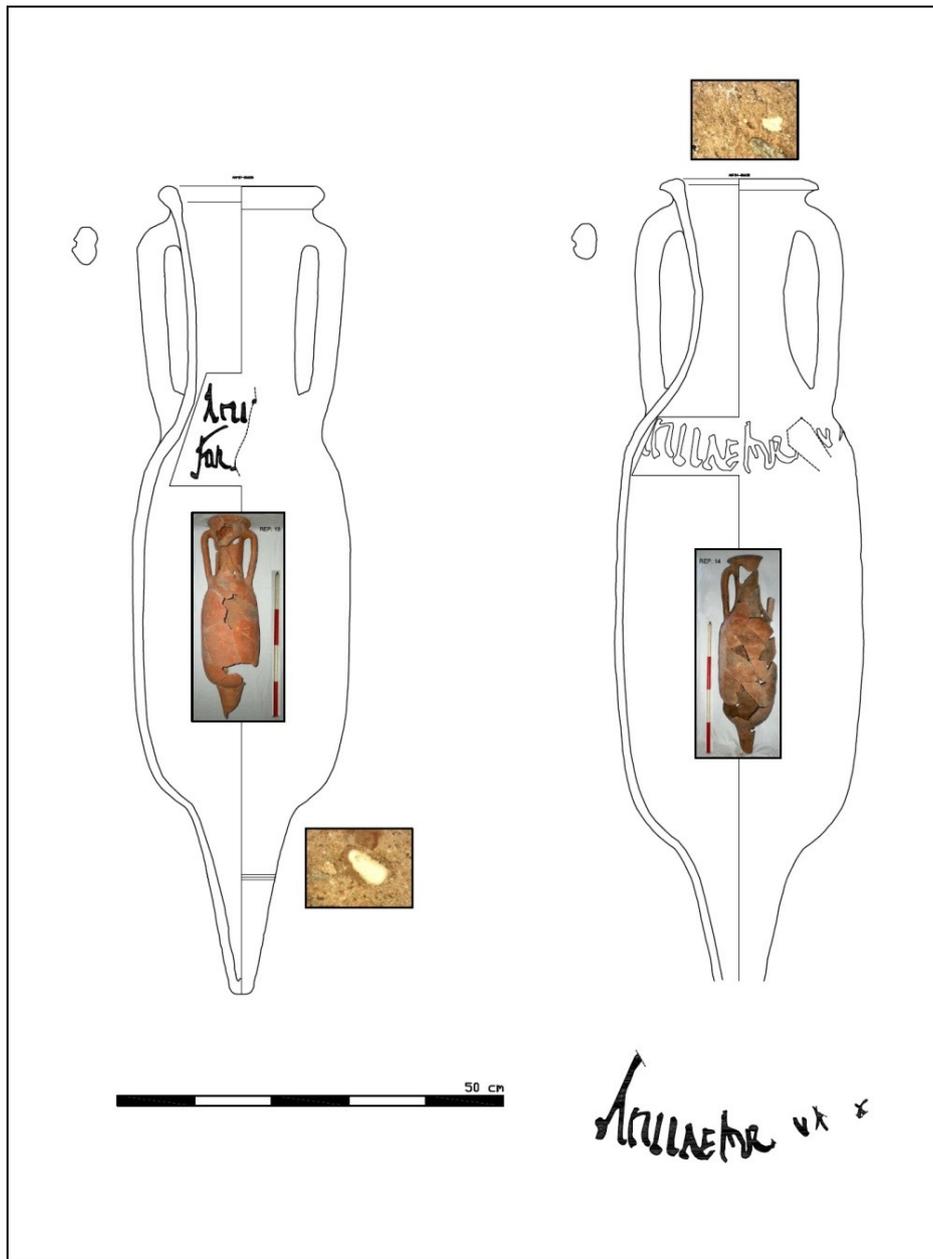


Fig.129 – Ânforas Dressel 14 com *tituli picti* de Cuma (Fotos e desenhos de Pasquale Valle)



Fig.130 - Dressel 14 lusitana – Depósitos de Pompeia (Foto de: Bartolomé Mora, gentilmente cedida por Carlos Fabião)

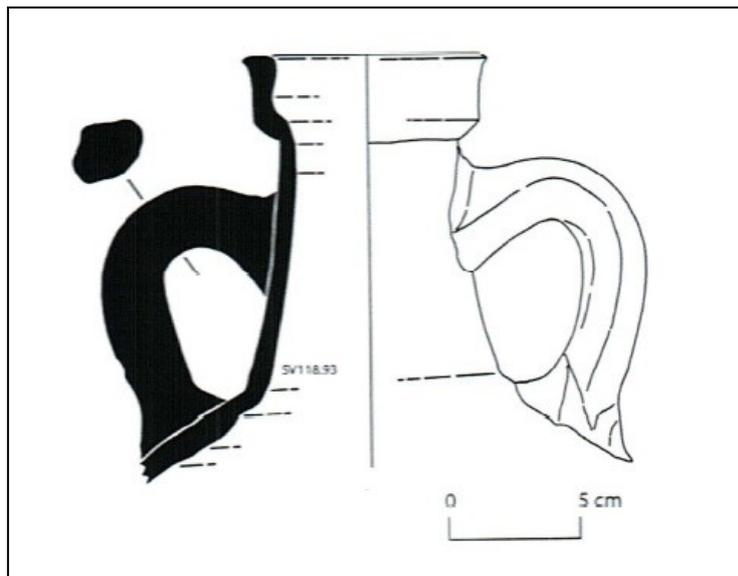


Fig.131 – Almagro 51 a-b de sitio arqueológico da Somma Vesuviana (Aoyagi, Mukai e Sugiyama, 2007,fig.3.8)

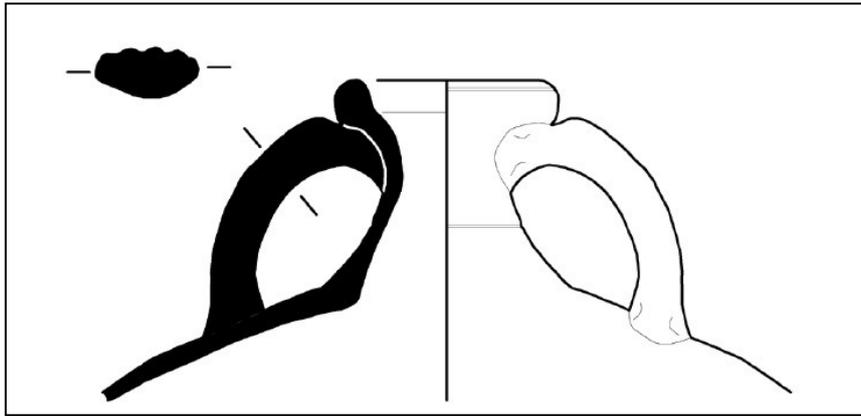


Fig.132 – Ânfora Almagro 51c lusitana recuperada em Pozzuoli (Rione Terra). Escala 1:5 (De Felippo, 2014, fig.4.29)

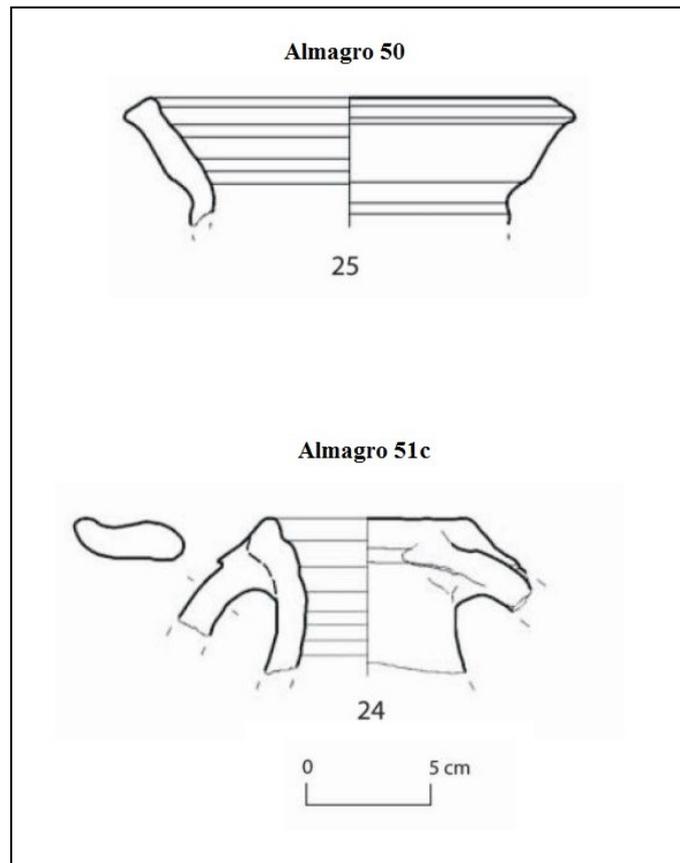


Fig.133- Ânforas de tipo lusitano de sítios arqueológicos da Calábria. (Cuteri *et al.*, 2007, fig.6.25 e fig.8.24)

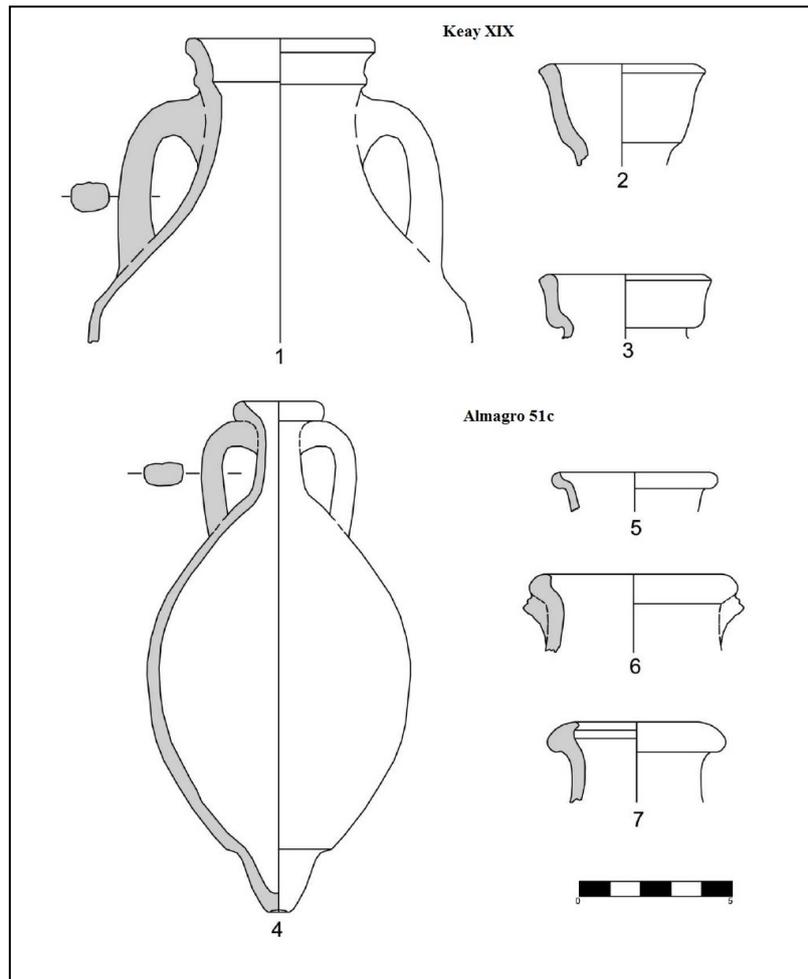


Fig.134 – Ânforas de tipo lusitano do território de Vibo Valentia (Calábria) (Cuteri *et al.*, 2014, fig.9)

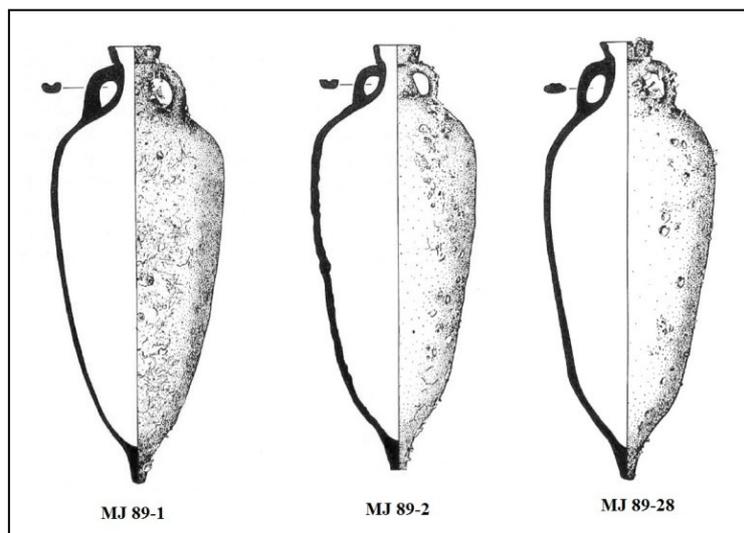


Fig.135 – Ânforas recuperadas no Skerki Bank (Skerki Bank Type I) enquadráveis no tipo Almagro 51 a-b. (Escala 1:10 e peça MJ 89-28 tem 77,5cm de altura) (Freed, 1994, fig.50 a-b e fig.53a)

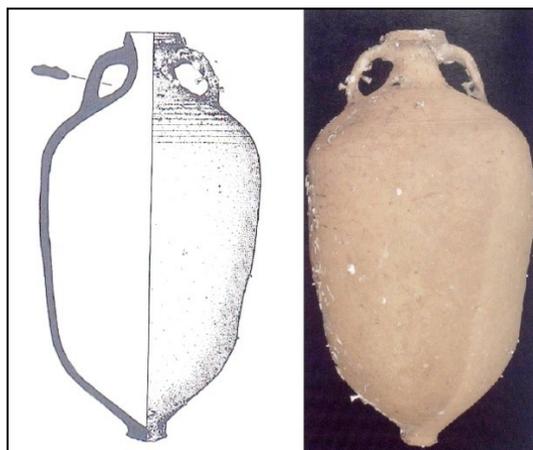


Fig.136 – Ânfora recuperada no Skerki Bank (Skerki Bank Type III) enquadrável no tipo Almagro 51C. (Freed, 1994, fig.58 c – peça MJ 89-35 com 71,8cm de altura)

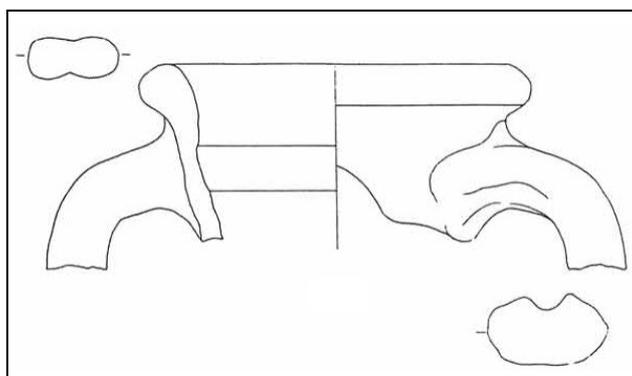


Fig.137- Ânfora Dressel 14 de *Herdonia*. (De Stefano, 2008, Tavola XXIII, Fig,16)



Fig.138 – Dressel 14 de *Elaiussa Sebaste* (Cilicia,actual Turquia) (Ferrazzoli, 2010,fig,21)

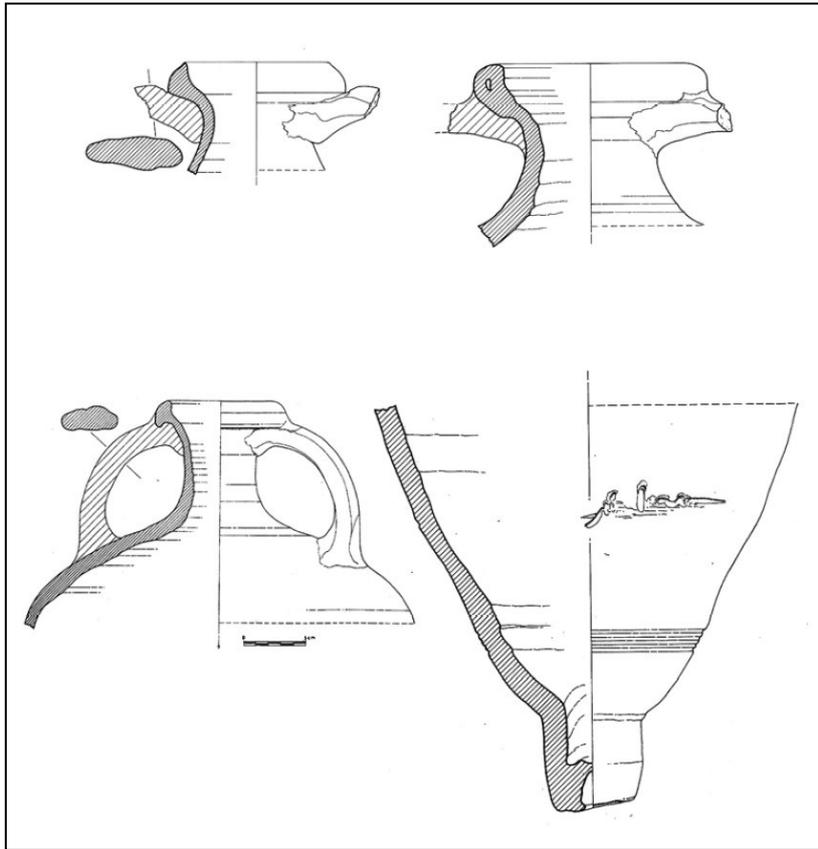
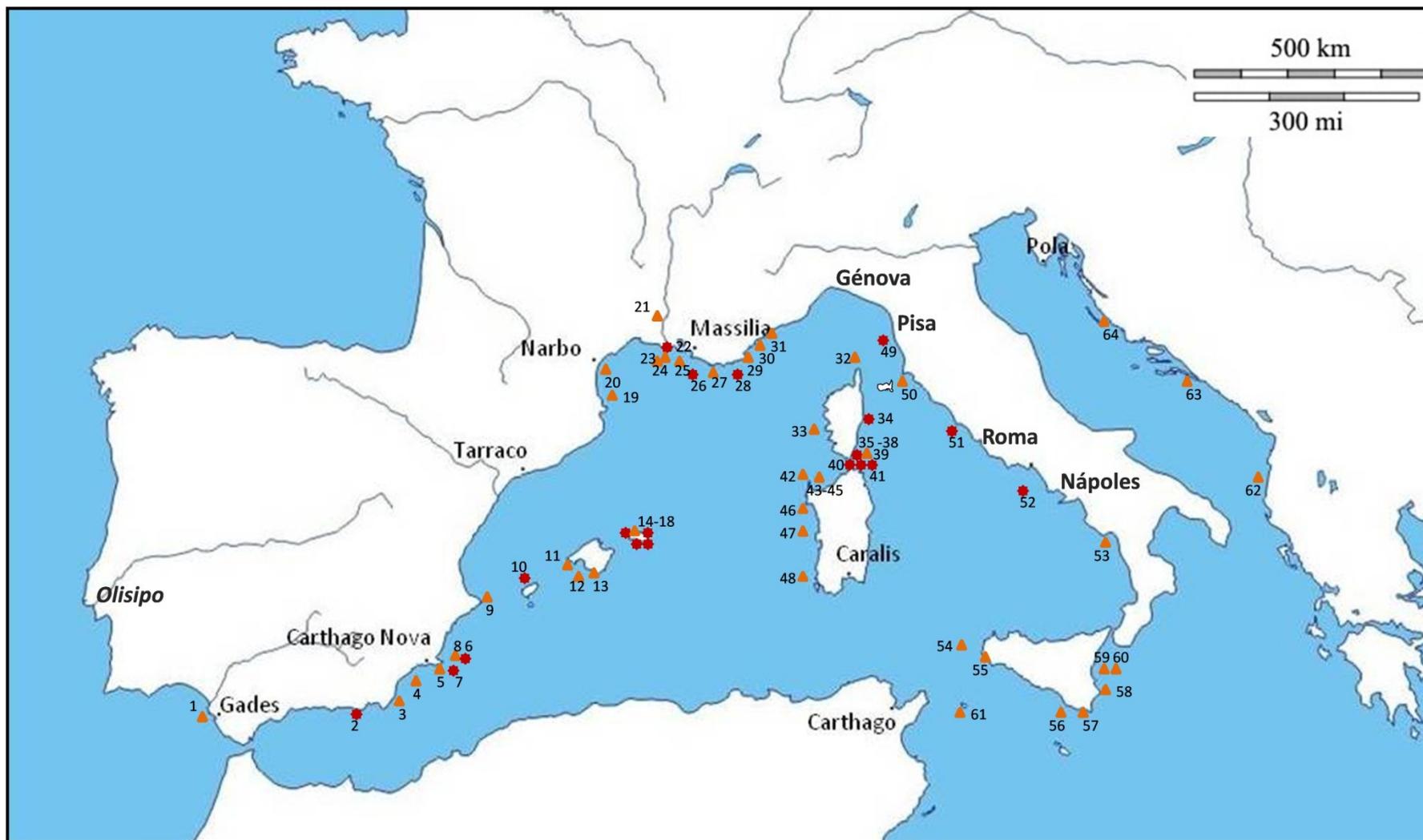


Fig.139 – Ânforas Almagro 51c de Gortina - Santuário de “*Theos Hypsistos*”. Escala 1:4 (Portale, 2010, Fig.4, 7-10)

## **ANEXO II – Fichas de Sítio de Naufrágio**



**Sítios de naufrágio com ânforas “de tipo lusitano”**

● **I-II d.C.:** 2 –Gandolfo A; 6-Escombreras 4; 7-Bajo de la Campana 3; 10- San Antonio Abad/Grum de sal; 14- Porto de Mahón; 15- Quarta A Gregal; 16- Illa de L’Aire; 17- Es Maressos de Cavalleria; 22-Saint-Gervais 3; 26-Tiboulén-de-Maire; 28-Cap Bénat 1; 34-Aléria I; 35-Lavezzi 1; 36-La Balise des Lavezzi; 37-Lavezzi 3; 38-Lavezzi 4; 40-Sud-Lavezzi 3; 41-Punta Sardegna A; 49 – Ardenza A; 51-Macchia Tonda; 52-Ventotene, Sítio 1.

▲ **III-V d.C.:** 1 - Sancti Petri - Lavaculos; 3-Cabo de Gata; 4-Playa de Poniente 1; 5-Puerto de Cartagena - Yacimiento 2; 8-Escolletes 1; 9-Denia; 11-Cap Blanc; 12-Cabrera I; 13-Cabrera III; 18- Porto de Sanitja; 19-Port-Vendres I; 20-Mateille A; 21-Arles-Rhône 7; 23-Planier; 24-Catalans; 25-Pommègues; 27-Ouest-Embiez 1; 29-Pampelonne; 30-Chrétienne D; 31-Dramont F; 32-Punta Vecchia 1; 33-Porticcio A; 39-Sud-Lavezzi 1; 42-Cala Reale A; 43-Daedalus 2; 44- Daedalus 3; 45- Daedalus 6; 46-Lazzaretto; 47-Mandriola A; 48- Fontanamare A/Gonnesa Sito A; 50-Punta Ala A; 53-Maratea C; 54-Levanzo 1; 55-Marausa; 56-Femina Morta; 57-Randello; 58- Marzameni F; 59-Capo Ognina Sud-1; 60-Capo Ognina Sud-8; 61-Scauri; 62- Gušteranski; 63-Sobra; 64- Dyrrachium 3.

<b>Designação</b>	<b>Sancti Petri – Lavaculos</b>	<b>1</b>
<b>Tipo de Sítio</b>	Possível naufrágio	<b>Cronologia</b> Segunda metade do século IV – Inícios do V d.C.
<b>Localização</b>	Baía de Cádiz – Interior do Caño de Sancti Petri (em frente à Playa de Lacaculos)	<b>País</b> Espanha
<b>Descrição e Trabalhos</b>	<p>A área de Sancti Petri foi prospectada intensivamente no âmbito do Projecto “Carta Arqueológica Subacuática de la Bahía de Cádiz”. No ano de 1994, a cerca de 10m de profundidade, foi recolhido algum material à superfície na área abrangida pela prospecção realizada em quatro quadrantes (NE, SE, SW e NW) em torno de dois eixos de 50m cada, instalados nos sentidos N-S e E-W. O bom estado de conservação das peças registadas indica que se trata de um contexto arqueológico preservado <i>in situ</i> e não de uma acumulação de restos cerâmicos produzida pelas correntes. A cronologia dos materiais anfóricos revelou a existência de grupos distintos: um romano dos séculos I-III d.C. (Dressel 20, Dressel 7-8, Beltrán IIA e IIB), outro dos séculos IV-V d.C. e um de época medieval. Características que, inicialmente, levaram os investigadores a interpretar o sítio como um provável fundeadouro. No entanto, a análise acurada dos materiais cerâmicos apontou para a acumulação de vários naufrágios de diferentes características e cronologias. Nos anos de 1998 e 1999, o Centro de Arqueología Subacuática de Andalucía (CASA) realizou visitas de inspecção do local, concluindo que o fundo é caracterizado por dunas móveis que mudam consoante a fisionomia da zona. Por essa ocasião foram identificadas 60 moedas de bronze. Trata-se de um tesouro monetário do século IV d.C., com moedas datáveis entre os anos de 337 e 395, o que leva a crer ter sido perdido durante um naufrágio, por exemplo. (López de La Orden <i>et al.</i>, 2001, 128)</p> <p>O núcleo de materiais associados entre si, pertencentes ao período entre os meados do século IV e a primeira metade do V, de entre os quais figuram maioritariamente ânforas dos tipos Almagro 50 e 51 com suas variantes, parece indicar-nos a existência de um naufrágio. Do local foram recuperados também contentores anfóricos Norte-Africanos e <i>Terra Sigillata</i> Clara, incluindo um prato da forma Hayes 67, cujos autores datam de entre 360-470 d.C. (Gallardo Abárzura <i>et al.</i> 1994, fig.5)</p> <p>A origem dos tipos Almagro 50 e 51 poderá ser lusitanas, ainda que os autores considerem igualmente a hipótese de se tratarem de peças produzidas no centro oleiro regional de Puerto Real. No entanto, da análise dos desenhos publicados (Gallardo Abárzura <i>et al.</i> 1994, 47, fig. 4) podemos diferenciar aquilo que parece ser a forma Sado 3, e as formas Keay XIX e Keay XXV, estas últimas provavelmente de origem Norte-Africana.</p> <p>Dario Bernal defende a existência de um naufrágio no local baseando-se em quatro factores: a existência de ânforas praticamente inteiras ou partes superiores; a repetição tipológica das mesmas formas, especialmente dos tipos Almagro 51c e Keay XIX, que</p>	

provavelmente constituiriam a parte maioritária do carregamento; a presença de cerâmica de mesa sincrónica, como a *Terra sigillata* clara africana; e a presença do tesouro monetário enquadrável também na mesma cronologia. O mesmo autor refere ainda a possível associação de exemplares de Dressel 23 e Keay V/Africana II africanas ao naufrágio. (Bernal Casasola, 2004, 46)

#### **Espólio**

Ânforas dos tipos Almagro 50 e 51c e 51 a-b, ou provavelmente do tipo Sado 3.

*Terra Sigillata* Clara (uma peça do tipo Hayes 67)

Possíveis ânforas dos tipos Dressel 23 e Keay V/Africana II

Tesouro monetário (337 – 395 d.C.)

Não nos foi possível observar nenhuma das peças provenientes deste naufrágio. Agradecemos todavia a informação pessoal fornecida por Carlos Alonso (CAS), Dario Bernal Casasola (Universidad de Cádiz) e Enrique García Vargas (Universidad de Sevilla) que estudaram a pré-classificaram as peças, e nos relataram as dificuldades e incertezas que ainda existem quanto à proveniência das ânforas e da necessidade futura de estudo do conjunto cerâmico, bem como da leitura e interpretação das análises de fabricos das almagro 51c realizados pelo CASA.

#### **Depósito**

Museo Arqueológico de Cádiz

#### **Bibliografia**

Gallardo Abárzuza *et al.*, 1994; Gallardo Abárzuza *et al.*, 1995; López de La Orden *et al.*, 2001; Bernal Casasola, 2004.

#### **Imagens**

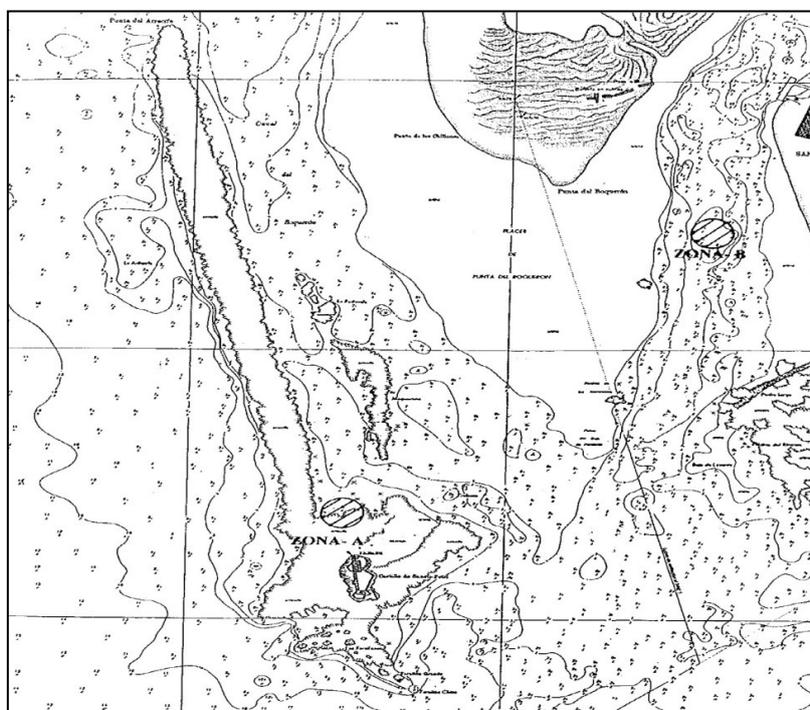


Fig. 1 – Localização da área de recolha dos materiais associados ao naufrágio baixo-imperial de Sancti Petri – Zona B (Gallardo Abárzuza *et al.* 1994, 45, fig. 1)

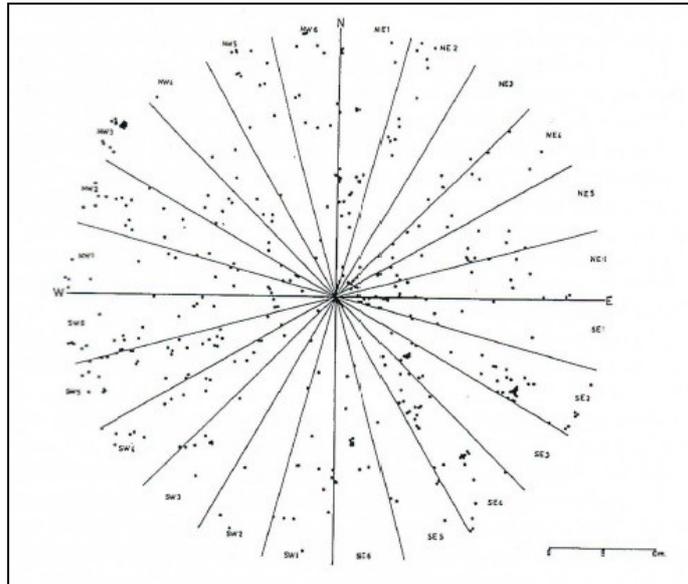


Fig. 2 – Zona B – Plano de dispersão de materiais (Gallardo Abárcura *et al.* 1994, 46, fig. 3)

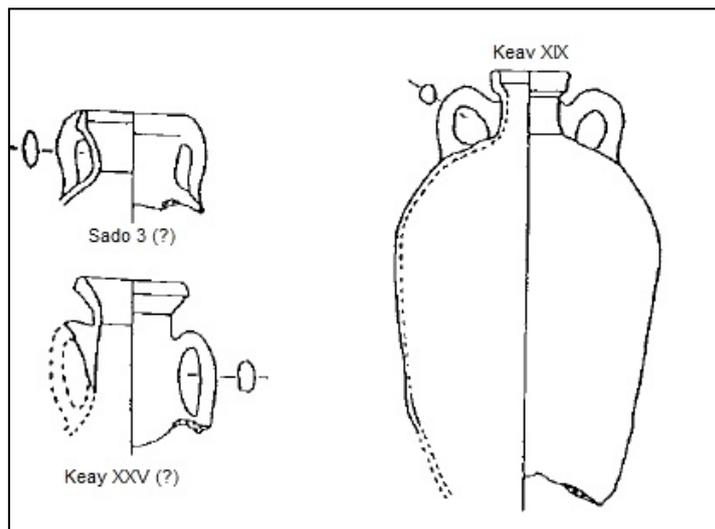


Fig. 3 – Ânforas baixo-imperiais de Sancti Petri (Gallardo Abárcura *et al.* 1994, 47, fig. 4)

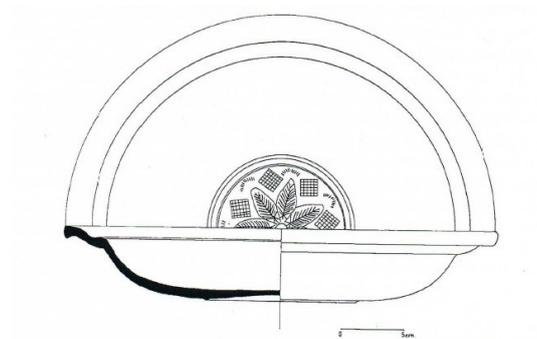


Fig. 4 – Sigillata Clara - Hayes 67 (Gallardo Abárcura *et al.* 1994, 47, fig.5)



Fig. 5 – Algumas moedas do tesouro associado ao naufrágio baixo-imperial de Sancti Petri. (López de la Orden *et al.*, 2001, 131)

<b>Designação</b>	<b>Gandolfo A</b>	Parker 435	<b>2</b>
<b>Tipo de Sítio</b>	Naufrágio	<b>Cronologia</b>	
		Segunda metade do século I e inícios do II d.C.	
<b>Localização</b>	Punta Entinas – Almeria	<b>País</b>	
		Espanha	
<b>Descrição e Trabalhos</b>	<p>Nos anos 50 do século XX, Antonio Gandolfo recuperou, a oeste do golfo de Almeria, numa área de promontórios (Punta Sabinar e Punta Entinas) balizados por faróis, um conjunto de ânforas a uma profundidade entre os 3 e os 10 metros. Esses exemplares foram entregues a Ricardo Pascual Guash que iniciou o estudo do sítio, nos anos 60. (Pascual Guasch, 1960 e 1968) (Fig.1)</p> <p>Nos anos de 1987 e 1988 foram realizadas prospecções e sondagens no local do naufrágio, no âmbito da Carta Arqueológica Subacuática da Costa de Almeria; com o objectivo de delimitar a área do naufrágio e avaliar o seu estado de conservação. Desses trabalhos resultou a recuperação de algum espólio, não só anfórico, mas também fragmentos de madeira da estrutura da embarcação. (Roldán Gómez, 1992, 181; Blánquez <i>et al.</i>, 1997) Incluindo uma peça de madeira decorada. (Fig.8)</p> <p>Do sítio de Gandolfo, datável entre a segunda metade do século I e os inícios do II d.C., foram recuperadas ânforas das formas Beltrán IIA, Dressel 17 (um único exemplar) e Dressel 14, assim como numerosos <i>opercula</i>. (Pascual Guasch, 1960 e 1968; Blánquez <i>et al.</i>, 1997; Martínez Maganto, 2005). A origem das Dressel 14 não será lusitana, segundo a bibliografia mais recente. (Blánquez <i>et al.</i>, 1997, 198; Martínez Maganto, 2005) O sítio aparenta ter sido alvo de expolição prolongada.</p> <p>O naufrágio de Gandolfo é um dos mais famosos da costa espanhola, principalmente por albergar a melhor colecção de <i>tituli picti</i> sobre ânforas de preparados de peixe da Bética. Conhecem-se um total de 25 <i>tituli picti</i>, dois sobre Beltrán IIA, 16 sobre Dressel 14 e 6 sobre fragmentos impossíveis de atribuir a qualquer uma das formas. O seu estudo revelou alguns dados importantes. (Liou e Rodriguez Almeida, 2000) Destacamos a identificação dos seguintes <i>tituli</i>, nos exemplares de Dressel 14:</p> <p>- SAXITANI VET Saxitani uet(eres)/ EXCEL excel(lentes)/A III A uel A IIII A (annorum trium uel quattuor)/ M. VALERI EVPLI M(arci) Valeri Eupli/MI uel MV palma (Fig.2)</p> <p>O que atribui com alguma probabilidade a origem desta ânfora a Sexi, actual Almuñécar (província de Granada), localizada a 75km a este de Málaga e a 100km do local do naufrágio de Gandolfo. Cujas salgas de peixe são referidas por Estrabão na <i>Geographia</i>, que se referem a um tipo de peixe preciso, ao qual se aplica o termo saxitanus, conforme refere Plínio (N.H., 32, 146): <i>colias siue Parianus, siue Sexitanus a patria Baetica</i>.</p> <p>Existe, no entanto, alguma incerteza quanto à identificação da espécie piscícola a que se refere o <i>colias Sexitanus</i>; e que Saint-Denis, no seu comentário à obra de Plínio</p>		

considera como uma espécie de atum, maior que uma cavala. (Liou e Rodriguez Almeida, 2000, 14-16)

- LIQ (VAMINIS) FLOS (Fig.3) Dois exemplares incluem esta inscrição (Liou e Rodriguez Almeida, 2000,16)

-[G(ARI) F(LOS)]/SCOMB(RI)/ EXCEL(LENS)/ M(ARCI) MEMMI AGATHE[MERI]/ MI uel MV palma?

-[G(ARI) F(LOS)] ou [LIQ(VAMINIS) FLOS]/[SCOMB(RI)]/ EXCEL(LENS)/ Q(VINTI) OCTAVI AGATHEMERI

-[C(AI)] CLODI ALEXA[NDRI] / RIL

-C(AI) CLODI A[LEXANDRI]/ RIL (?)

Um dos *tituli picti*, presentes numa ânfora do tipo Beltrán IIA inclui indicações relativas a COD, abreviação de *cordula*, termo para designar o atum jovem, com provável origem em Lixus, a importante cidade produtora de salgas de peixe da *Mauritania Tingitana*: COD PORT LIX VET Co(r)d(ula) Port(uensis) Lix(itana) uet(us)/ EXCEL excel(lens)/ SVMVVR summfarum?)/A III A (annorum trium) (Liou e Rodriguez Almeida, 2000,12-13)

A epigrafia permite, assim identificar a existência de salgas de diferentes espécies piscícolas: atum jovem nos exemplares de Beltrán IIA e o *colias Saxitanus* nas Dressel 14, cujos estudiosos hesitam atribuir à cavala ou a uma espécie de atum pequeno. Nas Dressel 14 está também atestado o transporte de molhos de peixe, *liquamen* e *garum* de *scombri* (cavala). Outra conclusão importante é a da identificação de pelo menos três *mercatores* diferentes que terão embarcado as suas mercadorias na mesma embarcação: *Marcus Valerius Euplus*, *Marcus Memmius Agathemerus* e *Caius Clodius Alexander*. (Liou e Rodriguez Almeida, 2000, 24-25)

## Espólio

Total de 113 peças: 27 Beltrán II A; 66 Dressel 14, uma Dressel 17 e 19 *opercula*. (Liou e Rodriguez Almeida, 2000, 10)

No Museu de Almeria conservam-se, também: pregos de cobre, chumbo do revestimento da embarcação e outros objectos em cobre.

Espólio Revisto: Não nos foi possível observar o espólio. No entanto as fichas individuais do espólio recuperado estão disponíveis online na Base de Dados CERES (Colecciones en Red) <http://ceres.mcu.es/>

A análise da documentação gráfica publicada e das fotos, presentes nas fichas da base de dados CERES, não excluem segundo a nossa perspectiva a possibilidade de existência de exemplares lusitanos no sítio de Gandolfo, ainda que aparentemente bastante minoritários. Ao nível dos *opercula*, as fotos deixam compreender a existência de pastas distintas, e a existência de pelo menos 1 tampa com características visuais enquadráveis nas pastas lusitanas do Tejo/Sado. (Fig.6c) Não será assim, no nosso entender, de excluir totalmente a possível existência de ânforas do tipo Dressel 14 lusitanas no naufrágio de Gandolfo.

**Depósito**

Museo de Almería e Museo Nacional de Arqueología Subacuática.

**Bibliografia**

Pascual Guasch, 1960 e 1968; Roldán Gómez, 1992 e 1993; Blánquez *et al.*, 1997; Liou e Rodriguez Almeida, 2000, 14-16 e Martínez Maganto, 2005

**Imagens**

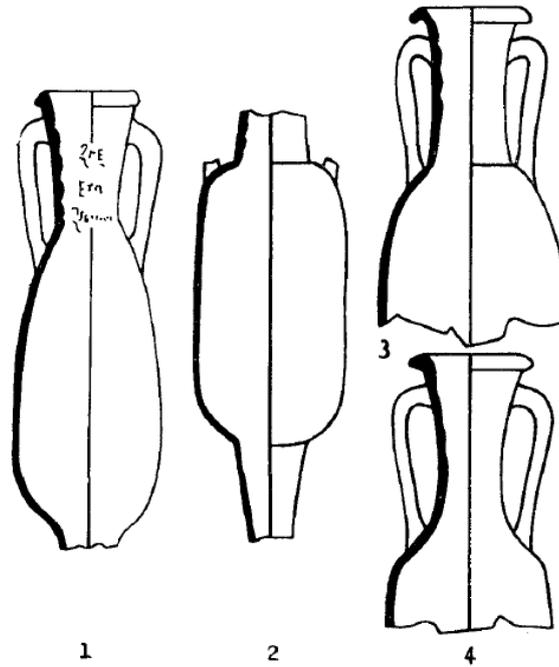


Fig. 1 - Ânforas Dressel 14 de Gandolfo (Pascual Guasch, 1968,144, fig.2)

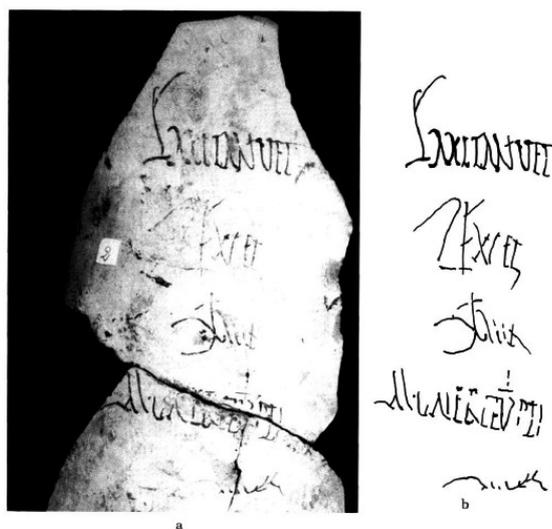


Fig. 2 - Inscrição em Dressel 14 (Liou e Rodriguez Almeida, 2000,14, fig. 4)

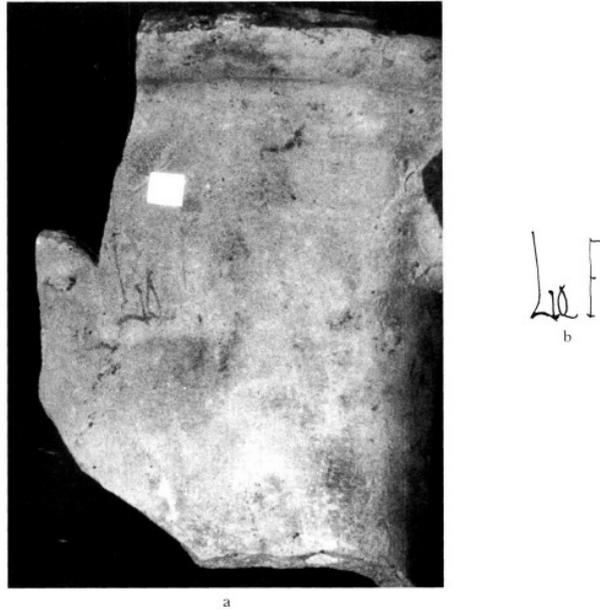


Fig. 3 - Inscrição em Dressel 14 (Liou e Rodriguez Almeida, 2000,18, fig. 6)

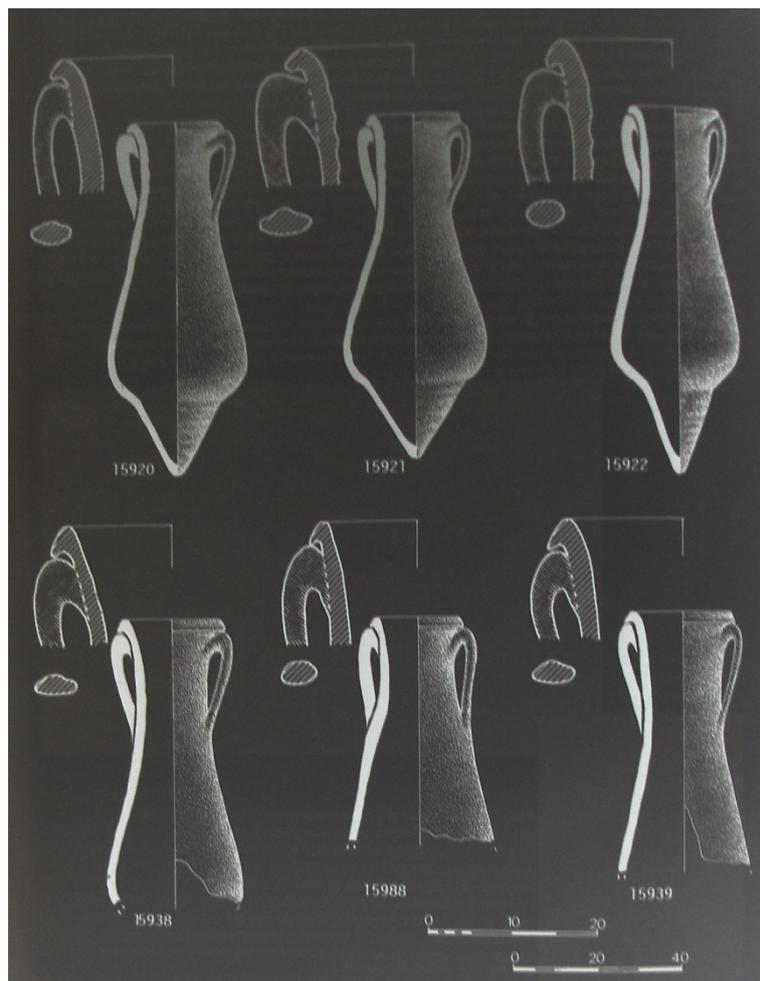


Fig. 4 – Ânforas Beltrán IIA de Gandolfo. (Blánquez *et al.*, 1997)

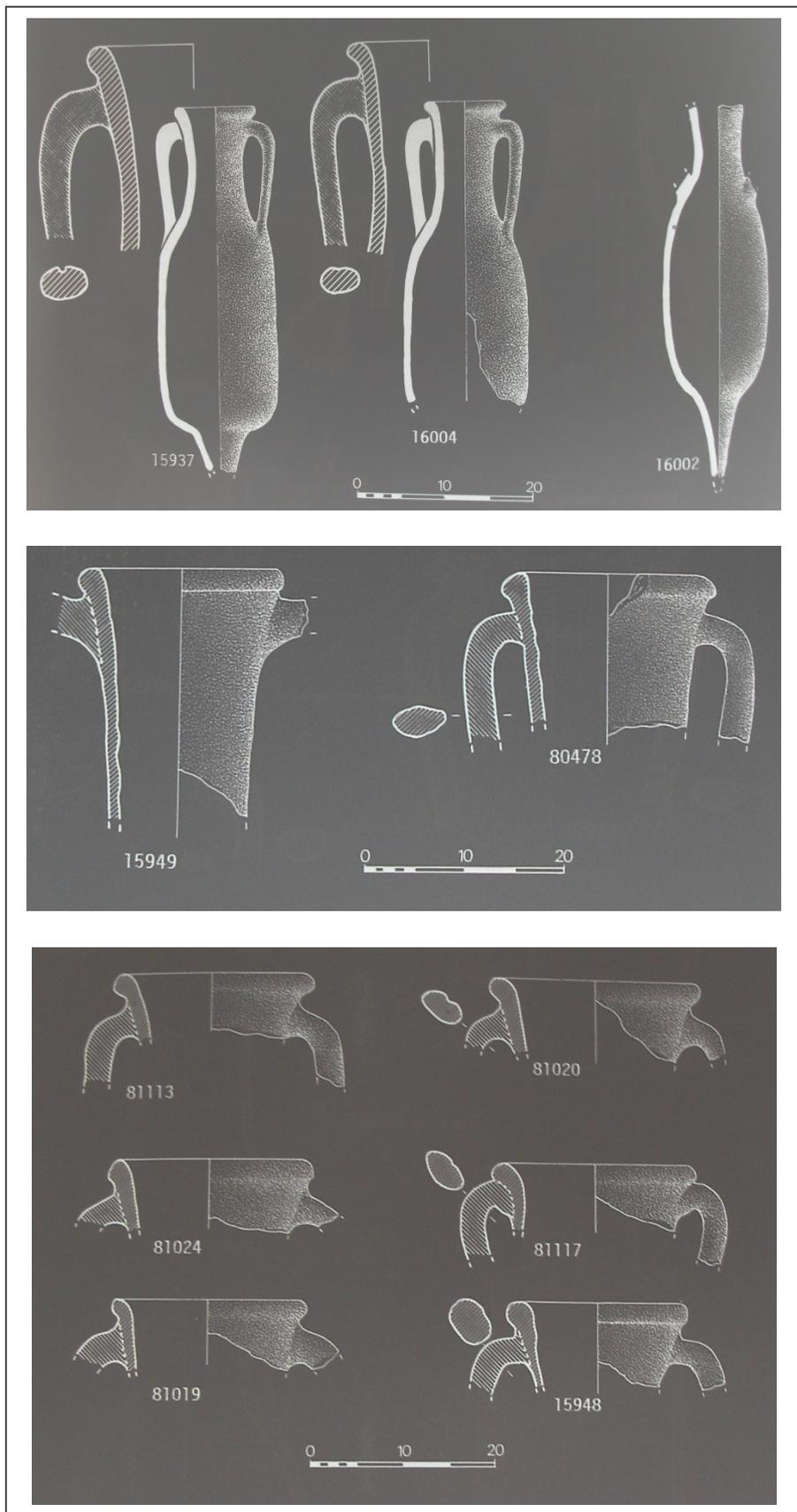


Fig.5 – Ânforas Dressel 14 de Gandolfo. (Blánquez *et al.*, 1997)



Fig. 6 – Ânforas Beltrán IIA e Dressel 14, e *opercula* do sítio de Gandolfo (In CERES <http://ceres.mcu.es/>)

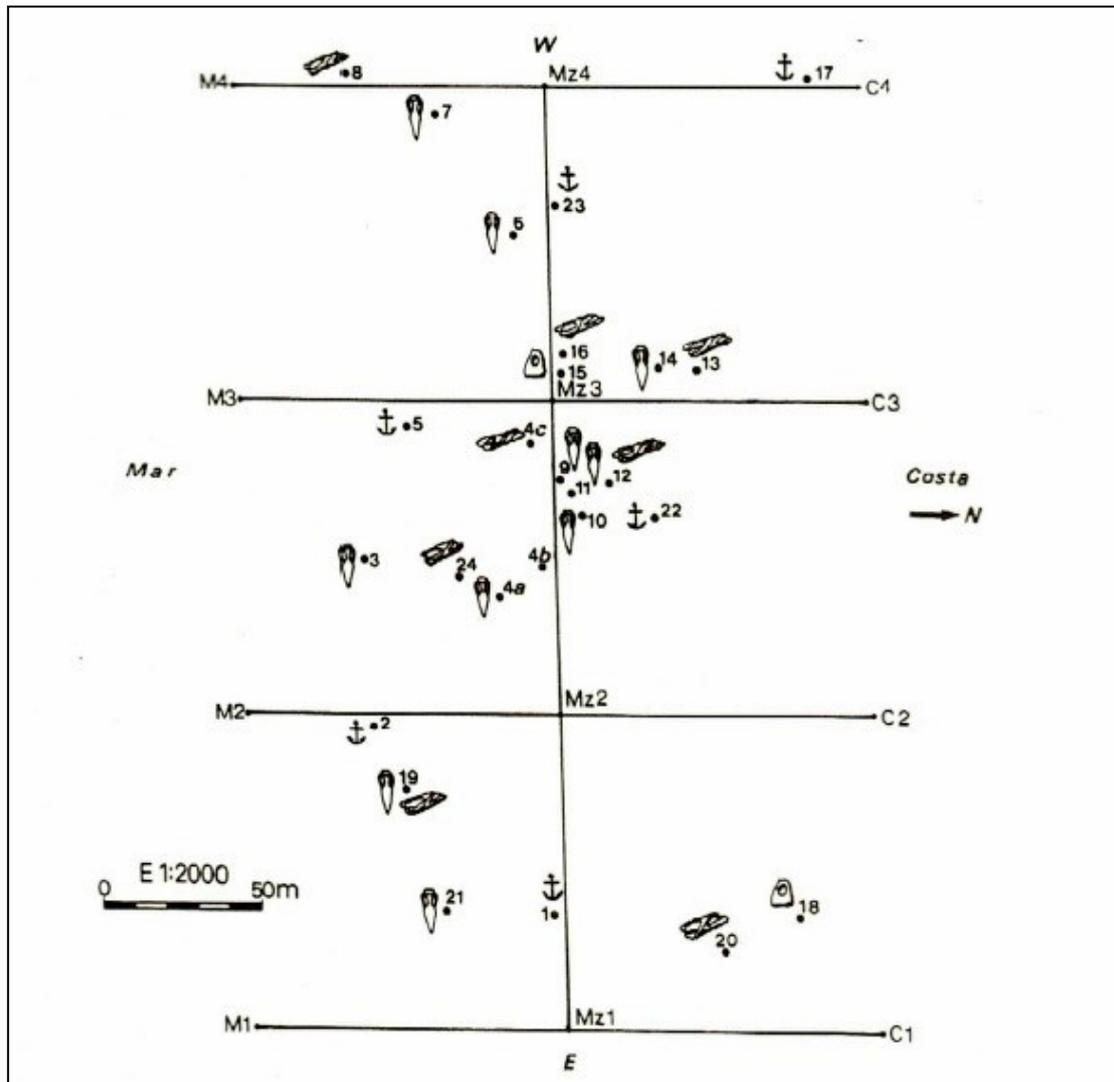


Fig. 7 – Planimetria do sítio de Gandolfo. (Róldan Gómez, 1993, 298, fig.9)



Fig.8 – Peça de madeira decorada proveniente do naufrágio de Gandolfo (Base de Dados CERES, peça SN00001 – Museo Nacional de Arqueología Subacuática)

<b>Designação</b>	<b>Cabo de Gata</b>	Parker 120	<b>3</b>
<b>Tipo de Sítio</b>	Provável naufrágio	<b>Cronologia</b>	Século IV d.C.
<b>Localização</b>	Níjar, província de Almería.	<b>País</b>	Espanha
<b>Descrição e Trabalhos</b>	<p>Tipologicamente trata-se de um conjunto de treze ânforas do tipo Keay XVI C, com bordos pouco diferenciados, que segundo Dario Bernal Casasola são muito semelhantes aos do naufrágio de Randello (Sicília). Poderá tratar-se de um naufrágio de um navio que transportaria ânforas sul-hispânicas – talvez lusitanas, ainda que seja para já impossível confirmá-lo – que se destinaria a algum porto do litoral meridional andaluz ou balear, ou mesmo inserido numa rota com destino ao sul de França ou à Península Itálica. (Bernal Casasola, 2004, 54-55)</p> <p>A quantidade e homogeneidade do material faz supor a existência de um naufrágio, do qual não se identificaram restos de madeira. (Blánquez <i>et al.</i>, 1997)</p> <p>Parker refere a existência de ânforas dos tipos Africana I ou II, para além das já referidas Almagro 50. (Parker, 1992, 79)</p> <p>Trabalhos de prospecção realizados na área, pelo CAS em 2000 e por J. L. Casabán em 2008, não conseguiram relocalizar o sítio. (Rodríguez González, 2013, 793)</p>		
<b>Espólio</b>	<p>13 Ânforas do tipo Almagro 50/Keay XVI C e hipoteticamente Africanas I ou II (?)</p> <p>Não nos foi possível observar os materiais.</p>		
<b>Depósito</b>	Museo de Almería		
<b>Bibliografia</b>	Blánquez <i>et al.</i> 1997; Bernal Casasola, 2004; Parker, 1992 e Rodríguez González, 2014.		
<b>Imagens</b>			



Fig. 1 – Bordos de Almagro 50 provenientes do naufrágio de Cabo de Gata – peças CE81311 e CE81310 (Base da Dados CERES – Museo de Almería)

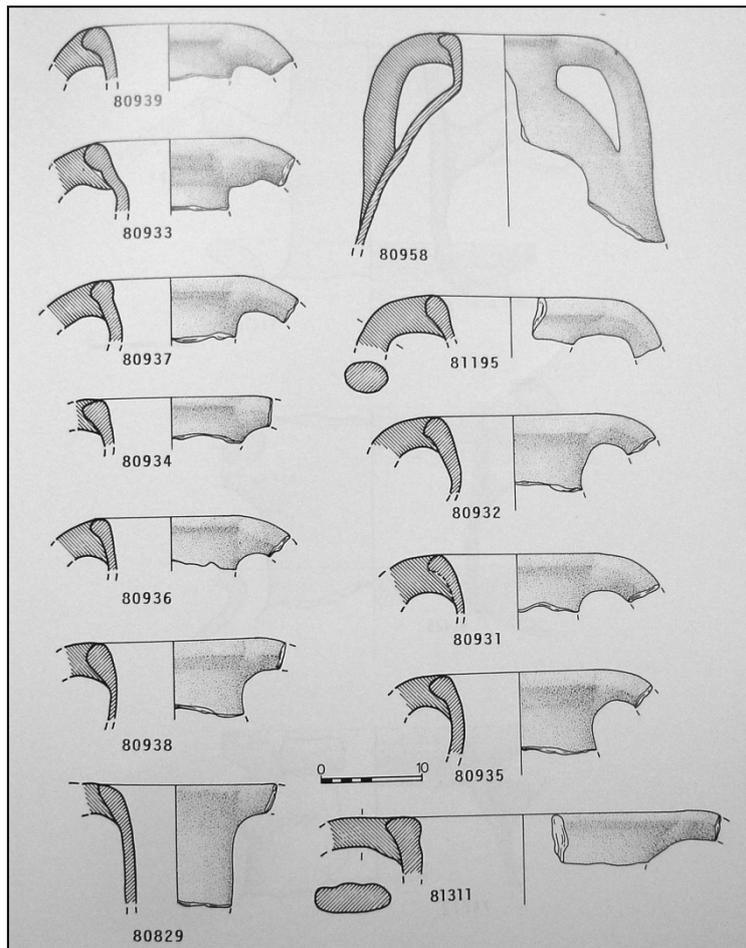


Fig. 2 – Ânforas do tipo Almagro 50/Keay XVI C do naufrágio de Cabo de Gata. (Blázquez *et alii*, 1997, 135, fig.55)

<b>Designação</b>	<b>Playa de Poniente 1</b>	<b>4</b>
<b>Tipo de Sítio</b>	Naufrágio	<b>Cronologia</b> Meados/Segunda metade do séc. IV d.C.
<b>Localização</b>	Águilas	<b>País</b> Espanha
<b>Descrição e Trabalhos</b>	<p>Conhece-se material arqueológico subaquático na praia de Poniente desde 1979, quando durante trabalhos levados a cabo pelo Patronato de Excavaciones Arqueológicas Submarinas de la Provincia Marítima de Cartagena, se recuperaram alguns materiais, depositados no MNAM, actual MNAS-ARQUA. (Mas, 1983, 916). Em 2011, durante obras portuárias, surgiram novos vestígios o que motivou uma inspeção por parte do MNAS-ARQUA. (Castillo Belinchón, 2012). Em 2012 realizaram-se sondagens para verificar a potencialidade do sítio arqueológico. Recuperaram-se nesta ocasião um bom número de colos de ânforas Almagro 51 e 50. Estas ânforas poderão ser de produção lusitana ou gaditana, junto às quais surgiram também ânforas norte-africanas e cerâmica africana de cozinha e <i>Terra sigillata</i> clara. Estão presentes as formas Hayes 23B (africana de cozinha), cuja cronologia se estende desde meados do século II a princípios do III d.C., ainda que em documentem em alguns contextos até finais desse século; e Hayes 61A (<i>Terra Sigillata</i> Clara D), cuja produção se centra nos três últimos terços do século IV d.C. (Hayes, 1972, 48 e 107 <i>apud</i> Miñano Dominguez e Castillo Belinchón, 2013b) Perante estes dados preliminares, e na ausência de uma escavação extensiva, as autoras propõem que o sítio de Playa de Poniente 1 poderia corresponder a uma carregamento misto de produtos lusitanos, norte-africanos e locais, datado a partir do segundo quartel do século IV d.C.</p>	
<b>Espólio</b>	Ânforas Almagro 51 e 50 lusitanas ou sul-hispânicas; ânforas norte-africanas; cerâmica de cozinha africana e <i>Terra Sigillata</i> clara.	
<b>Depósito</b>	Museo Nacional de Arqueología Subacuática, ARQVA (?)	
<b>Bibliografia</b>	Miñano Dominguez e Castillo Belinchón, 2014a, 911 e 2014b, 928	
<b>Imagens</b>		

<b>Designação</b>	<b>Puerto de Cartagena- Yacimiento 2</b>	<b>5</b>
<b>Tipo de Sítio</b>	Naufrágio	<b>Cronologia</b> Segunda metade do séc. IV-Inícios do V d.C.
<b>Localização</b>	Porto de Cartagena	<b>País</b> Espanha
<b>Descrição e Trabalhos</b>	Presumível naufrágio, identificado durante os trabalhos de prospecção e sondagem desenvolvidos em 2013 por uma equipa formada por Felipe Cerezo (iArq) Juan Pinedo, David Munuera, Ana Miñano e Rocio Castillo (Arqua), sob a direcção do ARQUA. Trata-se de um naufrágio com uma carga heterogénea que inclui ânforas africanas de vinho e azeite e ânforas piscícolas béticas e lusitanas dos tipos Almagro 51c, 50, 51 a-b e Keay XVI. Foram também recuperadas lucernas paleocristãs com motivos decorativos e outros objectos da tripulação.	
<b>Espólio</b>	Ânforas (Africanas de vinho de azeite e piscícolas béticas e lusitanas - Almagro 51c, 50, 51 a-b e Keay XVI) Lucernas paleocristãs e outros objectos de tripulação.	
<b>Depósito</b>	Museo Nacional de Arqueología Subacuática, ARQVA	
<b>Bibliografia</b>	<a href="http://www.um.es/arqueologia/el-puerto-de-cartagena/">http://www.um.es/arqueologia/el-puerto-de-cartagena/</a> Informações pessoais da equipa de investigação, à qual agradecemos na pessoa de Felipe Cerezo Andreo.	

#### Imagens



Fig. 1 – Fragmentos de ânfora do tipo Almagro 51c lusitana do naufrágio Yacimiento 2 do Puerto de Cartagena. (Foto da equipa de escavação – ARQUA)



Fig. 2 – Lucerna Paleocristã recuperada do sítio de Yacimiento 2 do Puerto de Cartagena. (Foto da equipa de escavação – ARQUA)

<b>Designação</b>	<b>Escolletes 1</b>	Parker 386 ou 387	<b>6</b>
<b>Tipo de Sítio</b>	Naufrágio	<b>Cronologia</b>	
		Primeira metade do séc. IV d.C.	
<b>Localização</b>	Costa de Múrcia – A Norte do Cabo de Palos, no fundeadouro de El Estacio	<b>País</b>	Espanha
<b>Descrição e Trabalhos</b>	<p>Os contentores atribuíveis aos séculos III e IV d.C. representam 50% do conjunto total identificado na área de Escolletes, o que faz equacionar a existência de um naufrágio com uma carga maioritariamente lusitana, cujo sítio de naufrágio foi designado por Escolletes 1. O naufrágio corresponderia assim a um navio com uma carga maioritária de ânforas lusitanas do tipo Almagro 51c, no qual figuram também as formas Almagro 50 e Keay 78. (Cerezo Andreo, 2011, 62 a 76)</p> <p>Felipe Cerezo Andreo considerou a existência de algumas peças similares ao tipo anfórico Dressel 28, que poderiam ser associadas a produções lusitanas. No entanto, a análise da descrição das peças, a observação das imagens e dos desenhos levam-nos a considerar que apenas um dos exemplares se poderá enquadrar nesse tipo, a peça 00578.</p>		
<b>Espólio</b>	<p>Almagro 51c - 32 exemplares</p> <p>Almagro 50- 2 exemplares. Um dos quais poderá pertencer, segundo a nossa análise ao tipo Keay 78/Sado 1 (peça 00570)</p> <p>Keay 78/Sado 1 – 3 exemplares + peça 00570.</p> <p>Um exemplar de Dressel 28 (peça 00578), de provável produção lusitana, poderá eventualmente ser associada ao naufrágio.</p> <p>Espólio revisto: A análise macroscópica das peças, aquando da nossa visita ao ARQUA em Maio de 2013, permitiu-nos atestar a origem lusitana das mesmas.</p> <p>Trabalhar conjuntamente com Felipe Cerezo Andreo, que estudou o conjunto a fundo no âmbito da sua Tese de Mestrado, permitiu-nos rever a sua prévia classificação de algumas peças, nomeadamente afinar a distinção entre os tipos Almagro 50 e Keay 78/Sado 1.</p>		
<b>Depósito</b>	Museo Nacional de Arqueología Subacuática, ARQVA		
<b>Bibliografia</b>	Más Garcia, 1985; Cerezo Andreo, 2011, não publicado; Cerezo Andreo, 2014; Cerezo Andreo, 2016.		
<b>Imagens</b>			



Fig. 1- Almagro 51c de Escolletes 1. (Desenhos e fotos in Cerezo Andreo, 2011, 68-75)



Fig. 2 - Almagro 50 de Escolletes 1. (Desenho e foto in Cerezo Andreo, 2011, 63)

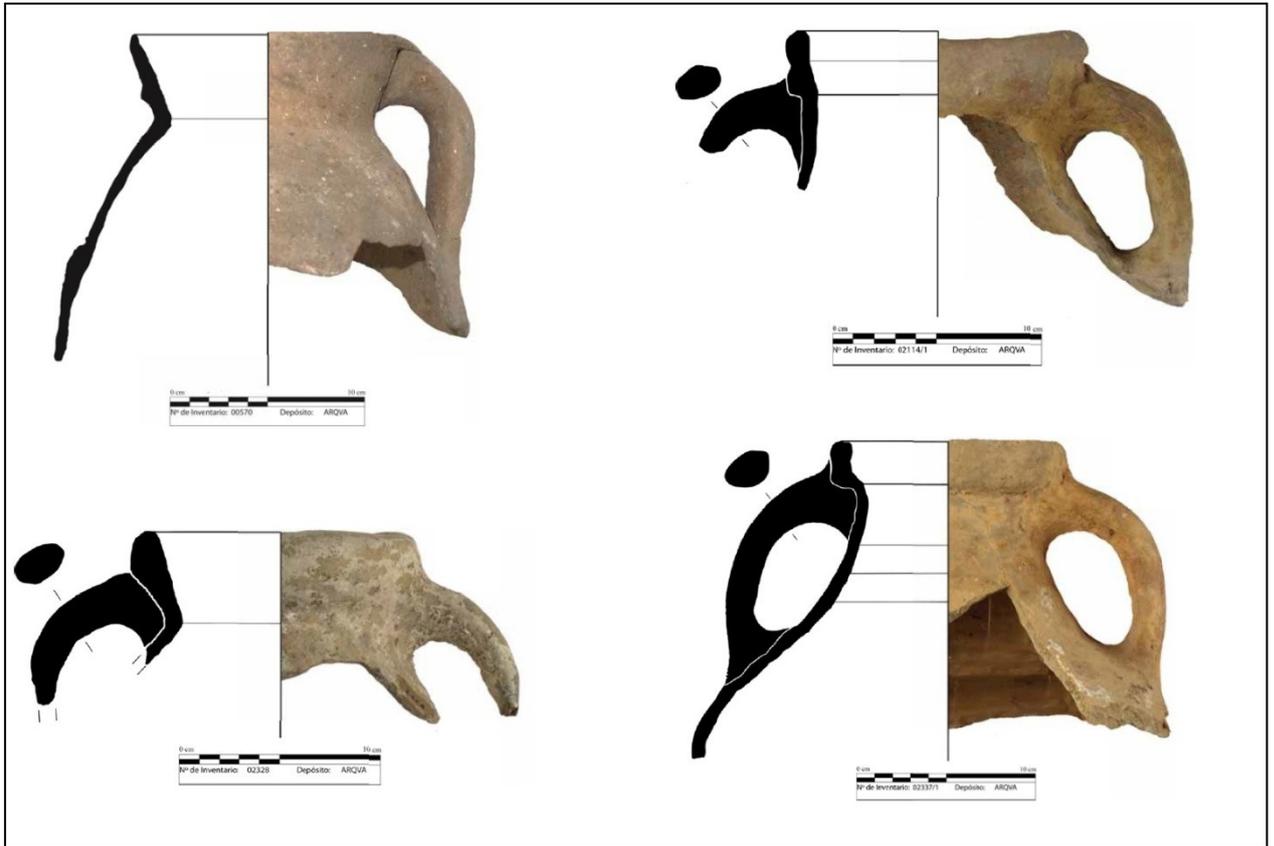


Fig. 3 – Keay 78/Sado 1 de Escolletes 1. (Desenhos e fotos in Cerezo Andreo, 2011, 63, 76, 79 e 80)

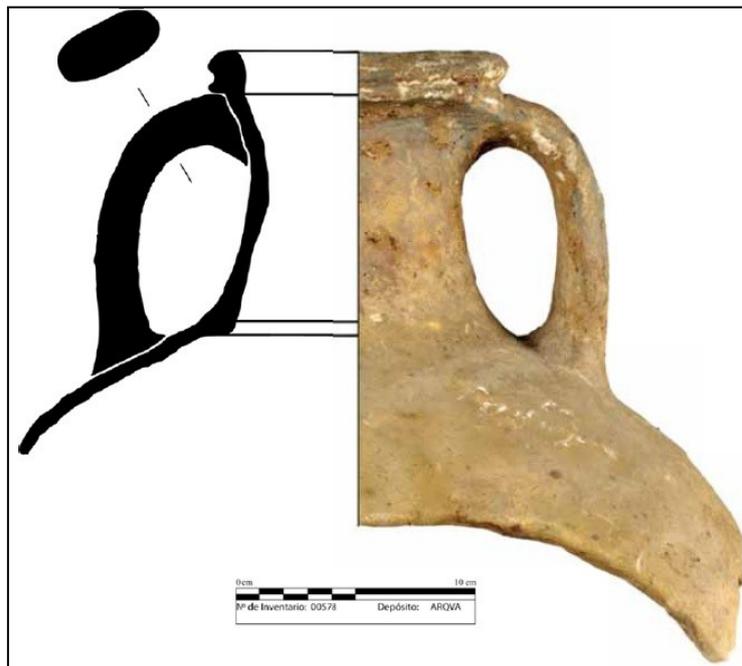


Fig. 4 – Dressel 28 de Escolletes 1. (Desenhos e fotos in Cerezo Andreo, 2011, 79)

<b>Designação</b>	<b>Escombreras 4</b>	Parker 388	7
		(Escombreras other finds)	
<b>Tipo de Sítio</b>	Naufrágio	<b>Cronologia</b>	
		Segunda metade do séc. I d.C.	
<b>Localização</b>	Ilha de Escombreras, à entrada da baía do porto de Cartagena	<b>País</b>	
		Espanha	
<b>Descrição e Trabalhos</b>	<p>Sítio descoberto durante prospecções e sondagens de emergência, realizadas entre 1997 e 2001, no âmbito do alargamento do porto de Escombreras.</p> <p>Presumível navio mercante proveniente da Bética com uma carga maioritária de ânforas Haltern 70 e Dressel 8 e 9, assim como algumas Beltrán IIB e Dressel 14 lusitanas, presentes em menor quantidade. Acompanhadas por um lote muito reduzido de Dressel 20. (Pinedo Reyes e Alonso Campoy, 2004, 147 e 148)</p> <p>Do mesmo local foi recuperada uma taça de <i>Terra Sigillata</i> Sudgálica do tipo Dragendorff 27, com o selo OF COPU?, datada entre 80-120 d.C. (VV.AA, 2008)</p>		
<b>Espólio</b>	<p>Haltern 70</p> <p>Dressel 8 e 9</p> <p>Beltrán IIB</p> <p>Dressel 14</p> <p>Dressel 20</p> <p>Taça de <i>Sigillata</i> Sudgálica do tipo Dragendorff 27</p> <p>Espólio Revisto: A análise macroscópica da peça ESC-I 17.17/2/10354 (publicada por Pinedo Reyes e Alonso Campoy, fig.159), aquando da nossa visita ao ARQUA em Maio de 2013, permitiu-nos atestar a origem lusitana da mesma.</p>		
<b>Depósito</b>	Museo Nacional de Arqueología Subacuática, ARQVA		
<b>Bibliografia</b>	<p>Pinedo Reyes e Alonso Campoy, 2004; VV.AA, <i>Museo Nacional de Arqueología Subacuática. ARQUA. Catálogo</i>. Madrid: Secretaría General Técnica, 2008. pág. 240-241; Mº de Cultura, Red de Museos de España. Por Francisco Fernández Matallana.</p>		
<b>Imagens</b>			

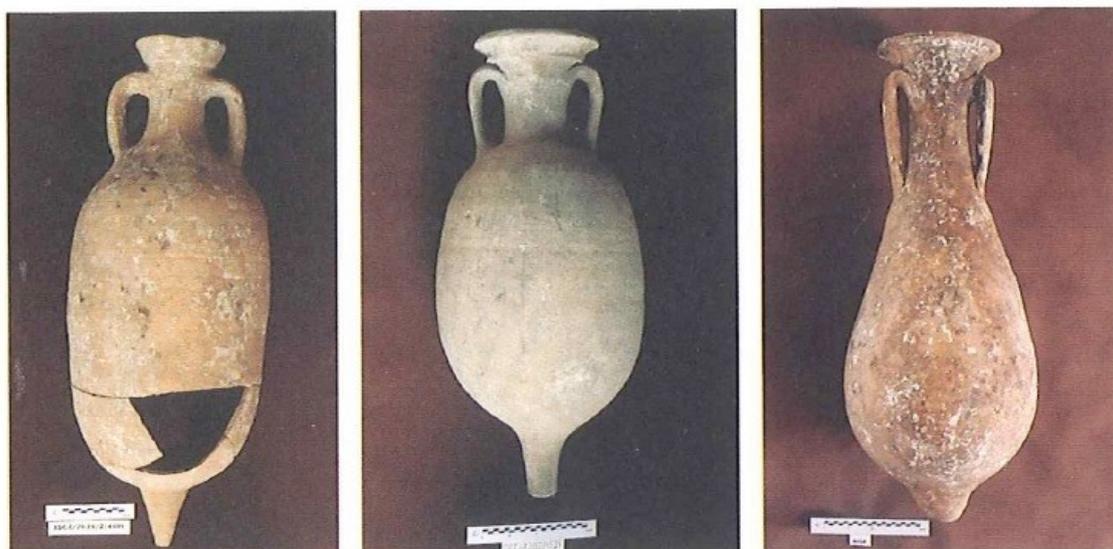


Fig. 1 - Ânforas Haltern 70, Dressel 9 e Beltran IIB de Escombreras 4- (Pinedo Reyes e Alonso Campoy, 2004, Laminas 20, 21 e 22, 147)



Fig.2 – Ânfora Dressel 14 (ESC-I 17.17 2 10354) depositada no ARQUA. (Foto: Sónia Bombico)

<b>Designação</b>	<b>Bajo de la Campana 3</b>	<b>8</b>
<b>Tipo de Sítio</b>	Naufrágio	<b>Cronologia</b> Segundo quartel do séc. II d.C.
<b>Localização</b>	Costa de Múrcia – A Norte do Cabo de Palos, na parte exterior do Mar Menor	<b>País</b> Espanha
<b>Descrição e Trabalhos</b>	<p>Foram recuperados materiais no local por J. Más (Más, 1985) e o local foi documentado nas prospecções realizadas pelo C.N.I.A.S, em Novembro de 1988, dirigidas por V. Antona del Val (Róldan, Miñano e Martín, 1993).</p> <p>A área de dispersão de materiais é ampla e localiza-se entre os 24m e os 15m de profundidade.</p> <p>Provável naufrágio correspondente a uma embarcação proveniente da Bética com ânforas dos tipos Dressel 7-11 e Dressel 14 lusitanas, com predominância destas últimas; acompanhadas por algumas Dressel 20. Um selo identificado na asa de uma olearia Dressel 20 (SCLT) permite datar o naufrágio em torno do segundo quartel do século II d.C. (Berni, 2008)</p> <p>Pelo menos 5 fragmentos do tipo Dressel 14 foram recuperados do local.</p> <p>No local foram ainda identificados fragmentos de madeira.</p>	
<b>Espólio</b>	<p>Dressel 14 lusitanas</p> <p>Dressel 7-11</p> <p>Dressel 20</p> <p>Espólio observado: Aquando da nossa estadia no ARQUA não observamos os materiais, no entanto consideramos haver bases suficientes para considerar que as ânforas Dressel 14 serão de produção lusitana, com base na observação da documentação gráfica consultada.</p>	
<b>Depósito</b>	Museo Nacional de Arqueología Subacuática, ARQVA	
<b>Bibliografia</b>	Roldán Bernal, Martín Camino e Pérez Bonet, 1995; Pinedo Reys, 1996, 68; Pinedo Reys, Juan e Polzer, Mark E., 2011; Pinedo Reys 2014.	
<b>Imagens</b>		

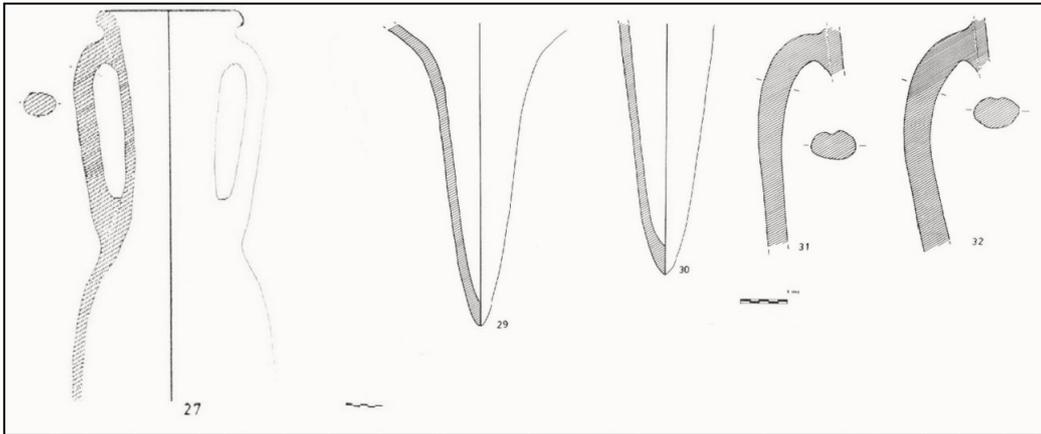


Fig. 1 – Fragmentos de Dressel 14 lusitanas recuperados do naufrágio Bajo de la Campana 3. (Roldán Bernal, Martín Camino e Pérez Bonet, 1995, 58 e 59)



Fig.2 – Bordo de Dressel 14 proveniente de Bajo de la Campana 3 (Peça SJBC10-01755 do Museo Nacional de Arqueología Subacuática – ARQVA – fotos de Juan Pinedo Reyes na Base de Dados CERES)

<b>Designação</b>	<b>Dénia</b>	<b>9</b>
<b>Tipo de Sítio</b>	Possível naufrágio	<b>Cronologia</b> Meados do séc. III-Finais do IV d.C.
<b>Localização</b>	Proximidades do porto de Dénia	<b>País</b> Espanha
<b>Descrição e Trabalhos</b>	<p>O sítio arqueológico foi descoberto fortuitamente em 2010, pelo mergulhador profissional Jean Castera. Este fez chegar a informação ao Museu Arqueològic de la Ciutat de Dénia que solicitou assistência técnica ao Centro de Arqueología Subacuática de la Generalitat Valenciana para intervencionar o sítio, sob a direcção de Asunción Fernández, directora do CASCV.</p> <p>Nessa intervenção, recuperaram-se 15 peças pertencentes ao tipo Almagro 51c, na sua maioria partes superiores de ânfora com colo, bordo e asas, assim como alguns bicos fundeiros e fragmentos de corpo fusiforme e piriforme. Junto a essas peças, detectou-se a existência de blocos de pedra, provavelmente pertencentes ao lastro da embarcação. A origem das peças, segundo os investigadores poderá ser sul-hispânica ou lusitana.</p>	
<b>Espólio</b>	Almagro 51c (15 peças) Blocos de pedra	
<b>Depósito</b>	Desconhecido. Mas provavelmente as peças estarão conservadas no Museu Arqueològic de la Ciutat de Dénia	
<b>Bibliografia</b>	<p><i>La carga de una nave romana sale a la luz desde las profundidades de las aguas de Denia.</i> In Revista BuceoWorld nº 6, Revista Digital de Buceos.Es. Publicado em 2 agosto, 2010.</p> <p><i>Hallan en Denia una nave romana que transportaba salsas de pescado.</i> Noticia de Europa Press, 24 de Junho de 2010.</p>	

#### Imagens



Fig.1 – Imagens de algumas peças recuperadas. (Imagens Europa Press)

<b>Designação</b>	<b>San Antonio Abad / Grum de Sal</b>	Parker 334	<b>10</b>
<b>Tipo de Sítio</b>	Naufrágio	<b>Cronologia</b>	
		Segunda metade do séc. I a meados do II d.C.	
<b>Localização</b>	Enseada sudeste da Isla Conejera - Ibiza	<b>País</b>	
		Espanha	
<b>Descrição e Trabalhos</b>	<p>O sítio é conhecido desde 1960. Nos Verões de 1962 e 1963 foram realizadas campanhas arqueológicas. Observavam-se ânforas num raio de 20m a uma profundidade entre os 20 e os 23m. (Vilar-Sancho e Mañá 1964, 178) Foram extraídas várias ânforas do mesmo tipo de sectores distintos, contendo produtos piscícolas. É difícil calcular o tamanho da carga do navio. A sondagem realizada nos anos 60 foi de pequenas dimensões e o sítio terá sido fortemente espoliado. Ainda assim, os autores consideram que terão ficado <i>in situ</i>, debaixo da areia, cerca de 70 a 100 ânforas. A estimativa de carga e os vestígios da estrutura do navio (cavernas e madeirame) corresponderão a uma embarcação nunca inferior a 25m de comprimento. (Vilar-Sancho e Mañá 1964, 187). Um conjunto alargado de ânforas do tipo Dressel 14 foi recuperado do sítio, para além de dois exemplares de outros tipos. (Vilar-Sancho e Mañá 1964 e 1965) Alguns <i>opercula</i> e restos faunísticos de peixe foram também recuperados. Foram, ainda, recuperados alguns lingotes de chumbo (Vilar-Sancho e Mañá, 1964, 188), provavelmente não associados a este naufrágio; tal como cerâmica para uso de bordo e <i>tegulae</i> que possivelmente fariam parte da cozinha de bordo ou terão servido para cobrir a escotilha de carga. Na documentação arqueológica menciona-se ainda um cepo de âncora em chumbo (Vilar-Sancho, Mañá 1964: 188), do qual se perdeu entretanto o paradeiro.</p> <p>No final dos trabalhos dos anos 60, como era hábito à época o espólio recuperado foi dividido entre o Museu Arqueològic d'Eivissa i Formentera e uma colecção privada em Sant Antoni de Portmany.</p> <p>O sítio voltou a ser visitado entre os anos de 1986 e 1991, no âmbito de prospecções do fundeadouro. As intervenções que se seguiram às iniciais, de 1962 e 1963, centraram-se no estudo dos restos do casco da embarcação. (Galván, Martínez, 1992, 173; Martínez, León, 1993, 267-272). Esses trabalhos foram dirigidos por Carlos León Amores. Para além dos restos da estrutura naval foi identificado algum equipamento, como polias/roldanas (Martínez, León, 1993, 273).</p> <p>A partir de 2006 o sítio voltou a ser visitado no âmbito do Inventario de los yacimientos arqueológicos y paleontológicos del litoral de Ibiza.</p> <p>Em Outubro de 2013 retomaram-se os trabalhos subaquáticos. Iniciou-se um projecto para a identificação, recompilação e divulgação do material arqueológico, tanto anfórico para estudo da carga, como das madeiras para o estudo da construção naval, sob direcção de Marcus Heinrich Hermanns (Instituto Arqueológico Alemão, Departamento de Madrid). Os resultados da intervenção de 2013 mostram claramente</p>		

que a estrutura conservada é maior que o plano publicado por Belén Martínez Díaz e Carlos León Amores em 1993. Merece menção especial a possível identificação da quilha. (Fig.1) No que concerne o estudo do material anfórico e do naufrágio juntaram-se à investigação Rui Almeida e Sónia Bombico, colaboração que resultou numa comunicação conjunta em Dezembro de 2014 no Congresso da SECAH, em Tarragona.

### Espólio

Casco		<i>In situ</i>
Polias e obra viva		Paradeiro desconhecido
Madeiras estruturais		ARQUA, Cartagena
Pregos de cobre		ARQUA, Cartagena
Placas de chumbo	Revestimento do casco	ARQUA, Cartagena
<i>tegulae</i>	Cozinha (?)	Paradeiro desconhecido
Cepo de âncora em chumbo		Extraviado
Lingotes de chumbo		Colecção privada

67 ânforas de tipo Dressel 14	MAEF, Eivissa/Ibiza
Diversas ânforas tipo Dressel 14	Colecção privada
<i>Opercula</i>	Colecção privada

Espólio Revisto: Foram revistas um total de 67 ânforas depositadas no MAEF. Conjunto provavelmente correspondente à quase totalidade do espólio recuperado do sítio de naufrágio, nas mais variadas ocasiões. O material foi revisto por Marcus Heinrich Hermanns (Instituto Arqueológico Alemão, Departamento de Madrid) e Rui Almeida (ULisboa).

A revisão dos materiais permitiu constatar que a maioria das ânforas recuperadas se tratam na realidade de Dressel 14 com origem lusitana, concretamente dos centros oleiros do Tejo e Sado. O número de indivíduos que compõe o conjunto, a sua homogeneidade tipológica e formal, assim como a coerência ao nível petrográfico, levam a considerar que as ânforas lusitanas seriam a componente principal da carga do navio.(Fig.2, 3 e 4)

Para além da presença do módulo dito “normal”, cujas medidas oscilam entre os 90-110 cm de altura e 28-35 cm de diâmetro, há a destacar a presença do módulo “pequeno”, ou seja, a variante *parva*. (Fig.3 nº5447)

### Depósito

Museu Arqueològic d'Eivissa i Formentera e uma colecção privada em Sant Antoni de Portmany

ARQUA – Materiais das prospecções de 1992 do fundeadouro, construída por ânforas e

cerâmica variada, alguma da qual poderá pertencer ao sítio de naufrágio.

**Bibliografia** Vilar-Sancho e Mañá de Angulo, 1964 e 1965; Martínez Díaz e León Amores, 1993; León Amores 1999; Hermanns, Bombico e Almeida, no prelo.

Relatórios: Marcus Heinrich Hermanns - Memoria definitiva de la intervención arqueológica en el pecio romano de Grum de Sal, Isla de Conejera (isla de Eivissa), octubre 2013. Instituto Arqueológico Alemán, Departamento de Madrid.

## Imagens

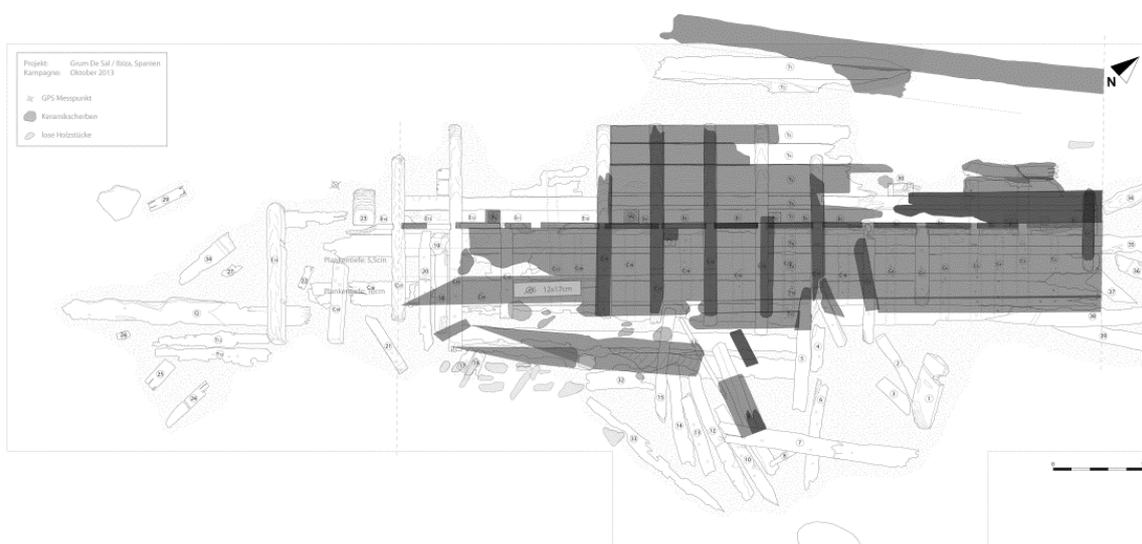


Fig. 1 - D. Hosner, DAI Eurasien-Abteilung. (Planos vectorizados e compostos em 2014 R. R. de Almeida / © DAI Madrid).

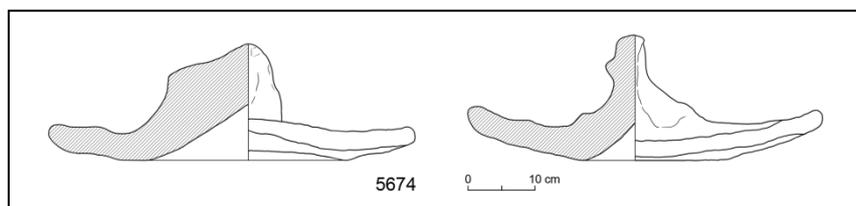


Fig.2 – Opacula de ânforas de tipo Dressel 14 procedentes do naufrágio de Grum de Sal (gráficos: E. Puch, DAI Madrid).

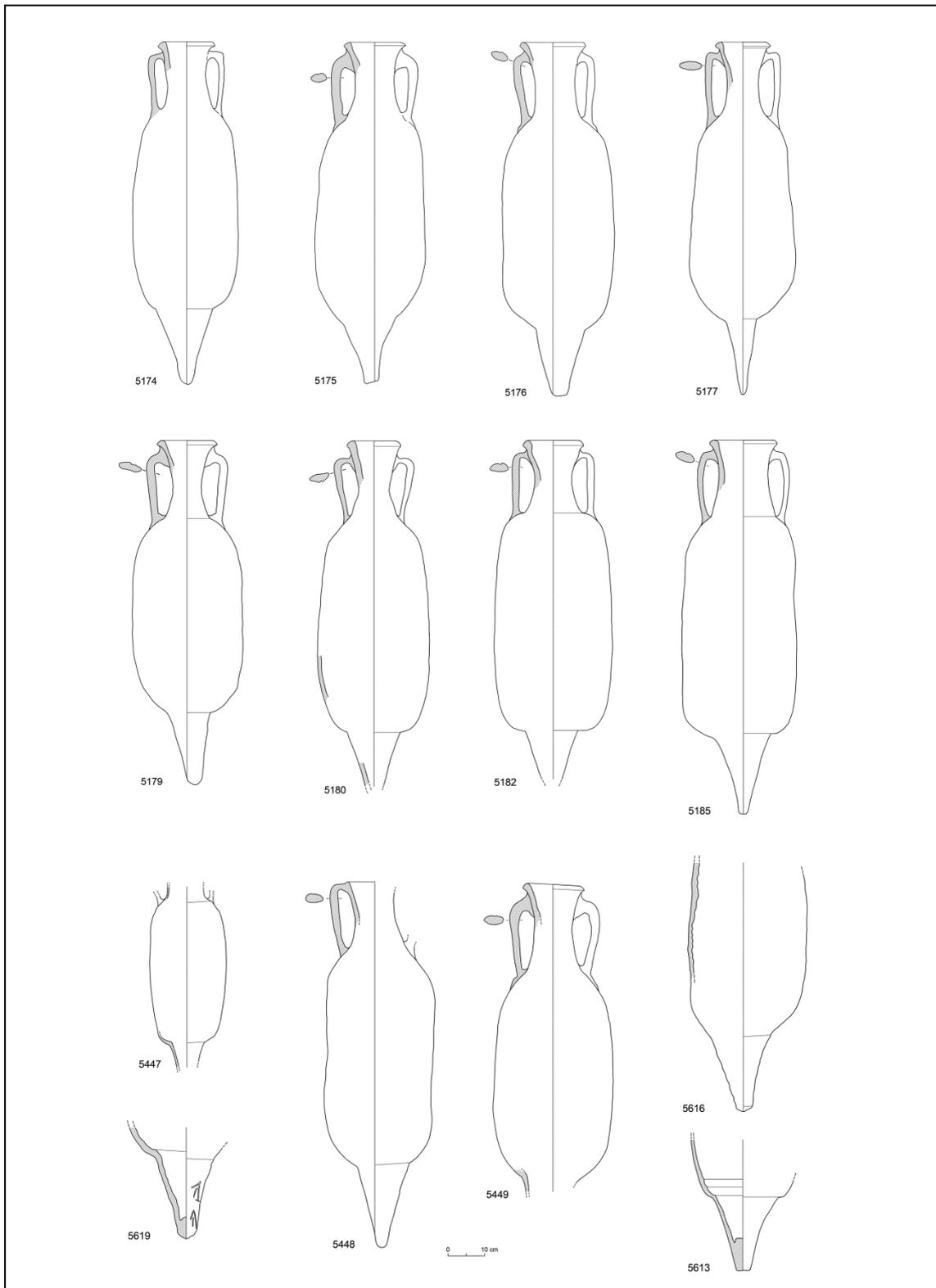


Fig. 3 - Ânforas de tipo Dressel 14 procedentes do naufrágio de Grum de Sal. (gráficos: E. Puch, DAI Madrid).

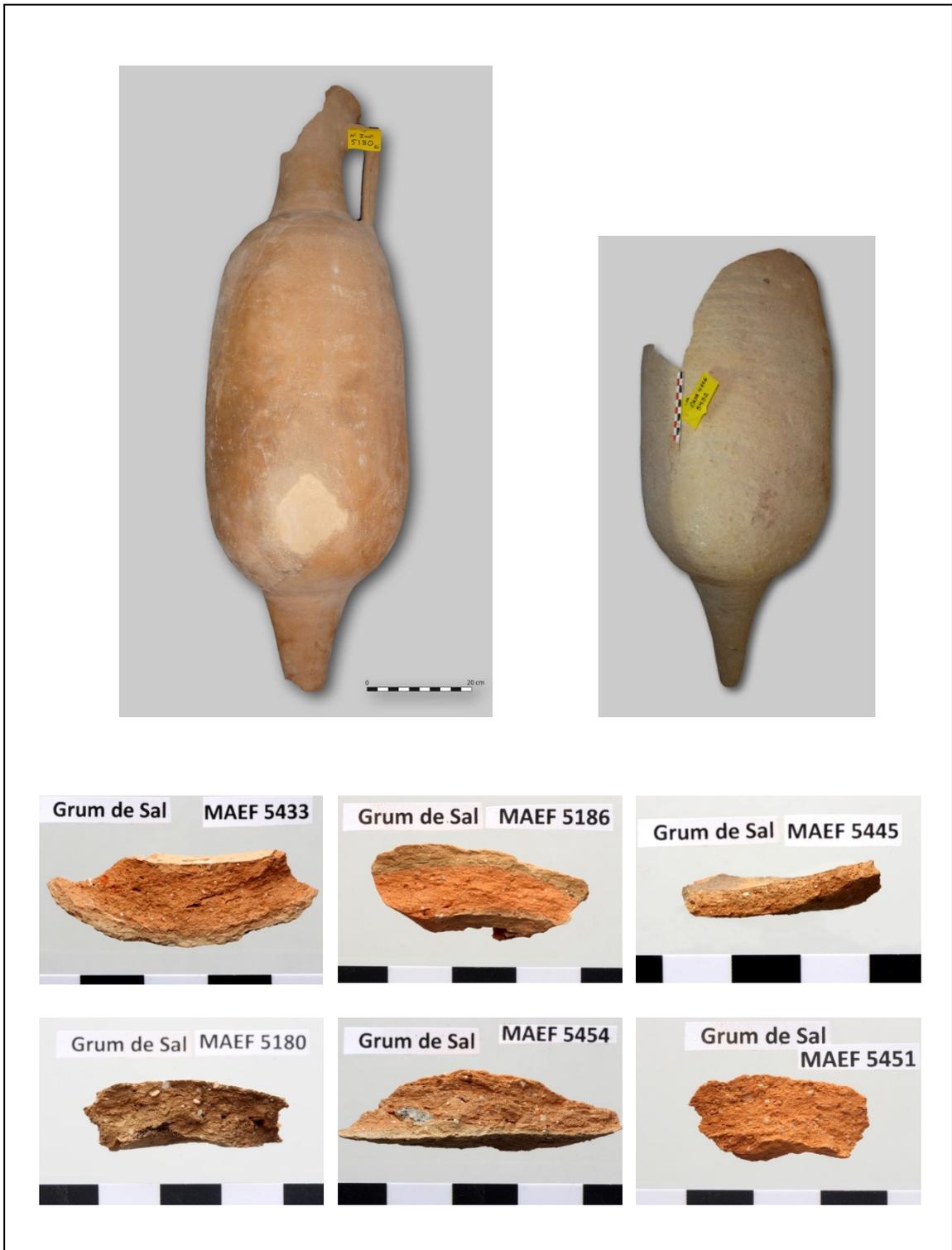


Fig. 4 - Foto de alguns exemplares e de amostras de pastas romanas de tipo Dressel 14 provenientes do naufrágio romano de Grum de Sal, hoje no Museu Arqueològic d'Eivissa i Formentera (fotos: DAI Madrid, M.H. Hermanns).

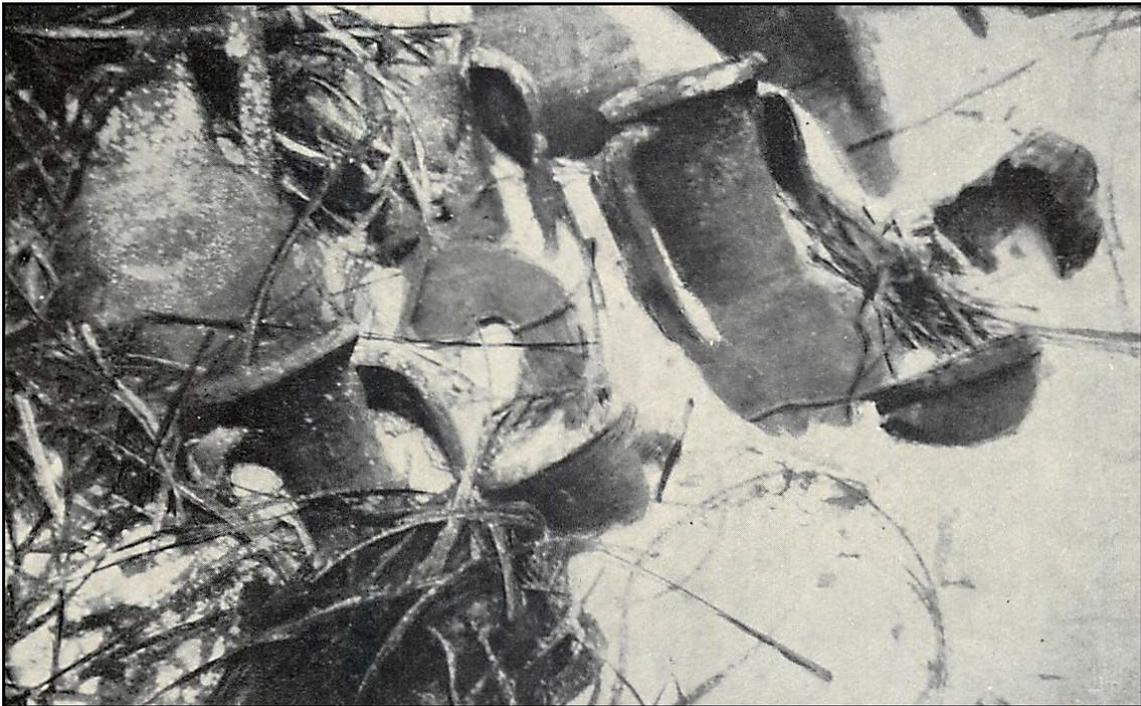


Fig.5 - Dressel 14 *in situ* do naufrágio de San Antonio Abad, aquando das intervenções nos anos 60.  
(Vilar Sancho e Mañá 1965, Lamina XLVII)

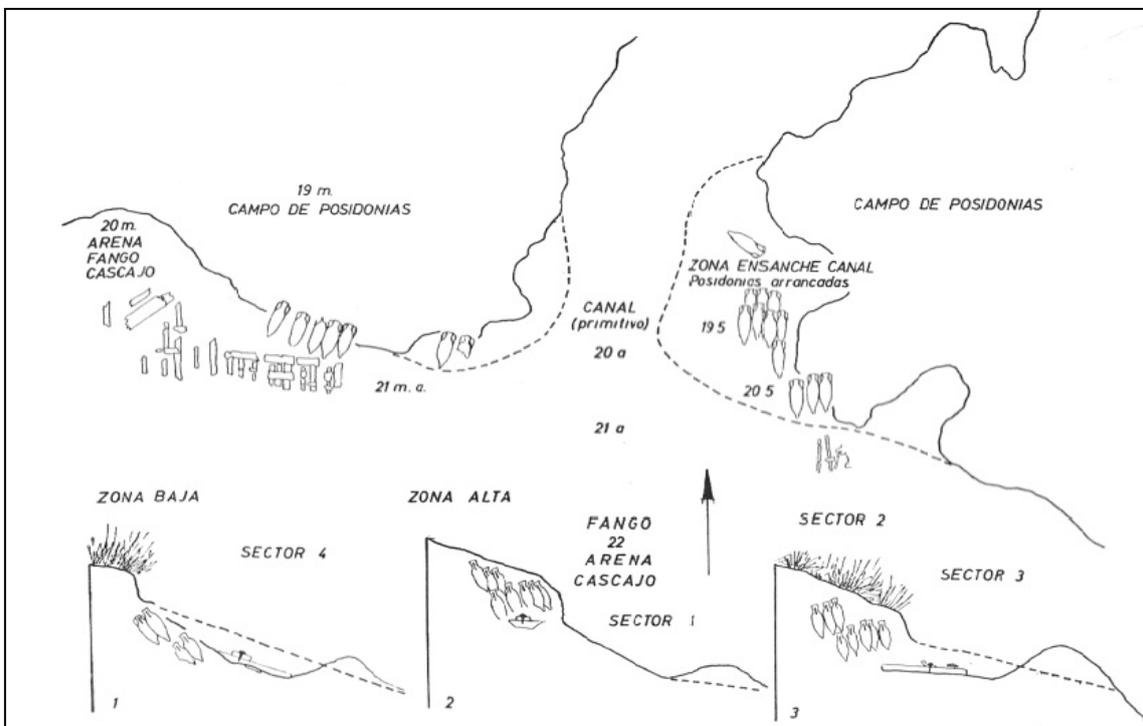


Fig.6 – Planta do sítio aquando das intervenções nos anos 60. (Vilar Sancho e Mañá, 1964, 183, fig.3)



Fig.7 - Estrutura Naval, Outubro de 2013 (Trabalhos do DAI - Foto: M. H. Hermanns)



Fig.8 – Trabalhos de limpeza para registo da estrutura naval, Outubro de 2013. (Trabalhos do DAI - Foto: M. H. Hermanns)

<b>Designação</b>	<b>Cap Blanc</b>	Parker 176	<b>11</b>
<b>Tipo de Sítio</b>	Provável naufrágio	<b>Cronologia</b>	
		Meados do séc. III – Inícios do IV d.C.	
<b>Localização</b>	Maiorca	<b>País</b>	
		Espanha	
<b>Descrição e Trabalhos</b>	<p>Temos apenas acesso a informações indirectas sobre este naufrágio, cujos dados sobre as intervenções arqueológicas continuam por publicar.</p> <p>Segundo Parker trata-se de um sítio de naufrágio, localizado a 50m de profundidade, com um <i>tumulus</i> de cerca de 16m de longo, num fundo de areia, preservam-se algumas madeiras da estrutura naval. A carga maioritária seria constituída por ânforas Almagro 51c (70%), acompanhadas por Africanas IIB e IID nas quais foram identificadas espinhas e escamas de peixe e apresentavam tampas de cortiça. Foi também identificada uma pequena Beltrán 72.</p> <p>Surgem associados ao sítio, ainda, um <i>tubulus</i>, um prato e um jarro de cerâmica.</p>		
<b>Espólio</b>	<p>Ânforas Almagro 51c, Africanas II e Beltrán 72. Um <i>tubulus</i>, um prato e um jarro de cerâmica</p> <p>Não nos foi possível ter acesso a qualquer material proveniente deste sítio.</p>		
<b>Depósito</b>	Desconhecido		
<b>Bibliografia</b>	Llabrés, 1976 (Não publicado); Parker, 1992, 99.		
<b>Imagens</b>			



Fig. 1 – Localização do sítio de naufrágio de Cap Blanc.

<b>Designação</b>	<b>Cabrera I</b>	Parker 123	<b>12</b>
<b>Tipo de Sítio</b>	Naufrágio	<b>Cronologia</b> Finais do século III – Primeira metade do IV d.C.	
<b>Localização</b>	Baía localizada à entrada da ilha de Cabrera (Sul de Maiorca)	<b>País</b> Espanha	
<b>Descrição e Trabalhos</b>	<p>O naufrágio de Cabrera I, localizado a 20-22m de profundidade, encontra-se posicionado a cerca de 60m de distância do sítio de Cabrera III.</p> <p>Os vários trabalhos realizados no local permitiram caracterizar o sítio, como um local de naufrágio com uma carga constituída por ânforas dos tipos Almagro 50 e 51c, Béltran 72 e Africanas II variantes B (?) e D.</p> <p>O local foi alvo de trabalhos nos anos de 1970 e 1971 pelo <i>Patronato de Excavaciones Arqueológicas Submarinas de Mallorca</i>, intervenções sobre as quais quase nada se sabe, conhecendo-se apenas alguns materiais depositados no <i>Museo de Mallorca</i>. (Guerrero Ayuso e Colls Y Puig, 1982, 4)</p> <p>Entre 1978 e 1979 Dali Colls realizou uma sondagem com sugadora no local do naufrágio identificando um carregamento de ânforas Africanas II da Bizacena e ânforas do tipo Almagro 51c que se encontravam dispostas em dois níveis, encontrando-se o primeiro directamente em contacto com o casco do navio e o segundo imediatamente sobre o primeiro. Recuperaram-se nessa ocasião 6 exemplares de ânforas Africana II e dois de Almagro 51c. Foi, igualmente, identificada uma ânfora piriforme, possivelmente de origem bética, cuja representação gráfica corresponde a uma Beltrán 72; assim como um conjunto de <i>tegulae</i>, colocadas sobre o nível de ânforas. Segundo os autores todos os exemplares recuperados de Africana II tinham o interior coberto de resina e observou-se a existência de abundantes restos de espinhas de peixe. O conteúdo de duas dessas ânforas foi analisado no <i>Laboratoire de Biologie marine du Collège de France</i>, cujos resultados revelaram tratar-se de vestígios atribuíveis à espécie <i>Scomber (pneumatophorus) japonicus</i>, ou seja cavala. (Guerrero Ayuso e Colls Y Puig, 1982, 18)</p> <p>Na superfície do fundo marinho eram também visíveis fragmentos de ânfora associáveis ao tipo Almagro 50, o que permitiu aos autores sugerirem uma hipótese de reconstituição da carga do navio naufragado. (Guerrero Ayuso e Colls Y Puig, 1982, fig.6)</p> <p>O local não voltou a ser alvo de trabalhos de sondagem ou escavação, tendo sido, no entanto, continuamente monitorizado pela tutela arqueológica balear.</p> <p>Segundo artigo de Pau Marimon Ribas (2004) os selos registados em ânforas Africana II, provenientes do sítio, são os seguintes:</p> <p>COLLEP/IC - Africana IID LEPMI/ BSCD - Africana IID CLE/MAX Africana IID AELEOR/ (hedera) ASVL – Africana IIB</p>		

MAVI/ASVL – Africana IIB  
.../A... (ASVL?) – Africana IID  
TOP/MAR – Africana IID  
FANFORT/ COLHADR – Africana IID  
AVX - Africana IID  
COL/MA... – Africana IIB  
PLA – Africana IIB

**Espólio**

Espólio recuperado:  
6 Ânforas Africana II da Bizacena  
2 Ânforas Almagro 51c lusitanas (+ 5 frag. visualizados na campanha da SIAS 2013)  
1 Ânfora do tipo Beltrán 72  
Fragmentos de ânforas do tipo Almagro 50  
Espólio observado em 2013 e 2014 no fundo marinho:  
Fragmentos de ânforas dos tipos Almagro 51c lusitanas e Africana II. (descritos adiante)

**Depósito**

Museo de Mallorca

**Bibliografia**

Guerrero Ayuso e Colls Y Puig, 1982; Cuerrero Ayuso e Mayet, 1987; Bost *et al.*, 1992; Parker, 1992, 81; Marimon Ribas, 2004.

Relatórios:

Informe del Projecte de prospecció arqueològica subaquàtica a l'arxipèlag de Cabrera, Mallorca 2013. SIAS

**Imagens**

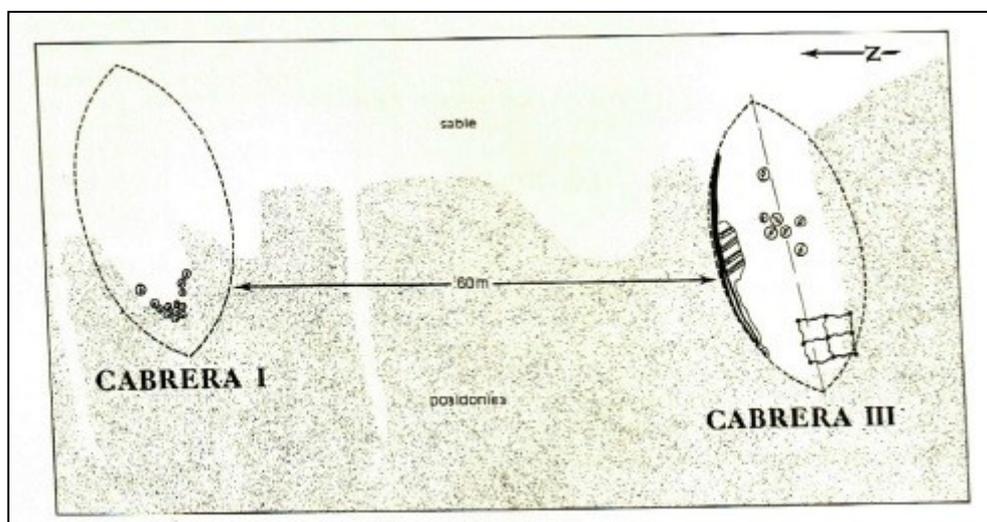


Fig. 1 – Orientação e localização dos naufrágios de Cabrera I e Cabrera III (Bost *et al.*, 1992)

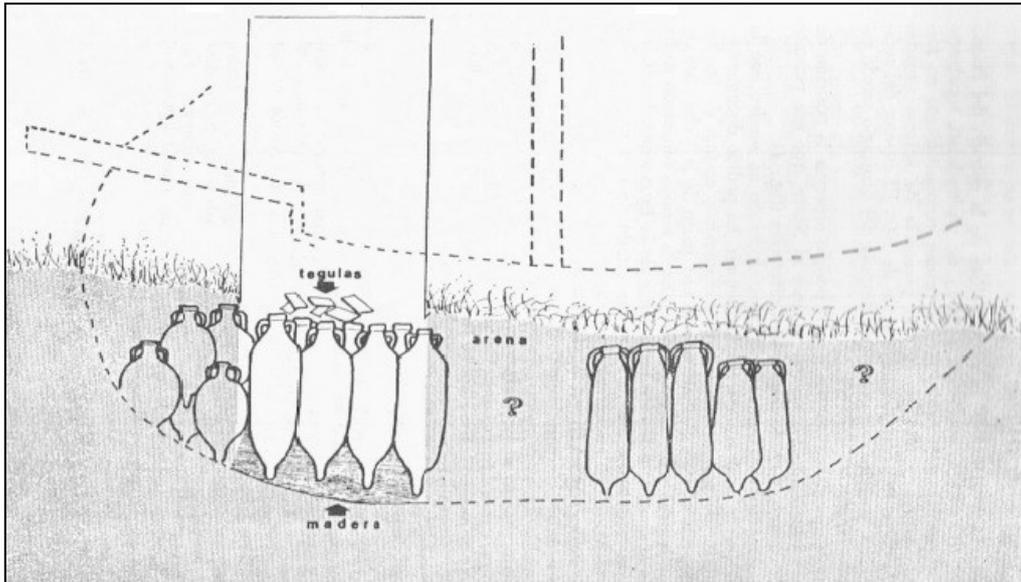


Fig. 2 – Hipótese reconstrutiva da embarcação naufragada no sítio de Cabrera I. (Guerrero Ayuso e Colls Y Puig, 1982, Fig.6)

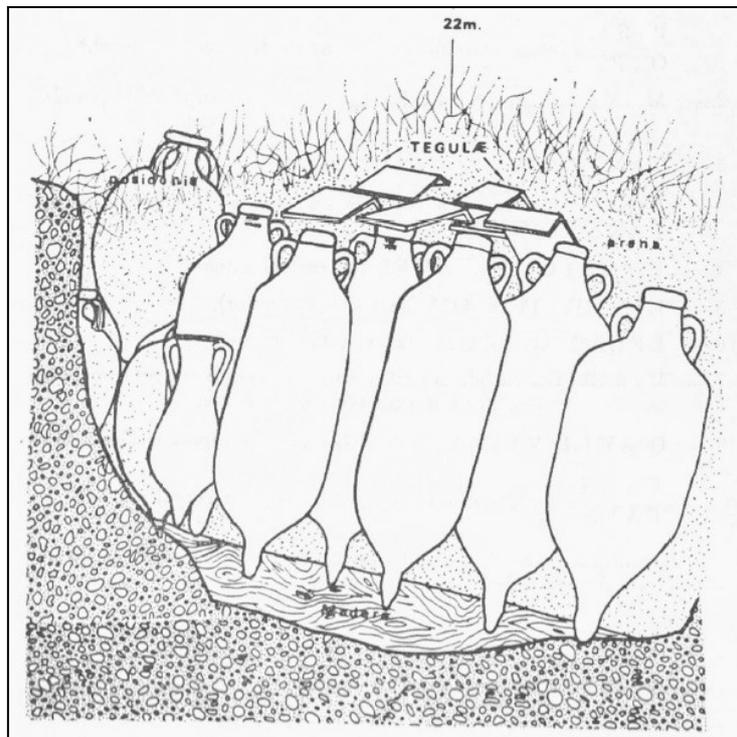


Fig. 3 – Pormenor da área alvo de sondagem no sítio de naufrágio Cabrera I. (Guerrero Ayuso e Colls Y Puig, 1982, Fig.5)

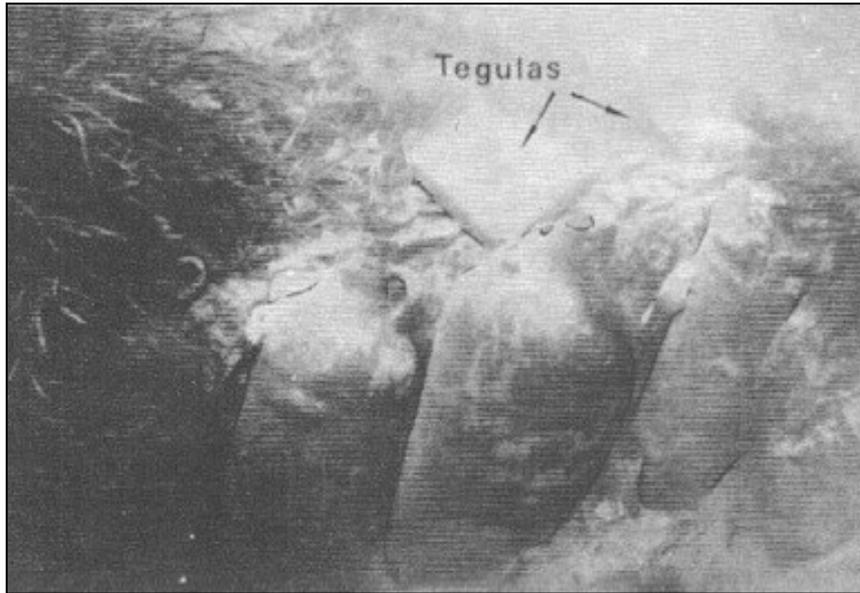


Fig. 4 – Fotografia da área sondada. (Guerrero Ayuso e Colls Y Puig, 1982, Lâmina IX)

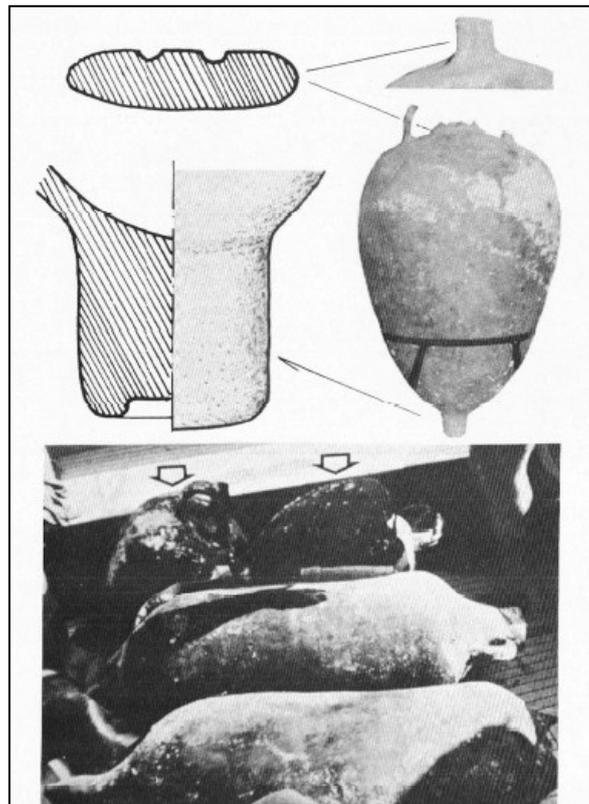


Fig. 5 – Fotografia de materiais recuperados (são visíveis duas Almagro 51c) e desenho de fragmentos de Almagro 51c. (Guerrero Ayuso e Colls Y Puig, 1982, Lâmina XVII)



Fig. 6 – Fotografia e desenho de Africanas IID recuperadas. (Guerrero Ayuso e Colls Y Puig, 1982, Lâmina XVI)

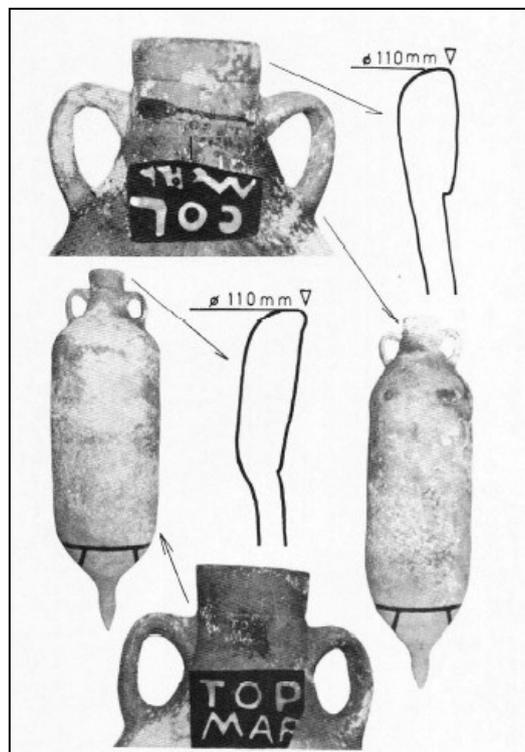


Fig. 7 – Fotografia e desenho de Africanas IID recuperadas. (Guerrero Ayuso e Colls Y Puig, 1982, Lâmina XII)

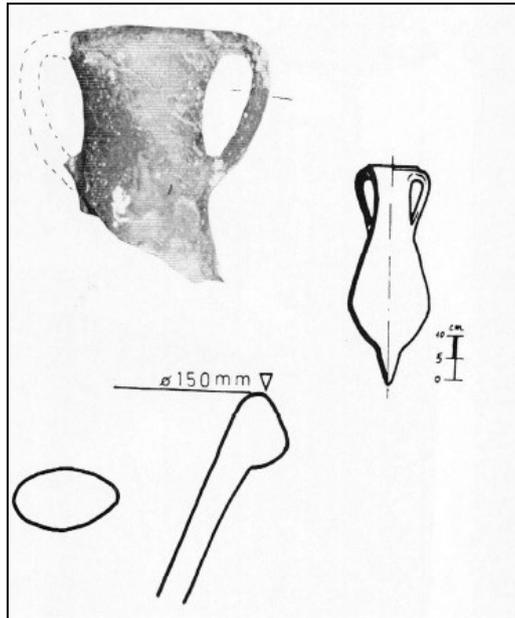


Fig. 8 – Fotografia e desenho de Beltrán 72 recuperada. (Guerrero Ayuso e Colls Y Puig, 1982, Lâmina XVIII)

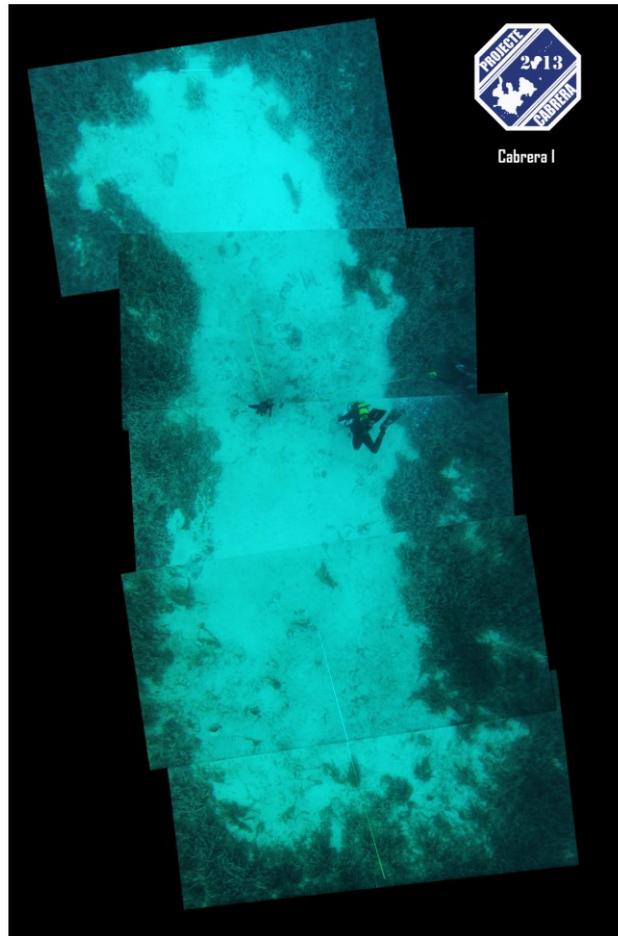


Fig. 9 – Fotomosaico do sítio de Cabrera I. (Bruno Parés – SIAS, 2013)

### Planimetria Cabrera I

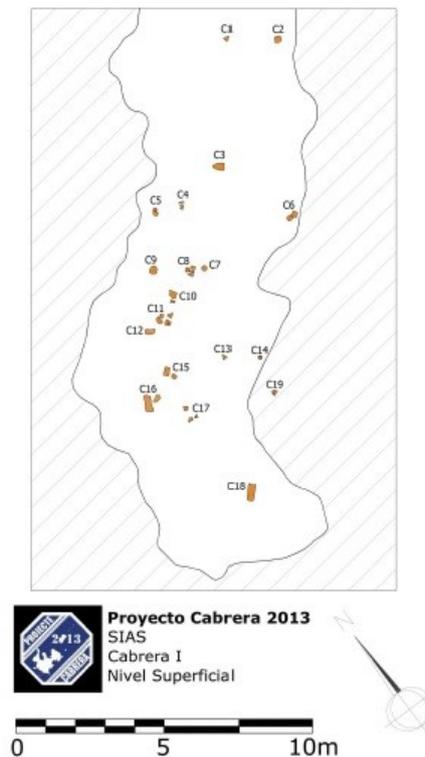


Fig.10 – Planimetria do sítio Cabrera I – SIAS 2013.

#### **Materiais identificados e visíveis nas fotos subaquáticas da campanha de 2013 da SIAS:**

- Conjunto 1 – Fragmento de corpo de ânfora
- Conjunto 2 – Fragmento de corpo de ânfora e bico fundeiro
- Conjunto 3 – Asa de Almagro 51c e fragmentos de corpos de ânforas
- Conjunto 4 – Fragmentos de corpo de ânfora
- Conjunto 5 – Fragmento de corpo de ânfora e arranque de bico fundeiro e/ou bordo
- Conjunto 6 – Fragmentos de corpo de ânfora
- Conjunto 7 – Bordo e asa de Almagro 51c e fragmento de corpo de ânfora
- Conjunto 8 – Fragmentos de corpo de ânfora
- Conjunto 9 – Fragmentos de corpo de ânfora
- Conjunto 10 – Fragmentos de corpo de ânfora
- Conjunto 11 – ?
- Conjunto 12 – ?
- Conjunto 13 – Bordo de Almagro 51c
- Conjunto 14 – Fragmentos de corpo de ânfora e arranque de bordo ou fundo
- Conjunto 15 – Fragmentos de corpo de ânfora
- Conjunto 16 – Fragmentos de corpo de ânfora, provavelmente do tipo Almagro 50
- Conjunto 17 – Fragmentos de corpo de ânfora e bordo e asa de Almagro 51c
- Conjunto 18 – Fragmentos de corpo de ânfora
- Conjunto 19 – Bordo e asa de Almagro 51c

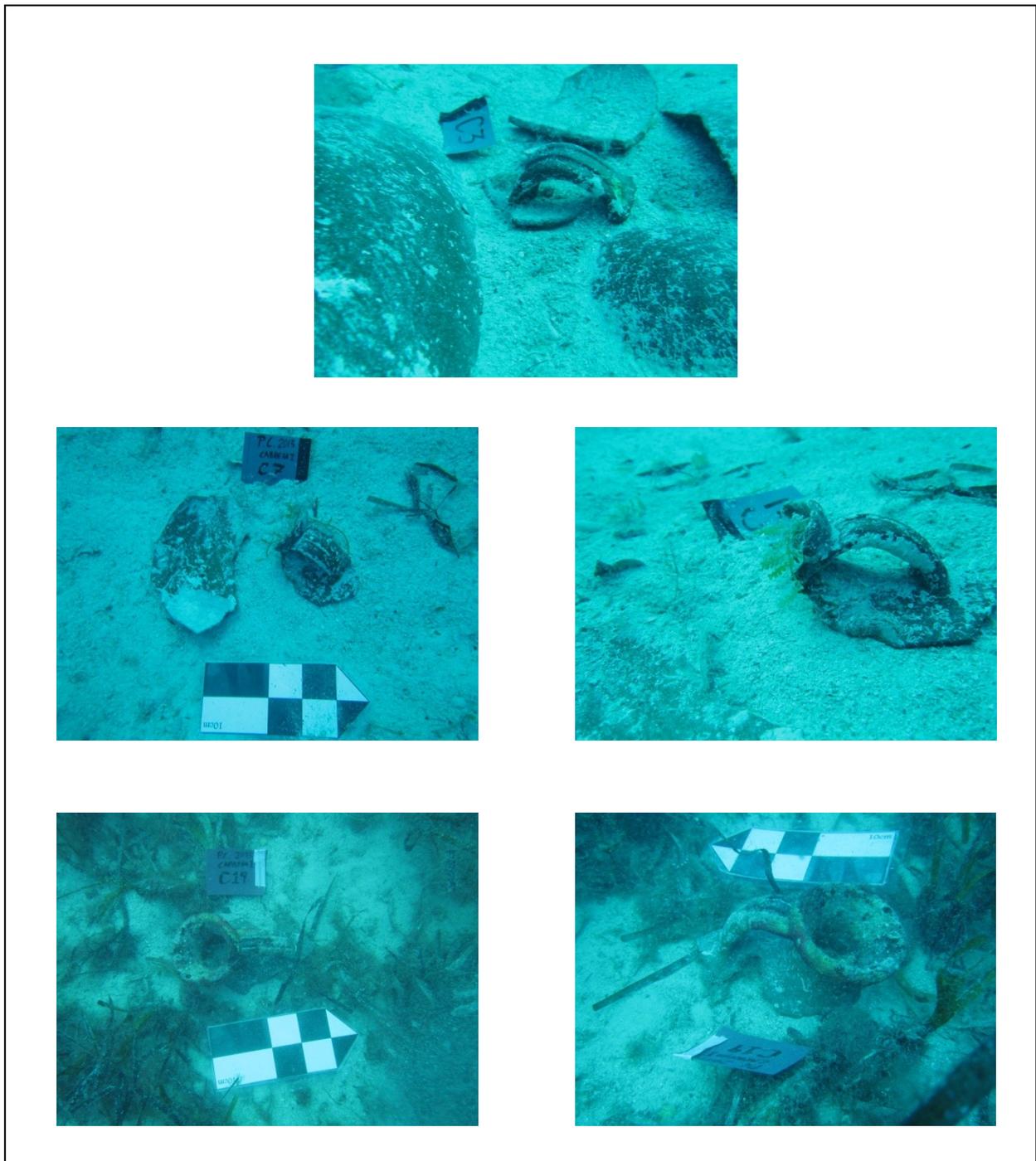


Fig. 11 – C3, C7 e C19 – Conjuntos com exemplares de Almagro 51c do sítio de Cabrera I. (Fotos SIAS, campanha de 2013)

<b>Designação</b>	<b>Cabrera III</b>	Parker 125	<b>13</b>
<b>Tipo de Sítio</b>	Naufrágio	<b>Cronologia</b>	
		Meados do séc. III (257 d.C.)	
<b>Localização</b>	Baía localizada à entrada da ilha de Cabrera (Sul de Maiorca)	<b>País</b>	
		Espanha	
<b>Descrição e Trabalhos</b>	<p>O naufrágio de Cabrera III, localizado a 20-22m de profundidade, foi, à semelhança de Cabrera I, alvo de trabalhos nos anos de 1970 a 1972 pelo <i>Patronato de Excavaciones Arqueológicas Submarinas de Mallorca</i>, intervenções sobre as quais quase nada se sabe, conhecendo-se apenas alguns materiais depositados no Museo de Mallorca. (Guerrero Ayuso e Colls Y Puig, 1982, 4)</p> <p>Os trabalhos de Dali Colls entre 1978 e 1979 limitaram-se à realização de algumas sondagens no local e na identificação de ânforas dos tipos Dressel 20 e Africana II da Bizacena. (Guerrero Ayuso e Colls 1982, 20)</p> <p>O sítio foi, posteriormente, alvo de trabalhos de escavação, entre 1985 e 1986, por uma equipa transnacional formada por membros do Centro Nacional de Arqueologia Subaquática de Cartagena e pelo DRASSM (França). Os resultados dessa intervenção foram publicados numa monografia em 1992. (Bost <i>et al.</i>, 1992)</p> <p>Nas campanhas de 1985/86 foi escavada uma superfície total de 8m por 8m. (Fig.3)</p> <p>O naufrágio foi datado de cerca de 257 d.C., data sugerida pelo tesouro monetário existente a bordo. Foram recuperadas em total de 967 moedas: 965 sestércios de bronze e dois antonianos de prata (um de Filipe e outro de Valeriano), abarcando um arco cronológico que vai de Domiciano a Valeriano. Mais de dois terços das moedas são posteriores a 222 d.C.</p> <p>Com base nos dados da arquitectura naval, pensa-se que se tratava de um navio com cerca de 35m de comprimento. A carga estava disposta em dois níveis e era constituída por ânforas béticas de azeite dos tipos Dressel 20, Dressel 20 <i>parva</i> e Tejarillo I, Africanas II variantes C e D, Almagro 50 e 51C, e um número menor de Beltrán 68 e Beltrán 72. A carga incluía, ainda, <i>Terra Sigillata</i> Clara dos tipos A e C.</p> <p>A origem lusitana para os tipos Almagro 50, 51C e Beltrán 72 é apontada pelos autores na publicação resultante das intervenções dos anos 80 (Bost <i>et al.</i> 1992), no entanto a tipologia e proveniência dos tipos hispânicos a bordo, tem vindo a sofrer algumas sugestões de revisão. Desde logo a presença, em alguns exemplares de Almagro 50 e Beltrán 72, dos selos ANNGENIALIS, ANGE e IVNIOR (BOST <i>et al.</i>,1992, 128-131, figs. 28-29) sugerem uma provável origem Bética dessas ânforas. (Fabião 1997b, 62-67; Fabião e Guerra 2004, 226, Bernal Casasola, García Vargas e Gener Basallote, 2014) A esta problemática associam-se as dificuldades de distinção entre os tipos Almagro 50 e Keay XVI, cuja produção está igualmente atestada na Bética (Bernal Casasola e García Vargas 2008; Almeida e Raposo 2014a; Almeida e Raposo 2014b). Por outro lado, também a presença de Dressel 23, referida na monografia de 1992, tem sido questionada, tratando-se, segundo os novos dados, de ânforas Tejarillo I. Estando</p>		

igualmente presente, no sítio de naufrágio o tipo Dressel 20 *parva*, designação adoptada para os exemplares com um módulo de capacidade intermédia entre a Dressel 20 e a Tejarillo I; considerando alguns investigadores que a Dressel 23 se trata de um tipo anfórico surgido em época posterior à datação do naufrágio. (Berni Millet e Moros Díaz, 2012) Algumas observações sobre o tipo Beltrán 72 merecem também uma nota; que segundo Dario Bernal Casasola (Bernal Casasola, 2001, 286-287) apresenta duas variantes ao nível do bordo – A e B (Fig.9 e 10).

Para além dos tipos anfóricos já referidos (Dressel 20, Tejarillo I, Africana II, Almagro 50 e 51c, Beltrán 72 e 68) os autores da intervenção dos anos 80, revelam a presença de outros dois tipos de ânfora indeterminada, uma das quais poderá ser associada à forma Dressel 28 de fundo plano e outra um tipo muito semelhante à Almagro 51c. Esses tipos minoritários e as Beltrán 72 e Beltrán 68 terão, provavelmente, feito parte das dotações de bordo e não da carga comercial. Por questões cronológicas, a peça atribuível ao tipo Dressel 28, poderá corresponder a um hipotético fabrico lusitano, cuja cronologia se estende para além do século III, contrariamente às restantes produções hispânicas conhecidas até ao momento. Foram também identificados alguns *opercula* cerâmicos, cerâmica comum (taças, caçarolas, potes e jarros), lucernas, alguns objectos em vidro, objectos em ferro e cobre.

As Dressel 20 encontravam-se colocadas na parte central da embarcação, formando dois níveis sobrepostos, enquanto que nas laterais surgiram as Almagro 50 e as Africanas II que alcançavam a mesma altura do que as Dressel 20 dispostas apenas num nível. A forma de disposição da carga levou os autores a considerar que a embarcação terá sido carregada num mesmo momento e num mesmo porto, muito provavelmente Cádiz e que teria como destino os portos de Roma (*Ostia*). (Bost *et al.*, 1992, 200)

Durante o processo de escavação a estrutura naval nunca foi estudada de forma específica, não se conhecendo por isso informações concretas sobre o tipo de construção. (Bost *et al.*, 1992, 33)

A presença de selos é frequente nas Dressel 20 (asa), nas Almagro 50 (asas), Beltrán 72 (asas) e nas Africanas II (colo).

Os selos presentes nas Dressel 20 perfazem um total de 5 marcas distintas:

IICCLMM

FQME

IIIN ou NIII

POR.TO e PO.PV.LI

Nas Almagro 50, conhecem-se 3 selos distintos:

ANNGENIALIS (*Annius Genialis*)

ANGE

IVNIOR (*Iuniorum*)

A marca ANGE repete-se também na forma Beltrán 72.

Por seu turno, nas Africanas II conhece-se um total de 13 selos distintos:

LEPMI/ BSCD  
LE...  
DO(palma) N/AS(palma)VL  
TER(palma) TI/ASY(palma) LL  
TOP/MAR  
TOP/HLV  
TOPOL/...MV...  
CAN  
CTPOM ou CIPOM  
MAR  
MARI  
HPC ou H (hedera) C  
O

São igualmente frequentes os grafitos nas Dressel 20 e Africanas II.

Relativamente aos conteúdos das ânforas, é consensual que as Dressel 20 e Tejarillo I terão transportado azeite bético, as Almagro 50, 51c e a Beltrán 72 são contentores piscícolas, enquanto que a Beltrán 68 é uma ânfora vinária proveniente da bética. Dois exemplares de Africana II continham abundantes caroços de azeitona, o que indicava um possível transporte de azeite, no entanto outros exemplares recuperados em 1979 continham espinhas de peixe, à semelhança dos exemplares de Cabrera I. (Bost *et al.*, 1992, 143)

### **Espólio**

Espólio recuperado na escavação de 1985/86:

Dressel 20 – 31 exemplares inteiros e 1 colos

Dressel 20 parva – 1 exemplar inteiro e um colo

Tejarillo I – 14 exemplares inteiros e 2 colos

Almagro 50 - 14 exemplares inteiros e 5 colos

Beltrán 72 - 7exemplares inteiros

Almagro 51c - 3 exemplares inteiros e 13 colos (16 + 3 frag. visualizados na campanha da SIAS 2013)

Africana II - 17 exemplares inteiros e 15 colos

Beltrán 68 – 2 exemplares inteiros e 1 colo

Indeterminadas (Dressel 28? e forma análoga à Almagro 51c?) – 4 colos

Total de 131 ânforas recuperados (NMI).

*Terra Sigillata* Clara dos tipos A e C, *opercula* cerâmicos, cerâmica comum (taças, caçarolas, potes e jarros), lucernas, alguns objectos em vidro, ferro e cobre.

Espólio Revisto (Museu de Cabrera):

2 Almagro 51c de pasta lusitana

11 Almagro 50/Keay XVI de pasta sul-hispânica

1 Africana IIB

4 Dressel 20

Espólio revisto no *Museo Arqueológico Nacional de Tarragona*:

1 Tejarillo 1

1 Africana IIB

**Depósito**

Museu de Cabrera

Museo Arqueológico Nacional de Tarragona

**Bibliografia**

Guerrero Ayuso e Colls Y Puig, 1982; Guerrero Ayuso e Mayet, 1987; Bost *et al.*, 1992; Parker, 1992, 81; Marimon Ribas, 2004.

Relatórios:

Informe del Projecte de prospecció arqueològica subaquàtica a l'arxipèlag de Cabrera, Mallorca 2013. SIAS

**Imagens**

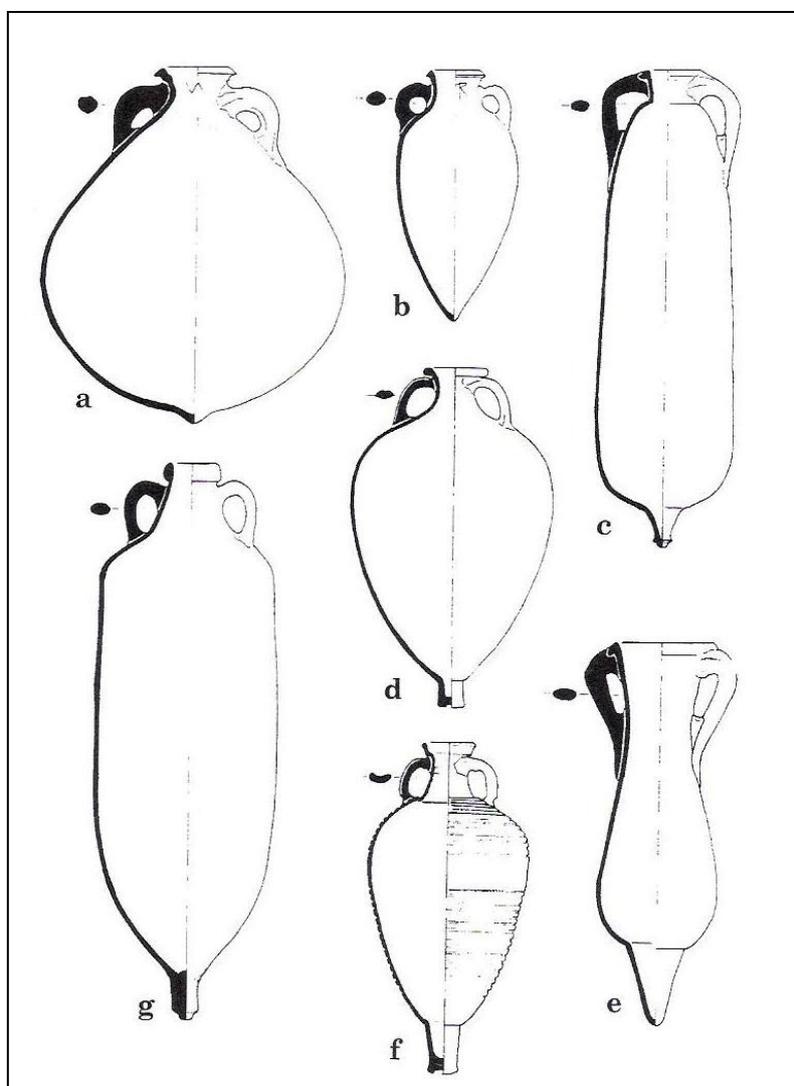


Fig.1 – Ânforas recuperadas do naufrágio de Cabrera III em 1985/86. a) Dressel 20, b) Tejarillo I, c) Almagro 50/Keay XVI, d) Almagro 51C, e) Beltrán 72, f)Beltrán 68 e g) Africana II. (Bost *et al.*, 1992, fig.16 – Escala 1/10)

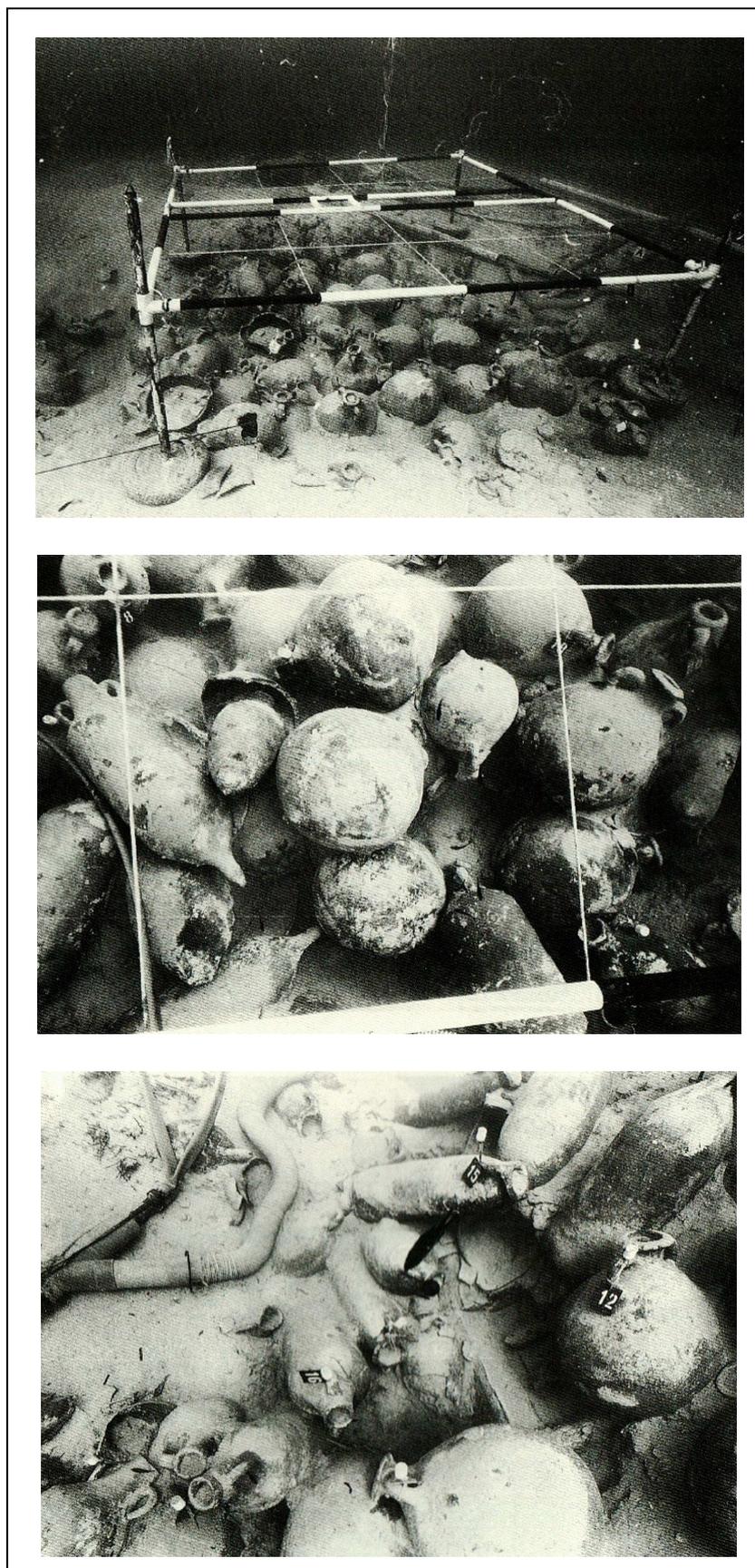


Fig. 2 – Registo fotográfico das intervenções de 1985/86. (Bost *et al.*, 1992)

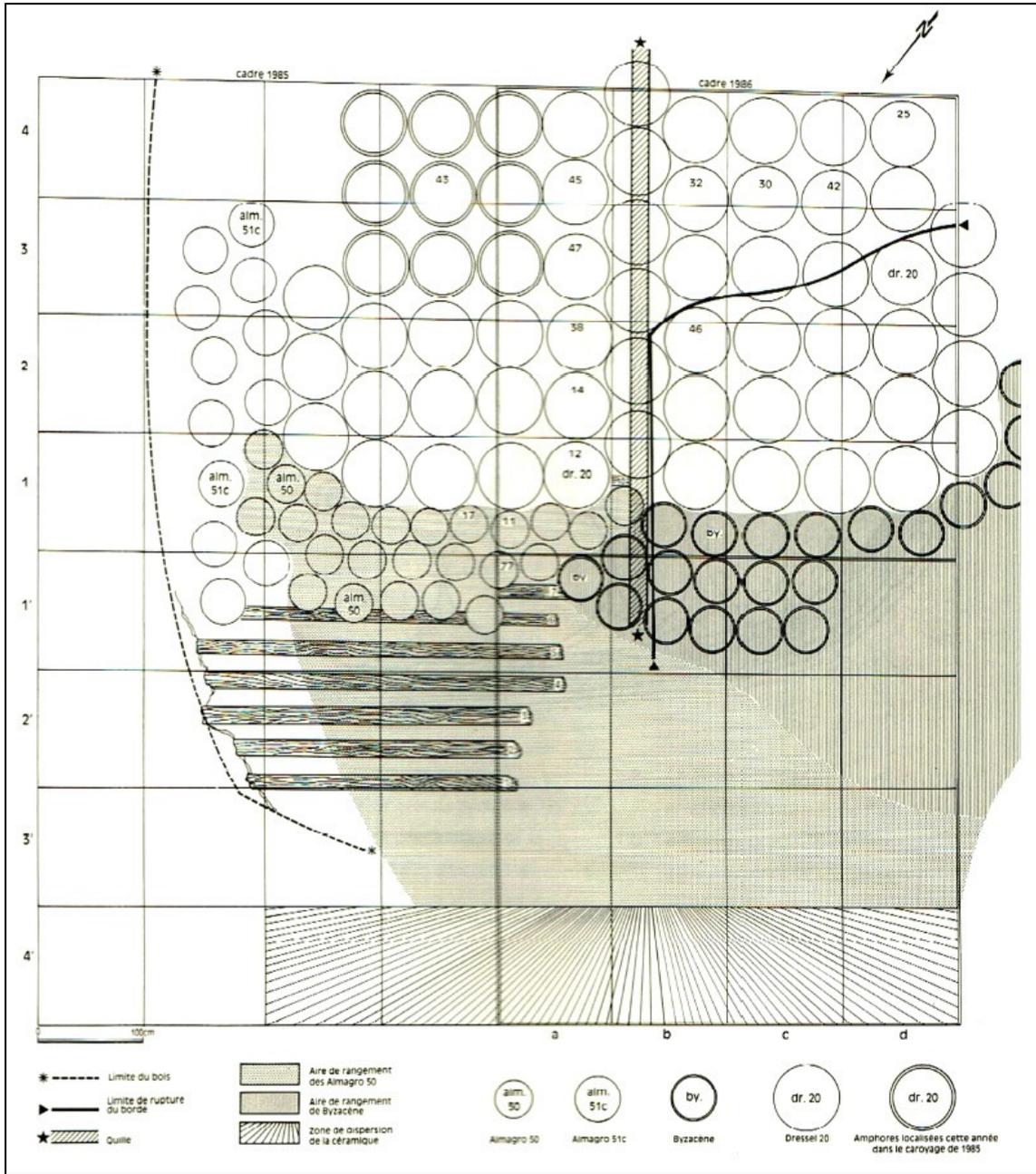


Fig. 3 – Área escavada em 1985/86 – 8m x 8m. (Bost *et al.*, 1992, fig.5)

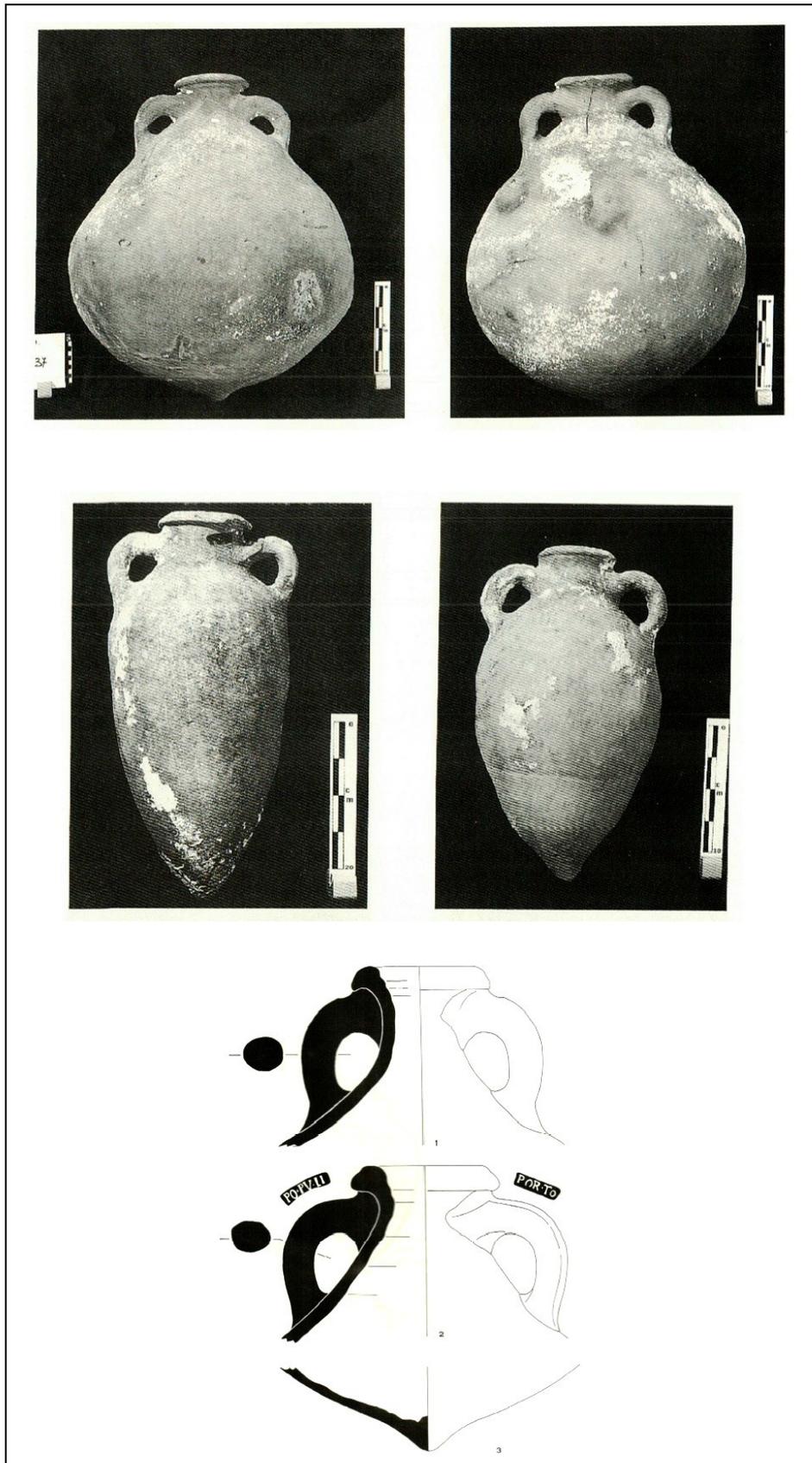


Fig. 4 - Ânforas Dressel 20 e Tejarillo I recuperadas em 1985/86. (Bost et al., 1992, fig.17 – Escala 1/3)



Fig. 5 - Ânforas Africana IIC e IID recuperadas em 1985/86. (Bost *et al.*, 1992, fig.35 – Escala 1/3)

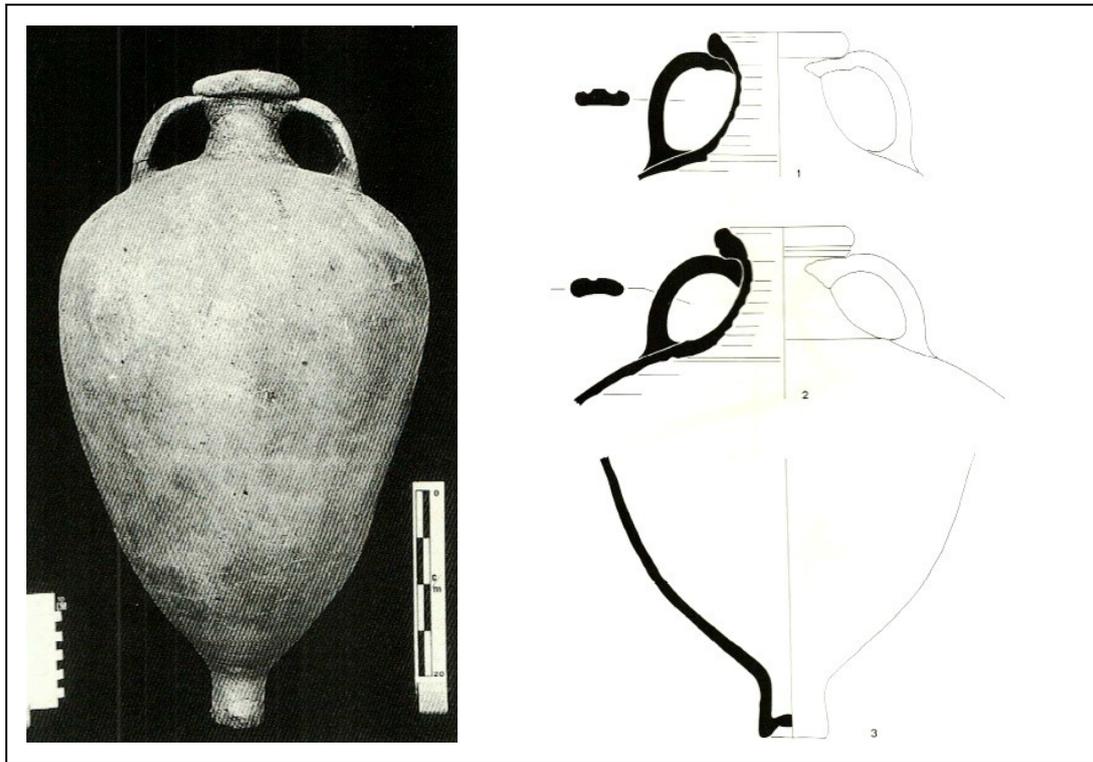


Fig. 6 – Ânforas Almagro 51c recuperadas em 1985/86. (Bost *et al.*, 1992, fig.33 – Escala 1/3)

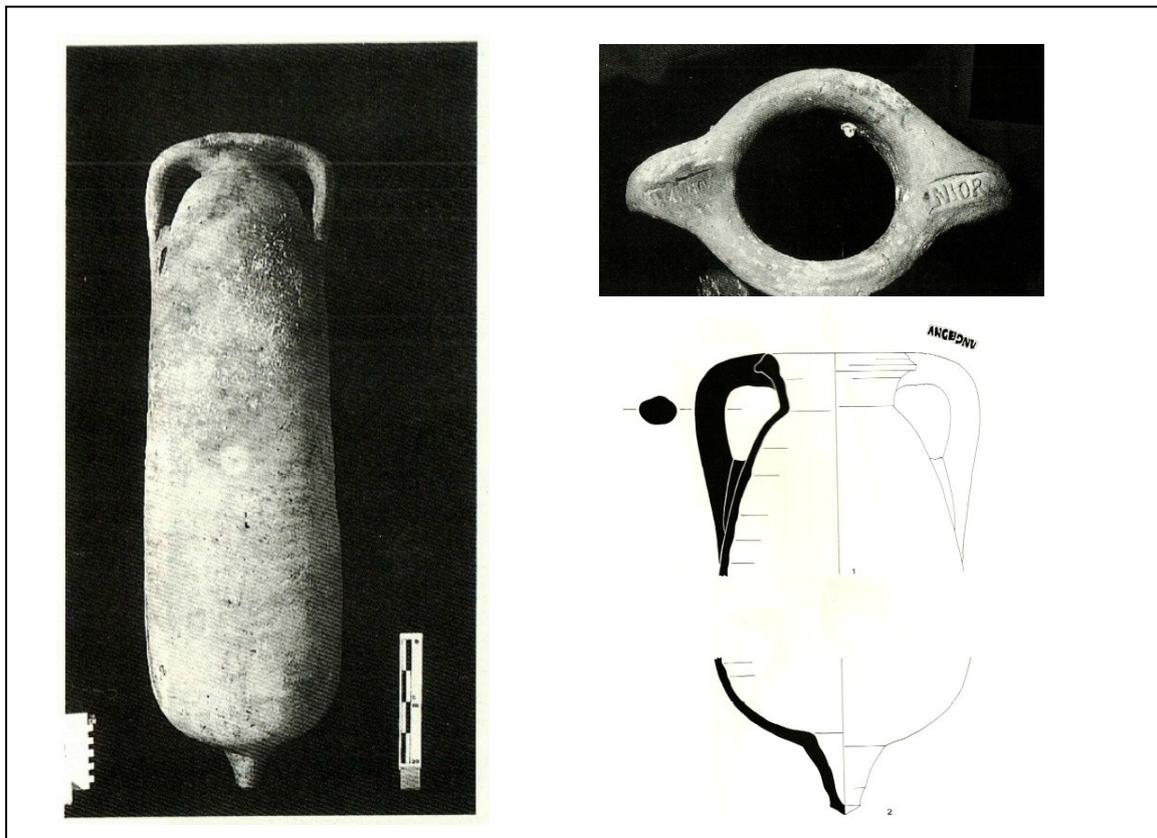


Fig. 7 – Ânforas Almagro 50/Keay XVI recuperadas em 1985/86. (Bost *et al.*, 1992, fig.27 – Escala 1/3)

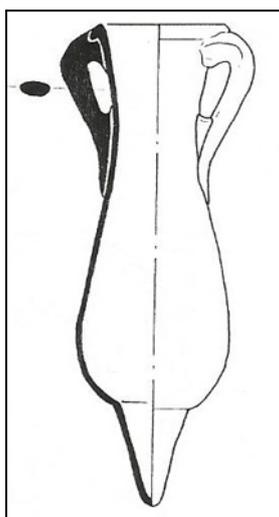


Fig. 8 - Beltrán 72 completa do naufrágio de Cabrera III, bordo variante A. (Bost *et al.*, 1992, 149, fig. 16, 5 – Escala 1/10)

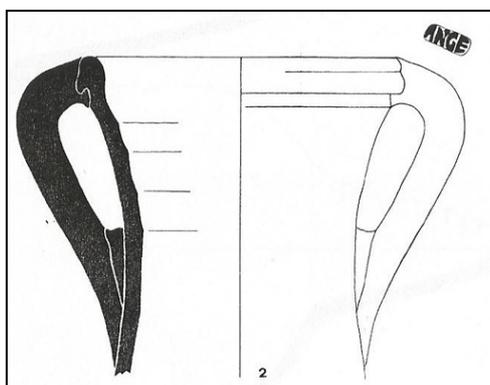


Fig. 9 - Detalhe do bordo de um exemplar da variante A de uma Beltrán 72 do naufrágio de Cabrera III. (Bost *et al.*, 1992, 162, fig. 29, 2 –Escala 1/3)

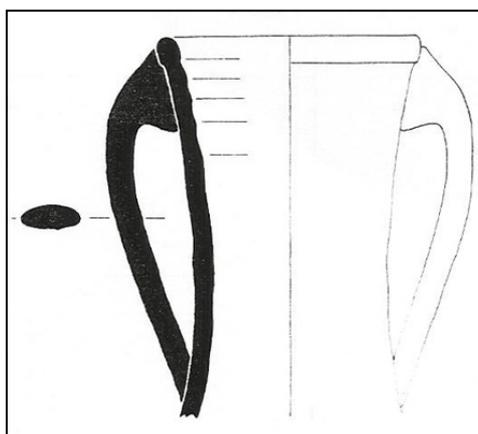


Fig. 10 – Exemplar da variante B, do tipo Beltrán 72 do naufrágio de Cabrera III. (Bost *et al.*, 1992, fig.30,2 – Escala 1/3)



Fig. 11 – Ânforas do naufrágio de Cabrera III em exposição no Museu Local.



Fig. 12 – Ânforas do naufrágio de Cabrera III em exposição no Museu Local.

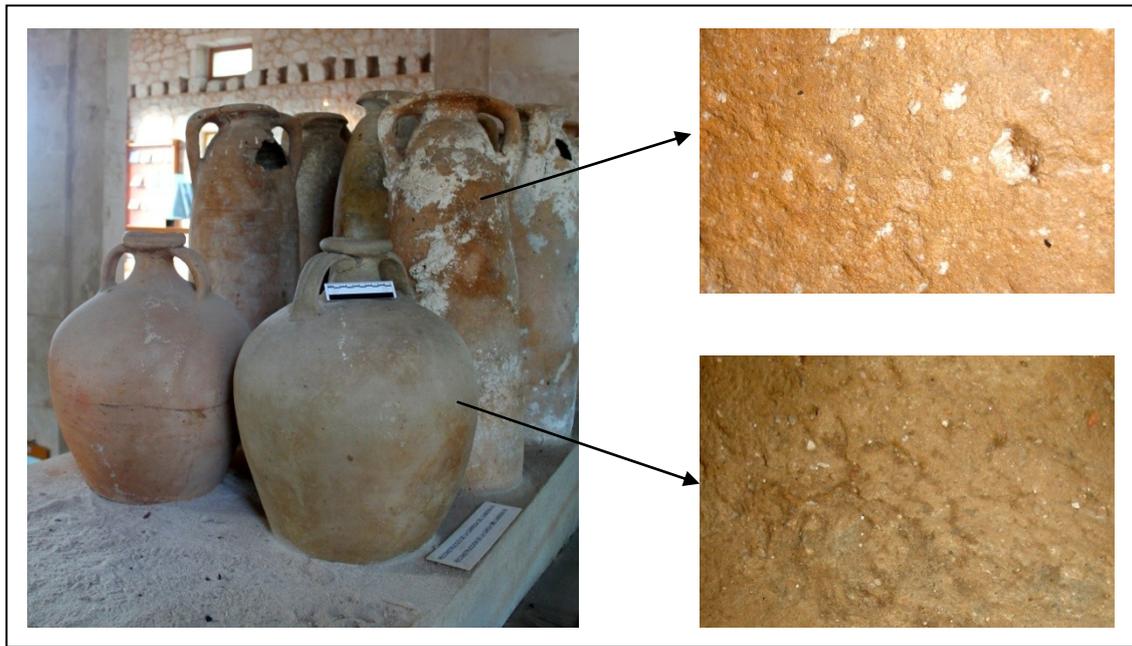


Fig. 13 – Ânforas dos tipos Almagro 50 e 51c do naufrágio de Cabrera III (Museu de Cabrera) e pormenor das pastas.

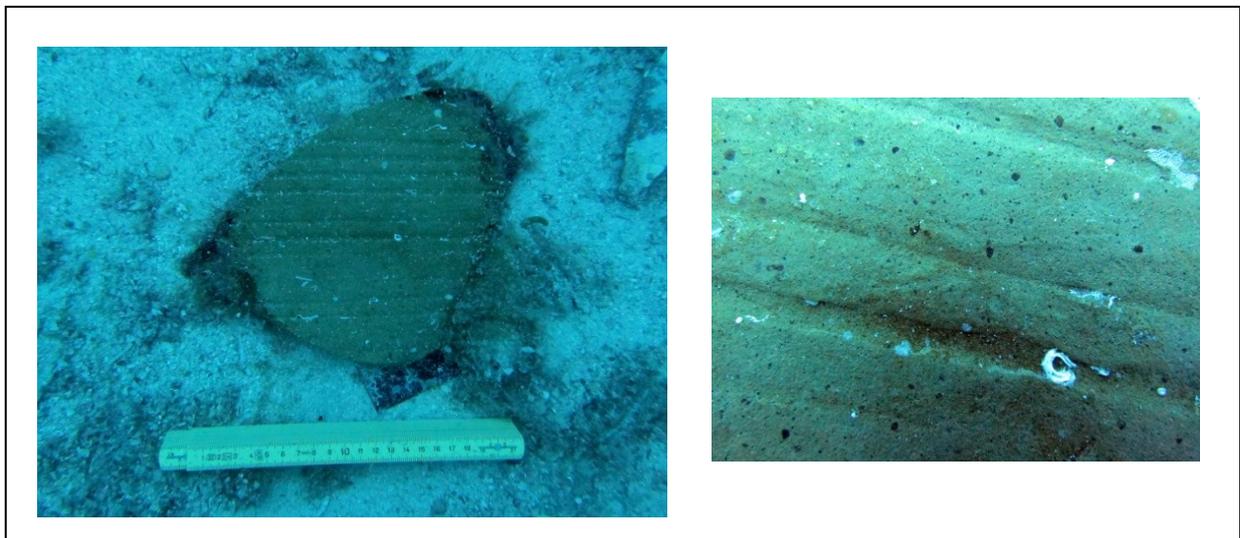


Fig. 14 – Fragmento de corpo de ânfora do tipo Beltrán 68 do sítio de naufrágio de Cabrera III, e pormenor da pasta cerâmica. (Foto de Sónia Bombico, campanha subaquática da SIAS, 2014)

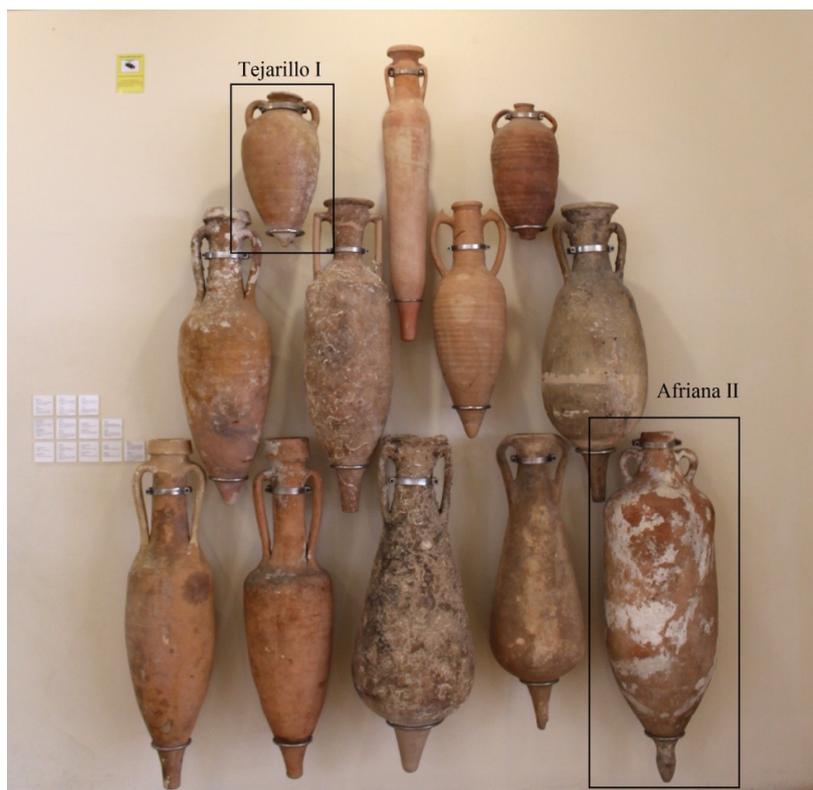


Fig. 15 – Ânforas provenientes de Cabrera III, expostas no Museo Arqueológico Nacional de Tarragona (1 Tejarillo I e 1 Africana IIB)

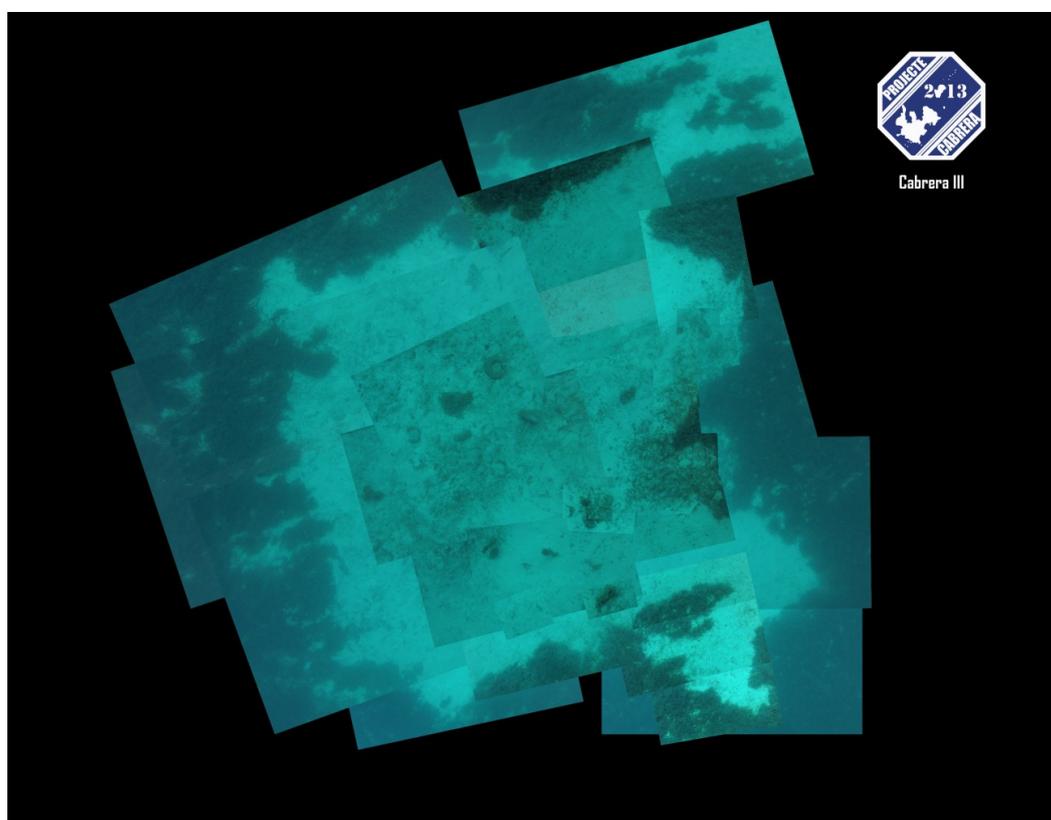


Fig. 16 – Fotomosaico do sítio de Cabrera III. (Bruno Parés – SIAS, 2013)

## Planimetria Cabrera III

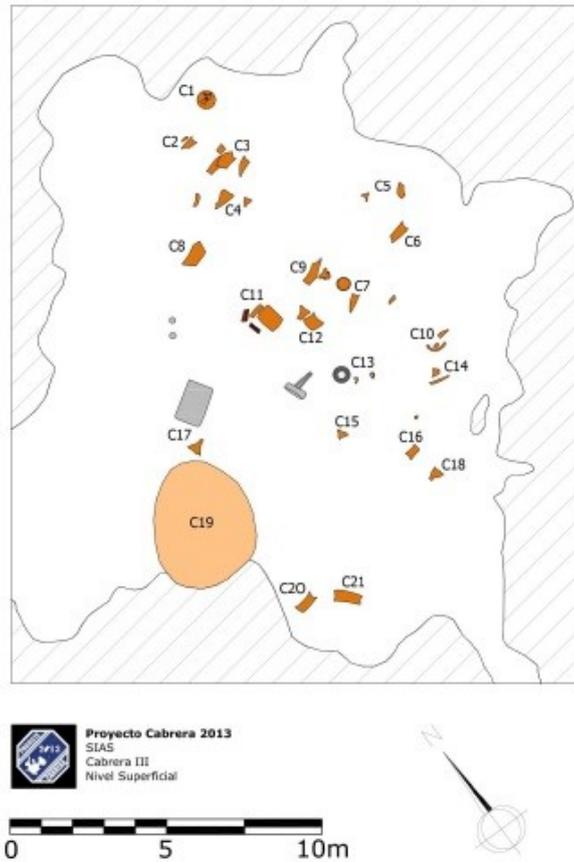


Fig.17 – Planimetria do sítio Cabrera I – SIAS 2013.

### **Materiais identificados e visíveis nas fotos subaquáticas da campanha de 2013 da SIAS:**

- Conjunto 1 – Bico fundeiro de Almagro 51c e bordo de Almagro 50 ou Beltrán 72
- Conjunto 2 – Fragmentos de ânfora informes.
- Conjunto 3 – Fragmentos de corpo de ânfora
- Conjunto 4 – Fragmentos de corpo de ânfora
- Conjunto 5 – Bico fundeiro de Africana II
- Conjunto 6 – Fragmentos de corpo de ânfora
- Conjunto 7 – Fragmentos de corpo de ânfora
- Conjunto 8 – Fragmentos de corpo de ânfora
- Conjunto 9 – Asa de Dressel 20 com selo (VIII)
- Conjunto 10 – Fragmentos de corpo de ânfora
- Conjunto 11 – Fragmentos de ânforas, um bico fundeiro de Almagro 51c e fragmentos de madeira
- Conjunto 12 – Conjunto de materiais anfóricos informes
- Conjunto 13 – Asa de Almagro 51c
- Conjunto 14 – Fragmentos de corpo de ânfora
- Conjunto 15 – Fundo de ânfora e arranque de bico fundeiro
- Conjunto 16 – Fragmentos de corpo de ânfora.

Conjunto 17 –?

Conjunto 18 – Fragmentos de corpo de ânfora

Conjunto 19 – Fragmentos de ânfora – área de descarte de materiais das escavações dos anos 80.

Conjunto 20 – Fragmentos de corpo de ânfora

Conjunto 21 – Fragmentos de corpo de ânfora



Fig. 18 - C1 – Bico fundeiro de Almagro 51c e bordo de Almagro 50 ou Beltrán 72 (Foto SIAS 2013)



Fig.19 - Conjunto 5 – Bico fundeiro de Africana II (Foto SIAS 2013)



Fig. 20- C 9 – Asa de Dressel 20 com selo (VIII) (Fotos SIAS 2013)



Fig.21 - C11 Bico fundeiro de Almagro 51c. (Foto SIAS 2013)



Fig.22 - C13 – Asa de Almagro 51c (Foto Sónia Bombico, 2014)



Fig. 23- C19 – Conjunto de fragmentos de ânfora – área de descarte de materiais das escavações dos anos 80. (Foto SIAS 2013)

<b>Designação</b>	<b>Porto de Mahón</b>	
<b>Tipo de Sítio</b>	Provável naufrágio	<b>Cronologia</b> Meados do séc. I-II d.C. (50-125 d.C.)
<b>Localização</b>	Menorca – Costa Oriental	<b>País</b> Espanha
<b>Descrição e Trabalhos</b>	<p>No Museo Provincial de Bellas Artes de Mahón conservavam-se, nos anos 70 do século XX, dois exemplares de ânforas de tipo Dressel 14 provenientes de local não identificado no Porto de Mahón. (Nicolas, 1972, 235).</p> <p>O sítio de onde foram recuperadas essas peças corresponderá, muito provavelmente, ao naufrágio denominado Port de Maó-Naufrágio de La Llosa de Sant, do qual provem para além de ânforas do tipo Dressel 14, também Beltrán IIB. (Pons Machado, 2005,448)</p>	
<b>Espólio</b>	<p>Dressel 14 Beltrán IIB</p> <p>A descrição da pasta dos exemplares recuperados e conservados no Museo Provincial de Bellas Artes de Mahón parece corresponder a fabricos lusitanos. (Mascaró, 1972, 235)</p>	
<b>Depósito</b>	Museo Provincial de Bellas Artes de Mahón	
<b>Bibliografia</b>	Nicolás 1972 e 1982; Etiene e Mayet 2002, 192, nº16; Pons Machado, 2005, 448.	
<b>Imagens</b>		

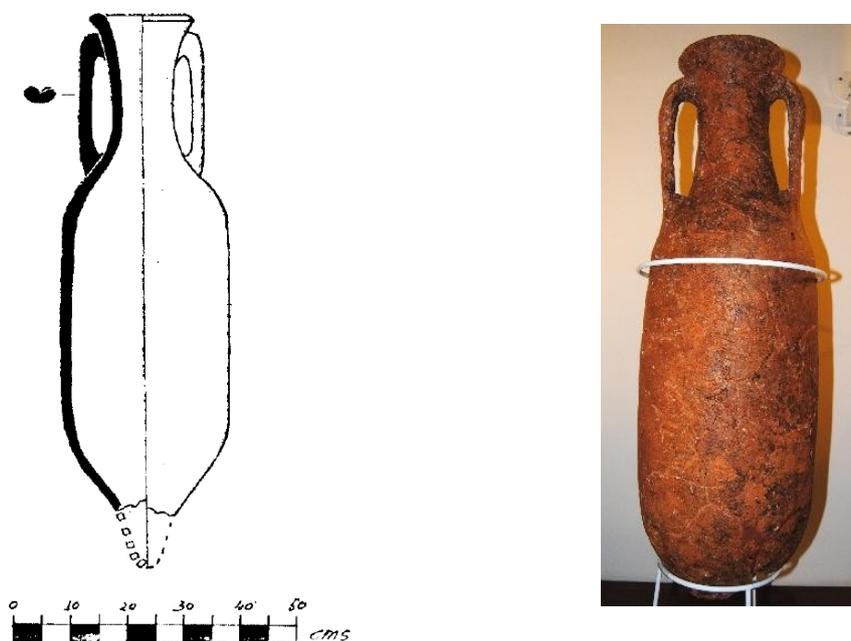


Fig.1 – À esquerda, ânfora Dressel 14 recuperada no Porto de Mahón. (Nicolás, 1972, 229, fig.1n), e à direita peça correspondente nº 00386 - Base de Dados CERES.

<b>Designação</b>	<b>Quarta A Gregal</b>	<b>15</b>
<b>Tipo de Sítio</b>	Provável naufrágio	<b>Cronologia</b>
		Dos meados ao final do séc. I d.C.
<b>Localização</b>	Menorca	<b>País</b>
		Espanha
<b>Descrição</b>	e Foi recuperado um lote de ânforas por parte de uma embarcação a cerca de 4 milhas da	
<b>Trabalhos</b>	costa.	
<b>Espólio</b>	Beltrán IIB	
	Haltern 70	
	Dressel 7-11	
	Dressel 20	
	Dressel 14	
<b>Depósito</b>	Desconhecido	
<b>Bibliografia</b>	Pons Machado 2005, 446.	
<b>Imagens</b>		

<b>Designação</b>	<b>Illa de L’Aire</b>		<b>16</b>
<b>Tipo de Sítio</b>	Provável naufrágio	<b>Cronologia</b>	
		Meados do séc. I – II d.C.	
<b>Localização</b>	Sul da Menorca - Illa de L’Aire	<b>País</b>	
		Espanha	
<b>Descrição</b>	e Foram recuperadas diversas ânforas dos tipos Dressel 20 e Dressel 14 na área a sul da		
<b>Trabalhos</b>	Illa de L’Aire.		
<b>Espólio</b>	Dressel 20		
	Dressel 14		
<b>Depósito</b>	Desconhecido		
<b>Bibliografia</b>	Pons Machado 2005, 452		
<b>Imagens</b>			

<b>Designação</b>	<b>Es Maressos de Cavalleria</b>		<b>17</b>
<b>Tipo de Sítio</b>	Provável naufrágio	<b>Cronologia</b>	
		Séc. II d.C.	
<b>Localização</b>	Menorca – Costa Norte		<b>País</b>
			Espanha
<b>Descrição</b>	e Provável naufrágio datável do séc. II d.C.		
<b>Trabalhos</b>			
<b>Espólio</b>	Dressel 20 Dressel 14 Beltrán IIA Terra Sigillata Clara A Tesouro monetário com denários.		
<b>Depósito</b>	Desconhecido		
<b>Bibliografia</b>	Mascaró 1967 <i>apud</i> Pons Machado 2005, 448.		
<b>Imagens</b>			

<b>Designação</b>	<b>Sanitja</b>	<b>18</b>
<b>Tipo de Sítio</b>	Provável naufrágio	<b>Cronologia</b> Segunda metade do séc. III - Primeira metade do séc. IV
<b>Localização</b>	Porto de Sanitja (Es Mercadal – Menorca) Porto da cidade de <i>Sanisera</i> , situada na Costa Norte da Menorca, muito próximo de Cap de Cavalleria	<b>País</b> Espanha
<b>Descrição e Trabalhos</b>	<p>Do porto de Sanitja, na costa norte da Menorca, provem um conjunto de materiais cerâmicos de fundeadouro, resultado de sucessivas campanhas de prospecção subaquática realizadas desde 1972.</p> <p>C. Rita coordenou uma dessas campanhas, em 1979, sugerindo a existência no local de um naufrágio baixo-imperial, localizado à saída do porto, com uma carga de ânforas norte-africanas e béticas. (Rita <i>et al.</i>, 1984, 43 <i>apud</i> Contreras <i>et al.</i>, 2012)</p> <p>Os trabalhos arqueológicos no local têm sido coordenados desde 2001 por Fernando Contreras, actual director do Ecomuseo de Cap de Cavalleria</p> <p>No artigo publicado em 2012, e que apresenta o estudo de um conjunto de ânforas norte-africanas provenientes do porto de Sanitja, os autores comparam o suposto naufrágio de Sanitja com outros contemporâneos. Através da leitura da tabela 2 ficamos a saber que o naufrágio é datável da primeira metade do século IV d.C., apresentando uma carga que incluiria ânforas dos tipos Africana IIC e IID, Dressel 20, Almagro 51c e Beltrán 72. (Contreras <i>et al.</i>, 2012, 9) Ou seja, surge em linha de comparação directa com os naufrágios de Cabrera I e III, enquadrando-se provavelmente no mesmo circuito de navegação e comércio.</p>	
<b>Espólio</b>	Africana IIC e IID, Dressel 20, Almagro 51c e Beltrán 72.	
<b>Depósito</b>	Ecomuseo de Cap de Cavalleria (?)	
<b>Bibliografia</b>	Rita <i>et al.</i> , 1984, 43; Contreras <i>et al.</i> , 2012	
<b>Imagens</b>		



Fig.1 – Localização do Porto de Sanitja.  
(Mapa e fotografia aérea in Contreras, 2012, fig.1)

<b>Designação</b>	<b>Port-Vendres I</b>	Parker 874	<b>19</b>
<b>Tipo de Sítio</b>	Naufrágio	<b>Cronologia</b>	
		Finais do século IV d.C.	
<b>Localização</b>	Anse Gerbal – Pirinéos Orientais	<b>País</b>	
		França	
<b>Descrição e Trabalhos</b>	<p>Sítio de naufrágio localizado a 5/6 metros de profundidade. Identificado em 1929, na sequência de dragagens, o local foi alvo da primeira exploração arqueológica em 1963, sob a direcção de Yves Chevalier. No inverno de 1964-1965, sob a direcção de Claude Santamaria, foram realizados novos trabalhos arqueológicos e em 1973-74 foram realizadas campanhas arqueológicas de salvaguarda.</p> <p>O sítio apresentava uma estrutura naval relativamente bem conservada que foi recuperada e trazida à superfície na sua quase totalidade, nas campanhas de 1973-1974. (Fig.1) A estrutura encontrava-se conservada num total de 13,90m de comprimento por 7,50m de largura. Corresponde a um navio que se estima tivesse pelo menos 20m de comprimento por 8m de largura. (Liou, 1974)</p> <p>A carga seria constituída por ânforas dos tipos Almagro 50 e Almagro 51c (?), muitas das quais preservavam ainda as tampas de cortiça e vestígios de espinhas de peixe no interior (<i>sardina pilchardus</i> com 22-25 cm de comprimento).</p> <p>O colo de uma das ânforas apresenta a marca MSC. (Santerre, 1964, 476)</p> <p>Do local foi recuperada pelo menos uma lucerna, alguma cerâmica, e uma ânfora de fundo plano, de pasta cinzenta, cujo paralelo tem sido feito com as formas de fundo plano de Sud-Lavezzi 1, que se estima sejam produções béticas. (Parker, 1992, 330; Etienne e Mayet, 2002, 203) É possível que alguma <i>sigillata</i> clara D seja também associável ao naufrágio. (Tortorella, 1981, 367).</p> <p>Foi também identificado um tesouro monetário, constituído por 68 moedas de bronze. Assim como, uma moeda com a efigie de Constantino datada de 313-317, colocada na carlinga, indicando o provável momento da construção da embarcação. Do conjunto monetário constam moedas de Constâncio II, Juliano, Valentiniano I, Valente e Graciano (375 a 383 d.C.), o que permite estabelecer um <i>terminus post quem</i> para o naufrágio nos finais do século IV d.C. (Liou, 1974, 427 e 428) Se forem tidos em conta os dois <i>termini</i> estaremos perante uma embarcação que terá permanecido no activo durante cerca de 70 anos. Uma vida longa que é também sugerida pelas numerosas reparações identificadas na estrutura naval.</p> <p>Sobre o sítio do naufrágio, e nas suas imediações, foi recuperado um conjunto largo de cerâmica comum de diversas origens, e com cronologias entre os séculos IV e VII, que dificilmente poderá ser associado ao contexto de naufrágio e que constituirá parte do espólio de fundeadouro. (Pasqualini e Treglia, 2003)</p> <p>A partir de 2014 teve início um projecto de remontagem do navio, sob responsabilidade do Parc Naturel Marin du Golfe du Lion.</p>		
<b>Espólio</b>	Almagro 50; Almagro 51c (?); ânfora de fundo plano; uma lucerna; alguma cerâmica		

comum, *sigillata* clara D (?) e um tesouro monetário.

Espólio Revisto: Não nos foi possível observar o material proveniente deste naufrágio. No entanto, as características formais das Almagro 50, observáveis na bibliografia, parecem indicar uma origem lusitana.

**Depósito**

Dêpot de Port-Vendres

**Bibliografia**

Santerre, 1959, 450-451 ; Santerre, 1964, 473-509; Chalon, Chevalier e Lassère, 1968, 263-269 ; Chevalier e Santamaria, 1973 ; Liou, 1974 e 1975; Parker, 1992, 329 e 330; Etienne e Mayet, 2002, 203.

**Imagens**



Fig.1 – Levantamento da quilha da embarcação. (Liou, 1974, fig.1 e 2)

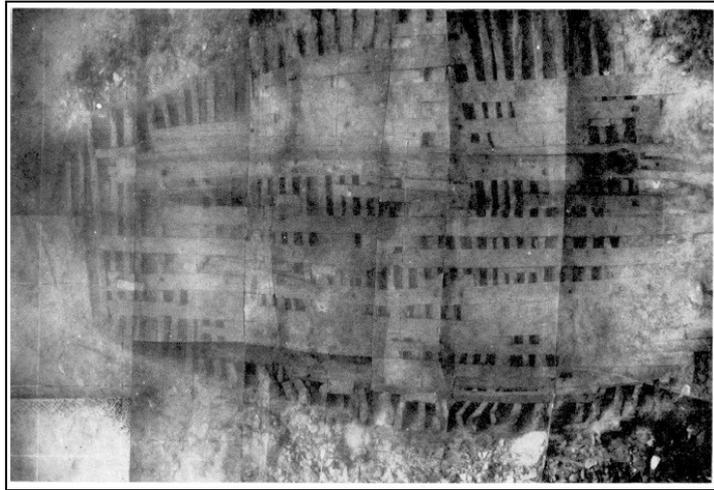


Fig.2 – Fotomosaico da estrutura naval conservada em Outubro de 1973. (Liou, 1974, fig.3)



Fig.3 – Pormenor da estrutura naval conservada. (Liou, 1974, fig.5)



Fig.4 – Pormenor da estrutura naval conservada. (Liou, 1974, fig.8)

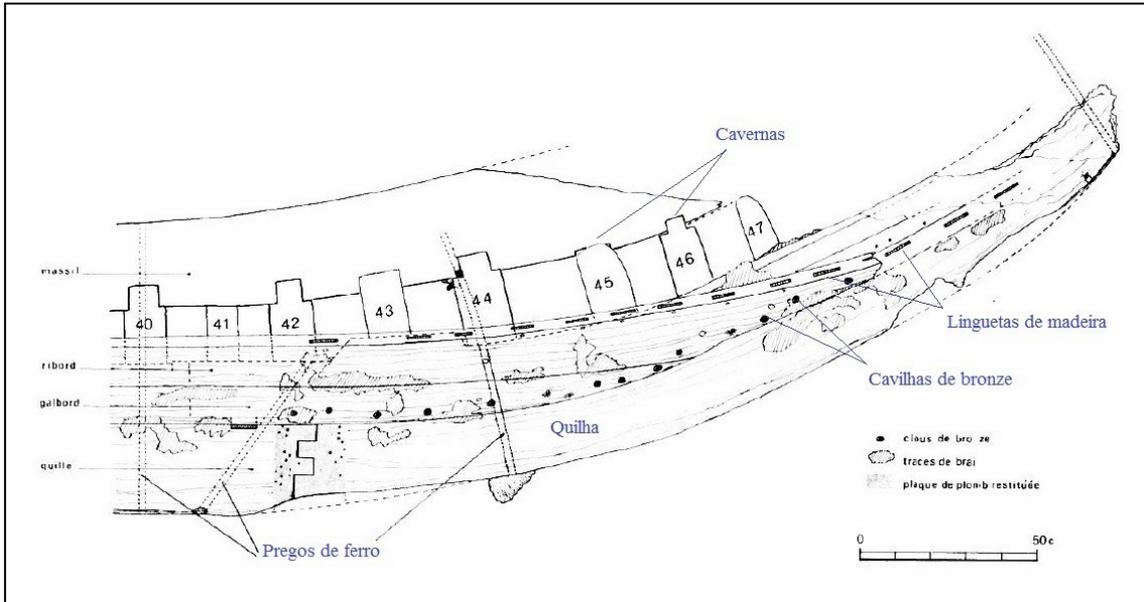


Fig.5 – Perfil da forma de fixação da embarcação. (Liou, 1974, fig.6 com anotações de Sónia Bombico a azul)

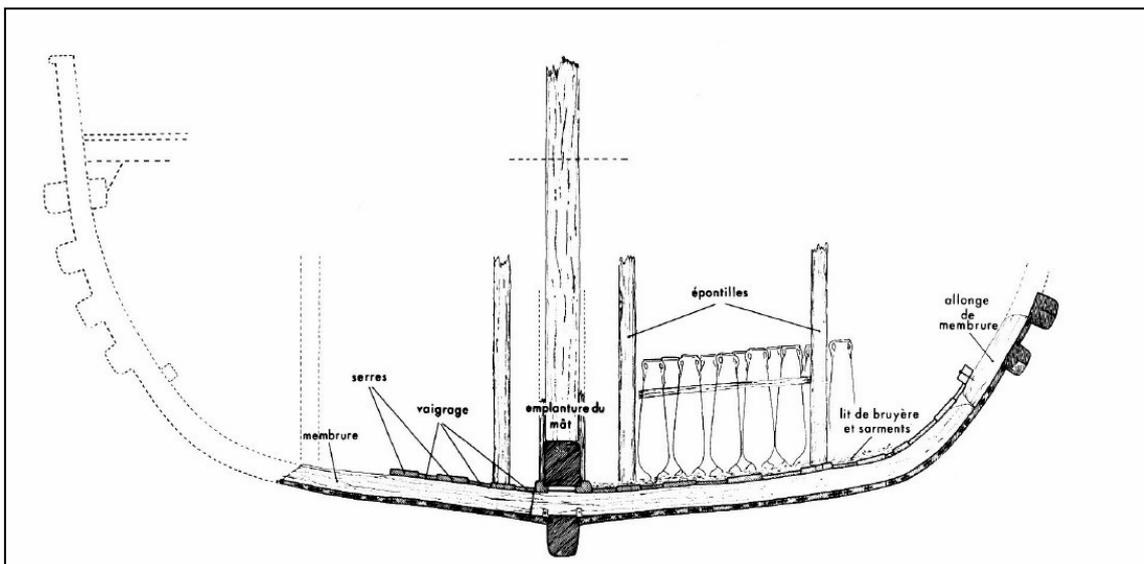


Fig.6 – Recriação de corte transversal ao nível da carlinga, com ilustração do sistema construtivo. (Liou, 1974, fig.12)



Fig. 7 – Anforas Almagro 50 de Port-Vendres 1. (Foto: DRASSM)



Fig.8 – Ânforas Almagro 50 do naufrágio de Port-Vendres 1. (Fotos: DRASSM)

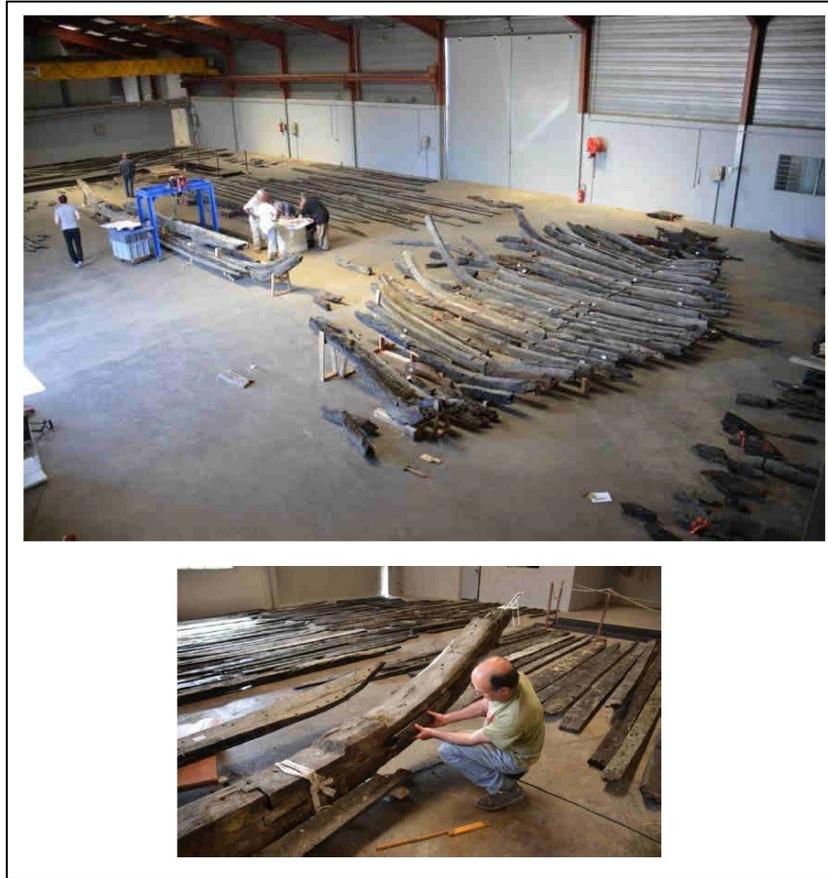


Fig.9 – Operações de remontagem do navio de Port-Vendres 1.

<http://www.aires-marines.fr/L-Agence/Organisation/Parcs-naturels-marins/Parc-naturel-marin-du-golfe-du-Lion/Documentation-du-Parc/Dossier-de-presse-Decouverte-du-Chantier-Port-Vendres-1>

<b>Designação</b>	<b>Mateille A</b>	Parker 682	<b>20</b>
<b>Tipo de Sítio</b>	Provável naufrágio	<b>Cronologia</b>	
		Final do séc. IV – Inícios do V d.C.	
<b>Localização</b>	Gruissan, Aude – Litoral de Narbona	<b>País</b>	
		França	
<b>Descrição e Trabalhos</b>	<p>Sítio de naufrágio identificado na sequência de dragagens, a 3m de profundidade, na zona sul da lagoa que forma o Étang de Mateille.</p> <p>Foram identificadas ânforas de pelo menos três tipos distintos, no entanto, e com base na bibliografia e na informação gráfica publicada, é difícil definir com exactidão a tipologia das mesmas e a sua proveniência.</p> <p>19 bordos, 8 asas e 5 bicos fundeiros pertencem a um tipo anfórico na forma Almagro 51a-b, ainda que a bibliografia faça também referência à forma Africana IID. Da leitura gráfica dos desenhos publicados é possível identificar também as formas Dressel 23 e Almagro 51c. A descrição de pasta do tipo Almagro 51c “pâte brun jaune, abondamment dégraissée de quartz blancs apparents” não é muito favorável à possível origem lusitana do tipo; e poderá estar presente a forma Beltrán 68 bética, se tivermos em conta a seguinte nota “trois fragments de même pâte, à surface cannelée, pourraient appartenir à un récipient identique. (Solier <i>et al.</i>, 1981, 179)</p> <p>A bordo seguiriam também numerosos lingotes de ferro de pequenas dimensões (130-210mm por 52-100mm), objectos em bronze (recipientes e peças ornamentais), pelo menos 3 lucernas, e vários fragmentos de <i>terra sigillata</i> clara D das formas Hayes 61A e 67, com datações que reportam à primeira metade do século V.</p> <p>Foram, também, recuperadas 551 moedas, das quais 413 são datáveis e 385 (93 %) são atribuíveis ao século IV d.C., de entre as quais existe um grupo de AES 4 de Teodósio I datados do final do século IV.</p>		
<b>Espólio</b>	<p>Almagro 51 a-b</p> <p>Almagro 51c (?)</p> <p>Dressel 23</p> <p>Lingotes de ferro pequenos</p> <p>Objectos em bronze</p> <p>Lucernas (3)</p> <p><i>Terra Sigillata</i> Clara D (formas Hayes 61A e 67)</p> <p>Tesouro monetário</p>		
<b>Depósito</b>	Musée de l'Ephèbe et d'archéologie sous-marine		
<b>Bibliografia</b>	Solier <i>et al.</i> , 1981, 176-223; Parker, 1992, 270 e 271.		
<b>Imagens</b>			

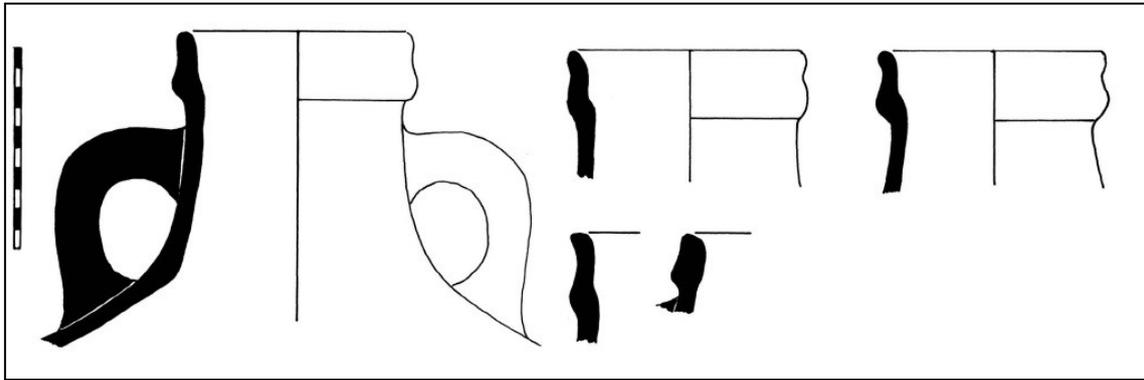


Fig.1 – Ânforas do tipo Almagro 51 a-b (?).Solier *et al.*, 1981, 178, fig.59)

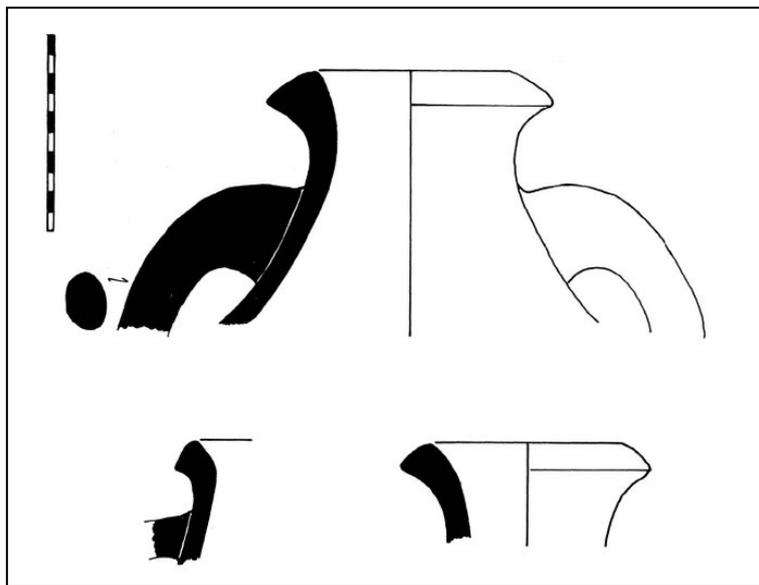


Fig.2 – Ânforas do tipo Dressel 23.(Solier *et al.*, 1981, 178, fig.59)

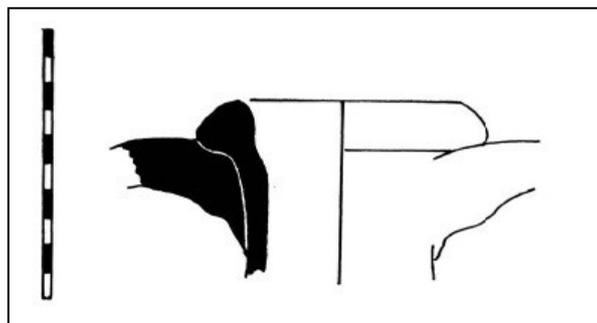


Fig.3 – Ânfora do tipo Almagro 51 c (?) (Solier *et al.*, 1981, 178, fig.59)



Fig.4 – Lucernas. (Solier *et al*, 1981, fig.60).

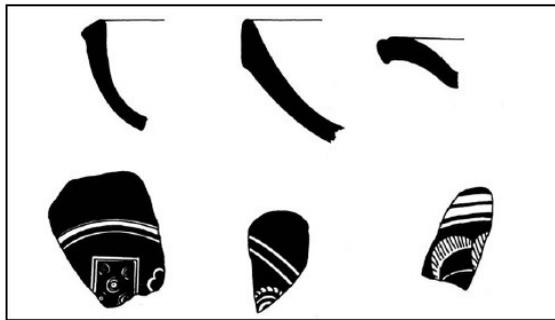


Fig.5 – Fragmentos de *sigillata clara D* (Solier *et al*, 1981, fig.61).



Fig.6 – Objectos em bronze. (Solier *et al*, 1981, fig.63.1, 65 e 66)

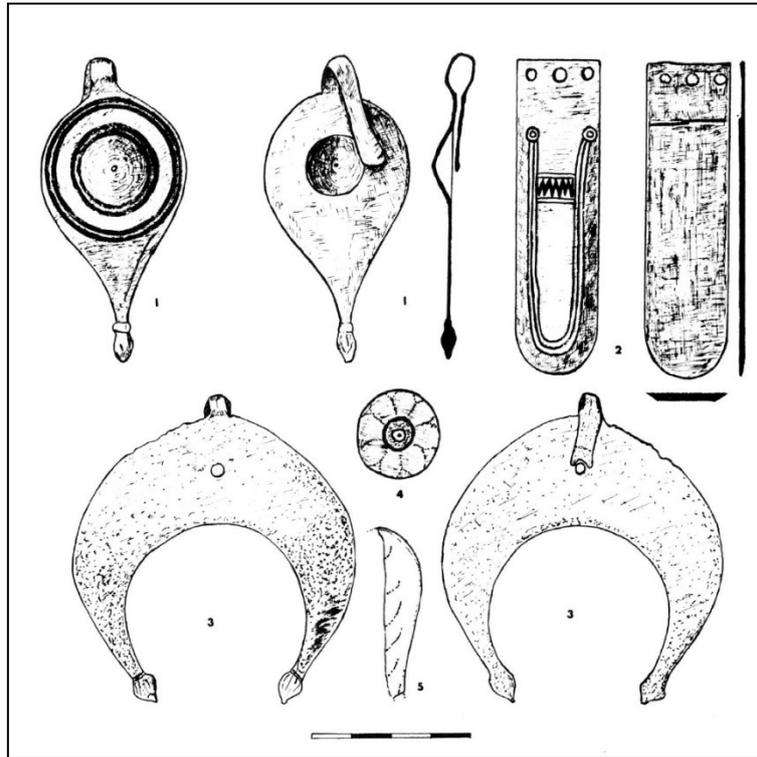


Fig.7 – Objectos em bronze. (Solier *et al*, 1981, fig.70)

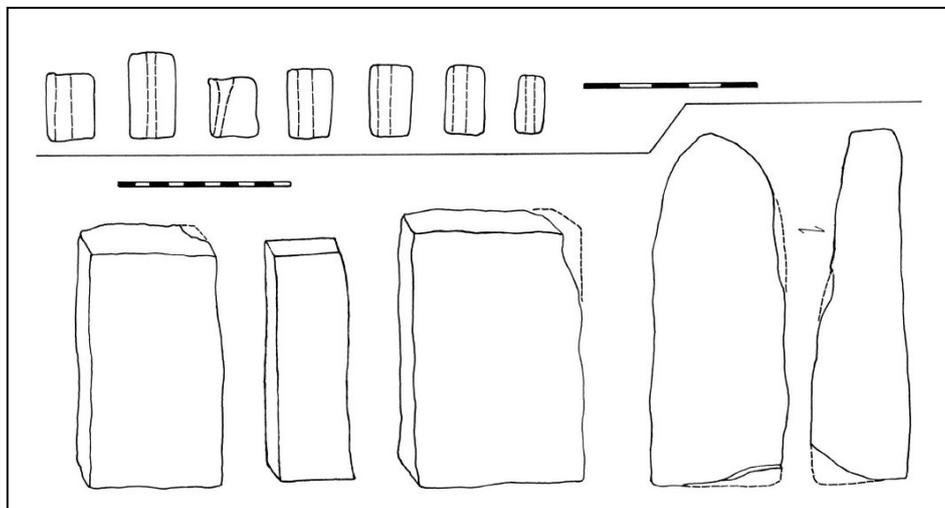


Fig.8 – Lingotes de ferro de pequenas dimensões (130-210mm por 52-100mm). (Solier *et al*, 1981, fig.81)

<b>Designação</b>	<b>Arles-Rhône 7</b>	<b>21</b>
<b>Tipo de Sítio</b>	Naufrágio	<b>Cronologia</b> Meados/Segunda metade do séc. III d.C.
<b>Localização</b>	Arles – Interior do Rhône	<b>País</b> França
<b>Descrição e Trabalhos</b>	<p>Localizado na margem direita do Rhône, entre os 5 e os 7m de profundidade, o sítio foi identificado em 2007. Localiza-se imediatamente a Nordeste do Gisement A e do sítio de Arles-Rhône 3. A delimitação dos sítios de naufrágio é bastante difícil pelas características da área, repleta de contextos sobrepostos e material de fundeadouro de cronologias diversas. Desta forma, os materiais com toda a certeza associados a este sítio de naufrágio são restritos e não permitem uma análise estatística profunda da carga.</p> <p>A carga parece ser dominada por ânforas Norte-Africanas: três Africanas IB (azeite), duas das quais com selos (ASYL/TEREN referindo-se à cidade de <i>Sullecthum</i>/Salakta e C.HAD/CA.FR(E?) referindo-se à cidade de <i>Hadrumetum</i>/Souse; e uma Africana IIC (<i>salsamenta</i>). Da carga faziam parte, também, pelo menos uma Gaulesa 4, uma Agora M254 siciliana, uma Almagro 51c (um fundo e uma asa), e duas ânforas de difícil classificação (uma possível Matagallares I e uma ânfora provavelmente oriental). Associadas ao naufrágio estão também uma peça de <i>Sigillata</i> Clara A tardia (Hayes 15), e algumas peças de cerâmica de cozinha africana (Hayes 23B e 197), assim como uma lucerna africana. (Long e Duperron, 2011, 39-41)</p> <p>O conjunto da carga data o naufrágio da segunda metade do século III d.C.</p> <p>A estrutura naval preservada sugere que se trate de uma embarcação flúvio-marítima de pequenas dimensões, provavelmente uma barca de serviço destinada ao embarque e desembarque de mercadorias desde a zona de estuário, subindo o rio até Arles. A datação C14 indica uma datação para a estrutura entre 55 e 219 d.C. A estrutura naval foi estudada por Luc Long, Alexandra Barbot, Assia e Sandra Grec, e os resultados preliminares constam do relatório de escavação de 2007.</p>	
<b>Espólio</b>	<p>Africanas IB (3); Africana IIC (1); Gaulesa 4 (1); Agora M254 siciliana (1); Almagro 51c (1); Matagallares I ? (1); ânfora oriental ? (1); <i>sigillata</i> clara A; cerâmica de cozinha africana; uma lucerna africana.</p> <p>Os autores não publicarem desenhos dos fragmentos atribuíveis ao tipo Almagro 51c, associados ao naufrágio.</p>	
<b>Depósito</b>	Museu de Arles (?)	
<b>Bibliografia</b>	<p>Long e Duperron, 2011.</p> <p>Relatório: Relatório de Escavação de 2007 – consultado no DRASSM</p>	
<b>Imagens</b>		



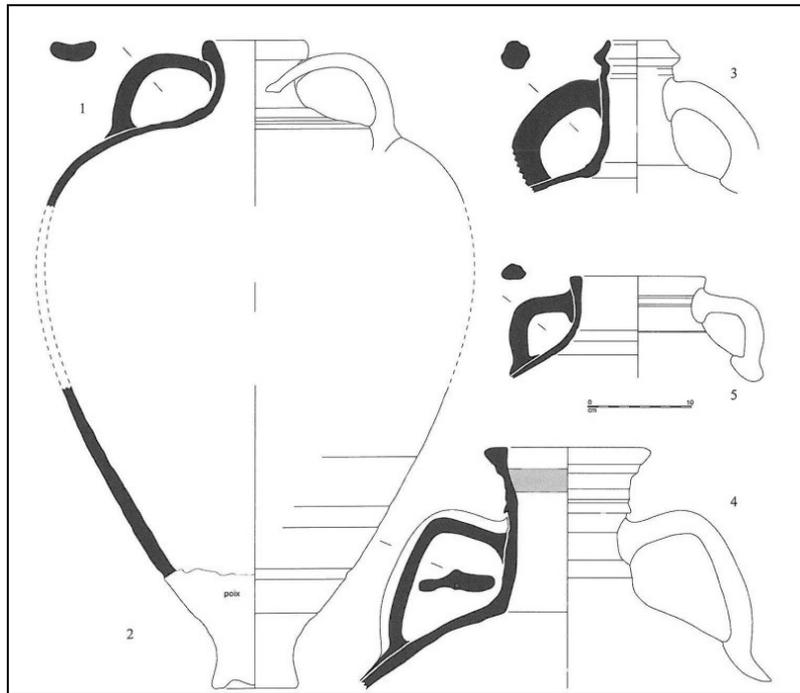


Fig.3 – Ânforas do naufrágio de Arles-Rhône 7: 1 e 2 – Gaulesa 2; 3 - Agora M254; 4 – ânfora bética – Matagallares I (?); 5 – ânfora oriental ? (Long e Duperron, 2011, fig.5, escala 1/4, desenhos de G. Duperron)

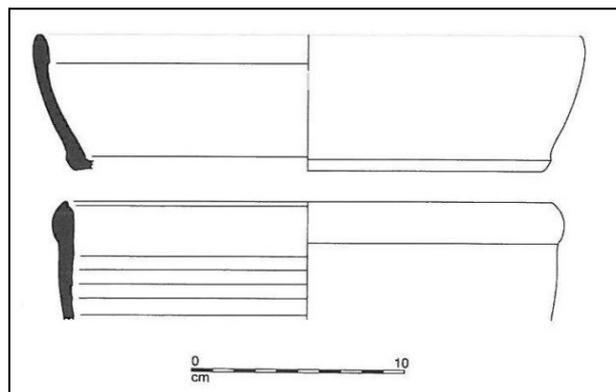


Fig.4 – Cerâmica de cozinha africana do naufrágio de Arles-Rhône 7. (Long e Duperron, 2011, fig.6, escala 1/3, desenhos de G. Duperron)

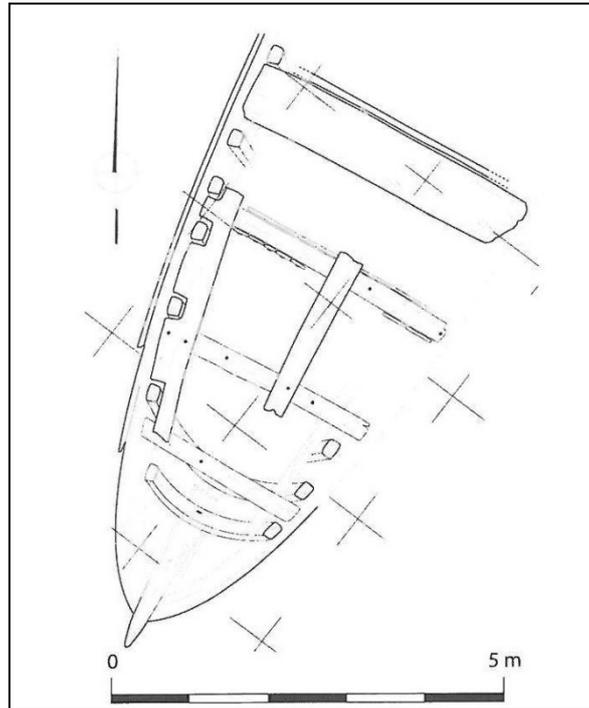


Fig.5 – Estrutura naval do naufrágio Arles-Rhône 7. (Long e Duperron, 2011, fig.2)

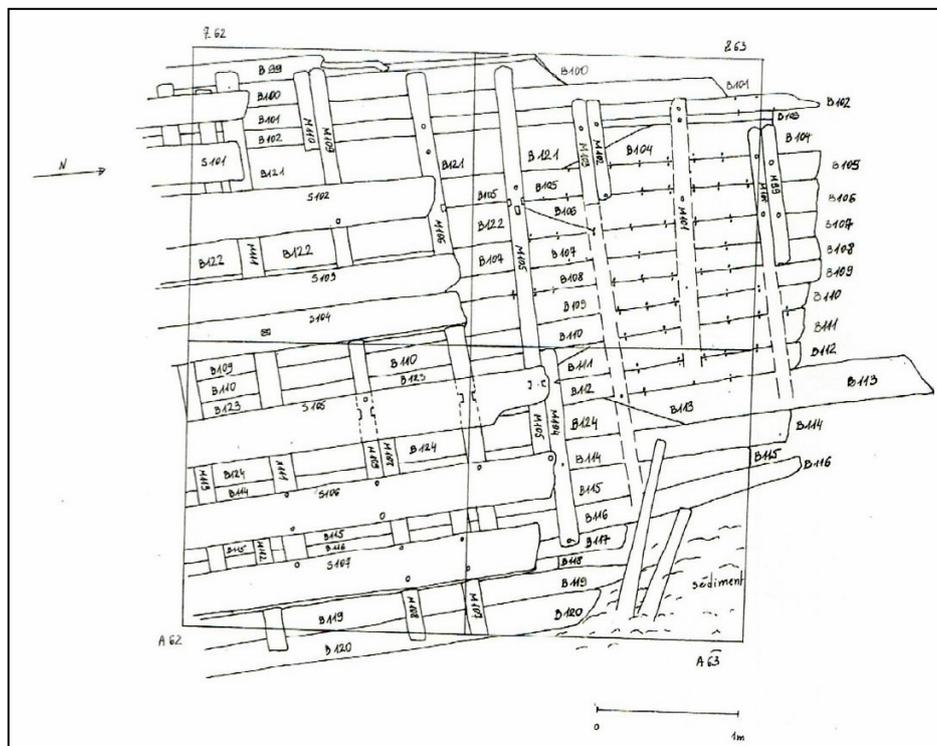


Fig.6 – Planimetria da estrutura naval conservada do sítio Arles-Rhône 7. (Luc Long - Relatório de escavação de 2007 – DRASSM)

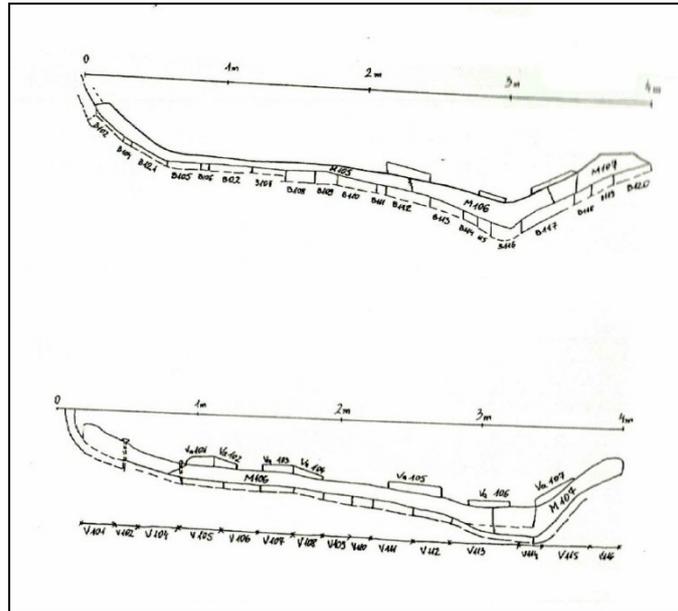


Fig.7 – Perfis da estrutura naval conservada do sítio Arles-Rhône 7. (Luc Long - Relatório de escavação de 2007 – DRASSM)

<b>Designação</b>	<b>Anse de Saint Gervais 3</b>	Parker 1002	<b>22</b>
<b>Tipo de Sítio</b>	Naufrágio	<b>Cronologia</b>	
		Meados do séc. II d.C.	
<b>Localização</b>	Golfo de Fos – Ponta de Saint-Gervais.	<b>País</b>	
		França	
<b>Descrição e Trabalhos</b>	<p>Descoberto em 1978, a 4m de profundidade, nos fundos do Golfo de Fos, a cerca de 300m a oeste da ponta de Saint-Gervais. O sítio foi imediatamente alvo de operações de salvamento por parte do DRASSM, sob a direcção de M. B. Liou.</p> <p>A carga era constituída por ânforas Dressel 20, que conservavam numerosos <i>tituli picti</i>, registando-se também a presença de ânforas piscícolas do tipo Beltrán IIB, algumas ânforas Gaulesas 4, uma Dressel 14 e dois fragmenos de ânforas de tipologia indeterminada. Foram também identificados alguns vestígios de cestas dentro das quais se conservavam uma dezena de <i>ungentaria</i> de vidro intactos; caldeirões de cobre e bolsas de couro. O estudo dos <i>tituli picti</i> permitiu datar o naufrágio dos meados do século II d.C. Das 43 Dressel 20 recuperadas, 18 conservavam <i>tituli picti</i> e algumas possuíam selos estampilhados nas asas, conhecendo-se um total de 34 exemplares correspondentes a três estampilhas/selos distintos - L.S.A.R.; Q.I.AL (retro) e QIMFN, com algumas variantes. Também três das seis Beltrán IIB conservavam inscrições pintadas que parecem indicar conteúdos piscícolas e vinários (VIN.RAVR/ VET(us?), ?...] FLOS/LXV/EX??L/G VISI CR....NI e C. P); um fundo de Gaulesa 4 documenta o selo (QCA) e outro fragmento, atribuível a esse mesmo tipo, o <i>titulus piscus</i> (PIC(atum)). A Dressel 14 é classificada pelos autores como Bética. (Liou, Gassend e Roman, 1990)</p> <p>Tendo em consideração que a área de localização do sítio de naufrágio é rica em material arqueológico de fundeadouro, e se regista a ocorrência de um conjunto de outros naufrágios nas imediações, existem algumas dúvidas quando à atribuição dos materiais descritos a este naufrágio em concreto. Nesse sentido, limitámo-nos a indicar os materiais que a bibliografia assume como provavelmente associados a este contexto de naufrágio.</p> <p>Entre 1983 e 1986, o sítio voltou a ser intervencionado, no âmbito de campanhas arqueológicas dirigidas por J. M. Gassend, com vista ao estudo da estrutura naval, conservada num total de 14,70m de comprimento por 6,80m de largura. Segundo os autores tratar-se-ia de uma embarcação larga e pouco comprida, com 16,92m de comprimento por 7,54m de largura. Com dois mastros e com uma capacidade de cerca de 80 toneladas, o que permitiu caracterizar a embarcação como de tonalagem média. (Liou, Gassend e Roman, 1990)</p> <p>A informação epigráfica das Dressel 20 revela a existência de 3 níveis distintos de informação, nos quais se podem identificar personalidades: uma primeira relacionada com a produção do azeite; uma segunda relativa à produção das ânforas e sua “embalagem”; e por fim informações relacionadas com os actores do comércio (<i>mercator e negotiatores</i>). As estampilhas revelam três <i>figlinae</i> - L.S.A.R. (<i>Lucius...</i>);</p>		

Q.I.AL (retro) (Quintus *Iuuentius Albinus*) e QIMFN (*Quintus Iuuentius M...*). Enquanto os *tituli picti* nos revelam dois prováveis *mercatores* - *Lucius Antonius Epaphroditus* e *Antonii Melissus et Peregrinus*. Os dados epigráficos, para os quais se conhecem paralelos em Roma, permitem a associação da carga da embarcação naufragada ao comércio anonário. Por outro lado o quadro reproduzido na fig.9 resume de forma explícita que os três níveis de actividade (produção de azeite, produção dos contentores, transporte e comércio marítimo) são completamente independentes entre si, ou seja, o azeite de proprietários distintos pode ter sido envasado em ânforas da mesma *figlinae* e ser comercializado por *mercatores* distintos.

#### **Espólio**

Dressel 20 (pelo menos 43 ânforas)

Beltrán IIB (6)

Dressel 14 (1)

Gaulesas 4 (13)

Ânforas indeterminadas (2)

11 *unguentaria* (10 dos quais conservados dentro de uma cesta)

Algumas peças de Sigillata Clara A (formas Hayes 3B, 8A, 9 e 27)

Três caldeirões de bronze com asas de madeira

Vestígio de sacos de couro

Espólio Revisto: Não nos foi possível aceder aos materiais provenientes deste naufrágio, em particular à Dressel 14 por forma a avaliar a sua real proveniência bética.

#### **Depósito**

Musée du Vieil Istres

#### **Bibliografia**

Liou, Gassend e Roman, 1990; Parker, 1992, 373 e 374.

#### **Imagens**

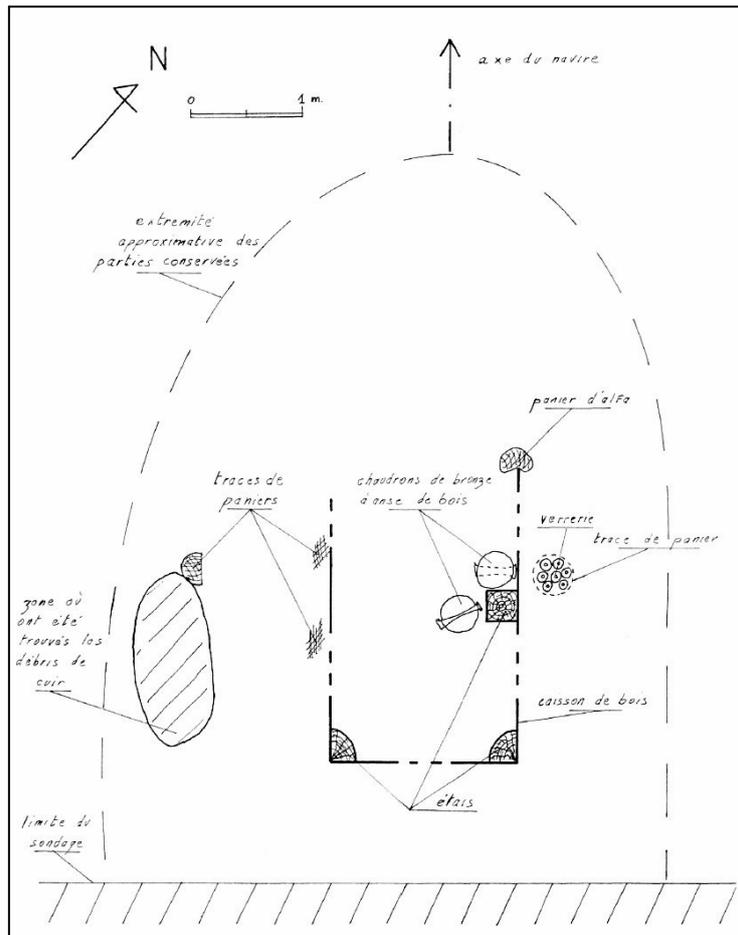


Fig.1 – Plano esquemático da primeira sondagem de 1978. (Liou, Gassend e Roman, 1990, fig.2)

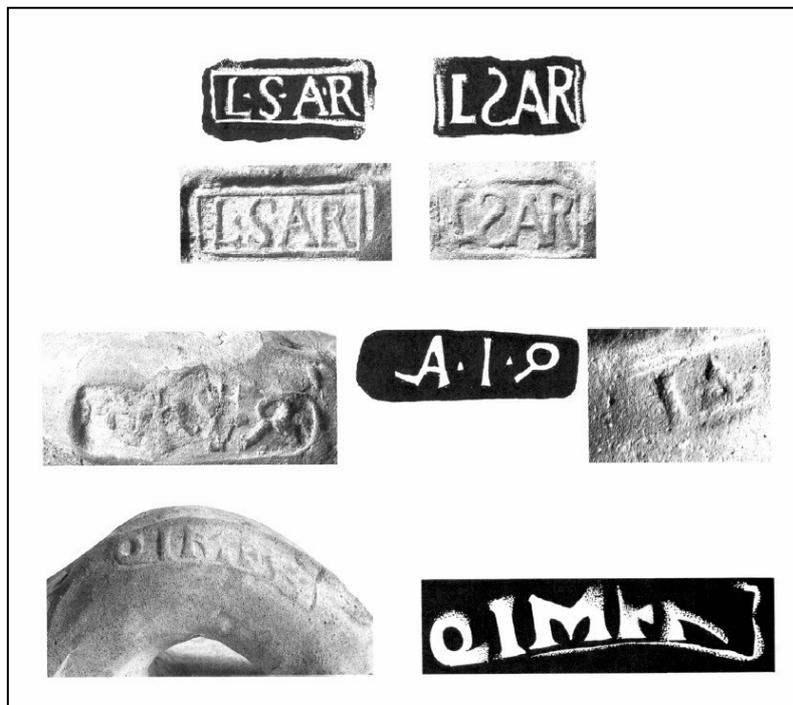


Fig.2 – Selos/Estampilhas das Dressel 20. (Liou, Gassend e Roman, 1990, fig.64 e 65)

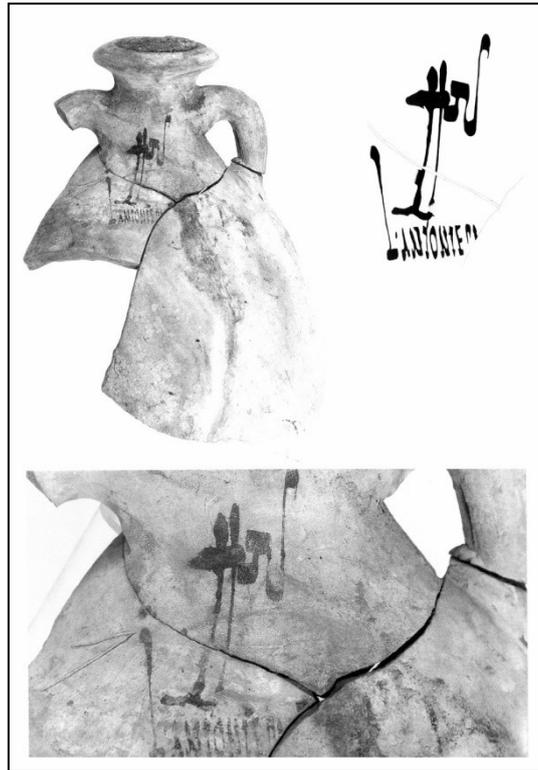


Fig.3 – Ânfora Dressel 20 bética com *titulus pictus* L. ANTONI EPAP[HRODITI] (Liou, Gassend e Roman, 1990, fig.16, 17 e 18)

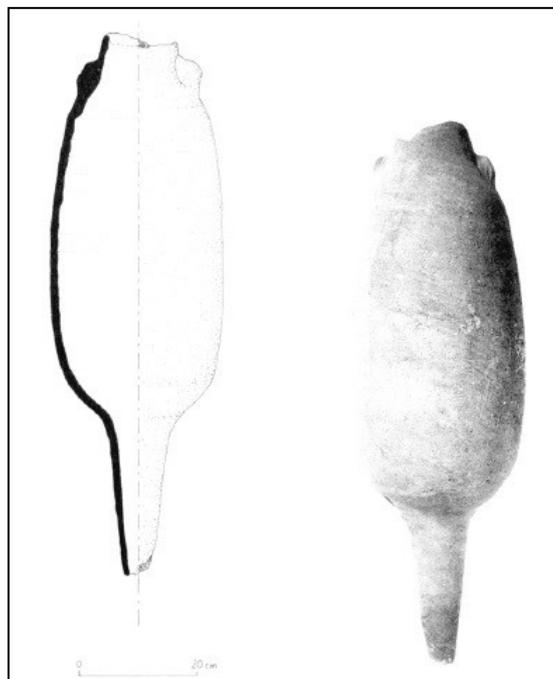


Fig. 4 – Ânfora Dressel 14 de Anse de Saint Gervais 3. (Liou, Gassend e Roman, 1990, fig.71)

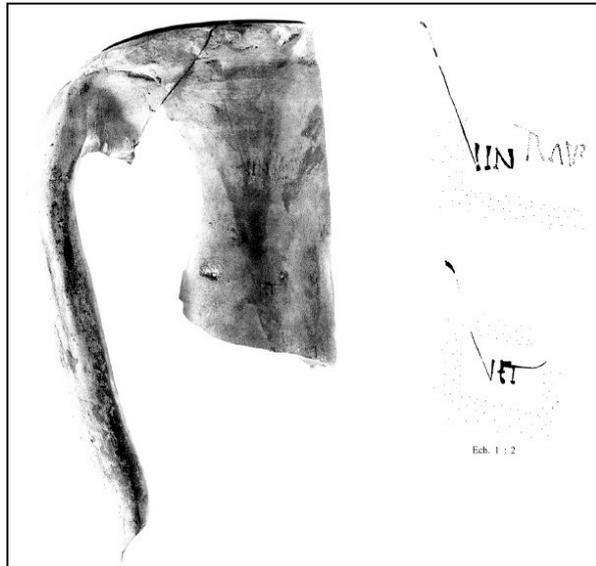


Fig.5 – Beltran IIB com titulis pisctus VIN.RAVR/VET(us?) (Liou, Gassend e Roman, 1990, fig.67)

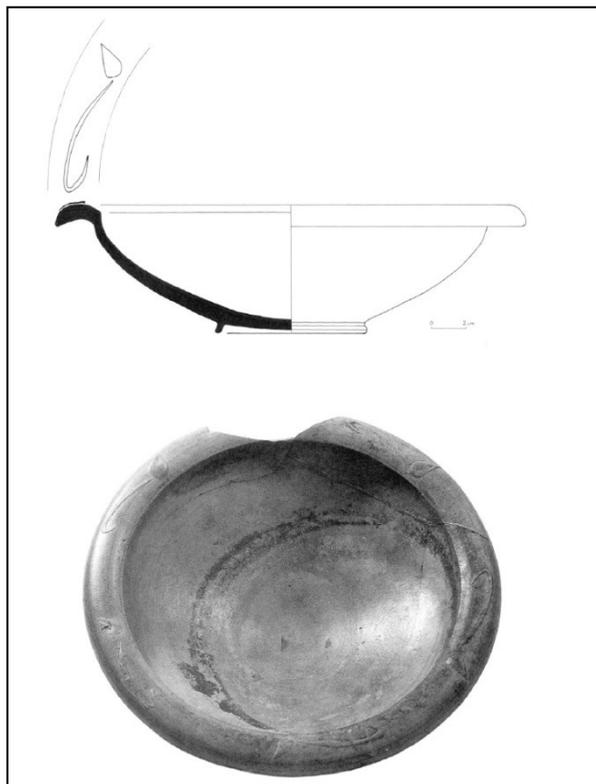


Fig. 6– Prato de Sigillata Clara A de Anse de Saint Gervais 3. (Liou, Gassend e Roman, 1990, fig.75)

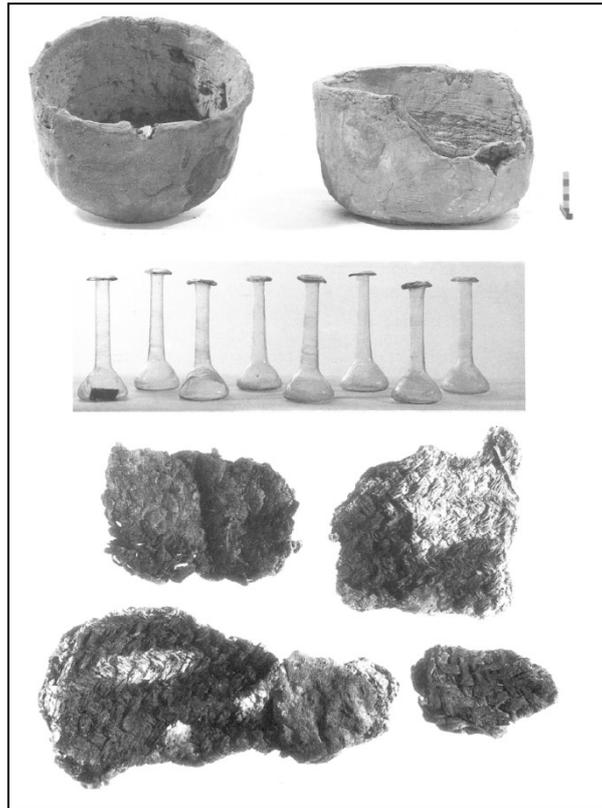


Fig. 7 – Caldeirões de bronze, unguentários e fragmentos de cestas. (Liou, Gassend e Roman, 1990, fig.76, 77 e 78)

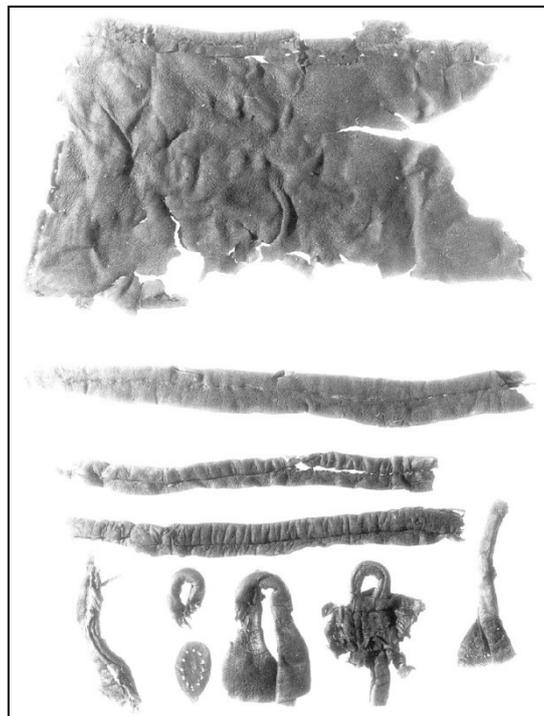


Fig. 8 – Fragmentos de bolsas de couro. (Liou, Gassend e Roman, 1990, fig.79)

		N <sup>os</sup> 9, 10, 11, 12	N <sup>os</sup> 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8	N <sup>os</sup> 14, 15	N <sup>o</sup> 16
1 <sup>er</sup> niveau : <i>production de l'huile</i>	propriété	(fundus) <i>Veturianus</i>	(fundus) <i>Charisianus</i>	<i>callectr.?</i>	?
	propriétaire	<i>Pontianus</i>	<i>Aelia Aeliana</i>	<i>Aelia Marciana</i>	?
2 <sup>e</sup> niveau : <i>production de l'amphore et conditionnement</i>	estampille	Q I A L	L. S. A. R.	L. S. A. R.	–
	ponderator	<i>Martialis</i>	<i>Anicetus</i>	<i>Anicetus</i>	?
	acceptor	<i>Herac(lius, -litus?)</i>	<i>Primus</i>	<i>oni..?</i>	?
3 <sup>e</sup> niveau : <i>commercialisation</i>	mercator	<i>L. Antonius Epaphroditus</i>	<i>L. Antonius Epaphroditus</i>	<i>Antonii Melissus et Peregrinus</i>	<i>Q. Vinisius Serenus</i>
Localisation géographique		<i>Malpica Astigi</i>			<i>Astigi</i>

Fig.9 – Tabela comparativa da informação epigráfica presente nas Dressel 20. (Liou, Gassend e Roman, 1990, 208)

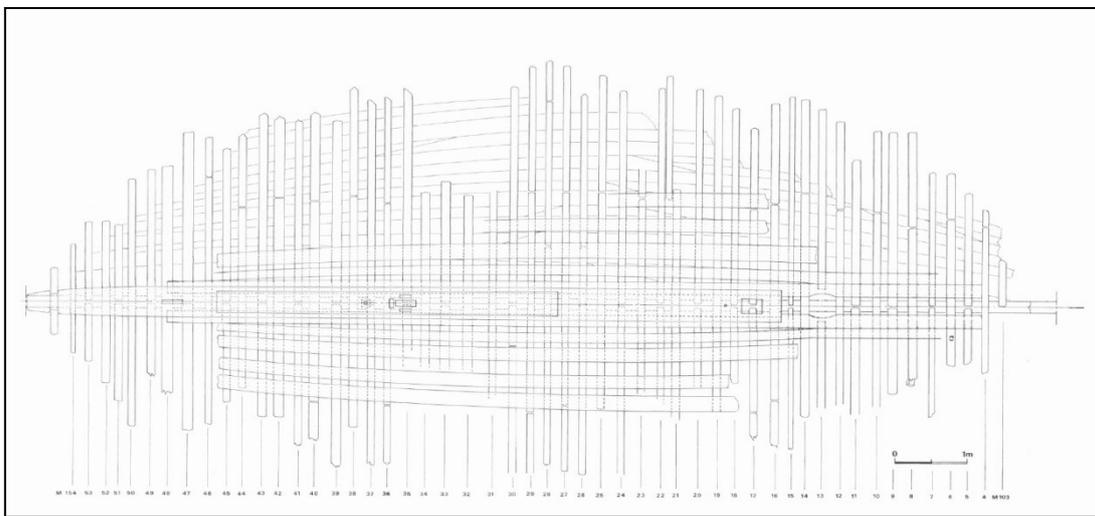


Fig.10 – Planimetria da estrutura naval. (Liou, Gassend e Roman, 1990, fig.80)



Fig.11 – Foto da estrutura naval conservada – campanhas dos anos 80. (Liou, Gassend e Roman, 1990, fig.84)

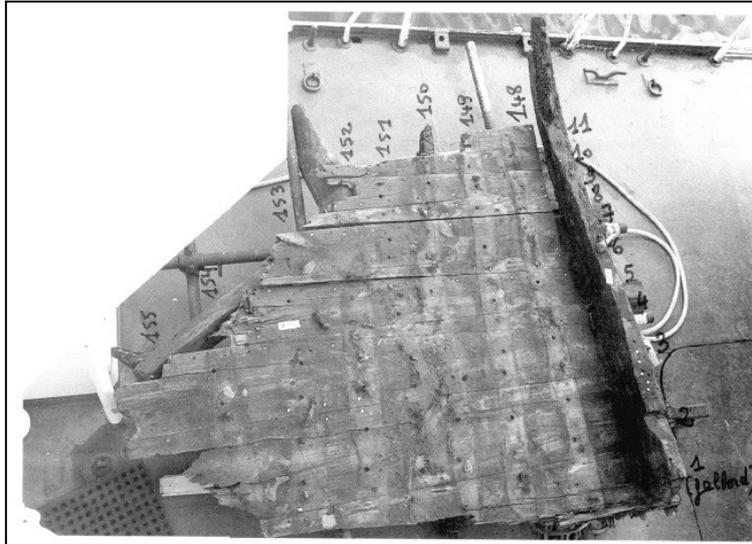


Fig.12 – Pormenor de secção do casco recuperado. (Liou, Gassend e Roman, 1990, fig.90)

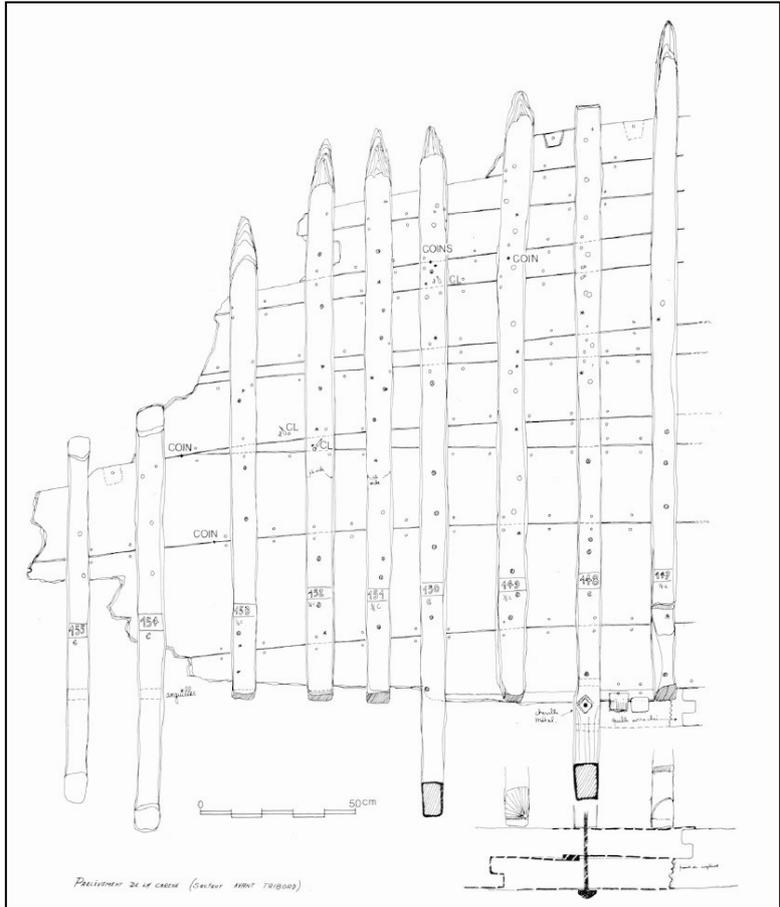


Fig.13 – Registo gráfico de secção do casco. (Liou, Gassend e Roman, 1990, fig.97)

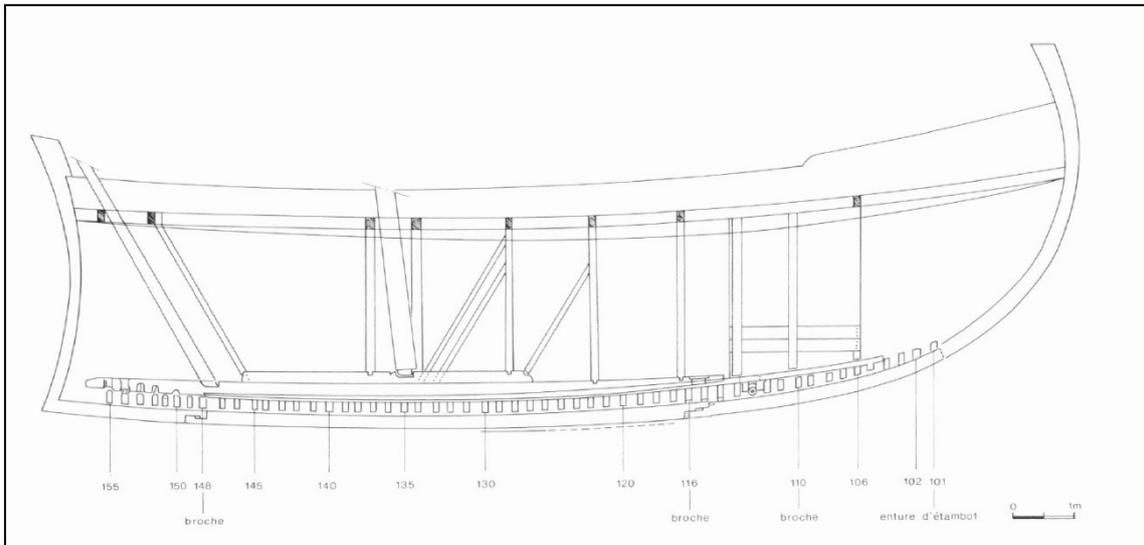


Fig.14 – Perfil reconstrutivo da embarcação naufragada. (Liou, Gassend e Roman, 1990, fig.97)

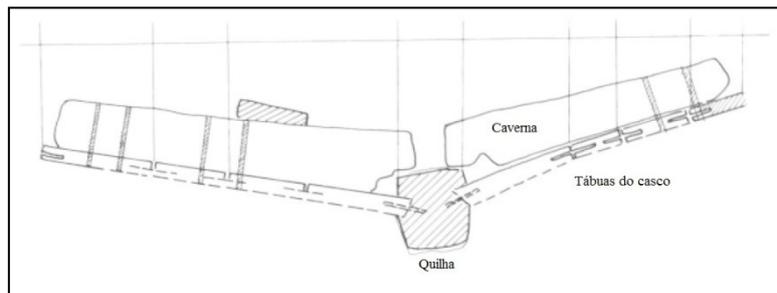


Fig.15 – Esquema construtivo “concha-primeiro” do navio naufragado em Saint-Gervais 3. (Liou, Gassend e Roman, 1990, fig.86)

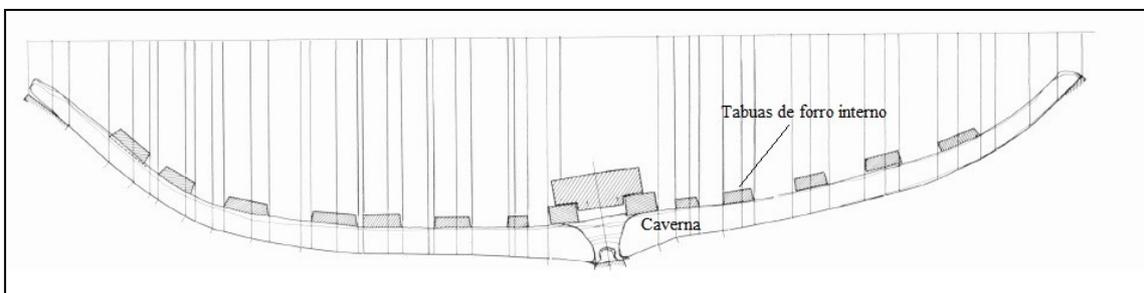


Fig.16 – Perfil transversal de caverna e tábuas do forro interno (M118). (Liou, Gassend e Roman, 1990, fig.86)

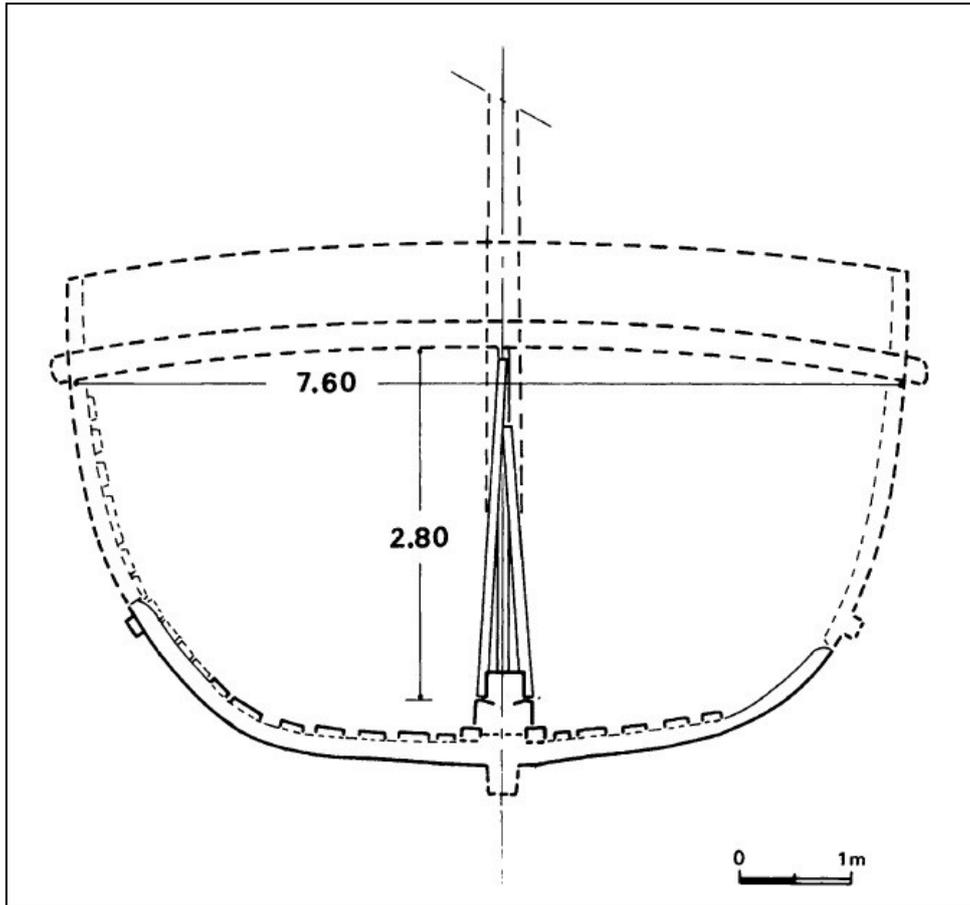


Fig.17 – Reconstrução do perfil da embarcação naufragada em Saint-Gervais 3. (Liou, Gassend e Roman, 1990, fig.136)

<b>Designação</b>	<b>Planier 7</b>	Parker 830	<b>23</b>
<b>Tipo de Sítio</b>	Naufrágio	<b>Cronologia</b>	
		Primeira metade do séc. IV d.C.	
<b>Localização</b>	Noroeste da Ilha de Planier (Marselha)	<b>País</b>	
		França	
<b>Descrição e Trabalhos</b>	<p>Sítio de naufrágio localizado um pouco a Noroeste da Ilha de Planier, a cerca de 50-65m de profundidade, descoberto por H. Delauze.</p> <p>O sítio é formado por um <i>tumulus</i> cujo núcleo principal tem 7mx8m, no qual foram identificadas ânforas dos tipos Africana IIC, Africana IID e Almagro 50.</p> <p>Segundo a bibliografia algumas das Almagro 50 continham conchas de <i>pedunculus pilosus</i> e duas das Africanas II estavam revestidas de pez.</p> <p>Nas imediações do sítio de naufrágio foi recuperada uma Almagro 51c, que poderá ser associada ao naufrágio.</p>		
<b>Espólio</b>	<p>Ânforas Africana IIC e IID; Almagro 50 e Almagro 51c.</p> <p>Espólio revisto: A Almagro 51c (peça 421) conservada no Dépôt archéologique régional d'Aix les Milles é de produção lusitana.</p>		
<b>Depósito</b>	<p>Musée des Docks</p> <p>Dépôt archéologique régional d'Aix les Milles</p>		
<b>Bibliografia</b>	<p>Benoit, 1962, 157-159; Thernia, 1969, 197-1999; Parker, 1992, 317 e 318.</p>		
<b>Imagens</b>			

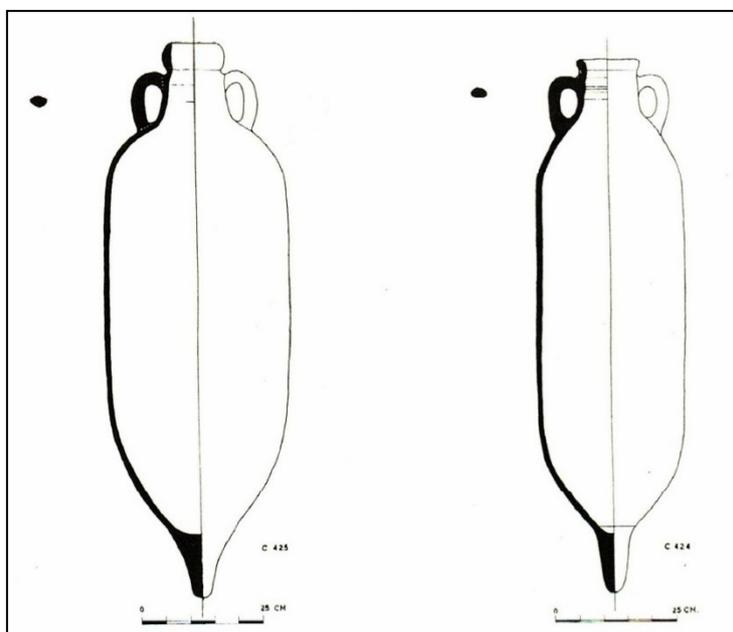


Fig.1 – Ânforas Africana IIC e IID. (Benoit, 1962, fig.24-25)

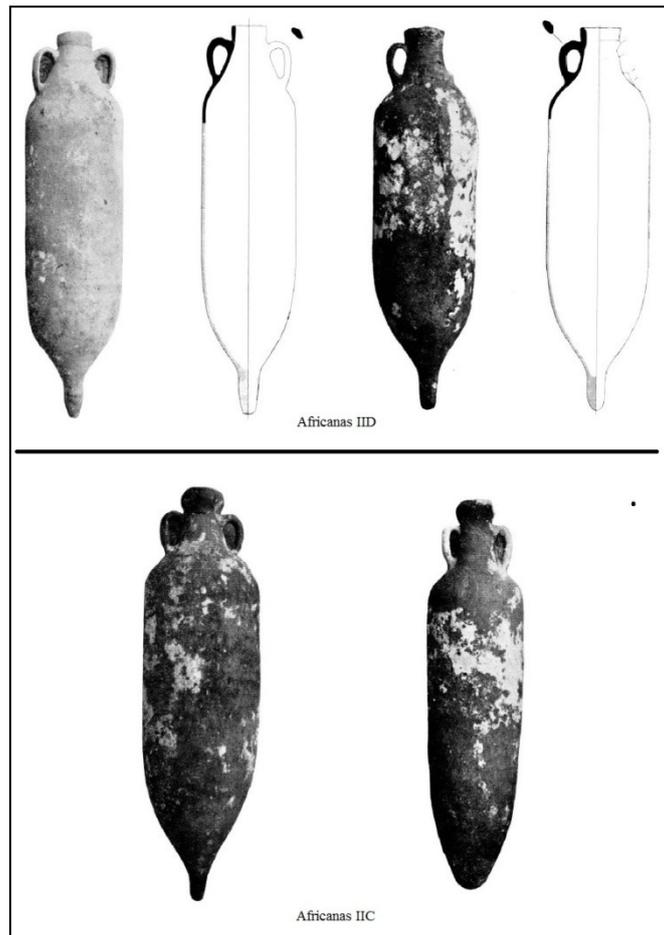


Fig.2 – Ânforas Africana IID e Africana IIC (C2 e C3 de Bonifay). (Thernia, 1969, fig.17 e 18)

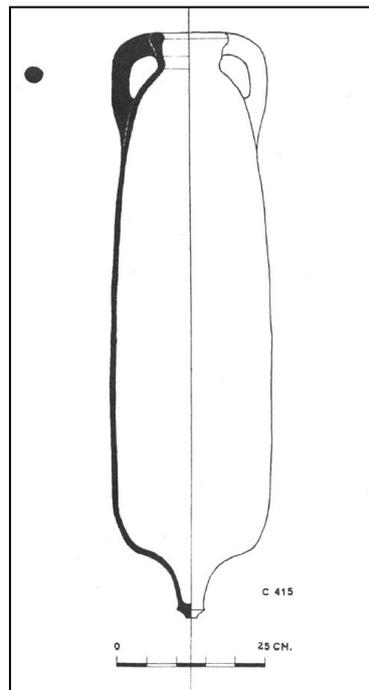


Fig.3 – Ânfora Almagro 50 recuperada no sítio de Planier 7 (Peça 415). (Benoit, 1962, fig.26)



Fig.4 – Ânfora Almagro 50 com tampa de cortiça *in situ*. (Fotos DRASSM – peça 415)

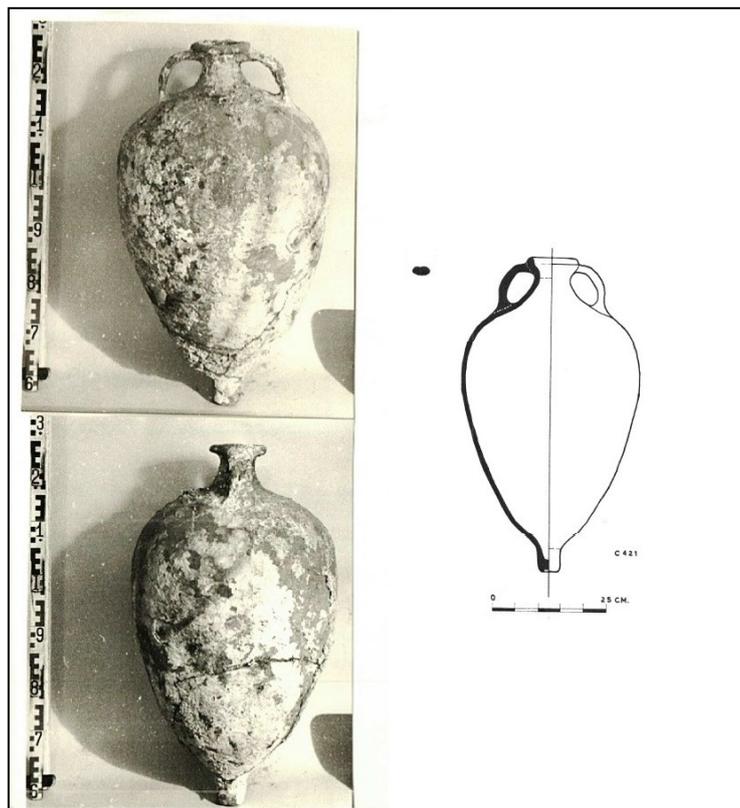


Fig.5 – Almagro 51c recuperada nas imediações do sítio de naufrágio de Planier 7 – peça 421. (Benoit, 1962, fig.27 e fotos Dossier DRASSM)

<b>Designação</b>	<b>Catalans</b>	Parker 280	<b>24</b>
<b>Tipo de Sítio</b>	Naufrágio	<b>Cronologia</b>	
		Segunda metade do séc. IV – Meados do V d.C.	
<b>Localização</b>	Marselha	<b>País</b>	
		França	
<b>Descrição e Trabalhos</b>	<p>O naufrágio, identificado a 41m de profundidade, encontra-se localizado na área de acesso ao porto de Marselha. O sítio foi regularmente referido na bibliografia relativa aos naufrágios com ânforas de “tipo lusitano”, na sequência da presença de ânforas enquadráveis no tipo Almagro 51 a-b.</p> <p>A carga seria, ainda, constituída por ânforas dos tipos Dressel 23d, Beltrán 72 e ânforas cilíndricas africanas (Africana IIIB/Keay 25.3) Foram também recuperados alguns pratos de <i>terra sigillata</i> clara D e tijolos. No interior das ânforas Almagro 51 a-b hispânicas foram identificadas espinhas de cavala (<i>scomber goliass</i>). (Liou, 1973, 585-586; Parker, 1992, 132)</p>		
<b>Espólio</b>	<p>Almagro 51 a-b; Dressel 23d; Beltrán 72; ânforas africanas (Africana IIIB/Keay 25.3); <i>terra sigillata</i> clara D e tijolos.</p> <p>Espólio Revisto: Aquando da nossa estadia no Dépôt archéologique régional d'Aix les Milles do DRASSM tivemos oportunidade de observar um conjunto de 14 exemplares de Almagro 51 a-b provenientes desse contexto; constatando que se tratam de ânforas de fabrico sul-hispânico, com grande probabilidade béticas. Consideramos assim que a presença de ânforas lusitanas no contexto de naufrágio de Catalans é, à luz dos dados disponíveis, impossível de atestar.</p> <p>Na Base de Dados do DRASSM e no Dépôt archéologique régional d'Aix les Milles, pudemos observar, para além do conjunto de 14 ânforas do tipo Almagro 51 a-b, 3 tijolos, 1 <i>tubulus</i>, 1 ânfora inteira e dois bordos do tipo Africana IIIB/Keay 25.3, e 15 fragmentos de partes superiores e/ou bordos de Dressel 23d, na sua totalidade correspondentes ao modelo formal da fig.18.4 de Liou (1973).</p>		
<b>Depósito</b>	Dépôt archéologique régional d'Aix les Milles do DRASSM		
<b>Bibliografia</b>	Liou, 1973, 585-586; Parker, 1992, 132		
	Relatórios: Dossier DRASSM Catalans (Fotos e anotações relativas ao espólio)		
<b>Imagens</b>			

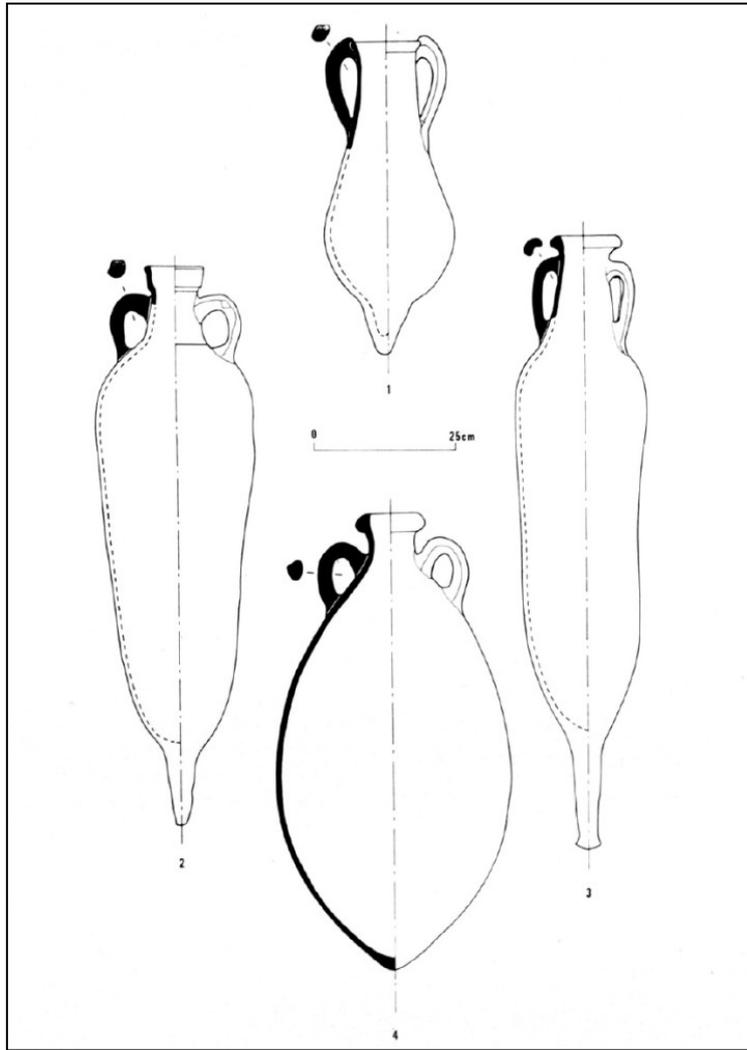


Fig.1 - Ânforas recuperadas do sítio de Catalans: 1-Beltrán 72; 2-Almagro 51 a-b; 3-Cilíndrica africana (Africana IIIB/Keay 25.3) e 4-Dressel 23d. (Liou, 1973, fig.18)

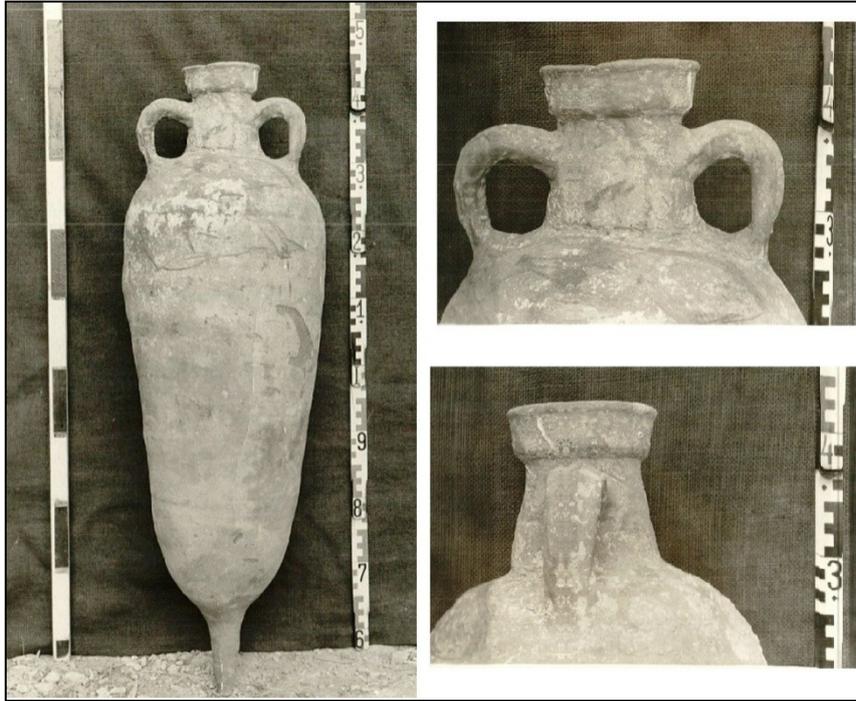


Fig.2 – Ânfora Almagro 51 a-b do naufrágio de Catalans (Foto: Dossier Catalans – DRASSM - 1971)

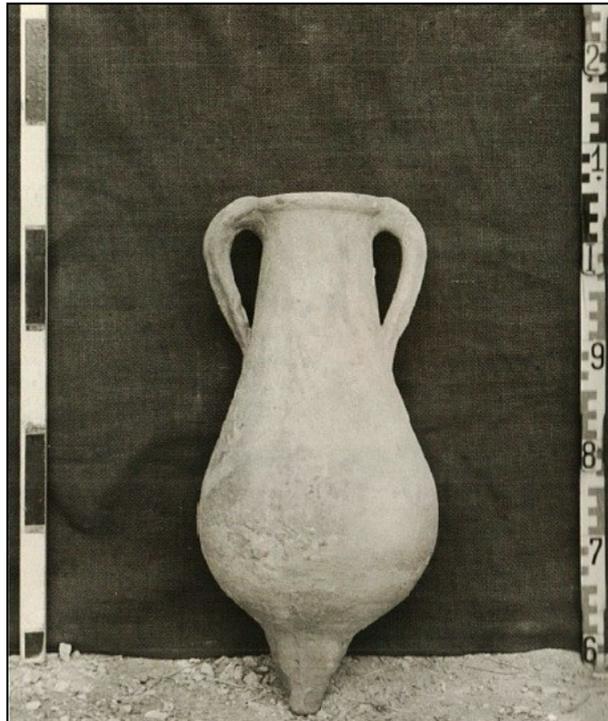


Fig.3 – Ânfora Beltrán 72 do naufrágio de Catalans (Foto: Dossier Catalans – DRASSM - 1971)



Fig.4 – Almagro 51 a-b do sítio de Catalans (peça nº1865), conservada no Dépôt archéologique régional d'Aix les Milles. (Foto: Sónia Bombico)



Fig.5 – Conjunto de ânforas do tipo Almagro 51 a-b provenientes de Catalans, conservadas no Dépôt archéologique régional d'Aix les Milles. (Fotos: Base de Dados - DRASSM)



Fig.6 – Almagro 51 a-b do sítio de Catalans (peça nº7463), conservada no Dépôt archéologique régional d'Aix les Milles. (Foto: Sónia Bombico)



Fig.7 – Almagro 51 a-b do sítio de Catalans (peça nº7463), conservada no Dépôt archéologique régional d'Aix les Milles. (Foto: Sónia Bombico)

<b>Designação</b>	<b>Pommègues</b>	Parker 851	<b>25</b>
<b>Tipo de Sítio</b>	Naufrágio	<b>Cronologia</b>	
		Meados do séc. III d.C.	
<b>Localização</b>	Ilha de Pommègues (Marselha)	<b>País</b>	
		França	
<b>Descrição e Trabalhos</b>	<p>Identificado a uma profundidade de 3 a 7 metros, em 1975, o local de naufrágio preservava uma estrutura naval de madeira conservada num comprimento de 6m por 1,30m de largura.</p> <p>Estão associados ao naufrágio ânforas dos tipos Gaulesa 4 (12 ânforas) e Almagro 50 (um bico fundeiro); uma lucerna; três moedas de bronze, uma das quais de Filipe I, o Árabe (245-249 d.C.); um medalhão de cerâmica; uma peça de bronze e um fragmento de <i>sigillata</i> clara C.</p> <p>A área central do naufrágio encontrava-se coberta por uma camada de 10 a 15cm de pequenas pedras de basalto com 1 a 3cm de secção, que poderão ter constituído lastro do navio. (Gassend, 1978, 104)</p>		
<b>Espólio</b>	<p>Gaulesas 4 (12 ânforas); Almagro 50 (um bico fundeiro); uma lucerna; três moedas de bronze, uma das quais de Filipe I, o Árabe (245-249 d.C.); um medalhão de cerâmica; uma peça de bronze e um fragmento de <i>sigillata</i> clara C</p> <p>Espólio revisto: Não nos foi possível observar o bico fundeiro atribuído ao tipo Almagro 50, no entanto com base no desenho publicado e nas características formais particulares (anel saliente) parece-nos bastante provável tratar-se efectivamente de um fabrico lusitano. (Fig.4)</p>		
<b>Depósito</b>	Dépôt archéologique régional d'Aix les Milles e Musée d'Histoire de Marseille		
<b>Bibliografia</b>	Gassend, 1978, 101-107; Parker, 1992, 324 e 325		
<b>Imagens</b>			

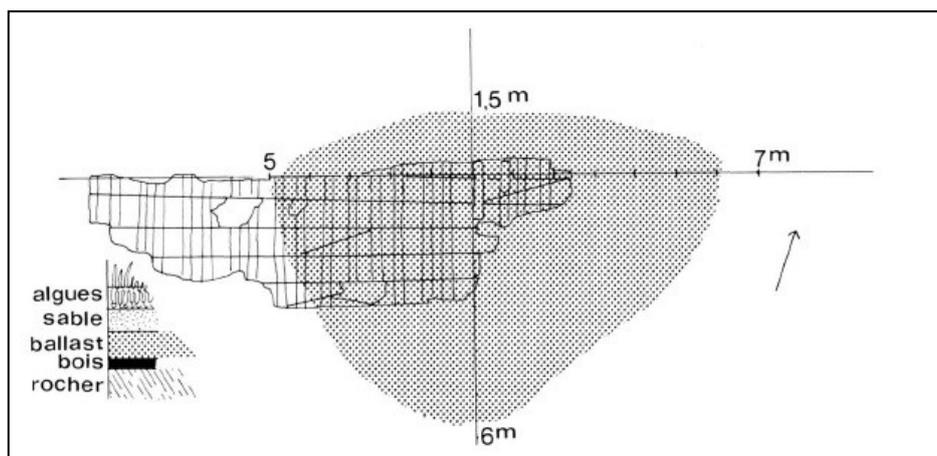


Fig.1- Planimetria do sítio de naufrágio. (Gassend, 1978, fig.3)

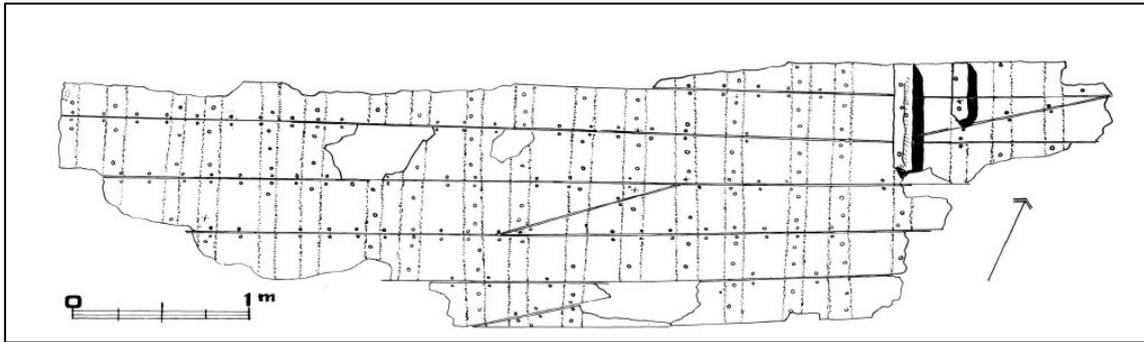


Fig.2 – Planimetria da estrutura naval do naufrágio de Pommègues. (Gassend, 1978, fig.2)



Fig.3 - Moeda de bronze de Filipe I, o Árabe. (Gassend, 1978, fig.5)

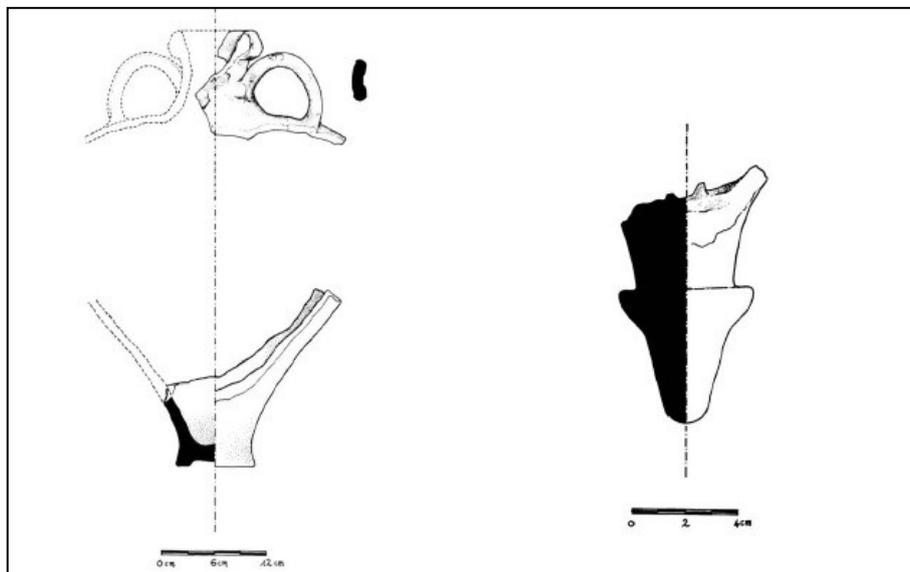


Fig.4 – Fragmentos de ânforas Gaulesas 4 e bico fundeiro de ânfora Almagro 50. (Gassend, 1978, fig.8)

<b>Designação</b>	<b>Tiboulén-de-Maïre</b>	Parker 1178	<b>26</b>
<b>Tipo de Sítio</b>	Naufrágio	<b>Cronologia</b>	
		Meados do séc. II d.C.	
		130 - 150 d.C.	
<b>Localização</b>	Marselha (Bouches-du-Rhône)	<b>País</b>	
		França	
<b>Descrição e Trabalhos</b>	<p>O sítio de Tiboulén-de-Maire localiza-se ao largo de uma pequena ilha, 10km a Sul de Marselha. Descoberto em 1976 por Serge Ximénès, a cerca de 57 metros de profundidade, o sítio foi alvo de duas campanhas subaquáticas realizadas pelo DRASSM em 1977 e 1978.</p> <p>A partir de 1999, e anualmente, têm sido realizadas campanhas de escavação no sítio, cujos resultados constam dos relatórios de intervenção – anos de 1999 a 2011 – disponíveis no DRASSM. Trata-se de um naufrágio de um presumível navio com uma carga maioritária de azeite da Bética, transportado em ânforas Dressel 20 (70% da carga - 167 Dressel 20 e 6 Dressel 20 <i>parvae</i>). A carga secundária é bastante heterogénea e inclui: ânforas piscícolas Beltrán IIA e IIB (14% - 35 ânforas), Dressel 14 (4 ânforas - 2%) e uma Dressel 7-11 recuperada em 2006; contentores vinários Gauloise 4 (4% - 11 ânforas), Dressel 28 (3% - 8 ânforas) e Dressel 2-4 da <i>Tarraconensis</i> (3% - 8 ânforas); duas ânforas de <i>Forlimpopoli</i>; uma ânfora Norte-Africana precoce e alguns fragmentos de tipologia indeterminada (9 fragmentos) (Ximénès e Moerman, 2006 ; Djaoui 2011, 625). No local foi também identificado um fragmento de <i>Terra Sigillata</i> Itálica Tardia, assim como alguns fragmentos de vidro. (Ximénès e Moerman, 2006)</p> <p>Os trabalhos arqueológicos levados a cabo a partir de 2007 tiveram como principal objectivo o estudo dos vestígios conservados da estrutura naval. A superfície total do sítio está estimada em 276m<sup>2</sup>, estando o naufrágio orientado Este-Oeste e conservando-se num total de 21,5m de comprimento por 10m de largura máxima. Os investigadores sugerem que se esteja perante um navio de pelo menos 30 metros de comprimento (Ximénès, 2011).</p> <p>Um duplo selo em madeira, com indicação do ano consular (consulado de <i>Lucius Fundanius Lamia Aelianus et Sextus Carminius Vetus</i>), estabelece o <i>terminus post quem</i> para o naufrágio em 116 d.C. A referência à <i>gens Acilia</i> – ACILIORVM surge em relevo no selo – parece indicar que, se não toda, pelo menos parte da carga pertencia a um <i>mercator</i> ou <i>negotiator</i> de gentílico <i>Acilius</i>, bastante difuso na Península Itálica. Segundo David Djaoui, o selo, desta possível sociedade comercial, poderia servir para estampilhar as tampas das Dressel 20, para as quais se conhecem paralelos de estampilhas conservadas em pouzzolana, ainda que no caso concreto deste naufrágio não se tenham conservado. (Djaoui 2011, 625 a 627) O conjunto de materiais da carga indica uma cronologia entre 130 e 150 d.C. (Ximénès e Moerman, 2006a, 50)</p> <p>As campanhas mais recentes, realizadas depois de 2005, têm permitido confirmar a existência de produtos provenientes da Bética, com especial destaque para o azeite, numa</p>		

percentagem que supera os 80% da suposta carga. Isto faz supor um porto de origem localizado na Bética, e uma hipotética escala num porto de redistribuição gálico, como o de Narbonne ou Marselha. (Ximénes, 2007,10; Djaoui, 2011, 629)

#### **Espólio**

Carga maioritária: Dressel 20 (70%)

Carga secundaria: Beltrán IIA e IIB (14%), Dressel 14 (4 ânforas - 2%), Gauloise 4 (4%), Dressel 28 (3%), Dressel 2-4 Tarraconensis (3%), 2 Forlimpopoli, 1 Africana precoce, 1 Dressel 7-11, *Terra Sigillata* itálica tardia e vidro.

Espólio revisto: Em Janeiro de 2013, no Dépôt archéologique régional d'Aix les Milles, observamos uma parte superior de uma Dressel 14 – bordo e colo com uma asa (peça 10716). A peça encontra-se bastante afectada pela erosão e a análise macroscópica permite-nos atribuir um fabrico lusitano à mesma, enquadrável nas produções Tejo/Sado.

#### **Depósito**

Dépôt archéologique régional d'Aix les Milles

Musée des Docks (Marselha)

#### **Bibliografia**

Ximénes e Moerman, 1999 a 2005 (*Bilan Scientifique du DRASSM*); Djaoui 2011 ; Ximenes, Poveda e Magre, 2011.

Relatórios : Ximénes e Moerman, 2006b; Ximénes, 2007; Ximènes, 2011.

#### **Imagens**

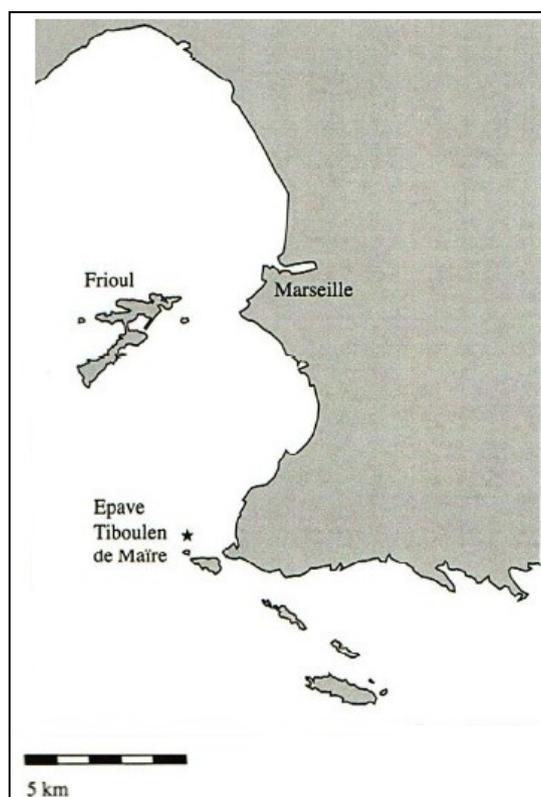


Fig.1 – Localização do naufrágio. (Ximénes e Moerman, 2006)

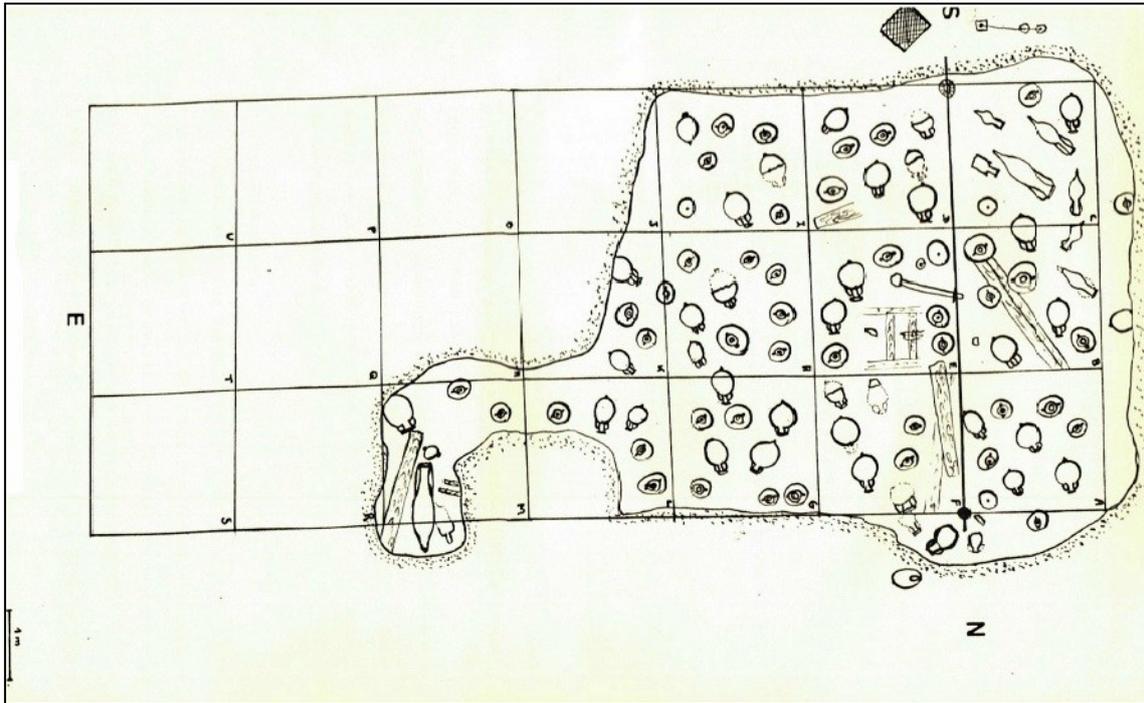


Fig.2 – Croqui/planimetria das intervenções do DRASSM de 1977 e 1978. (Dossier de Tiboulen-de-Maire do DRASSM)

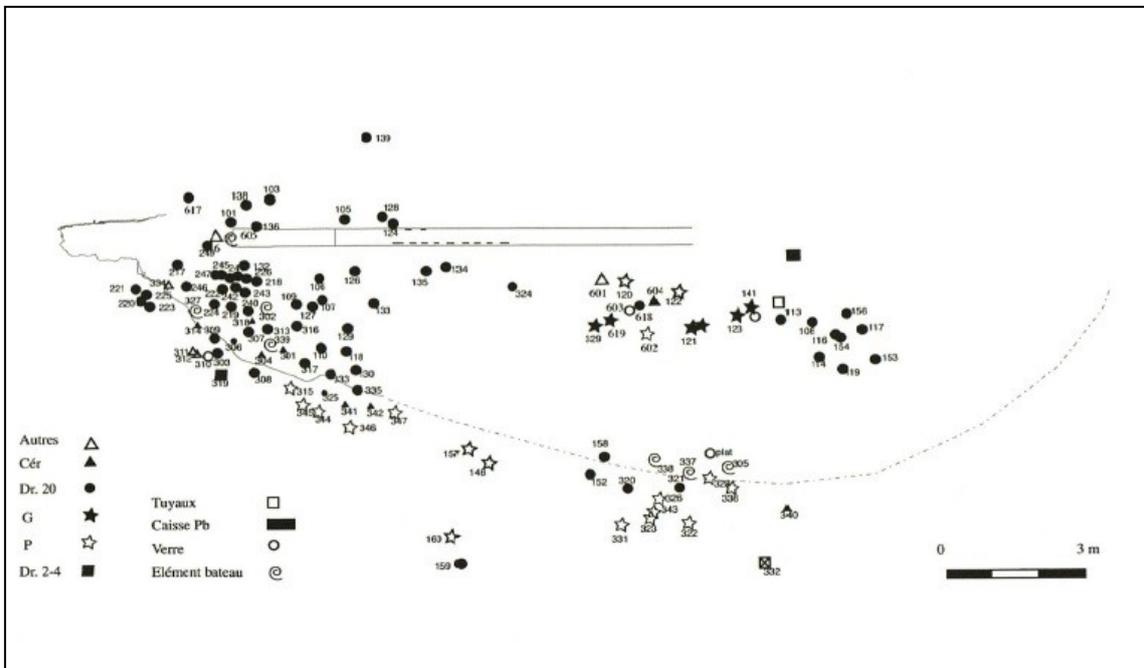


Fig.3 – Planimetria com distribuição das ânforas por tipos– campanha de 2006. (Ximénes e Moerman, 2006)

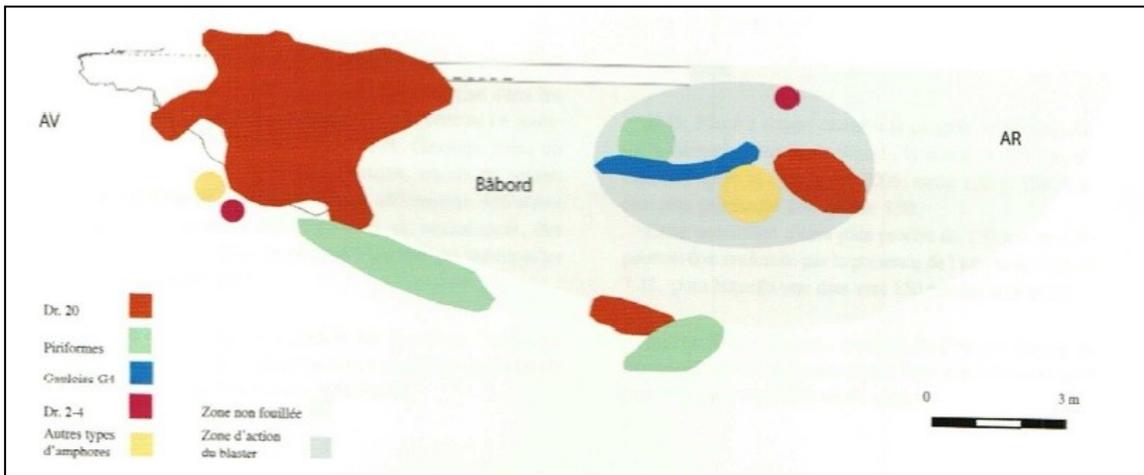


Fig.4 – Planimetria com manchas de distribuição das ânforas por tipos – campanha de 2006. (Ximénes e Moerman, 2006)

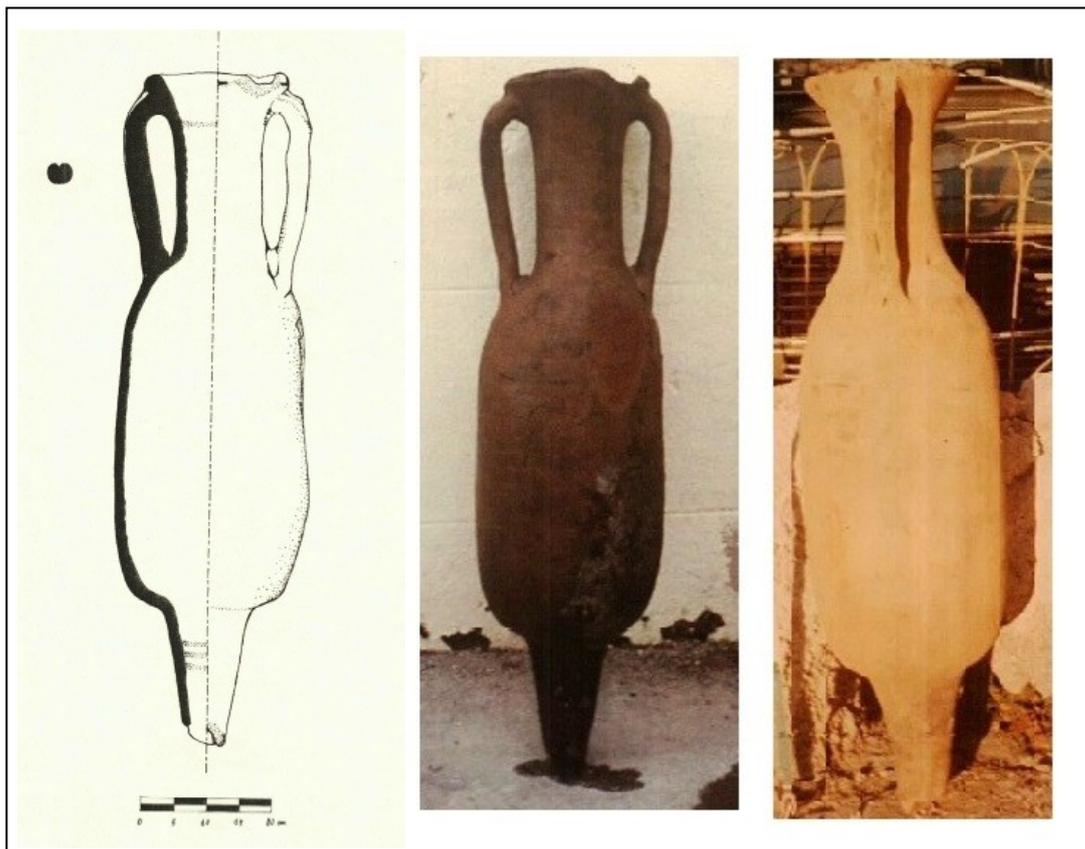


Fig. 5 – Ânfora Dressel 14 de Tiboulen-de-Maire, recuperada em 1977 ou 1978. (Dossier de Tiboulen-de-Maire do DRASSM)

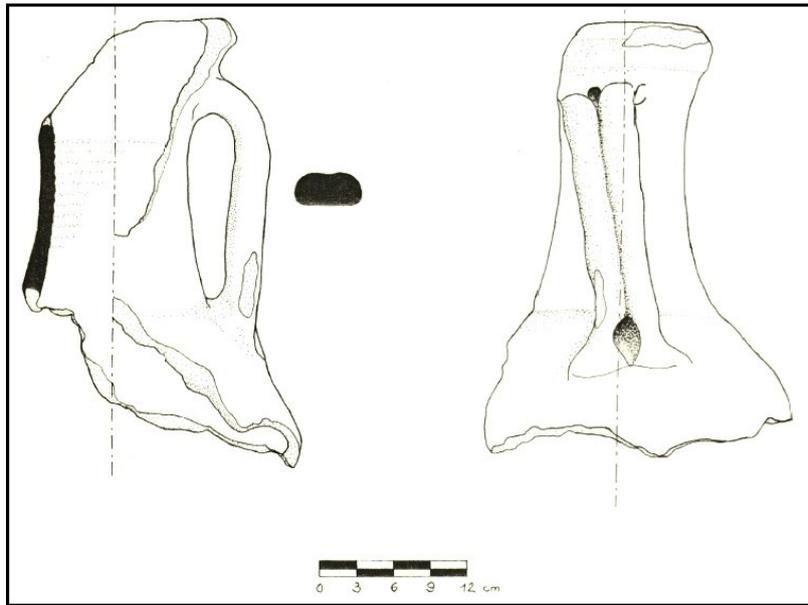


Fig.6 – Ânfora Dressel 14 (M4 – peça 10716) de Tiboulen-de-Maire, recuperada em 1977 ou 1978. (Dossier de Tiboulen-de-Maire do DRASSM)



Fig.7 – Parte superior de Dressel 14 lusitana (peça 10716), observada no Dépôt archéologique régional d'Aix les Milles. (Foto: Sónia Bombico)

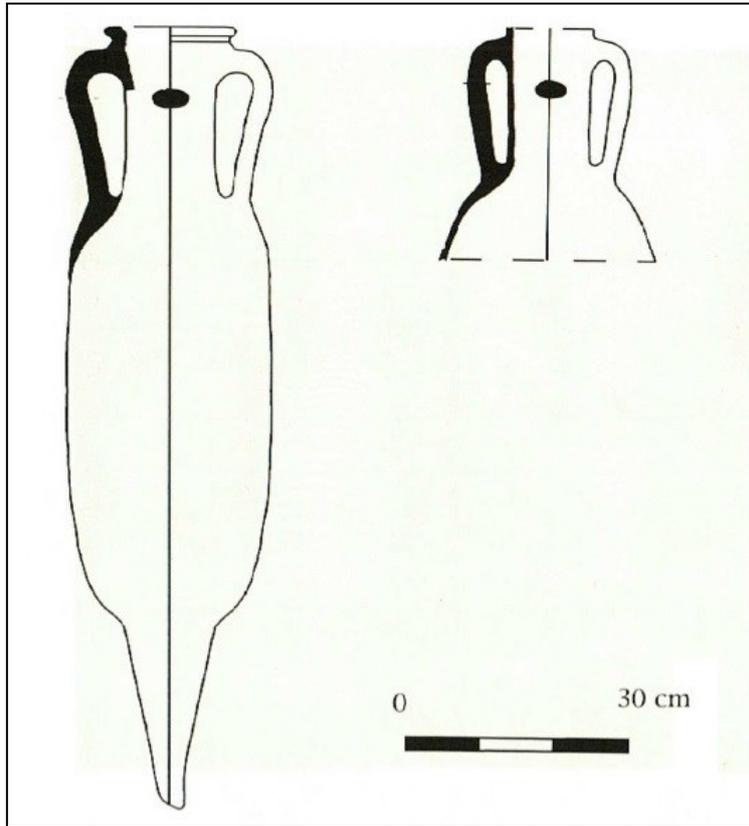


Fig.8 – Ânforas Dressel 14 de Tiboulen-de-Maire. (Ximénes e Moerman, 2006)

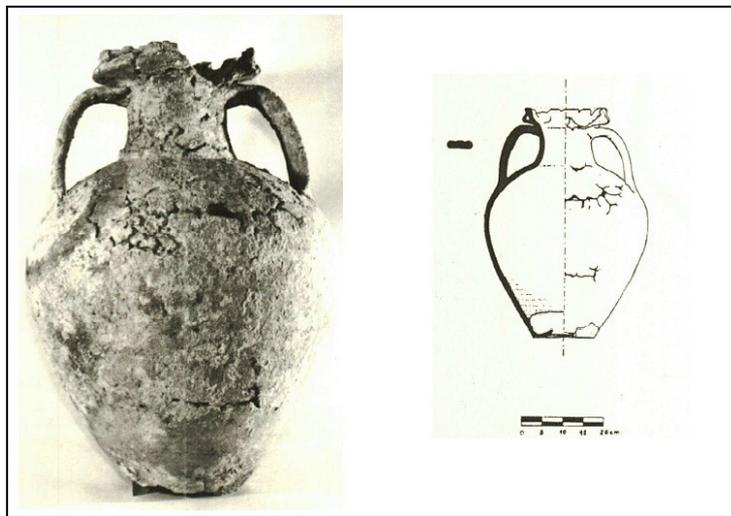


Fig.9 – Ânfora Dressel 28, de provável produção Bética, recuperada em 1977 ou 1978. (Dossier de Tiboulen-de-Maire do DRASSM)

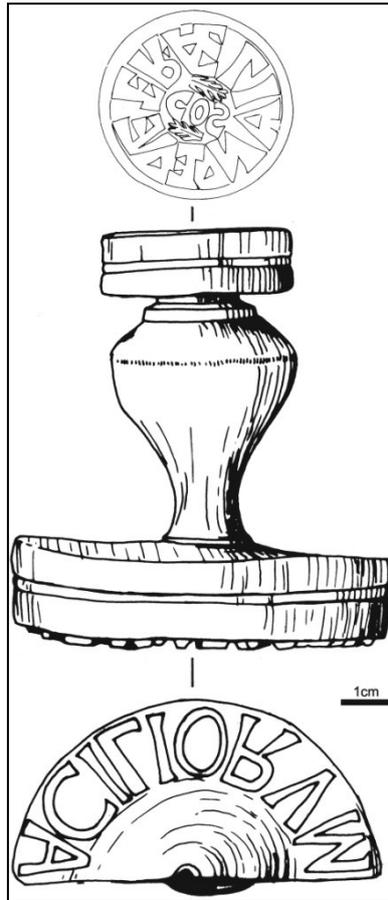


Fig.10 - Duplo selo de madeira para estampilhar. (Djaoui, 2011, fig1 - Desenho de A. Veleva, Arkaeos)

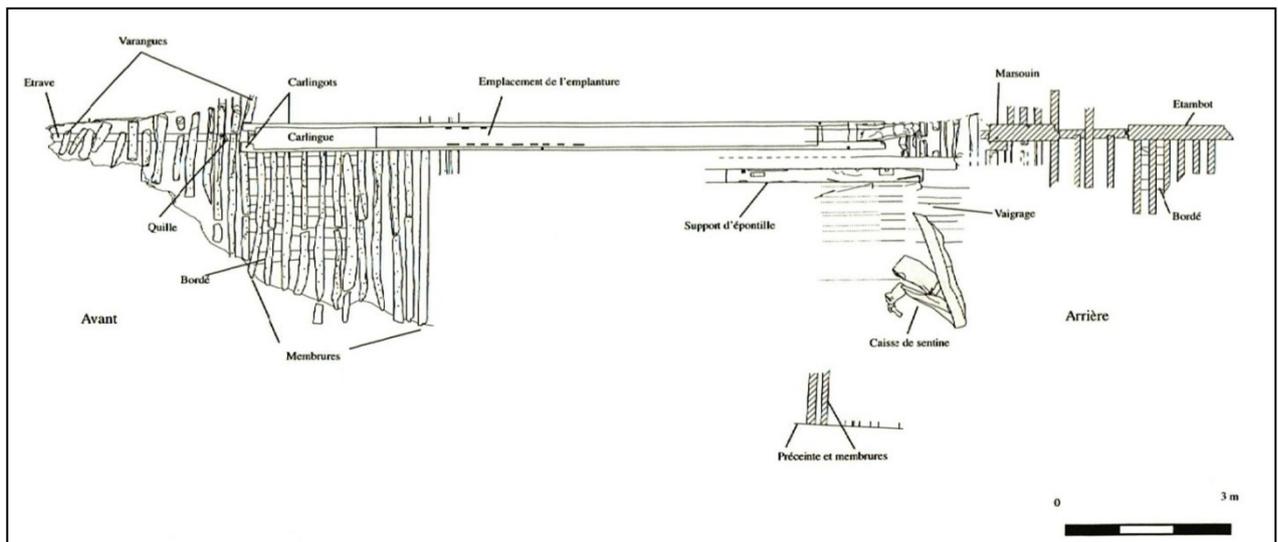


Fig.11 – Planimetria da estrutura naval conservada. (Ximénes e Moerman, 2006b, Relatório de Escavação)

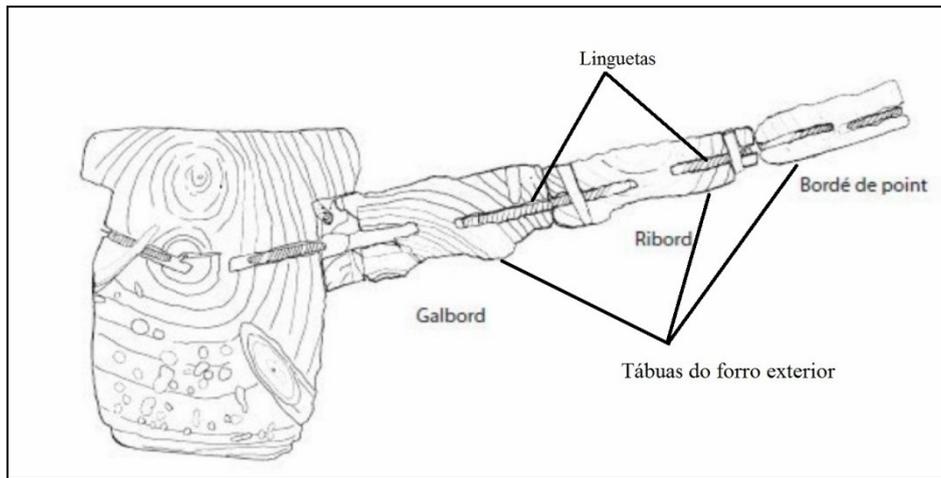


Fig.12 – Sistema de fixação das tábuas do forro exterior à quilha. (Ximenes, Poveda e Magre, 2011, 10)

<b>Designação</b>	<b>Ouest-Embiez 1</b>	<b>27</b>
<b>Tipo de Sítio</b>	Naufrágio	<b>Cronologia</b> Finais do séc. II – Inícios do III d.C. 180-230 d.C.
<b>Localização</b>	Oeste do Arquipélago das Ilhas de Embiez	<b>País</b> França
<b>Descrição e Trabalhos</b>	<p>O sítio de naufrágio, descoberto em 1993 e sondado em 1995, encontra-se a 56m de profundidade. Foi, posteriormente, alvo de quatro campanhas arqueológicas sistemáticas, entre 2001 e 2005, sob a direcção de M.P. Jézégou (DRASSM) e a colaboração de D. Foy (CNRS).</p> <p>O naufrágio revelou uma carga maioritária de vidro que atinge as 15 a 18 toneladas de vidro em bruto, cerca de 1735 recipientes e dois tipos de vidro de janela. Foram recolhidos 65 blocos de vidro em bruto de tamanhos distintos e pesos (variando entre os 25kg e os 5kg), totalizando 163kg. As peças de vidro indicam uma datação para o naufrágio entre os finais do século II e os inícios do século III d.C. Estima-se a existência de 1735 peças em vidro de formas distintas, desde vasos, copos e garrafas.</p> <p>O sítio de naufrágio é de extrema importância no âmbito do estudo do comércio de vidro, tendo em conta que as peças transportadas ultrapassam os mil exemplares, a tonelagem de vidro em bruto é a maior conhecida em contextos de naufrágio e os vidros de janela, planos e hemisféricos, surgem pela primeira vez associados numa mesma carga. (Deva Fontaine e Foy, 2007)</p> <p>A proveniência do vidro é difícil de atestar, assim como a origem da embarcação e o seu destino, no entanto os diversos autores apontam para uma possível redistribuição do vidro em bruto entre ateliers do mediterrâneo oriental e as suas sucursais no mediterrâneo ocidental, destinando-se a embarcação ao estuário do Rhône e quem sabe aos ateliers do interior da Gália.</p> <p>A bordo foram também identificadas algumas ânforas, entre as quais algumas corresponderão à dotação de bordo, e outras constituem uma carga complementar, que parece ser formada essencialmente por contentores vinários. Um total de cerca de 30 exemplares foi recuperado, de entre os quais se registam as seguintes formas: 9 Dressel 2-4 itálicas; 2 ânforas de fundo plano itálicas (Forlimpopoli); 8 ânforas de fundo plano que incluem Gaulesas 4 e imitações hispânicas da forma, de entre as quais poderão existir exemplares de Lusitana 3 (Fig.2 EMB 0027); ânforas orientais (1 pseudo-Kos, 3 Agora F65/66, 1 Kapitän 1 e 1 Knossos 18); e ânforas africanas (1 Africana I e 1 ânfora da <i>Mauretania Caesariensis</i>) Cronologicamente o lote de ânforas aponta uma datação entre os finais do século II e os inícios do III d.C. A cerâmica fina corrobora a datação, havendo-se recuperado do sítio um fragmento de <i>sigillata</i> clara A (Hayes 6B); cerâmica de cozinha africana (pote Hayes 197 com tampa Hayes 196 e prato Hayes 23B); cerâmica comum oriental (3 <i>chytrai</i> Agora G193 e um jarro Agora G188); e algumas cerâmicas comuns de proveniência incerta.</p>	

A carga vítrea e a heterogeneidade da carga anfórica (Ocidente e Oriente) apontam o porto de *Ostia*, ou até mesmo Pozzuoli, como prováveis pontos de partida da embarcação, cuja totalidade da carga aparenta ter sido carregada num mesmo momento. (Bernard e Jézégou, 2006; Bernard, Jézégou e Nantet, 2007)

A embarcação teria uma capacidade máxima de 19 toneladas e um comprimento de 12 a 15m. Conservava-se parte da estrutura naval, nomeadamente algumas tábuas do forro externo e cavernas da estrutura interna, numa extensão global de 2m por 60cm. Foi também identificada uma área provavelmente correspondente à cabine da tripulação e cozinha, na qual foram identificados alguns resíduos alimentares e vestígios de carvão. (Bernard, Jézégou e Nantet, 2007, 203 e 204)

**Espólio** Carga principal – vidro (vidro em bruto, recipientes e vidros de janela); 9 Dressel 2-4 itálicas; 2 Forlimpopoli; 8 ânforas de fundo plano que incluem Gaulesas 4 e imitações hispânicas - Lusitana 3 (?); ânforas orientais - 1 pseudo-Kos, 3 Agora F65/66, 1 Kapitan 1 e 1 Knossos 18; e ânforas africanas (1 Africana I e 1 ânfora da *Mauretania Caesariensis*)

Espólio Revisto: Não nos foi possível observar nenhum material proveniente desde sítio.

**Depósito** Desconhecido.

**Bibliografia** Bernard e Jézégou, 2006; Deva Fontaine e Foy, 2007; Bernard, Jézégou e Nantet, 2007.

**Imagens**

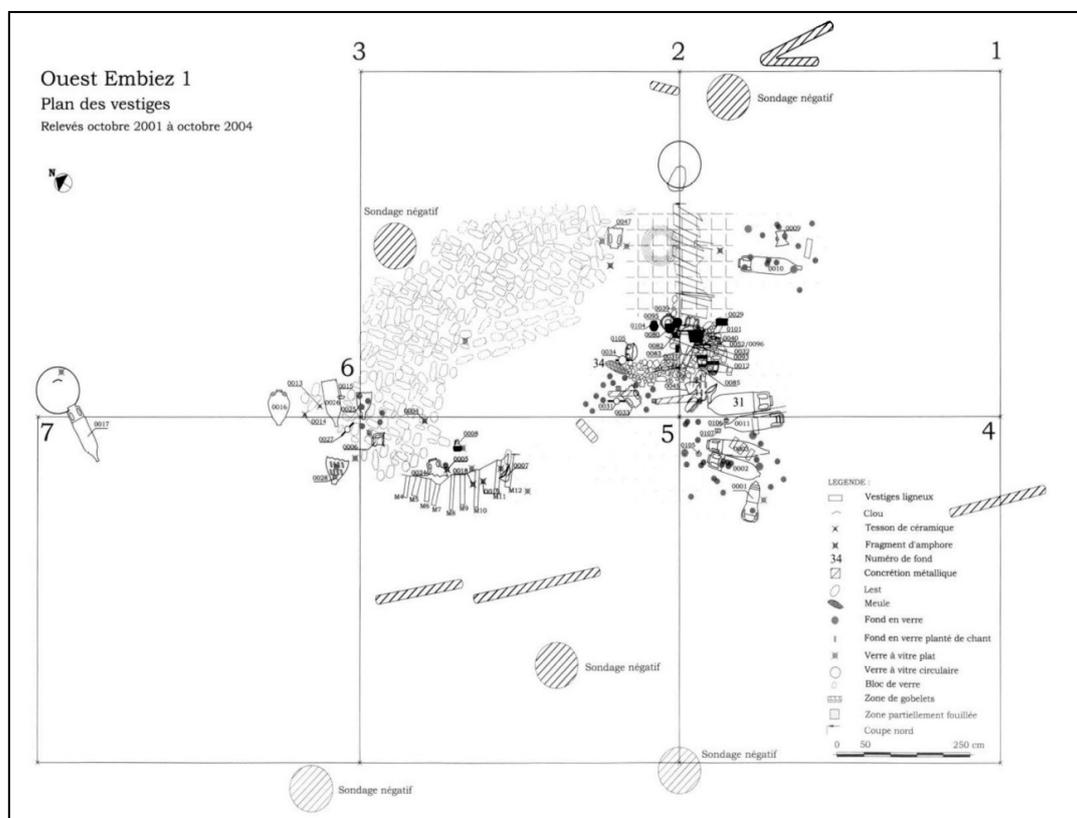


Fig.1 – Planimetria do sítio escavado (2001-2004). (Bernard, Jézégou e Nantet, 2007, fig.3)

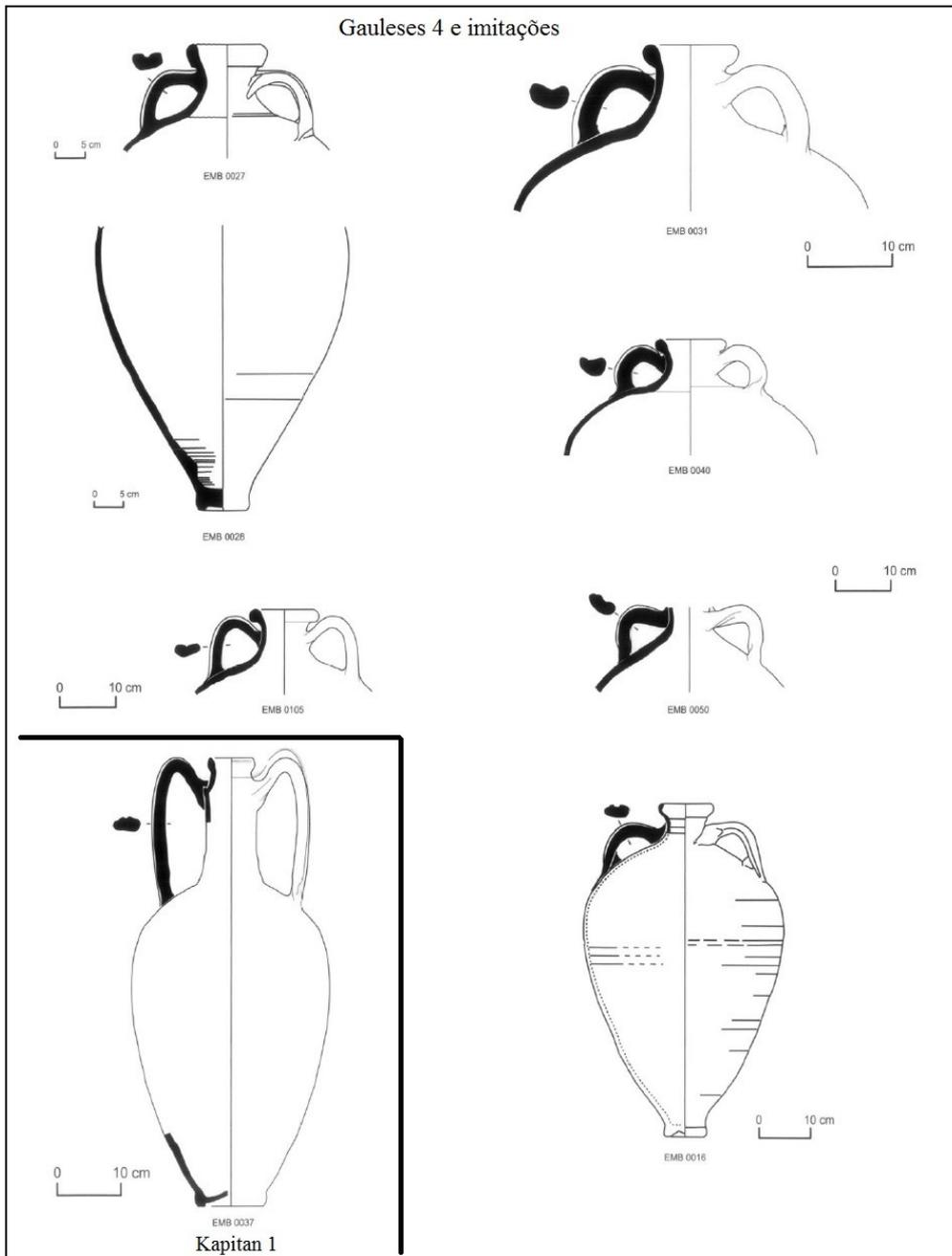


Fig.2 – Ânforas de fundo plano de tipo Gaulesa 4 e imitações hispânicas; e exemplar de Kapitan 1.  
(Desenhos de H. Bernard, C. Damon, G. Guiova in Bernard, Jézégou e Nantet, 2007, fig.25)

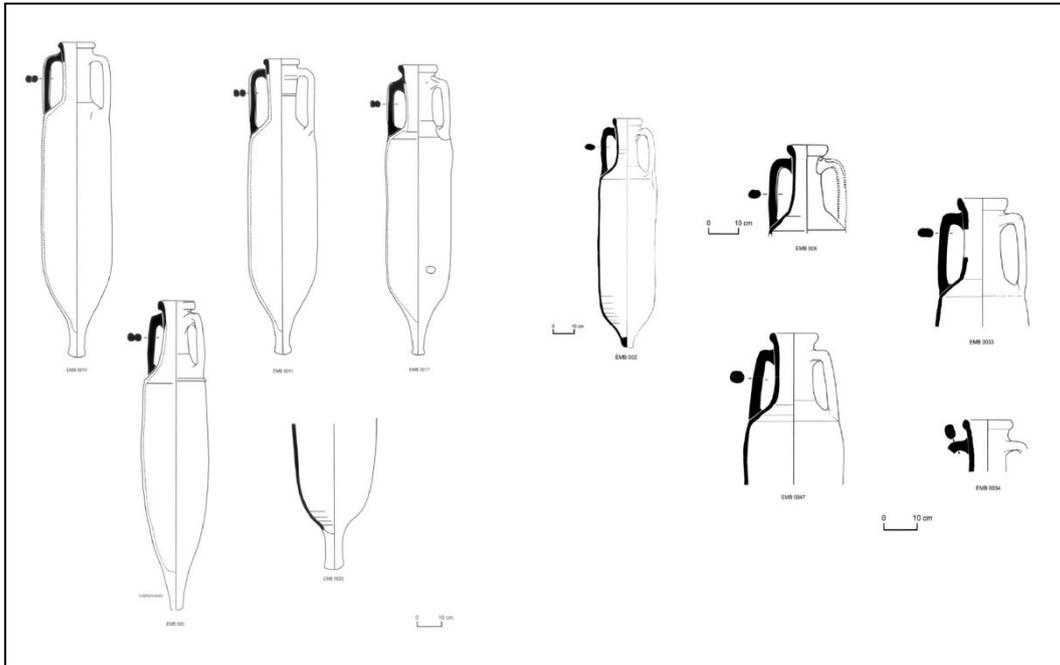


Fig.3 – Ânforas Dressel 2-4 itálicas (Desenhos de H. Bernard, C. Damon, G. Guiovona in Bernard, Jézégou e Nantet, 2007, fig.23 e 24)

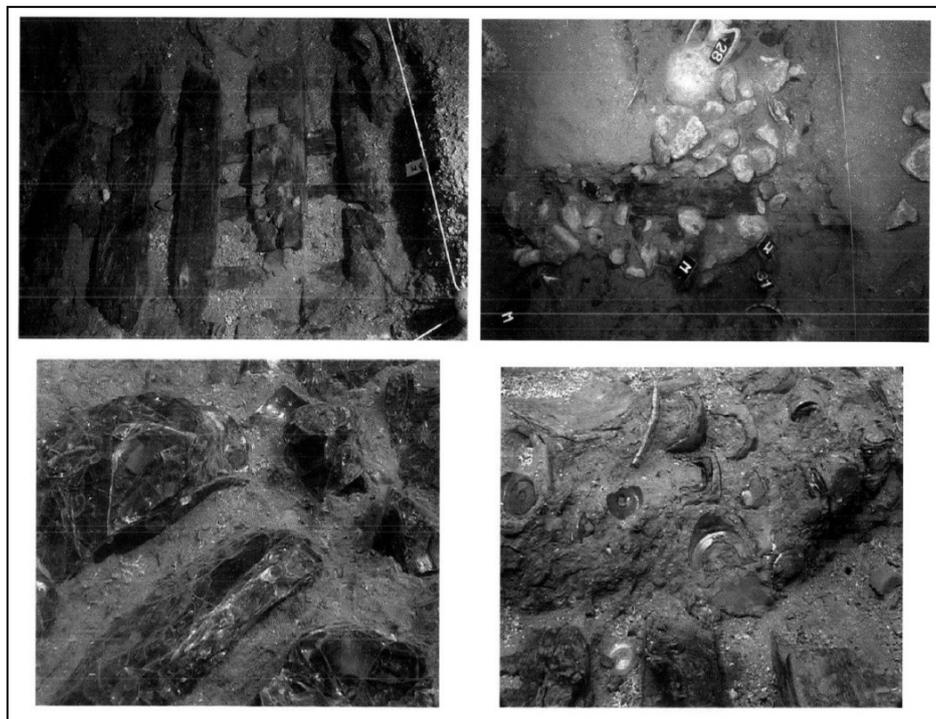


Fig.4 – Imagens do sítio durante as campanhas de escavação. Vestígios da estrutura naval, das peças em vidro, de vidro em bruto e ânforas. (Bernard, Jézégou e Nantet, 2007, fig.5, 6, 9 e 11)

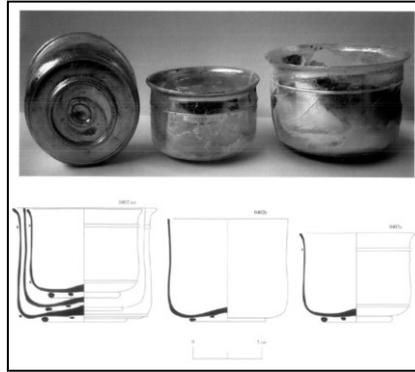


Fig. 5 – Recipientes em vidro do naufrágio de Ovest-Embiez 1. (Imagem Fontaine/Fo in Deva Fontaine e Foy, 2007, fig.11 e 13)

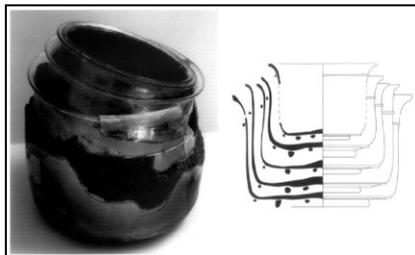


Fig.6 – Recipientes em vidro. (Imagem Fontaine/Foy/Guionova in Deva Fontaine e Foy, 2007, fig.17)

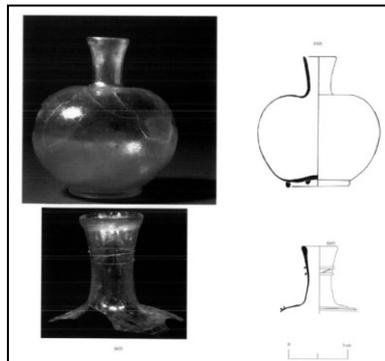


Fig.7 – Garrafas de vidro. (Imagem Fontaine/Foy/Guionova in Deva Fontaine e Foy, 2007, fig.20)

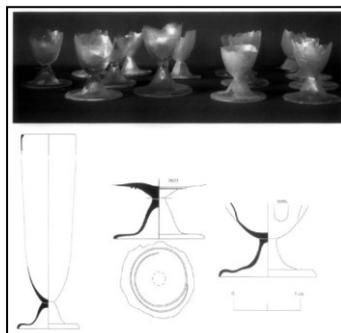


Fig.8 – Copos de vidro. (Imagem Fontaine/Foy in Deva Fontaine e Foy, 2007, fig.21)

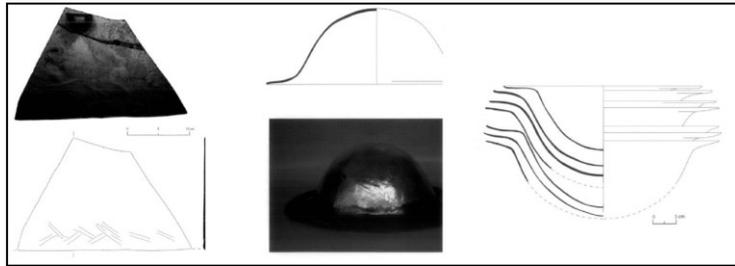


Fig. 9 – Vidros planos e hemisféricos do naufrágio de Ovest-Embiez 1. (Imagem Fontaine/Foy/Guionova in Deva Fontaine e Foy, 2007, fig.26)

<b>Designação</b>	<b>Cap Bénat 1</b>	Parker 172	<b>28</b>
<b>Tipo de Sítio</b>	Naufrágio	<b>Cronologia</b>	
		Segunda metade do século I d.C. – Século II	
<b>Localização</b>	Cap Bénat (Var)	<b>País</b>	
		França	
<b>Descrição e Trabalhos</b>	<p>O sítio de naufrágio designado Cap Bénat 1 localiza-se a Nordeste do Cap Bénat, pequeno promontório rochoso no mar de Var, situado defronte às Ilhas de Hyères. Identificado em 1965 por Monsieur Lopez, o sítio localizado a 37m de profundidade foi intervencionado pela primeira vez em 1971. À superfície foram observados inúmeros fragmentos de ânforas dispersos, revelando um sítio bastante pilhado. À excepção de dois fragmentos diferenciados, a totalidade dos materiais observados e recuperados pertencia ao mesmo tipo anfórico. Foram, ainda, recuperados alguns <i>opercula</i>. (Calmes 1973, 137-140)</p> <p>A descrição formal e os desenhos, publicados por Calmes, permitem classificar as ânforas como Dressel 14, assim como identificar a parte superior de uma ânfora do tipo Ramon PE 25 de Ibiza.</p> <p>A descrição da pasta apontamos uma provável produção lusitana. (Calmes 1973, 142)</p> <p>Não foram identificados no local quaisquer vestígios do possível navio naufragado, que poderia ter sido fustigado pelo vento de mistral. E a dispersão de material no fundo não permite atestar a real existência de uma embarcação naufragada. (Calmes, 1973) No entanto, a homogeneidade formal e cronológica dos tipos anfóricos recuperados parece sugerir a efectiva existência de um naufrágio.</p>		
<b>Espólio</b>	<p>Dressel 14 lusitanas (pelo menos 16 exemplares se tivermos em conta a planimetria)</p> <p>1 ânfora de Ibiza do tipo Ramon PE 25</p> <p>1 ânfora de fundo plano</p> <p>Espólio revisto: Em Janeiro de 2013, no Dépôt archéologique régional d'Aix les Milles, foram observados um bordo de uma Dressel 14 e um fragmento de um bico fundeiro da mesma forma (peças 6466 A e B). A análise macroscópica permite-nos considerar as peças como de produção lusitana, enquadráveis nas produções Tejo/Sado.</p> <p>Os restantes materiais recuperados encontram-se depositados no Dépôt de Saint Raphael (Var) e não nos foi possível observa-los.</p>		
<b>Depósito</b>	Dépôt archéologique régional d'Aix les Milles e Dépôt de Saint-Raphaël (Var)		
<b>Bibliografia</b>	Calmes, 1973; Parker 1992: 98, n° 172; Etienne e Mayet 2002: 195 n°. 33.		
<b>Imagens</b>			

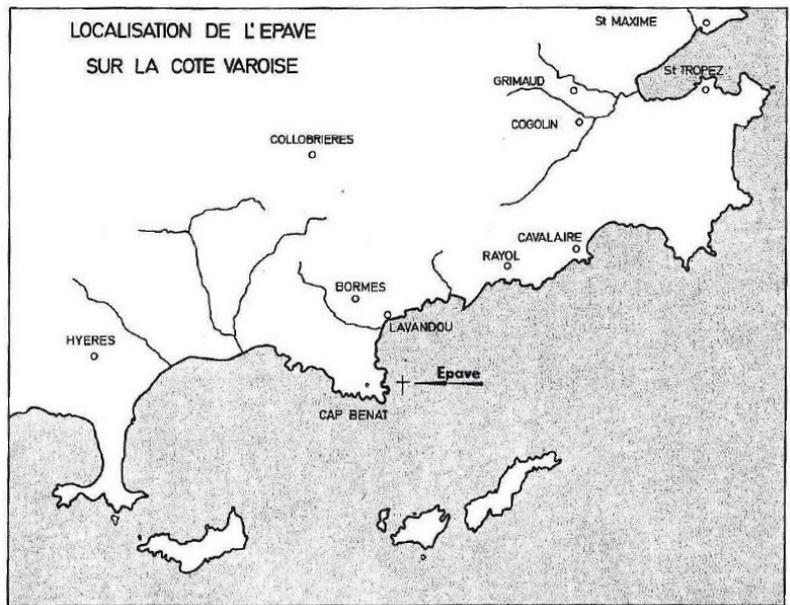


Fig.1 – Localização do naufrágio de Cap Bénat 1. (Calmes, 1973,138)

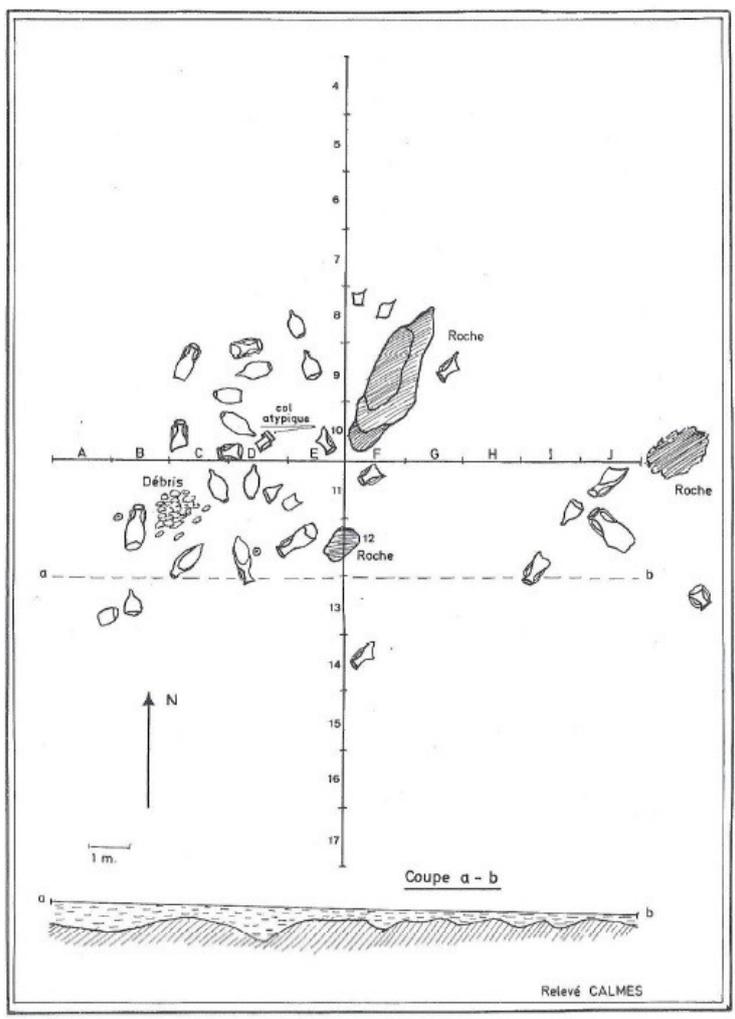


Fig.2 - Croqui do sítio arqueológico. (Calmes, 1973,139)

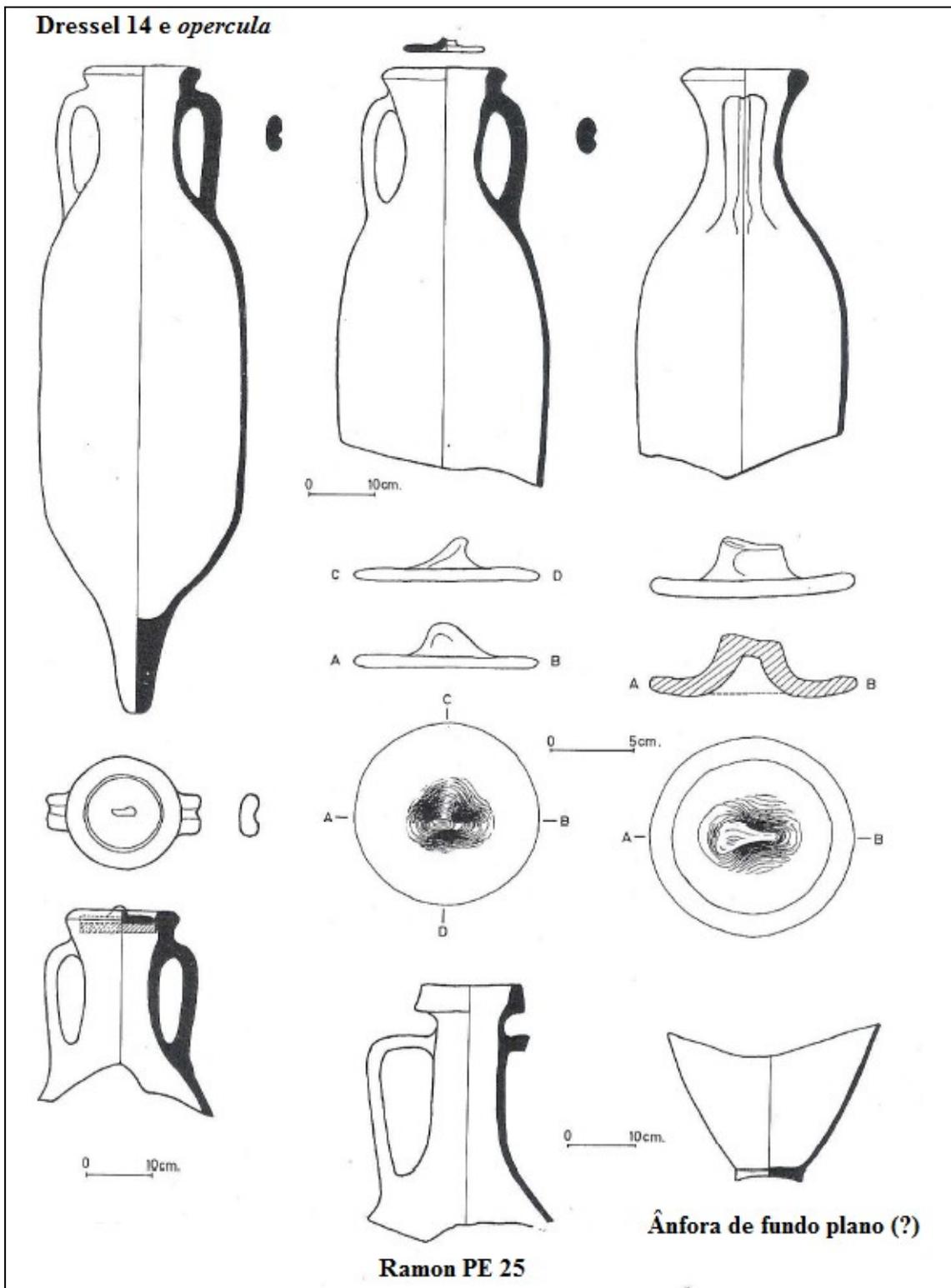


Fig.3 – Desenhos dos materiais anfóricos recuperados no sítio de Cap Benat 1. (Calmes, 1973, 143)

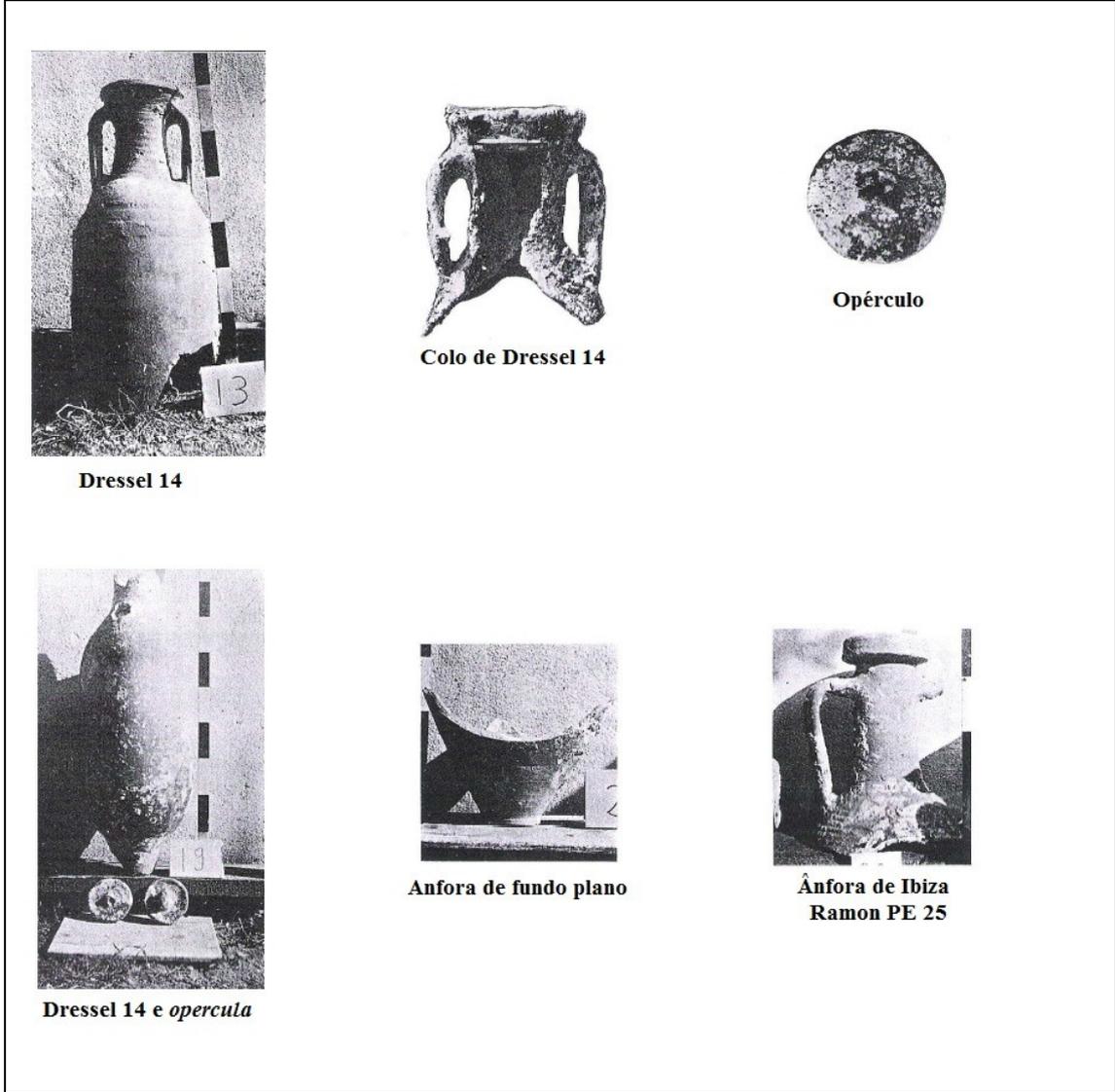


Fig.4 – Ânforas e *opercula* recuperados do sítio. (Calmes, 1973, 144)



Fig.5 – Fragmento de bordo e de bico fundeiro de Dressel 14 lusitana, do naufrágio de Cap Bénat 1 - Peças 6466 A e B. (Foto: Sónia Bombico)



Fig.6 – Fragmento de bordo de Dressel 14 lusitana, do naufrágio de Cap Bénat 1 - Peça 6466 A (Foto: Sónia Bombico)

<b>Designação</b>	<b>Pampelonne</b>	Parker 783	<b>29</b>
<b>Tipo de Sítio</b>	Naufrágio	<b>Cronologia</b>	
		Primeira metade do século IV d.C.	
<b>Localização</b>	Baía de Pampelonne (Saint-Tropez, Var)	<b>País</b>	
		França	
<b>Descrição e Trabalhos</b>	<p>O sítio, localizado a 65m de profundidade, foi alvo de uma pequena sondagem arqueológica (4mx3m) sob a direcção de Lequément, em 1975.</p> <p>A carga anfórica, que se estende por um <i>tumulus</i> rectangular de aproximadamente 6,5m por 3,5m, parece ter sido constituído por dois níveis sobrepostos. Um 50 ânforas encontravam-se dispostas horizontalmente na superfície marinha, formando o provável nível superior da carga. Foram recolhidas um total de 41 ânforas cilíndricas africanas (Africana IIIA/Keay 25.1 e Africana IIC tardias), uma das quais possui um <i>graffito</i> (VICTOR) no colo; 5 ânforas atribuíveis ao tipo Beltrán 72; uma ânfora de corpo alongado e fundo cilíndrico, enquadrável no tipo Dressel 30 com uma provável origem africana (Mauritânia), mas que surge classificada em alguma bibliografia como Almagro 51c lusitana; um outro exemplar de ânfora enquadrável no tipo Dressel 30, não gálica e com uma provável origem norte-africana; uma ânfora Agora M254; e uma ânfora de tipo Almagro 51c de possível produção lusitana. A descrição do fabrico desta última peça revela-nos o seguinte: “La surface est jaune rouge; la pâte est de même couleur mais plus claire. De gros grains de quartz y apparaissent ainsi que des points d'ocre rouge très pulvérulent. Des traces de poix sont visibles sur la paroi interne.” O que não exclui de todo uma produção lusitana, mas infelizmente não nos foi possível observar a peça. Foram também identificadas duas tampas de cortiça (7cm de largura e 2cm de espessura) associadas às ânforas cilíndricas africanas; assim como algumas peças rectangulares em chumbo que foram interpretadas como etiquetas de ânfora.</p> <p>Os diferentes autores sugerem que se trate de uma embarcação proveniente do Norte de África (Neapolis/Nabeul) e destinada aos portos da Gália. Segundo Bonifay é provável que as Keay 25 tenham transportado vinho e as Africana IIC tardias <i>salsamenta</i>. (Bonifay, Capelli e Long, 2002, 197)</p> <p>Infelizmente a grande profundidade do local não permitiu uma investigação mais sistemática, aquando da descoberta do sítio arqueológico.</p>		
<b>Espólio</b>	<p>Ânforas cilíndricas africanas (Africana IIIA/Keay 25.1 e Africana IIC tardias); duas ânforas atribuíveis ao tipo Dressel 30 provavelmente de produção africana; uma possível Almagro 51c (ou Dressel 30), uma ânfora Agora M254; uma ânfora de tipo Almagro 51c de possível produção lusitana; e etiquetas de chumbo.</p> <p>Espólio Revisto: Aquando da nossa visita ao dépôt des Milles, pudemos observar a peça nº 3070, confirmando que não se trata de uma ânfora lusitana da tipologia Almagro 51c, mas que se tratará de uma produção norte-africana pertencente ao tipo Dressel 30.</p>		
<b>Depósito</b>	<p>Dépôt archéologique régional d'Aix les Milles e Dépôt d'archéologie sous-marine à Saint-Tropez (?)</p>		

**Bibliografia** Lequément, 1976, 177-188; Parker, 1992, 301; Bonifay, 2007, 255; Bonifay, Capelli e Long, 2002, 196 e 197.

**Imagens**



Fig. 1 – *Tumulus* de ânforas do naufrágio de Pampelonne. (Lequément, 1976, fig.1)

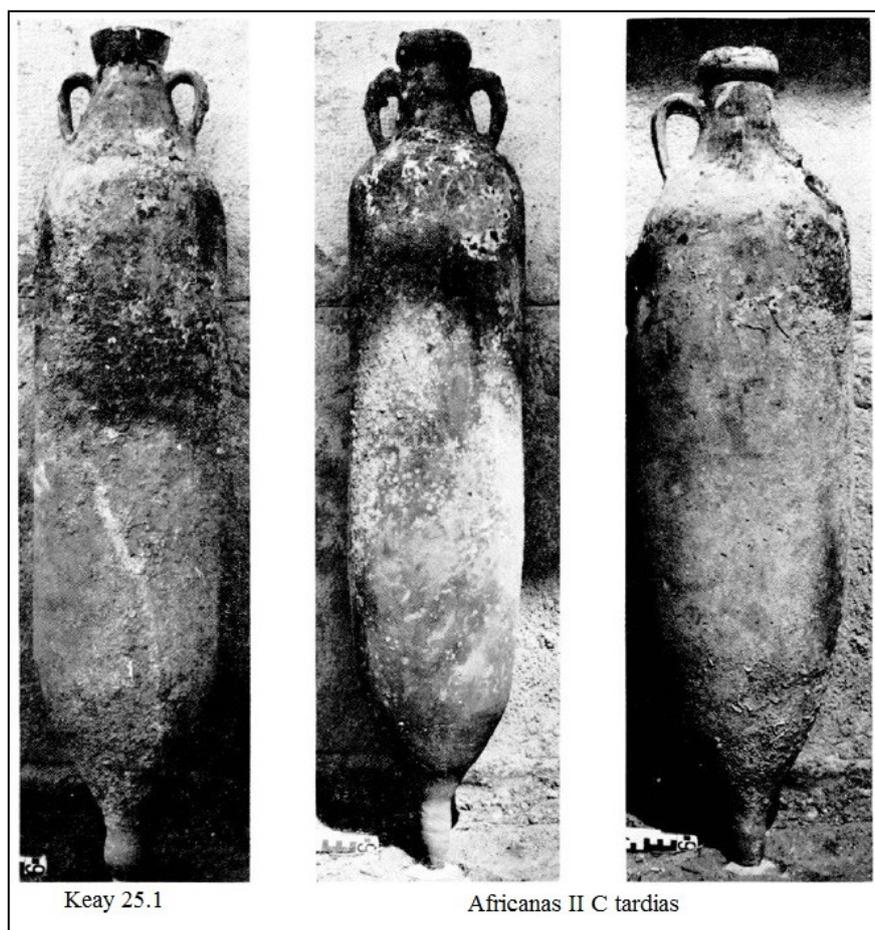


Fig. 2 – Ânforas cilíndricas africanas do naufrágio de Pampelonne. (Lequément, 1976, fig.3)

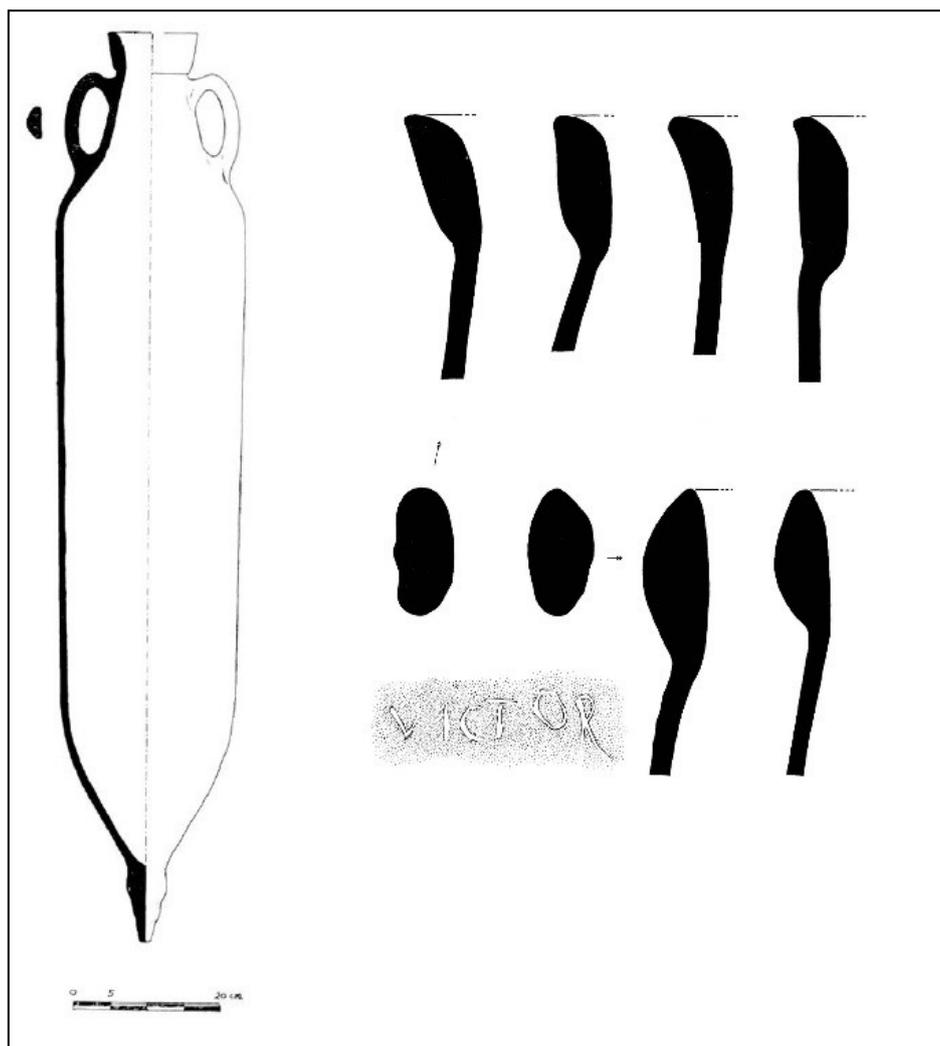


Fig. 3 – Ânforas cilíndricas africanas (Africana IIIA/Keay 25.1) do naufrágio de Pampelonne. (Lequément, 1976, fig.4 e 5)

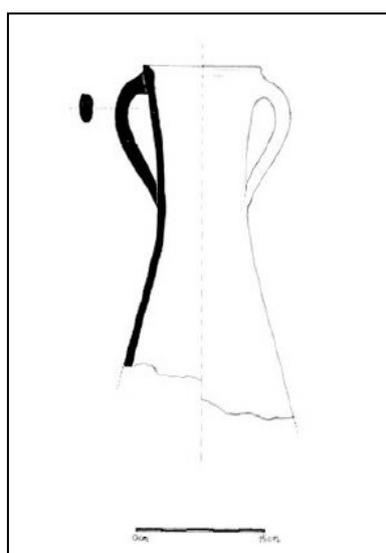


Fig. 4 – Beltrán 72 do naufrágio de Pampelonne. (Lequément, 1976, fig.6)

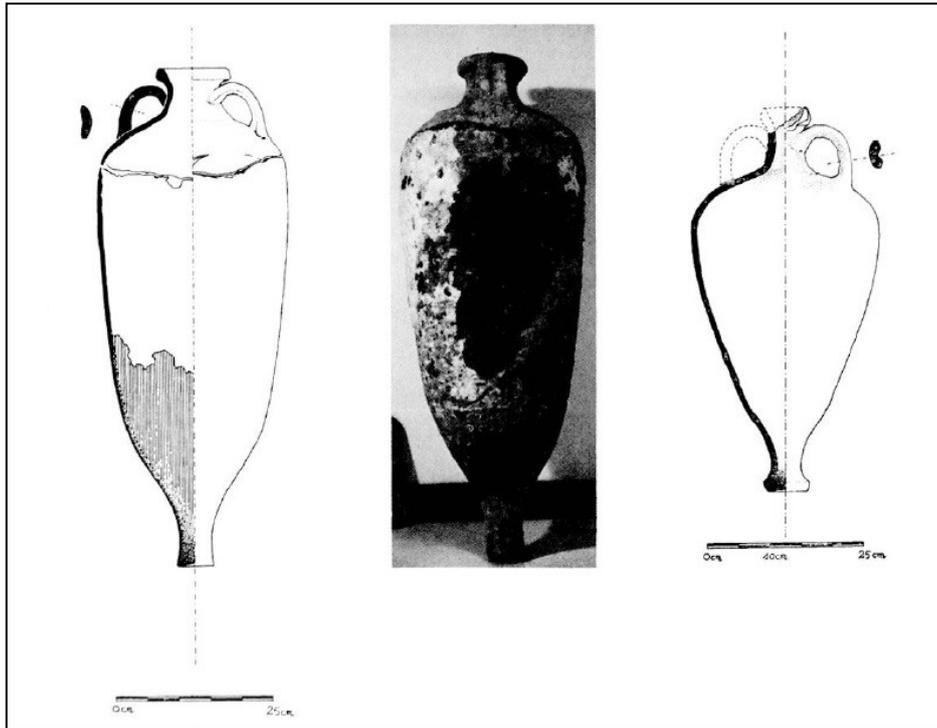


Fig. 5 – Ânforas enquadáveis no tipo Dressel 30 naufrágio de Pampelonne. (Lequément, 1976, fig.7)



Fig. 6 – Ânfora enquadrável no tipo Dressel 30 (peça n°3070), que surge frequentemente classificada como Almagro 51c, recuperada do naufrágio de Pampelonne. (Foto: Sónia Bombico)

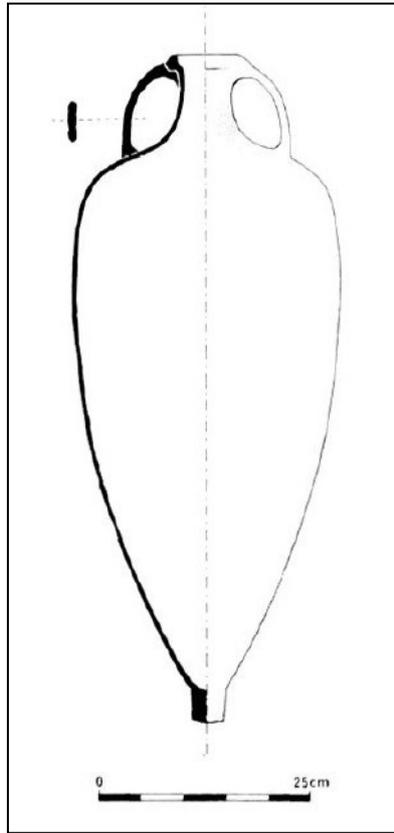


Fig. 7 – Ânforas Almagro 51c do naufrágio de Pampelonne. 73,5 cm de altura por 31,5cm de diâmetro máximo, com boca de 6cm de diâmetro. (Lequément, 1976, fig.9)

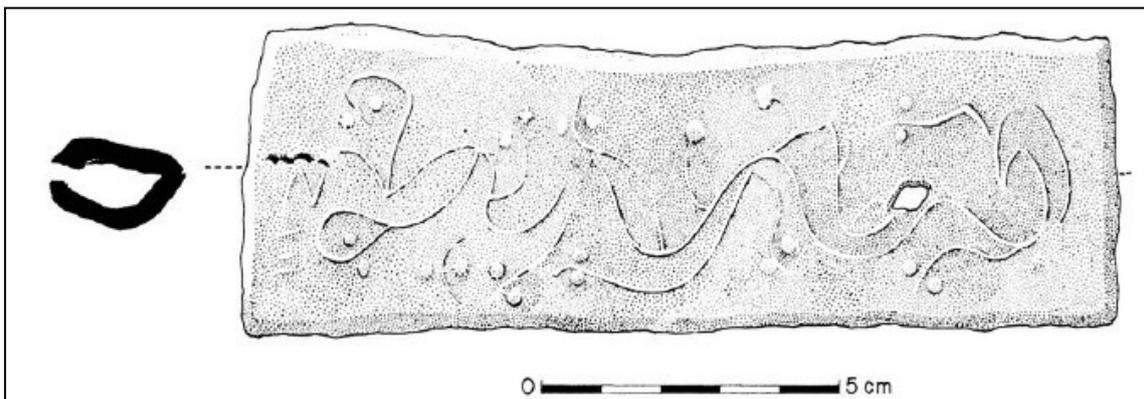


Fig. 8 – Etiqueta em chumbo do naufrágio de Pampelonne. (Lequément, 1976, fig.10)

<b>Designação</b>	<b>Chrétienne D</b>	Parker 305	<b>30</b>
<b>Tipo de Sítio</b>	Naufrágio	<b>Cronologia</b>	
		Pleno séc. IV d.C.	
<b>Localização</b>	Ao largo de Anthéor (Saint-Raphaël – Var)	<b>País</b>	
		França	
<b>Descrição e Trabalhos</b>	<p>Localizado entre os 18 e os 22m de profundidade, o sítio foi identificado em 1962, tendo sido escavado nesse ano por Jack Issaverdens e novamente em 1994 sob a direcção de Jean-Pierre Joncheray. A área de dispersão dos materiais é de 30m por 50m, estando o sítio situado a 200m a nordeste da Balise de la Chrétienne.</p> <p>A carga da embarcação foi estimada em cerca de 500 ânforas, tendo-se recuperado um total de cerca de 2400 fragmentos de ânforas. O tipo anfórico maioritário é a Almagro 51c (58,6%), as ânforas Dressel 23d representam 17,8%, as africanas cilíndricas 13,7% (Africana IID tardia e Africana III/Keay 25), e foram identificadas raras Beltrán 72 (3 fragmentos) que representam menos de 1%. As ânforas Almagro 51c apresentam características bastante heterogéneas, quer ao nível formal, sendo algumas caneladas, com variações ao nível dos bordos, dos bicos fundeiros e dos fabricos, registando-se pastas com tonalidades entre o vermelho-amarelado, o acastanhado-amarelado, o cinzento-acastanhado, o castanho e o castanho-avermelhado. (Joncheray e Brandon, 1997, 126) Adivinhando-se um conjunto de produções dos tipos Almagro 51c e/ou Dressel 30 sul-hispânicas, lusitanas e quem sabe africanas.</p> <p>Não foram identificadas tampas de qualquer tipo para as Almagro 51c, e quer as Almagro 51c, quer as africanas possuíam vestígios de resina no interior.</p> <p>Do local foram ainda recuperados: um <i>tubulus</i>; um fragmento de cerâmica comum; um fragmento de cerâmica de cozinha africana e outro de <i>sigillata</i> clara D; fragmentos de uma mó em rocha vulcânica; e alguns tijolos e telhas.</p> <p>Em 1994 conservavam-se ainda alguns vestígios do casco da embarcação. Estes consistiam em três tábuas do casco. A tábua mais longa conservada possui 1,53m de comprimento. Não há vestígios de cavernas nem da quilha. Junto ao sítio de naufrágio foram identificadas duas âncoras de ferro concrecionadas numa massa de cerca de 3m. (Joncheray e Brandon, 1997, 122 a 124)</p>		
<b>Espólio</b>	<p>Ânforas: Almagro 51c (58,6% c. 293 exemplares); Dressel 23d (17,8%), Africanas cilíndricas (13,7% - Africana IID tardia e Africana III/Keay 25); Beltrán 72 (0,6% - 3 fragmentos)</p> <p><i>Tubulus</i>, tijolos e telhas, fragmento de cerâmica comum; um de cerâmica de cozinha africana e outro de <i>sigillata</i> clara D; fragmentos de uma mó em rocha vulcânica.</p> <p>Duas âncoras de ferro</p> <p>Espólio revisto: Actualmente conservam-se no Dépôt archéologique régional d'Aix les Milles alguns tijolos; um exemplar de Dressel 23d (peça nº505), um bico fundeiro de Keay 25 (peça nº506); e uma Almagro 51c (peça nº504) de pasta castanha-amarelada, fina, bastante compacta e depurada, provavelmente uma produção sul-hispânica, que</p>		

encontra paralelo formal e de fabrico na Almagro 51c recuperada no fundeadouro de Calvi. (Fig.83.1. – Anexo I)

No Musée de Sartène encontra-se exposta uma Almagro 51c (peça nº537) cuja observação macroscópica indica um fabrico lusitano.

**Depósito**

Dépôt de Saint-Raphaël, Dépôt archéologique régional d'Aix les Milles e Musée de Sartène

**Bibliografia**

Lequément, 1976, 177-188; Parker, 1992, 168 e 169; Joncheray e Brandon, 1997,121-135; Olivier, 2004.

**Imagens**

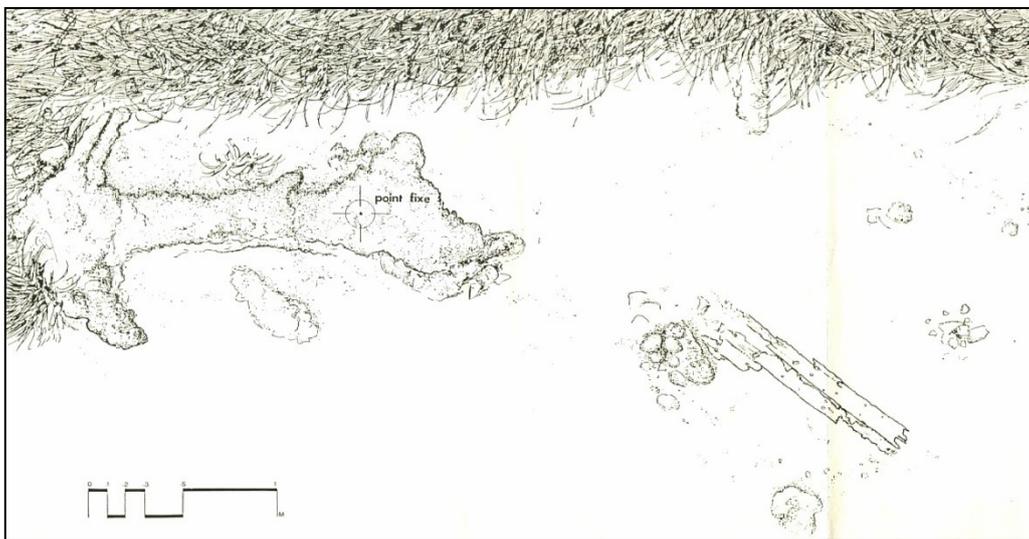


Fig.1 – Planimetria do sítio de naufrágio de Chrétienne D. Observa-se à esquerda a concreção metálica com as duas âncoras de ferro e à direita os vestígios da estrutura naval. (Joncheray e Brandon, 1997)



Fig. 2 – Ânforas recuperadas no sítio de Chrétienne D. (Foto: Dossier DRASSM – anos 70)

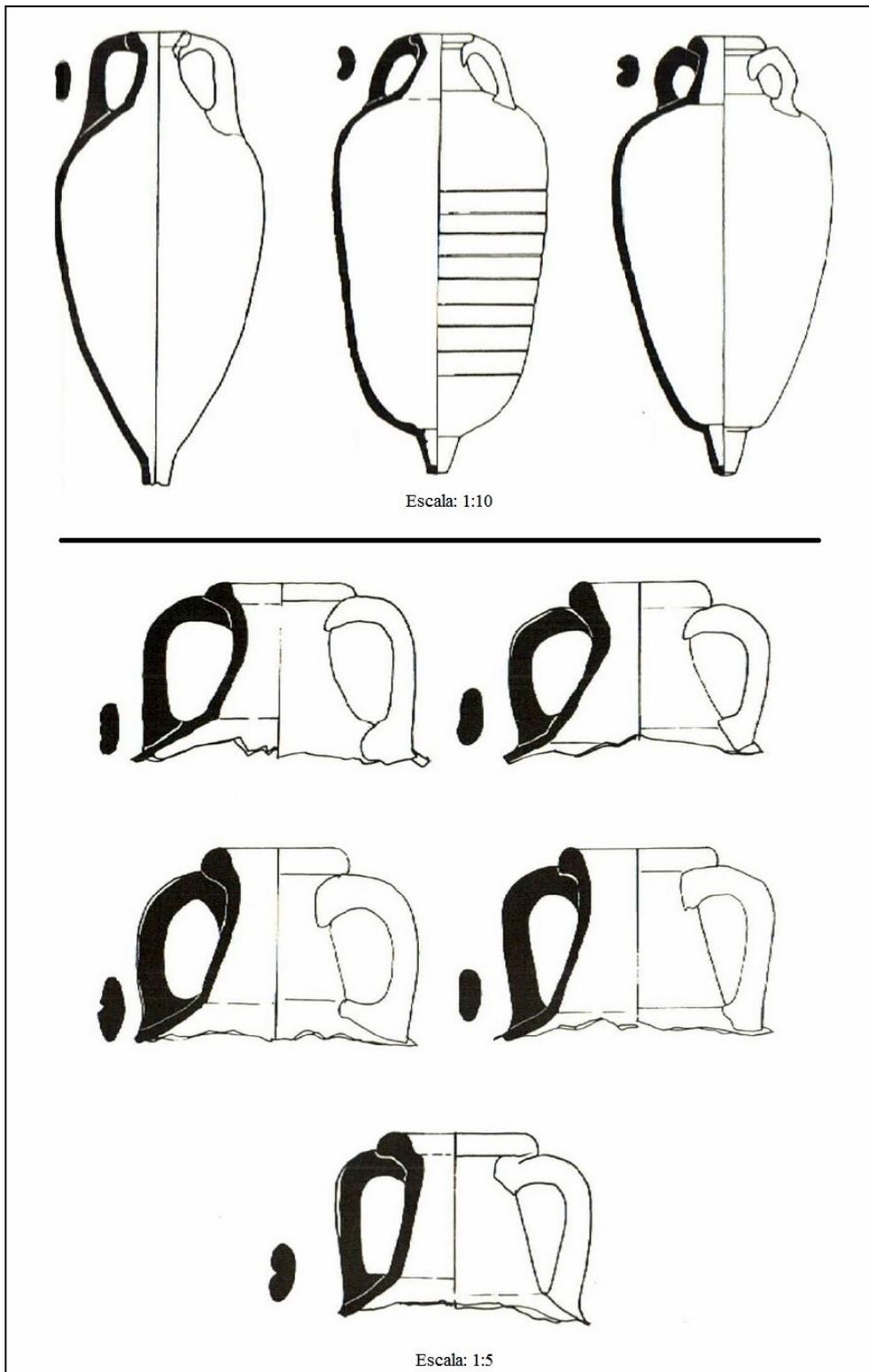


Fig.3 – Ânforas Almagro 51c do naufrágio de Chrétienne D (Joncheray e Brandon, 1997)



Fig.4 – Partes superiores de Almagro 51c (Relatório DRASSM 1994)



Fig.5 Almagro 51c provavelmente lusitana (CD.94.17) (Relatório DRASSM 1994)

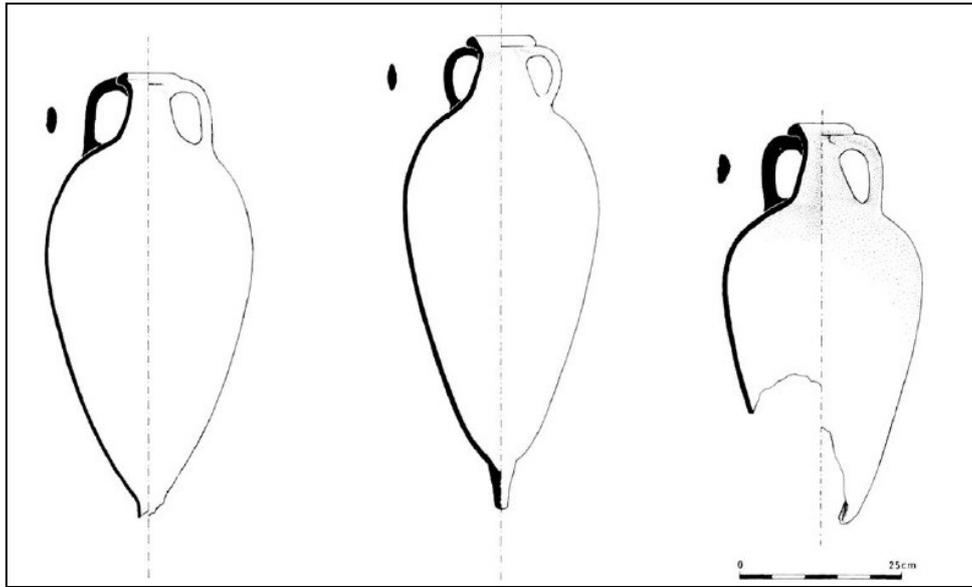


Fig.6 – Ânforas Almagro 51c provenientes do sítio de Chrétienne D. (Lequément, 1976, fig.9 c, d e e)



Fig.7- Ânfora Almagro 51c sul-hispânica (peça nº504), depositada no depósito do DRASSM, em Milles.  
(Foto: Sónia Bombico)



Fig.8 – Almagro 51c (peça n°537) exposta no Musée de Sartène. (Foto: Sónia Bombico)

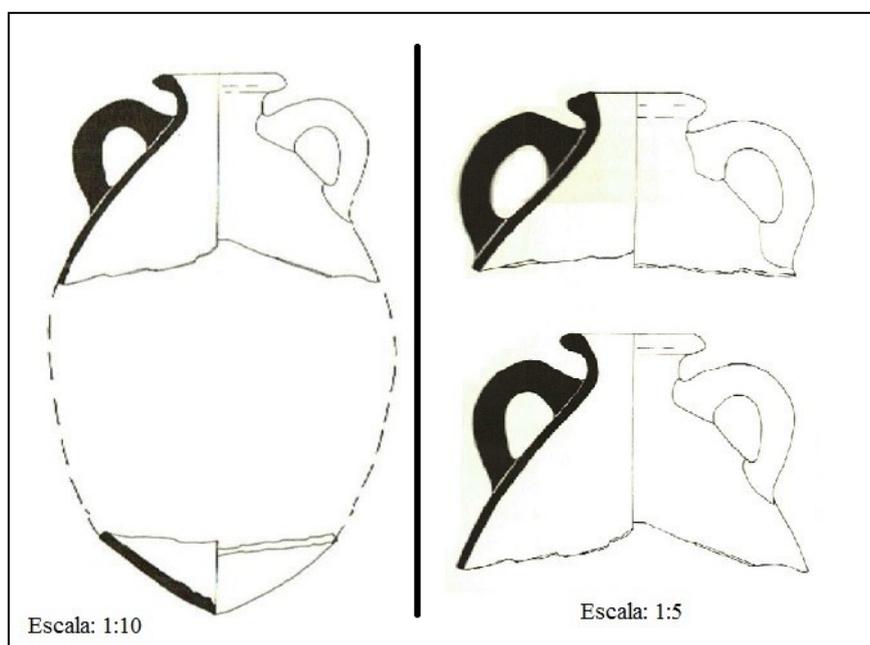


Fig.9 – Ânforas Dressel 23d do naufrágio de Chrétienne D (Joncheray e Brandon, 1997)

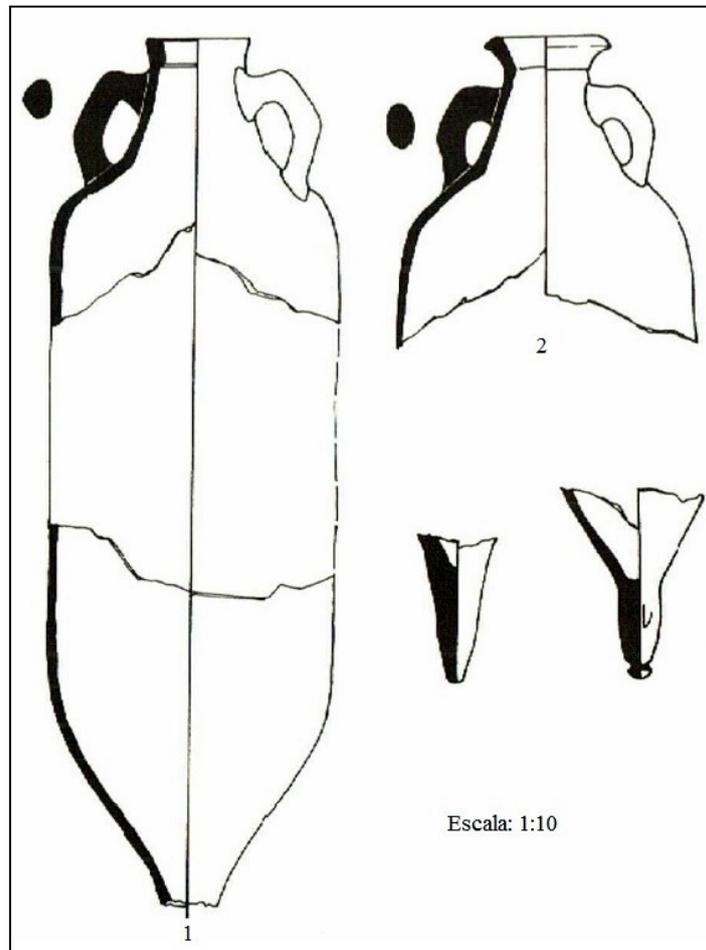


Fig.10 – Ânforas Africanas cilíndricas do naufrágio de Chrétienne D: 1– Africana IID tardia e 2 – Africana III/Keay 25 (Joncheray e Brandon, 1997)

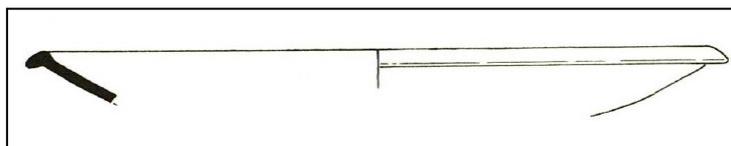


Fig.11 –*Sigillata* Clara D do naufrágio de Chrétienne D (Joncheray e Brandon, 1997).

<b>Designação</b>	<b>Dramont F</b>	Parker 376	<b>31</b>
<b>Tipo de Sítio</b>	Naufrágio	<b>Cronologia</b>	
		Finais do IV-Inícios do V d.C.	
<b>Localização</b>	Cap Drammont (Var)	<b>País</b>	
		França	
<b>Descrição e Trabalhos</b>	<p>O sítio foi identificado em 1971, tendo sido sondado arqueologicamente em 1972 sob a direcção de Joncheray. O local situa-se a 1800m do Cap Drammont e a cerca de 57-58m de profundidade. A área de <i>tumulus</i> de ânforas era de 4m por 3m. Tratar-se-ia de uma embarcação de dimensões limitadas (cerca de 10mx4m ou 12mx5m) de umas 5 a 6 toneladas, com uma carga com pouco mais de cem ânforas (120). As escavações arqueológicas realizadas em 1972 e 1973 permitiram identificar o casco da embarcação, a 70cm da superfície do sedimento, e recuperar 85 ânforas cilíndricas africanas.</p> <p>A carga maioritária era constituída pelas já referidas ânforas africanas cilíndricas do tipo Africanas IIIB e C/Keay 25.3 e 25.2; tendo sido recuperadas também uma Almagro 51 a-b e uma Keay 52 vinária; um prato de <i>sigillata</i> clara D; um jarro de <i>sigillata</i> lucente; alguma cerâmica de mesa e um jarro de bronze. Num dos lados do sítio foram identificadas quatro âncoras de ferro (1,36m a 1,70m de comprimento) num núcleo concrecionado; junto do qual foi recuperada a ânfora de tipologia Almagro 51 a-b.</p> <p>Algumas ânforas cilíndricas possuíam restos de resinas vegetais e tampas colmatadas com elementos vegetais. (Joncheray, 1975)</p>		
<b>Espólio</b>	<p>Ânforas africanas cilíndricas - Africanas IIIB e C/Keay 25.3 e 25.2 (85); Almagro 51 a-b (1); Keay 52 vinária (1); um prato de <i>sigillata</i> clara D; um jarro de <i>sigillata</i> lucente; alguma cerâmica de mesa e um jarro de bronze; 4 âncoras de ferro.</p> <p>Espólio Revisto: Não nos foi possível observar nenhum exemplar anfórico proveniente deste naufrágio, pelo que a origem da Almagro 51 a-b é de momento desconhecida, podendo ou não tratar-se de um fabrico lusitano. Mas a descrição da pasta “pâte fine, gris-rose, solide” parece indicar uma produção sul-hispânica não lusitana.</p>		
<b>Depósito</b>	Dépôt de Saint-Raphael		
<b>Bibliografia</b>	Liou, 1973, 599 e 600; Liou, 1975, 600 e 601; Joncheray, 1975; Parker, 1992, 168 e 169.		
<b>Imagens</b>			

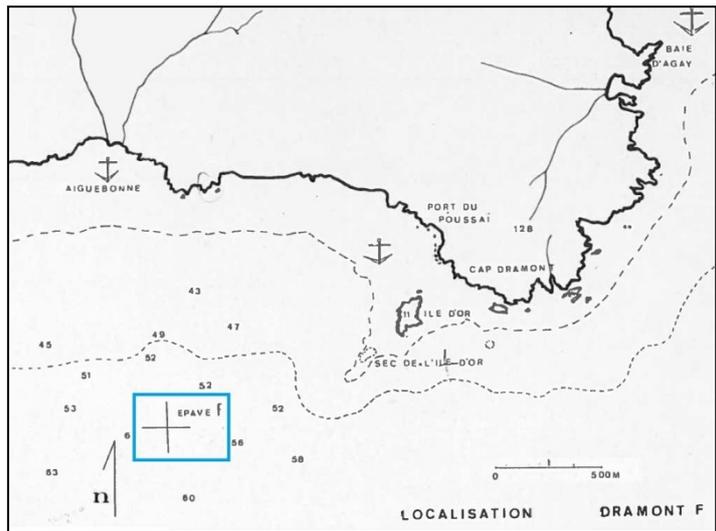


Fig.1 – Localização do naufrágio de Dramont F. (Joncheray, 1975, p.92)

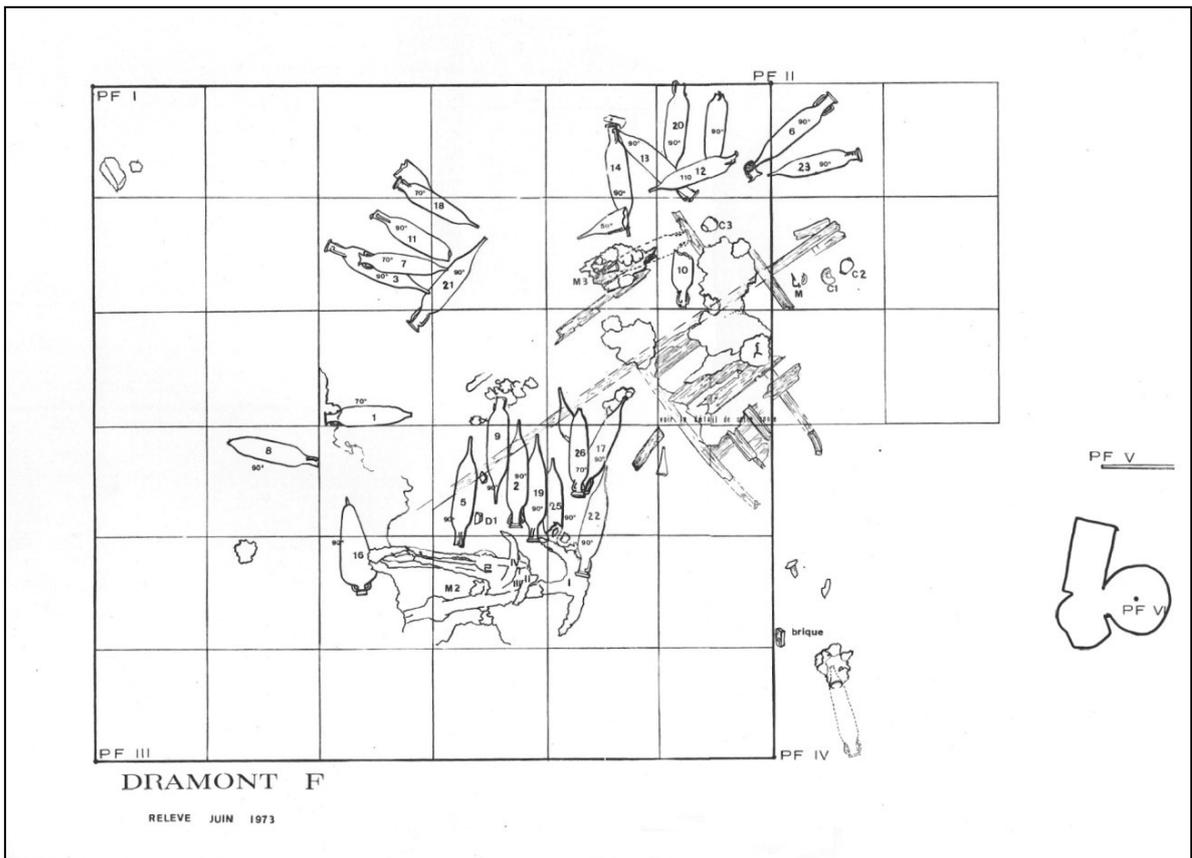


Fig. 2 – Planimetria do sítio arqueológico resultante da campanha de 1973. (Joncheray, 1975, p.)

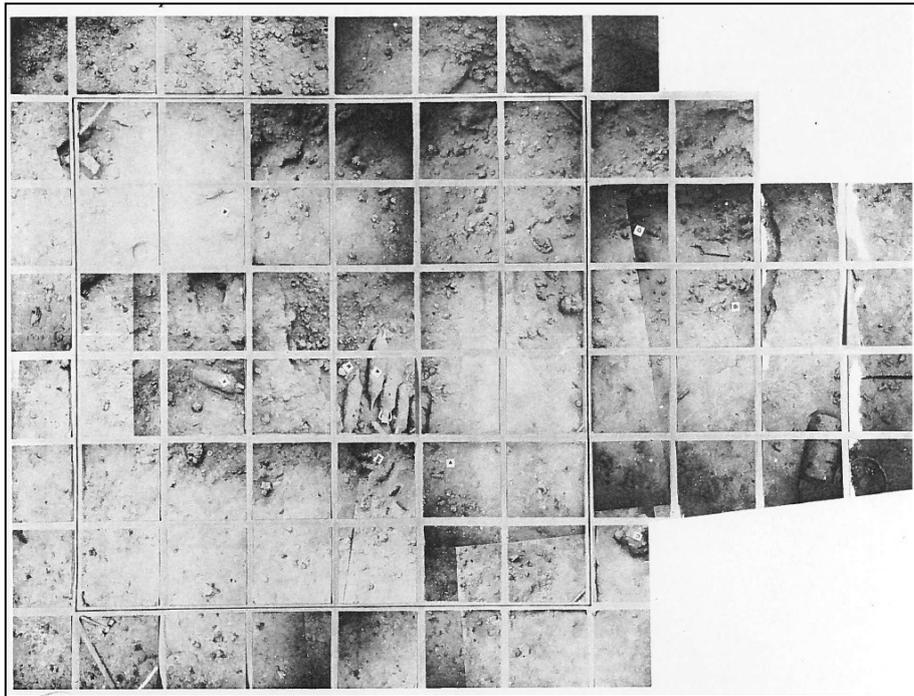


Fig. 3 – Fotomosaico do sítio arqueológico resultante da campanha de 1973. (Joncheray, 1975, p.96)

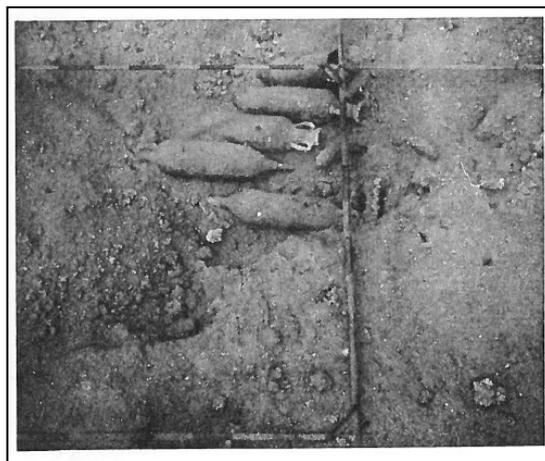


Fig. 4 – Pormenor fotográfico de área escavada na campanha de 1973. (Joncheray, 1975, p.96)

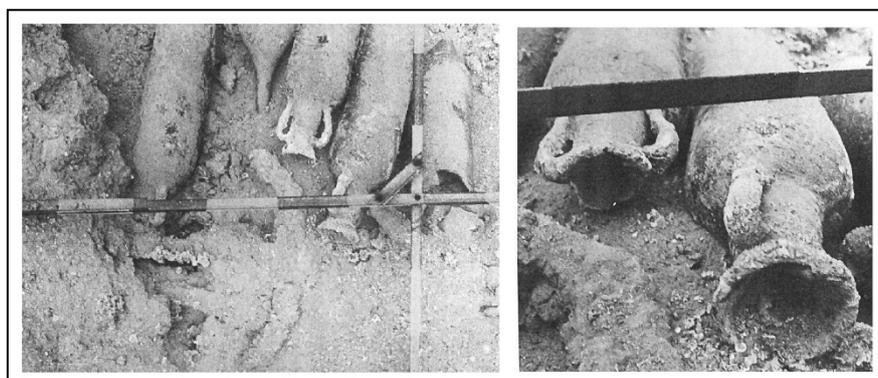


Fig. 5 – Pormenor de área escavada em 1973, com ânforas Keay 25. (Joncheray, 1975, planche III)

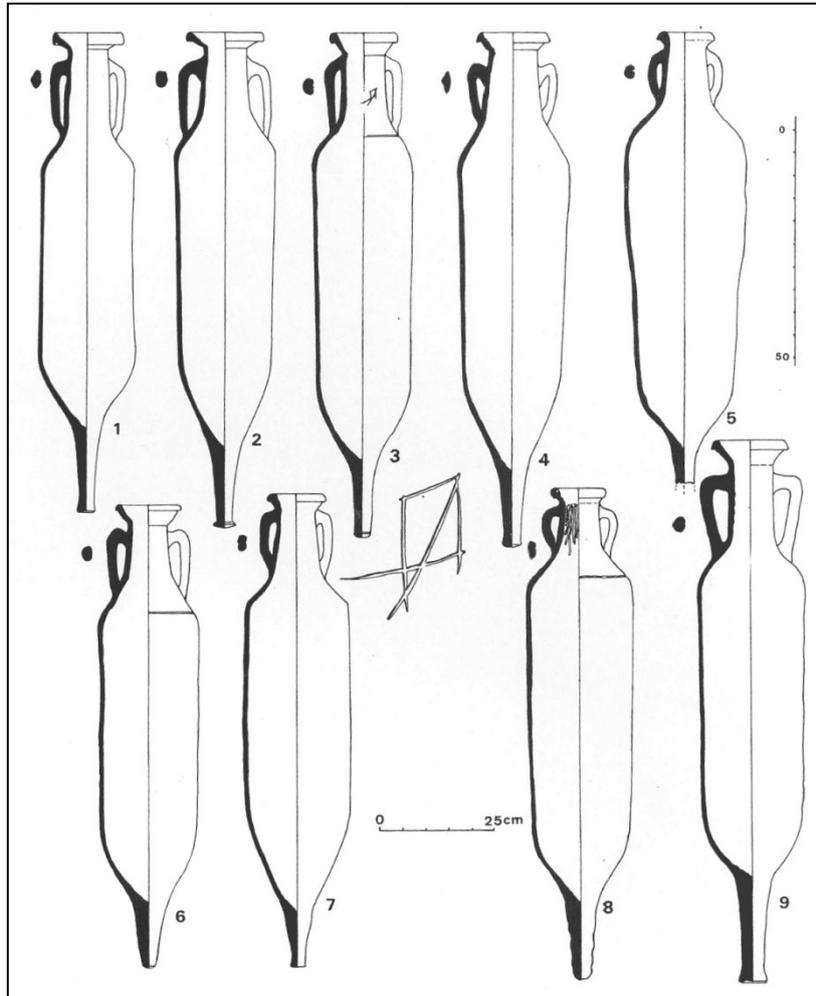


Fig.6 – Ânforas Africanas IIIB e C/Keay 25.3 e 25.2 recuperadas do sítio Dramont F (Joncheray, 1975, p.108)

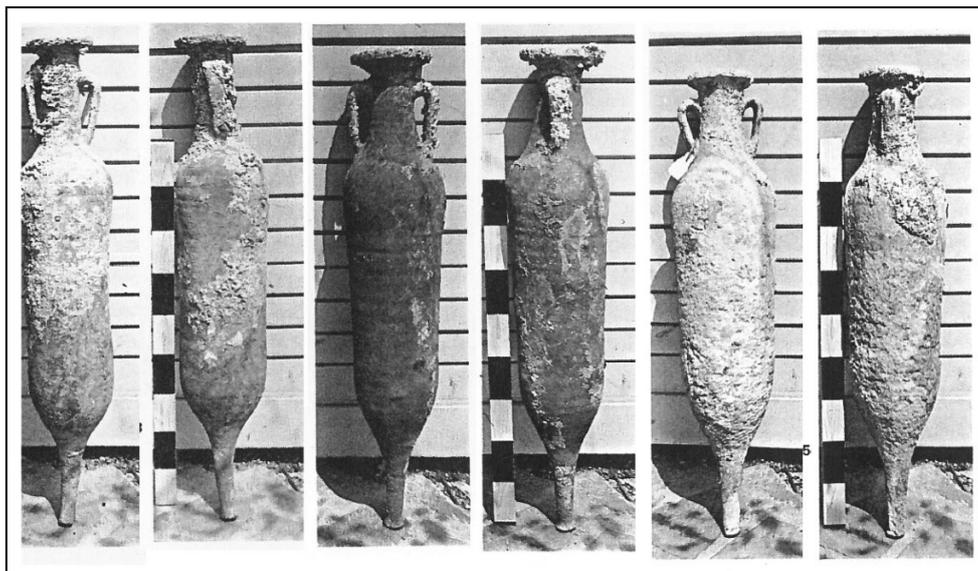


Fig.7 – Ânforas Africanas IIIB e C/Keay 25.3 e 25.2 recuperadas do sítio Dramont F (Joncheray, 1975)

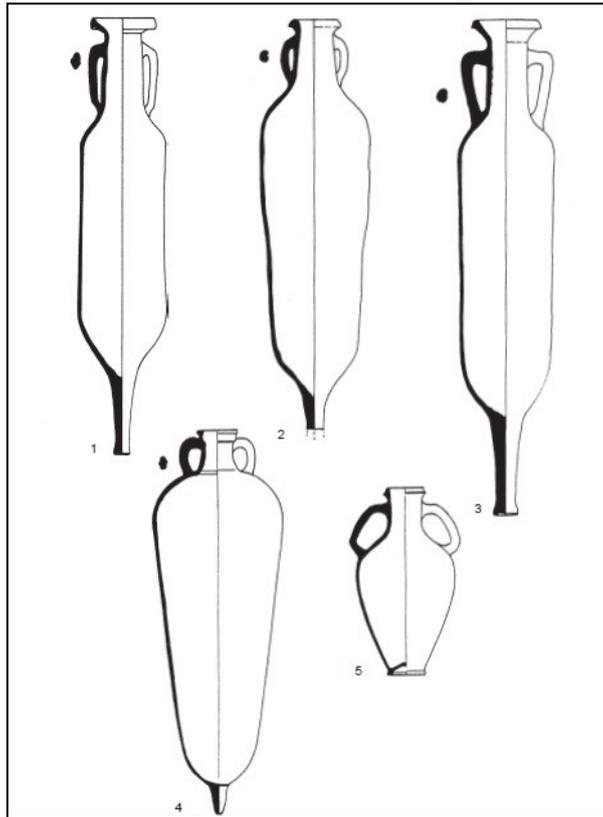


Fig.8 – Ânforas recuperadas do sítio Dramont F : 1 e 2- Africana IIIC/Keay 25.3; 2-Africana IIIB/Keay 25.2; 4-Almagro 51a-b e 5-Keay 52. Escala 1:10 (Joncheray, 1975)

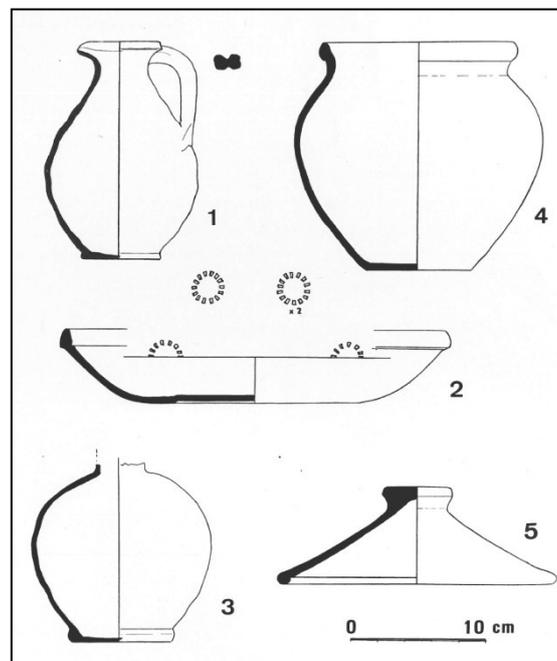


Fig.9 – Materiais recuperados do sítio Dramont F: 1 – Jarro de cerâmica, 2-Prato de sigillata clara D, 3- Jarro, 4-Pote de cerâmica comum e 5 – Tampa de cerâmica comum (Joncheray, 1975, p.115)

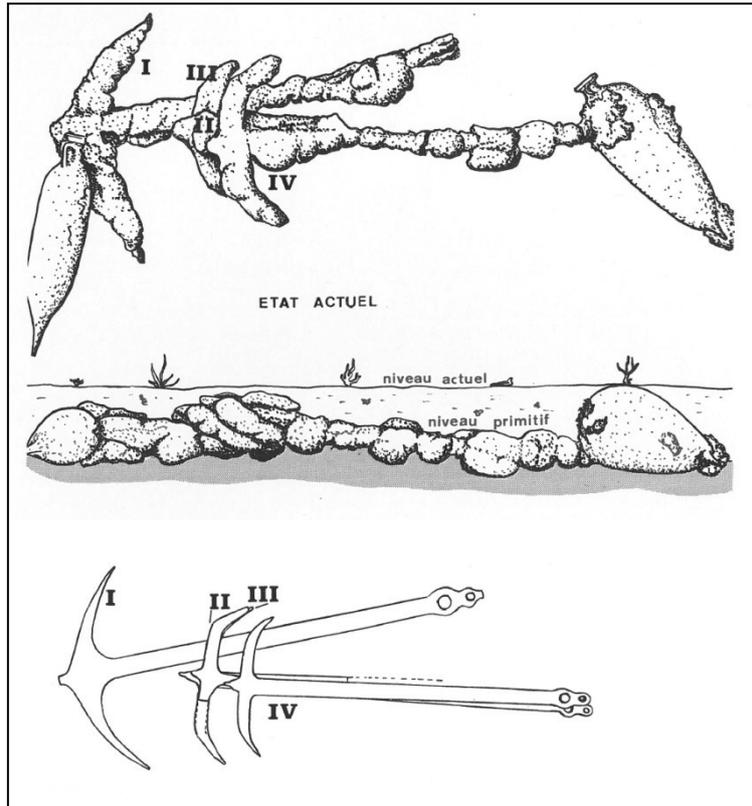


Fig.10-Âncoras de ferro concrecionadas, encontradas no naufrágio de Dramont F. (Joncheray, 1975, p.117)

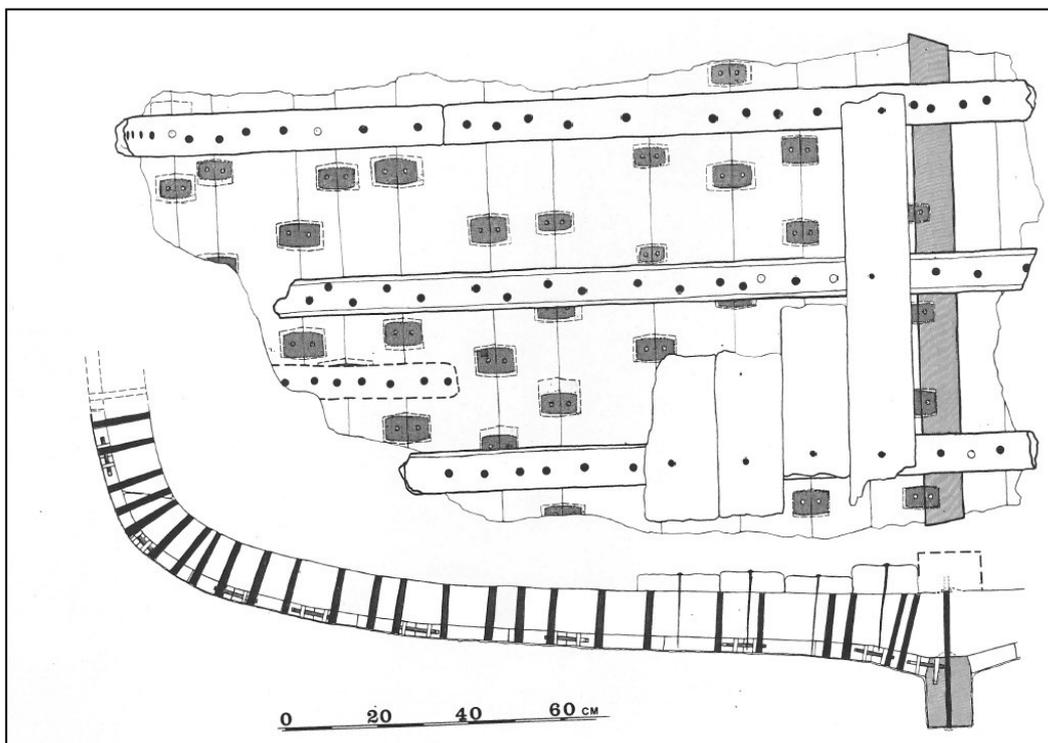


Fig.11- Planimetria e reconstrução do perfil da estrutura naval conservada no naufrágio de Dramont F. (Joncheray, 1975, p.126)

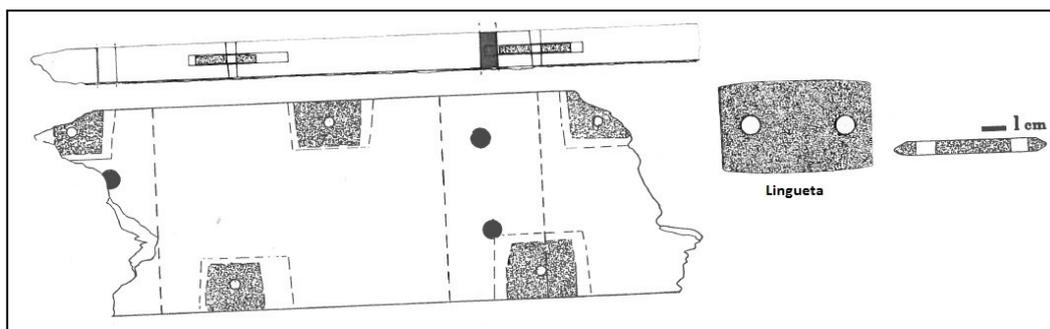


Fig.12 - Representação esquemática do sistema de fixação entre as tábuas do forro externo/casco. (Joncheray, 1975, p.122)

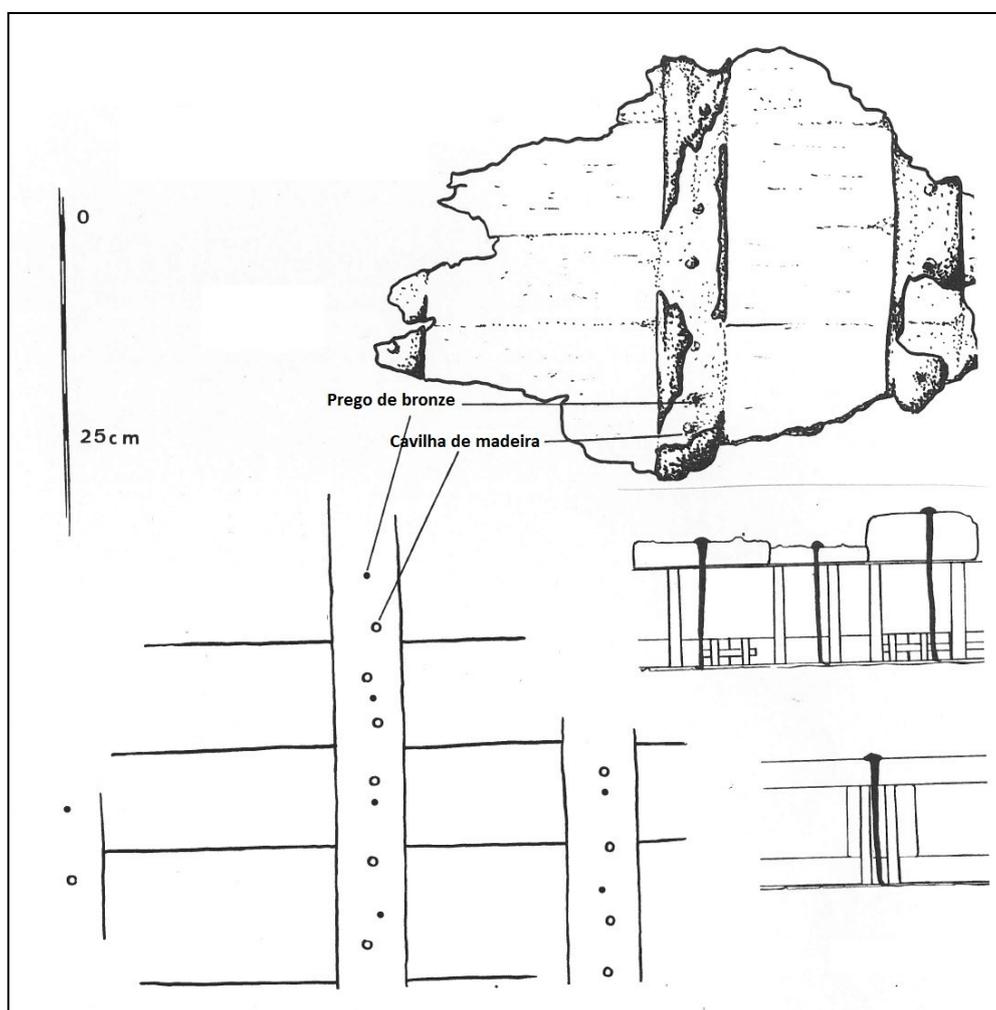


Fig.13 - Representação esquemática do sistema de fixação das tábuas do forro externo às cavernas por meio de pregos de bronze e cavilhas de madeira. E à direita – esquema de fixação das tábuas do forro interno (piso) às cavernas. (Joncheray, 1975, p.124)

<b>Designação</b>	<b>Punta Vecchia 1</b>	<b>32</b>
<b>Tipo de Sítio</b>	Naufrágio	<b>Cronologia</b>
		Finais do século III - Inícios do IV d.C.
<b>Localização</b>	Cap Corse – Costa Norte da Córsega	<b>País</b>
		França - Córsega
<b>Descrição e Trabalhos</b>	<p>Sítio identificado a 25 de Julho de 2003 por Gilles de La Brière e Alain Meysen, durante trabalhos de prospecção no âmbito da Carta Arqueológica do Cap Corse. A dispersão do material estende-se por uma área de cerca de 40m por 35m, entre os 7m e os 20m de profundidade.</p> <p>O local foi alvo de campanhas arqueológicas de sondagem e escavação entre 2004 e 2007, nas quais se recolheram inúmeros fragmentos anfóricos, num total de 64 peças:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Partes superiores (bordos, colos e asas) e bicos fundeiros de ânforas Almagro 51c lusitanas (67% do total – 45 exemplares) com pequenas variações de dimensão (modelo pequeno – 11,1cm de diâmetro de bordo e modelo grande – 11,8cm de diâmetro de bordo);</li> <li>- Uma asa associável à forma Keay 78 (mas que os autores classificam como possivelmente pertencente à forma Beltrán 72 ou Almagro 50)</li> <li>- Um provável bico fundeiro de Almagro 51 a-b</li> <li>- Um provável bico fundeiro de Beltrán 72, Almagro 51c, tipo C ou Keay 78/Sado 1 (?)</li> <li>- Fragmentos de ânforas Africanas IIC e IID (17% do total – 12 exemplares) – bordos e bicos fundeiros.</li> </ul> <p>Durante os trabalhos foram, ainda, identificados pequenos vestígios de madeira (Leroy de La Brière e Meysen, 2004; Leroy de La Brière, 2006, 87; Leroy de La Brière e Meysen, 2007, 88 e 89, Leroy de La Brière, Rapport 2007 e Massy, 2013, 110-114).</p> <p>As análises químicas realizadas permitiram identificar vestígios de aminoácidos gordos nos resíduos de resina, o que parece indicar que as Almagro 51c transportaram peixe e não <i>garum</i> (Leroy de La Brière, Meysen, 2007, 88-89).</p> <p>Os materiais recuperados fazem supor um naufrágio datado entre os finais do século III e os meados do século IV d.C., com uma carga maioritariamente lusitana. A presença de ânforas Africanas IIB e IID permitem aferir uma cronologia mais restrita relativamente às informações que nos transmitem as ânforas lusitanas, cujos bicos fundeiros nos revelam dados interessantes. Os bicos fundeiros das Almagro 51c, tronco-cónicos no prolongamento do bojo, são enquadráveis nos tipos 3 e 4 (Viegas, Raposo e Vaz Pinto, 2014) que na Quinta do Rouxinol perduram até aos inícios do V. Trata-se de um tipo de fundo/pé identificado igualmente no Martinhal (Algarve) (Bernardes <i>et ali</i>, 2013, fig.7.7) No entanto um bico fundeiro distinto, que encontra paralelo no tipo C do Pinheiro (Fig. 124, n.ºs 73 e 74), cuja cronologia se assume como dos inícios do V, introduz aparentemente um problema no que concerne à datação do naufrágio. No entanto, consideramos que este poderá corresponder a um bico fundeiro de uma ânfora do tipo Keay 78/Sado 1, que aparentemente se encontrava igualmente a bordo.</p>	

**Espólio** Espólio revisto: A totalidade do espólio, descrito anteriormente, foi observada no depósito do DRASSM, em Bástia (Córsega) no dia 18 de Novembro de 2013.

**Depósito** Depósito do DRASSM (Bástia – Córsega)

**Bibliografia** Leroy de La Brière, 2006, 87; Leroy de La Brière e Meysen, 2007, 88 e 89; Massy, 2013, 110-114.

Relatórios: Leroy de La Brière e Meysen, 2004; Leroy de La Brière, 2007.

**Imagens**

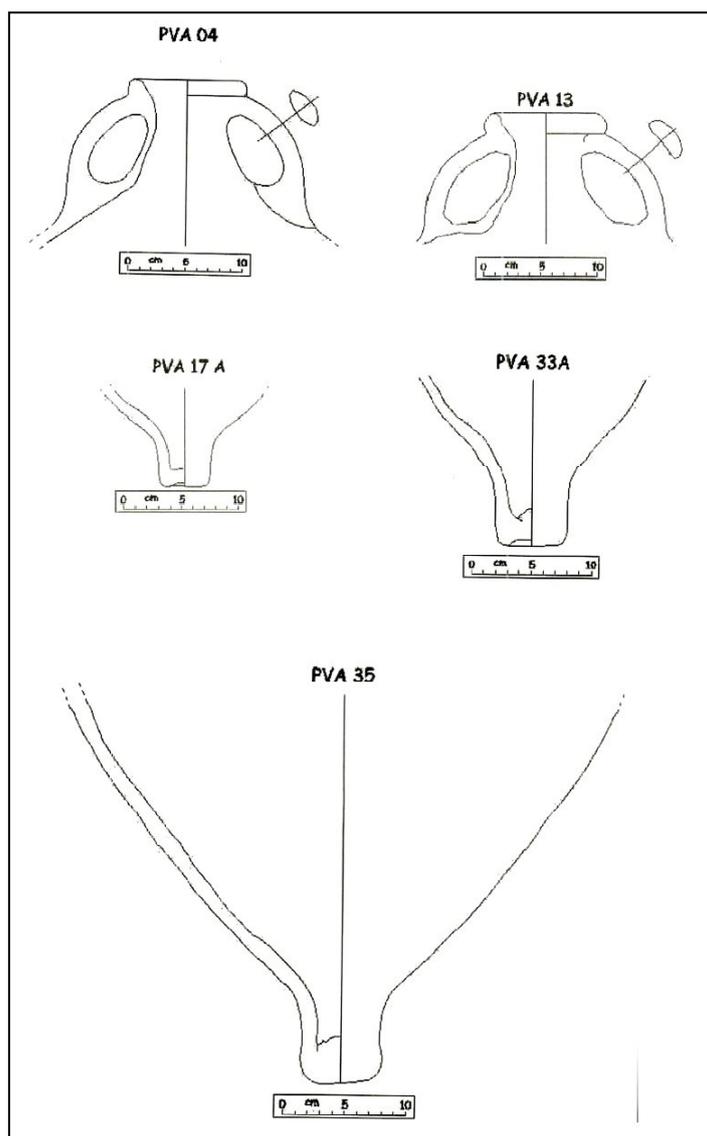


Fig.1 – Fragmentos de Almagro 51c lusitanas. Desenhos de G. Charleux - Leroy de La Brière e Meysen, Relatório 2004.

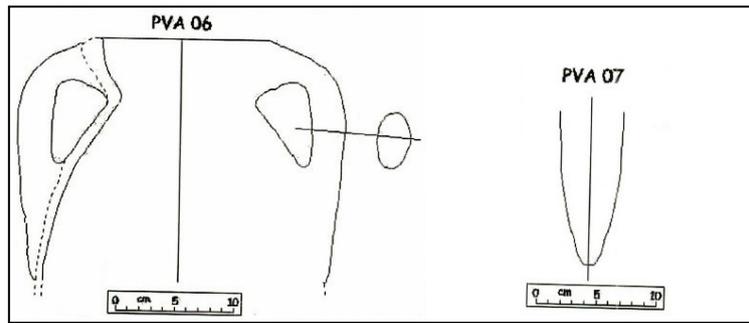


Fig.2 – Fragmentos de asa de Keya 78/Sado 1 (?) e bico fundeiro de Almagro 51a-b (?). Desenhos de G. Charleux - Leroy de La Brière e Meysen, Relatório 2004.

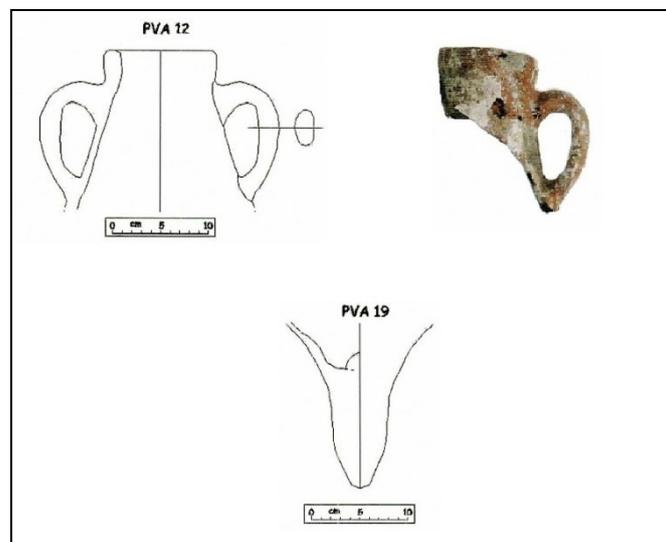


Fig.3 – Fragmentos de Africana IID. Desenhos de G. Charleux - Leroy de La Brière e Meysen, Relatório 2004.



Fig.4 – Fragmentos de Almagro 51c lusitanas no depósito de Bastia (Córsega)



Fig.5 – Ânforas lusitanas do naufrágio de Punta Vecchia 1: 1, 2, 3, 6 e 7 – Partes superiores de Almagro 51c; 3 e 5 – bicos fundeiros de Almagro 51c equivalentes à variante B do Sado; 4 – bico fundeiro de Almagro 51c fusiforme (variante C) ou de Keay 78/Sado 1.



Fig. 6 – Resíduos de resina no fundo de bico fundeiro de Almagro 51c lusitana.

<b>Designação</b>	<b>Porticcio A</b>	<b>33</b>
<b>Tipo de Sítio</b>	Naufrágio	<b>Cronologia</b> Meados do século III d.C. (c. 260 d.C.)
<b>Localização</b>	Costa Ocidental da Córsega – Golfo de Ajaccio (Praia de Porticcio)	<b>País</b> França - Córsega
<b>Descrição e Trabalhos</b>	<p>O sítio foi descoberto a 4 de Abril de 1990, a cerca de 5m de profundidade, e foi alvo de trabalhos arqueológicos a partir de 2001.</p> <p>A localização do naufrágio e as características da sua carga sugerem tratar-se de um frete encomendado e destinado a um pequeno porto da Córsega.</p> <p>A carga, bastante heterogénea, inclui ânforas de proveniência do Mediterrâneo Ocidental e Oriental, <i>sigillata</i> clara A e C, cerâmica comum e de cozinha africana, <i>mortaria</i>, uma lucerna, mais de 100 objectos em vidro que ultrapassam os 314kg no seu conjunto, e variados fragmentos de esculturas em mármore. (Alfonsi, 2008a e 2010).</p> <p>A carga anfórica é na sua grande maioria constituída por ânforas do tipo Kapitan II (44), seguida de uma menor percentagem de Africanas IIA, C e D (17) e Kapitan I (12). A grande variedade de tipos anfóricos inclui ainda os seguintes tipos minoritários: Africana I (6), Forlimpopoli, Agora M254, Almagro 51c, Almagro 50, Dressel 20, Dressel 23 ou Dressel 20 <i>parva</i>, Agora F65/66, Crétoise 2, Dressel 30, Dressel 28, Beltrán 72, Egípcia Romana, Empoli, Tripolitana, Peacock &amp; Williams 60 e Zemer 57, para além de outros tipos indeterminados. Foram registados 22 tipos anfóricos no conjunto total de 111 indivíduos, recuperados entre 2001 e 2010. Os tipos minoritários estão representados apenas por um máximo de três fragmentos cada (Alfonsi, 2005 e 2010). À semelhança do referido para o naufrágio de Cabrera III, por questões cronológicas, a peça atribuível ao tipo Dressel 28, poderá corresponder a um hipotético fabrico lusitano, cuja cronologia se estende para além do século III, contrariamente às restantes produções hispânicas conhecidas até ao momento.</p> <p>De entre as peças em mármore destacam-se fragmentos de duas estátuas monumentais, um busto que representa o imperador Filipe I, o Árabe, que reinou entre 244 e 249 d.C. e um outro correspondente, muito provavelmente à sua esposa, a imperatriz Marcia Otacilia Severa. A campanha de 2005 revelou a cabeça de uma criança em mármore (Alfonsi, 2007, 93, 2008 e 2008b).</p> <p>Foram, também, identificados vestígios da estrutura da embarcação, nomeadamente um fragmento da provável quilha, algumas cavernas e parte do forro externo (Alfonsi, 2003, 79 e 2006, 94).</p> <p>Duas peças monetárias encontradas, uma de Filipe I e outra de Filipe II, fornecem um <i>terminus post quem</i> de 248/249 d.C. para o naufrágio (Alfonsi, 2006, 91).</p> <p><b>Espólio</b> Espólio revisto: Foi observado o espólio exposto no Museu de Sartène e respectivo depósito. A nossa atenção focou-se na observação das peças pré-classificadas como Almagro 51c, Almagro 50 e Beltrán 72. A revisão dos materiais no depósito de Sartène permitiu aferir a presença de:</p>	

- três bordos e um bico fundeiro de Almagro 51c de fabrico lusitano;
- um bico fundeiro de fabrico lusitano, enquadrável nas formas Almagro 50 ou Beltrán 72.
- um bordo e um fundo de Keay XVI de produção bética;
- um bico fundeiro enquadrável nas formas Almagro 51c/Dressel 30/Beltrán 68 de complexa atribuição, mas pelas características macroscópicas atribuível a uma produção sul hispânica.

**Depósito** Depósito do Museu de Sartène (Córsega)

**Bibliografia** Alfonsi, 2003, 2005, 2006, 2007 (Bilan Scientifique du DRASSM)  
Alfonsi, 2008; Bonifay, Capelli e Cibecchini, 2014.

Relatórios: Alfonsi, 2001, 2002, 2003, 2004, 2005, 2006, 2007, 2008, 2009 e 2010.

**Imagens**

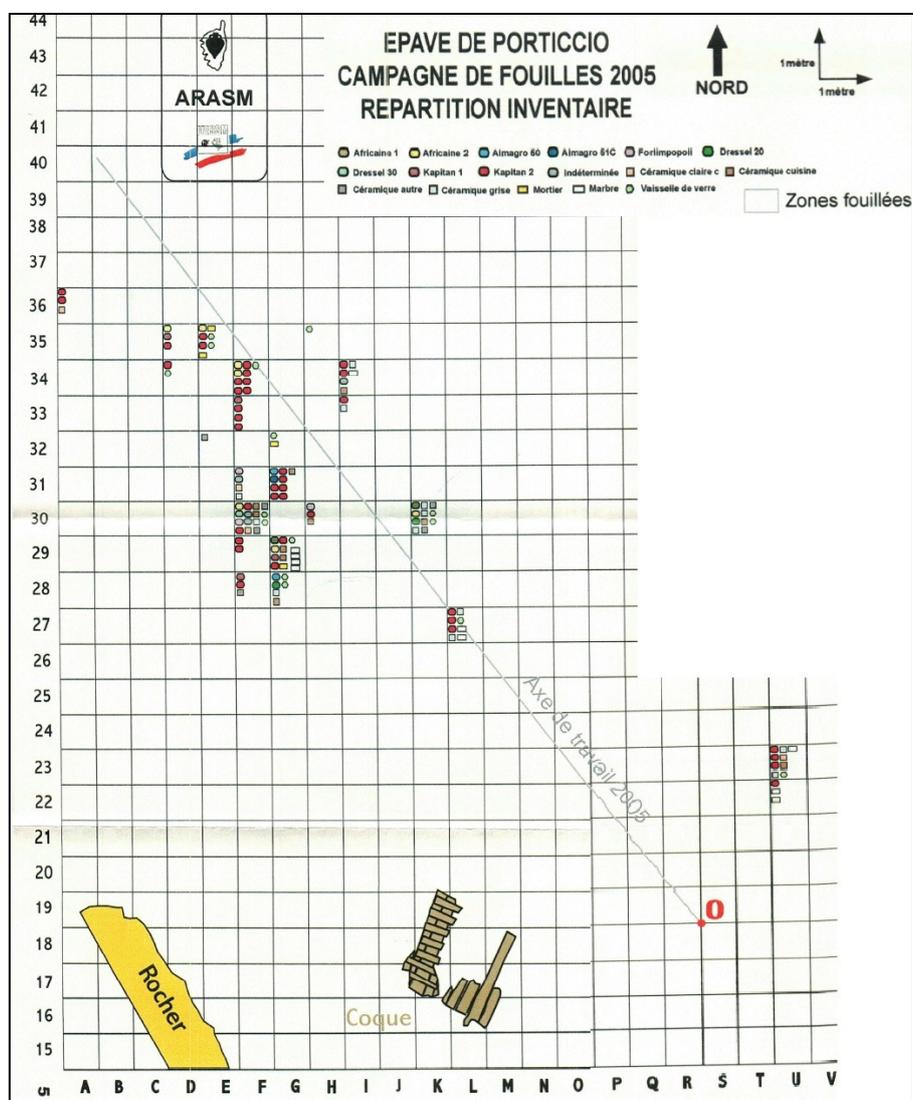


Fig. 1 – Planimetria do sítio, resultante da intervenção de 2005. (Alfonsi, 2005 - Relatório de Campanha)



Fig.2 – Conjunto de materiais anfóricos do sítio de Porticcio – Depósito de Museu de Sartène – Novembro de 2013. Partes superiores de ânforas Africanas II e, à direita, dois bordos de Almagro 51c. (Foto: Sónia Bombico)

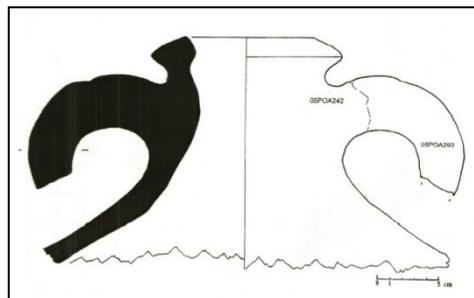


Fig.3 – Dressel 20. (Alfonsi, 2005)

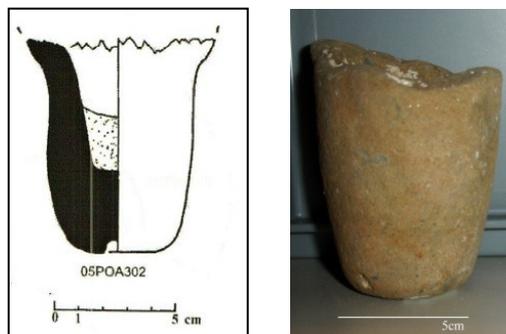


Fig.4 – Bico fundeiro de ânfora enquadrável no tipo Almagro 51c, Dressel 30 ou Beltrán 68. A observação macroscópica da peça em Novembro de 2013 faz pensar numa origem sul-hispânica. (Desenho in Alfonsi, 2005; Foto: Sónia Bombico)

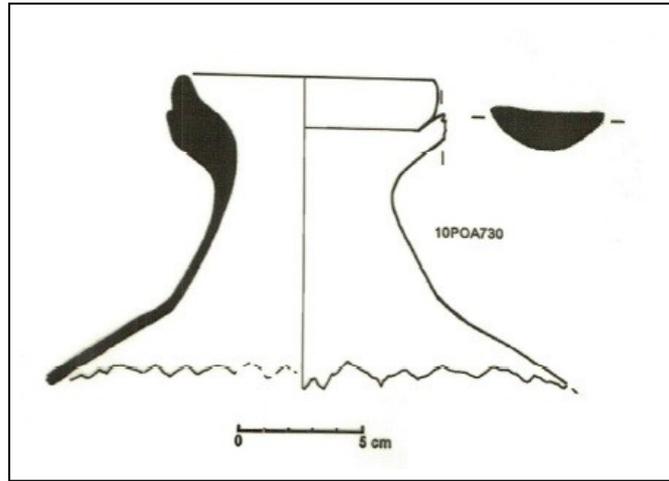


Fig.5 – Bordo e colo de ânfora Almagro 51c lusitana. (Desenho in Alfonsi, 2010)



Fig.6 – Bordo com arranque de asa de ânfora Almagro 51c lusitana (03POA128). (Foto: Sónia Bombico)

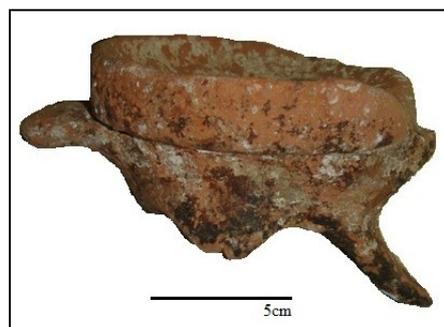


Fig.7 – Bordo com arranque de asa de ânfora Almagro 51c lusitana (sem nº inventário). (Foto: Sónia Bombico)



Fig.8 – Bico fundeiro de Almagro 51c lusitana (04POA226). (Foto: Sónia Bombico)



Fig.9 – Bico fundeiro de fabrico lusitano, enquadrável nas formas Almagro 50 ou Beltrán 72 (07POA582). (Foto: Sónia Bombico)



Fig.10- Material anfórico de Porticcio A exposto no Museu de Sartène: Ânforas Kapitan 2, Dressel 30, Dressel 28, Empoli e Dressel 20. (Foto: Sónia Bombico)



1



2



3



4



5



6



7

Fig.11– Materiais do naufrágio de Porticcio expostos no Museu de Sartène: 1 – Anforas Kapitan 2; 2 – Africana II com marcas de amarração; 3-cerâmica e vidros; 4 – moedas; 5- vidros; 6- lucerna, *sigillata* Clara C e cerâmica africana de cozinha e 7-Tijoleira e cavilhas de cobre



Fig.12 – Mármore: bustos que representam o imperador Filipe I, o Árabe, e sua à esposa, a imperatriz Marcia Otacilia Severa; e cabeça de criança.

<b>Designação</b>	<b>Aléria I</b>	<b>34</b>
<b>Tipo de Sítio</b>	Possível naufrágio	<b>Cronologia</b> Final do séc. I a meados do II d.C.
<b>Localização</b>	Costa Oriental - Córsega	<b>País</b> França - Córsega
<b>Descrição e Trabalhos</b>	<p>O sítio foi identificado em 2012, no decurso da campanha de Carta Arqueológica da Córsega sob a direcção científica de Franca Cibecchini. Localizado a grande profundidade (300-400m), a sua identificação foi possível graças à embarcação de pesquisa <i>André Malraux</i>.</p> <p>As imagens capturadas pelo ROV Pluto Palla revelam um sítio bastante perturbado pela pesca de arrasto. A parte central do carregamento foi deslocada, o casco foi parcialmente destruído, e parte das cerâmicas e das ânforas da carga foram reduzidos a fragmentos. A campanha de 2013, realizada com o auxílio do ROV Perseo GTV, revelou-se bastante esclarecedora permitindo precisar a tipologia dos materiais observados no ano anterior e recolher uma dezena de artefactos.</p> <p>O naufrágio revela-se bastante interessante por ser revelador de um comércio extremamente rico e heterogéneo. A área de dispersão dos materiais estende-se por 10-11m por 21-22m. As imagens recolhidas permitiram reconhecer uma carga de lucernas associadas e bastante vasilhame de paredes finas, aparentemente colocados numa posição central na embarcação. Foi recolhida uma lucerna pertencente ao tipo DENEAUVE VIIA, com a marca <i>L(ucius) MVN(atius) PHILE(mo)</i>, esse tipo e o selo revelam uma provável produção da Italia Central, mais precisamente de Roma, com uma cronologia situada entre 90 e 120/130. Por seu lado, um exemplar de paredes-finas do tipo Mayet 32A, também indica uma provável produção itálica urbana. E foram recolhidos dois potes de cerâmica plumbífera, registada em <i>Ostia</i> e considerada uma provável produção local. (Cibecchini, 2014, 12 e 13) Noutra área do naufrágio identificaram-se numerosas caçarolas e frigideiras - cerâmica de cozinha, e foram avistados também alguns fragmentos de vidro. (Cibecchini, 2013) Foram identificados alguns <i>pelvis (mortaria)</i>, um dos quais pertence ao tipo 12 de G.Olcese, presente também no naufrágio de Dramont D, e atestado nas <i>Terme del Nuotatore</i>, em Ostia, de provável produção local. (Cibecchini, 2014, 14)</p> <p>A maior parte das ânforas está concentrada na zona Este e Nordeste do sítio, na qual se identificaram principalmente Dressel 2-4, que poderão ser campanas e/ou tarraconenses, assim como Dressel 20. Outros tipos anfóricos estão presentes: algumas Beltrán IIB e Dressel 14 (lusitanas?); raras Gaulesas 4; talvez algumas ânforas de Cos/Dressel 5; ânforas de Rhodes de época imperial ou Camulodunum 184; Cnossos 19; pelo menos três ânforas africanas, uma das quais sem duvida uma Hammamet 1; uma Bonifay 17, produzida em <i>Leptis Minor</i>, e alguns fragmentos parecem pertencer ao tipo P25 de Ibiza. (Cibecchini 2013,110; Cibecchini, 2014,13)</p> <p>O naufrágio corresponderá, com grande probabilidade, de uma embarcação com uma</p>	

carga de redistribuição proveniente de Roma, que se poderia dirigir ou à Gália ou à própria Córsega. (Cibecchini, 2014, 14)

#### **Espólio**

Lucernas, vasilhame de paredes finas, cerâmica de cozinha, vidro e *pélvis* (*mortaria*).

Ânforas: Principalmente Dressel 2-4 (*Tarraconensis* e/ou Campânia) e Dressel 20, algumas Beltrán IIB e Dressel 14 (lusitanas?); raras Gaulesas 4; talvez algumas ânforas de Cos/Dressel 5; ânforas de Rhodes de época imperial ou Camulodunum 184; Cnossos 19; pelo menos três ânforas africanas, uma das quais sem dúvida uma Hammamet 1; uma Bonifay 17, produzida em Leptis Minor, e alguns fragmentos parecem pertencer ao tipo P25 de Ibiza.

Não nos foi possível obter mais informações sobre o espólio recolhido no local.

#### **Depósito**

Presumivelmente depósitos do DRASSM.

#### **Bibliografia**

Cibecchini 2013; Cibecchini, 2014

#### **Imagens**



Fig. 1 – Detalhe da parte central da carga do naufrágio Aléria I, composta por lucernas e cerâmica de paredes finas. Foto: ROV Pluto Palla, Guido Gay (Chibecchini, 2013, fig.5)



Fig.2 – Cerâmicas recolhidas do sítio de Aléria I: A – Pote de cerâmica plombífera; B – lucerna itálica; C – paredes finas itálica. (Chibecchini, 2014, fig.6)

<b>Designação</b>	<b>Lavezzi 1</b>	Parker 584	<b>35</b>
<b>Tipo de Sítio</b>	Provável Naufrágio	<b>Cronologia</b>	
		Primeira metade do séc. I d.C.	
		c. 20-50 d.C.	
<b>Localização</b>	Estreito de Bonifácio	<b>País</b>	
		França - Córsega	
<b>Descrição e Trabalhos</b>	<p>Sítio de naufrágio que após a sua descoberta, nos anos 50 do século XX, foi alvo de inúmeras intervenções clandestinas. Somente a partir dos anos 60, com a realização das primeiras campanhas conduzidas por W. Bebko, se conseguiu recolher alguma informação arqueológica (Bebko, 1971, 19-28, prancha XII a XXII). Em 1990, B. Liou reviu a totalidade do material recuperado (Liou, 1990), mostrando-se, no entanto, duvidoso relativamente à proveniência de alguns dos materiais.</p> <p>Uma confusão generalizada foi “mantida” pelos sucessivos autores que se tem referido a este naufrágio (Massy, 2013, 149).</p> <p>De qualquer maneira, podem colocar-se em associação em conjunto de materiais cronologicamente consistentes que parecem indicar a existência de um naufrágio, cujo carregamento aponta para um navio proveniente da Bética. Da carga fariam parte 21 lingotes de cobre, 8 dos quais possuem marcas circulares que indicam uma proveniência hispânica, e 5 lingotes de bronze de tipo Domergue II com epigrafia (L.AVR e M.B.A).</p> <p>A carga suplementar é constituída por ânforas dos seguintes tipos: 5 ânforas oleárias Dressel 20 [Haltern 71]; 15 Haltern 70, 2 Dressel 28 e 4 Dressel 2-4 vinárias; e um conjunto de ânforas piscícolas formado por 10 Dressel 38/Beltrán IIA, 32 Dressel 14, 14 Dressel 7-11 béticas e uma Pompeia VII. Foram ainda recuperados fragmentos de jarros e pratos, pequenas ânforas gaulesas e alguns fragmentos de vidro. (Massy, 2013, 149-150).</p>		
<b>Espólio</b>	<p>Lingotes de cobre (21) e bronze (5) ; ânforas Dressel 20/Haltern 71 (5), Haltern 70 (15), Dressel 28 (2), Dressel 2-4 vinárias (4), Beltrán IIA/Dressel 38 (10), Dressel 14 (32), Dressel 7-11 (14) e Pompeia VII (1); fragmentos de jarros e pratos, pequenas ânforas gaulesas e alguns fragmentos de vidro.</p> <p>Espólio revisto: Do conjunto de ânforas de tipo Dressel 14, associadas a este sítio, depositadas no Museu de Sartène, nenhuma é de fabrico lusitano.</p>		
<b>Depósito</b>	Museu de Sartène e depósito do DRASSM em Milles (Marselha)		
<b>Bibliografia</b>	Bebko, 1971, 2-4 e 19-28; Liou, 1990, 125-155; Parker, 1981, 314-317; Parker, 1992, 238 e 239; Massy, 2013, 149-150.		
<b>Imagens</b>			

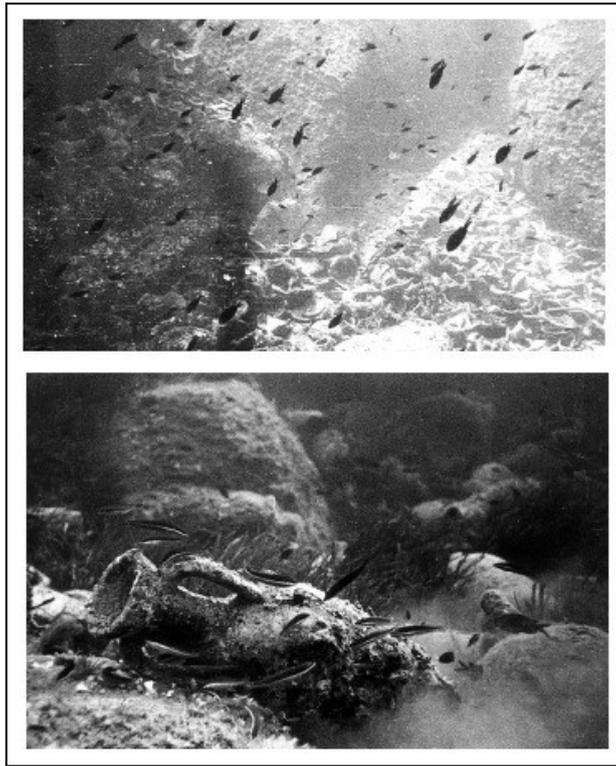


Fig.1 – Sítio de Lavezzi 1 (Liou, 1990, fig.1)

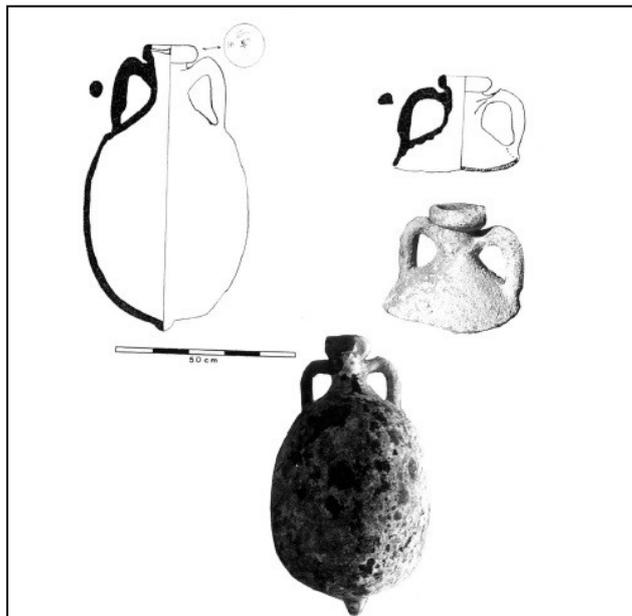


Fig.2 – Ânforas Dressel 20 [Haltern 71] de Lavezzi 1. (Liou, 1990, fig.2)

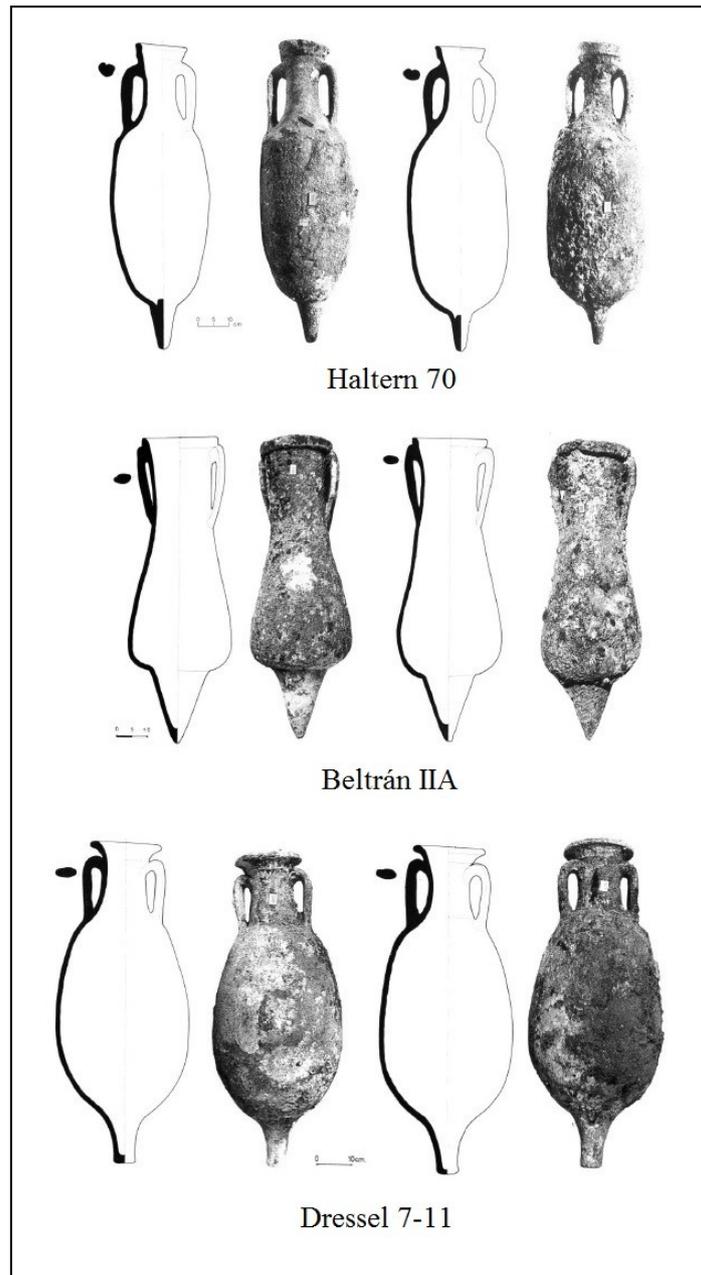


Fig.3 – Ânforas Haltern 70, Beltrán IIA e Dressel 7-11 de Lavezzi 1. (Liou, 1990, fig.3, 5 e 11)

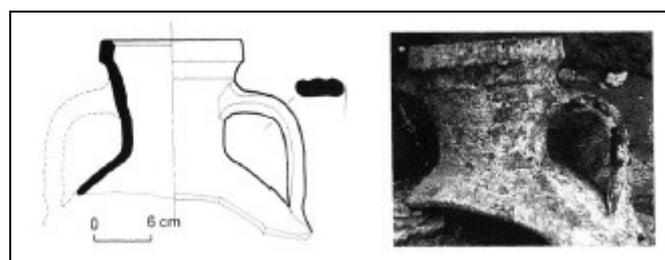


Fig.4 - Ânforas Dressel 28 de Lavezzi 1. (Liou, 1990, fig.4)

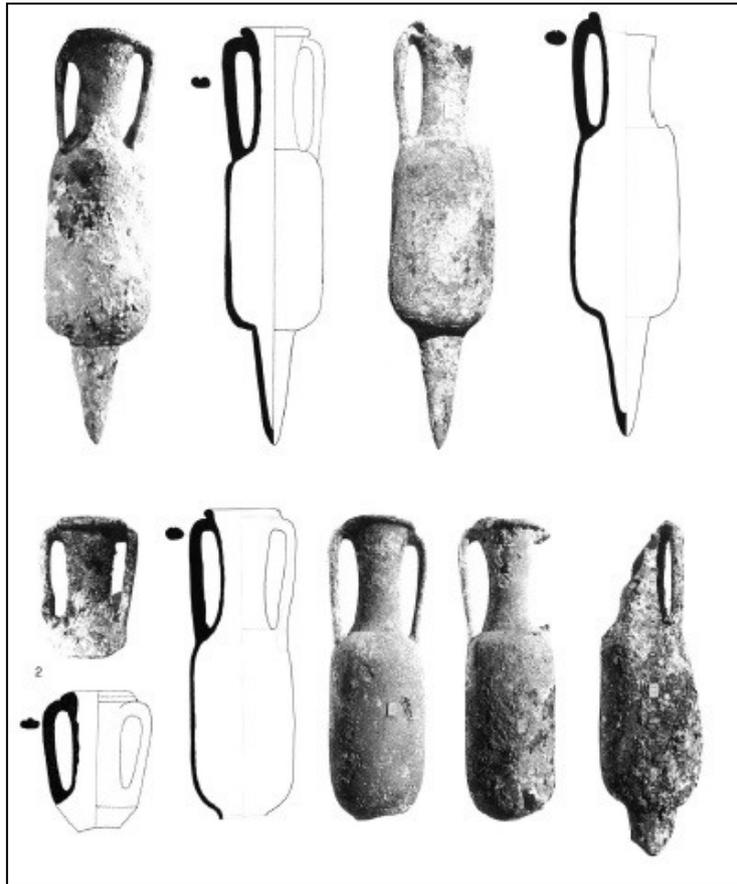


Fig.5 - Ânforas Dressel 14 de Lavezzi 1. (Liou, 1990, fig.7)

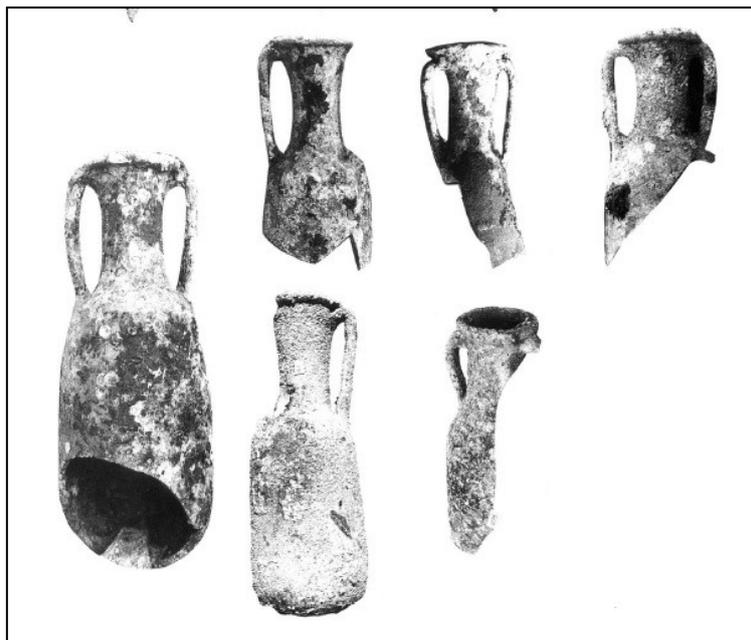


Fig.6 - Ânforas Dressel 14 de Lavezzi 1. (Liou, 1990, fig.8)

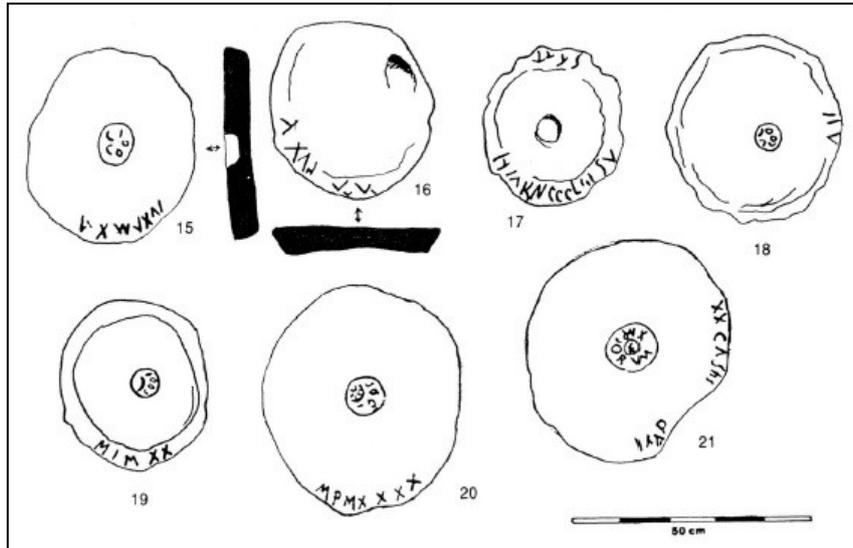


Fig.7 – Lingotes de cobre de Lavezzi 1. (Liou, 1990, fig.17)

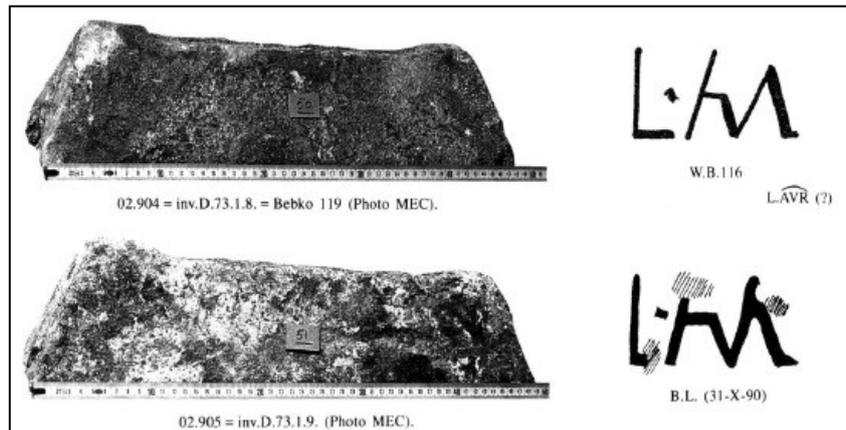


Fig.8 – Lingotes de bronze de Lavezzi 1. (Liou, 1990, fig.16)



Fig.9 – Lingotes provenientes do sítio Lavezzi I – Museu de Sartène. (Foto: Sónia Bombico)

**Designação** La Balise de Lavezzi

Parker 583

36

**Tipo de Sítio** Provável Naufrágio

**Cronologia**

Séc. I d.C.

**Localização** Estreito de Bonifácio

**País**

França - Córsega

**Descrição e Trabalhos** Possível sítio de naufrágio localizado a 15m de profundidade. Segundo Bebko foram recuperadas do local ânforas dos tipos: Dressel 12 ou 17, Dressel 20, Lamboglia 7, fundos de Dressel 28 (?), Dressel 14, Dressel 2-4 e uma miniatura de Dressel 14 idêntica às recuperadas em Lavezzi 3. O sítio situa-se no mesmo alinhamento rochoso de Lavezzi 3, cerca de 2 mil metros a norte (Bebko, 1971, 2 e 44, prancha XXXVIII).

**Espólio** Dressel 12 ou 17, Dressel 20, Lamboglia 7, fundos de Dressel 28 (?), Dressel 14, Dressel 2-4, 1 Dressel 14 *parva*

Espólio revisto: Do conjunto de ânforas de tipo Dressel 14, associadas a este sítio, depositadas no Museu de Sartène, nenhuma é de fabrico lusitano; e não se encontra, na actualidade, nenhuma Dressel 14 *parva* depositada nos depósitos do DRASSM.

**Depósito**

Museu de Sartène

**Bibliografia**

Bebko, 1971, 2 e 44 e Parker, 1992, 238.

**Imagens**

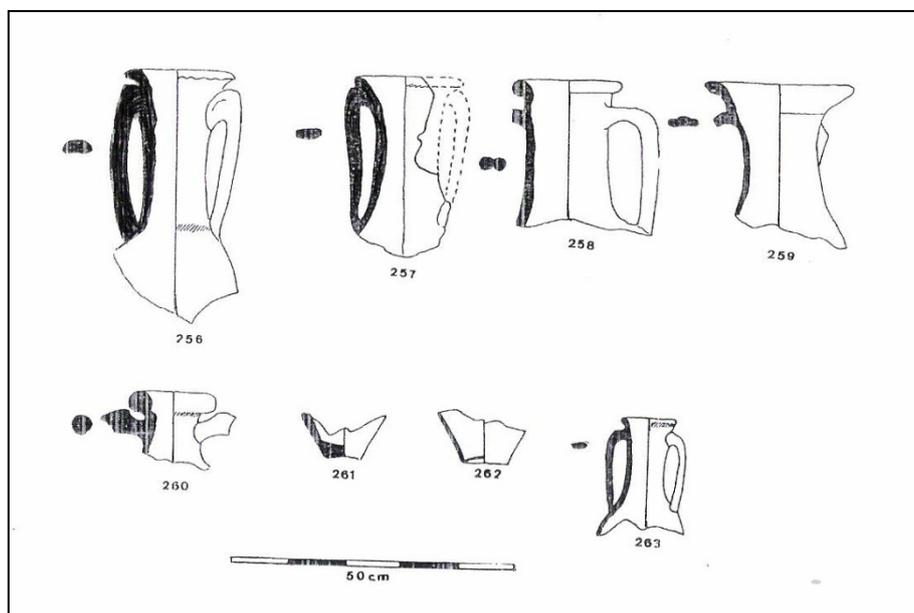


Fig.1 – Ânforas recuperadas em La Balise de Lavezzi. (Bebko, 1971, prancha XXXVIII)

**Designação** Lavezzi 3

Parker 586 37

**Tipo de Sítio** Provável Naufrágio

**Cronologia**

Segunda metade do séc. I d.C.

**Localização** Estreito de Bonifácio

**País**

França - Córsega

**Descrição e Trabalhos** Localizado entre os 6 e os 12m, o sítio de naufrágio foi alvo de recuperações por parte de mergulhadores desportivos e de registos preliminares por R. Grosjean, em 1957. Mais tarde, em 1965, Bebko e Lederer registaram a existência de apenas pequenos fragmentos de partes superiores e panças de ânforas, *opercula* e um pote de duas asas, bem como os vestígios de dois lingotes de cobre. Nenhum vestígio da embarcação foi identificado.

Os dois autores conseguiram aferir a existência, em colecções privadas, de ânforas associáveis ao sítio provenientes da Bética dos tipos Dressel 17 e Dressel 14, algumas das quais de pequenas dimensões com cerca de 60cm de altura (Bebko, 1971, 35, prancha XXIX; Massy, 2013, 145).

**Espólio** Dressel 17, Dressel 14 – algumas das quais de pequenas dimensões com cerca de 60 cm de altura (Dressel 14 *parva*) e lingotes de cobre.

Espólio revisto: Do conjunto de ânforas de tipo Dressel 14, associadas a este sítio, depositadas no Museu de Sartène, nenhuma é de fabrico lusitano; e não se encontra, na actualidade, nenhuma Dressel 14 *parva* depositada nos depósitos do DRASSM.

**Depósito** Museu de Sartène e presumivelmente colecções privadas.

**Bibliografia** Bebko, 1971, 2-5 e 35; Parker, 1992, 240; Massy, 2013, 145.

**Imagens**

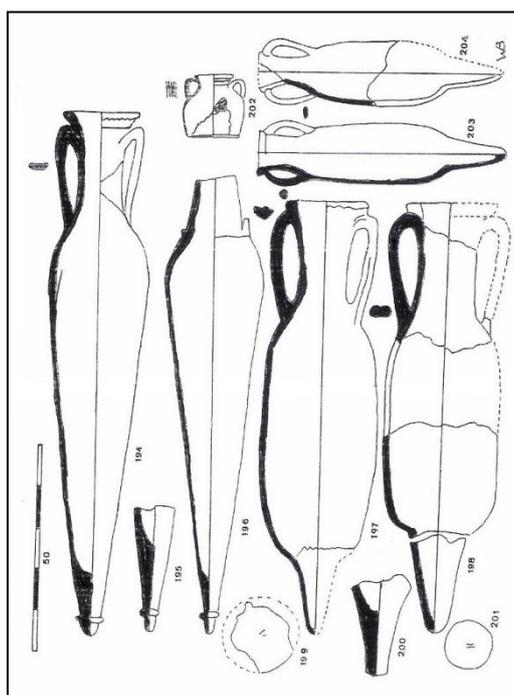


Fig.1-Ânforas recuperadas do sítio de Lavezzi 3. (Bebko, 1971, prancha XXIX)

<b>Designação</b>	<b>Lavezzi 4</b>	Parker 587	<b>38</b>
<b>Tipo de Sítio</b>	Provável Naufrágio	<b>Cronologia</b>	
		Primeira metade do séc. I d.C.	
		100-150 d.C. (?)	
<b>Localização</b>	Estreito de Bonifácio	<b>País</b>	
		França - Córsega	
<b>Descrição e Trabalhos</b>	<p>Localizado a 15m de profundidade, o sítio foi identificado por F. Braemer e H. Chenevée, em 1952, que o designam de Gisement VI, registando a existência de ânforas Dressel 17, Beltrán IIB e Almagro 50. Posteriormente o local é alvo de recuperações ilegais. Em 1965, Bebko e depois, entre 1970 e 1974, R.-J. Lederer efectuaram novas observações e recolhas no local. O mobiliário recuperado é constituído essencialmente por ânforas dos tipos Dressel 20, Dressel 14, Beltrán IIB e Pompeia VII. (Bebko, 1971, 36, prancha XXX) Há, ainda, indícios de recuperação de uma sonda de cumbo troncocónica e de um lingote piramidal com cerca de 20kg. Não se registou qualquer vestígio de madeira e a presença de algumas ânforas inteiras não é suficiente para se confirmar a existência de um naufrágio.</p> <p>O sítio poderá corresponder a uma primeira descarga no processo de naufrágio de uma embarcação, cuja restante carga tem sido associada a um aglomerado existente um pouco a oeste deste sítio (Massy, 2013, 145-146).</p>		
<b>Espólio</b>	<p>Dressel 20, Dressel 14, Beltrán IIB, Pompeia VII.</p> <p>Espólio revisto: Do conjunto de ânforas de tipo Dressel 14, associadas a este sítio, depositadas no Museu de Sartène, nenhuma é de fabrico lusitano.</p>		
<b>Depósito</b>	Museu de Sartène.		
<b>Bibliografia</b>	Bebko, 1971, 2-5 e 36; Parker, 1992, 240; Massy, 2013, 145-146.		
<b>Imagens</b>			

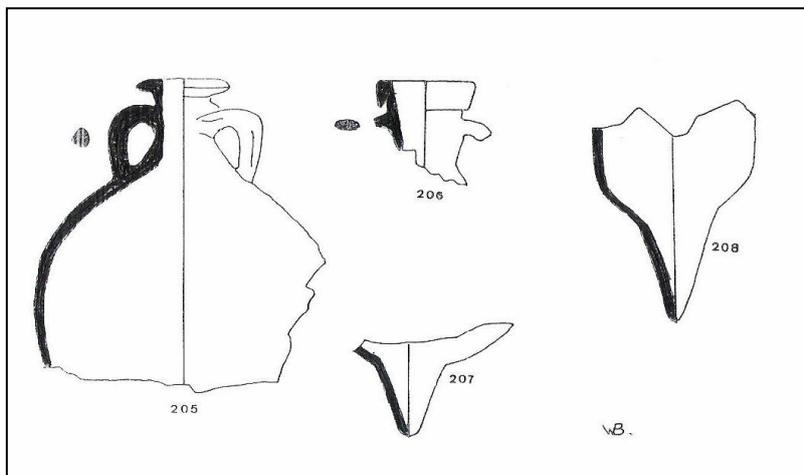


Fig.1 – Ânforas provenientes de Lavezzi 4. (Bebko, 1971, 36, prancha XXX)

<b>Designação</b>	<b>Sud-Lavezzi 1</b>	Parker 1117	<b>39</b>
<b>Tipo de Sítio</b>	Naufrágio	<b>Cronologia</b>	
		Finais do séc. IV-Meados do V	
<b>Localização</b>	Estreito de Bonifácio	<b>País</b>	
		França-Córsega	
<b>Descrição e Trabalhos</b>	<p>Sítio de naufrágio, localizado a cerca de 36m de profundidade. Descoberto em 1975 pela empresa Comex, apresentava um <i>tumulus</i> com 20m por 8m de ânforas compactas. Os trabalhos subaquáticos foram concessionados à empresa privada que realizou os trabalhos sob controlo científico do DRASM. Esses trabalhos permitiram colocar a descoberto uma carga com 16m de comprimento, orientada este/oeste com uma largura máxima de 5,70m, que corresponderia a uma embarcação de tamanho modesto. Conservavam-se alguns vestígios do casco e algumas âncoras em ferro. A carga, estimada em cerca de 450 ânforas, estava disposta em dois níveis sobrepostos. Liou (Liou, 1982) estudou a carga, constituída por: 194 ânforas de tipo Almagro 51 a-b de perfis e capacidades variadas; 113 ânforas de fundo plano de tamanhos distintos; 83 ânforas de longa pança ovóide enquadráveis no tipo Almagro 50 [ou Keay 78/Sado 1]; algumas pequenas ânforas atribuíveis ao tipo Beltrán 72; 6 ânforas de tipo Almagro 51c e 3 ânforas Dressel 23. O contexto de escavação, em regime de concessão, e as técnicas disponíveis à época para trabalhos a tal profundidade, não permitiram um estudo sistemático do sítio e dos materiais. O que conhecemos da carga resume-se à parte dos materiais estudados, posteriormente, por Liou.</p> <p>A divisão dos achados entre a empresa e a tutela gerou uma primeira perda do espólio, agravado pelo posterior roubo dos materiais depositados no depósito do DRASSM em Bonifácio. Liou sugere uma datação para o naufrágio entre o século IV e os meados do V. (Massy, 2013, 132-134)</p>		
<b>Espólio</b>	<p>Almagro 51 a-b (194) de três volumetrias distintas; ânforas de fundo plano (113) de dois tamanhos distintos; Almagro 50 [ou Keay 78/Sado 1] (83); algumas pequenas ânforas atribuíveis ao tipo Beltrán 72; Almagro 51c (6) e Dressel 23 (3).</p> <p>Espólio Revisto: Actualmente, nos depósitos de Milles e de Sartène, conserva-se um pequeno número de peças, num total de 20 ânforas (8 Almagro 51 a-b; 6 ânforas de fundo plano; 3 Beltrán 72; 2 ânforas Almagro 50/Keay 78; 1 Dressel 23) e dois <i>opercula</i>. Registámos a existência dos seguintes fabricos lusitanos:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- 7 exemplares de Almagro 51 a-b, correspondentes aos tipos 2, 3 e 4 da fig.2 (Fig.4);</li> <li>- 3 exemplares de Beltrán 72, correspondentes aos tipos 9, 10 e 11 da fig.2 (Fig.6);</li> <li>- 2 exemplares do tipo Keay 78/Sado 1, correspondentes aos tipos 7 e 8 da fig.2 (Fig.5).</li> </ul> <p>Os exemplares de Almagro 51 a-b correspondem a exemplares de volumetrias e características formais distintas, especialmente ao nível do bordo e das asas (Fig.4). Assim temos:</p> <p>Tipo 2: Peça nº15738 – 68cm de altura – Museu de Sartène</p> <p>Tipo 3: Peça nº15733 – 89cm de altura – Depósito de Sartène</p>		

Tipo 4: Peça nº 15734 – 73cm de altura - Depósito de Sartène;

Peça nº8322 – 76cm – Depósito de Milles;

Peça 8320 – 72,5cm – Depósito de Milles.

Sendo que a peça 8320 possui uma volumetria correspondente ao tipo 4, mas características formais de bordo e asas idênticas às do tipo 3.

Segundo os volumes calculados mediante construção de modelos com software 3D, tendo por base os desenhos das peças completas ou reconstituídas, por Rui de Almeida e Francisco L. Fraile, o tipo 2 corresponde a 8 litros, o tipo 3 a 30 litros e o tipo 4 a 15 litros. (Fig.3)

A revisão dos materiais permitiu-nos, ainda, atribuir uma provável origem sul hispânica, não lusitana, a um exemplar de Almagro 51 a-b (nº15732) enquadrável no modelo 1, que se poderá associar à forma Keay XIX, e que se encontra exposta no Museu de Sartène. (Fig.7)

Podemos, igualmente, atestar uma origem sul hispânica para uma ânfora de fundo plano correspondente ao modelo 6 da fig.2, e que pensamos ter algumas afinidades com a tipologia Eucalipal 1, recentemente classificada por Jessica O’Kelly Sendrós (O’Kelly Sendrós, 2013) como uma produção bética, ainda que esta última, segundo a autora, apenas se comece a produzir nos finais do século V. (Fig.8)

Exposta no Museu de Sartène encontra-se um exemplar de Dressel 23 bética. (Fig.7)

#### **Depósito**

Museu de Sartène e Dépôt archéologique régional d'Aix les Milles

#### **Bibliografia**

Liou, 1982, 437-444; Massy, 2013, 132-134

#### **Imagens**



Fig. 1 – Ânforas recuperadas no sítio de Sud-Lavezzi, à época das escavações (1975). Foto DRASSM

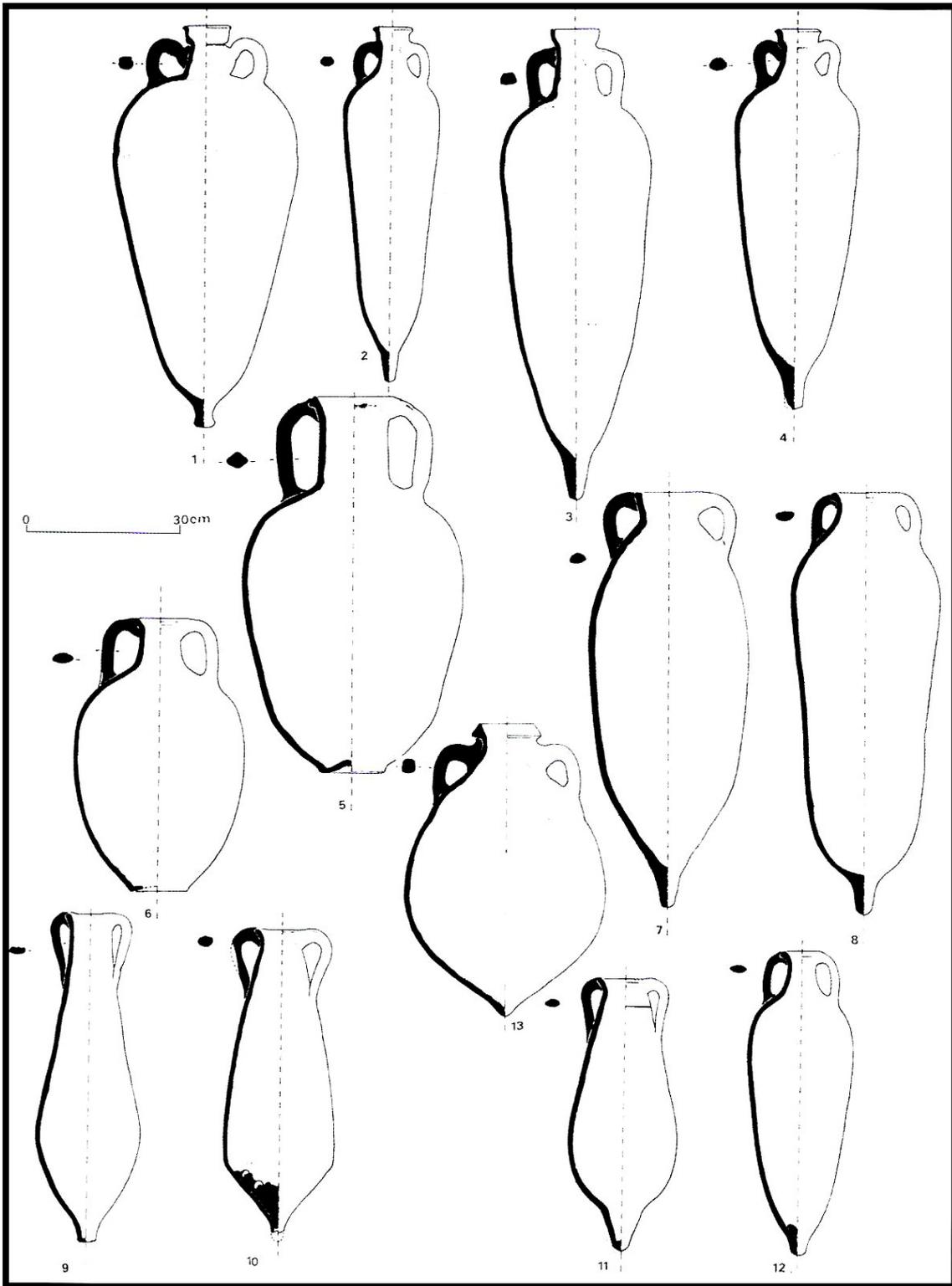


Fig. 2 – Tipos de ânforas recuperadas no naufrágio de Sud-Lavezzi 1. (Liou, 1989, fig.1 e 3)

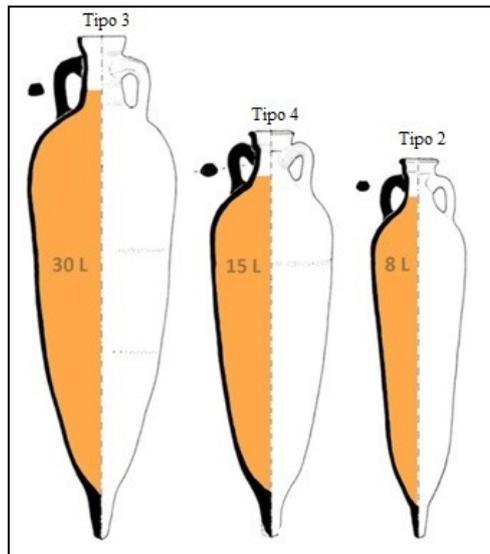


Fig. 3 – Tipos de Almagro 51 a-b de Sud-Lavezzi com volumetrias e capacidade em litros, segundo Rui Almeida e Francisco Fraile.



Fig. 4 – Almagro 51 a-b lusitanas de Sud-Lavezzi 1, enquadráveis nos tipos 3 e 4. (Fotos: Sónia Bombico)



Fig.5 – Almagro 50/Keay 78 de Sud-Lavezzi 1. (Fotos: Sónia Bombico)



Fig. 6 – Ânforas “Beltrán 72” lusitanas do sítio Sud-Lavezzi 1, enquadráveis nos tipos 9, 10 e 11. (Fotos: Sónia Bombico)



Fig.7 – Ânforas provenientes do sítio de Sud-Lavezzi 1 expostas no Museu de Sartène. (Foto: Sónia Bombico)



Fig.8 – Ânfora de fundo plano, provavelmente de produção sul-hispânica. (Foto: Sónia Bombico)

<b>Designação</b>	<b>Sud-Lavezzi 3</b>	Parker 1119	<b>40</b>
<b>Tipo de Sítio</b>	Naufrágio	<b>Cronologia</b>	
		Primeiras décadas do séc. I d.C.	
		15-25 d.C. (?)	
<b>Localização</b>	Estreito de Bonifácio	País	
		França – Córsega	
<b>Descrição e Trabalhos</b>	<p>Sítio de naufrágio a cerca de 38m de profundidade. Aquando da sua descoberta por P. Mthiotte, o sítio era formado por um <i>tumulus</i> de 2m de altura, com 30m por 15m. Os trabalhos arqueológicos foram dirigidos por Liou, no Outono de 1979, e permitiram identificar mais de 200 ânforas inteiras e fragmentos de ânforas do tipo Dressel 2-4. A bordo seguiam, também, uma Pascual 1 vinária da Tarraconense e uma Dressel 14 de preparados de peixe que poderão ter constituído parte das pertences da tripulação. A maioria das ânforas Dressel 2-4 possuía selos (A, AC, AD, ALBA, ALEX, AM, ANDO, ANT, ATT, CELSI, L, LYA, L.SAR, M, PHIL, POT, PR, QVAD, S, SC, T, VIC, ...]NICI).</p> <p>Foram identificados alguns vestígios da embarcação, cujos elementos foram estudados, em 2001, por P. Pomey e F. Guibal.</p> <p>Foram, igualmente, registados no local dois cepos de âncora em chumbo com 200 e 250kg respectivamente.</p> <p>O estudo tipológico das ânforas e dos elementos de arquitectura naval permitiram concluir que se tratava de um navio provavelmente proveniente da <i>Tarraconensis</i> e com destino a Roma, datável das primeiras décadas do século I d.C.</p>		
<b>Espólio</b>	<p>Dressel 2-4 (maioritárias), Pascual 1 (1) e Dressel 14 (1)</p> <p>Espólio revisto: Não nos foi possível observar a ânfora Dressel 14, depositada no Dépôt archéologique régional d'Aix les Milles.</p>		
<b>Depósito</b>	Museu de Sartène e Dépôt archéologique régional d'Aix les Milles		
<b>Bibliografia</b>	Liou, 1982, 446-450; Corsi-Sciallano e Liou, 1985, 10-144; Parker, 1992, 415 e Massy, 2013, 138-140.		
<b>Imagens</b>			

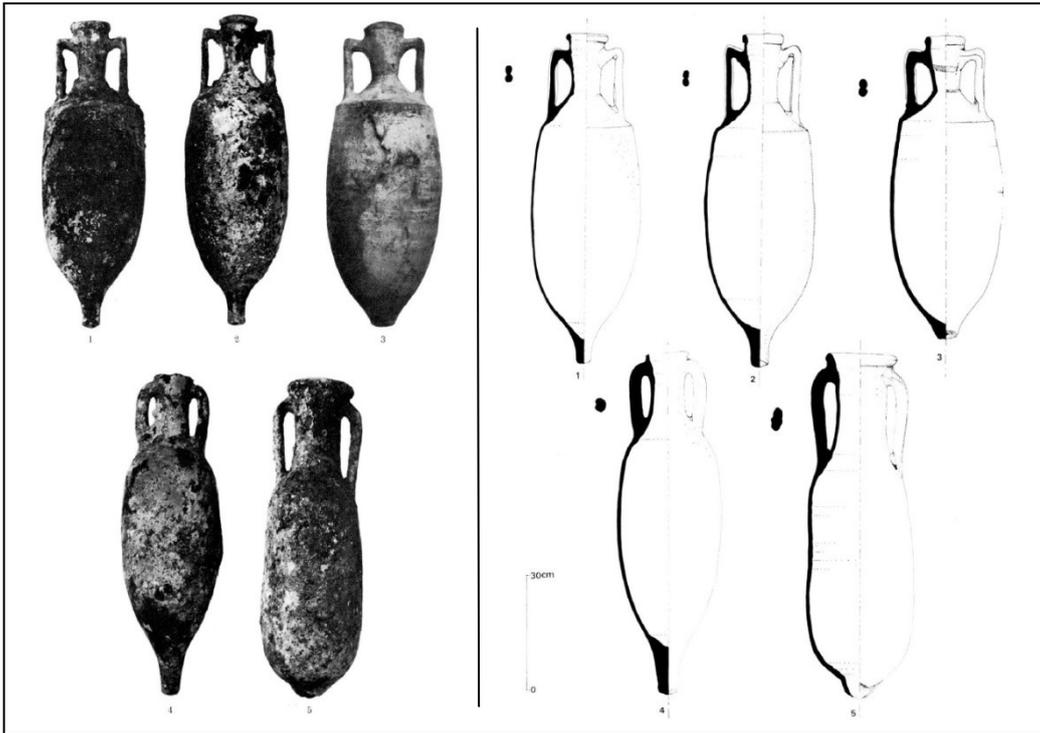


Fig. 1 – Ânforas recuperadas no Sítio de Sud-Lavezzi 3. Primeira linha – Dressel 2-4; segunda linha – Pascal 1 e Dressel 14. (Liou, 1982, fig.11 e 12)

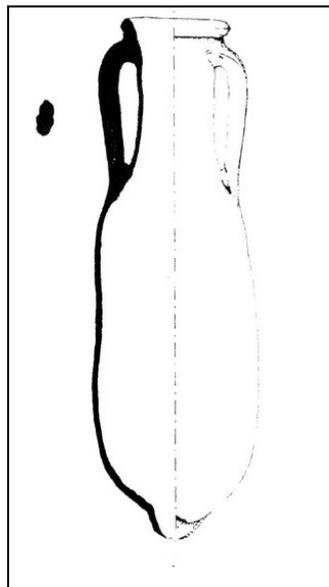


Fig.2 – Ânfora Dressel 14 de Sud-Lavezzi 3. (Liou, 1990, 138, fig.9.2)

<b>Designação</b>	<b>Punta Sardegna A</b>	Parker 959	<b>41</b>
<b>Tipo de Sítio</b>	Naufrágio	<b>Cronologia</b>	
		Segunda metade do séc. I a primeiras décadas do séc. II d.C.	
<b>Localização</b>	Norte da Sardenha - Arquipélago da Maddalena – Punta Sardegna (Palau)	País	Itália - Sardenha
<b>Descrição e Trabalhos</b>	<p>Este sítio, já conhecido da bibliografia (Parker, 1992, 359; Zucca, 2003, 177), foi recentemente alvo de campanhas arqueológicas por parte da Università di Sassari, no âmbito da disciplina de Metodologie, Tecniche della Ricerca archeologica subacquea (Scuola di specializzazione Nesiotikà, Oristano), dirigidas por Pier Giorgio Spanu.</p> <p>Trata-se de um contexto com material cerâmico disperso à superfície, numa área de aproximadamente 50m por 27m, que se estende entre os 5m e os 8m de profundidade.</p> <p>Corresponderá a um naufrágio com uma carga maioritária de ânforas de preparados de peixe, do tipo Dressel 14, provenientes da Lusitânia, datado entre os fins do século I e as primeiras décadas do século II d.C., tendo com provável destino os mercados de Roma.</p> <p>Do local foram recuperados seis bordos e três bicos fundeiros de ânforas Dressel 14 lusitanas, enquadráveis nas produções do Tejo-Sado e atribuíveis morfologicamente às variantes de bordo C e B das olarias do Sado. Associados a estes contentores foram recuperados dois <i>opercula</i>; assim como um bico fundeiro de Dressel 7-11, uma asa de Dressel 20 (de época flávio-trajana) e um bico fundeiro de Dressel 2-4. (Porqueddu, 2013,86-90, 114-115; Porqueddu e Spanu, 2015, 2101; Porqueddu, Giarrusso e Spanu, 2016)</p>		
<b>Espólio</b>	<p>6 bordos e 3 bicos fundeiros de Dressel 14</p> <p>2 <i>opercula</i> associáveis às Dressel 14</p> <p>1 bico fundeiro de Dressel 7-11</p> <p>1 asa de Dressel 20</p> <p>1 bico fundeiro de Dressel 2-4, provavelmente itálica</p> <p>3 fragmentos de cerâmica comum</p> <p>Espólio revisto: não nos foi possível observar pessoalmente os materiais, no entanto o poster apresentado no <i>Congresso Internacional “Lusitanian Amphorae”: production and diffusion (Troia, 10-13 Outubro de 2013)</i>, assim como o artigo daí resultante (Porqueddu, Giarrusso e Spanu, no prelo) são bastante claros quanto à análise das pastas das ânforas Dressel 14, classificadas como lusitanas e atribuíveis às produções do Tejo-Sado.</p>		
<b>Depósito</b>	Centro di restauro e conservazione dei beni culturali di Sassari		
<b>Bibliografia</b>	Parker, 1992, 359; Zucca, 2003, 177; Porqueddu, 2013, 86-90 e 114-115, não publicado; Porqueddu e Spanu, 2015, 2101-2103 e Porqueddu, Giarrusso e Spanu, 2016.		
<b>Imagens</b>			



Fig.1 – Pormenor da dispersão de material no fundo marinho, no sítio de Punta Sardegna A. (Foto da equipa da Università di Sassari in Porqueddu, 2013, fig.32)



Fig.2 – Trabalhos de prospecção e registo no sítio de Punta Sardegna A (Foto da equipa da Università di Sassari in Porqueddu, 2013, fig.33)

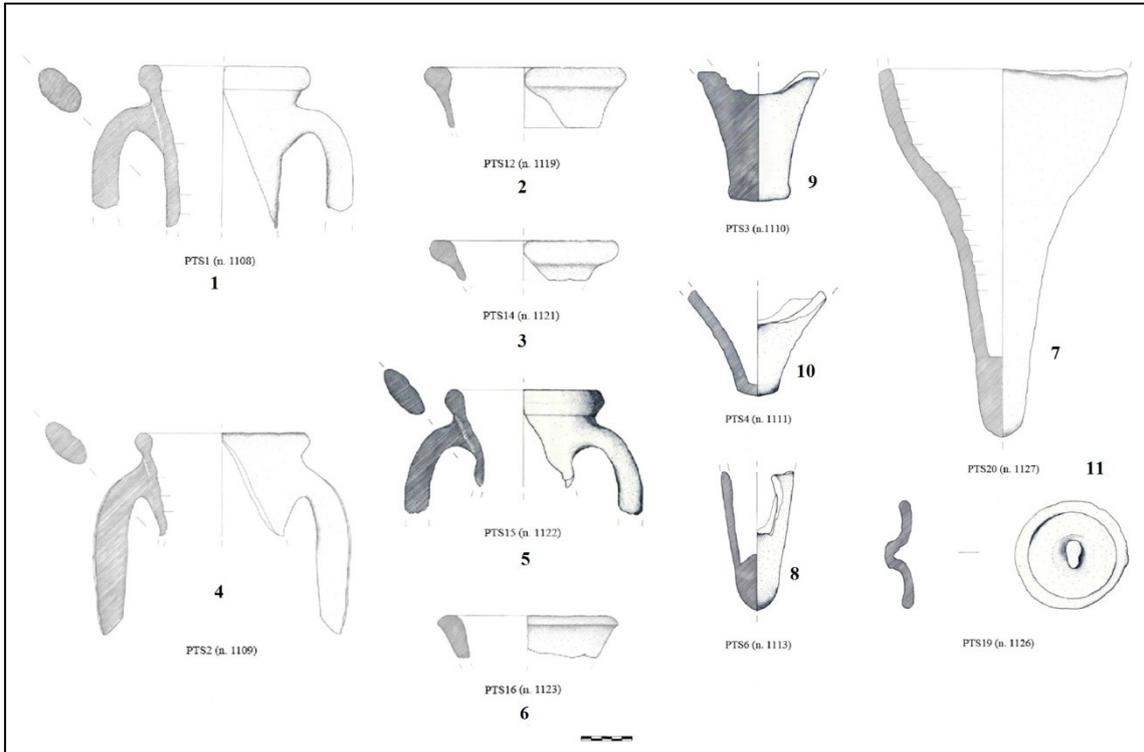


Fig. 3 – Anforas recuperadas do sítio de Punta Sardegna A. 1-8 Dressel 14; 9 Dressel 2-4; 10 Dressel 7-11; 11 *operculum*. (Porqueddu e Spanu, 2015, 2102, fig.3.)



Fig. 4 – Pormenores das pastas de fragmentos de anforas Dressel 14 lusitanas. (Poster apresentado no Congresso Internacional *Lusitanian Amphorae*": *production and diffusion* (Troia, 10-13 Outubro de 2013) por Porqueddu, Giarrusso e Spanu - *Le anfore lusitane del relitto di Punta Sardegna A* (Palau, Sardegna). *Una prima caratterizzazione delle forme e degli impasti*)

<b>Designação</b>	<b>Cala Reale A</b>	<b>42</b>
<b>Tipo de Sítio</b>	Naufrágio	<b>Cronologia</b> Finais do IV-Meados do V d.C.
<b>Localização</b>	Costa Norte-Occidental da Sardenha	<b>País</b> Itália-Sardenha
<b>Descrição e Trabalhos</b>	<p>Sítio de naufrágio, localizado a cerca de 5/6 metros de profundidade. Depois da sua descoberta, em Maio de 1995, o sítio foi alvo de uma campanha preliminar dirigida por Pier Giorgio Spanu.</p> <p>Da informação publicada podemos verificar a existência de ânforas atribuíveis aos tipos Almagro 51 a-b, Almagro 51c, Beltrán 72 e Sado 3. Algumas das ânforas conservavam <i>in situ</i> as tampas em cortiça e vestígios de conservas de peixe (Spanu, 1997, 112)</p> <p>Os trabalhos arqueológicos permitiram recuperar, para além das ânforas, duas lucernas de fabrico africano, alguns fragmentos de cerâmica de cozinha africana, uma bilha, um número considerável de <i>tessellae</i> em pasta vítrea, e duas moedas – um sestércio de Marco Aurélio, da casa da moeda de Roma do ano de 173, e uma do reinado de Valente (364-367). O conjunto de materiais recuperados indica-nos, assim, uma cronologia para o naufrágio entre a segunda metade do século IV e os inícios do V (Spanu, 1997, 113).</p> <p>Nos anos de 1999, 2001 e 2002 foram realizadas campanhas de escavação no sítio que permitiram constatar a vasta extensão do depósito arqueológico e a grande concentração de ânforas. Das centenas de ânforas existentes foram apenas recuperados os exemplares inteiros, tendo sido deixadas <i>in situ</i> a totalidade das peças fragmentadas.</p> <p>O sítio manteve-se intacto até ao verão de 2007, altura em o serviço de <i>ferry-boat</i> Porto Torres-Asinara Cala Reale começou a interferir com o fundo marinho. Perante a necessidade de preservar os vestígios, nos anos de 2009 e 2010 foram realizadas novas campanhas de escavação e os materiais foram transferidos para um novo local a cerca de 200 metros. Deste processo resultou a recolha de um total de 33 ânforas e a quantificação da totalidade dos fragmentos trasladados.</p> <p>Estas campanhas confirmaram os 4 tipos anfóricos identificados anteriormente e a quantificação total revelou uma carga constituída por, pelo menos, duas mil ânforas.</p> <p>De área de cerca de 40 metros cúbicos de dispersão de material foram quantificados: 38.000 fragmentos de parede, 956 bordos do tipo Sado 3, 625 bordos de Almagro 51 a-b, 156 bordos do tipo Beltrán 72 e 64 bordos do tipo Almagro 51c (Gasperetti, 2012, 301 e 303). Durante todo o processo de escavação não foram identificados restos da embarcação. O estrato inferior ao da carga revelou a existência de bastantes tampas em cortiça imediatamente em contacto com o fundo arenoso, o que sugere um processo de formação do sítio decorrente de um naufrágio em que a embarcação se terá virado, causando o vazamento de toda a carga em direcção ao fundo (Gasperetti, 2012, 301). O conjunto de trabalhos desenvolvidos no local permite considerar o sítio como correspondente a uma carga homogénea de ânforas de preparados de peixe proveniente da Lusitânia. A embarcação teria, eventualmente, como destino o porto de <i>Ostia</i>, e numa</p>	

tentativa de aproximação a *Turrus Libisonis* terá naufragado na sequência de eventual mau tempo ou encalhe nas baixas rochosas (Gasperetti, 2012, 303).

### **Espólio**

Da carga fariam parte, pelo menos 2 mil ânforas.

Ânforas Completas: Sado 3 (17); Almagro 51 a-b (8); Beltrán 72 *similis* (6) e Almagro 51c (2)

Bordos: 956 de Sado 3 (53%); 625 de Almagro 51 a-b (34,7%); 156 de Beltrán 72 *similis* (8,7%) e 64 de Almagro 51c (3,6%).

Total de ânforas: 1.834 (NMI)

Duas lucernas de fabrico africano, alguns fragmentos de *sigillata* clara e cerâmica de cozinha africana, uma bilha, um número considerável de *tessellae* em pasta vítrea e duas moedas.

Espólio revisto: Aquando na nossa visita ao *Antiquarium Turritano* e ao Centro di restauro e conservazione dei beni culturali di Sassari, pudemos comprovar a origem lusitana da totalidade das ânforas recuperadas do sítio e expostas no museu e conservadas no centro di restauro.

As características tipológicas das peças fazem pensar numa carga constituída exclusivamente, ou maioritariamente por fabricos do Sado.

Os exemplares de Sado 3 têm cerca de 93cm de altura total e encontram paralelo na peça nº14 e 15 da fig.132 do Pinheiro (Mayet e Silva, 1998, 299)

Os bordos de Almagro 51 a-b enquadram-se nas variantes A3 e B do Pinheiro, atribuíveis à primeira metade do séc. V. (Mayet e Silva, 1998, fig. 116, nº 16 e fig. 117, nº 21 *apud* Vaz Pinto e Silva, 2014).

As formas atribuíveis ao tipo Beltrán 72 *similis* têm cerca de 52-55 cm de altura total e encontram paralelo na peça nº113 da fig.91 do Pinheiro. (Mayet e Silva, 1998, 241)

### **Depósito**

*Antiquarium Turritano* (Porto Torres) e Centro di restauro e conservazione dei beni culturali di Sassari.

### **Bibliografia**

Spanu, 1997; Gasperetti, 2012.

### **Imagens**



Fig.1 – Ânfora Beltrán 72 *similis* com tampa de cortiça *in situ*. (Spanu, 1997, 113)



Fig.2 – Quatro tipologias de ânforas recuperadas no sítio de Cala Reale A. Da esquerda para a direita: Almagro 51 a-b, Sado 3, Beltrán 72 *similis* e Almagro 51c. (Gasperetti, 2012,fig.8, 301)



Fig.3 – Bordos de Almagro 51 a-b de Cala Reale A. (Spanu, 1997, 112)



Fig.4 – Fragmentos de lucernas, *sigillata* clara, cerâmica de cozinha africana e cerâmica comum, expostas no *Antiquarium Turritano* (Porto Torres). (Foto: Sónia Bombico)



Fig.5 – Anfora Sado 3 de produção lusitana. Fotos: Sónia Bombico  
Altura máxima – 81cm



Fig.6- Ânfora Beltran 72 *similis* de produção lusitana. Fotos: Sónia Bombico  
Altura máxima – 52cm



Fig.7 – Parte superior de Almagro 51 a-b de produção lusitana e enquadrável na variante A3 do Pinheiro (Mayet e Silva, 1998, fig. 116, nº 16 *apud* Vaz Pinto e Silva, 2014) (Foto: Sónia Bombico)



Fig.8 – Anforas “Beltrán 72” e Sado 3 conservadas no Centro di restauro e conservazione dei beni culturali di Sassari. (Foto:Sónia Bombico)



Fig.9 – Bordo com asa de Almagro 51c, bilha de cerâmica comum (à esquerda) e dois bordos de Almagro 51 a-b (à direita). *Antiquarium Turritano* (Porto Torres). (Foto: Sónia Bombico)



Fig.10 – Ânforas Sado 3, com respectivas tampas de cortiça, expostas no *Antiquarium Turritano* (Porto Torres). (Fotos: Sónia Bombico)

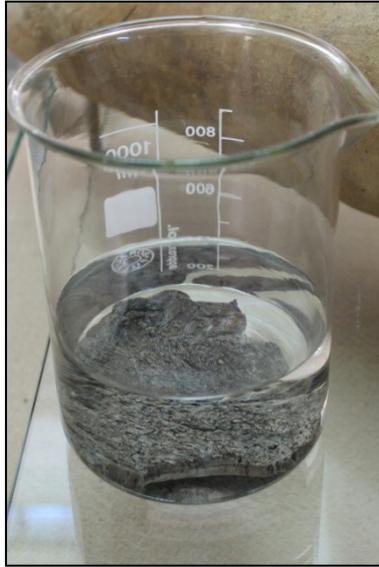


Fig.11 – Tampa de cortiça de ânfora Sado 3. *Antiquarium Turritano* (Porto Torres). (Foto: Sónia Bombico)



Fig.12 – Ânforas inteiras recuperadas do sítio, nas intervenções de 2009-2010. (Gasperetti, 2012, fig.6)

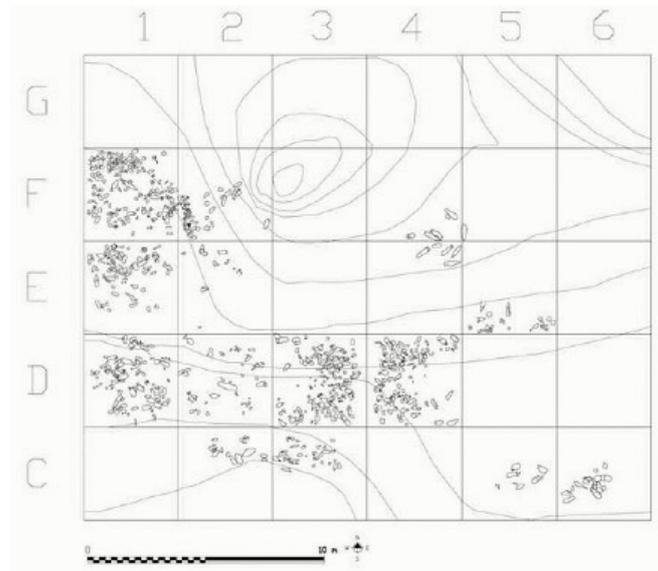


Fig.13 - Planimetria da intervenção de 2009-2010. (Gasperetti, 2012, fig.5)

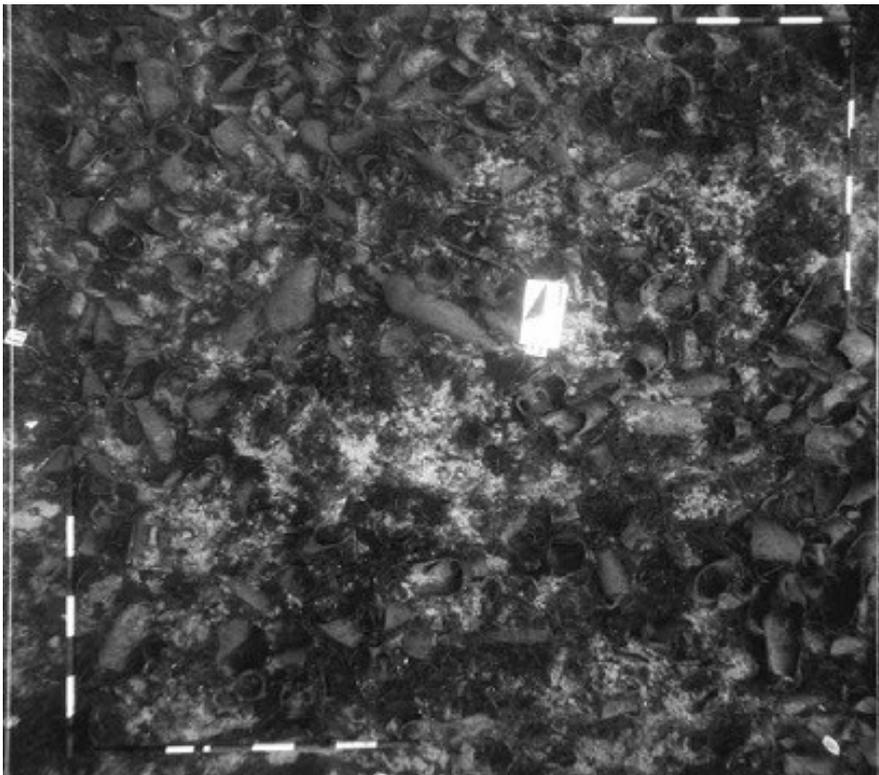


Fig.14 – Registo fotográfico do quadrado F1 das intervenções de 2009-2010. (Gasperetti, 2012, fig.10)



Fig.15 – Pormenor da área de depósito dos materiais trasladados nas intervenções de 2009-2010.  
(Gasperetti, 2012, fig.4)

<b>Designação</b>	<b>Golfo de Asinara (Daedalus 2, 3 e 6)</b>	<b>43, 44 e 45</b>
<b>Tipo de Sítio</b>	Prováveis naufrágios	<b>Cronologia</b> III-V d.C.
<b>Localização</b>	Costa Norte-Occidental da Sardenha	<b>País</b> Itália - Sardenha
<b>Descrição e Trabalhos</b>	<p>Na área subaquática do Golfo de Asinara têm sido efectuadas, desde 2006, operações de prospecção a grande profundidade, entre os 140 e os 850 metros. Estes trabalhos, dirigidos pelo Engenheiro Guido Gay com auxílio de um catamarã (DAEDALUS) e três ROV(s), permitiram identificar ânforas dos tipos Almagro 50 e 51c em alguns contextos.</p> <p>O sítio Daedalus 2, identificado em 2007, e localizado a cerca de 200m de profundidade, apresenta uma carga onde são visíveis algumas dezenas de Almagro 51c e uma grande concreção, provavelmente associada a vestígios de mineral ou metal. (Gasperetti, 2012, 303-304).</p> <p>O sítio Daedalus 3, identificado em 2010 a uma profundidade de 480m, revela-nos uma carga mista constituída maioritariamente por Dressel 23, acompanhada por ânforas do tipo Almagro 51c. (Gasperetti, 2012, 303-304).</p> <p>Por fim, o sítio Daedalus 6, a 825m, trata-se de uma concentração heterogénea de material que poderá eventualmente corresponder a um naufrágio, onde se registam Almagro 50, ânforas africanas, Gauloise 4 e Beltrán II (Gasperetti, 2012, 303-304).</p>	
<b>Espólio</b>	<p>Daedalus 2: Almagro 51c e minério ou mineral (?)</p> <p>Daedalus 3: Dressel 23, Almagro 51c e Almagro 51 a-b (?).</p> <p>Daedalus 6: Almagro 50, ânforas africanas, Gauloise 4 e Beltrán II.</p> <p>Espólio Revisto: Pela ocasião da nossa visita ao Centro di restauro e conservazione dei beni culturali di Sassari podemos atestar o fabrico lusitano da ânfora de tipo Almagro 51c, recuperada do sítio Daedalus 3.</p>	
<b>Depósito</b>	Centro di restauro e conservazione dei beni culturali di Sassari	
<b>Bibliografia</b>	Gasperetti, 2012, 303-304	
<b>Imagens</b>		



Fig. 1 – Almagro 51c do sítio Deadalus 2. (Gasperetti, 2012, fig.9<sup>1</sup>)

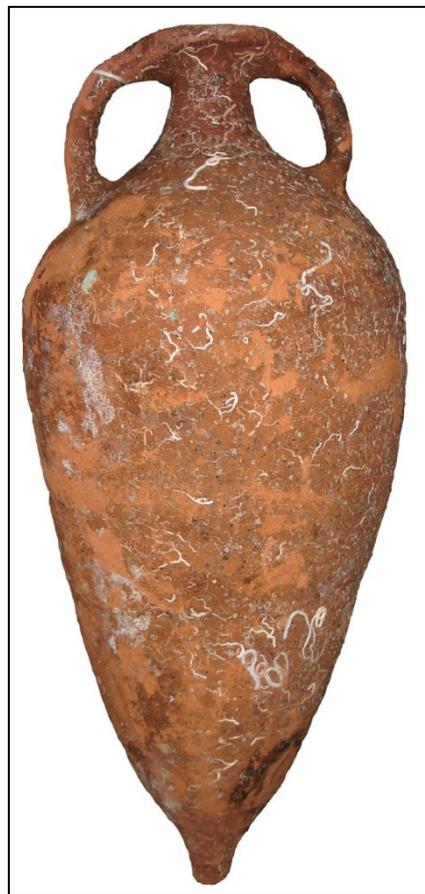


Fig. 2 – Anfora Almagro 51c proveniente do sítio Deadalus 3. (Foto: Sónia Bombico)

Altura máxima – 70cm

---

<sup>1</sup> Imagem disponível em <http://www.azionemare.org/relitti-antichi.php>



Fig. 3 – Naufrágio de Daedalus 3<sup>2</sup>. Na imagem podem identificar-se uma Dressel 23 (em primeiro plano), Almagro 51c (embaixo à direita) e Almagro 51 a-b (?) (em baixo ao centro).



Fig. 4 – Naufrágio Daedalus 4<sup>3</sup>. São visíveis na imagem ânforas do tipo Gaulesa 4 e Beltrán IIA (?).

---

<sup>2</sup> Imagem disponível em <http://www.azionemare.org/relitti-antichi.php>

<sup>3</sup> *Idem*

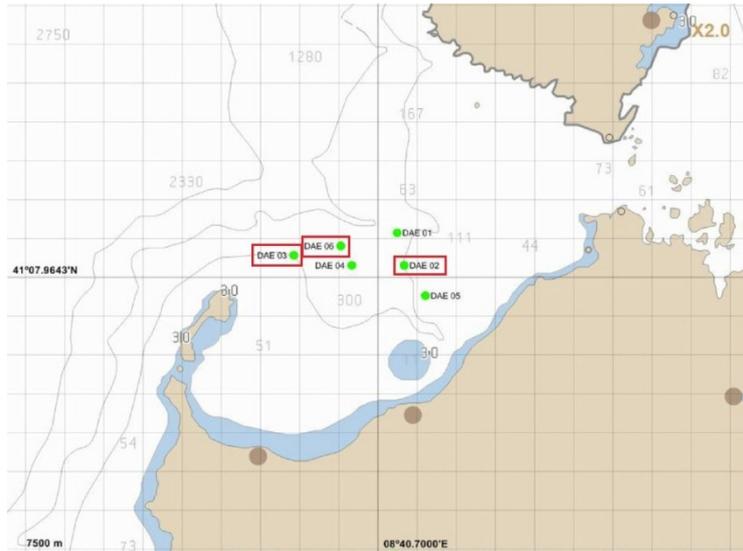


Fig.5 – Localização dos naufrágios de Daedalus 2, 3 e 6<sup>4</sup>.

---

<sup>4</sup> *Idem*

<b>Designação</b>	<b>Lazzaretto</b>	Parker 594	<b>46</b>
<b>Tipo de Sítio</b>	Naufrágio	<b>Cronologia</b>	
		Inícios do IV d.C.	
<b>Localização</b>	Costa Ocidental da Sardenha	<b>País</b>	
		Itália - Sardenha	
<b>Descrição e Trabalhos</b>	<p>Sítio de naufrágio, localizado a 2,5m de profundidade, alvo de duas campanhas arqueológicas em Junho de 1985 e 1986, sob a direcção de Edoardo Riccardi (Centro di Ricerche Archeosub Sassari-Alghero). Do naufrágio foram recuperadas ânforas cilíndricas baixo-imperiais (Africanas IID), Almagro 50 e 51c, Dressel 30, e Dressel 20 que terão sido, muito provavelmente, reutilizadas, tendo em consideração a cronologia tardia atribuída ao naufrágio. Do local foi, também, recuperada uma bolsa de couro com moedas concrecionadas, de entre as quais se identificou um <i>follis</i> do reinado de Licinius, cunhado em 315 ou 316 (Riccardi, 1987, 36; Parker, 1992, 241-242; Mastino <i>et al.</i>, 2005, 226).</p>		
<b>Espólio</b>	<p>Ânforas Africanas IID, Almagro 50 e 51c, Dressel 30 e Dressel 20. E bolsa de moedas. Espólio Revisto: Não nos foi possível aceder aos materiais para observação.</p>		
<b>Depósito</b>	Desconhecido.		
<b>Bibliografia</b>	Riccardi, 1987, 36; Parker, 1992, 241-242 e Mastino <i>et al.</i> , 2005, 226		
<b>Imagens</b>			

<b>Designação</b>	<b>Mandriola A</b>	<b>47</b>
<b>Tipo de Sítio</b>	Provável naufrágio	<b>Cronologia</b> Pleno séc. IV d.C.
<b>Localização</b>	Costa Ocidental da Sardenha	<b>País</b> Itália - Sardenha
<b>Descrição e Trabalhos</b>	<p>A uma profundidade de cerca de 5m, em frente à localidade de Mandriola foram identificados por Bobo Lutz, em 1967, alguns materiais anfóricos. No entanto, o sítio é referido na bibliografia apenas 20 anos depois (Spanu, 1997, 114 e 115).</p> <p>Em Setembro de 2005, sob a direcção de Pier Giorgio Spanu uma equipa da Università di Sassari realizou uma missão no local que permitiu supor a existência de um naufrágio, observando uma área de dispersão de materiais com cerca 4 mil metros quadrados. A maioria dos fragmentos anfóricos identificados corresponde à forma Almagro 51c, cuja descrição de pastas aparenta corresponder aos fabricos lusitanos (Spanu, 2006a, 182). A juntar ao total de 4 partes superiores de Almagro 51c recolhidas, há alguns fragmentos de Keay XXV (4 partes superiores, dois bicos fundeiros e uma asa), uma parte superior de uma Africana IIC, uma parte superior de Keay 24 e três fundos de tipologia indeterminada.</p> <p>Do local foram também recuperados um fragmento de um prato/tigela de cerâmica africana de cozinha, atribuível à forma Ostia III, um fragmento de cerâmica comum (bilha) e um <i>tubulus</i>. (Spanu, 2006a, 189-192)</p> <p>Este naufrágio apresenta uma cronologia coeva com os de Cala Reale A e Fontanamare A/Gonnesa Sito A (Spanu, 2006a, 182-183).</p>	
<b>Espólio</b>	<p>Almagro 51c (4 partes superiores), Keay XXV (4 partes superiores, dois bicos fundeiros e uma asa), Africana IIC (1 parte superior), Keay 24 (1 parte superior) e 3 fundos de tipologia indeterminada.</p> <p>Um fragmento de um prato/tigela de cerâmica africana de cozinha, um fragmento de cerâmica comum (bilha) e um <i>tubulus</i>.</p> <p>Espólio Revisto: Não nos foi possível aceder aos materiais para observação. No entanto a descrição das pastas parece indicar uma produção lusitana para os exemplares de Almagro 51c.</p>	
<b>Depósito</b>	Desconhecido.	
<b>Bibliografia</b>	Spanu, 1997; Spanu, 2006a, 182-183	
<b>Imagens</b>		



Fig. 1 – Ânforas Keay 25 e Almagro 51c de Mandriola A (Spanu, 1997, fig.17 e 18)

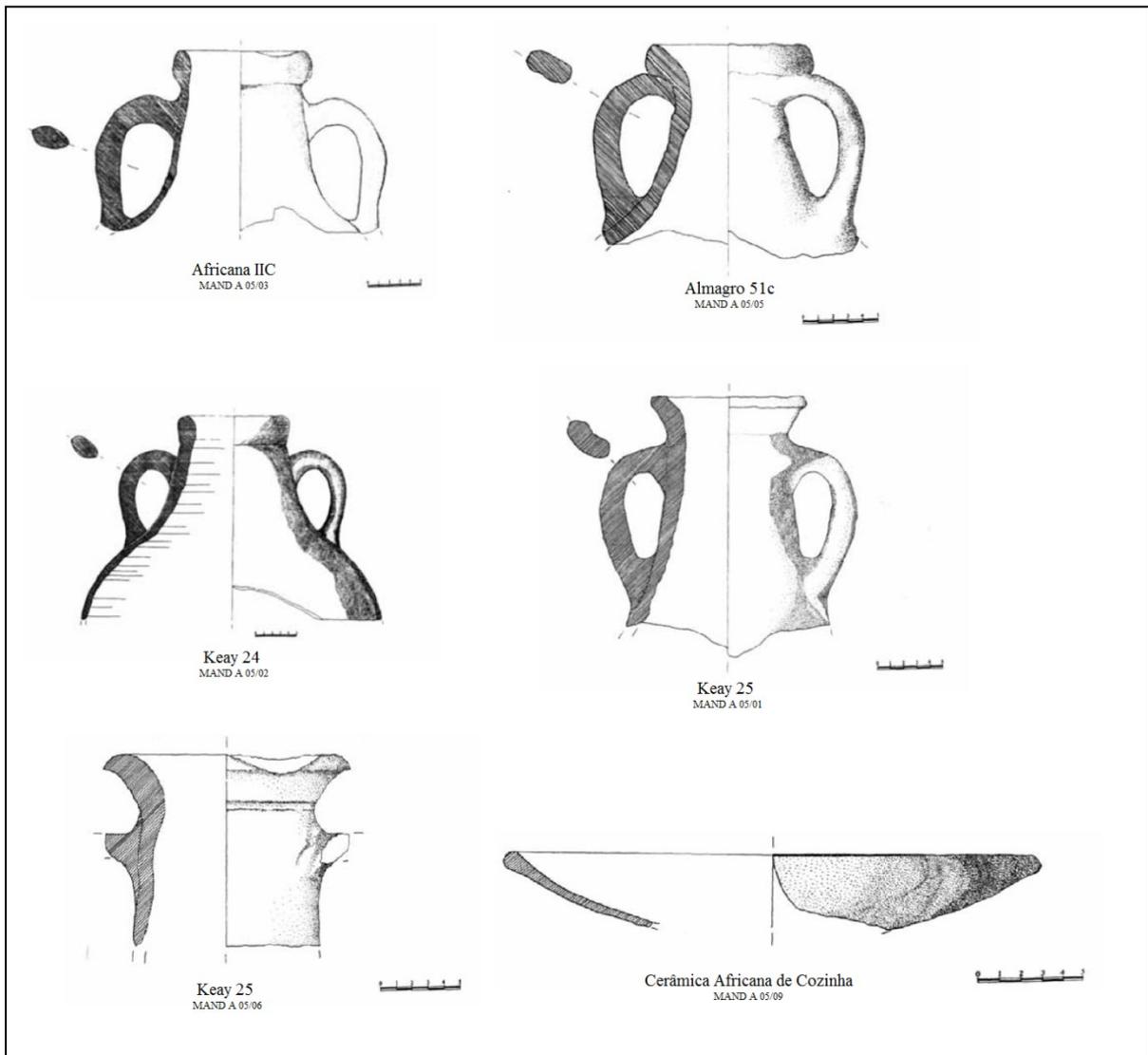


Fig.2 – Material cerâmica recuperado de Mandriola A, na campanha de 2005. (Spanu, 2006a, fig.9)

<b>Designação</b>	<b>Fontanamare A/Gonnesa Sito A</b>	<b>48</b>
<b>Tipo de Sítio</b>	Naufrágio	<b>Cronologia</b> Finais do séc. III – Primeira metade do séc. IV d.C.
<b>Localização</b>	Costa Sul-Occidental da Sardenha	<b>País</b> Itália - Sardenha
<b>Descrição e Trabalhos</b>	<p>Sítio de naufrágio, localizado a cerca de 6-7 metros de profundidade, foi descoberto em 1965 por dois mergulhadores amadores, tendo sido posteriormente e continuamente espoliado.</p> <p>Em 1972 é realizada a primeira escavação, no entanto o material recuperado permaneceu inédito até ao final dos anos noventa do século XX (Dell'Amico, Faccena e Pallarés 2001-2002). São três os tipos de ânfora documentados no local, a forma Almagro 51c, numericamente mais abundante, Almagro 50 e/ou Keay 78 e Africana IID (Dell'Amico, Faccena e Pallarés 2001-2002, 23). Da campanha de 1972 resultou a recuperação de um total de 16 partes superiores (bordo, colo e asas), 19 bicos fundeiros, 4 bordos e 10 asas de Almagro 51c; 3 partes superiores e 1 bico fundeiro de Africana II D; e 3 bordos com asas e uma asa enquadáveis no tipo Keay 78/Sado1/Lusitana 8, cujos autores atribuem à forma Almagro 50 sugerindo como paralelo algumas formas do centro oleiro do Martinhal (Dell'Amico, Faccena e Pallarés 2001-2002, 39). Sugestão que nos parece interessante, tendo em consideração a forma classificada como Martinhal 2, variante B (Bernardes <i>et al.</i>, 2013, 321, Fig. 6). Da escavação de 1979 foram, ainda, recuperados 3 bordos, uma asa e um fundo plano de difícil atribuição, assim como 6 fragmentos de corpo de ânfora, pertencentes às formas Almagro 51c, Almagro 50/Keay 78 e Africana IID (Dell'Amico, Faccena e Pallarés 2001-2002, 42-45).</p> <p>Entre 1997 e 1999 foram realizados trabalhos de prospecção no local (Salvi e Sanna, 2000). A maioria dos contentores recuperados, nesta ocasião, são fragmentos anfóricos do tipo Almagro 51c (bordos com arranques de asa e colo) perfazendo um total de 10 fragmentos, aos quais se somam 11 bicos fundeiros atribuíveis a esta tipologia e cujas pastas indicam uma origem lusitana. Do conjunto recuperado faziam, ainda, parte: duas partes superiores (bordo e asas) atribuíveis ao tipo Keay 78; uma parte superior de Africana IID; uma parte superior (com bordo e asas) enquadável no tipo Almagro 51 a-b (?); um colo com uma asa que os autores classificam como uma possível Mid-Roman I (provavelmente de produção siciliana); e um bico fundeiro de um possível <i>spatheion</i>.</p> <p>O fragmento atribuível ao tipo Almagro 51 a-b, apresenta características formais difíceis de atribuir às produções lusitanas conhecidas, e o início da produção desta forma parece ser bastante posterior à cronologia apontada para o naufrágio, o que nos faz questionar essa classificação; assim como a presença de um <i>spatheion</i>, associado ao naufrágio nos parece difícil. Por outro lado, e com base no registo gráfico publicado, as peças classificadas como Africanas IID parecem-nos pertencer às primeiras variantes do tipo Africana IIIA/Keay 25.1.</p>	

Foi, também, recuperado um conjunto de fragmentos de *terra sigillata* clara D da Tunísia setentrional (Salvi, Sanna, 2000, 49-69). Estes dados são consistentes com os materiais recuperados em 1972, tratando-se de formas abertas não decoradas. Pelo menos um terço da carga da embarcação parece ter sido constituído por *terra sigillata* clara africana, que surge representada pelas formas mais típicas do tipo C (segunda metade do século III d.C. - Lamboglia 40, 40A e 41B) e pelas formas mais antigas do tipo D (inícios do século IV d.C. – Lamboglia 52A e 54 bis) num total de 89 peças. (Dell’Amico, Faccena e Pallarés 2001-2002, 46 e 52 e Salvi e Sanna, 2000, 61-66).

O sítio revelou ainda um conjunto de outros vestígios arqueológicos interessantes, entre os quais: duas tampas de ânfora em cortiça; dois fragmentos de lucernas e alguns fragmentos de cerâmica comum, muito provavelmente pertencentes da tripulação; *tubuli* e *tegulae*; peças de metal, entre as quais alguns vasos e uma balança de bronze; e alguns vestígios da embarcação (Dell’Amico, Faccena e Pallarés 2001-2002, 45, 71 e 127). Por fim, há a referir o importante conjunto monetário, constituído por duas “bolsas” de moedas, alguns grupos de moedas concrecionadas e cerca de 200 moedas dispersas. Com um âmbito cronológico que se estende desde 260 d.C. (Galieno) a 294 d.C. (Maximiano), as moedas estabelecem o *terminus post quem* do naufrágio (Dell’Amico, Faccena e Pallarés 2001-2002, 83, 86-87). A análise conjunta dos materiais recuperados do naufrágio aponta-nos para uma datação que não vai além das primeiras décadas do século IV d.C.

**Espólio** Almagro 51c (maioritárias) – 26 partes superiores, 30 bicos fundeiros, 4 bordos e 10 asas.

Almagro 50/Keay 78 – 5 partes superiores e 1 asa

Almagro 51 a-b (?) – 1 parte superior

Africana IID – 3 partes superiores e 1 bico fundeiro

1 MR1 (provavelmente siciliana)

1 bico fundeiro de um possível *spatheion*

*Terra sigillata* clara africana dos tipos C e D

Duas tampas de ânfora em cortiça; dois fragmentos de lucernas e alguns fragmentos de cerâmica comum; *tubuli* e *tegulae*; peças de metal, entre as quais alguns vasos; dois conjuntos monetários.

Alguns vestígios da embarcação

Espolio Revisto: Não nos foi possível aceder aos materiais para observação. No entanto, a descrição de pastas e as fotos publicadas não deixam dúvidas sobre a origem lusitana nas peças dos tipos Almagro 51c e Keay 78/Sado 1.

**Depósito** Desconhecido.

**Bibliografia** Salvi e Sanna, 2000; Dell’Amico, Faccena e Pallarés 2001-2002.

**Imagens**

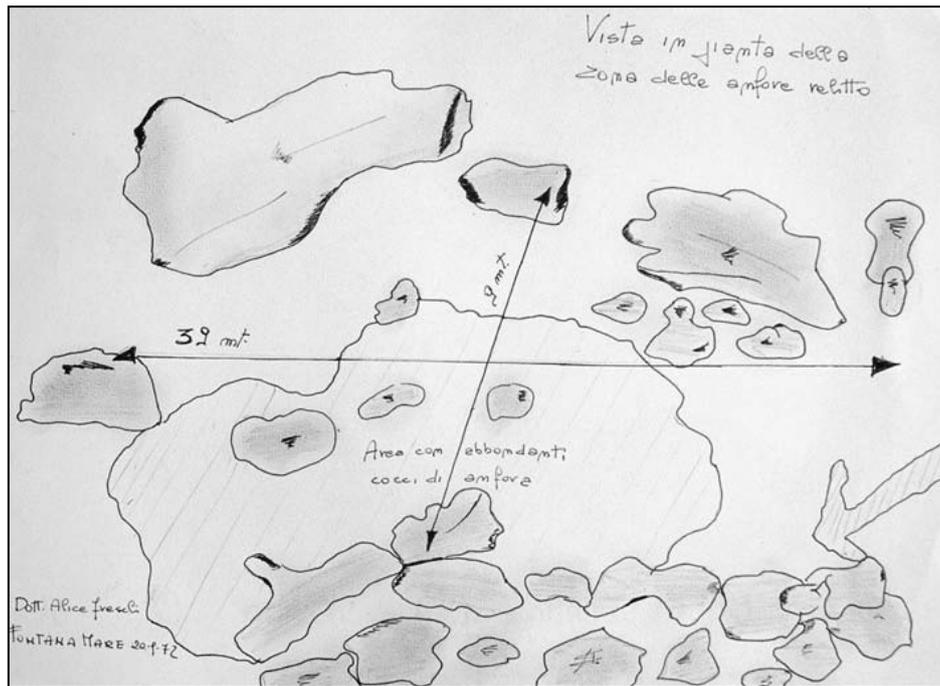


Fig.1 - Planta geral da zona de concentração de ânforas da intervenção de 1972 (A. Freschi). (Dell'Amico, Faccena e Pallarés 2001-2002, fig.10)

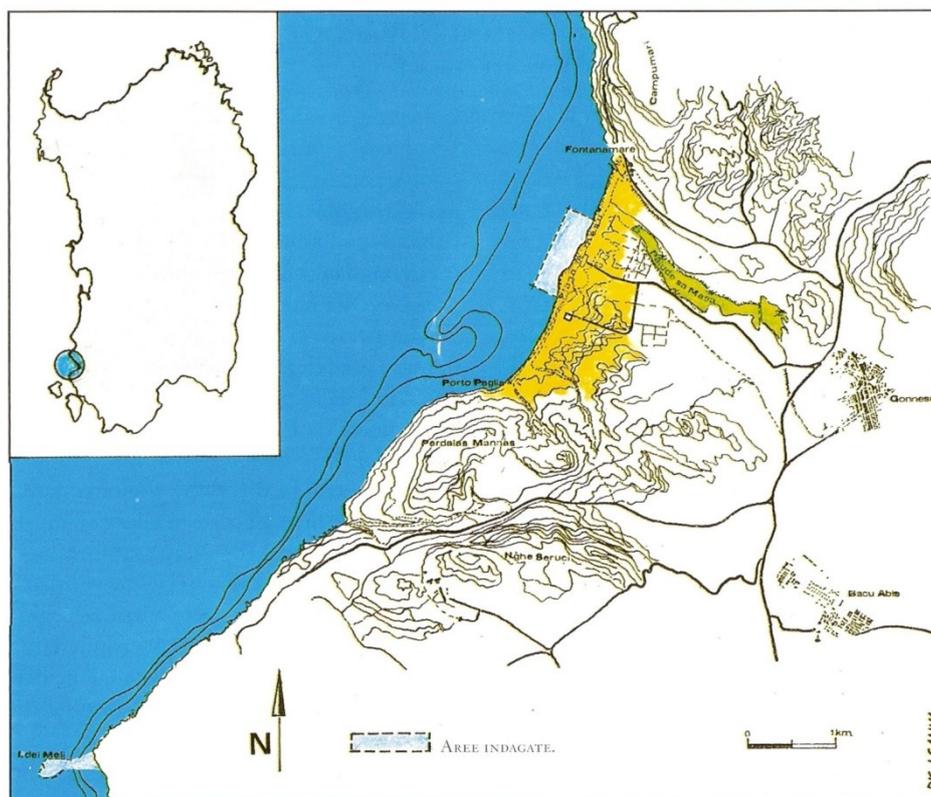


Fig. 2 – Localização da área prospectada entre 1997 e 1999. (Salvi e Sanna, 2000, fig.2)



Fig. 3 – Localização dos diferentes sítios identificados na sequência da prospecção realizada entre 1997 e 1999. (Salvi e Sanna, 2000, fig.11)

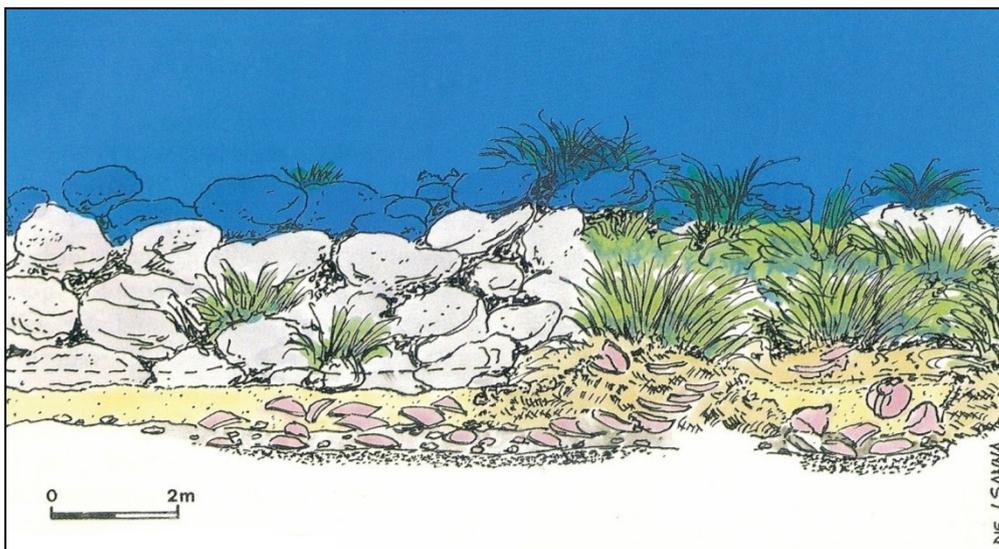


Fig. 4 –Secção Oeste-Este do Sito A de Gonnesa - prospecção 1997-1999. (Salvi e Sanna, 2000, fig.12)

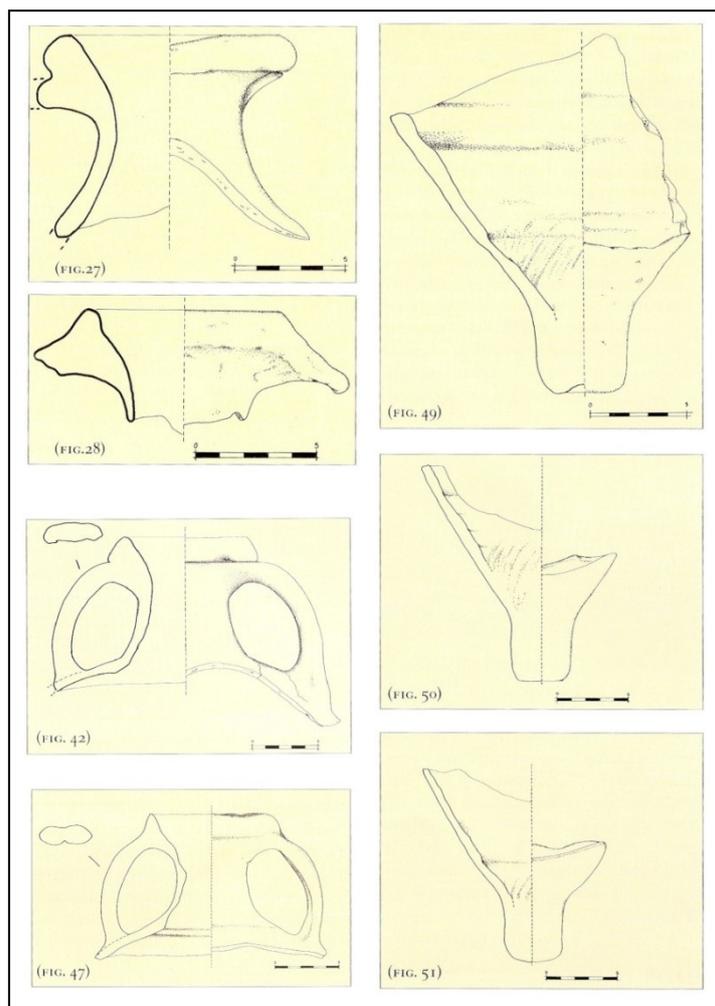


Fig. 5 – Ânforas Almagro 51c recuperadas do Sítio A de Gonnesa - prospecção 1997-1999. (Salvi e Sanna, 2000)

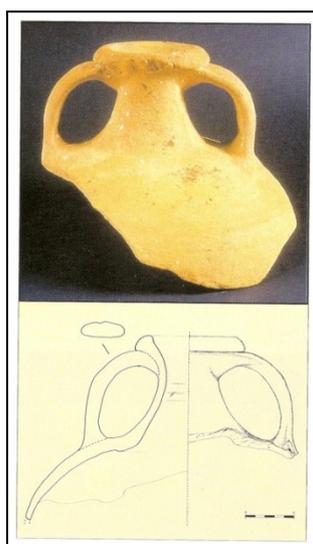


Fig. 6 – Ânfora Almagro 51c recuperada do Sítio A de Gonnesa - prospecção 1997-1999. (Salvi e Sanna, 2000)

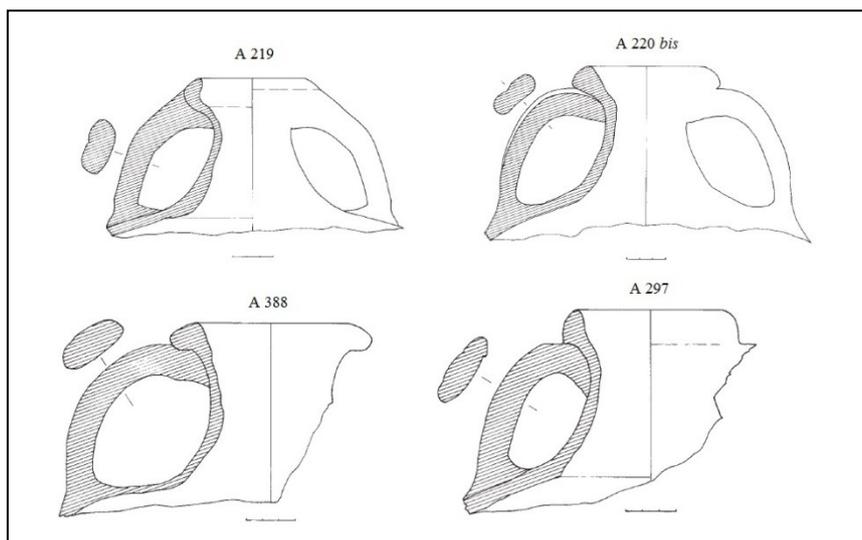


Fig.7 – Bordos de Almagro 51c recuperados em 1972. (Dell’Amico, Faccena e Pallarés 2001-2002)

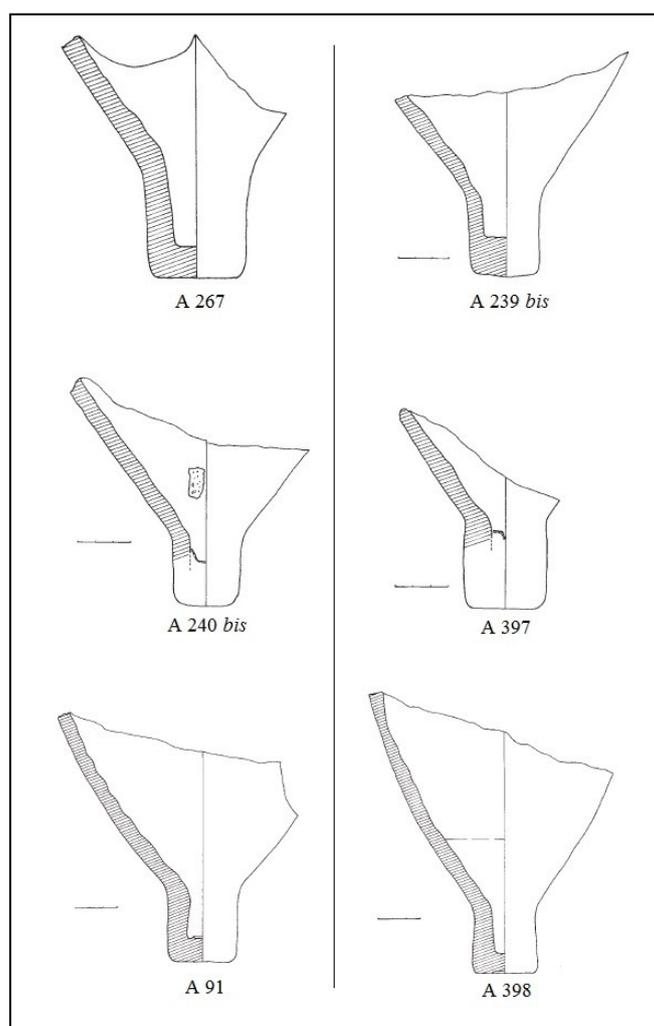


Fig.8 – Fundos de Almagro 51c recuperados em 1972. (Dell’Amico, Faccena e Pallarés 2001-2002)

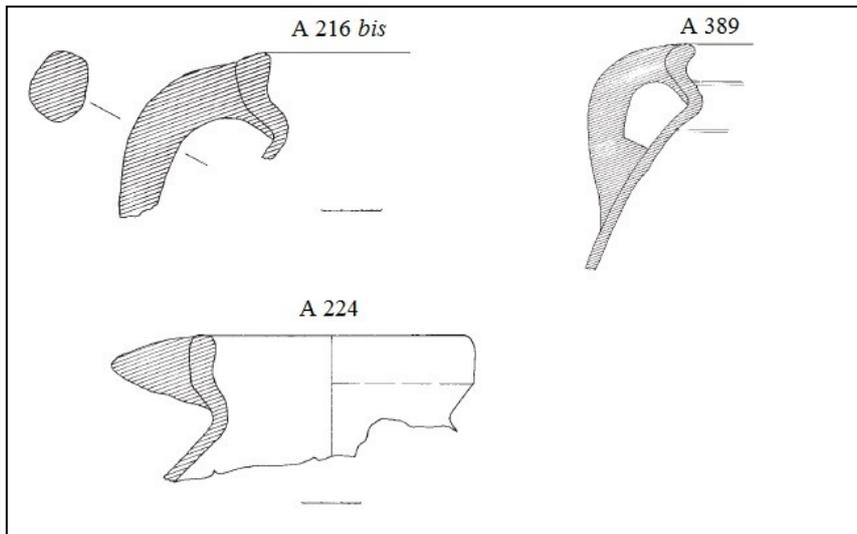


Fig.9- Bordos de Keay 78/Sado I recuperados em 1972. (Dell'Amico, Faccena e Pallarés 2001-2002)

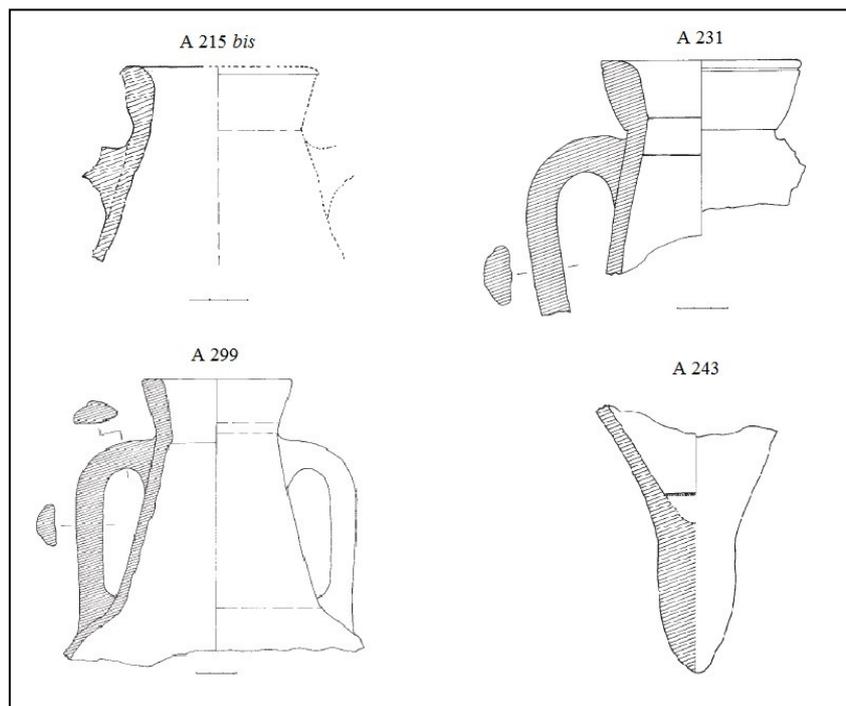


Fig.10 – Bordos e bico fundeiro de Africana IID ou Africana IIIA (variantes mais antigas) recuperados em 1972. (Dell'Amico, Faccena e Pallarés 2001-2002)

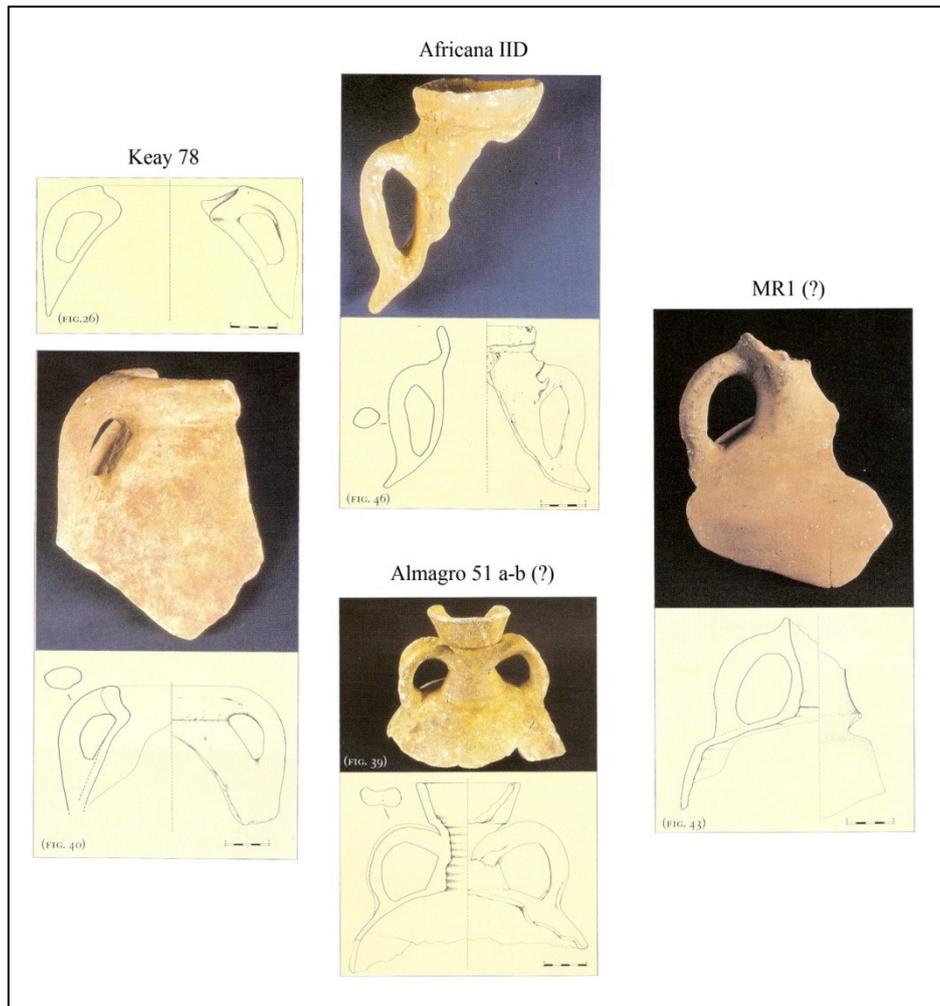


Fig. 11 – Ânforas Keay 78, Africana IID, Almagro 51 a-b (?) e MR1 (?) recuperadas do Sítio A de Gonnese - prospecção 1997-1999. (Salvi e Sanna, 2000)

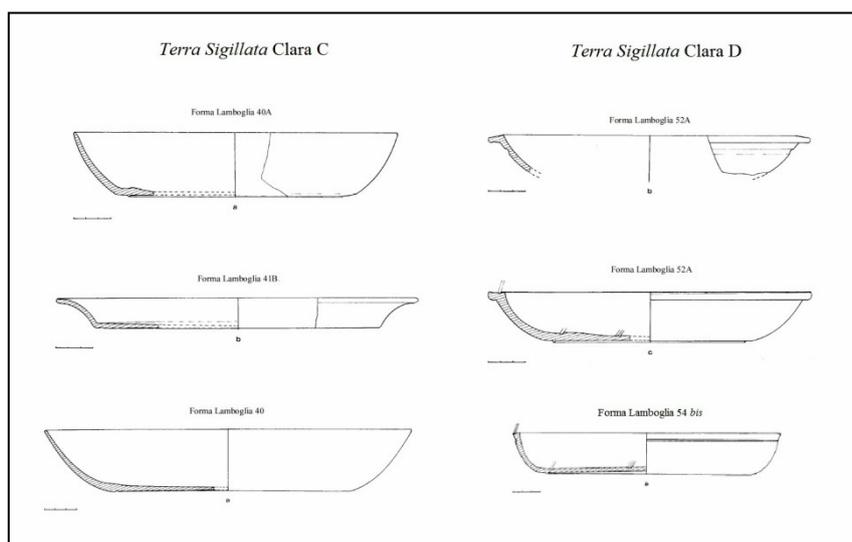


Fig.12 –Terra Sigillata Clara recuperadas de Fontanamare A em 1972 (Dell’Amico, Faccena e Pallarés 2001-2002, 52-70)

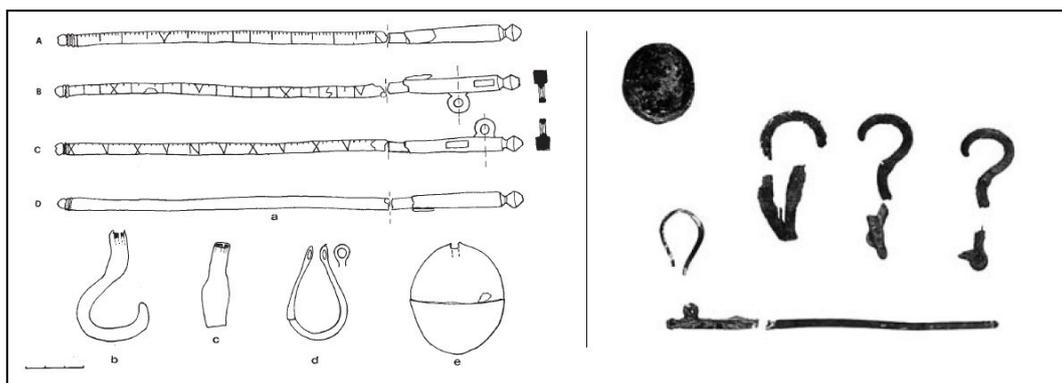


Fig.13 – Elementos de balança em bronze recuperada em 1972. (Dell’Amico, Faccena e Pallarés 2001-2002, fig.16 e 19)

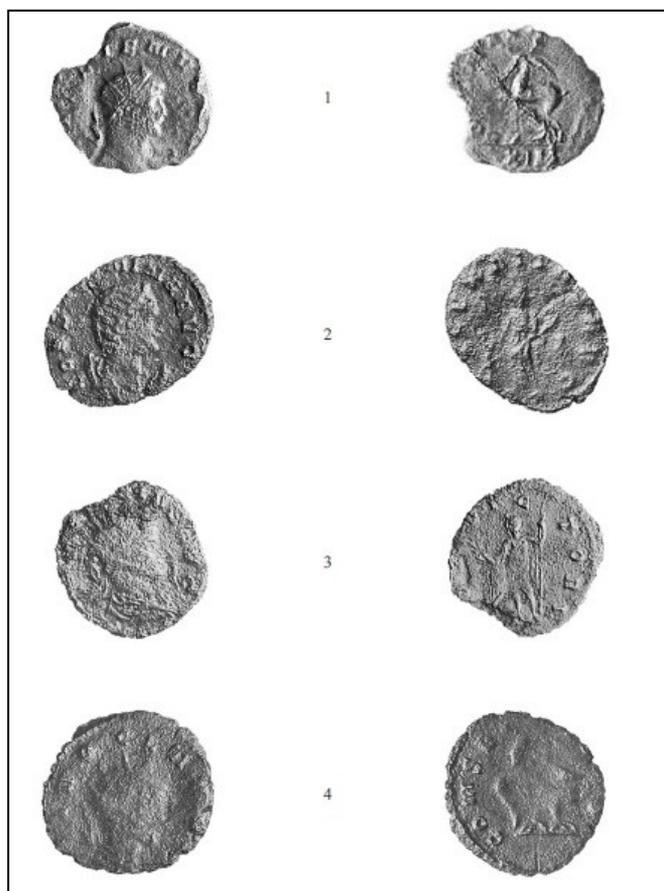


Fig.14 – Moedas do conjunto monetário recuperado em 1972. 1 – Galiano, Antoniano, casa da moeda de Roma (267-268 d.C.); 2- Galiano por Salonina, Antoniano, casa da moeda de Roma (266 d.C.); 3- Cláudio II O Gótico, Antoniano, casa da moeda de Roma (269 d.C.) e 4- Quintílio por Cláudio II divinizado, Antoniniano, casa da moeda de Roma (*post* 270 d.C.) (Faccena e Pallarés 2001-2002)

<b>Designação</b>	<b>Ardenza A</b>	Parker 51	<b>49</b>
<b>Tipo de Sítio</b>	Naufrágio	<b>Cronologia</b>	
		Segundo e terceiro quartel do séc. I d.C.	
<b>Localização</b>	Livorno	<b>País</b>	
		Itália	
<b>Descrição e Trabalhos</b>	<p>O sítio foi descoberto em 1970 por pescadores subaquáticos e as ânforas recuperadas, nas diversas ocasiões, encontram-se depositadas nos depósitos municipais de Bottini dell’Olio, em Livorno. O sítio arqueológico localização a cerca de 600m da linha de costa, entre os 9 e os 12m de profundidade. Em 1974, sob a direcção de Nino Lamboglia é realizada uma primeira intervenção arqueológica no local, cuja avaliação revela um sítio bastante espoliado. Já em 1994, volta-se a relocalizar o naufrágio. Conservam-se um total de 185 peças recuperadas no sítio, especialmente ânforas inteiras e fragmentos de ânfora, assim como alguns <i>opercula</i> (8 exemplares); mas entre as quais, segundo Sergio Bargaglioti (2002), não se regista a existência de Dressel 14, nem de “cerâmica aretina”, conforme havia referido Nino Lamboglia em 1974. O sítio havia sido incluído nos naufrágios com ânforas de tipo lusitano por Carlos Fabião (1997).</p> <p>De entre o material conservado, contam-se as formas béticas Haltern 70 (83 frg. referentes a pelo menos 33 indivíduos), Beltrán IIA de três tamanhos distintos (65 frg. referentes a pelo menos 34 indivíduos), Dressel 12 (16 frg. referentes a pelo menos 9 indivíduos) e Dressel 7-11 (6 frg. referentes a pelo menos 5 indivíduos). (Bargaglioti, 2002, 233) O sítio foi datado entre o segundo e o terceiro quartel do séc. I d.C. (Bargaglioti, 2002, 238)</p> <p>Em 1970, aquando da recuperação dos primeiros contentores, foram identificados restos de conservas de peixe, constituídos por espinhas e vertebrae de peixe. No fundo de uma Beltrán IIA “grande” foi inclusivamente observada uma coluna vertebral, com cauda incluída, completa. Estes dados sugerem, que pelo menos as Beltrán IIA de dimensões maiores poderão ter transportado <i>salsamenta</i> e não necessariamente produtos líquidos, como o <i>garum</i>. (Bargaglioti, 2002, 236-237) Pena é que não tenham sido feitas análises com vista à identificação da espécie haliêutica.</p> <p>A carga do naufrágio encontra paralelo no sítio de Ventotene, Sítio 1 que poderá ter transportado igualmente formas enquadráveis nas produções denominadas “Lusitanas Antigas”.</p>		
<b>Espólio</b>	<p>Haltern 70, Beltrán IIA, Dressel 14, Dressel 7-11 e Lusitanas Antigas (?)</p> <p>Não nos foi possível rever os materiais do naufrágio. No entanto, e exclusivamente com base na informação e nos registos gráficos publicados, consideramos possível a existência de ânforas do tipo Dressel 14 lusitana, mais precisamente as formas mais antigas e precursoras da forma clássica, com forte inspiração nas Haltern 70, e incluídas genericamente nas formas ditas “Lusitanas Antigas”.</p>		
<b>Depósito</b>	Depósitos municipais de Bottini dell’Olio (Livorno)		
<b>Bibliografia</b>	Bargaglioti, 2011; Bargaglioti, 2002, 233-238.		

## Imagens

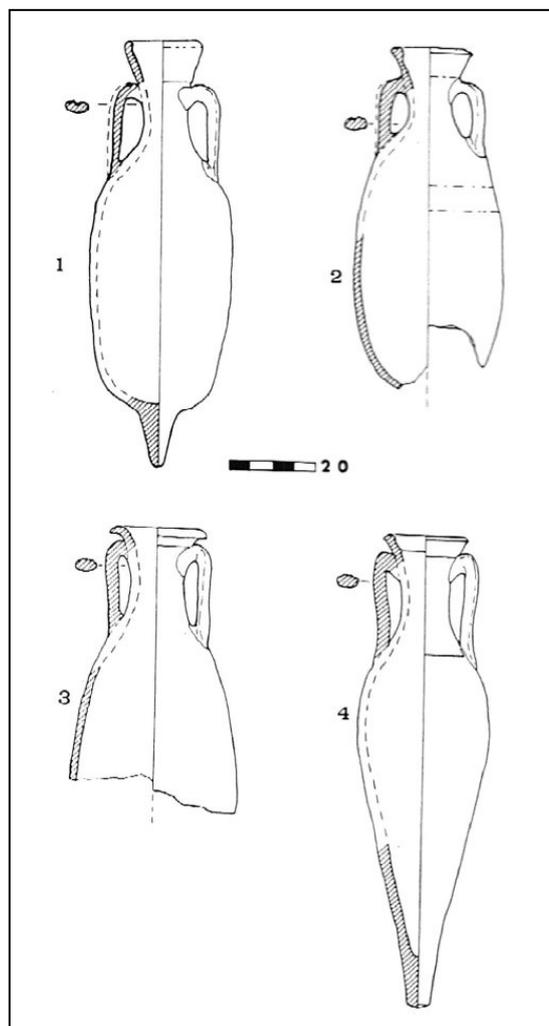


Fig.1 – Tipos anfóricos recuperados em Ardenza A: 1 – Haltern 70; 2 – Haltern70/Lusitana Antiga (?); 3 – Dressel 7-11, 4 – Dressel 12 (Bargaglioti, 2002, Tavola II)



Fig.2 – Restos de espinhas e vertebrae de peixe, recuperadas de dentro das Beltrán IIA “grande”. (Bargaglioti, 2002, fig.5)

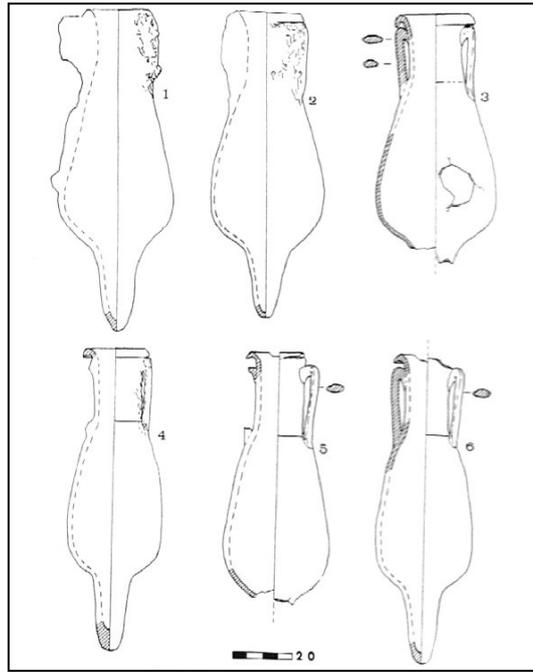


Fig.3 – Ânforas de tipo Beltrán IIA de tamanho grande e médio, recuperadas em Ardenza A. (Bargaglioti, 2002, Tavola III)

<b>Designação</b>	<b>Punta Ala A</b>	Parker 912	<b>50</b>
<b>Tipo de Sítio</b>	Naufrágio	<b>Cronologia</b>	
		Meados/segunda metade do século III d.C.	
<b>Localização</b>	Litoral da Toscana - Perto de Castiglione della Pescaia	<b>País</b>	
		Itália	
<b>Descrição e Trabalhos</b>	<p>O sítio de Punta Ala A localiza-se a apenas 2m de profundidade, tendo sido identificado em 1973, na sequência de dragagens realizadas no âmbito da construção de um porto de recreio. O naufrágio foi escavado em 1975, no entanto os materiais recuperados permaneceram praticamente inéditos até 2006 (Dell'Amico e Pallarés 2006).</p> <p>A carga permite datar o naufrágio em meados do século III d.C., cronologia corroborada por algumas moedas provenientes dos dois conjuntos monetários (duas bolsas) existentes a bordo. Duas das quais de Gordiano III, datáveis dos anos 241 d.C. e 244 d.C., e outras duas emissões de Alexandre Severo, uma de 228 d.C. e outra datada entre 230 e 235 d.C. (Dell'Amico e Pallarés 2006, 150 e 151) Também o selo (LCFSCVFM <i>retro</i>) identificado numa Dressel 20, pelos paralelos identificados em Roma e no <i>Monte Testaccio</i> indicam uma datação em torno aos anos 220-224 d.C. (Blázquez e Remesal, 2001, 221,255, 257 <i>apud</i> Dell'Amico e Pallarés 2006, 87)</p> <p>Os trabalhos arqueológicos revelaram vestígios da estrutura naval, que havia sido afectada pela draga. A localização do naufrágio, junto ao paredão do porto, e a identificação de estruturas pétreas (molhes) de épocas precedentes por debaixo das existentes nos anos 70, parece indicar que o navio naufragou dentro do um antigo porto existente em Punta Ala.</p> <p>Os autores identificaram os tipos lusitanos Almagro 51 a-b, Almagro 51C, Beltrán 72 e Keay XXIV A (?); Dressel 20 e Dressel 23 da Bética; e os tipos Norte-Africanos Africana II e Keay XXV. No entanto, consideramos, baseando-nos exclusivamente nas características formais perceptíveis nos registos gráficos, que a forma Almagro 51 a-b não se encontra presente. Essas peças apresentam características formais enquadráveis na tipologia Almagro 51c e pelo perfil de alguns bordos ponderamos igualmente a possível presença da Lusitana 3 (Dell'Amico e Pallarés 2006, 51, fig.5.3). Para além disso, a representação gráfica parece sugerir a existência de exemplares com as paredes externas estriadas, o que coloca algumas dessas peças formalmente mais próximas do tipo bético Beltrán 68 ou até da Dressel 30 de produção norte-africana. Da mesma maneira, alguns fundos troncocónicos longos sugerem essas duas ultimas possibilidades. (Dell'Amico e Pallarés 2006, 57, fig.11). Por outro lado, a impossibilidade de observação macroscópica das peças, deixa em aberto a possibilidade da existência do tipo Almagro 51C de produção sul-hispânica, não lusitana. A mesma incerteza, quando ao fabrico, se aplica aos exemplares de Beltrán 72 (Dell'Amico e Pallarés 2006, 61, fig.16 e 17). Relativamente ao tipo Keay XXIV A consideramos bastante inverosímil a sua origem lusitana, ainda que seja de notar a identificação desta forma, proposta por A.</p>		

Remola (2000, 168-169) como uma produção Tripolitana, também no sítio de Mandriola A. Bonifay (2004, 457) considera mais verosímil atribuir uma origem argelina a essa forma, conforme havia defendido Keay (1984,184)

Tendo em consideração a cronologia de início da produção e circulação da Dressel 23, que se considera nunca anterior ao fim do século III (Berni Millet e Moros Díaz, 2012,194), pensamos que os exemplares presentes no naufrágio poderão corresponder a Dressel 20 *parvae*.

De entre as ânforas Africanas II, representadas graficamente, é possível distinguir os tipos Africana IIC e Africana IID. Por outro lado, e mais uma vez unicamente baseados nos desenhos publicados, consideramos que a presença do tipo norte-africano Keay 25 é de difícil confirmação (Dell'Amico e Pallarés 2006, 77 fig.35 e 79 fig.37) sendo que ao estar presente ter-se-ia de tratar, necessariamente, das variantes mais antigas de Keay 25.1/Africana 3A.

São três os *tituli picti* identificados nos contentores anfóricos: um na base do colo de uma Africana IID – *albanum h?* – que parece estar relacionado com vinho; o segundo encontra-se numa parede de uma ânfora cilíndrica – *p(ondo) CL(IX ?)*; e o terceiro, de difícil leitura, encontra-se na base do colo de uma Almagro 51c – *Gra? Ou Germ ?*. (Dell'Amico e Pallarés 2006, 95, fig.51, 52 e 53).

Foram identificadas algumas tantas de cortiça, associadas quer aos contentores lusitanos Almagro 51c, quer às Africanas II. Por outro lado, as Dressel 20 possuíam *opercula* cerâmicos e cobertura de pozolana. (Dell'Amico e Pallarés 2006, 99)

A bordo seguiam ainda alguns *dolia*, contentores de fundo plano umbilicado, *terra sigillata* clara C (37 peças no total e todas da forma Lamboglia 40), cerâmica comum africana, cerâmica grezza de cozinha, cerâmica comum e metade de uma mó circular. No que concerne aos *dolia* foram recuperados centenas de fragmentos durante a dragagem, contrariamente aos poucos identificados *in situ* durante a escavação arqueológica. A análise realizada à resina de um dos *dolia*, em 1976, revelou um provável conteúdo vinícola, não sendo possível aos autores sugerirem qualquer hipótese da sua localização no seio da carga. (Dell'Amico e Pallarés 2006, 155 e 156) Os autores consideram que a *sigillata* faria parte das dotações de bordo, assim como a cerâmica de cozinha e comum.

No que concerne à estrutura naval, as poucas peças recuperadas do fundo marinho, não tendo recebido o tratamento de conservação necessário, encontram-se em condições muito débeis. No entanto, os registos feitos por R. Ferrandi, aquando da escavação de 1975, não isentos de algumas incertezas sobre o que é registo directo e interpretação do autor, permitiram conhecer razoavelmente a estrutura, conservada ao nível da poupa. Tendo em conta que, segundo os autores, se terá conservado 1/3 do comprimento original da embarcação, estaremos perante um navio com pelo menos 23m.

Foram, também, identificadas algumas concreções de ferro, pregos de “bronze”, *tubuli*, *tegullae* e tijolos (provavelmente relacionados com a cabine de embarcação),

pertencentes à estrutura do navio.

### **Espólio**

Ânforas: Almagro 51C (pelo menos 29 exemplares), Beltrán 72 (pelo menos 16 exemplares), Lusitana 3 (?), Dressel 20 (pelo menos 4 exemplares) e Dressel 23/Dressel 20 *parva* (pelo menos 3 exemplares), Africana IIC e IID (pelo menos 14 exemplares) e Keay XXV (pelo menos 3 exemplares), Beltrán 68 e/ou Dressel 30 (?)

Dois conjuntos monetários, *dolia*, contentores de fundo plano umbilicado, *terra sigillata* clara C (37 peças), cerâmica comum africana, cerâmica de cozinha, cerâmica comum e metade de uma mó circular.

Espólio revisto: Não nos foi possível aceder aos materiais para análise macroscópica. Ainda assim, as descrições e os desenhos publicados permitem-nos tecer algumas considerações relativas à classificação anfórica efectuada pelos autores, com uma maior precisão relativamente aos tipos associados aos fabricos lusitanos, conforme descrito anteriormente. Apesar das observações tecidas, parece-nos seguro considerar a presença de ânforas Almagro 51c de produção lusitana.

### **Depósito**

Soprintendenza Archeologica della Toscana.

Laboratório do Museo di Archeologia e Arte della Maremma di Grosseto.

### **Bibliografia**

Parker, 1992, 345; Dell'Amico e Pallarés, 2006.

### **Imagens**

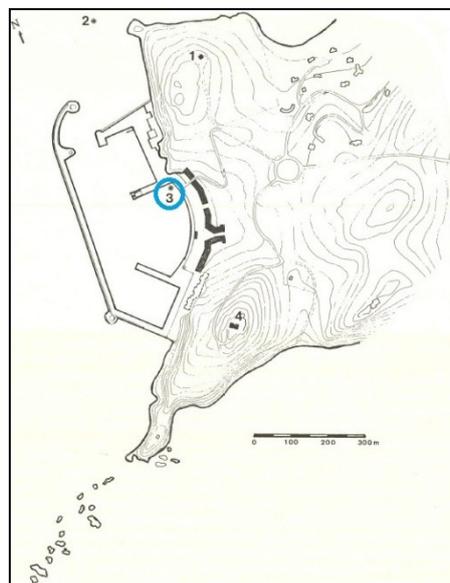


Fig.1 – Localização do naufrágio de Punta Ala A. N°3 a azul. (Dell'Amico e Pallarés, 2006, fig.4)



Fig.2 – Fotos dos trabalhos de escavação no sítio de Punta Ala A, em 1975 (Dell’Amico e Pallarés, 2006, fig.1 e 4)

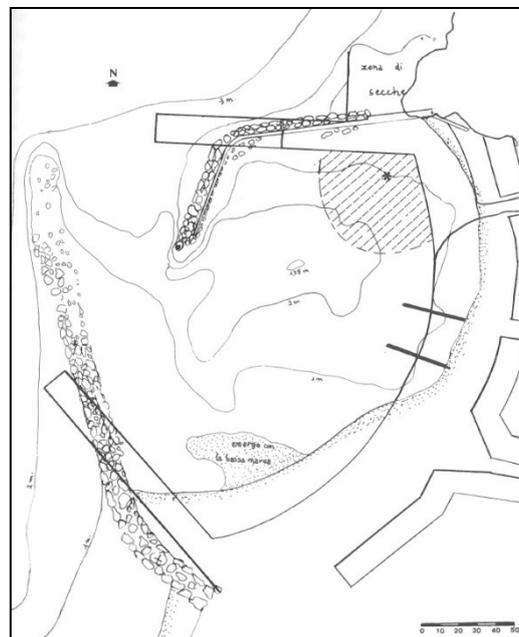


Fig.3 – Área do porto com identificação da área do naufrágio e das estruturas portuárias antigas identificadas. (Dell’Amico e Pallarés, 2006, fig.14)

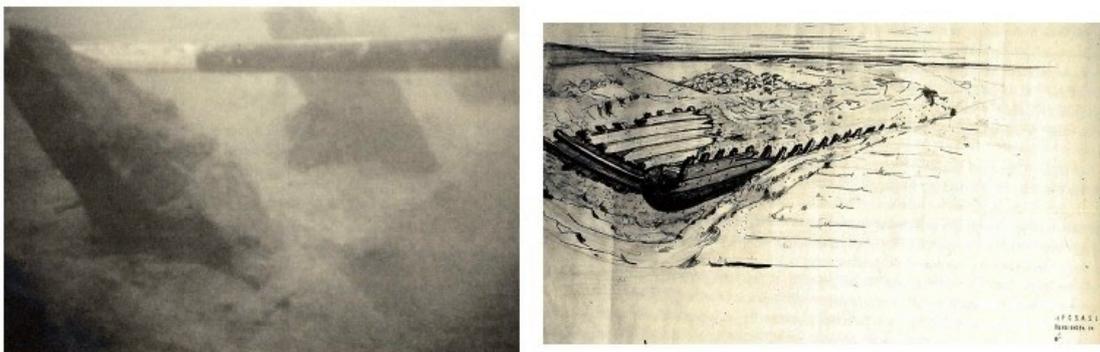


Fig.4 – Foto subaquática e croqui da estrutura naval. (Dell’Amico e Pallarés, 2006, fig.8 e 10)



Fig. 5 – Almagro 51c lusitana, fundo de Beltrán 72 e Almagro 51c/Dressel 30 (?) com tampa de cortiça (Dell’Amico e Pallarés, 2006, fig.18)



Fig. 6 – Parte superior de Almagro 51c lusitana, com tampa de cortiça. (Dell’Amico e Pallarés, 2006, fig.9)

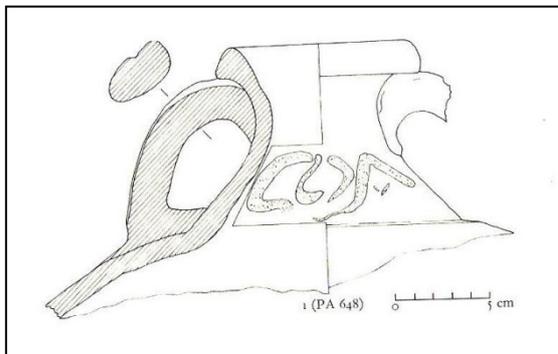


Fig.7 – Almagro 51c lusitana com *titulus Gra?* ou *Germ ?* (Dell’Amico e Pallarés, 2006, fig.7.1 e 53)

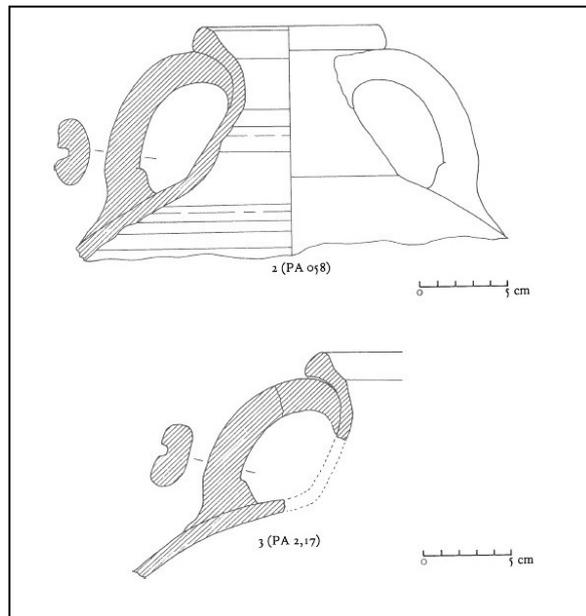


Fig.8 – Anforas Almagro 51c. (Dell’Amico e Pallarés, 2006, fig.7.2 e 7.3)

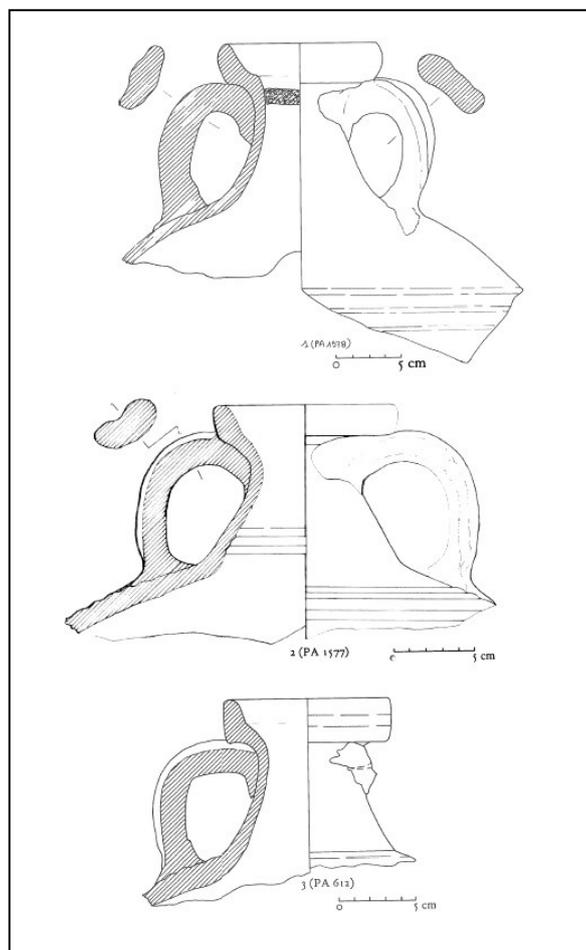


Fig.9 – Anforas Almagro 51c. (Dell’Amico e Pallarés, 2006, fig.5)

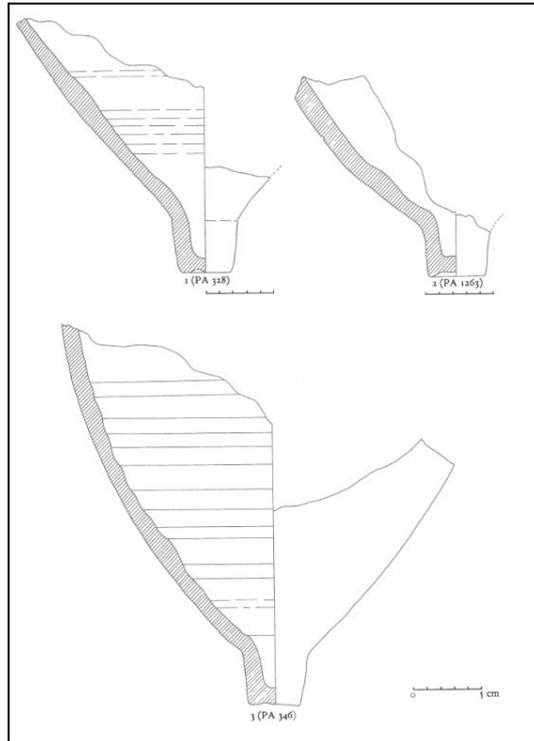


Fig.10– Fundos de ânforas Almagro 51c. (Dell’Amico e Pallarés, 2006, fig.13)

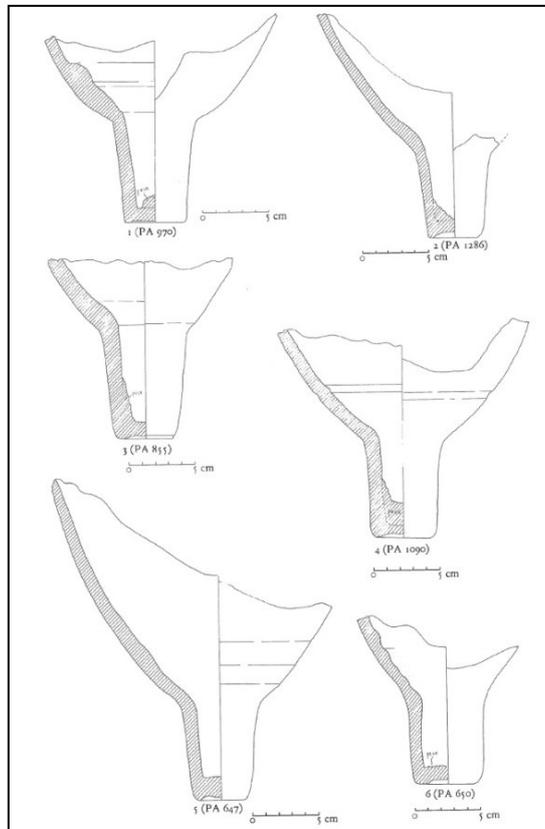


Fig.11– Fundos de ânforas Almagro 51c. (Dell’Amico e Pallarés, 2006, fig.11)

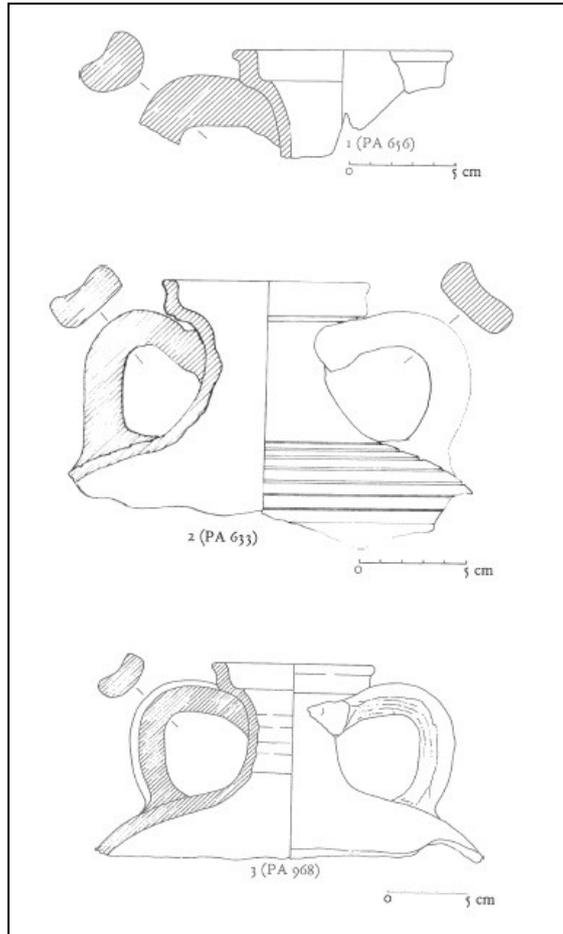


Fig.12–Ânforas Almagro 51c/Dressel 30 (?) (Dell’Amico e Pallarés, 2006, fig.11)

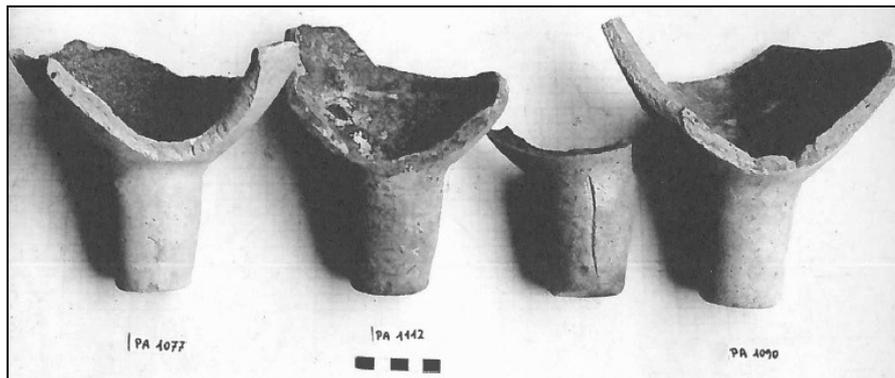


Fig.13–Fudos de Almagro 51C (Dell’Amico e Pallarés, 2006, fig.14)

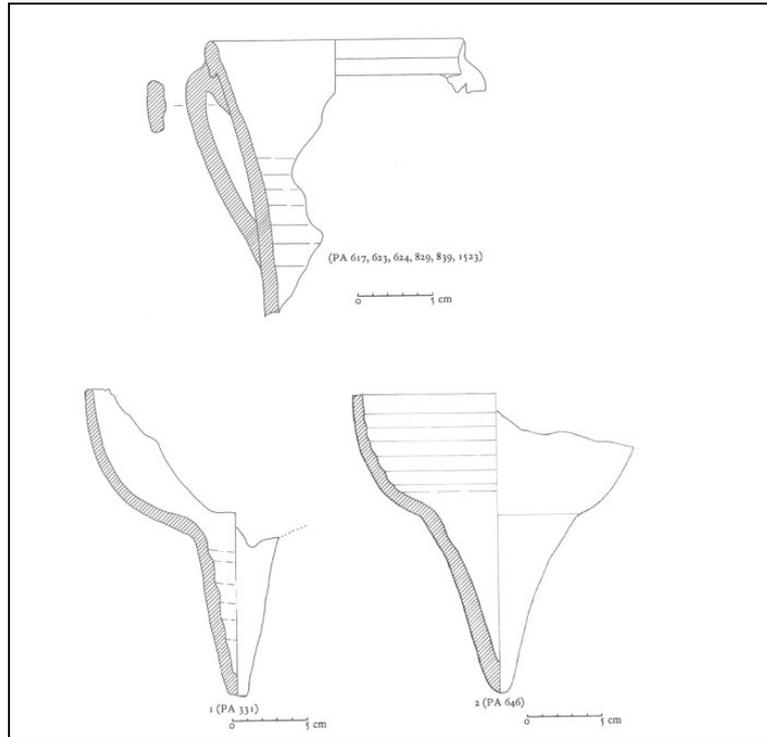


Fig.14– Ânforas Beltrán 72 (Dell’Amico e Pallarés, 2006, fig.16 e 17)

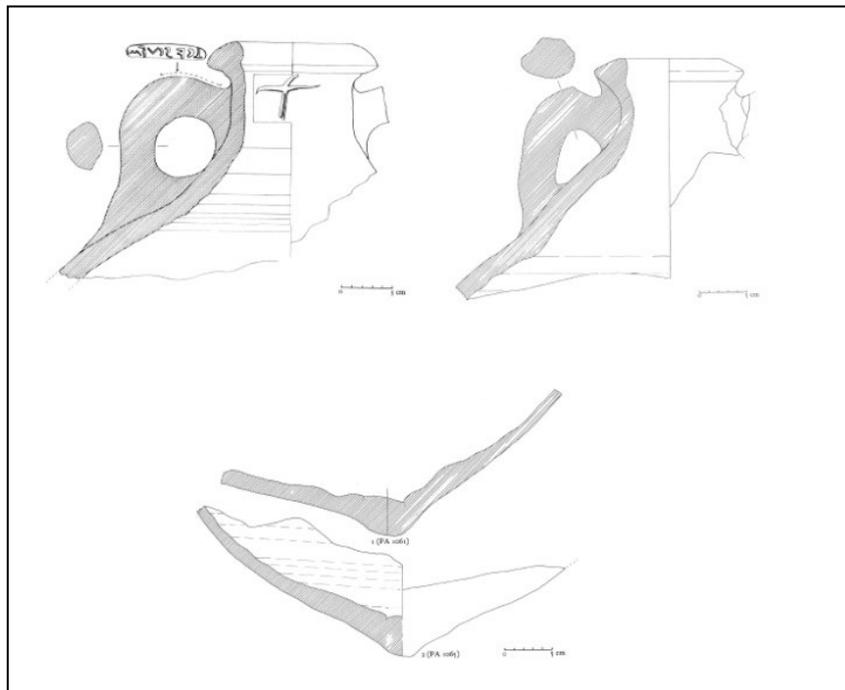


Fig.15– Ânforas Dressel 20 e Dressel 23/Dressel 20 *parva* (Dell’Amico e Pallarés, 2006, fig.21, 22 e 23)

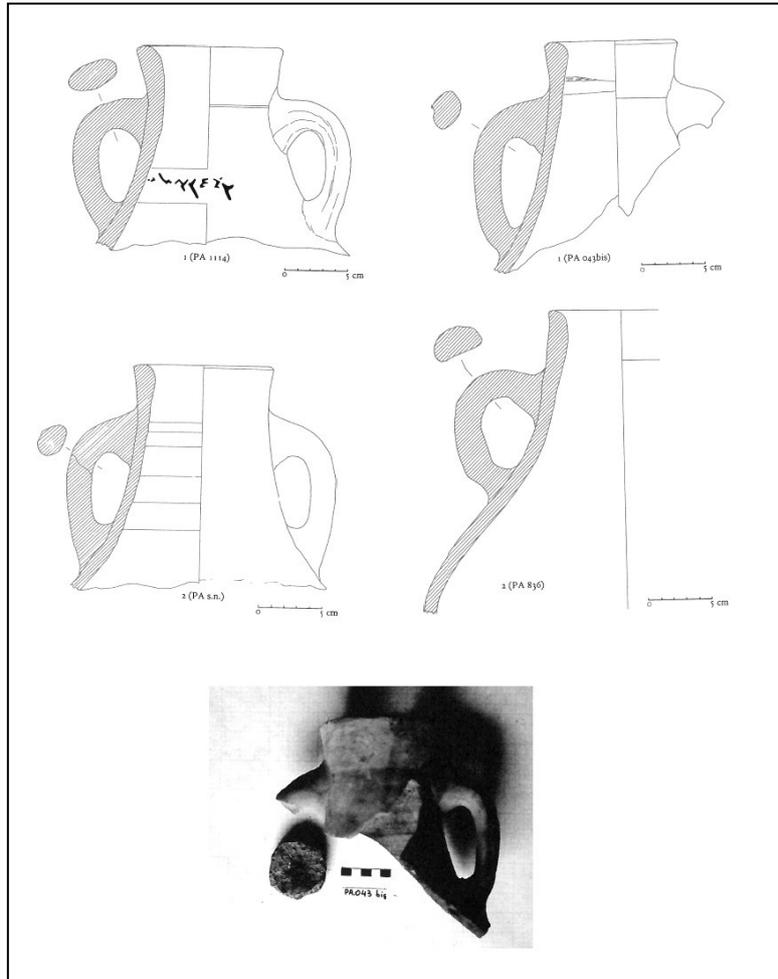


Fig.16– Ânforas Africanas IID (Dell’Amico e Pallarés, 2006, fig.31, 32 e 34)

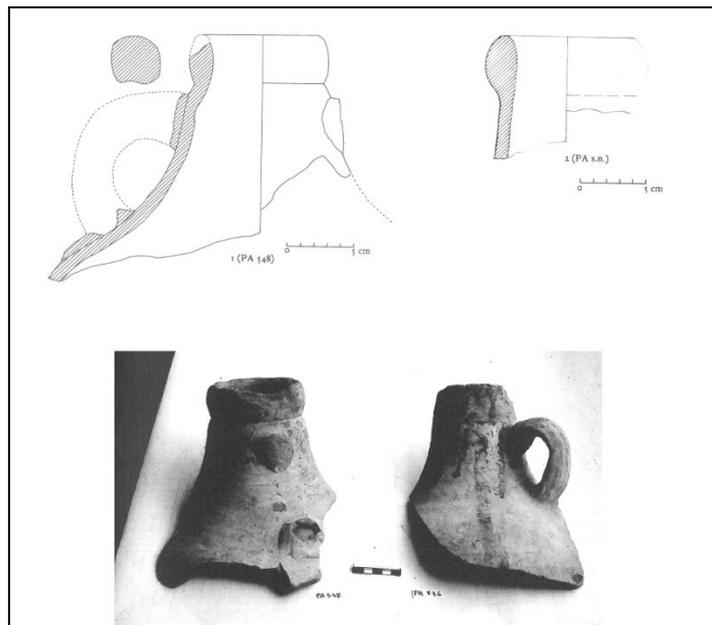


Fig.17– Ânforas Africanas IIC (Dell’Amico e Pallarés, 2006, fig.29 e 30)

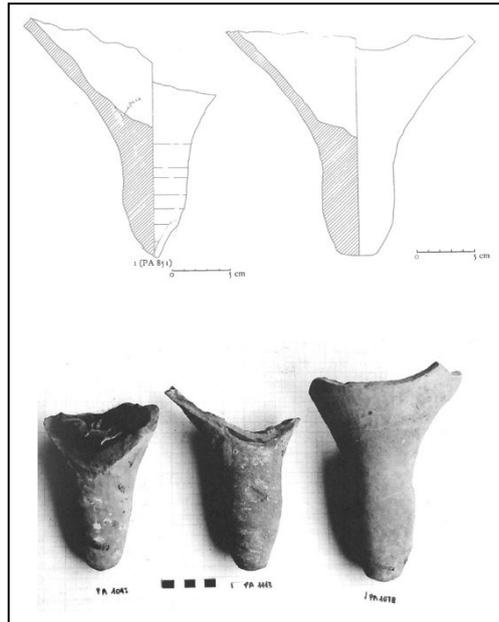


Fig.18– Bicos fundeiros de ânforas Africanas II. (Dell’Amico e Pallarés, 2006, fig.27 e 28)

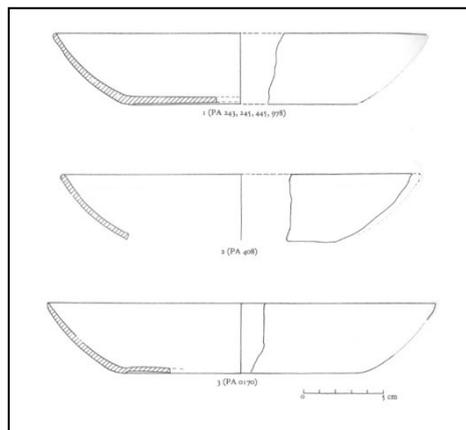


Fig.19– *Sigillata Clara C.* (Dell’Amico e Pallarés, 2006, fig. 58)

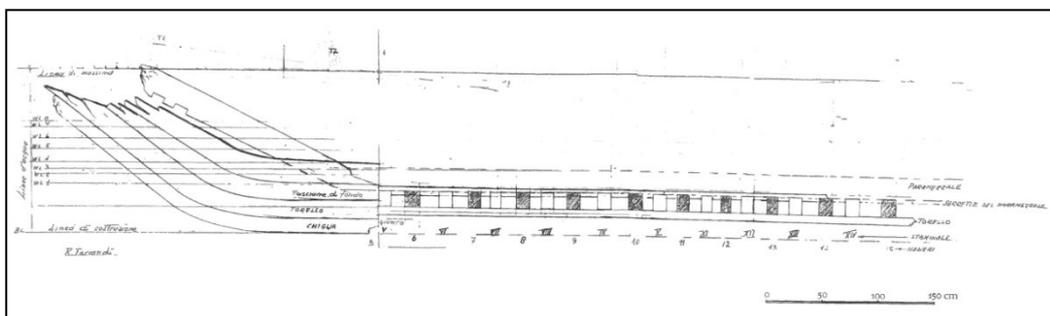


Fig.20– Secção longitudinal da estrutura naval elaborada por R. Ferrandi. (Dell’Amico e Pallarés, 2006, fig.13)

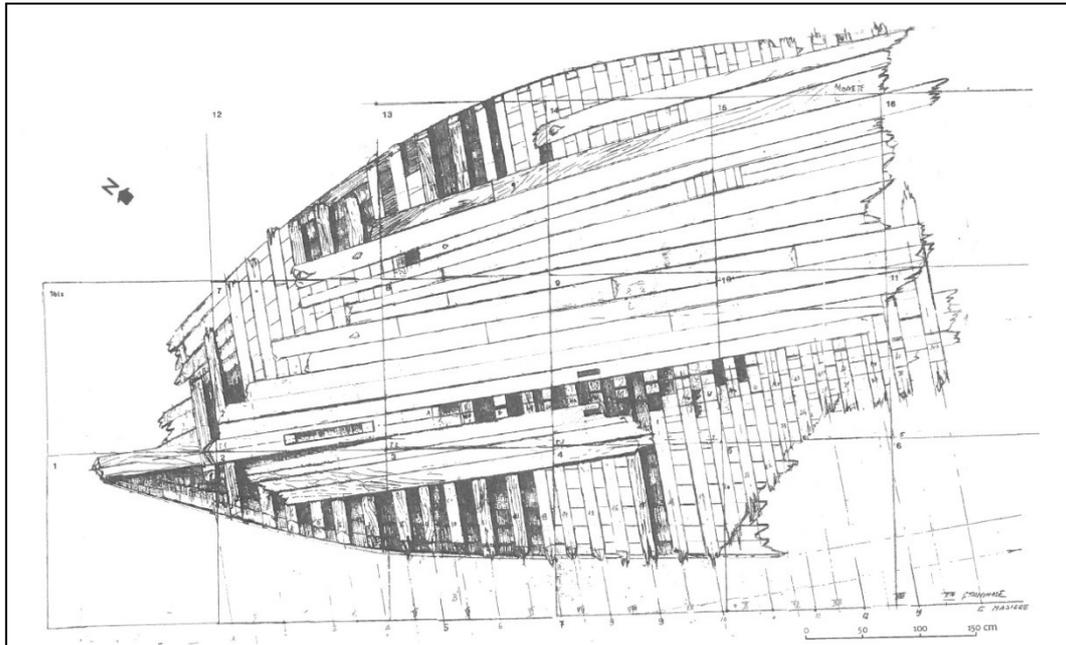


Fig.21– Planimetria da estrutura naval elaborada por R. Ferrandi. (Dell’Amico e Pallarés, 2006, fig.12)

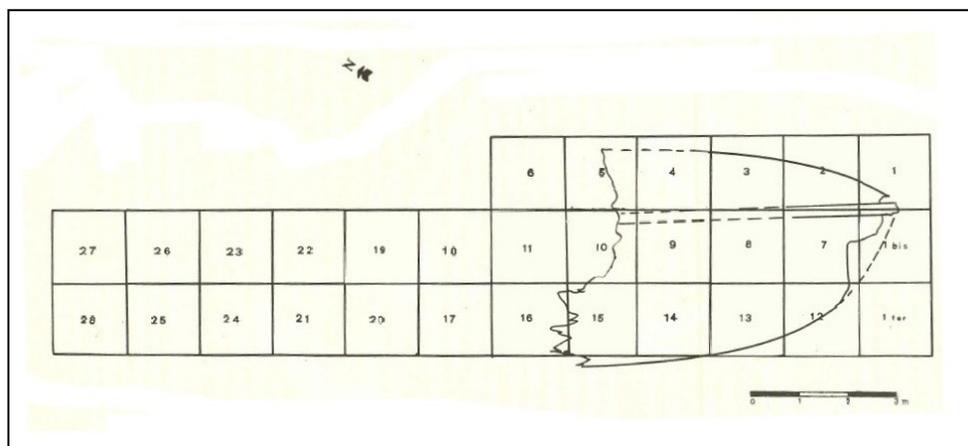


Fig.22– Planimetria da área arqueológica escavada com implantação da estrutura naval conservada. (Dell’Amico e Pallarés, 2006, fig.15)

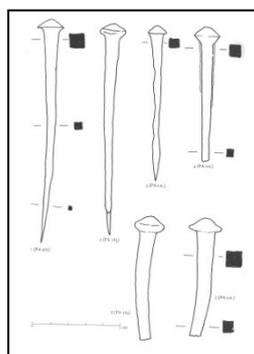


Fig.23 – Pregos de bronze de fixação do forro externo às cavernas. (Dell’Amico e Pallarés, 2006, fig.3)

<b>Designação</b>	<b>Macchia Tonda</b>	Parker 613	<b>51</b>
<b>Tipo de Sítio</b>	Possível Naufrágio	<b>Cronologia</b>	
		Segunda metade do séc. I d.C.	
<b>Localização</b>	Lázio – Sul da Baía de Santa Severa	<b>País</b>	
		Itália	
<b>Descrição e Trabalhos</b>	<p>O local, ao largo do pequeno promontório de Macchia Tonda que fecha a sul o golfo de Santa Severa, era conhecido pela recolha de ânforas por parte dos pescadores, provavelmente relacionadas com a existência de um naufrágio localizado a 10-12m de profundidade.</p> <p>Entre os materiais recuperados do sítio encontram-se exemplares de ânforas dos tipos Gaulesa 4, Dressel 14 e uma ânfora de fundo plano, associável a uma provável produção africana ou hispânica.</p> <p>Na mesma zona foi recuperado um cepo de âncora em chumbo.</p>		
<b>Espólio</b>	<p>Ânforas dos tipos Gaulesas 4, Dressel 14 e uma ânfora de fundo plano.</p> <p>Um cepo de âncora em chumbo</p>		
<b>Depósito</b>	Colecções privadas.		
<b>Bibliografia</b>	Gianfrotta, 1982, 17; Parker, 1992, 248		
<b>Imagens</b>			

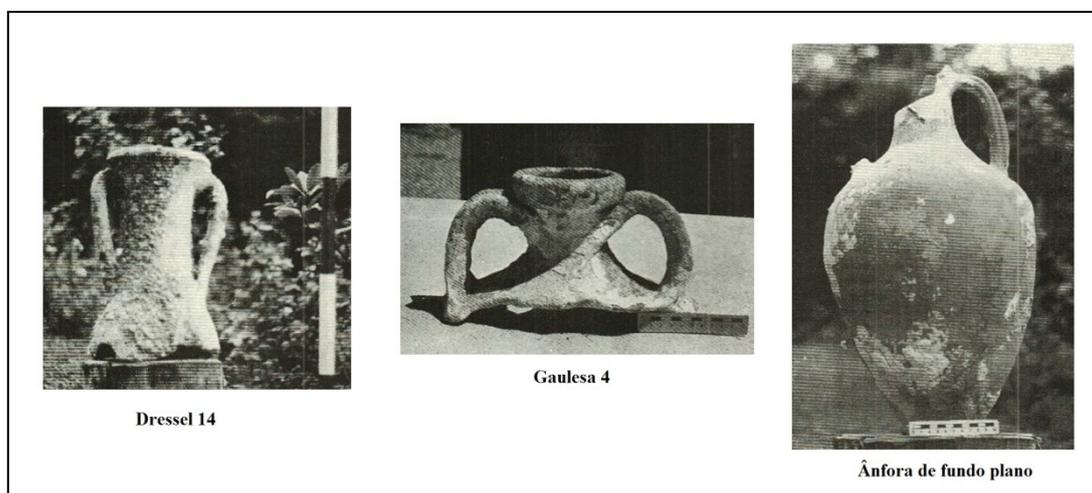


Fig. 1 – Ânforas recuperadas no presumível sítio de naufrágio de Macchia Tonda. (Gianfrotta, 1982, fig.14, 15 e 16)

<b>Designação</b>	<b>Ventotene, Sítio 1</b>	<b>52</b>
<b>Tipo de Sítio</b>	Naufrágio	<b>Cronologia</b>
		Segundo e terceiro quartel do séc. I d.C.
<b>Localização</b>	Ao largo da Ilha de Ventotene	<b>País</b>
		Itália
<b>Descrição e Trabalhos</b>	<p>O sítio foi identificado em 2009, na sequência dos trabalhos de prospecção a grande profundidade (mais de 100 metros) desenvolvidos no entorno da ilha de Ventotene pela empresa Aurora Trust em colaboração com a Soprintendenza dei Beni Archeologici del Lazio.</p> <p>O sítio arqueológico apresenta uma dimensão aproximada de 15 metros de comprimento por 5m de largura, e é composto por centenas de ânforas.</p> <p>Tratar-se-á de um naufrágio com uma carga de preparados de peixe proveniente da Península Ibérica. Das imagens disponíveis no site da Aurora Trust é possível identificar a existência de ânforas dos tipos Beltrán IIA, Dressel 14 e possivelmente Haltern 70 de produção do Guadalquivir ou da Lusitânia (ânforas da família Lusitanas Antigas).</p> <p>A carga do naufrágio encontra paralelo no sítio de Ardenza A (Livorno) que apesar da bibliografia mais recente indicar a ausência de forma Dressel 14 (Bargaglioti, 2002) poderá ter transportado igualmente formas enquadráveis nas produções denominadas “Lusitanas Antigas”.</p>	
<b>Espólio</b>	<p>Ânforas dos tipos Beltrán IIA, Dressel 14 e Haltern 70 ou Lusitana Antiga (?).</p> <p>As imagens observadas não permitem confirmar se as ânforas de tipo Dressel 14 corresponderão a fabricos lusitanos. No entanto, as características formais e a tonalidade das pastas, visível à superfície das ânforas, parecem apontar para uma origem lusitana.</p>	
<b>Depósito</b>	Desconhecido	
<b>Bibliografia</b>	<p>Aurora Ocean Exploration &amp; Education Trust 2009:  <a href="http://www.auroratrust.com/project/ventotene-italy">http://www.auroratrust.com/project/ventotene-italy</a>  Beni Culturali:  <a href="http://www.beniculturali.it/mibac/export/MiBAC/sito-MiBAC/Contenuti/Ministero/UfficioStampa/ComunicatiStampa/Temi/TUTTI/visualizza_asset.html_238327371.html">http://www.beniculturali.it/mibac/export/MiBAC/sito-MiBAC/Contenuti/Ministero/UfficioStampa/ComunicatiStampa/Temi/TUTTI/visualizza_asset.html_238327371.html</a></p>	
<b>Imagens</b>		



Fig. 1- Fotografia de ROV, na qual se podem observar ânforas do tipo Dressel 14. (Foto: Aurora Trust)



Fig. 2- Fotografia de ROV, na qual se pode observar em primeiro plano uma Dressel 14, e em segundo plano ânforas Beltrán IIA. (Foto: Aurora Trust)

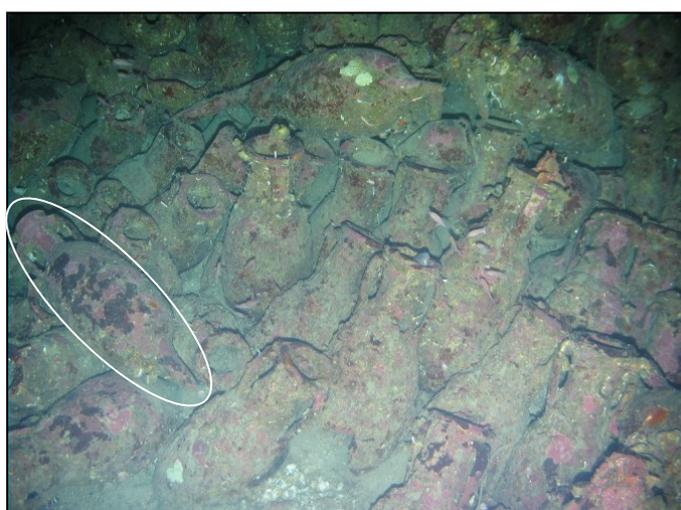


Fig. 3 - Fotografia de ROV, na qual se podem observar ânforas Beltrán IIA e uma ânfora de tipo distinto (Haltern 70 do Guadalquivir ou Lusitana Antiga ?) (Foto: Aurora Trust)

<b>Designação</b>	<b>Maratea C</b>	Parker 649	<b>53</b>
<b>Tipo de Sítio</b>	Provável naufrágio	<b>Cronologia</b>	
		Séc. III-IV d.C.	
<b>Localização</b>	Nas proximidades da ilha de Santo Ianni, a Sul de Maratea	<b>País</b>	
		Itália	
<b>Descrição e</b>	Ao que tudo indica, o sítio de naufrágio era constituído exclusivamente por ânforas do		
<b>Trabalhos</b>	tipo Almagro 50, à semelhança do caso de Randello.		
	No local foram também encontrados um jarro e um fragmento de colo de um outro contentor cerâmico.		
<b>Espólio</b>	Ânforas Almagro 50.		
<b>Depósito</b>	Desconhecido.		
<b>Bibliografia</b>	Parker, 1992, 259.		
	A obra “Archeologia subacquea a Maratea : catalogo della mostra” da autoria de Paola Bottini, Alice Freschi e Elio De Magistris, publicada em 1984, poderá conter informações sobre o sítio. No entanto, foi-nos impossível consultar a dita publicação para confirmar a existência ou não de alguma referência ao local.		

## **Imagens**

**Designação**      **Levanzo I**

54

**Tipo de Sítio**      Naufrágio

**Cronologia**

Segunda metade do séc. III a meados do IV d.C.

**Localização**      Ilha de Levanzo (Ilhas Egadi)

**País**

Ilha de Levanzo-Itália

**Descrição e Trabalhos**      O sítio localiza-se a cerca de 6km a norte da Ilha de Levanzo. Localizado a grande profundidade (94m), o naufrágio foi descoberto e sondado com recurso a ROV, entre 2005 e 2009, no âmbito de uma campanha de prospecção desenvolvida pela Soprintendenza del Mare e pela RPM Nautical Foundation. Os registos vídeo e fotográficos do local, feitos pelo ROV, revelam um sítio perturbado pela pesca de arrasto.

A dispersão de materiais estende-se por uma área de 20m de comprimento por 9m de largura, salientando-se duas áreas de concentração de materiais (ânforas e cerâmica) nas duas extremidades, entre as quais se encontra uma área de aparente vazio. Esta realidade levou os investigadores a sugerirem uma carga principal perecível, que estaria acondicionada no centro da embarcação, que poderia corresponder a cereais. Poderemos assim estar, segundo os autores, perante um naufrágio de um navio ligado ao abastecimento institucional (*annona*) de trigo proveniente das províncias norte-africanas que terá partido de Cartago com destinado a Roma.

A acompanhar a carga de cereais encontravam-se algumas ânforas, essencialmente de proveniência Norte-Africana (Africana I, Africana IIC e IID), a par de um conjunto de outros tipos anfóricos, entre os quais: Dressel 30, MRA1 (sicilianas ou africanas), Keay 52 (provavelmente sicilianas), Tejarillo 1, Almagro 51c, Knossos 18 (Adriática) e Àgora M236 (?) do Mediterrâneo oriental.

O exemplar de tipo Almagro 51c, à qual os autores têm dificuldade em associar uma origem precisa, é referenciado como podendo tratar-se de uma produção bética, lusitana ou mesmo de um fabrico de imitação norte-africano.

Para além das ânforas, registou-se a presença de alguma cerâmicas comum (foram recuperados 7 jarros e 1 prato), alguns aglomerados de concreções metálicas (tubos e barras) e *tubuli*. A área sudeste do sítio apresenta uma grande concentração de *tubuli*, que pelo número registado (mais de 100 exemplares) corresponderá provavelmente a parte da carga. Foram, ainda, recuperados alguns fragmentos de recipientes em vidro e vários pregos de cobre, provavelmente associados à estrutura naval. O registo tridimensional elaborado pelo ROV permitiu identificar vestígios de tábuas do navio com cerca de 1,5m de comprimento e 10-12cm de largura.

Da leitura da bibliografia e da interpretação das fotografias publicadas, concluímos a identificação e recuperação dos seguintes tipos anfóricos:

1 Africana IID (SI06AA-0018); 1 Africana IIC (SI06AA -0021); 2 Africanas I (SI06AA-0019 e 0020); 2 Tejarillo 1 (SI06AA-0014 e 0017); 1 Dressel 30 (SI06AA-0009); 1

Almagro 51c (SI06AA-0037) ; 3 Mid Roman 1 africanas ou sicilianas (SA06AA-0012, 0013 e 0040); 1 Keay 52 (SI06AA-0023); 1 Knossos 18 (SI06AA-0052) e 1 Àgora M236 (?) (SI06AA-0035).

#### Espólio

Carga principal provavelmente perecível (trigo) ?

Ânforas: 1 Africana IID, 1 Africana IIC; 2 Africanas I; 2 Tejarillo 1; 1 Dressel 30; 1 Almagro 51c; 3 Mid Roman 1 africanas ou sicilianas; 1 Keay 52; 1 Knossos 18 e 1 Àgora M236 (?).

Cerâmicas de mesa e comuns, alguns aglomerados de concreções ferrosas e *tubuli* (mais de 100 exemplares).

#### Depósito

Soprintendenza del Mare

#### Bibliografia

Royal e Tusa, 2012, 26–55; Oliveri e Zangara, 2014, 1035-1047.

#### Imagens

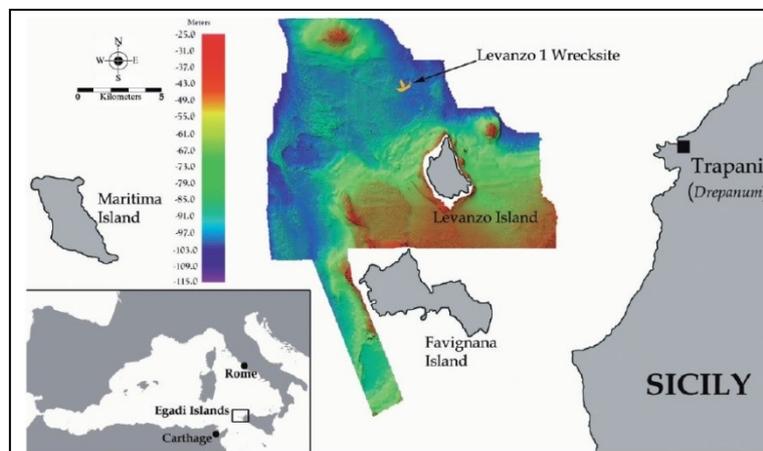


Fig.1 – Localização do naufrágio de Levanzo I. (Royal e Tusa, 2012, fig.1)



Fig.2 – Área de concentração de *tubuli* na zona sudeste do sítio. (Royal e Tusa, 2012, fig.3)

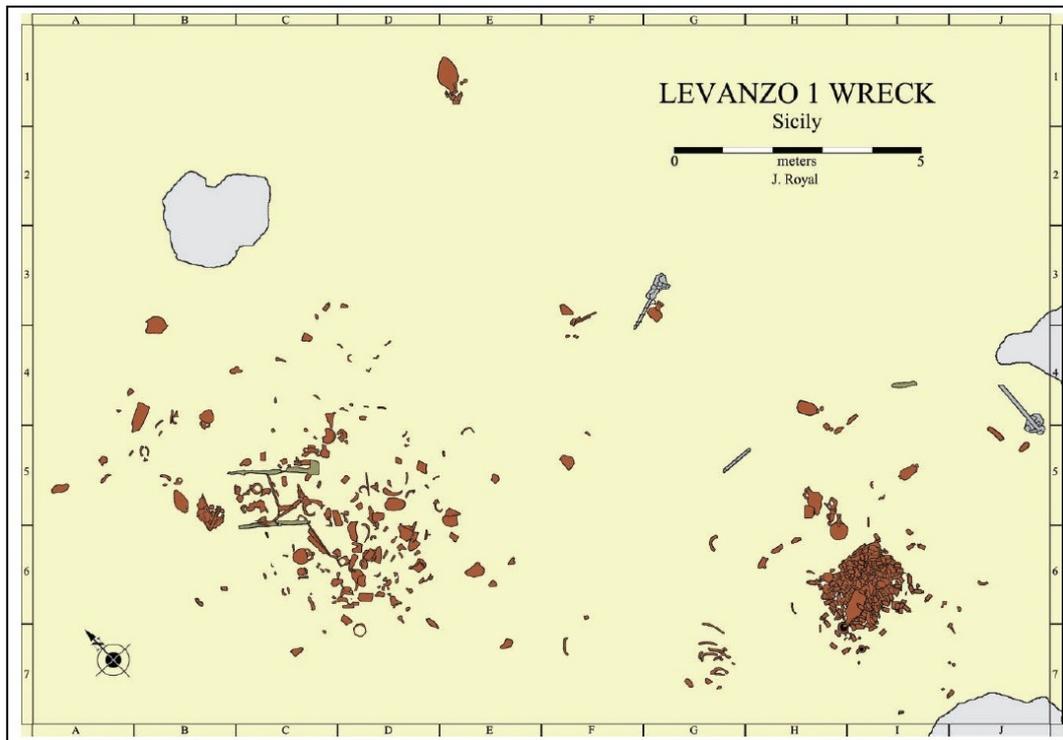


Fig.3 – Planimetria do sítio de naufrágio de Levanzo I. (Royal e Tusa, 2012, fig.2)



Fig.4 – Ânforas Africana I e II recuperadas do sítio de Levanzo I. (Royal e Tusa, 2012, fig.10)



Fig.5 – Ânforas recuperadas do sítio de Levanzo I. (Royal e Tusa, 2012, fig.9)



Fig.6 – Cerâmica comum recuperadas do sítio de Levanzo I. (Royal e Tusa, 2012, fig.11)



Fig.7 – Tubuli recuperados do sítio de Levanzo I. (Royal e Tusa, 2012, fig.12)

<b>Designação</b>	<b>Marausa</b>	<b>55</b>
<b>Tipo de Sítio</b>	Naufrágio	<b>Cronologia</b> Meados do III d.C. – Inícios/primeira metade do IV d.C.
<b>Localização</b>	Entre Trapani e Marsala, defronte às Ilhas de Egadi	<b>País</b> Itália-Sicília
<b>Descrição e Trabalhos</b>	<p>O sítio foi descoberto em 1999 por membros do Archeoclub de Trapani, a cerca de 2,5m de profundidade e 150m da costa. Trata-se de um local de naufrágio com uma estrutura naval bem conservada, protegida por uma camada de lodo e posidónia.</p> <p>Em 2000 foi desenvolvida a primeira campanha subaquática no sítio, bastante limitada em termos de espaço, tendo sido escavada uma pequena linha perpendicular ao eixo principal da embarcação. Estes trabalhos permitiram compreender que se trata de uma nave onoraria, que segundo as hipóteses reconstrutivas terá um comprimento de cerca de 30m por 10m de largura.</p> <p>Entre 2010 e 2011 desenvolveram-se novos trabalhos de escavação que tiveram como objectivo a recuperação da estrutura naval. Esta foi conservada e restaurada pela sociedade Legni e Segni della Memoria di Giovanni Gallo, do Museo archeologico di Marsala. E desde 2015 a estrutura encontra-se no Museo archeologico Baglio Anselmi, em Marsala. No entanto, até à data ainda não foi publicado nenhum estudo específico sobre a estrutura naval, conhecendo-se apenas notas breves, publicadas em 2005 por Sebastiano Tusa (Tusa, 2005,133-136), e algumas informações publicadas na comunicação social na sequência da recuperação das peças de madeira.</p> <p>Supõe-se que a carga tenha sido recuperada à época do naufrágio, tendo em consideração a pouca profundidade, a proximidade à costa, a pouca quantidade de materiais conservada no fundo e o respectivo nível de fragmentação.</p> <p>A carga seria constituída essencialmente por contentores cilíndricos norte-africanos, alguns dos quais atribuíveis ao centro produtor de Nabeul, estando presentes os tipos Africana IIC, Africana IID, Keay 25 e possivelmente Dressel 30. Algumas possuíam um revestimento de pez o que as tornaria aptas para o transporte de vinho ou de preparados de peixe. Foi também recuperado um bordo enquadrável no tipo Beltrán 72 de possível proveniência lusitana, segundo os autores. Atribuíveis às dotações de bordo são algumas cerâmicas, de entre as quais: peças de cerâmica africana de cozinha, alguns fragmentos de cerâmica de Pantelleria, <i>sigillata</i> clara A e D, dois fragmentos de lucernas e <i>tubuli</i> de produção africana.</p> <p>A datação do naufrágio é apontada com base na carga anfórica recuperada e das análises carbono 14 feitas à madeira, e centra-se entre os meados do século III e os inícios do IV d.C.</p>	
<b>Espólio</b>	<p>Ânforas cilíndricas africanas: Africana IIC, IID e Keay 25 (carga maioritária). Dressel 30 (?) e Beltrán 72 lusitana (?) Dotações de bordo: peças de cerâmica africana de cozinha, alguns fragmentos de</p>	

cerâmica de Pantelleria, *sigillata* clara A e D, dois fragmentos de lucernas e *tubuli* de produção africana.

**Depósito** Museo archeologico Baglio Anselmi (Marsala)

**Bibliografia** Tusa, Ampola e Lentini, 2004, 151-170; Tusa, 2005, 133-136; Oliveri e Testa, no prelo.

Notícias de imprensa:

<http://www.alqamah.it/2015/12/17/marsala-arriva-la-nave-romana-dopo-un-lungo-restauro-venerdi-la-presentazione-al-museo-archeologico/>

<http://libreriainternazionaleilmare.blogspot.pt/2014/10/il-relitto-di-marausa-e-restaurato-ora.html>

### Imagens

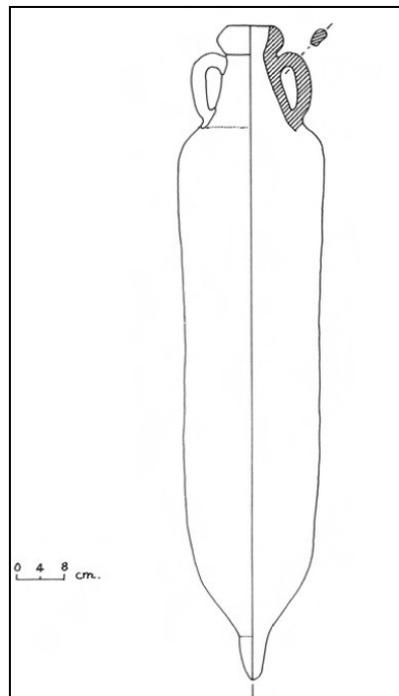


Fig.1 – Africana IIC (Tusa, 2005)



Fig.2 – Africana IIC (Tusa, 2005)

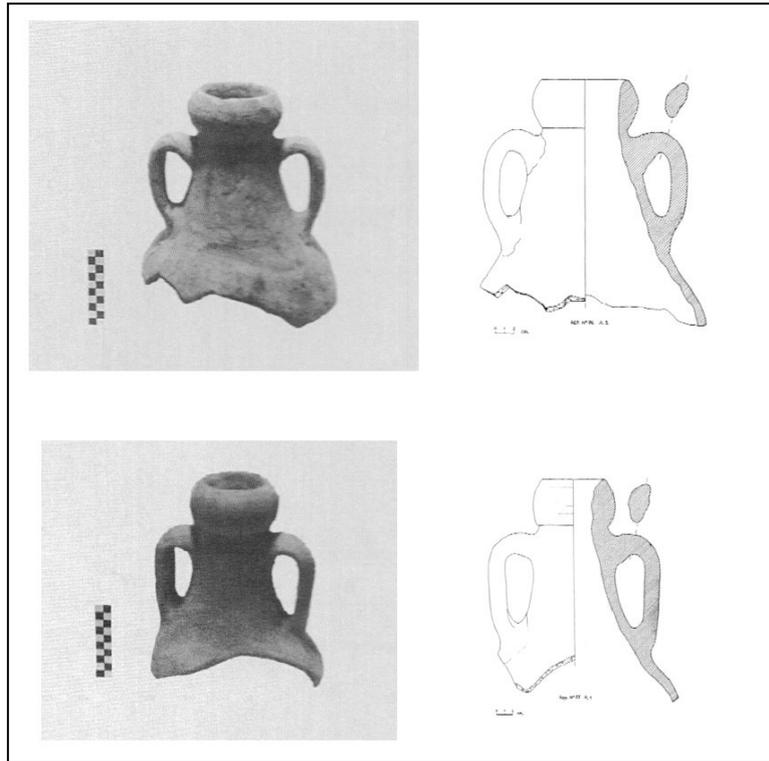


Fig.3 – Ânforas Africanas IIC. (Tusa, Ampola e Lentini, 2004, fig.10 e 11)

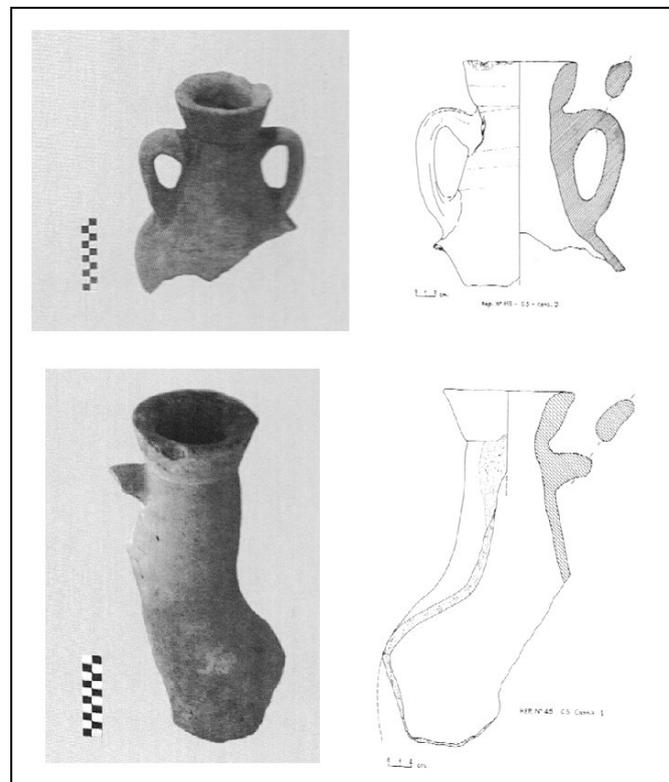


Fig.4 – Ânforas Keay 25. (Tusa, Ampola e Lentini, 2004, fig.14 e 15)

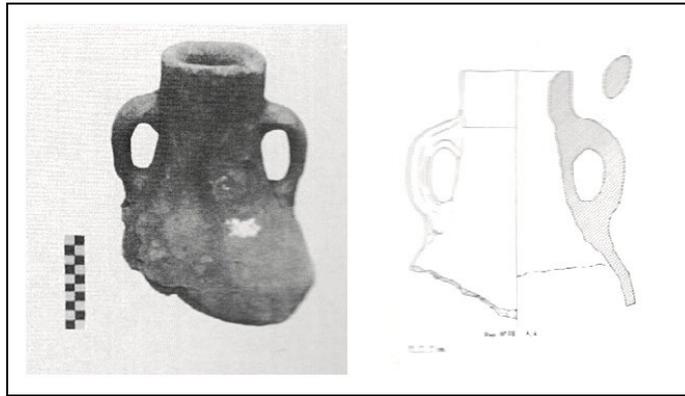


Fig.5 – Ânforas Africanas IID. (Tusa, Ampola e Lentini, 2004, fig.12)

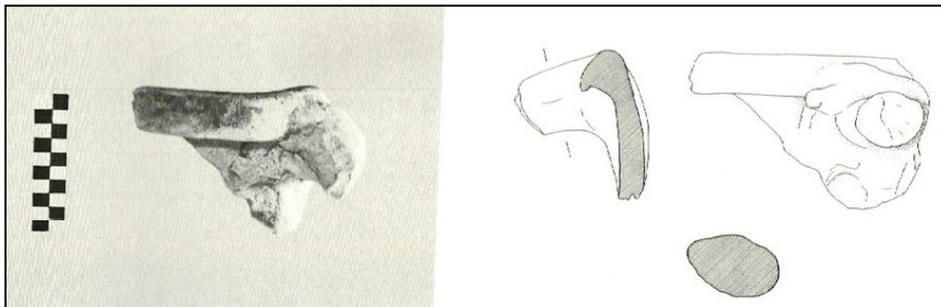


Fig.6 – Ânfora Beltrán 72. (Tusa, Ampola e Lentini, 2004, fig.16)



Fig.7 – Ânforas Africanas do naufrágio de Marausa. (Foto: Soprintendenza del Mare – Sicília)



Fig.8 – Estrutura naval do naufrágio de Marausa *in situ*. (Foto: Soprintendenza del Mare – Sicília)



Fig.9 – Estrutura naval do naufrágio de Marausa *in situ*. (Foto: Soprintendenza del Mare – Sicília)



Fig. 10 – Processo de recuperação das peças e preparação para conservação. (Foto: Soprintendenza del Mare – Sicília)



Fig. 11 – Peças da estrutura naval recuperadas no depósito. (Foto: Soprintendenza del Mare – Sicília)

<b>Designação</b>	<b>Femina Morta</b>	Parker 398	<b>56</b>
<b>Tipo de Sítio</b>	Naufrágio	<b>Cronologia</b>	
		Pleno séc. IV d.C.	
<b>Localização</b>	Entre Punta Braccetto e Punta Secca (Ragusa, Agrigento)	<b>País</b>	
		Itália-Sicília	
<b>Descrição e Trabalhos</b>	<p>O local do naufrágio localiza-se a 3/4m de profundidade, perto da costa rochosa. O sítio foi parcialmente escavado, em Agosto de 1974, por uma equipa da Universidade de Bristol que recuperou uma amostra representativa do material, sob a supervisão da Soprintendenza. Os vestígios da carga encontravam-se dispersos numa área de aproximadamente 250m<sup>2</sup>. A área foi registada com um sistema de quadrícula de 10m por 10m.</p> <p>A maioria das ânforas identificadas provinha das províncias Norte-Africanas, a maior percentagem pertencia ao tipo Africana IIB-D (75%), das quais se conservavam vestígios do revestimento de pez e tampas de cortiça, não se registando a existência de ânforas inteiras. Foram também identificadas outras seis variantes de contentores cilíndricos africanos. Algumas ânforas de tipo Almagro 51c e fragmentos de Dressel 23 (variante Tejarillo 1) foram também recuperados (Parker, 1992, 177). Segundo Tortorella, 1981 e Bonifay e Tchernia, 2012, existiria a bordo também a forma Ostia IV/Keay 25.</p> <p>Da organização da carga, os autores sugerem que as Almagro 51c e Dressel 23 foram embarcadas previamente às Africanas IID, que se encontravam mais à superfície do sítio arqueológico.</p> <p>Da carga fariam ainda parte pratos e taças de sigillata clara C e D, especialmente formas datadas dos inícios do século IV – Hayes 14A, 44, 32/58 e 58B (Tortorella, 1981, 374) e Hayes 42, pratos Hayes 61, 67 e 58A, taças Hayes 9b, Hayes 51d e Hayes 44 (Di Stefano, 2014, 16) o que faz estender a cronologia do naufrágio até ao último quarto do século IV.</p> <p>Algumas peças de cerâmica comum e/ou de cozinha, tegulae, tijolos e <i>tubuli</i> foram também identificados, que poderiam ter feito parte do equipamento do navio, quem sabe de uma pequena cabine.</p> <p>Conservavam-se algumas peças de estrutura do navio, entre as quais a quilha, tábuas do casco, cavernas/ordenadas, cavilhas de bronze e vestígios do revestimento de chumbo do forro externo.</p> <p>Da análise feita à representação gráfica publicada por Parker em 1976-77, concluímos a existência dos seguintes tipos anfóricos: Africanas IID, IIB e IIC, Africana III/Keay 25, Almagro 51c, Dressel 23/Tejarillo 1. Surgem ainda representações de outros dois tipos anfóricos, com características formais atribuíveis aos tipos LRA1 e LRA2 (Fig.7) Ainda que uma das ânforas poderá corresponder não a uma LRA1 mas a uma MRA1 ou Keay 52, o que se poderia ajustar cronologicamente à datação do naufrágio, principalmente se se tratar de uma produção siciliana, à semelhança do que ocorre no naufrágio de Levanzo I, onde as MRA1 e as Keay 52 também estão presentes.</p>		

**Espólio** Africanas IID (75%), Africanas IIB, Africanas IIC, Africana III/Keay 25, Dressel 23/Tejarillo 1, Almagro 51c lusitanas, outros tipos anfóricos (LRA1, MRA1 ou Keay 52?; e LRA2) e *Terra Sigillata* Clara C e D.

Não nos foi possível observar os materiais, mas através do catálogo do Museo Regionale di Camarina, publicado em 2014, aquando de uma exposição sobre os naufrágios de Femina Morte e Randello, sabemos que foram expostos no museu: 9 Africanas IID, 2 Africanas IIB, 1 Africana IIC, 6 Dressel 23, algumas fibulas de bronze e peças de sigillata clara D.

A descrição da pasta dos fragmentos de Almagro 51c (pelo menos 2 exemplares) parecem indicar uma proveniência lusitana para os exemplares. (Parker, 1976-77, 627)

**Depósito** Museo Regionale di Camarina.

**Bibliografia** Parker, 1975, 385; Parker, 1976-77, 622-631; Tortorella, 1981; Parker, 1992, 268; Bonifay e Tchernia, 2012; Jacobsen e Di Stefano, 2014.

**Imagens**

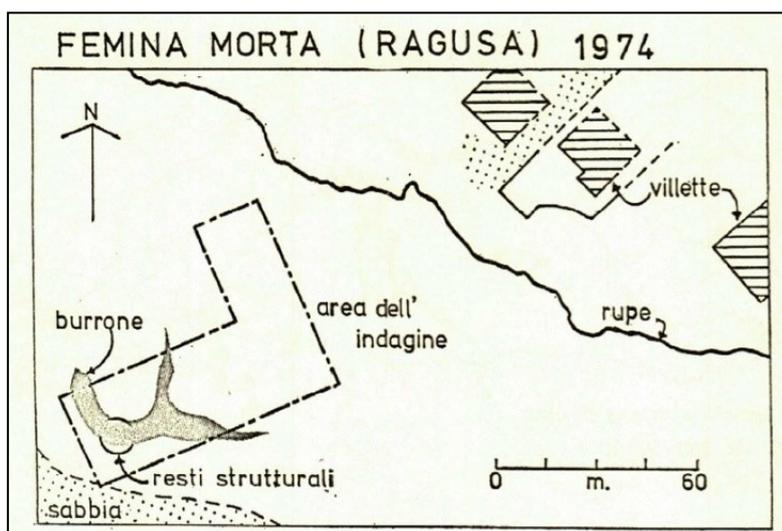


Fig. 1 – Localização do naufrágio de Femina Morte. (Parker, 1976-77, fig.4)

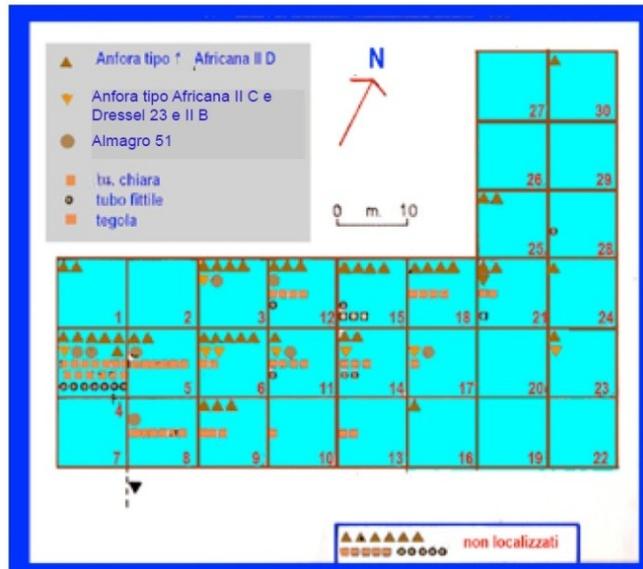


Fig.2 - Distribuição das ânforas. (Parker, 1976-77, fig. 5, adaptado por Di Stefano, 2014, fig.12)

A análise da distribuição permite-nos supor a existência de pelo menos 8 fragmentos associados à forma Almagro 51c.

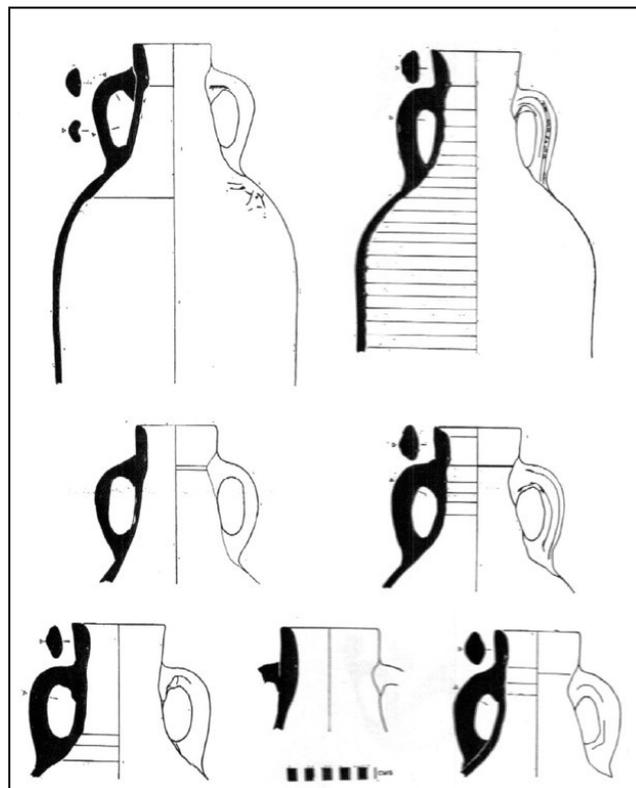


Fig.3- Ânforas Africanas IID. (Parker, 19976-77)

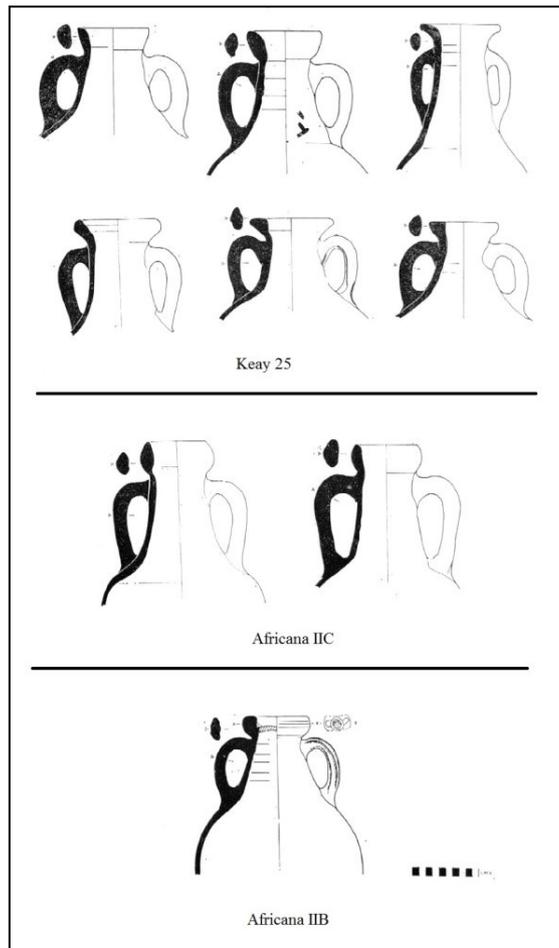


Fig.4 – Ânforas Norte-Africanas: Africana IIC, IIB e Keay 25. (Parker, 1976-77)

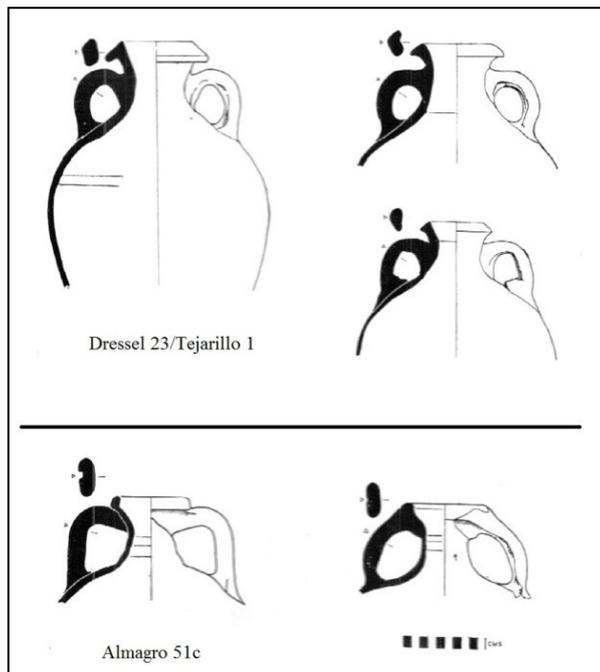


Fig.5- Ânforas da Península Ibérica: Dressel 23/Tejarillo 1 bética e Almagro 51c lusitana. (Parker, 1976-77)

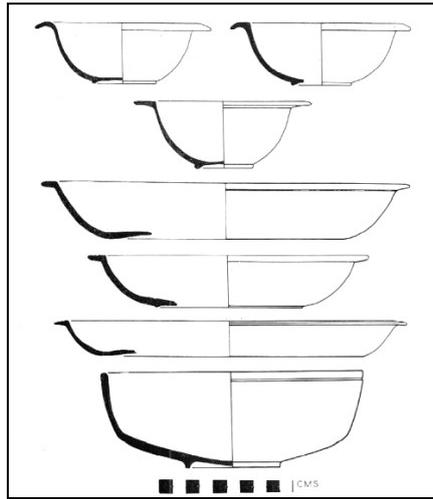


Fig.6- *Sigillata* Clara C e D do naufrágio de Femina Morta. De cima para baixo: Taças Hayes 42, taça Hayes 44, prato Hayes 61, prato Hayes 58A, prato Hayes 67 e taça Hayes 51d. (Parker, 1976-77 e classificações de Di Stefano, 2014, fig.19)

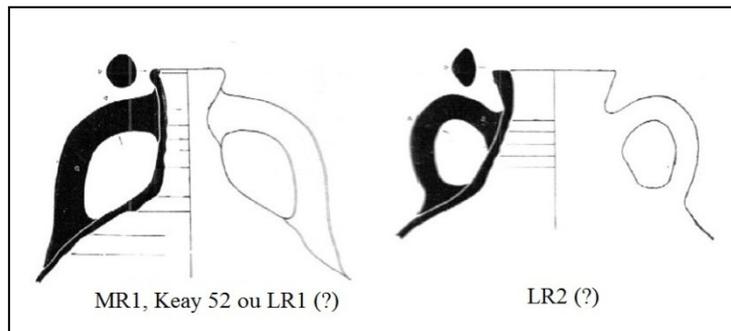


Fig. 7 – Ânforas de provável tipologia LRA1, MRA1 ou Keay 52 (?) e LRA2

<b>Designação</b>	<b>Randello</b>	Parker 975	<b>57</b>
<b>Tipo de Sítio</b>	Naufrágio	<b>Cronologia</b>	
		Séc. III - IV d.C.	
<b>Localização</b>	Ragusa – Sul de Camarina	<b>País</b>	
		Itália - Sicília	
<b>Descrição e Trabalhos</b>	<p>O sítio de naufrágio localiza-se a cerca de 2 a 3m de profundidade e a uma distância de 40m da costa.</p> <p>A quantidade de ânforas avistadas em 1981 (cerca de 40 a 50) permitiu colocar a hipótese de um carregamento original composto por um mínimo de 90 e um máximo de 150 ânforas do tipo Almagro 50.</p> <p>As ânforas encontravam-se dispostas no fundo numa área delimitada <i>grosso modo</i> por âncoras de ferro (3 a 4 exemplares). As características formais dos contentores e a descrição do fabrico indicam com alguma segurança uma origem lusitana. Parker sugere até uma origem sadina para os exemplares.</p> <p>A pasta cerâmica varia entre as cores vermelho claro, laranja e cinzento claro, com bastantes inclusões. Algumas amostras de argila foram sujeitas a análises mineralógicas e petrográficas que revelaram uma estrutura com cristais de grandes dimensões, sendo evidentes óxidos de ferro (magnetite), quartzo e feldspatos, mica e quartzo policristalino. As ânforas apresentam um colo curto e cilíndrico, um bordo envasado, asas curtas e curvas que partem do bordo e se ligam ao corpo do contentor. Os bicos fundeiros são todos idênticos. Os contentores apresentavam uma altura de 1,01 m e a sua capacidade média está estimada em 22 litros, o que perfazia cerca de 3000kg de produto transportado. Os contentores foram subdivididos pelos investigadores em quatro grupos, tendo em consideração pequenas diferenças ao nível do diâmetro da boca e do tamanho das asas. Facto que consideramos natural e não revelador, necessariamente, de se tratarem de exemplares provenientes de olarias distintas.</p> <p>A generalidade das ânforas conservavam no interior restos de <i>Sardina pilchardus</i> que terão sido conservadas inteiras. As análises ao material orgânico, feitas no Departamento de Zoologia do British Museum por Alwyne Wheeler e Alison Locker, confirmaram a preservação de vertebrae, cartilagem opercular e dentária.</p> <p>As dimensões do sítio arqueológico, o número de ânforas, e a ausência de outros objectos sugerem que se tratava de uma pequena embarcação.</p> <p>A carga, exclusivamente constituída por ânforas do tipo Almagro 50 estaria, provavelmente, disposta em mais do que um estrato de ânforas.</p> <p>As características particulares associadas ao naufrágio, que parece indicar uma pequena embarcação de redistribuição e um produto específico, coloca questões interessantes no âmbito das rotas de navegação e redes de redistribuição das ânforas lusitanas.</p>		
<b>Espólio</b>	<p>Almagro 50 (130-150 máximo, pequena embarcação) com restos de <i>Sardina pilchardus</i> 3 a 4 âncoras de ferro.</p> <p>Não nos foi possível observar os materiais, mas através do catálogo do Museo Regionale</p>		

di Camarina, publicado em 2014, aquando de uma exposição sobre os naufrágios de Femina Morte e Randello, sabemos que foram expostos no museu 15 exemplares de ânforas Almagro 50.

A partir dos desenhos publicados é possível contabilizar 14 exemplares como NMI.

**Depósito**

Museo Regionale di Camarina.

**Bibliografia**

Wheeler e Locker, 1985, 97-100; Parker, 1989; Parker, 1992; Di Stefano, 2002, 635-641, Jacobsen e Di Stefano, 2014.

**Imagens**

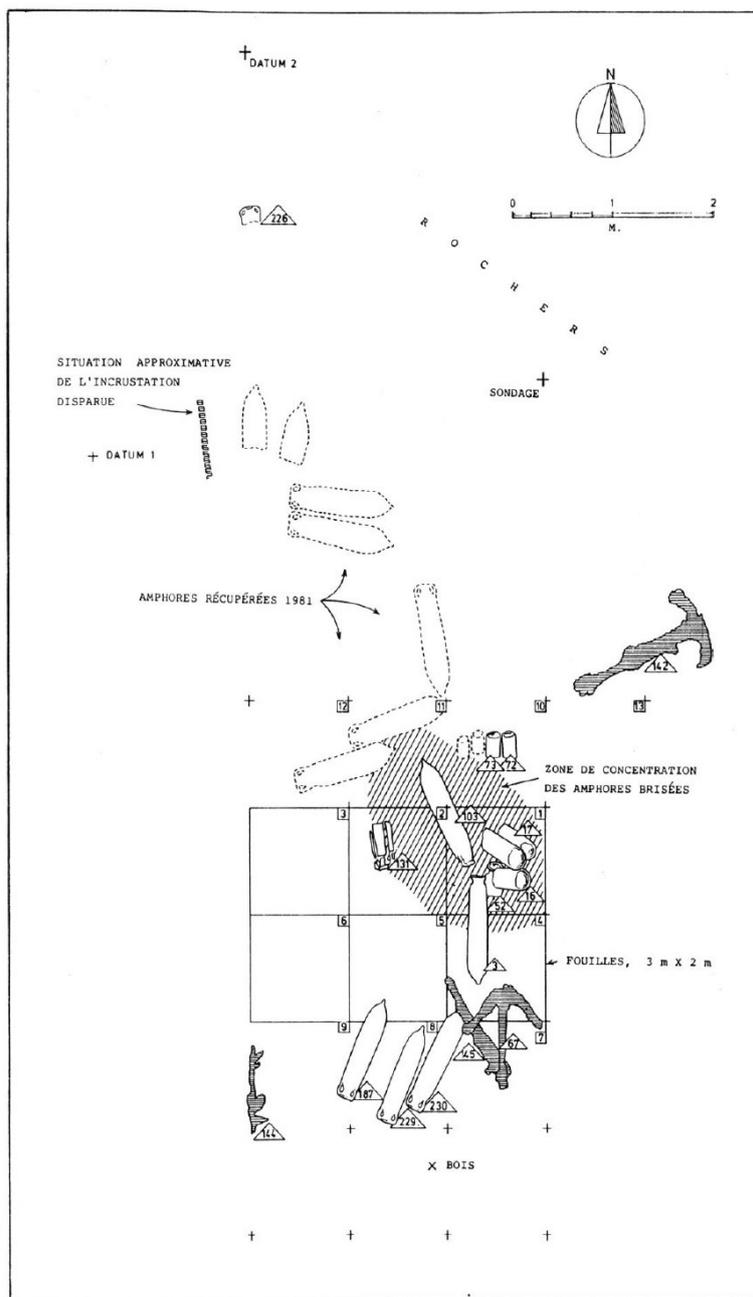


Fig. 1 – Planimetria do sítio arqueológico subaquático. (Parker, 1989, fig.1)

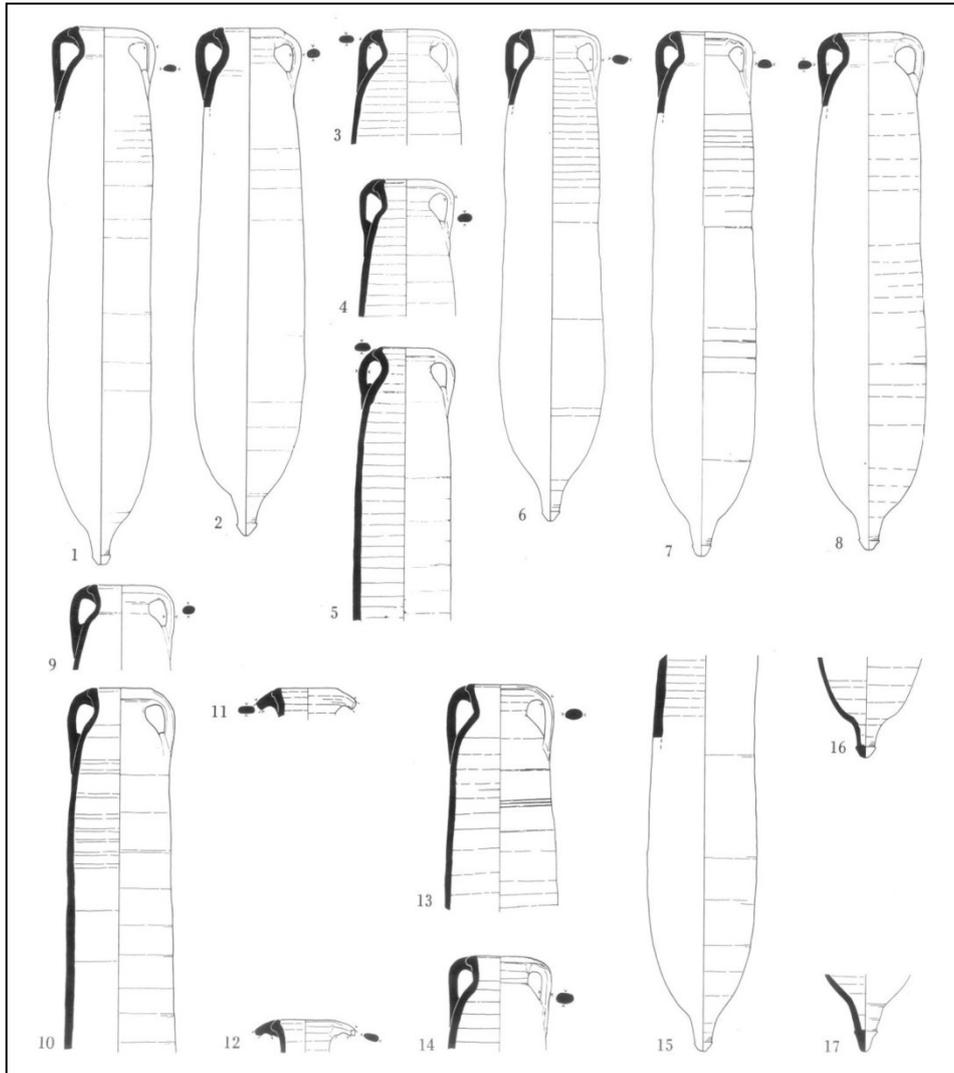


Fig.2 – Ânforas Almagro 50 de Randello. (Escala 1:10) (Parker, 1989, fig.2)

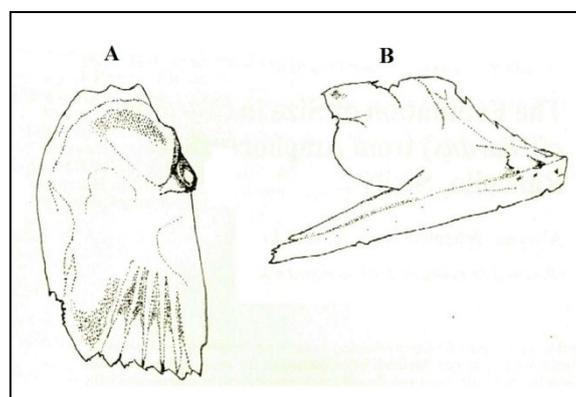


Fig.3 – Fragmentos de espinhas de *sardina pilchardus*. A-osso opercular e B- osso dentário (Wheeler e Locker, 1985, 98, fig.1)

<b>Designação</b>	<b>Marzameni F</b>	Parker 675	<b>58</b>
<b>Tipo de Sítio</b>	Naufrágio	<b>Cronologia</b>	
		Segunda metade do século III- Inícios/primeira metade do IV d.C.	
<b>Localização</b>	Marzameni - Sudeste da Sicília	<b>País</b>	
		Itália - Sicília	
<b>Descrição e Trabalhos</b>	<p>Nos anos 60 do século XX, foram recuperados, por uma equipa americana, alguns materiais numa área localizada a 450m a Sudoeste da costa, a cerca de 7m de profundidade. Não se conhecendo desenhos das peças, nem qualquer relatório da actividade.</p> <p>Mais tarde o sítio foi realocado por G. Kapitan que registou, numa campanha desenvolvida em 1975, a existência de ânforas e outras cerâmicas dispersas por uma área de cerca de 100m ao longo de uma parede rochosa. Os achados incluíam três tipos de ânforas: Africanas IIC (7 fragmentos), Almagro 51c (5 fragmentos) e Almagro 50/Keay XVI (2 fragmentos). Para além de um conjunto de outros fragmentos inclassificáveis. Apesar de se considerar a possibilidade da existência de material de contaminação no sítio, conjectura-se a existência de um único sítio de naufrágio, quer pela disposição das ânforas no fundo, quer pela consistência cronológica do conjunto. (Parker, 1981, 330)</p> <p>Exclusivamente a partir da análise gráfica das peças, publicadas por Parker, consideramos que os exemplares de tipo Almagro 51c poderão corresponder a produções lusitanas, enquadrando-se nas variantes de fundos troncocónicos típicas do século III e inícios do IV. Da mesma forma nos parece que os exemplares de Almagro 50 se poderão enquadrar nos tipos lusitanos. No entanto, só a observação das peças ou uma descrição das pastas poderia esclarecer a origem das mesmas.</p>		
<b>Espólio</b>	<p>Africanas IIC (7), Almagro 51c (5) e Almagro 50 (2).</p> <p>Não foi possível observar o material recuperado.</p>		
<b>Depósito</b>	Desconhecido		
<b>Bibliografia</b>	Parker, 1981, 328-330; Parker, 1992, 268.		
<b>Imagens</b>			

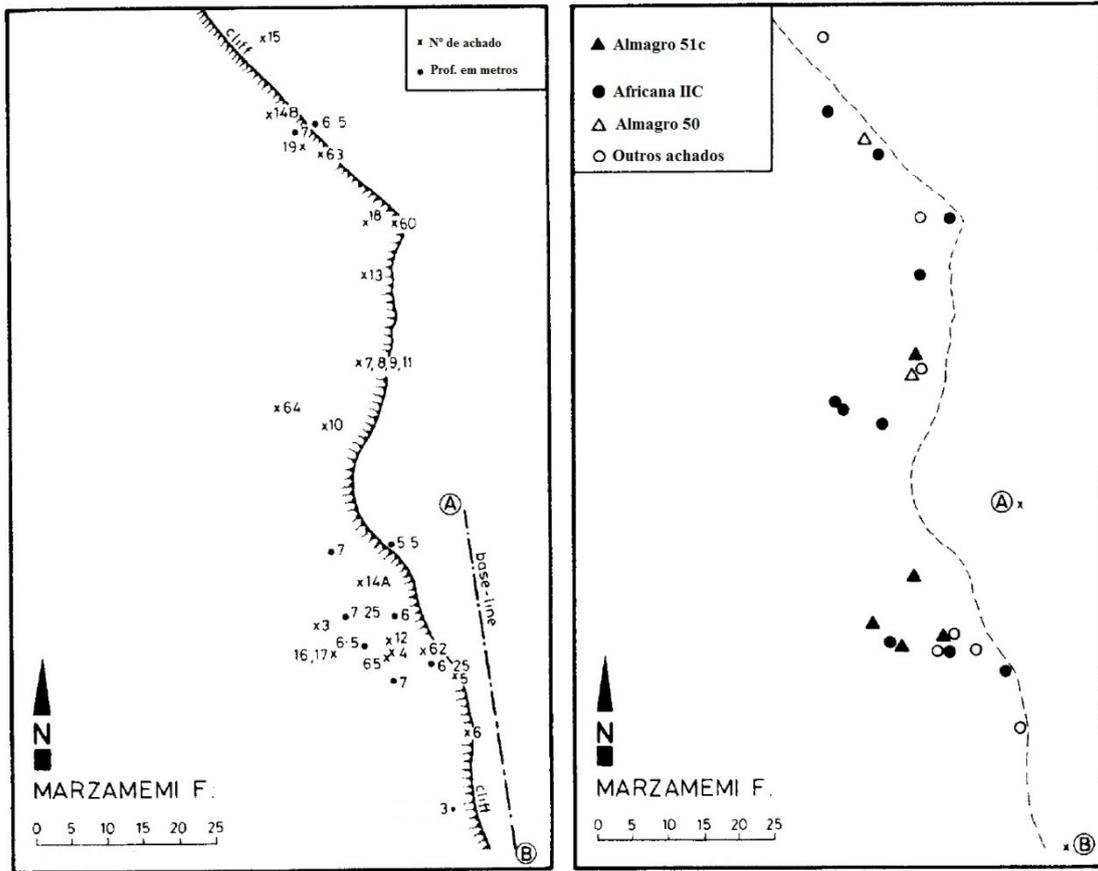


Fig. 1 – Planimetria dos vestígios arqueológicos do sítio de Marzamemi F, recuperados em 1975. (Parker, 1981, fig.21 e 22)

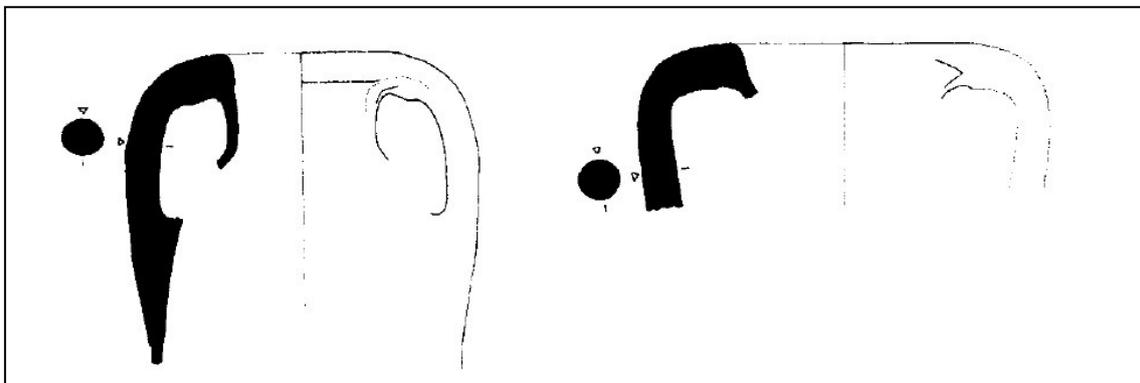
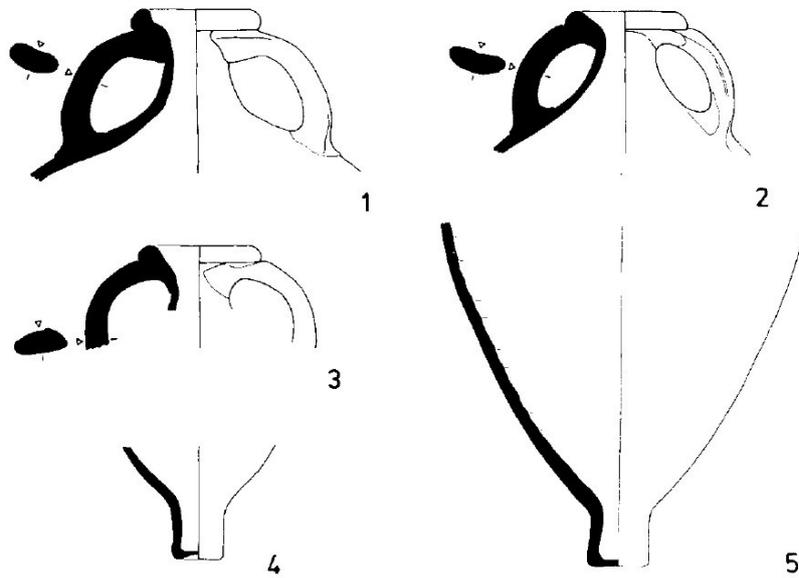


Fig. 2 – Ânforas de tipo Almagro 50. (Parker, 1981, fig.20.1 e 20.2)

### Almagro 51c



### Africana IIC

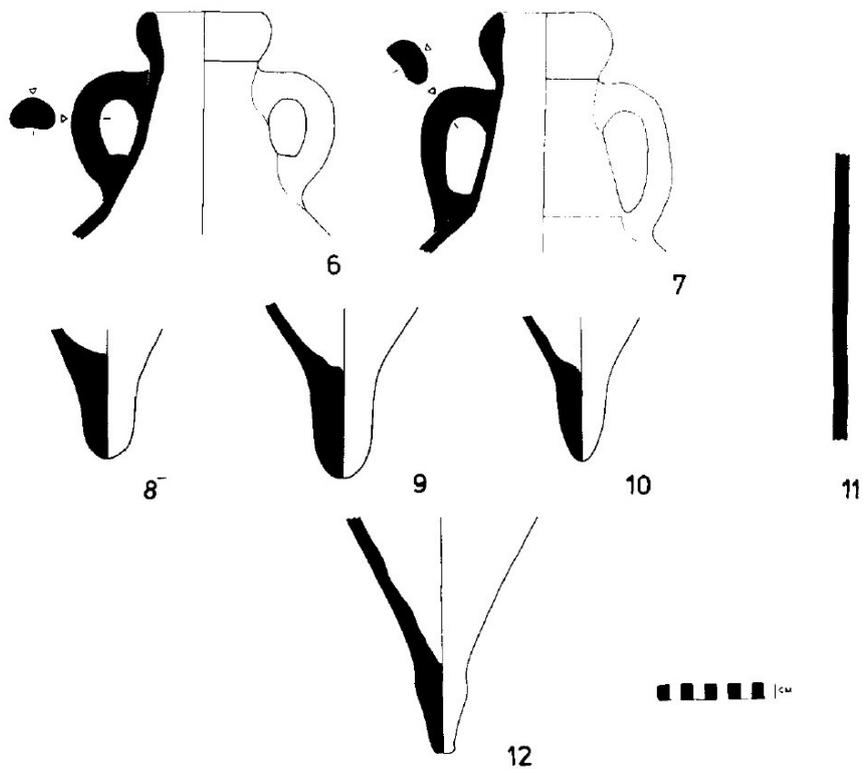


Fig. 3 – Ânforas Almagro 51c e Africanas IIC do sítio de Marzameni F. (Parker, 1981,fig.19)

<b>Designação</b>	<b>Capo Ognina Sud 1</b>	Parker 755	<b>59</b>
<b>Tipo de Sítio</b>	Naufrágio	<b>Cronologia</b>	
		Primeira metade a meados do séc. III d.C.	
		Após 230 d.C.	
<b>Localização</b>	Costa Leste da Sicília – 15km a sul de Siracusa	<b>País</b>	
		Itália - Sicília	
<b>Descrição e Trabalhos</b>	<p>O sítio de naufrágio localiza-se entre o promontório de Plemmyrion e o Capo Eloro, a cerca de 7-8m de profundidade. Os primeiros trabalhos na área, dirigidos por Kapitan, foram realizados em 1971 e 1972. A identificação de mais de 100 artefactos permitiram supor a existência de um naufrágio do século III d.C. No entanto, a grande quantidade de objectos de luxo (mosaicos, estatuetas de bronze, vidros, mármore, etc.) e a grande variedade de contentores anfóricos levantaram questões no que concerne à existência de materiais de contaminação no contexto de naufrágio, ou de se tratar de mais do que um naufrágio.</p> <p>A carga maioritária seria constituída por ânforas Africanas I, acompanhadas por uma quantidade inportante de ânforas Kapitan 1 e Kapitan 2, e de outros tipos minoritários como: Dressel 20, Dressel 30, Almagro 50/Keay XVI, Tripolitana I, Tripolitana II, Tripolitana III, Ostia LIX, Ostia XXIII e Knossos 18.</p> <p>A embarcação poderia possuir uma cabine luxuosamente decorada, uma vez que algumas <i>tegulae</i> e fragmentos de mosaico foram considerados pelos autores (Kapitan e Parker) como pertencentes a uma possível cabine do navio. Ainda que pensemos que se pudesse tratar do transporte de mosaicos pré-montados com intuítos comerciais. Para além dos mosaicos e das tesselas de mosaicos, foram também recuperados fragmentos de pequenas colunas de mármore de capitéis coríntios, estatuetas de bronze, fragmentos de recipientes de vidro, conjuntos monetários (18-19 moedas) com emissões datadas entre 210 e 230 d.C. Algumas das moedas são gregas, o que parece indicar que a embarcação terá frequentado o mediterrâneo oriental, previamente à carga que terá carregado num dos portos do norte de africa antes de se dirigir às costas da Sicília.</p> <p>Segundo Totorella (1981) a bordo existia pelo menos uma forma Hayes 23B de cerâmica de cozinha africana.</p> <p>Na publicação de Kapitan (1974) é possível identificar uma Africana IIC, que mais tarde Filippo La Fauci (2002) atribui ao naufrágio de Cabo Ognina 8, cronologicamente posterior. Por outro lado, a presença no contexto de Cabo Ognina 1 das formas Tripolitana I e Ostia LIX, cuja circulação se estende apenas até à segunda metade do século II, e do tipo Ostia XXIII que terá circulado até aos inícios do III, parece forçar uma cronologia para o naufrágio que não irá muito além da primeira metade do séc. III d.C.</p>		
<b>Espólio</b>	<p>Ânforas: Africana I (60), Kapitan 1 (20), Kapitan 2 (20), Dressel 20 (2), Dressel 30 (6), Almagro 50/Keay XVI (1), Tripolitana I (6), Tripolitana II (1), Tripolitana III (4), Ostia</p>		

LIX (1), Ostia XXIII (2), Knossos 18 (7).

Fragmentos de vidro, estatuetas de bronze, tesselas de mosaicos, *tegulae*, conjuntos monetários (210-230 d.C.), cerâmica de cozinha africana.

Não nos foi possível observar o espólio do naufrágio.

**Depósito**

Desconhecido.

**Bibliografia**

Kapitan e Price, 1974, 150-153; Parker 1981, 321-322; Parker, 1992, 292; La Fauci, 2002, 335-352.

**Imagens**

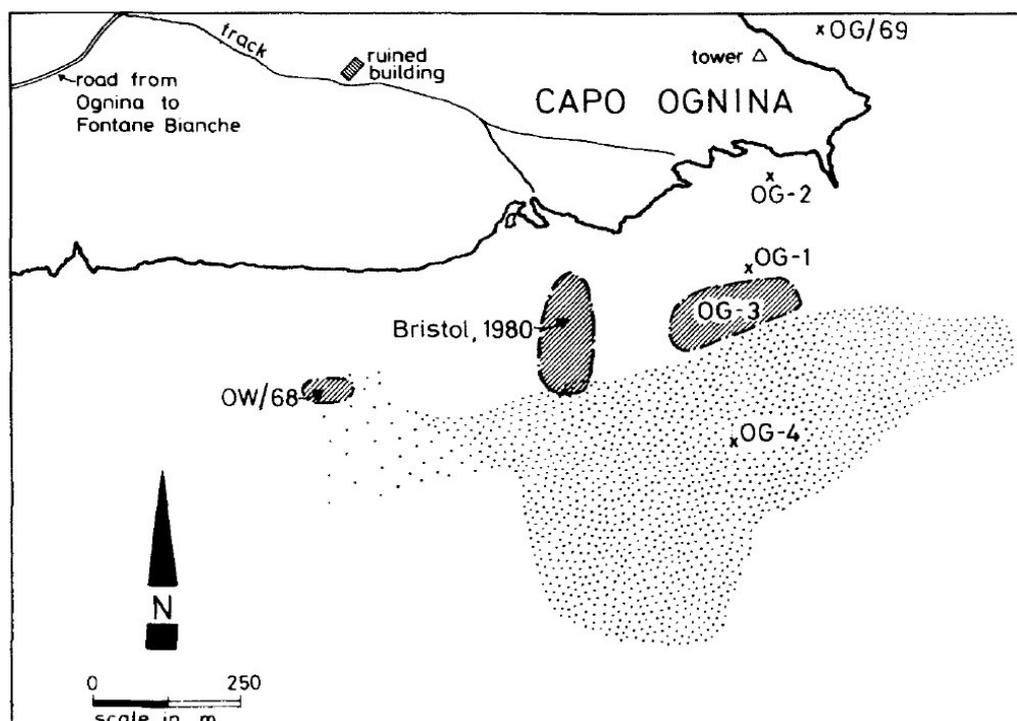


Fig. 1 – Localização dos sítios arqueológicos subaquáticos no Capo Ognina Sud 1 (Kapitan, 1972 apud Parker, 1981, fig.12)

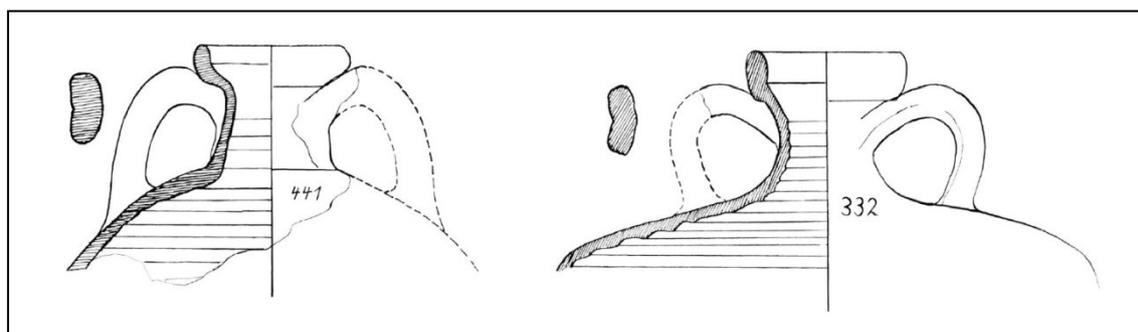


Fig. 2 – Ânforas Dressel 30 do sítio de naufrágio Capo Ognina Sud 1. Escala 1:3 (Kapitan, 1974)

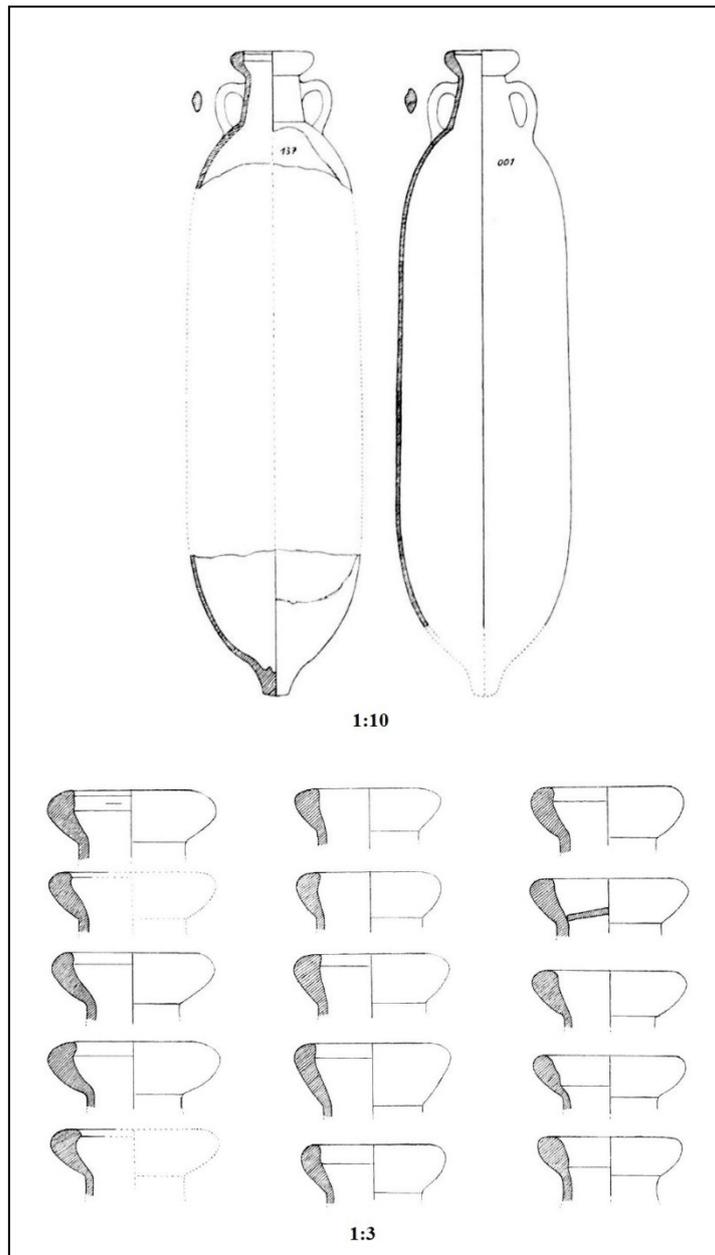


Fig. 3 – Ânforas Africanas I do sítio de Capo Ognina Sud 1 (Kapitan, 1972, fig.1 e 2)

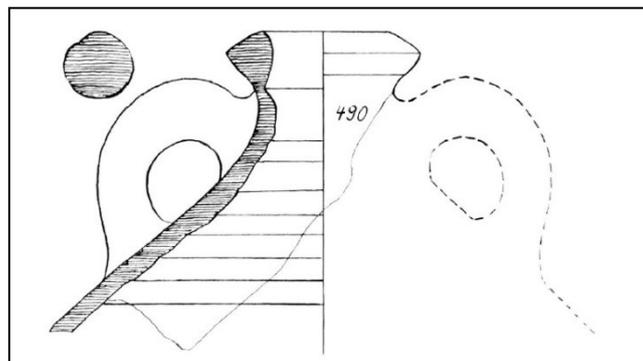


Fig. 4- Ânfora Dressel 20 do sítio de Capo Ognina Sud 1. Escala 1:3 (Kapitan, 1972, fig.9)

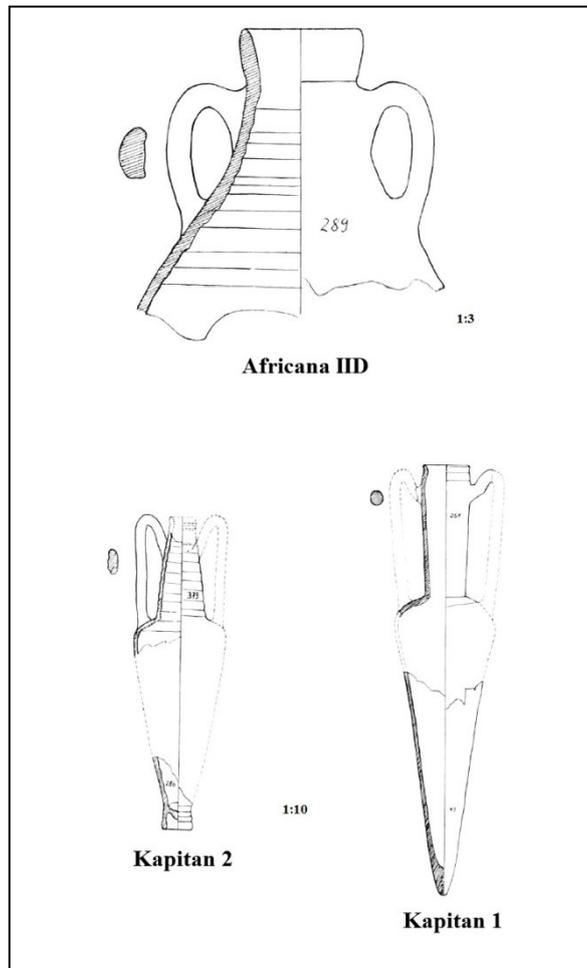


Fig.5- Ânforas Africana IID, Kapitan 1 e Kapitan 2 do sítio de Capo Ognina Sud 1 (Kapitan, 1972, fig.3, 4 e 5)



Fig.3 –Fragmentos de ânforas recuperadas do sítio de Capo Ognina Sud 1 (La Fauci, 2002, fig.10, 11 e 12)

**Designação** Cabo ognina Sud 8

60

**Tipo de Sítio** Possível naufrágio

**Cronologia**

Finais do séc. III- Primeira metade do IV d.C.

**Localização** Costa Leste da Sicília – 15km a sul de Siracusa

**País**

Itália - Sicília

**Descrição** e Sítio localizado nas imediações do já descrito Capo Ognina Sud 1.

**Trabalhos** A revisão dos dados e dos sítios arqueológicos identificados por Kapitan nos anos 70 do século XX, publicada por Filippo La Fauci, permitiu individualizar um conjunto mais alargado de sítios arqueológicos, de entre os quais o denominado Capo Ognina Sud 8.

A carga maioritária seria constituída por ânforas africanas do tipo Africana IID, e que Filippo La Fauci considera passíveis de enquadrar num tipo de transição entre o tipo Africana IID e os contentores cilíndricos da antiguidade tardia (Africana 3A), tendo sido recuperadas um total de 167 peças desse tipo. A bordo seguiam também exemplares de Africanas IIA (7 exemplares); Africana IIC (1 exemplar) e Almagro 51c (1 exemplar).

**Espólio** Africanas IID (167), Africanas IIA (7), Africana IIC (1) e Almagro 51c (1)

Não nos foi possível observar o espólio do naufrágio.

**Depósito**

Desconhecido.

**Bibliografia** La Fauci, 2002, 343-346.

**Imagens**

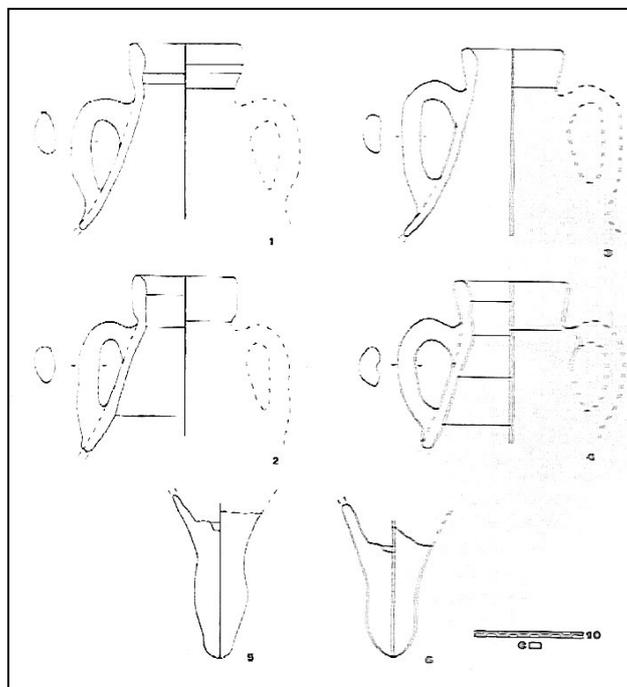


Fig.1 – Ânforas Africanas IID do sítio de Capo Ognina 8. (La Fauci, 2002, Tavola V)



Fig. 2 – Ânforas do naufrágio de Capo Ognina 8. Da direita para a esquerda: Africana IIA, Almagro 51c e Africana IIC (La Fauci, 2002, fig.21)

<b>Tipo de Sítio</b>	Naufrágio	<b>Cronologia</b>	Primeira metade do séc. V d.C.
<b>Localização</b>	Interior do porto de Scauri – Costa sul da Ilha de Pantelleria	<b>País</b>	Itália - Pantelleria
<b>Descrição e Trabalhos</b>	<p>O naufrágio encontra-se entre os dois molhes do pequeno porto de Scauri, a 8 metros de profundidade.</p> <p>Entre 1999 e 2006 foram realizadas algumas sondagens no interior do porto, que permitiram individualizar um contexto coeso que fazia supor um contexto de naufrágio. Em 2007 é finalmente definida a área do naufrágio, que foi depois escavada de forma extensiva entre os verões de 2008 a 2010. As escavações do sítio foram realizadas pela Soprintendenza del Mare di Palermo, sob a direcção de Sebastiano Tusa, com coordenação dos trabalhos de escavação e registo do arqueólogo Leonardo Abelli. O estudo dos materiais cerâmicos esteve a cargo de Roberta Baldassari. Em 2009, foi publicada uma monografia sobre as intervenções e o material recuperado, sob a coordenação de S.Tusa, S. Zangara e R. La Rocca - <i>Il relitto tardo-antico di Scauri a Pantelleria</i>.</p> <p>Trata-se de uma pequena embarcação que transportava uma carga principal de cerâmica de cozinha de Pantelleria (77%), provavelmente com destino a um dos portos africanos. A restante carga era constituída essencialmente por cerâmica comum e de cozinha (6%); <i>sigillata</i> africana (5%), principalmente clara D; cerâmica africana de cozinha (5%); ânforas (4%), lucernas (1%) e tijolos (1%).</p> <p>Apenas 3% dos materiais recuperados não eram de produção norte-africana, tratando-se de ânforas orientais, itálicas e hispânicas, a par de algumas lucernas e tijolos de produção não africana. No entanto, a importação desses produtos em Scauri deverá ser entendida no âmbito da sua relação de proximidade com os portos norte-africanos e o tráfego no canal de Sicília. (Baldassari, 2014) Foram ainda recuperados alguns recipientes em vidro, algumas pequenas peças de metal, moedas (de entre as quais uma de Costantino I), 4 tampas de cortiça, e alguns recipientes pertencentes à tripulação.</p> <p>Conservavam-se alguns vestígios da estrutura naval que foram estudados e publicados por Roberto La Rocca (2009).</p> <p>As ânforas provem de todo o mediterrâneo, especialmente do central e oriental, num total de 130 indivíduos. 71% dos exemplares anfóricos são provenientes das províncias norte-africanas e transportavam azeite e vinho, sendo a forma mais presente a Africana III/Keay 25. As produções orientais representam 21%, com contentores vinários da área egeia, palestina e da Ásia Menor. Algumas ânforas vinárias provêm da Itália meridional (4%), como a Keay LII (Sicília e/ou Calábria), enquanto os contentores da Península Ibérica representam outros 4%. Estão presentes os tipos: Norte de África: Africana III/Keay 25; <i>Spatheion</i> Keay 26, Keay 27B, 32, 35B, 41, 62, Africana IIB, IIC e IID, Africana IB e Tripolitana III; Sicília/Calábria: Keay 52; Oriente: LR1, 2, 3, 4 e 5/6, Agorà 273, Agorà G197; e <i>Spaheia</i> de origem indeterminada. (Baldassari, 2009b)</p>		

A referência à existência de imitações de *spatheia* orientais com pasta micácea, pensamos que se poderá enquadrar nos tipos anfóricos produzidos em El Mojón, em particular no Tipo I de El Mojón (Barrocal Caparrós, 2012) cujas típicas incisões no colo se registam igualmente num dos exemplares de Scauri documentado pela autora (Baldassari, 2014, 230; Tavola 8-fig.6-8)

Os dados relativos às ânforas hispânicas são controversos. Segundo a autora da Península Ibérica, mais precisamente da Bética, provem um bordo de Keay 19 e uma Keay 15. E da Lusitânia provem dois exemplares do tipo Keay 22, associado a um conteúdo vinário, e duas Almagro 50/Keay 16. (Baldassari, 2014, 60 e Tavola 6.1-2, fig.65 e 66.) No entanto, esta informação não corresponde à registada na tabela 9 da pág.81, que faz referência à existência de uma Keay 19 bética, 3 Keay 23 e uma Keay 22 lusitanas. A referência ao conteúdo vinário Keay 22 está notoriamente errada. Por outro lado, na publicação de 2009 (Baldassari, 2009b) a autora havia feito referência à existência de 2 exemplares de Keay 23, e na Tavola IV, fig.1, surge uma Keay 23 erradamente classificada como Keay 15 bética. Por outro lado a informação escrita (Baldassari, 2009b, 113), não correspondente à registada na tabela da página 108.

Da análise de conjunto que nos foi possível fazer, consideramos que devem existir pelo menos 1 exemplar de Keay 23/Almagro 51c lusitana, um possível exemplar de Almagro 51a-b 1 (Fig.8), e uma forma enquadrável nos tipos Beltrán 72 *similis* de pasta aparentemente lusitana, classificada pela autora como Keay XVI bética. (Fig.9) A Almagro 51 a-b encontra paralelo na variante A do Pinheiro de bordo liso vertical (idêntica a alguns exemplares de Sud-Lavezzi 1), que surge associado aos níveis da primeira metade do século V. (Mayet e Silva 1998, fig. 78, nº 3)

A identificação de alguns exemplares de ânforas lusitanas no naufrágio de Scauri, na Ilha de Pantelleria, coloca questões interessantes. A presença residual de ânforas lusitanas numa embarcação que se imagina naufragada à saída do porto de origem, mas que apresenta uma carga anfórica tão heterogénea, documenta a circulação dos produtos piscícolas lusitanos no seio do complexo sistema de rotas entre o Oriente e o Ocidente, no qual a região marítima entre o sul da Sicília e o porto de Carthago terá desempenhado um papel importante.

## **Espólio**

Cerâmica de cozinha de Pantelleria (77%); cerâmica de cozinha africana, sigillata clara (africana); lucernas, tijolos, recipientes de vidro, peças de metal, moedas, 4 tampas de cortiça, pedra (tesselas, e peso de rede); pertences de tripulação; ânforas (4% do total da carga) – Norte-Africanas: Africana III/Keay 25; Spatheion Keay 26, Keay 27B, 32, 35B, 41, 62, Africana IIB, IIC e IID, Africana IB e Tripolitana III; Sicília/Calábria: Keay 52; Oriente: LR1, 2, 3, 4 e 5/6, Agorà 273, Agorà G197; *Spatheia* de origem indeterminada; Hispânicas: Keay 15 (?), 16 (?), 19, 23, 22 (?), e Beltrán 72 *similis*.

Prováveis Lusitanas: 1 Almagro 51c, 1 Almagro 51 a-b e 1 Beltrán 72 *similis*.

Não nos foi possível observar as peças.

**Depósito** Desconhecido.

**Bibliografia** Baldassari, 2009a e 2009b; Baldassari e Mannelli, 2009; La Rocca, 2009 in Tusa, Zangara e La Rocca, 2009; Baldassari, 2014.

**Imagens**



Fig.1 – Localização do naufrágio na baía de Scauri.

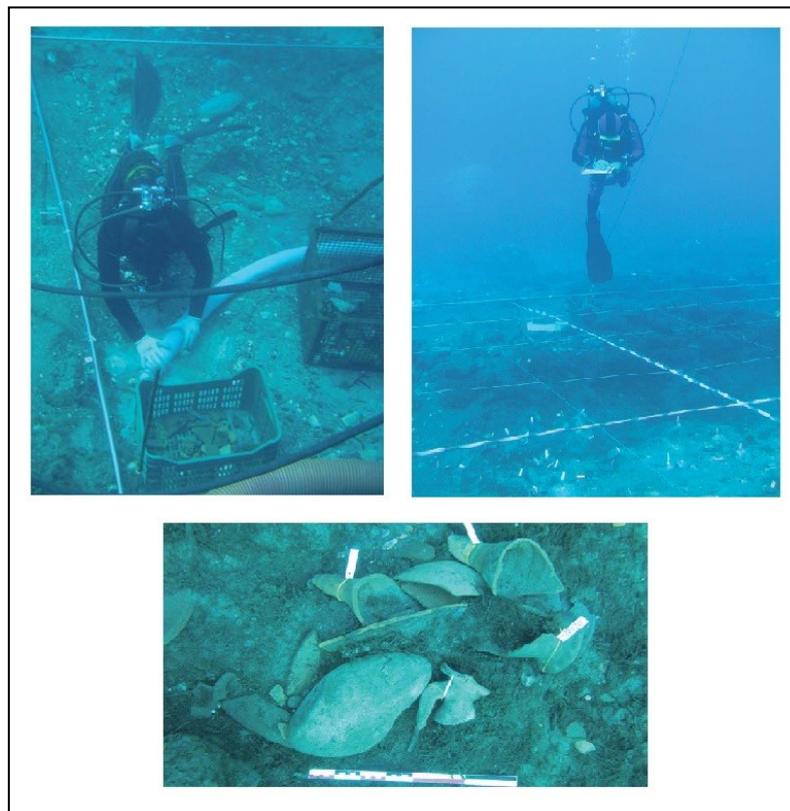


Fig.2- Fotos dos trabalhos de escavação. (Tusa, Zangara e La Rocca, 2009)

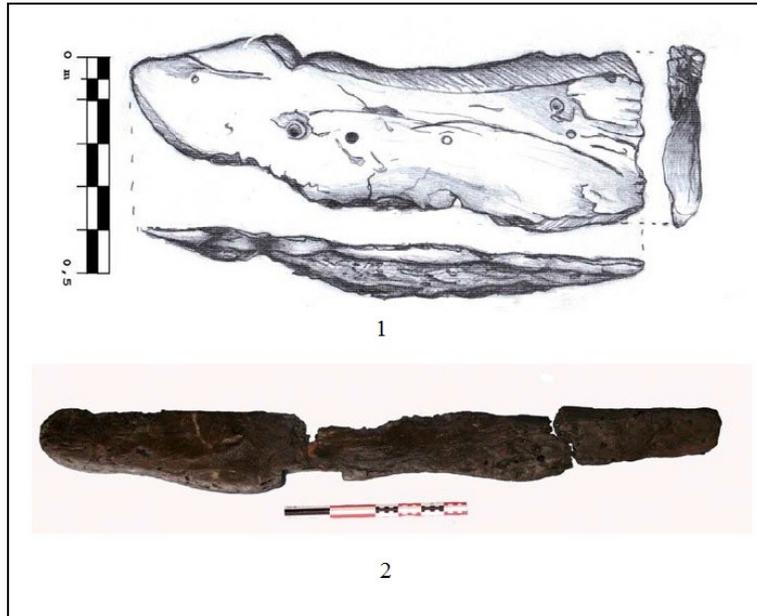


Fig.3- Fragmentos da estrutura naval da embarcação naufragada. 1 – Fragmento de peça pertencente à roda de proa; 2 – Fragmento de ordenada/caverna. (La Rocca, 2009, 72)

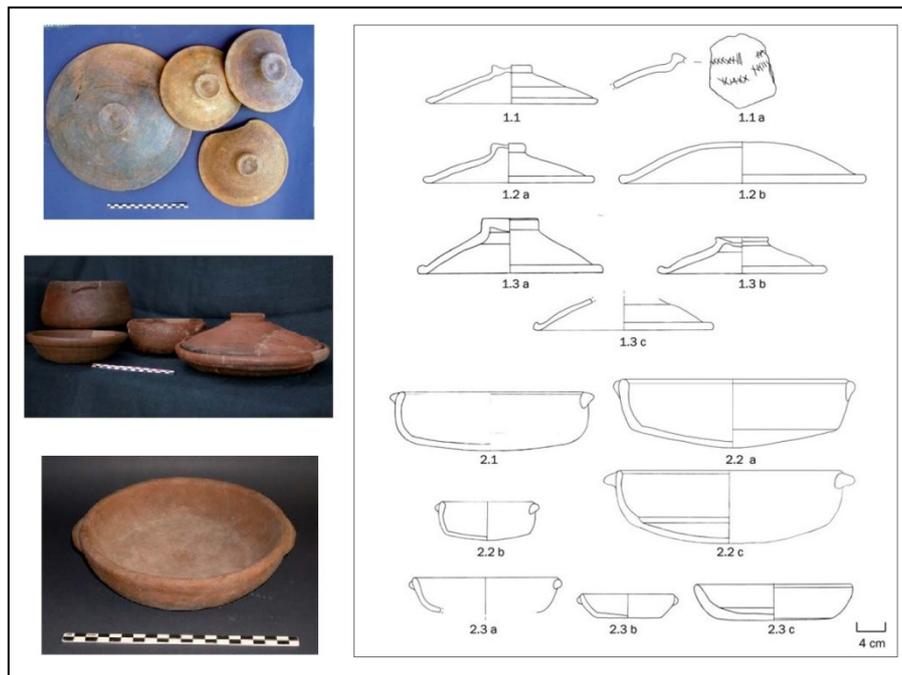


Fig.4- Cerâmica de Pantelleria: tampas, tachos, panelas e frigideiras. (Baldassari, 2009a, fig.6, 7 e 15; Tavola I)

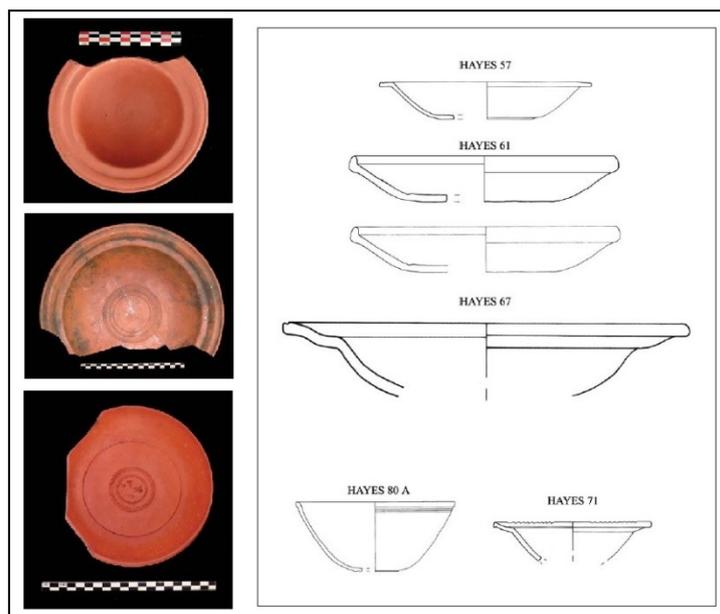


Fig.5- Peças de sigillata clara. Nas fotos de cima para baixo: Hayes 71, 67 e 61. (Baldassari e Mannelli, 2009, fig.7, 9 e 10, Tavola I)



Fig.6- Ânforas do naufrágio de Scauri: 1 – Keay 25 Norte-Africana; 2 – Keay 62 Norte-Africana; 3 – Late Roman 1A; *Spatheia* de pasta micácea. (Baldassari, 2009b, fig.5, 7, 8 e 10)

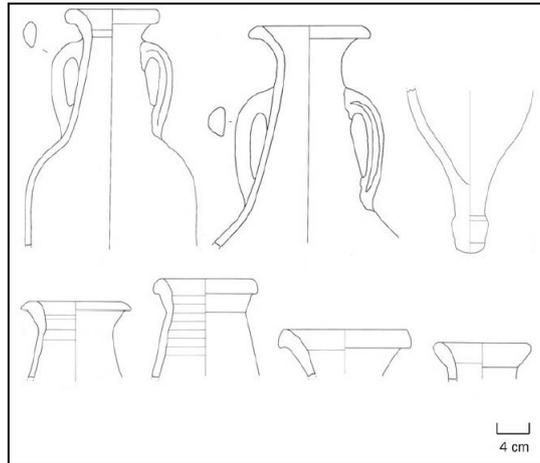


Fig.7- Ânforas Keay 25 do naufrágio de Scauri. (Baldassi, 2009, Tavola I)

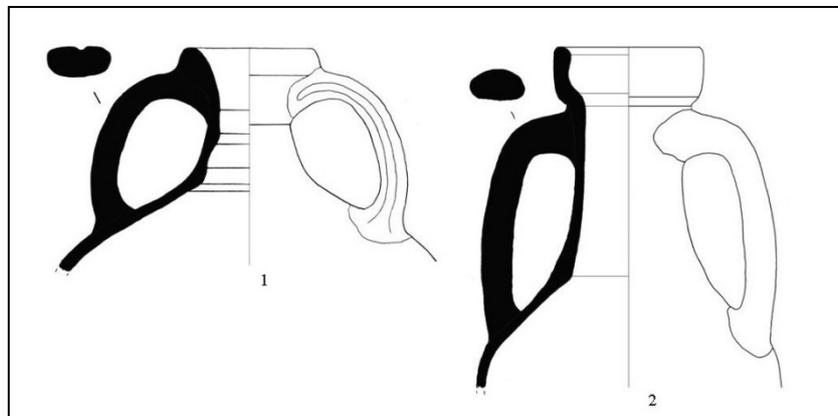


Fig.8- Ânforas de provável origem lusitana: 1 – Almagro 51c/Keay 23; 2 – Almagro 51 a-b.



Fig.9 – Ânfora de aparente pasta lusitana enquadrável no tipo Beltrán 72 *similis*. (Baldassari, 2014, fig.66)

**Designação** Gušteranski/ Žirje

62

**Tipo de Sítio** Naufrágio

**Cronologia**

Primeira metade do séc. III d.C.

**Localização** Imediações de pequeno ilhéu de Gušteranski, a este da ilha de Žirje. País Croácia

**Descrição e Trabalhos** Do sítio foram recuperadas 4 ânforas Almagro 50/Keay XVI, de provável produção Bética, em associação com ânforas Beltrán IIB (?) e ânforas de Forlimpopoli.

**Espólio** Almagro 50/Keay XVI (4), Beltrán IIB (?) e ânforas de Forlimpopoli.

Não nos foi possível observar os materiais nem verificar o registo gráfico da forma Beltrán IIB (50-225 d.C). Por esse motivo, e considerando que a Keay XVI bética será uma evolução da forma Beltrán IIB, podemos estar perante a plena fase de transição entre os dois tipos, verificando-se a existência a bordo, efectivamente, dos dois tipos ou uma forma transitória que apresentará características das duas formas clássicas.

**Depósito** Šibenik Museum

**Bibliografia** Jurišić, 2000, 22, 65 e 136; Auriemma, 2007, 134; Pesavento e Auriemma, 2016.

**Imagens**

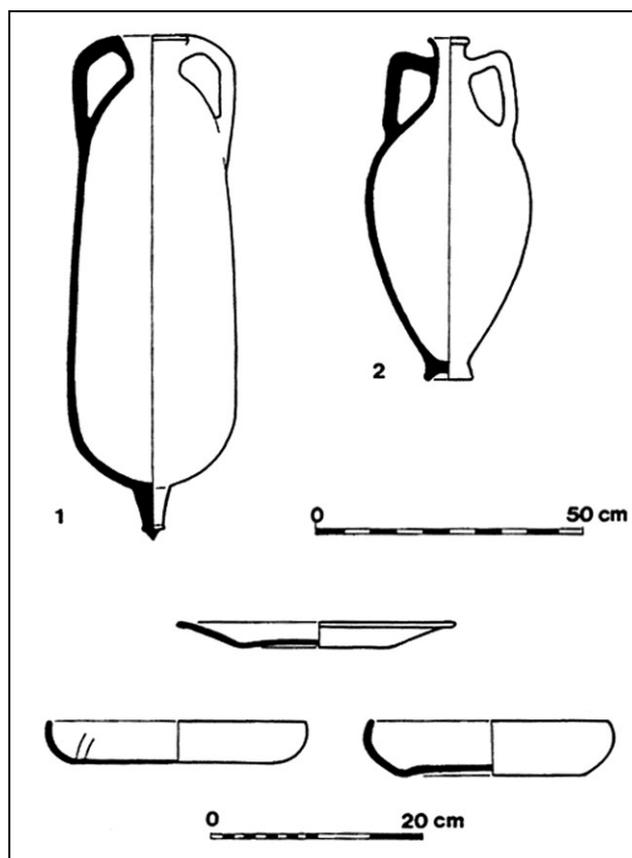


Fig.1 – Materiais recuperados do sítio de Gušteranski. 1: Keay XVI, 2: Ânfora de Forlimpopoli e *sigillata* (?) (Jurišić, 2000,136, fig.3)



Fig.2 – Naufrágio de Gušteranski. (Foto: Cortesia de I. Miholiek in Pesavento e Auriemma, no prelo)



Fig.3 - Almagro 50 proveniente do naufrágio de Gušteranski - Šibenik Museum (Foto: Cortesia de I. Koncani Uhač in Pesavento e Auriemma, no prelo)

<b>Designação</b>	<b>Sobra</b>	Parker 1100	<b>63</b>
<b>Tipo de Sítio</b>	Naufrágio	<b>Cronologia</b>	
		Pleno/meados do séc. IV d.C.	
		Após 325 d.C.	
<b>Localização</b>	Ilha de Mljet	<b>País</b>	
		Croácia	
<b>Descrição e Trabalhos</b>	<p>A carga principal era composta por cerca de 1000 ânforas cilíndricas africanas, nas quais se incluem os tipos Bonifay IIIA-B/Keay 25.1 e 25.3, uma das quais com o selo PGT, e algumas Africanas IID. A carga secundária incluía ânforas Almagro 50 (5), várias ânforas de fundo plano globulares itálicas (?) (semelhantes à forma Panella 46), das quais um exemplar contém um <i>titulus pictus</i> em grego; prováveis Mid-Roman 1 e Keay 52.</p> <p>A maioria das ânforas possuía tampas de cortiça.</p> <p>O navio transportava, ainda, <i>Terra Sigillata</i> Clara D (Hayes 61A – 325-400/420 d.C.), cerâmica de cozinha africana, lucernas, e cerâmica comum, etc.</p> <p>A embarcação que se estima teria pelo menos 25m de comprimento, provinha, muito provavelmente, de um porto tunisino.</p> <p>Foram também identificadas duas âncoras de ferro, associáveis ao naufrágio.</p>		
<b>Espólio</b>	<p>Carga maioritária: Keay 25.1 e 25.3 e Africanas IID. Carga secundária: Almagro 50 (5), ânforas de fundo plano globulares itálicas (?) (semelhantes à forma Panella 46), Mid-Roman 1 (?) e Keay 52 (?). <i>Sigillata</i> Clara D, cerâmica de cozinha africana, lucernas, cerâmica comum, etc.</p> <p>Duas âncoras de ferro.</p> <p>A breve descrição do fabrico das Almagro 50/Keay XVI apresentada por Parker “yellowish-brown, friable clay” parece apontar para uma origem bética dos exemplares.</p>		
<b>Depósito</b>	Desconhecido.		
<b>Bibliografia</b>	Kisić, 1987; Parker 1992, 408; Kingsley, 2008; Pesavento e Auriemma, 2016.		
<b>Imagens</b>			

<b>Designação</b>	<b>Dyrrachium 3</b>	<b>64</b>
<b>Tipo de Sítio</b>	Baía de Durrës	<b>Cronologia</b> Finais do séc. III- Meados do séc. IV d.C.
<b>Localização</b>	Área noroeste do porto actual de Durres.	<b>País</b> Albânia
<b>Descrição e Trabalhos</b>	<p>O sítio foi identificado no verão de 2013, a cerca de 18m de profundidade, durante trabalhos arqueológicos de pesquisa levados a cabo na baía de Durres, pelo Instituto de Arqueologia de Tirana.</p> <p>A carga é constituída por ânforas Africanas e Hispânicas e por alguns tipos indeterminados. Estão presentes, essencialmente os tipos Africana I (possivelmente de <i>Leptiminius</i>), Africana II e Africana III (possivelmente de Nabeul), Almagro 51c (provenientes dos sectores produtivos da Península Ibérica, excluindo a Bética, ou de Marrocos), Gaulesas 4, algumas variantes do tipo Agora K109 (África?), forma desconhecida denominada D3 (Dyrrachium 3), cuja proveniência é difícil de aferir, mas poderá tratar-se, igualmente, de uma produção norte-africana. As indicações de origem foram sugeridas por Claudio Capelli, na sequência da análise de 11 fragmentos de ânforas recolhidas no sítio. (Anastasi e Capelli, 2016)</p> <p>Do local foram também recuperados três <i>tubuli</i>.</p> <p>O local aparenta ter sido sistematicamente pilhado nos últimos anos. As campanhas arqueológicas de 2013 e 2014 serviram para realizar a planimetria do sítio arqueológico e recuperar cerca de 118 artefactos arqueológicos, não tendo sido feitas intervenções significativas ao nível da escavação propriamente dita. E até à data não foram identificados vestígios da estrutura naval.</p>	
<b>Espólio</b>	<p>Africanas I, Africanas II e Africanas III, Almagro 51c, Gaulesas 4, algumas variantes do tipo Agora K109 (Africa ?), forma desconhecida denominada D3 (Dyrrachium 3). <i>Tubuli</i></p> <p>Não nos foi possível observar os materiais, nem ter acesso a representações gráficas da totalidade dos materiais, no entanto consideramos as observações de Claudio Capelli válidas e é grande a probabilidade dos materiais atribuíveis à forma Almagro 51c serem produções lusitanas.</p>	
<b>Depósito</b>	Desconhecido.	
<b>Bibliografia</b>	<p>Adrian Anastasi e Claudio Capelli - “The wreck “Dyrrachium3” in the Bay of Durres. A cargo with African-Spanish amphora’s of III-IV century AD ” - Poster apresentado na International conference - Transformations of Adriatic Europe 2nd - 9th century, realizado entre 11 e 13 de Fevereiro de 2016 – Disponível em <a href="https://www.academia.edu/22191321/_The_wreck_Dyrrachium_3_in_the_Bay_of_Durres_.A_cargo_with_African-Spanish_amphoras_of_III-IV_century_AD">https://www.academia.edu/22191321/_The_wreck_Dyrrachium_3_in_the_Bay_of_Durres_.A_cargo_with_African-Spanish_amphoras_of_III-IV_century_AD</a></p> <p>Noticia de Nuestro Mar de 03/09/13 - Hallada en Albania una nave de 1.700 años con ánforas españolas, disponível em: <a href="http://www.nuestromar.org/noticias/categorias/05-09-13/hallada-en-albania-una-nave-1700-a%C3%B1os-con-%C3%A1nforas-espa%C3%B1olas">http://www.nuestromar.org/noticias/categorias/05-09-13/hallada-en-albania-una-nave-1700-a%C3%B1os-con-%C3%A1nforas-espa%C3%B1olas</a></p>	

## Imagens

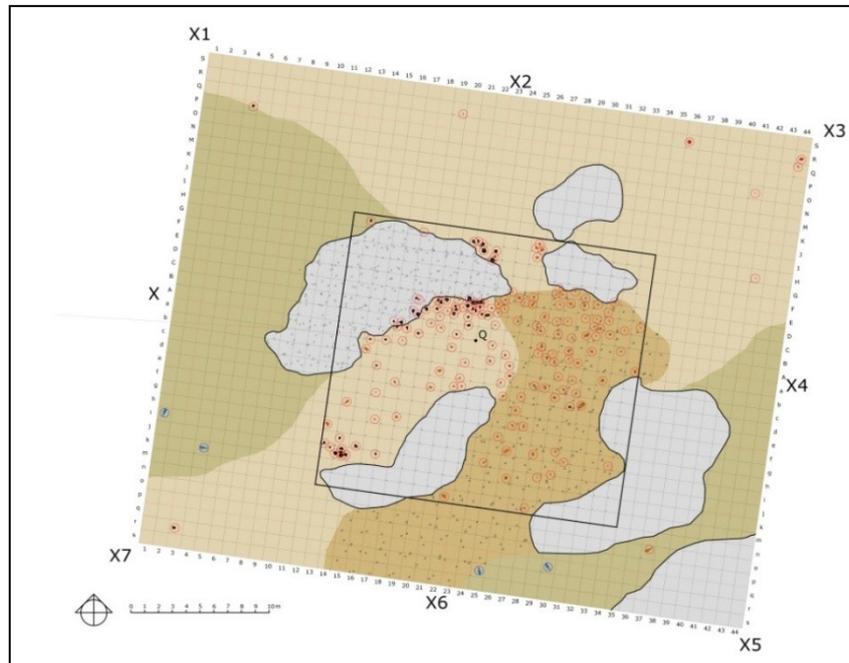


Fig.1 – Planimetria do sítio de naufrágio Dyrrachium 3. (Imagem 2 de Adrian Anastasi – 2016)

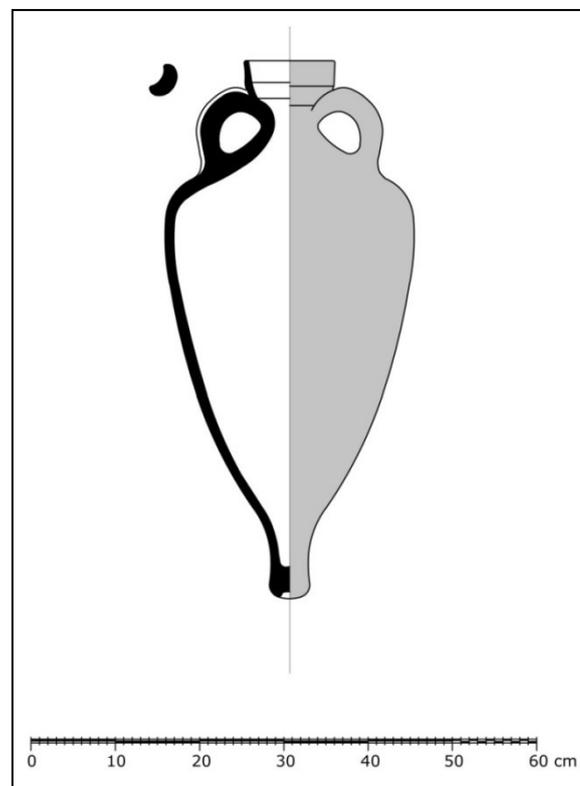


Fig.2 – Ânfora de tipo D3 (Imagem 3 de Adrian Anastasi – 2016)

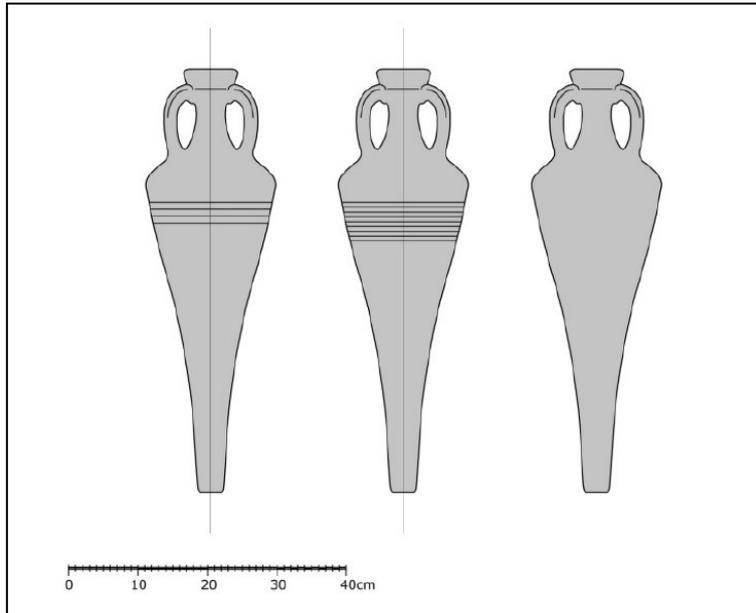


Fig.3 – Ânforas de tipo Agora K109 (Imagem 5 de Adrian Anastasi – 2016)



Fig.4 – Tubuli do naufrágio de Dyrachium 3 (Imagem 4 de Adrian Anastasi – 2016)



Fig.5 – Mapa que ilustra a proveniência ibérica das Almagro 51c que conjuntamente com as formas D3 e Agora K109 terão sido embarcadas com os contentores cilíndricos norte-africanos num porto tunisino, com grande probabilidade Cartago, e posteriormente exportadas em direcção ao Adriático. (Imagem 1 de Adrian Anastasi – 2016)

**Tabela 1 - SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS SUBAQUÁTICOS COM ÂNFORAS DE “TIPO LUSITANO” – SÉCULOS I – V D.C.**

LOCALIZAÇÃO	SÍTIO	FICHA N°	CARGA E MATERIAIS ARQUEOLÓGICOS A BORDO	CRONOLOGIA	ORIGEM LUSITANA DAS ÂNFORAS	CÓDIGOS
Círculo do Estreito e Costa de Almeria	<i>Isla del Moral (Ayamonte)</i>		Almagro 50 (provavelmente béticas), Almagro 51c (lusitanas e sul-hispânicas) e Almagro 51 a-b.	Séc. III-V d.C.		▲
	<i>Museu Municipal de Ceuta</i>		Keay XIX A, B, C e indeterminada e Almagro 50	Séc. III-V d.C.		▲
	<i>Iulia Traducta (Algeciras)</i>		Keay XIX B e variante indeterminada, e 2 lusitanas Almagro 51c	Séc. III-V d.C.	Bastante provável	▲
	<i>San García (Enseada de Getares)</i>		Uma Almagro 51c	Séc. III-V d.C.		▲
	<i>Tarifa</i>		Uma Almagro 51c lusitana	Séc. III-V d.C.	Bastante provável	▲
	<i>Enseada de Baelo Claudia</i>		Keay XIXA, Keay XXIIIbis e Dressel 14 tardia	Finais do séc. II-V d.C.	Provável	● ▲
	<i>Septem Frates (Ceuta)</i>		Keay XIX provavelmente tingitanas	Séc. IV d.C. (?)		▲
	<i>Sancti Petri - Lavaculos</i>	1	Ânforas dos tipos Almagro 50 e 51, ou provavelmente do tipo Sado 3; <i>Terra Sigillata</i> Clara - uma forma Hayes 67; possíveis ânforas dos tipos Dressel 23 e Keay V/Africana II; um tesouro monetário (337 – 395 d.C.)	Segunda metade do séc. IV-Inícios do V d.C.	Bastante provável (Sado 3)	A2 (?) ▲
	<i>Punta del Vapor</i>		Almagro 51c	Séc. III-V d.C.		▲
	<i>Lobres (Salobreña)</i>		Dressel 14	Séc. I-II d.C.		●

	<b>Gandolfo</b>	<span style="border: 1px solid blue; padding: 2px;">2</span>	Dressel 14 (66), Beltrán IIA (27), Dressel 17 (1)	Segunda metade do I e inícios do II d.C.	Pouco provável		
	<b>Cabo de Gata</b>	<span style="border: 1px solid blue; padding: 2px;">3</span>	13 Ânforas do tipo Almagro 50/Keay XVI C e hipoteticamente Africanas I ou II (?)	Século IV d.C.	Pouco Provável (produção Bética)		
	Percheles, El Ejido (Dalías)		Uma Dressel 14 e uma Almagro 51c	Séc. I-V d.C.			
	Fundeadoiro de Baria		Uma Dressel 14	Séc. I-II d.C.			
	Villaricos		Uma Almagro 51c	Séc. III-V d.C.			
	San Pedro (Níjar, Almería)		Uma Almagro 51c (Fig. X – Anexo I)	Séc. III-V d.C.			
	Cabo de Gata		Duas Almagro 51c e uma Keay XIX;	Séc. III-V d.C.			
	Puerto Pesquero de Almería		Uma Dressel 14	Séc. I-II d.C.			
	Los Bajos de Roquetas de Mar		Uma Dressel 14, uma Almagro 50 (Fig.35.2 – Anexo I) e uma Keay XIX	Séc. I-V d.C.			
Costa de <i>Carthago Nova</i>	<b>Playa de Poniente 1</b>	<span style="border: 1px solid orange; padding: 2px;">4</span>	Ânforas Almagro 51 e 50 lusitanas e/ou sul-hispânicas; ânforas norte-africanas; cerâmica de cozinha africana e <i>Terra Sigillata</i> clara africana.	Meados/Segunda metade do séc. IV d.C.	Bastante Provável	A2 ou B1	
	Águilas		1 Almagro 51 a-b/Keay XIX		SHis		
	Fundeadoiro Puerto de Mazarrón		Material anfórico lusitano de distintas cronologias: 2 Dressel 14 lusitanas; pelo menos 12 Almagro 51c lusitanas; 2 Lusitanas 3; 1 Almagro 50 lusitana e 2 Almagro 51a-b lusitanas de entre um conjunto de ânforas sul-hispânicas desses tipos. (Material descrito na Tabela 3 – Anexo I)	Séc. I – V d.C.	Comprovada		

	Puerto de Cartagena Yacimiento 2	5	Ânforas africanas de vinho e azeite e ânforas piscícolas Béticas e Lusitanas dos tipos Almagro 51c, 50, 51 a-b e Keay XVI. Lucernas paleocristãs com motivos decorativos e outros objectos da tripulação.	Segunda metade do séc. IV-Inícios do V	Comprovada	B1	
	Puerto de Cartagena		1 Almagro 50	Séc. III-V d.C.	SHis		
	Puerto Pesquero de Santa Lucía		1 Dressel 14	Séc. I-II d.C.	Comprovada		
	Ilha de Escombreras		1 Dressel 14 (peça nº1007)	Séc. I-II d.C.	Comprovada		
	Escombreras 4	6	Carga maioritária de Haltern 70, Dressel 8 e 9; presença em menor quantidade de Beltrán IIB e Dressel 14; e lote reduzido de Dressel 20 (Peça ESC-I 17.17 2 10354)	Segunda metade do séc. I d.C.	Comprovada	B1	
	Bajo de la Campana 3	7	Dressel 14 lusitanas (maioritárias – 5 exemplares), Dressel 7-11, Dressel 20	Segundo quartel do II d.C.	Comprovada	A2	
	Escolletes (fundeadoiro)		Uma Dressel 14 (Fig.39 – Anexo I)	Séc. I-II d.C.	Comprovada		
	Escolletes 1	8	Almagro 51c (maioritárias - 32), Almagro 50 (2), Keay 78/Sado 1 (3) e uma provável Dressel 28 lusitana.	Primeira metade do séc. IV	Comprovada	A1	
	Proveniência Indeterminada Depósito do ARQUA		1 Dressel 14 lusitana 1 Almagro 51c lusitana 1 Almagro 51 a-b	Séc. I-V d.C.	Comprovada		
	Proveniência Indeterminada Depósito MAMC		3 Dressel 14 lusitanas	Séc. I-II d.C.	Comprovada		
Litoral de Alicante e Valência	Santa Pola – <i>Portus Illicitanus</i>		Almagro 51c	Séc.III-V d.C.			
	“Naufrágios de Morosanto”		Materiais procedentes da pesca do arraste na extensa franja	Séc. I-IV d.C.			

			entre a Playa del Paraíso e o Barranco de Aguas/El Campello): Dressel 14 e Almagro 50				
	Cala de la Mina (Sul de Racó de L'Albir)		Almagro 51C	Séc. III-V d.C.			▲
	Fundeadouro de Cap Negret (Costa de Altea)		Almagro 51C	Séc. III-V d.C.			▲
	Fundeadouro de Portitxol		Dressel 14	Séc. I-II d.C.			●
	Fundeadouro de Pope/Tangó		Dressel 14	Séc. I-II d.C.			●
	Playa de Marineta Cassiana		Dressel 14 e Almagro 51C	Séc. I-V d.C.			● ▲
	Denia	9	Almagro 51c (15 fragmentos) Blocos de pedra (lastro)	Meados do séc. III- Finais do IV d.C.	Bastante provável	A1	▲
	Pinedo-Casa Negra		Uma Dressel 14	Séc. I-II d.C.			●
	Saler (Cruz)		Uma Almagro 51c	Séc. III-V d.C.			▲
	Cabo de Cullera		Uma Almagro 51c	Séc. III-V d.C.			▲
Litoral Catalão	Fundeadouro de Carbuncles		Duas partes superiores de Dressel 14 lusitanas	Séc. I-II d.C.	Bastante provável		●
	Praia de Torredembarra		Uma parte superior de uma Almagro 50/Keay XVIc de pasta sul-hispânica indeterminada (bética ou lusitana?) Uma parte superior de uma Almagro 51 a-b, provavelmente bética Uma parte superior de uma Almagro 51c de provável origem lusitana	Séc. III-V d.C.	Provável		▲
Baleares	San Antonio Abad/Grum de sal	10	Dressel 14 (maioritárias), incluindo o modulo <i>parva</i> ;	Segunda metade do	Comprovada	A1	●

	Ibiza		<i>opercula</i> ; placas de chumbo, <i>tegulae</i>	séc. I a meados do II d.C.			
	Cap Blanc Maiorca	11	Almagro 51c (maioritárias), Africanas II e uma Beltrán 72	Meados do séc. III – Inícios do IV d.C.	Provável		▲
	Cabrera I Maiorca	12	Africana IIB (?) e Africana IID, Almagro 50, Almagro 51c e uma Beltrán 72	Finais do século III – Primeira metade do IV d.C.	Comprovada (forma Almagro 51c)	B1	▲
	Cabrera III Maiorca	13	Dressel 20, Dressel 20 <i>parva</i> , Tejarillo 1, Africana II C e D, Almagro 50, Beltrán 72, Almagro 51c lusitanas, Beltrán 68, Dressel 28 (?). <i>Terra Sigillata</i> Clara dos tipos A e C, <i>opercula</i> cerâmicos, cerâmica comum (taças, caçarolas, potes e jarros), lucernas, alguns objectos em vidro, em ferro e cobre.	Meados do séc. III (257 d.C.)	Comprovada (forma Almagro 51c)	B2	▲
	Porto de Mahón Menorca	14	2 Dressel 14 e Beltran IIB	Meados do séc. I-II d.C. (50-125 d.C.)	Comprovada	B1	●
	Quarta a Gregal Menorca	15	Beltrán IIB, Haltern 70, Dressel 7-11, Dressel 20 e Dressel 14	Segunda metade do séc. I d.C.	Provável		●
	Quarta a Gregal Menorca		Almagro 51c	Séc. III-V d.C.			▲
	Illa de L'Aire Menorca	16	Dressel 20 e Dressel 14	Meados do séc. I –II d.C.	Provável		●
	Es Maressos de Cavalleria Menorca	17	Dressel 20, Dressel 14, Beltrán IIA, TS Clara A e um tesouro monetário	Séc. II d.C.	Provável		●

	Porto de Sanitja Menorca	18	Africanas IIC e IID, Dressel 20, Almagro 51c e Beltrán 72	Segunda metade do séc. III - Primeira metade do séc. IV	Provável		
	Sa Caleta – Fundeadouro Menorca		Almagro 51c	Séc. III-V d.C.			
	Cala Blanca Menorca		Almagro 51c	Séc. III-V d.C.			
Costa Francesa	Port-Vendres 1	19	Almagro 50; Almagro 51c (?); ânfora de fundo plano; uma lucerna; alguma cerâmica comum, <i>sigillata</i> clara D (?) e um tesouro monetário.	Finais do século IV d.C.	Bastante provável	A1	
	Mateille A	20	Almagro 51 a-b - 19 bordos, 8 asas e 5 bicos fundeiros Almagro 51c (?) Dressel 23 Lingotes de ferro pequenos Objectos em bronze Lucernas (3) <i>Terra Sigillata</i> Clara D (formas Hayes 61A e 67) Tesouro monetário	Final do séc. IV – Inícios do V d.C.	Provável		
	Anse Béar (Port-Vendres) Sondagem (nº20)		Uma Almagro 50 e uma Almagro 51c de origem lusitana ou bética. Uma pança de um tipo indeterminado que poderá corresponder a uma Lusitana 3 ou Almagro 51c lusitana	Séc. III-V d.C.			
	Mandirac		Ânforas africanas (Keay 25/Africana III), Dressel 23b e	Finais do séc. III a			

			possivelmente Almagro 50 e 51 béticas e/ou lusitanas (?). No entanto a presença, destes dois últimos tipos, não nos foi possível de confirmar.	finais do IV d.C.			
	Rhône  “Gisement A”, “Gisement B” e “gisements situés au niveau de la cale de halage”  Arles-Rhône 3		Ânforas Lusitanas dos contextos subaquáticos do Rhône: Haltern 70 (1) Dressel 14 <i>parva</i> (7) Dressel 14 (20) Lusitana 3 (2) Almagro 50 (3) Almagro 51c (15) Almagro 51 a-b (11) Lusitana 9 (1)  Ânforas Lusitanas da área de Arles-Rhône 3: Dressel 14 (12) Dressel 14 <i>parva</i> (4) todas com <i>tituli picti</i> Keay 19C (1)	Séc. I-V d.C.	Comprovada		
	Arles-Rhône 7	21	Africanas IB (3); Africana IIC (1); Gaulesa 4 (1); Agora M254 siciliana (1); Almagro 51 (1); Matagallares I ? (1); ânfora oriental ? (1); sigillata clara A; cerâmica de cozinha africana; uma lucerna africana.	Meados/Segunda metade do séc. III d.C.	Provável		
	Saint-Gervais 3	22	Dressel 20 (pelo menos 43) Beltrán IIB (6) Dressel 14 (1)	Meados do séc. II d.C.	Provável		

			<p>Gaulesas 4 (13)</p> <p>Ânforas indeterminadas (2)</p> <p>11 <i>unguentaria</i> (10 dos quais conservados dentro de uma cesta)</p> <p>Algumas peças de <i>Terra Sigillata</i> Clara A (formas Hayes 3B, 8A, 9 e 27)</p> <p>Três caldeirões de bronze com asas de madeira</p> <p>Vestígios de sacos de couro</p>				
	Fundeadoiro de Saint-Gervais e Fos-sur-Mer		<p>Saint – Gervais :</p> <p>Dressel 14, possivelmente lusitana, com <i>titulus</i> LIQ(uamen)/EXC(ellens)/SABINI ET AVITI</p> <p>Dressel 14 <i>parva</i>, possivelmente lusitana, com <i>titulus</i> LOC/APIS/AA</p> <p>1 parte superior de Almagro 51c lusitana</p> <p>Fos-sur-Mer:</p> <p>Fos 1 - 4 a 5 partes superiores de Dressel 14 de fabrico indeterminado</p> <p>2 partes superiores de Almagro 51c lusitanas</p>	I-V d.C.	Bastante provável		● ▲
	Planier 7	23	<p>Ânforas Africanas IIC e IID; Almagro 50</p> <p>1 Almagro 51c lusitana (identificada nas imediações do núcleo central do naufrágio)</p>	Primeira metade do séc. IV d.C.	Comprovada	B1	▲
	Catalans	24	<p>Almagro 51 a-b; Dressel 23d; Beltrán 72; ânforas africanas (Africana IIIB/Keay 25.3); <i>terra sigillata</i> clara D e tijolos.</p>	Segunda metade do IV – meados do V	Pouco provável		▲

			Nota: Aparentemente não existiriam ânforas lusitanas neste naufrágio. Os 14 exemplares de Almagro 51 a-b observados no depósito do DRASSM são de fabrico sul-hispânico/bético.	d.C.	(Produções béticas)		
	Pommègues	25	Gaulesas 4 (12 ânforas); Almagro 50 (um bico fundeiro); uma lucerna; três moedas de bronze, uma das quais de Filipe I, o Árabe (245-249 d.C.); um medalhão de cerâmica; uma peça de bronze e um fragmento de <i>sigillata</i> clara C	Meados do séc. III d.C.	Bastante provável		▲
	Porto de Pommègues		Uma parte superior de uma Almagro 50 lusitana		Comprovada		▲
	Triboulen de Maire	26	Carga maioritária: Dressel 20 (70%) Carga secundária: Beltrán IIA e IIB (14%), Dressel 14 (4 ânforas - 2%), Gauloise 4 (4%), Dressel 28 (3%), Dressel 2-4 Tarraconensis (3%), 2 Forlimpopoli, 1 Africana precoce, 1 Dressel 7-11, <i>Terra Sigillata</i> itálica tardia e vidro.	Meados do séc. II d.C. 130 - 150 d.C.	Comprovada	B2	●
	Ouest-Embiez 1	27	Carga principal – vidro (vidro em bruto, recipientes e vidros de janela); 9 Dressel 2-4 itálicas; 2 Forlimpopoli; 8 ânforas de fundo plano que incluem Gaulesas 4 e imitações hispânicas - Lusitana 3 (?); ânforas orientais - 1 pseudo-Kos, 3 Agora F65/66, 1 Kapitan 1 e 1 Knossos 18; e ânforas africanas (1 Africana I e 1 ânfora da Caesarian Mauretania)	Finais do século II – Inícios do III d.C. (180-230 d.C.)	Pouco provável		▲
	Cap Bénat Var	28	Dressel 14 lusitanas (carga maioritária homogénea), 1 ânfora de Ibiza do tipo Ramón PE 25, 1 ânfora de fundo plano	Segunda metade do século I– Século II d.C.	Comprovada	A1	●
	Pampelonne	29	41 ânforas cilíndricas africanas (Africana IIIA/Keay 25.1 e Africana IIC tardias); duas ânforas atribuíveis ao tipo Dressel	Primeira metade do século IV d.C.	Provável	C	▲

			30 provavelmente de produção africana; uma possível Almagro 51c (ou Dressel 30), uma ânfora Agora M254; uma ânfora de tipo Almagro 51c de possível produção lusitana; e etiquetas de chumbo.				
	Chrétienne D	30	Ânforas: Almagro 51c (58,6%); Dressel 23d (17,8%), Africanas cilíndricas (13,7% - Africana IID tardia e Africana III/Keay 25); Beltrán 72 (0,6% - 3 fragmentos) <i>Tubulus</i> , tijolos e telhas, fragmento de cerâmica comum; um de cerâmica de cozinha africana e outro de sigillata clara D; fragmentos de uma mó em rocha vulcânica. Duas âncoras de ferro	Pleno/meados do séc. IV d.C.	Comprovada	A2	▲
	Dramont F	31	Ânforas africanas cilíndricas - Africanas IIIB e C/Keay 25.3 e 25.2 (85); Almagro 51 a-b (1); Keay 52 vinária (1); um prato de <i>sigillata</i> clara D; um jarro de <i>sigillata</i> lucente; alguma cerâmica de mesa e um jarro de bronze; 4 âncoras de ferro.	Finais do IV-Inícios do V d.C.	Pouco provável		▲
	Aresquiers - Fundeadouro (Frontignam, Montpellier)		Alguns fundos que parecem poder associar-se ao tipo Almagro 51c e ânforas inteiras (44 a 46cm de altura) de tipologia e fabrico desconhecidos, classificadas como “imitações de Almagro 51c”	III-V d.C.	Pouco provável		▲
	Proveniência Indeterminada Depósito do DRASSM		Uma Dressel 14 lusitana Duas Almagro 51c inteiras lusitanas	I-V d.C.	Comprovada		● ▲
Córsega	Cala Francese		1 bico fundeiro de Almagro 51c	Séc. III-V d.C.			▲
	Punta Vecchia 1	32	Fragmentos de ânforas lusitanas Almagro 51c (67% - 45 exemplares)	Finais do séc. III – Inícios do IV d.C.	Comprovada	A2	▲

			<p>Fragmentos de ânforas Africanas IIC e IID (17% do total – 12 exemplares)</p> <p>Uma asa associável à forma Keay 78 (Beltrán 72 ou Almagro 50)</p> <p>Um provável bico fundeiro de Almagro 51 a-b</p> <p>Um provável bico fundeiro de Beltrán 72, Almagro 51c, tipo C ou Keay 78/Sado 1 (?)</p> <p>Cerâmica comum</p>				
	Fundeadouros de Calvi e Île Rousse		<p>Île Rousse: 3 Almagro 51c lusitanas: 1 ânfora inteira, um fundo e um colo com asas</p> <p>Calvi: 1 Ânfora inteira Almagro 51c sul-hispânica</p>	Séc. III-V d.C.	Comprovada		▲
	Punta Bianca I		Colo de Almagro 51c com o respectivo opérculo	Séc. III-V d.C.			▲
	Point du Tabernacle		Algumas Almagro 51 a-b lusitanas	Séc. III-V d.C.			▲
	Porticcio A	33	<p>Carga maioritária de Kapitan II, seguida de uma menor percentagem de Africanas IIA, C e D e Kapitan I.</p> <p>Outros tipos (minoritários): Africana I, Forlimpopoli, Agora M254, Almagro 51c, Almagro 50/Keay XVI, Dressel 20, Dressel 23 ou Dressel 20 <i>parva</i>, Agora F65/66, Crétoise 2, Dressel 30, Dressel 28, Beltran 72, Egípcia Romana, Empoli, Tripolitana, Peacock &amp; Williams 60 e Zemer 57. <i>Sigillata</i> clara A e C, cerâmica comum e de cozinha africana, <i>mortaria</i>, uma lucerna, mais de 100 objectos em vidro, moedas e estatuária em mármore.</p> <p>Almagro 51c lusitanas: 3 bordos e 1 bico fundeiro</p>	Meados do séc. III d.C.	Comprovada	C	▲

	Tizzano I		Algumas Dressel 14	Séc. I-II d.C.			
	Punta di Murtoli		Algumas Almagro 51c e Almagro 50	Séc. III-V d.C.			
	Golfe de Roccapina		1 Dressel 14	Séc. I-II d.C.			
	Aléria I	34	Lucernas, vasilhame de paredes finas, cerâmica de cozinha, vidro e <i>pélvis</i> . Ânforas: Principalmente Dressel 2-4 ( <i>Tarraconensis</i> e/ou Campânia) e Dressel 20, algumas Beltrán IIB e Dressel 14 (lusitanas?); raras Gaulesas 4; talvez algumas ânforas de Cos/Dressel 5; ânforas de Rhodes de época imperial ou Camulodunum 184; Cnossos 19; pelo menos três ânforas africanas, uma das quais sem dúvida uma Hammamet 1; uma Bonifay 17, produzida em Leptis Minor, e alguns fragmentos parecem pertencer ao tipo P25 de Ibiza.	Finais do I – Meados do II d.C.	Provável		
	Balise de Prête 1, 2 e 3		Algumas Almagro 51a-b	Séc. III-V d.C.			
	Ratino-Sud		Almagro 51c (?)	Séc. III-V d.C.			
	Lavezzi I	35	Lingotes de cobre (21) e bronze (5); ânforas Dressel 20/Haltern 71 (5), Haltern 70 (15), Dressel 28 (2), Dressel 2-4 vinárias (4), Beltrán IIA/Dressel 38 (10), Dressel 14 (32), Dressel 7-11 (14) e Pompeia VII (1); fragmentos de jarros e pratos, pequenas ânforas gaulesas e alguns fragmentos de vidro.	Primeira metade do séc. I d.C. C. 20-50 d.C.	Pouco provável (Produções béticas)		
	Lavezzi (La Balise des Lavezzi)	36	Dressel 12 ou 17, Dressel 20, Lamboglia 7, fundos de Dressel 28 (?), Dressel 14, Dressel 2-4, 1 Dressel 14 <i>parva</i>	Séc. I d.C.	Provável		
	Lavezzi 3	37	Dressel 17, Dressel 14 – algumas das quais com pequenas	Segunda metade do	Possível		

			dimensiones com cerca de 60 cm de altura ( <i>parva</i> ), lingotes de cobre	séc. I d.C.			
	Lavezzi 4	38	Dressel 20, Dressel 14, Beltrán IIB, Pompeia VII.	Primeira metade do séc. II d.C. (100-150 d.C. (?))	Provável		●
	Sud-Lavezzi 1	39	Almagro 51 a-b (194) de três volumetrias distintas; ânforas de fundo plano (113) de dois tamanhos distintos; Almagro 50 [ou Keay 78/Sado 1] (83); algumas pequenas ânforas atribuíveis ao tipo Beltrán 72; Almagro 51c (6) e Dressel 23 (3).	Finais do séc. IV-Meados do V	Comprovada	A2	▲
	Sud-Lavezzi 3	40	Dressel 2-4 (maioritárias), Pascual 1 (1) e Dressel 14 (1)	Primeiras décadas do séc. I d.C. 15-25 d.C. (?)	Pouco provável		●
Sardenha	Punta Sardegna A	41	Dressel 14 lusitanas (maioritárias - 6 bordos e 3 bicos fundeiros), 2 <i>opercula</i> associáveis às Dressel 14, Dressel 7-11 (1), Dressel 20 (1), Dressel 2-4 itálica (1) e 3 fragmentos de cerâmica comum.	Segunda metade do séc. I – Primeiras décadas do II d.C.	Comprovada	A2	●
	Cala Reale A	42	Ânforas Completas: Sado 3 (17); Almagro 51 a-b (8); “Beltrán 72” (6) e Almagro 51c (2) Bordos: 956 de Sado 3 (53%); 625 de Almagro 51 a-b (34,7%); 156 de “Beltrán 72” (8,7%) e 64 de Almagro 51c (3,6%). Duas lucernas de fabrico africano, alguns fragmentos de cerâmica de cozinha africana, uma bilha, um número considerável de <i>tessellae</i> em pasta vítrea e duas moedas.	Finais do séc. IV-Meados do V d.C.	Comprovada	A1	▲

	Golfo de Asinara Daedalus 2	43	Carga onde são visíveis algumas dezenas de Almagro 51c e uma grande concreção, provavelmente associada a vestígios de mineral ou metal.	Séc. III-V d.C.	Comprovada		▲
	Golfo de Asinara Daedalus 3	44	Carga mista constituída maioritariamente por Dressel 23, acompanhada por ânforas do tipo Almagro 51c e possivelmente Almagro 51 a-b (?).	Séc. IV-V d.C.	Comprovada		▲
	Golfo de Asinara Daedalus 6	45	Concentração heterogénea de material que poderá eventualmente corresponder a um naufrágio, onde se registam Almagro 50, ânforas africanas, Gauloise 4 e Beltrán II.	Séc. III d.C. (?)	Provável		▲
	Lazzaretto	46	Ânforas Africanas IID, Almagro 50 e 51c, Dressel 30 e Dressel 20. E bolsa de moedas.	Inícios do IV d.C.	Bastante Provável	B1	▲
	S'Archittu		Um fragmento de ânfora do tipo Almagro 51c	Séc. III-V d.C.			▲
	Mandriola A	47	Almagro 51c (4 partes superiores), Keay 25.1 e 25.3 (4 partes superiores, dois bicos fundeiros e uma asa), Africana IIC (1 parte superior), Keay 24 (1 parte superior) e 3 fundos de tipologia indeterminada.  Um fragmento de um prato/tigela de cerâmica africana de cozinha, um fragmento de cerâmica comum (bilha) e um <i>tubulus</i> .	Pleno/meados do séc. IV	Comprovada	A2	▲
	Korakodes portus		2 Almagro 51c (uma parte superior - colo e asas, com bordo incompleto e uma asa)  2 Dressel 14 (uma parte superior e uma asa)  1 Almagro 51 a-b (uma parte superior – pela descrição da pasta, poderá ser uma produção sul-hispânica)	Séc. I-V d.C.	Provável		● ▲

	Fontanamare A/Gonnesa Sito A	48	<p>Almagro 51c (maioritárias) – 26 partes superiores, 30 bicos fundeiros, 4 bordos e 10 asas.</p> <p>Almagro 50/Keay 78 – 5 partes superiores e 1 asa</p> <p>Almagro 51 a-b (?) – 1 parte superior</p> <p>Africana IID/Africana IIIA – 3 partes superiores e 1 bico fundeiro</p> <p>1 MR1 (provavelmente siciliana)</p> <p>1 bico fundeiro de um possível <i>spatheion</i></p> <p><i>Terra sigillata</i> clara africana dos tipos C e D</p> <p>Duas tampas de ânfora em cortiça; dois fragmentos de lucernas e alguns fragmentos de cerâmica comum; <i>tubuli</i> e <i>tegulae</i>; peças de metal, entre as quais alguns vasos; dois conjuntos monetários.</p> <p>Alguns vestígios da embarcação</p>	<p>Finais do séc. III- Primeira metade do século IV d.C.</p>	Comprovada	A2	▲
	Nora		<p>1 Dressel 14</p> <p>Ânforas Almagro 50 (?)</p>	I-V d.C.	Comprovada		● ▲
	Capo Malfatano - Capo Carbonara		<p>Dressel 14</p> <p>Almagro 50</p>	Séc. I-II d.C.			● ▲
Costa Ocidental de Península Itálica	Baía de Vado Ligure (Pontile San Raffaele)		Dressel 14	Séc. I-II d.C.			●
	Baía de Vado Ligure (Área próxima ao naufrágio moderno de Mont Blanc)		1 Dressel 14	Séc. I-II d.C.			●
	Golfo de San Michele di Pagana		1 Dressel 14 (pasta amarela-rosada)	Séc. I-II d.C.			●
	Ardenza A	49	Haltern 70, Beltrán IIA, Dressel 14, Dressel 7-11 e Lusitanas	Segundo e terceiro	Provável		●

			Antigas (?)	quartel do séc. I d.C.			
	Punta Ala A	50	Ânforas: Almagro 51C, Beltrán 72, Lusitana 3 (?), Dressel 20 e Dressel 23/Dressel 20 <i>parva</i> , Africana IIC e IID e Keay XXV. Beltrán 68 e/ou Dressel 30 (?)  Dois conjuntos monetários, <i>dolia</i> , contentores de fundo plano umbilicado, <i>terra sigillata</i> clara C, cerâmica comum africana, cerâmica de cozinha, cerâmica comum e metade de uma mó circular.	Meados/segunda metade do século III d.C..	Comprovada	B1	▲
	Grottini (Santa Severa)		Uma Almagro 51 a-b (65cm de altura e pasta castanho-avermelhada)	Séc. IV-V d.C.	Provável		▲
	Civitavecchia		Algumas Dressel 14 Uma Almagro 51c	Séc. I-V d.C.			● ▲
	Castello Odascalchi di Santa Marinella		Ânforas Dressel 14	Séc. I-II d.C.			●
	Macchia Tonda	51	Gaulesas 4, Dressel 14 e uma ânfora de fundo plano africana ou hispânica.  Um cepo de âncora em chumbo.	Segunda metade do séc. I d.C.	Bastante provável	B1	●
	Ventotene, Sítio 1	52	Ânforas dos tipos Beltrán IIA, Dressel 14 e Haltern 70 ou Lusitana Antiga (?)	Segundo e terceiro quartel do séc. I d.C.	Provável	B2	●
	Piazza Municipio Nápoles		Ânforas Almagro 50 hispânicas	Séc. III-Inícios do V d.C.	Provável		▲
	Maratea C	53	Ânforas Almagro 50	Séc. III-IV d.C.	Provável		▲

Sicília e Ilhas Egadi	Levanzo I	54	Carga principal provavelmente perecível (trigo) ? Ânforas: 1 Africana IID, 1 Africana IIC; 2 Africana I; 2 Tejarillo 1; 1 Dressel 30; 1 Almagro 51c; 3 Mid Roman 1 africanas ou sicilianas; 1 Keay 52; 1 Knossos 18 e 1 Àgora M236 (?). Cerâmicas de mesa e comuns, alguns aglomerados de concreções ferrosas e <i>tubuli</i> (mais de 100 exemplares).	Segunda metade do séc. III-Meados do IV d.C.	Provável		▲
	Skerki Bank		3 ânforas enquadráveis no tipo Almagro 51 a-b (?) 1 ânfora Almagro 51c, provavelmente lusitana	Séc. III-V d.C.	Provável		▲
	Marausa	55	Ânforas cilíndricas africanas: Africana IIC, IID e Keay 25 (carga maioritária). Dressel 30 (?) e Beltrán 72 lusitana (?) Dotações de bordo: peças de cerâmica africana de cozinha, alguns fragmentos de cerâmica de Pantelleria, <i>sigillata</i> clara A e D, dois fragmentos de lucernas e <i>tubuli</i> de produção africana.	Meados do III d.C. – Inícios/primeira metade do IV d.C.	Provável	C	▲
	Capo Boeo (Marsala)		1 Dressel 14	I-II d.C.			●
	Femina Morta	56	Africanas IID (75%), Africanas IIB, Africanas IIC, Africana III/Keay 25, Dressel 23/Tejarillo 1, Almagro 51c lusitanas, outros tipos anfóricos (LRA1, MRA1 ou Keay 52?; e LRA2) e <i>Terra Sigillata</i> Clara C e D.	Pleno séc. IV d.C.	Comprovada	B2	▲
	Randello	57	Almagro 50 (130-150 máximo, pequena embarcação) com restos de <i>Sardina pilchardus</i> 3 a 4 âncoras de ferro.	Finais do séc. III-IV d.C.	Comprovada	A1	▲

	Marzameni F	58	Africanas IIC (7), Almagro 51c (5) e Almagro 50 (2)	Segunda metade do século III- Inícios/primeira metade do IV d.C.	Comprovada	B1	▲
	Cabo Ognina Sud 1	59	Ânforas: Africana I (60), Kapitan 1 (20), Kapitan 2 (20), Dressel 20 (2), Dressel 30 (6), Almagro 50/Keay XVI (1), Tripolitana I (6), Tripolitana II (1), Tripolitana III (4), Ostia LIX (1), Ostia XXIII (2), Knossos 18 (7). Fragmentos de vidro, estatuetas de bronze, tesselas de mosaicos, <i>tegulae</i> , conjuntos monetários (210-230 d.C.), cerâmica de cozinha africana.	Meados do séc. III d.C. Após 230 d.C.	Provável	C	▲
	Cabo Ognina Sud 8	60	Africanas IID (167), Africanas IIA (7), Africana IIC (1) e Almagro 51c (1)	Finais do séc. III- Primeira metade do IV d.C.	Bastante provável	C	▲
	Capo Mulini		1 Almagro 51c (?) e 1 Almagro 50 (?)	Séc. III-V d.C.			▲
Pantelleria	Scauri	61	Cerâmica de cozinha de Pantelleria (77%); cerâmica de cozinha africana, sigillata clara (africana); lucernas, tijolos, recipientes de vidro, peças de metal, moedas, 4 tampas de cortiça, pedra (tesselas, e peso de rede); pertences de tripolação; ânforas (4% do total da carga) – Norte-Africanas: Africana III/Keay 25; Spatheion Keay 26, Keay 27B, 32, 35B, 41, 62, Africana IIB, IIC e IID, Africana IB e Tripolitana III; Sicília/Calábria: Keay 52; Oriente: LR1, 2, 3, 4 e 5/6, Agorà 273, Agorà G197; <i>Spaheia</i> de origem indeterminada;	Primeira metade do séc. V d.C.	Bastante provável	C	▲

			<p>Hispânicas: Keay 15 (?), 16 (?), 19, 23, 22 (?), e Beltrán 72 <i>similis</i>.</p> <p>Prováveis Lusitanas: 1 Almagro 51c, 1 Almagro 51 a-b e 1 Beltrán 72 <i>similis</i>.</p>				
Costa Adriática	Caorle		1 bordo de Almagro 50	III-V d.C.			▲
	Gušteranski	62	Almagro 50/Keay XVI (4), Beltrán IIB (?) e ânforas de Forlimpopoli.	Primeira metade do séc. III d.C.	Pouco provável (Provável produção Bética)		▲
	Sobra	63	<p>Carga maioritária: Keay 25.1 e 25.3 e Africanas IID. Carga secundária: Almagro 50 (5), ânforas de fundo plano globulares itálicas (?) (semelhantes à forma Panella 46), Mid-Roman 1 (?) e Keay 52 (?). <i>Sigillata</i> Clara D, cerâmica de cozinha africana, lucernas, cerâmica comum, etc.</p> <p>Duas âncoras de ferro.</p>	<p>Pleno/meados do séc. IV d.C.</p> <p>Após 325 d.C.</p>	Pouco provável (Provável produção Bética)		▲
	Dyrrachium 3	64	Africanas I, Africanas II e Africanas III, Almagro 51c, Gaulesas 4, algumas variantes do tipo Agora K109 (Africa ?), forma desconhecida denominada D3 (Dyrrachium 3). <i>Tubuli</i>	<p>Finais do séc. III-</p> <p>Meados do séc. IV d.C.</p>	Bastante provável		▲

**LEGENDA:**

Texto Vermelho	Naufrágio		Comprovada
Texto Laranja	Provável Naufrágio		Bastante Provável
Texto Verde	Achados isolados e/ou de fundeadouro		Provável
	Naufrágio – Séc. I-II d.C.		Pouco provável
	Provável Naufrágio – Séc. I-II d.C.	A1	Carga maioritária e exclusiva
	Achados isolados e/ou de fundeadouro – Séc. I-II d.C.	A2	Carga maioritária numa carga heterogénea com ânforas de outras proveniências (hispânica e/ou norte-africana)
	Naufrágio – Séc. III-V d.C.	B1	Carga conjunta com ânforas de outras proveniências (hispânica e/ou norte-africana, e raramente gálica), onde as ânforas lusitanas estão equilibradamente representadas, constituindo em alguns casos parte da carga secundária
	Provável Naufrágio – Séc. III-V d.C.	B2	Carga secundária, estando presentes em quantidades minoritárias
	Achados isolados e/ou de fundeadouro – Séc. III-V d.C.	C	Casos em que a sua reduzida quantidade parece indicar que fariam parte das dotações de bordo